

Alice Maria Quelhas Lima Donat Trindade

News That Last

Quatro Momentos de Jornalismo Literário Americano no Século
XX

Tese de Doutoramento no Ramo de Estudos Americanos

Orientadora: Professora Doutora Maria Laura Bettencourt Pires

Co-Orientador: Professor Doutor Mário Carlos Fernandes Avelar

Universidade Aberta

Lisboa 2006

A Francisco e Irene, e ao Helder, que constituem a rede que ampara, absorve impactos e encoraja, facultando assim o ambiente familiar que demonstra que pouco surge ao acaso e quase tudo se deve a circunstâncias propiciadoras...

Escrever uma tese de doutoramento é, em si, um acto solitário. A solidão do acto de escrita depende, porém, de inúmeros contributos de várias ordens – académica, profissional e pessoal.

Sendo assim, antes de poder apresentar o resultado escrito da investigação conducente a esta tese e, devo realçar, não só para cumprir um ritual colectivo desinvestido de verdadeiro significado pessoal, as primeiras linhas serão dedicadas a quem possibilitou à autora a realização desta investigação. É, assim, primordial referir as duas instituições de ensino superior que o permitiram, encorajaram e enquadraram: o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, a quem agradeço nas pessoas do Professor Doutor Óscar Soares Barata (anterior Presidente do Conselho Directivo) e do actual Presidente do mesmo Conselho, Professor Doutor João Bilhim, todo o incentivo dado à prossecução do trabalho; a Universidade Aberta que aceitou a proposta de tese que lhe foi endereçada, muito especialmente na pessoa do Sr. Vice-Reitor, Professor Doutor Mário Avelar, que foi o seu co-orientador, e a quem endereço uma gratidão especial.

Dentro da Escola da Universidade Técnica de Lisboa onde exerço a minha actividade docente é com particular apreço que refiro todo o pessoal da Biblioteca, na pessoa da Bibliotecária, Dra. Isabel Ramos e, bem assim, todos os restantes funcionários. Uma palavra muito especial é dirigida a todos os colegas, docentes de Línguas do Instituto e, particularmente a Mestre Edgardo Medeiros Silva, pela sua calma em momentos de crise; a Mestre Aurélia Pereira, pelo seu valor profissional partilhado sempre com generosidade, e pela sua tão apreciada estima; e, finalmente, a Mestre Maria Isabel Santos, cujos conselhos, opiniões e afecto foram determinantes para esta tarefa poder chegar ao momento actual.

À minha Orientadora, Professora Doutora Maria Laura Bettencourt Pires, devo profundos agradecimentos: a nível académico, por ter anuído em guiar os meus passos nesta empresa e, a nível pessoal, pela disponibilidade e, ousado escrever, amizade, com que sempre me distinguiu.

Resumo

O objectivo da presente tese é, como o título refere, o estudo das ‘notícias que perduram’, veiculadas por artigos incluídos no designado jornalismo literário nos Estados Unidos da América ao longo do século XX. Assim, a tese compreenderá duas partes fundamentais:

1. A localização do ‘género’ jornalismo literário, face às duas formas de escrita que lhe dão origem: o jornalismo e a literatura;
2. A análise de quatro textos específicos com o objectivo de inquirir acerca dos processos narrativos diferenciados que exploram o tema da alteridade em quatro momentos do século XX americano.

O jornalismo literário progrediu ao longo do século em estudo, partindo de uma tradição que remontava já à centúria anterior. A circunstância da sociedade americana ser muita diversa em termos humanos, sociais e mesmo geográficos, bem como algumas de índole económica e de mercado editorial, propiciam a existência deste tipo de escrita que interpreta, e não só reporta, sobre factos e indivíduos.

A vastidão do acervo disponível exigiu critérios de selecção que permitissem uma linha em que fosse reduzido o número de variáveis para melhor ser apreciada a análise da alteridade. Assim, foram seleccionados textos publicados num espaço de cerca de cem anos (1898-1992), em Nova Iorque, sobre residentes nova-iorquinos que se destacavam dos seus concidadãos por características que os colocavam fora da norma da sua contemporaneidade. O foco principal do estudo incide sobre os critérios da selecção e combinação da informação dada e, em que medida tal reproduz o pensamento coevo sobre o fenómeno do ‘Outro’, sendo para o efeito seguida metodologia que avalia a interligação entre os elementos tidos em conta nesta análise; ambiente social, criador, receptor e objecto cultural.

Conclui-se que este tipo de texto revela uma interacção criativa em constante evolução, demonstrada a cada momento de forma própria, com possibilidade de ser desenhado um traçado da evolução do conceito de “Outro” ao longo do século em apreço.

Abstract

The aim of this thesis is, as made clear by the title, the study of ‘news that last’, while carried by articles included under the designation of literary journalism, in the United States of America, during the twentieth century. Thus, the dissertation will comprise two main parts:

1. The placement of literary journalism towards the two writing forms that lie at its origin: journalism and literature;
2. The analysis of four specific texts so as to enquire on the diverse narrative processes dealing with the issue of alterity at four different moments of the twentieth century in the United States.

Literary journalism evolved over the period under study, departing from a tradition that went back to the nineteenth century. The circumstance that American society is extremely varied in human, social and even geographical terms, along with economic and publishing ones, foster the existence of this type of writing, that besides reporting on, also interprets facts and individuals.

The sheer variety and number of existing texts accounted for strict selection criteria that might allow a reduction in the number of variables, so as to sharpen the analysis alterity. As a consequence of this, the corpus consists of a selection of texts published within a timeframe of approximately one hundred years (1898-1992), in New York, on New Yorkers who stood out from their fellow citizens due to traits that placed them beyond the contemporary norm. The main focus of the study sheds light on the way the selection and combination of information is made, and how that reflects current thought on the ‘Other’. In order to achieve this goal, the methodology adopted assesses the connection among the elements taken into account in this analysis; social world, creator, receptor and cultural object.

It was concluded that this type of text reveals constantly evolving creative interaction, displayed in its own particular way depending on the moment of writing, hence allowing to keep track of the evolution of the concept of ‘Other’ along the twentieth century.

INDICE

Introdução	9
Capítulo 1 – O Jornalismo Literário	42
1.1. Jornalismo, jornais e notícias nos EUA: Breve resenha histórica	43
2. Literatura	60
2.1. Definições e evolução no conceito de Literatura	60
2.2. Conceitos literários relevantes	73
2.2.1. <i>Fabula e syuzhet</i>	73
2.2.2. Narrador, ponto de vista e focalização	75
2.2.3. Enredo	79
3. Jornalismo literário	82
3.1. A questão da designação	82
3.2. A evolução do jornalismo literário nos Estados Unidos	93
3.2.1. Notícia e Objectividade	93
3.2.2. O jornalismo literário ao longo dos tempos nos EUA	100
Capítulo 2 – “There Goes a Greenhorn!”	120
1. Criador	122
1.1. Rússia	123
1.2. Estados Unidos	125
2. Ambiente Social	135
3. Receptor	141
4. Objecto cultural	148
4.1. O Encargo	149
4.1.1. Sinopse	151
4.1.2. O Meio	152
4.2. Intenção e Compreensão	153
4.2.1. Intenção	153
4.2.2. Compreensão	158

4.3. Recepção e Explanação	160
4.3.1. Recepção	160
4.3.2. Explanação	164
Capítulo 3 – “The Full New Yorker Profile Treatment”	167
1. Criador	168
2. Ambiente Social	173
3. Receptor	178
4. Objecto cultural	184
4.1.O Encargo	185
4.1.1. Sinopse	187
4.1.2.O Meio	191
4.2. Intenção e Compreensão	200
4.2.1. Intenção	200
4.2.2. Compreensão	206
4.3. Recepção e Explanação	209
4.3.1. Recepção	209
4.3.2. Explanação	211
Capítulo 4 – “What Inna Namea Christ is This?”	214
1. Criador	219
2. Ambiente Social	225
3. Receptor	233
4. Objecto Cultural	239
4.1.O Encargo	239
4.1.1. Sinopse	241
4.1.2. O meio	244
4.2. Intenção e Compreensão	248
4.2.1. Intenção	248
4.2.2. Compreensão	254
4.3. Recepção e Explanação	257
4.3.1. Recepção	257
4.3.2. Explanação	261

Capítulo 5 – McPhinos – Richard Preston	265
1. Criador	268
2. Ambiente Social	274
3. Receptor	280
4. Objecto cultural	287
4.1.O encargo	288
4.1.1. Sinopse	290
4.1.2. O Meio	297
4.2. Intenção e Compreensão	302
4.2.1. Intenção	302
4.2.2. Compreensão	312
4.3. Recepção e Explanação	315
4.3.1. Recepção	315
4.3.2. Explanação	319
Considerações Finais	324
1. O Jornalismo Literário como Género	325
2. As Pequenas Narrativas	333
3. A Estética e a Evolução nos Conceitos de Cultura	347
4. Conclusão – As Questões e as Respostas	354
Bibliografia Seleccionada	385

Anexo:

Corpus

INTRODUÇÃO

The function of literature, including poetry, romance, and the newspaper, is to enable all to share victoriously and imaginatively in the inner life of each.

Memorandum on Americanization,
Carnegie Foundation, 1919.

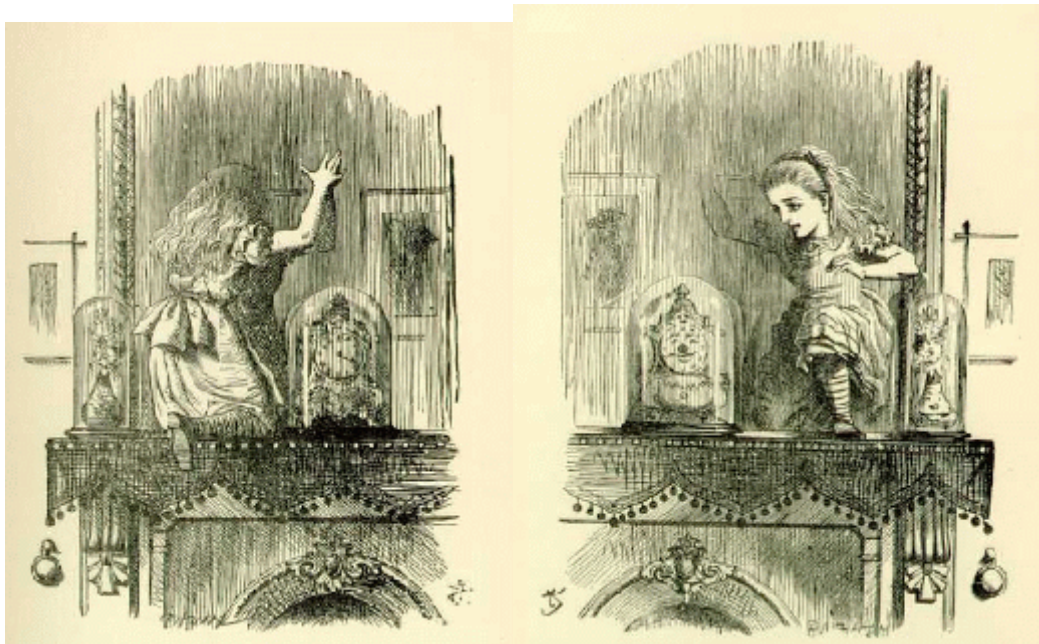


Ilustração 1- Through the looking glass and what Alice found there

Ilustrações de John Tenniel para a edição da obra de Lewis Carroll, New York, MacMillan, 1899.

O Jornalismo Literário americano no século XX é, genericamente, a área de investigação conducente a esta tese de doutoramento. Perante o gigantismo de tal empresa, com um título inicial como *News that Last*, o subtítulo restringe o objecto de estudo, de forma a torná-lo exequível. Quatro textos em particular, separados no tempo da sua escrita, de diferentes autores mas narrando histórias de elementos e fábulas

comuns¹ formam o corpus que será analisado, utilizando metodologia transdisciplinar. Os quatro textos a percorrer, eventualmente considerados ‘menores’, serão a matéria base para um estudo de textos não-ficcionais do século XX nos EUA que, cruzando as histórias bem como a sua produção e recepção, procurará determinar um percurso de uma fábula americana desse século. Assim, a investigação terá dois campos principais: a forma de escrita em si e o conteúdo que escolheu tratar.

O século XX nos Estados Unidos da América foi um tempo de grandes avanços tecnológicos e científicos, muitas vitórias militares (e também algumas derrotas), de progresso económico acelerado. Esta “grande” história tem sido relatada e continua a sê-lo ainda hoje, debruçando-se sobre a história, a análise cultural dos grandes feitos e dos grandes protagonistas, a tradução literária desse mundo. O nosso objecto será um outro tipo de escrita que aborda, muito frequentemente, o homem comum em situações que, de há muitos anos, são habituais nos EUA. Essa forma de escrita é o jornalismo literário e essas situações são as do encontro de culturas diferentes, de indivíduos de origens e características muito diversas, num país onde todos residem, trabalham e se relacionam.

I - Pertinência do Tema

We know, properly speaking, no strangers;
this is every person's country;

Hector St Jean de Crèvecoeur, [1782]

Os Estudos Americanos iniciados de forma academicamente organizada no período do pós-Segunda Guerra Mundial mas provenientes da década de 1930 cuidavam, então, da situação cultural desse grande país declarada como ‘excepcional’. Campbell, na obra *American Cultural Studies. An Introduction to American Culture*, refere, a propósito, que têm existido duas questões centrais para os Estudos Americanos. A primeira é “What’s American?”, versão ligeiramente diferente da questão colocada muitos anos

¹ História, elemento e fábula utilizados segundo as definições de Mieke Bal, “(...) una historia es una fabula presentada de cierta manera. (...) Los acontecimientos, los actores, el tiempo y el lugar constituyen el material de una fabula. Para diferenciar a los componentes de este estrato de otros aspectos, me referiré a ellos a partir de ahora como elementos: Los elementos se organizan de cierta forma en una historia.”(Bal, pp.13-15)

antes por Crèvecoeur; a segunda tem a ver com alguma inquietude em termos de fronteiras disciplinares e uma abertura à experimentação em termos acadêmicos.

A variedade e riqueza dos seus elementos constitutivos passaram, a partir de determinados momentos de clivagem teórica e prática, a ser apreciadas como manifestações americanas, tão genuínas como as que eram tradicionalmente consideradas como tal. Os intelectuais do *New Deal* iniciaram um movimento de inclusão cultural, abraçando a causa do homem comum, acompanhado do lançamento de cursos sobre *American Civilization* em universidades como Yale, George Washington ou Harvard nos anos de 1930. O conceito de *American Exceptionalism* sustentou uma posição algo isolacionista do país antes da sua participação na segunda Guerra Mundial. Depois do fim do conflito aberto, os anos de Guerra Fria traduziram-se numa perspectiva consensual sobre a sociedade americana face e, por oposição, a outros modelos de sociedade dominantes no Mundo. Essa perspectiva obedecia porém a um consenso centrado sobre um modelo predominantemente branco e masculino.

A explanação do fenómeno humano e cultural dos Estados Unidos foi seguidamente explicada por uma formulação de mitos² que, idealmente, agregavam em torno dessas formulações as múltiplas e variadas experiências dos Americanos de forma a unificá-las para poder responder à primeira questão acima referida. Como escreve Kuklick: “Indeed, one of the primary purposes of the American Studies movement is to demonstrate the way in which these “collective” images and symbols can be used to explain the behavior of people in the United States:” (Kuklick, 437). A escola *Myth and Symbol*, representada por nomes como Henry Nash Smith, R.W.B. Lewis ou Leo Marx, cuidou, nas décadas de 1950 e 1960, de explicar o cruzamento de semiótica e simbolismo operado na linguagem e das suas consequências para a sociedade; assim, enquanto referiam a importância de mitos e símbolos que explicassem uma sociedade americana idealmente algo homogénea, prenunciavam já a dissensão que estalou por alturas de 1970, quando vozes anteriormente silenciadas (africano-americanos, mulheres, hispânicos, asiáticos, etc.), começaram a perspectivar os estudos americanos de forma que Alice Kessler-Harris caracteriza do seguinte modo:

The 1970’s and 1980’s witnessed the simultaneous discovery of the nonpowerful and a refusal among many historians to fit the newly discovered into old myths

² “Smith’s [Henry Nash] brief statement in *Virgin Land* urges that symbols and myths designate large or smaller units of the same kind of thing: an intellectual construction that fuses concept and emotion into an image” (Kuklick, 436)

about the past. The new narrative, they insisted, could not simply suggest that those who were different were ‘other’. It had to incorporate some understanding of the dynamic effect of how differences among individuals and groups moved the historical process forward. (Kessler-Harris, 306)

Mesmo na década de 1960, Alan Trachtenberg já tinha escrito na sua obra *Brooklyn Bridge*: “Was American society ever so unified, even in its values? And American popular culture, hasn’t been based, especially since the Civil War, on normative ideas of ‘national character’ which actually *exclude* many people and modes of life?” (Kuklick, 445).

Por outro lado, com o desenvolvimento dos Estudos Culturais, a área de estudos americanos beneficiou de importantes contributos, sofrendo também a influência de autores europeus à medida que as traduções das suas obras eram publicadas no território norte-americano. Os escritos na área de comunicação e o pensamento da escola de Frankfurt, a produção científica do Centro de Estudos Culturais de Birmingham, bem como a influência de filósofos franceses como Michel Foucault, Jacques Derrida e ainda da teoria pós-colonialista contribuíram, através de uma ‘imigração’ de pensamento estrangeiro, para a compreensão de um fenómeno cultural que tinha muito a ver com a saga dos imigrantes.

Aliás, anos antes, a fuga de muitos intelectuais da Europa para os Estados Unidos nos anos 30 do século XX, devido às perseguições contra eles movidas e por então existentes na Europa, tinha contribuído para a heterogeneidade teórica em diferentes áreas científicas. Os ganhos foram recíprocos; se uns obtiveram no país de refúgio o ambiente e incentivo para prosseguir investigação, o país de acolhimento usufruiu de uma perspectiva nova para questões relacionadas, por exemplo, com a Sociologia e os estudos sobre Comunicação, sem mencionar todas as outras situadas nas mais variadas áreas científicas. As Ciências em geral, e as Ciências Sociais e Humanas em particular, desempenharam ao longo do século XX um papel fundamental para o desenvolvimento tecnológico e cultural de um país que procurava incessantemente resposta para a questão “What’s an American?”, colocada logo no século XVIII por St. Jean de Crèvecoeur.

A questão do ser tem ocupado o pensamento filosófico desde sempre. Em termos de existência social, esta questão é por demais relevante, especialmente num país em que as respostas dadas podem não coincidir, devido ao facto de serem respondidas por um conjunto de cidadãos muito diversificado. A forma como as respostas a esta questão

foram sendo valoradas ao longo do século XX será de particular interesse ao longo da tese, pois durante todo o século assistiu-se a reordenamentos constantes na hierarquização valorativa dessas atitudes.

A presente investigação seguirá nas suas linhas mestras a temática dos Estudos Americanos como foi colocada por Campbell. Tanto a questão que se coloca acerca do que é americano bem como a transdisciplinaridade estarão presentes ao longo de toda a tese. Porém, e tal como referiu Lyotard, as grandes narrativas, como religião, marxismo, a auto-regulação dos mercados, foram de certa maneira desacreditadas teoricamente como as únicas existentes, como as únicas hipóteses de impor quadros explicativos para diversos sectores da sociedade humana em diferentes localizações. Pode observar-se que a existência dessas grandes narrativas é acompanhada de outras pequenas narrativas que são aplicáveis de forma confinada a um espaço e a um tempo, e que permitem, particularmente aos elementos de cada cultura ajustarem-se momento a momento ao enquadramento que ela constantemente origina e modifica na sua dinâmica.

A questão do que é americano foi sempre fulcral para a cultura dos Estados Unidos, ao longo dos tempos. Após a Guerra Civil, acompanhando os movimentos migratórios crescentes até às duas primeiras décadas do século XX, registou-se um recrudescimento do interesse na questão. O século XX prolongou e reforçou o debate pois registaram-se, no decorrer dos anos, acontecimentos que condicionaram de forma institucional o curso das respostas. Poderemos mencionar alguns desses acontecimentos e factores:

- Existência de legislação que possibilitou ou impediu a imigração;
- Desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação social, tanto em número como variedade, bem como do crescimento do público;
- Desenvolvimento das Ciências Sociais e Humanas;
- Aumento dos níveis de escolaridade da população em geral;
- *Empowerment* de sectores crescentes da população, etc..

As manifestações de índole cultural multiplicaram-se, correspondendo a aumentos crescentes nas audiências disponíveis para o seu 'consumo' e intervenientes nos processos de criação. Registou-se a criação e desenvolvimento de meios que possibilitaram a reprodução da obra de arte, que Walter Benjamin registou magistralmente no seu ensaio de 1936. A escrita continuou porém o seu caminho e o século XX vai testemunhar o reconhecimento de uma literatura americana, com

períodos brilhantes como o naturalismo ou o modernismo. Paralelamente, desenvolve-se o jornalismo escrito representado por milhares de títulos da mais variada índole, publicando inclusivamente um nicho especial do jornalismo, a que alguns analistas convencionaram chamar jornalismo literário e que ao longo dos tempos foi adquirindo outras designações. Este tipo de escrita rege-se por alguns princípios caros ao jornalismo, como a factualidade que lhe serve de tema, recolhida através de uma investigação jornalística e transpondo o tema para a escrita recorrendo a técnicas que provêm da literatura.

Tendo em consideração o desenvolvimento imenso dos meios de comunicação próprios desse século, que possibilitou meios audiovisuais que se revelaram particularmente atraentes para grandes audiências, o jornalismo literário tem abordado temas que ilustram, como ‘pequenas narrativas’, muitos momentos diferentes de um século que buscou (e encontrou) variadíssimas respostas para a pergunta acerca do que é americano, com frequência através da oposição que é feita com o ‘Outro’ ou através da incorporação de características de alteridade na norma aceite.

II – Apresentação do Tema

A área dos Estudos Americanos, como já foi referido, é uma área abrangente. Sendo assim, será útil distinguir quais as áreas mais específicas em que esta tese se irá inserir. O corpus é constituído por quatro textos escritos inseridos no grande universo dos textos jornalísticos; tal remete-nos para os estudos na área da Comunicação e do Jornalismo. O fio temático condutor dos textos é o da experiência da alteridade no contexto da cidade de Nova Iorque, durante o século XX, e o estudo irá incidir sobre as formas distintas como essa experiência foi sendo narrada ao longo do tempo. Assim sendo, a análise, de índole qualitativa, será metodologicamente dominada por ferramentas da área dos Estudos Culturais, coadjuvada por conceitos provenientes da análise textual.

O jornalismo, actividade de escrita que diz respeito aos acontecimentos do dia, tem uma ligação inquebrantável com a realidade quotidiana. O jornalismo literário, tal como veremos mais adiante, reúne em si traços jornalísticos e literários. A literatura em geral (e a americana em particular) recorre a temas do quotidiano mas, pelas suas próprias características, fá-lo de maneira e com resultado diferentes dos obtidos por outros tipos de escrita; desde logo, a obra literária é publicada na forma de livro e adquirida por um público diferente daquele das publicações periódicas. A grande literatura canónica tem um público numeroso nos EUA mas que, não é para muitos a leitura do dia a dia, como é a dos jornais e revistas. Pela própria dimensão dos textos e meio de publicação, o artigo de jornalismo literário é mais facilmente adquirido, lido e apreciado por um público que não é uniforme em termos sociais, de origem ou educacionais. Por seu lado os autores, como grupo, são igualmente díspares: procedem das mais diferentes origens, com os mais diversos *backgrounds* culturais.

O impulso, no âmbito da literatura e das Humanidades em geral, de inclusão de formas, temas ou géneros considerados menores, tem sido motivo de crítica de sectores importantes. Peter Shaw, seguindo esta linha, escreve:

At the beginning of the 1920's, when D. H. Lawrence defined what has been accepted as "classic" American literature, he linked together the nineteenth's century disparate works by finding in them a common impulse to break away

from the worn-out forms of Europe. Ultimately this impulse was democratic. Not long afterward, in extending Lawrence's paradigm, V. L. Parrington and F.O. Matthiessen came to regard American literature as involving an ever-broadening inclusion of the common people – a process roughly representing these critics' conception of the democratic idea. (Shaw, 92)

Como é patente em muitos autores que têm discutido as questões literárias, também Peter Shaw apresenta as suas reticências quanto à “ever-broadening inclusion of the common people” no universo literário como personagens, leitores ou autores. Se a primeira inclusão não tem sido polémica pois a literatura, especialmente desde o realismo do século XIX, considera todo o mundo social e humano como fonte de temática a utilizar nas obras literárias, já a inclusão de leitores e autores provenientes do “common people” não é tão pacífica. Do mesmo modo, a inclusão do tipo de escrita jornalística tratado nesta tese num universo literário alargado é por demais polémica, como se terá ocasião de debater mais adiante. Toda esta dinâmica de inclusão se impôs em particular no início do século XX, com o acesso exponencialmente alargado do público a jornais e revistas, como Fran Luther Mott refere na sua obra sobre a história do jornalismo americano:

Dailies increased about one third from about 1650 in 1892 to 2250 in 1914, and their average circulation doubled. Meantime, the total population of the United States increased about 50%. Weeklies grew in the same years from 11 000 to 12 500, and semiweeklies from 200 to 600. (Mott, 549)

Este período de tempo foi, e continua a ser considerado, o Século Americano³. Por essa razão, pelo papel hegemónico que os Estados Unidos tiveram durante esses anos nos destinos de todo o mundo, este mantém-se um tema de grande actualidade, num momento em que não se avista ainda o fim dessa hegemonia. A exploração dos mais diversos aspectos dessa centúria, em termos de análise cultural, é um trabalho a ser feito por muitos autores e em variadas áreas. Para tal, a produção dos meios de comunicação é um manancial inesgotável.

Mott salienta que o *New York World* conseguiu, em Março de 1897, atingir a circulação de um milhão de exemplares diários, combinando a do matutino e do vespertino que partilhavam o mesmo nome. Este era um dos jornais do universo de língua inglesa já que, além destes, existiam outros jornais, em diversas línguas, publicados para a imensa

³ Assim designado, originalmente no editorial de Henry Luce, “The American Century”, publicado pela revista *Life* em 7 de Fevereiro de 1941.

multidão de imigrantes recentes, muitos deles pouco ou nada fluentes na língua inglesa. Destes, destacamos o jornal em Iídiche, *Vorwärts (Jewish Daily Forward)*, que interessará em particular pois foi, durante a primeira metade do século XX, o local de trabalho de um dos autores a tratar, Abraham Cahan. Mott aponta o número de 1300 jornais em língua estrangeira publicados regularmente em 1914 e, alguns (como o citado anteriormente), com grandes tiragens. Este período testemunhou uma geração de leitores e autores muito particular: a uma audiência especial, recém-chegada aos EUA e multilingue, juntou-se um conjunto de autores que, como no caso de Cahan, acompanhou toda a vivência dos próprios imigrantes e nela esteve incluída pessoalmente.

Pretenderemos, assim, mostrar alguns aspectos da evolução deste tipo de escrita, o entrosamento que tem tido com os desenvolvimentos da sociedade e da cultura e, a partir dos textos seleccionados, demonstrar como, ao longo do século, o jornalismo literário tem partilhado do ambiente social e cultural e com eles interagido.

Encontros de culturas registam-se desde há muitos anos. O encontro frequente, diário com as culturas não ocidentais no próprio mundo ocidental é, porém, mais recente e as questões que esse encontro levanta no quotidiano são, por exemplo na Europa neste momento, de particular relevância.

(...) people approach the world not as naive, blank-slate receptacles who take in stimuli as they exist in some independent and objective way, but rather as experienced and sophisticated veterans of perception who have stored their prior experiences as “an organized mass”, and who see events and objects in the world in relation to each other and in relation to their prior experience. (Tannen, 20)

Tannen refere aqui a experiência individual em interacção social. O mesmo pode porém alargar-se a situações em que os “veteranos da percepção” lidam, não com uma situação de interacção social mas de comunicação escrita. Estes “veteranos”, leitores ou jornalistas, têm as suas próprias percepções, organizadas de acordo com os modelos que usam para escrever ou para descodificar as histórias dos textos (utilizando aqui de novo o conceito de *história* dado por Mieke Bal).

A singularidade da experiência americana no campo desse encontro de culturas em território próprio recomenda a abordagem de questões culturais recorrendo a uma transdisciplinaridade que enriquece a análise de todo o tipo de textos. Estas análises, por sua vez, poderão contribuir para o alargamento do estudo do século XX americano, utilizando para tal um corpus constituído por artigos de jornalismo literário, um tipo de

escrita destinado a um público vasto, à sua realidade cultural, a uma era da “Obra de Arte no Tempo de suas Técnicas de Reprodução”, como escreveu Walter Benjamin, em que para a obra de arte impera “uma preponderância absoluta hoje do seu valor da exposição.” (Benjamin, 25).

A alteração no conceito de literatura coincide, desde há anos, com um crescente encontro com o “outro”: o ‘outro’ homem, a ‘outra’ mulher, o ‘outro’ texto: todos aqueles que não pertencem a grupos homogêneos, dominantes, reguladores. O texto do jornalismo literário é um ‘outro’ texto e no que concerne os que constituem o corpus desta tese, sobre os ‘outros’. Se cada autor escreve aquilo que a cultura da época “permite” que ele escreva, então a escrita jornalística literária é uma transgressão permitida por uma cultura em mudança. Se é justamente a trajetória descrita por essa mudança que nos interessa estudar, então este é um corpus que não pode ser negligenciado.

Peter Berger reflecte, acerca do conhecimento que cada um de nós tem de si próprio:

Indeed it may be argued that the other in the face-to-face situation is more real to me than myself. Of course I “know myself better” than I can ever know him. (...) But this better knowledge of myself requires reflection (...) The other, however, *is* so appresented in the face-to-face situation. (...) On the other hand “What I am” is not *so* available. To make it available requires that I stop, arrest the continuous spontaneity of my experience, and deliberately turn my attention back upon myself. (Berger, 29)

A propósito do conhecimento, que cada um de nós pode ter da realidade que nos rodeia num determinado momento, opina Deborah Tannen:

The only way we can make sense of the world is to see the connections between things, and between present things and things we have experienced before or heard about. These vital connections are learned as we grow up and live in a given culture. As soon as we measure a new perception against what we know of the world from prior experience, we are dealing with expectations. (Tannen, p. 14/5)

E, finalmente Mary Douglas escreve:

Each individual who enters a social relation is drawn at the same time into a debate about what the relation is and how it ought to be conducted. This is the normative debate about what the relation is and how it ought to be conducted. This is the normative debate on which cultural analysis fastens attention. (Douglas, 133)

O corpus servirá então para inquirir acerca desse debate normativo, estabelecido por indivíduos em processo de aproximação e conhecimento (assimilação e aculturação?), dentro de determinadas expectativas que o momento temporal e a localização espacial existentes lhes colocam. Segundo Stuart Hall na obra que editou, *Questions of Cultural Identity*, estes processos possibilitam a construção de uma identidade cultural⁴ e, também, de uma identificação⁵, de uma forma que é contínua, colectiva e originária de identidades cada vez mais fragmentadas e em processo.

Ao longo do século XX, a falta de unanimidade passa gradualmente a ser vista como algo positivo, não só exótico (como era visto anteriormente), quando as mentalidades se alteram, à medida e enquanto o conhecimento científico se ocupa de ‘outras’ vivências. Tal foi o caso, por exemplo, da publicação de *The Polish Peasant*, a obra organizada por W.I.Thomas e Florian Znaniecky em cinco volumes, que foram publicados entre 1918 e 1920. A obra relata, com base em documentos originais, privados e oficiais, o trajecto de ‘desorganização e reorganização’ (Lewis, 55) sofrido por estes imigrantes na sua ida para o Novo Mundo. O processo de migração provoca uma série de fenómenos que se podem reunir sob a designação de desfamiliarização para todos os sujeitos envolvidos, sejam eles os próprios imigrantes ou os habitantes do local que os recebe.

O jornalismo, particularmente o jornalismo literário, com as suas obras que tinham muito a ver com a utilização metodológica de *thick description*⁶ que Geertz propunha para a antropologia, enforma, num país plural, uma possibilidade de abordagem da diversidade. Obedecendo às condições existentes localmente, a unicidade epistemológica era impossível. As formas de conhecimento eram tão variadas, quantos os grupos coexistentes e diversamente situados ao longo de um território que era tão diverso como as suas populações. No meio urbano de Nova Iorque, nem a situação geográfica coincidente numa mesma cidade possibilitava tal univocidade nem, naturalmente, a variedade populacional. Um traço de união possível entre tão diferentes formas de conhecimento era a forma mediatizada desse percurso epistemológico

⁴ Identidade . “I use ‘identity’ to refer to the meeting point, the point of suture, between on the one hand the discourses and practices which attempt to ‘interpellate’, speak to us or hail us into place as the social subjects of particular discourses, and on the other hand the processes which produce subjectivities, which construct us as subjects which can be ‘spoken’.” (Hall, b), 5)

⁵ Identificação: “identification is, then, a process of articulation, a suturing, an over-determination, not a subsumption.” (Hall, b), 3)

⁶ “ (...) thick description. What the ethnographer is in fact faced with (...) is a multiplicity of complex conceptual structures, many of them superimposed upon or knotted into one another, which are at once strange, irregular, and inexplicit, and which he must contrive somehow first to grasp and then to render.” (Geertz, 10)

diferenciado. Todos os media, incluindo o jornalismo, retratavam assim uma pluralidade só possível numa sociedade em que a grandeza das dimensões que a constituíam – geográfica, populacional, económica e simbólica – incitava à abrangência da variedade.

Por outro lado, um artigo que siga os critérios propostos por autores como alguns dos que abaixo serão analisados – Joseph Mitchell, Tom Wolfe ou Richard Preston – resultará numa obra ‘artesanal’. A razão de assim ser apelidada, prende-se com o facto de que, qualquer um dos artigos deste tipo de jornalismo implica uma imersão e investigação que o transforma em algo de único, se bem que publicado em meios que se destinam a ser mecanicamente reproduzidos. É por isso difícil situá-los numa área das indústrias culturais como eram concebidas pela Escola de Frankfurt, com a conotação de arte produzida em massa, destinada a fins comerciais e, em última instância, destruidora moral, política e artisticamente (Lewis, 2003). A um nível de análise macro, a tese tratará a forma jornalismo literário; a um nível micro de análise, os textos e a visão contemporânea de figuras de alteridade.

Antony Easthope realça na obra, *Literary into Cultural Studies*, a importância de todas as formas de práticas significantes a serem incluídas nos estudos culturais:

(...) cultural studies must be prepared to consider every form of signifying practice as a valid object for study if it is to count as a serious discourse of knowledge. And cultural studies must act on the democratic principle assumed by Williams that the discourses of all members of a society should be its concern, not just those of an educated elite. (Easthope,6)

Tal importância excede em muitas circunstâncias, porém, os princípios da democracia que Raymond Williams preconizava: a ignorância de outras práticas significantes envolve riscos que excedem largamente o desrespeito da boa praxis democrática, pois tal poderá acarretar riscos de toda a ordem para o ambiente cultural e para a sociedade. Em sociedades como a americana, em que a heterogeneidade dos agentes sociais é conhecida, a partir de determinados momentos históricos resultou impossível a imposição de uma norma cultural uniforme. O poder de redução de todos os imigrantes a um padrão imutável, que começou inicialmente a ser posto em causa devido a conceitos como o de *melting pot*, veio a ser desconstruído com noções recentes como a da transformação constante do próprio processo de assimilação mencionado por Richard Alba na obra, *Remaking the American Mainstream. Assimilation and Contemporary Immigration*: “Thus, the mainstream culture, which is highly variegated

in any event – by social class and region, among other factors – changes as elements of the cultures of the newer groups are incorporated into it.” (Alba, 13)

A hierarquização de culturas, que processos de assimilação unilaterais pressupunham, deixou progressivamente por muitos estudiosos de ser encarada como uma operação valorativa legítima no âmbito académico. Substituindo o conceito generalizado no início do século XX, que preconizava que os novos Americanos ‘despissem’ as características culturais de origem para que ‘vestissem’ as predominantes nos Estados Unidos, resultantes de uma tradição fortemente *WASP*, a assimilação foi sendo renovada conceptualmente ao longo desse século. Assim, assumiu características progressivamente mais inclusivas, admitindo a influência de outras normas e traços no modelo local que, como é referido acima por Richard Alba, não era de si um modelo único e homogéneo.

Aliás, um dos primeiros e mais importantes formuladores do conceito de assimilação, Robert Park, na sua obra de 1921, *Introduction to the Science of Sociology*, refere a seguinte perspectiva sobre o assunto:

Another and a different notion of assimilation is based on the conviction that the immigrant has contributed in the past and may be expected in the future to contribute something of his own temperament, culture and philosophy of life to the future American civilization. This conception had its origin among the immigrants themselves, and has been formulated and interpreted by persons who are, like residents in social settlements, in close contact with them. This recognition of the diversity in the elements entering into the cultural process is not, of course, inconsistent with the expectation of an ultimate homogeneity of the product. It has called attention, at any rate, to the fact that the process of assimilation is concerned with differences quite as much as with likeness. (Park, 735)

A relevância da contribuição de diferentes fontes para a construção do que é americano é aqui reconhecida de forma muito mais ampla do que seria, por exemplo, anos mais tarde na formulação do conceito de assimilação em diferentes indicadores feito por Milton Gordon na década de 1950, ao referir o fenómeno de aculturação, o primeiro a ter lugar: “Acculturation, he argued, was the dimension that typically came first and was, to a large degree, inevitable. He defined acculturation very broadly as the minority group’s adoption of the ‘cultural patterns’ of the host society (...)” (Alba, 23).

Prolongaram-se ao longo de todo o século debates sobre conceitos primordiais como o de assimilação mas também um, ainda mais abrangente, sobre o de cultura. O início do século XX marca alterações profundas a nível de mundivisão predominante nos Estados Unidos, bem como da imagem dos nacionais do seu próprio país. O conceito

predominante vitoriano de cultura é cada vez menos satisfatório e mais inoperativo. O conceito de *high culture* dificilmente se pode aplicar para a explicação da produção cultural de uma diversidade humana como a então existente. Ao não considerar a produção simbólica dessa grande massa humana como cultural, o conceito assim restrito de cultura deixa de poder operar em situações estruturalmente diversas em termos dos seus agentes humanos. Sendo o fenómeno cultural também de ordem humana, retirar do seu âmbito as actividades de largas secções da população, apenas porque elas não são conformes a modelos estabelecidos anteriormente, reduz o âmbito da cultura a um terreno cercado e delimitado, guardado por juizes árbitros que avaliam de um ponto de vista superior quais as actividades que ocorrem dentro do campo cultural e quais aquelas que estão fora e portanto são inválidas. A metodologia proveniente de ciências como a antropologia, mesmo partindo de um ponto de vista externo que impõe as regras científicas do momento e do próprio cientista sobre o objecto do seu estudo, teve como consequência a consideração da existência de realidades diferentes, mesmo que à época fossem hierarquizadas em relação a uma norma. Hegeman, na sua obra, *Patterns for America. Modernism and the Concept of Culture*, refere a acção de cientistas sociais do domínio da antropologia e será de acrescentar que os artigos de muitos jornalistas, como Abraham Cahan, permitiram que o efeito destas novas perspectivas atingisse sectores mais largos, não académicos, da população através de um fenómeno muito semelhante ao de um *trickle-down effect* da análise económica. Tal como no âmbito do fenómeno económico que consiste numa extensão dos recursos financeiros disponíveis concentrados em classes abastadas a todas as outras camadas populacionais através de um fenómeno de infiltração lenta, também novos conceitos, nomeadamente culturais, se propagam através de textos mediáticos que atingem uma audiência mais vasta do que a académica.

Qualquer um dos textos em análise não é lido simplesmente devido ‘ao que acontece’ mas à apreciação de algo mais estético do que a simples tomada de conhecimento de factos. Eagleton fornece na obra, *The Ideology of the Aesthetic*, o conceito de estética essencial para a apreciação que é facilitada por textos como os que constituem o corpus:

Only in the aesthetic are we able to turn around upon ourselves, stand a little apart from our own vantage-point and begin to grasp the relation of our capacities to reality, in a moment of wondering self-estrangement on which the Russian Formalists will later found an entire poetics. In the routinized, automated processes of understanding such wonder does not occur; in the

aesthetic, by contrast, our faculties are suddenly foregrounded in ways which draw attention to their fittingness. (Eagleton, 89)

Este ponto de vista ‘estético’, desfamiliarizador, no sentido que a tal é dado pelos formalistas russos, é propiciado por circunstâncias decorrentes de uma existência em meios urbanos cosmopolitas. Easthope coloca este tipo de análise e as suas consequências de forma clara no seguinte excerto da obra já mencionada:

I shall refer to it in a shorthand manner as analysis in terms of the other. Admirably loose, this notion diverges valuably in three directions: towards the psychoanalytic distinction between conscious and unconscious according to which the reader experiences not so much a telling of what is new but a retelling of what is already known and thus obvious, and in consequence the text appears unwritten, the reader passes as though directly and without mediation to ‘what happens’. The unconscious is constituted through an active repression so that its effects, always coming out indirectly, are strange, uncanny, exotic, bizarre, terrifying, in a word, other; towards Derridean deconstruction and the undoing of binary oppositions which take the form of privileging one term by denying its dependence on the other required for its definition; towards the particular binary structure established in historical discourses concerned with race such that an Occidental, European subject privileges and substantiates itself by defining as an object its supposedly Oriental other (this account of the social other has been the contribution of Edward Said, see 1978). (Easthope, 70/1)

O sujeito normativo que nos irá ocupar não será o europeu mas o americano, porém o tipo de operações é da mesma índole. A análise ganhará com as perspectivas abertas por Easthope: psicanalítica, com o jogo do consciente/conhecido *versus* inconsciente/estranho, mas que a qualquer momento pode emergir corporizado numa figura de alteridade, assustadora; do dismantelar de oposições binárias constitutivas da norma privilegiada por oposição ao ‘outro’; do conseqüente dismantelar de discursos históricos formados pela mesma série de oposições binárias que instituíram uma ordem social por oposição à ‘Oriental’ como entendida por Edward Said.

Esta longa citação de Easthope que ele explana no capítulo que intitulou “The Canon and its Other” situa-nos de forma muito satisfatória na perspectiva de estudo dos artigos.

- As figuras de alteridade numa sociedade tendem a ser consideradas bizarras, exóticas e muito frequentemente assustadoras devido às suas características fora do comum;
- As oposições binárias que irão nortear a explanação dos textos serão progressivamente a partir do segundo texto cada vez menos ‘regulamentares’ em termos de colocação da norma num dos lados dessa oposição;

- A alteridade é sempre vista posicionalmente e, portanto, varia consoante o ponto de vista do definidor do outro.

A esse propósito pode citar-se a questão referida por Luís Batalha quando escreve acerca dos desenvolvimentos da antropologia a partir da década de 1970 no que diz respeito ao ponto de vista utilizado por essa disciplina em relação ao ‘outro’: “Por outras palavras, os antropólogos preocupavam-se exclusivamente em interpretar e descrever o ‘outro’ sem reflectirem no modo como o faziam e no que isso podia representar.” (Batalha, 333). Essa negligência era sentida em outros domínios da actividade intelectual, como por exemplo pelo linguista Kenneth Lee Pike que tentou fundar uma metodologia que permitisse a tradução de textos sagrados cristãos para línguas ‘nativas’ segundo regras que permitissem replicar em línguas-alvo princípios expressos nas línguas de origem, sem mal-entendidos culturais que os toldassem. O autor acima referido reproduz a distinção entre ‘emics’ e ‘etics’ como ela foi feita por Pike: “ Assim, seguindo a linha de Sapir, Pike considera que a abordagem *etic* – aquela em que é o observador, *outsider*, a definir o significado dos comportamentos – apenas interessa como meio de atingir o sistema *emic* do próprio ‘nativo’.” (Batalha, 323).

A diferenciação feita na antropologia entre um ponto de vista *emic* – utilizado pelos “nativos” para se orientarem dentro da sua própria cultura – e um ponto de vista *etic* – que o observador utiliza para esclarecer a si próprio e ao observado o sistema *emic* deste último, será de considerar no presente estudo. As manifestações textuais de uma visão do ‘outro’ feita por autores de jornalismo literário e, particularmente por aqueles que constituem o corpus desta tese, contribuirão para uma compreensão da estrutura *etic* utilizada por cada um dos autores, que neste caso particular não é fácil de distinguir do ponto de vista *emic*, pois estamos perante uma sociedade que, não sendo uniforme em termos culturais, apresenta dificuldades de distinção entre um e outro ponto de vista o que naturalmente impossibilita uma conceptualização única da sociedade. Da mesma forma, será interessante observar em que medida se desenvolve a atribuição de significado aos comportamentos observados pelos diferentes autores.

As particularidades da cidade de Nova Iorque pareceram-nos ser particularmente propiciadoras deste tipo de análise, devido à junção num mesmo território geográfico de uma variedade demográfica de relevância. Assim, coexistiam nela, se utilizarmos a terminologia referida acima, diversos pontos de vista *emic* e um outro, idealmente *etic*, correspondente a uma norma, que no momento em que se estabelecia era imediatamente posta em causa pela realidade que supostamente regia.

Simultaneamente a pujança da actividade de publicação nesta cidade, tanto a nível de livros como de periódicos resulta de forma igualmente favorável, pois possibilita a publicação de textos de índole algo experimental, bem como audiências suficientemente grandes e variadas para os ‘consumirem’.

II. a. Hipóteses de trabalho

Se começarmos pela própria discussão da designação “literário”, que nos propomos fazer no primeiro capítulo, chegaremos logo a conclusões opostas e enriquecedoras. Serão os jornalistas literários meros “escreventes” como escrevia Roland Barthes? Será que esta é “a cultural way of knowing”, como refere Thomas Connery? Será que é possível incluir este tipo de texto num conceito de literatura na tradição aristotélica? É um facto a realçar que, desde as suas origens nos Estados Unidos, com autores como Mark Twain, o jornalismo literário coincide, curiosamente, com os primórdios de outros meios de comunicação como, por exemplo, a fotografia. Da mesma forma, os constantes apelos à objectividade do relato e à fiabilidade das notícias jornalísticas coincidiam com o aparecimento de outros meios de comunicação – comboio, telégrafo e telefone – que foram permitindo uma maior rapidez e precisão no relato contido nos jornais. Cahan começa a escrever no fim do século XIX, acompanhando de perto as consequências crescentes da utilização quotidiana desses recursos e o nosso percurso analítico diacrónico terá o seu início por essa época (1898, ano de publicação de “Drowned their Sins”, o texto de Cahan incluído no corpus).

Os restantes três autores publicam os textos a serem estudados, respectivamente em 1940, 1964 e 1986: no primeiro caso, a acrescentar ao poder de meios como a fotografia, já tinha sido acrescentado o do som radiofónico e da imagem cinematográfica; no segundo e terceiro, a televisão era um fenómeno do quotidiano e cada vez mais pertencente à esfera doméstica; no quarto, pode entrever-se, mesmo intratextualmente, o poder da Internet. O público tem agora recursos de comunicação extraordinários ao seu dispor, recursos que só eram sonhados por poucos cem anos atrás. Outras formas de retratar a realidade e o que pode acontecer passam a existir. As diferentes formas de escrita deixaram de ter o exclusivo dessa função.

Para poder desenvolver a tese, será necessário analisar inicialmente o próprio jornalismo literário, apresentando as teorias opostas que o definem como forma de escrita não literária, de índole apenas jornalística ou como “género” literário emergente. Assim, serão analisadas as diferentes teorias sobre a sua existência, as características que o definem, a delimitação em relação ao texto literário e ao texto jornalístico. A evolução do jornalismo americano, que desde a segunda metade do século XIX sofreu

alterações a nível de conceitos básicos, como o próprio conceito de jornalismo, mas também de outros como independência, objectividade e linhas editoriais, bem como da evolução dos públicos-alvo será também tratada. O jornalismo literário será contextualizado nos diferentes tipos de jornalismo que se foram sucedendo e coexistindo nos séculos XIX e XX: desde a “penny press”, passando pelo “yellow journalism” e pelos “muckrakers”; o “New Journalism”, assim apelidado por Matthew Arnold no fim do século XIX e, depois, o das décadas de 60 e 70 do século XX, igualmente assim designado por Tom Wolfe. Como será possível ajustar este tipo de textos a um jornalismo que vivia de *scoops*: será correcto colocá-los na esteira dos *feature writers* como este autor parece querer apontar na Introdução de *The New Journalism*?

No que concerne especificamente o jornalismo literário americano, será essencial o estudo das suas diferentes fases de evolução, bem como um relacionamento com o panorama cultural da época em que foram produzidos. Serão essencialmente analisados quatro textos: do início (autor, Abraham Cahan), anos 40, (Joseph Mitchell), anos 60 (Tom Wolfe) e fim do século (Richard Preston). Cada um deles será contextualizado na sua respectiva época e a restante obra dos autores referenciada. Importante é notar que estes autores usam a técnica apontada como essencial ao género, a imersão – (“Literary journalists immerse themselves in subjects’ worlds and in background research”(Sims, 22). Obras e autores não podem por isso ser facilmente desligados; porque estes textos reportam factos e pessoas reais, não se poderá fazer a diferenciação aristotélica entre o que acontece (descrito pelo filósofo) e o que pode acontecer (descrito pelo poeta). Estes textos são construídos a partir de factos reais, de acontecimentos verdadeiros e de indivíduos de carne e osso que, depois, um pouco à semelhança do que faz o pintor, servem de modelo vivo para um retrato activo em palavras.

Do mesmo modo, traços constantes do ser humano são fixados na arte mesmo historicamente condicionada. Enquanto se limitaram a reflectir as condições rudimentares de um sociedade baseada na escravidão, Homero, Ésquilo e Sófocles são marcos envelhecidos, pertencem ao passado. Todavia, na medida em que, no interior daquela sociedade, descobriram a grandeza do homem, deram forma artística aos seus conflitos e às suas paixões e exprimiram suas potencialidades ilimitadas, permanecerão sempre modernos, actuais. (Fischer, 19)

Estes textos são, de facto, historicamente condicionados. Ao relatarem histórias de imigrantes ou de personagens diferentes da norma, fixam momentos que, tal como no caso de Cahan, o autor em apreciação mais antigo, dão forma artística aos conflitos e às

paixões e exprimem as potencialidades ilimitadas do homem mesmo quando cerceadas por outros homens.

Além da razão óbvia da distanciação e distribuição no tempo que levou à escolha dos autores em questão, mais alguns critérios foram tomados em conta. Os quatro autores são, fundamentalmente, autores de prosa não ficcional e versam temas com algumas características comuns: a acção é situada em Nova Iorque, envolve imigrantes ou descendentes de imigrantes, ou outras personagens que, por diferentes razões, são passíveis de serem objecto de exclusão, mesmo numa grande cidade em que a diversidade se tornou regra ao longo do tempo. O elemento estranho é, com frequência, rejeitado: desde o próprio corpo humano, que se consegue defender do que lhe é alheio através de uma reacção imunitária, também as sociedades humanas tendem a reagir hostilmente ou com desconfiança contra o estranho e diferente. Essa reacção e as formas de que se revestiu nos quatro textos em análise serão de particular interesse.

A análise destes textos em termos formais e de conteúdo permitirá, espera-se, elaborar sobre algumas questões respeitantes a tipos de textos não canónicos e temas sugeridos por uma versão mais recente de mimese aristotélica.

Temos assim um corpus específico inserido num grande tema, que permitiu a colocação de algumas hipóteses de trabalho, que abordarão questões de dois tipos. Se, por um lado, algumas dessas hipóteses se situam no âmbito da forma de escrita a trabalhar – o jornalismo literário americano – outras ainda estarão relacionadas com histórias da grande *fabula* do encontro com o “outro”. A experiência americana e, no caso desta tese, a do século XX é paradigmática nesse aspecto: assim, esta pretende verificar-se como é representada a existência de um “Outro” nos textos em análise e como essa representação vai mudando qualitativamente à medida que este objecto cultural⁷ vai sendo diversamente definido em momentos diferentes. Todorov escreve a propósito de diferença e desigualdade: “Como já se tinha visto com Colombo, a diferença transforma-se em desigualdade: a igualdade em identidade; são essas as duas grandes figuras de relação com o outro, que lhe determinam o espaço inevitável.” (Todorov, 179).

Num país em que a relatividade do conceito de alteridade é a regra há longo tempo, essa regra tornou-se constitutiva da sociedade. A sociedade americana não é apenas

⁷ Segundo a definição de Wendy Griswold: “A cultural object may be defined as shared significance embodied in form.” (Griswold, 11)

resultado de um *melting pot*, de um “mosaico” ou de um “caleidoscópio”: centra nesse confronto de culturas a sua própria existência, usa a diversidade ao longo do tempo, para assim se constituir. A forma como um mesmo tipo de texto designado jornalismo literário encara esta questão ao longo do século é também fulcral: sendo o género e a *fabula* os mesmos, as alterações no ponto de vista constituem-se como a variável culturalmente relevante. Mais ainda, os textos retratam o conflito constante entre conceitos de objectividade e verdade jornalística.

As hipóteses de trabalho a colocar serão:

- A proliferação deste género estará ligada a uma fuga propositada da objectividade, princípio estruturante do jornalismo americano no século XX, mas cuja existência tem vindo a ser questionada, por teóricos como por exemplo Foucault?
- Será o género adequado a um século em que se reconhece a existência de uma cultura popular, mas em que pelo menos na primeira metade se manteve firme a noção de literaridade moderna, que, aliás, não deixou de perdurar até aos nossos dias e de causar celeuma entre especialistas de opiniões opostas (V. querela “Humanities v. the Deconstructionists” em que Walter Bate se insurge contra estes últimos (Esch, 17)?

O Jornalismo literário poderá ser visto como:

- A afirmação da individualidade no momento histórico em que se impunha a produção em massa, a massificação de experiências, a imposição de modelos homogéneos; ou por outro lado como tentativa da assimilação de minorias ao *American Way of Life*?
- As obras em análise poderão ser consideradas representativas (a dois níveis – do texto em si e da forma como é recebido) de momentos diferentes dentro da evolução cultural do século americano, mesmo tendo em conta que não há verdades estáveis através do tempo? Será possível determinar através delas, o emolduramento (*framing*) comum a autores e leitores?
- A experiência longa de admissão de imigrantes nos Estados Unidos, aliada ao estudo das características ‘excepcionais’ da cultura americana, sinal do interesse de uma sociedade pela diferença, poderá ser analisada frutuosamente em textos de jornalismo literário não-canónicos, declaradamente subjectivos?

Os quatro textos em análise foram escritos em momentos diversos na história do jornalismo americano e antecedem um momento crítico, em que muitos dos valores fundamentais, em que repousava a história desse meio de comunicação de longa história e tradição, foram postos em causa. Esse momento foi a década de 1990 e o movimento foi o do *civic* ou *public journalism*. Segundo Michael Janeway:

One response to the plight of the news business was grounded in more intellectual and professional integrity than the others, and it tried to make the leap between the journalistic and political cultures. Moreover, its prophets neither promised nor expected “quick-fix” effects. Rather they called for a reinvention of “public life” and of the press role in it as an intermediary between government and the public. This was the “civic journalism” movement of the early 1990’s, also known as public journalism. (Janeway, 157)

Se o *public journalism* se tentou constituir como uma forma de mediação entre o governo e o público, o jornalismo literário tem operado esse tipo de mediação entre diferentes facetas da sociedade civil. A forma como o jornalismo tem operado ao longo dos tempos é consequência de uma interação constante entre os textos, os seus criadores, o meio e a cultura em que se inserem. Marshall McLuhan escrevia em 1964, quando a Internet era ainda algo longínquo: “...the latest approach to media study considers not only the “content” but the medium and the cultural matrix within which the particular medium operates.” (McLuhan, 11). O conteúdo, o meio e a matriz cultural destes textos englobados neste género específico serão o universo onde se procurarão respostas para estas hipóteses.

III. Metodologia

The principal object, then, proposed in these Poems was to choose incidents and situations from common life, and to relate or describe them, throughout, as far as was possible in a selection of language really used by men, and, at the same time, to throw over them a certain colouring of imagination, whereby ordinary things should be presented to the mind in an unusual aspect; and, further, and above all, to make these incidents and situations interesting by tracing in them, truly though not ostentatiously, the primary laws of our nature.

William Wordsworth, Prefácio das *Lyrical Ballads*

A área científica da presente tese é a dos Estudos Americanos e naturalmente a metodologia a empregar terá de beber nessa fonte. A questão metodológica neste campo tem sido fruto de muita polémica, originado acesos debates e períodos diversos, dominados por teorias que se foram substituindo ou sobrepondo ao longo do tempo.

Autores como Raymond Williams estabeleceram, a partir dos anos de 1950, alguns dos princípios que iriam reger diversas metodologias de análise cultural de textos. Ao invés da corrente dominada pelo casal Leavis para a análise literária até então, a importância dos factores externos ao texto para a sua criação e compreensão são realçadas de forma clara pelo autor: “Yet a culture is not only a body of intellectual and imaginative work; it is also and essentially a whole way of life.” (Williams, 311).

Entretanto, em 1957 nos Estados Unidos, Henry Nash Smith, que tinha obtido o primeiro grau de doutor na área dos Estudos Americanos cerca de dezassete anos antes, questionava-se acerca do método a empregar nestes estudos, num artigo intitulado “Can ‘American Studies’ Develop a Method?” e concluía: “The best thing we can do, in my opinion, is to conceive of American Studies as a collaboration among men working from within existing academic disciplines but attempting to widen the boundaries imposed by conventional methods of inquiry” (Maddox, 11). Cerca de trinta anos mais tarde, Robert Berkhofer apresenta a visão revista do objecto dos Estudos Americanos: “The concern with myths, symbols, and images, which marked the classical period of American Studies has given way to an overwhelming interest in class, ethnicity, race,

and gender.” (Maddox, 280). Porém, mesmo tendo mudado o objecto da area científica, os problemas metodológicos continuavam: “The attempt to find a single methodology for the new cultural studies founders upon the diversity of approaches to contextualism.” (*ibid.*, 282). George Lipsitz, em 1990, escrevia no mesmo tom: “In my view, American Studies would be served best by a theory that refuses hypostatization into a method, that grounds itself in the study of concrete cultural practices (...)” (*ibid.*, 316). A questão metodológica põe-se assim como dificilmente solúvel nesta área científica, se não se recorrer a empréstimo de outras metodologias das áreas das ciências humanas e sociais.

Num volume cujo tema são as representações culturais, Stuart Hall explana de uma forma sucinta no capítulo “The Spectacle of the Other” (Hall, 2002), as quatro disciplinas a que recorre para explicar a razão da importância da raça – negra – para a imagem mediática dos atletas de alta competição. Invoca quatro, cujas metodologias utiliza, consoante os momentos da análise: da linguística saussuriana – “we know what *black* means, Saussure argued, not because there is some essence of ‘blackness’, but because we can contrast it with its opposite – *white*. Meaning, he argued is relational.” (234); da crítica dialógica de Bakhtin “The argument here is that we need ‘difference’ because we can only construct meaning through a dialogue with the ‘Other’.” (235); da antropologia - “Mary Douglas (...) argues that social groups impose meaning on their world by ordering and organizing things into classificatory systems.” (236); e da psicanálise, (Lacan, p.ex.) – “Subjectivity can only arise and a sense of “self” be formed through the symbolic and unconscious relations which the young child forges with a significant “Other” which is outside – i.e. different from – itself.” (238). Paula Saukko, na sua obra sobre metodologia científica qualitativa na área dos Estudos Culturais realça: “What was crucial, from a cultural studies point of view, was that the relationship between the signifier and the signified was understood to be arbitrary, a matter of convention (...)” (Saukko, 101).

O *corpus* da presente tese é constituído por artigos publicados em primeira-mão em jornais ou revistas. O objectivo deste trabalho é a sua análise como veículos de representação do objecto cultural da alteridade ao longo do século XX americano, seguindo, cada um, as regras convencionais adequadas no momento mas que se alteram com os tempos. Seguindo o exemplo de Stuart Hall, usaremos as bases metodológicas de diferentes ciências que permitirão análises frutuosas desses textos do jornalismo literário no âmbito dos Estudos Americanos. Propomo-nos cruzar metodologias de

trabalho diferentes, dos Estudos Literários e dos Estudos Culturais, numa fusão permitida e encorajada pelos Estudos Americanos, para analisar textos que consideramos particularmente relevantes para o estudo da alteridade numa grande metrópole dos EUA, nomeadamente Nova Iorque.

Complementando o que acima foi mencionado da escolha de disciplinas e autores feita por Stuart Hall, seguiremos em parte o caminho metodológico apontado para a teoria cultural, por Mary Douglas:

Cultural theory is a way of thinking about culture that draws the social environment systematically into the picture of individual choices. It **provides a method of analysing public debates as positions taken in a conflict between cultures.** . (...) One of the special strengths of cultural theory is to be able to predict what specific new perspectives appear when a social position is changed, new foregrounds emerge and old worries are backgrounded. (Douglas, xi)

A análise a fazer dos textos será de índole qualitativa e incidirá sobre o debate contínuo, ao longo de um século, lançado por jornalistas que não se interessaram unicamente pelo aspecto noticioso a dar sobre o “Outro” numa grande cidade. Iremos examinar como as escolhas de cada um dos autores sobre esse tema foram condicionadas pelo ambiente social à época de escrita das obras e pelos receptores. Interessará inquirir sobre a forma como o conflito entre culturas em presença foi feito ao longo do período em análise e como as ‘classificações’ de grupos ou indivíduos que Hall apontava como essenciais em Douglas se alteram. Citando de novo Douglas:

One practitioner of cultural analysis addresses the point of interchange at which the individual choice distinguishes itself from the cultural pattern. Morris Freilich uses the term ‘proper’ to indicate the outcome of the public debate on what ought to be. Proper are shared techniques, agreed standards, stereotyped modes of behaviour, all that is recognized as correct and formal. In contrast he uses ‘smart’ for individual skills, private ends, unpredicted and ingenious solutions. This usefully captures the difference between the idea of culture and the concept of the individual exercising his rational choice within cultural constraints. (Douglas, 134)

Se utilizarmos os termos que Douglas toma de empréstimo de Freilich, “proper”, que traduziremos como ‘regulamentar’ e “smart” como ‘original’, a análise dos textos pretenderá atingir o ponto em que o original de cada autor difere (ou não), do regulamentar de cada momento. A escolha da distanciação de cada um deles dessa regra será determinada dentro do próprio texto, desdobrando-o entre o que o autor assume como a forma regulamentar que a sua audiência perfilha em relação ao objecto que está a tratar e a forma original como ele próprio o pretende apresentar. A diferença

entre esses dois níveis será então analisada em mais profundidade utilizando como modelo efectivo de análise, o modelo de “diamante cultural”⁸ preconizado por Wendy Griswold, seguindo as diversas ligações a estabelecer entre os diferentes ângulos: mundo social, criador, receptor, objecto cultural. Exemplifica-se aqui o relativo ao primeiro texto, de Abraham Cahan:

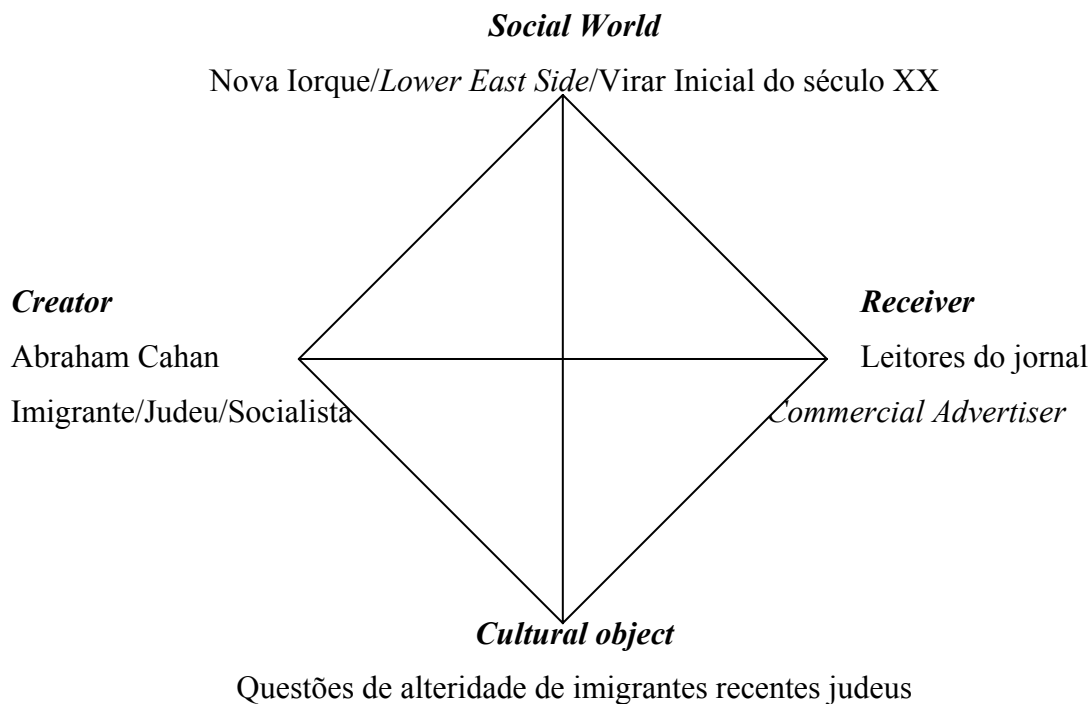


Ilustração 2 – Diamante Cultural segundo Griswold

A análise incidirá sobre as diferentes extremidades do diamante e a forma como se relacionam entre si: a forma como um objecto cultural, semelhante em todos os textos – o “outro” e a interacção com ele – é equacionada de forma diferente, dependendo do “mundo social” em que surge, do criador e das escolhas que ele faz e do receptor inicial do texto. Griswold define o que considera *social world*: “we mean the economic, political, social, and cultural patterns and exigencies that occur at any particular point in time” (Griswold, 15). Um dos critérios de escolha dos textos a analisar foi o da

⁸ Segundo a definição de Griswold:

In the book I use the device of the “cultural diamond” to investigate the connections among four elements: *cultural objects* – symbols, beliefs, values, and practices; *cultural creators*, including the organizations and systems that produce and distribute cultural objects; *cultural receivers*, the people who experience culture and specific cultural objects; and the *social world*, the context in which culture is created and experienced. (Griswold, xiv)

localização geográfica das histórias na mesma cidade dos Estados Unidos – Nova Iorque – de forma a poder reduzir o número de variáveis em jogo. Nesse ambiente social originam-se objectos culturais, criados por seres humanos em contextos – que Griswold aponta como sendo um dos (poucos) pontos em comum para as diferentes definições de cultura que se foram estabelecendo ao longo do tempo. Para tal cita três exemplos:

Culture is “the best that has been thought and known” by human beings (Arnold); culture is the “meanings embodied in symbols” through which human beings communicate and pass on knowledge and attitudes (Geertz); culture is the externalization, objectification, and internalization of human experience (Berger) (...). (Griswold, 14)

Todos os objectos culturais têm assim um criador, humano, individual ou colectivo que cria e molda um objecto cultural ou atribui esse tipo de valor a um objecto pré-existente. Por outro lado, esse objecto só existe verdadeiramente como cultural quando é experimentado por mais do que um ser humano, quando se torna público. A ligação que se estabelece entre os objectos culturais e os ambientes sociais origina assim o seu significado. Estes quatro elementos e a forma como se irão articular constituem o esquema base do método que Griswold preconiza.

A autora define quatro acções que organizam o método de análise: intenção, recepção, compreensão e explanação.

One dimension of this typology is defined by the person performing action – the social agent or the analyst. The other dimension is defined by the person’s attitude toward the cultural object’s meaning – constituted in the object or embedded in the social world. Thus, the social agent intends and receives; the analyst comprehends and explains. Intention and comprehension involve understanding the meaning of the cultural object as constituted by the object itself, internal to it, while reception and explanation involve framing the cultural object in relation to some larger, external system of meaning. (Griswold, b, 5)

Um agente social – autor – tem uma intenção que é recebida por outro agente social – receptor: o analista compreende e explana. Griswold afirma que é difícil conhecer a intenção subjectiva do indivíduo que cria o objecto cultural: será, porém, possível reconstruir “probable intentionality of any agent whose context and behavior are known.” (*ibid.*, 6) – a intenção. A recepção de um objecto cultural implica o seu consumo e ulteriormente a sua rejeição ou aceitação por um agente social. O agente social 1 /autor tem uma determinada intenção conducente à realização de um objecto cultural, que pode ser recebido de diferentes formas por um agente social 2 /receptor.

A compreensão do objecto cultural, a levar a cabo pelo analista posiciona-o, tal como preconizado por Griswold, no âmbito de um género; considerando esse género, seleccionam-se as características pertinentes para a investigação utilizando para tal, se necessário, nomenclatura de áreas científicas confinantes como, por exemplo, a teoria literária. Para efeitos desta análise poderemos considerar o jornalismo literário como género, conceito que Griswold toma emprestado da teoria literária – “classifications based on similarities and differences.” (Griswold, b, 17). A explanação é também da incumbência do analista e relaciona o objecto cultural com o mundo exterior à comunidade criativa, através da intenção e da recepção.

Continuando a exemplificação relativa à análise do primeiro texto, o agente que exerce a intenção, Abraham Cahan, está inserido num determinado contexto ideológico (o ambiente social), tem um mediador (o editor, Lincoln Steffens) que lhe vai propor ou a quem será oferecida uma *tarefa*. Será assim necessário reconstituir o *encargo*⁹, que sugeriu ao autor essa *tarefa*, que se traduziu de forma prática num texto, no qual foi demonstrada uma determinada *intenção*. O encargo refere-se a uma série de circunstâncias e constrangimentos que delimitam o campo de acção do autor e, por isso, enformam o produto final. A autora enumera-os de acordo com o modelo sugerido por Baxandall:

- Circunstâncias imediatas;
- Experiência profissional e pessoal do autor;
- Condições locais;
- Meio utilizado e restrições inerentes;
- Condições estéticas.

O encargo, que norteou os diferentes autores do corpus a ser analisado, levou-os a produzir textos escritos. Esta circunstância conduz à necessidade de apelar a ferramentas metodológicas que estão situadas na área dos estudos literários, pois o código utilizado é o escrito e, para poder ser contextualizada a convenção que atribuiu a relação vigente entre significante e significado, é necessário descodificá-lo.

⁹ *Encargo* foi a tradução dada ao termo *Brief* que Wendy Griswold toma de empréstimo de Michael Baxandall que o entendia da seguinte forma:

The Brief identifies various problems and issues towards which the cultural object is directed as a solution. In Baxandall's model, a cultural producer follows through on such a Brief under practical constraints and opportunities related to a medium and its techniques, relevant economic conditions, personal circumstances, and other conditions affecting the production of a cultural object. (Hall, J.R., 218)

O aspecto de literaridade dos textos será analisado recorrendo a alguns conceitos literários relevantes, a saber: *Fabula* e *syuzhet*,¹⁰ narrador e ponto de vista, focalização¹¹. Estes elementos serão explorados na medida em que sejam essenciais para a formulação do objecto cultural em cada momento e não numa perspectiva de estudo literário, propriamente dito, dos textos.

A importância a dar ao par *fabula/syuzhet* neste tipo de análise é óbvia se atentarmos nos dois conceitos tal como foram formulados pelos formalistas russos na esteira de Vladimir Propp: “To formalists, fable is “the set of events tied together which are communicated to us in the course of the work”, or “what has in fact happened”; plot [*syuzhet*] is “how the reader becomes aware of what happened”, (Chatman, 19/20). As narrativas de alteridade vão sendo ordenadas, elementos da *fabula* vão sendo inseridos ou omitidos do enredo, de forma diversa nos diferentes textos, de acordo com a ‘convenção’ do momento.

O par narrador/ponto de vista, seguindo o conceito de Earl Miner, reveste-se também de importância para o estudo:

Point of view is a metaphor for narratorship, both as a fact and as a specific variety (e.g., “first person”). Since an unnarrated narrative is a contradiction, narratorship extends from beginning to end, affording one of the principal features of continuities and sometimes of fulfilment as well. (Miner, 181)

O tipo de narrador que surge no texto e a focalização que é utilizada implicam escolhas significativas para a compreensão do texto e para a intenção autoral, como veremos a seguir.

Poderá recorrer-se ainda a uma perspectiva retórica e, citando Richard Lanham, para averiguar sobre a “ilusão” criada pelos textos em cada momento: “Rhetoric as a method of literary education aimed to train its students to toggle back and forth between AT and THROUGH vision, alternately to realize how the illusion is created and then to fool oneself with it again.” (Lanham, 81)

¹⁰ Pedindo de empréstimo o conceito de *fabula* dos formalistas russos – “*the order of events referred to by the narrative*” (Onega, 255), que teve no século XX as mais variadas *syuzhet* (intriga, na designação dada por Carlos Reis “(...) representação dos mesmos acontecimentos segundo determinados processos de construção estética.” (Reis, 157)

¹¹ “Whenever events are presented, they are always presented from within a certain ‘vision’. A point of view is chosen, a certain way of seeing things, a certain angle, whether ‘real’ historical facts are concerned or fictitious events. (...) In a story elements of the *fabula* are presented in a certain way. We are confronted with a vision of the *fabula*. What is this vision like and where does it come from? (...) I shall refer to the relations between the elements presented and the vision through which they are presented with the term *focalization*.” (Onega, 115/6)

Esse caminho constante entre a visão de, e através de, remete ainda para a definição de retórica dada na obra de Michael Meyer:

Daí a definição *geral* de retórica que agora propomos; *é a negociação da distância entre os homens a propósito de uma questão, de um problema*. Aliás, este pode reuni-los tanto como opô-los, mas remete sempre para uma alternativa. (...) Em suma, a retórica não fala de uma tese, de uma resposta-premissa que não responde a nada, mas antes da problematicidade que afecta a condição humana, nas suas paixões bem como na sua razão e no seu discurso. (Meyer, 42/46)

A análise dos textos tanto contemplará o conteúdo, o tema que é abordado, como a forma como é feito, vendo através do texto não só o que o autor pretendia transmitir, mas também como o fazia no texto e qual o significado dessa escolha. Esta “negociação da distância entre homens” referida na obra acima remete-nos, afinal, para a primeira autora referida nesta breve síntese da metodologia a empregar, Mary Douglas, quando ela escreve acerca da teoria cultural: “ It provides a method of analysing public debates as positions taken in a conflict between cultures.”. Os textos são instâncias públicas de negociação, de tomadas de posição em conflitos, desacordos, de diferentes pontos de vista.

A discussão da própria forma da escrita em si, isto é, do jornalismo literário como “género” é relevante. Assim serão consultadas as fontes: os próprios textos recolhidos de jornais ou revistas, confrontadas as diferentes publicações do mesmo texto (se existirem), verificando-se se houve modificações ao longo do tempo: se foram feitas, eventualmente, traduções. Procuraremos ainda crítica existente das diferentes épocas e autores, dos textos em questão ou da obra dos autores em geral. A carreira dos dois primeiros autores poderá ser seguida de forma completa e a do terceiro e quarto, ainda vivos e em actividade até ao momento actual, confrontando os escritos deste tipo com outras obras, de índole ficcional ou jornalística, que os autores também escreveram.

Como fontes secundárias, recorreremos a obras de teoria literária e jornalística e especificamente às que existem sobre jornalismo literário, para o confronto de teorias sobre ele existentes. Obras das áreas da Comunicação, do Jornalismo, dos Estudos Culturais e Americanos serão utilizadas para uma fundamentação teórica da análise cultural que se pretende realizar.

IV – Planificação da exposição

A planificação da exposição está directamente dependente das duas principais áreas de investigação envolvidas nesta tese – a forma dos textos que constituem o corpus, o jornalismo literário e o conteúdo abordado nos textos, a alteridade em Nova Iorque ao longo do século XX. Em consequência desta dupla abordagem, será necessário analisar inicialmente o próprio jornalismo literário, apresentando as teorias opostas que o apresentam como forma de escrita não literária, de índole apenas jornalística ou como eventual “género” literário emergente. Assim, no primeiro capítulo serão analisadas as diferentes teorias sobre a sua existência, as características que o definem, a delimitação em relação ao texto literário e ao texto jornalístico. A evolução do jornalismo americano que, desde o segundo quartel do século XIX, sofreu alterações a nível dos conceitos de jornalismo, independência, objectividade e linhas editoriais, bem como da evolução dos públicos alvo será também tratada. O jornalismo literário será contextualizado nos diferentes tipos de jornalismo que se foram sucedendo e coexistindo nos séculos XIX e XX: desde a *penny press*, passando pelo *yellow journalism* e pelos *muckrakers*; o *New Journalism*, tal como já referido, assim apelidado por Matthew Arnold no fim do século XIX e, quase cem anos mais tarde, o das décadas de 60 e 70 do século XX igualmente assim designado por Tom Wolfe.

No que concerne especificamente o jornalismo literário americano, será essencial o estudo das suas diferentes fases de evolução, bem como um relacionamento com o panorama cultural da época em que foram produzidos, o que será ainda feito no primeiro capítulo. Como escreveu Ernst Fischer:

Toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de um situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância ao desenvolvimento. (Fischer, 18)

Os quatro capítulos seguintes irão focar cada um dos quatro textos: do início (autor, Abraham Cahan), anos 40, (Joseph Mitchell), anos 60 (Tom Wolfe) e fim do século (Richard Preston).

- Capítulo 2 - “There goes a green one!”¹² Abraham Cahan
- Capítulo 3 - “The full *New Yorker* Profile treatment”¹³ Joseph Mitchell
- Capítulo 4 - “*What inna namea Christ is this*”¹⁴ - Tom Wolfe
- Capítulo 5 - “McPhinos”¹⁵ - Richard Preston

O capítulo dois versará um texto, publicado em 1898, que reúne uma imagem de alteridade patenteada por origem, religião e costumes diferentes. Esta imagem é desenhada por um jornalista e autor, ele próprio experiente da grande saga da imigração do final do século XIX, princípio do século XX, nos Estados Unidos. A visão de dentro da imigração, que este autor transmite no texto analisado, como em outros por ele publicados, será o ponto de partida para um trajecto ao longo de um século de artigos feita por múltiplos pontos de vista e focalizações do objecto cultural da alteridade.

O capítulo três aborda o texto “Lady Olga” de Joseph Mitchell, escrito cerca de quarenta anos depois. Nesta caso, a alteridade apresenta-se devido a questões de género, encaradas sob uma perspectiva algo diferente do que é habitual, já que a mulher retratada não é uma mulher comum.

O capítulo quatro detém-se sobre o furacão causado pelo *New Journalism* da década de 1960 e de um dos seus autores mais representativos, Tom Wolfe. “The Girl of the Year” explora a alteridade em termos de forma e conteúdo: o texto pertence a um tipo experimental de escrita representativo de um momento cultural agitado e retrata uma figura algo diferente mas cuja diferença se constrói dentro do padrão estabelecido, excedendo-o e alargando-o sob inspiração de outros padrões.

O capítulo cinco fecha o círculo iniciado com a imigração dos tempos de Cahan: desta feita o texto recai sobre outros imigrantes do Leste da Europa e de origem judia mas que emigram da sua Ucrânia de origem devido a uma fuga a factores diferentes

¹² “‘Green one’ or ‘greenhorn’ is one of the many English words and phrases which my mother tongue has appropriated in England and America.” (Cahan, b, 93)

¹³ “(...) the full *New Yorker* Profile treatment: a respectfully high number of long paragraphs containing a great many facts and sober declarative sentences.” (Kerrane, 439)

¹⁴ “*What inna namea of Christ is this* - in the fall of 1962 I happened to pick up a copy of *Esquire* and read a story called “Joe Louis: the King as a Middle-aged Man. The piece didn’t open like an ordinary magazine article at all.” (Wolfe, 10)

¹⁵ “[John] McPhee’s writing students, Preston said, are called McPhinos, and an astonishing 60 per cent of them become professional writers.” (Sims, 111)

daqueles que impeliram os seus predecessores, cem anos antes. Antes, todavia, de passar à análise detalhada dos textos do corpus, segue-se a análise de alguns conceitos importantes respeitantes a jornalismo e literatura e à evolução do jornalismo literário, especialmente no período em apreço e nos Estados Unidos.

Capítulo 1

O Jornalismo Literário

O título deste capítulo – “O Jornalismo Literário” – é no momento actual, e em termos de designação, no mínimo polémico. A existência de um tipo de escrita que dê pelo nome de jornalismo literário não está definitivamente estabelecida e é mesmo negada por sectores dentro do jornalismo e, por outros situados no domínio da literatura. Existe, porém, um sem número de textos que não pode ser convenientemente “arrumado” num ou noutro tipo de escrita e que, nos Estados Unidos, constitui um acervo não negligenciável quando se pretende estudar a escrita e os seus tempos.

O corpus desta tese situa-se nesse campo do jornalismo literário: como esta é uma designação longe de ser consensual, passaremos a analisar as razões que nos levaram a adoptar esta e não qualquer uma das outras propostas por diferentes autores, empreendendo para esse efeito uma revisão de literatura crítica existente sobre o assunto.

Procederemos inicialmente a uma revisão dos dois termos de raiz, jornalismo e literatura, de forma a apreciar resumidamente a evolução que os conceitos e a prática de ambos sofreram ao longo do tempo, para ajuizar da justiça da expressão que os combina, “jornalismo literário”, e da aplicação deste termo nos Estados Unidos. Recorreremos, assim, a ferramentas metodológicas da área dos estudos literários, bem como às dos estudos sobre jornalismo para podermos apreciar como, nas condições específicas existentes nesse país e, mais exactamente, no meio jornalístico nova-iorquino, se foram criando, ao longo do século XX, as condições que propiciaram o sucesso continuado junto dos autores, editores e público deste tipo de textos. Para tal, acrescentaremos ainda o que se foi registando simultaneamente a nível dos estudos sobre comunicação que, durante todo o século XX, registaram avanços notáveis.

1.1.

Jornalismo, Jornais e Notícias nos EUA – Breve resenha histórica

Jefferson himself once remarked that newspapers were more necessary than government itself, and he equated the technology of print and the protection of the rights of a free press with literacy and liberty. Patriotic historians even dated the birth of national consciousness from the publication of the first newspaper in Boston in 1704.

Dan Schiller

Como proposto anteriormente, para apreciar a expressão “jornalismo literário” será necessário inquirir acerca dos elementos que a constituem. Seguindo a sua ordem, começaremos por dedicar a nossa atenção ao primeiro termo – jornalismo. Teremos em conta não apenas o significado da palavra mas também a sua etimologia e a evolução sofrida ao longo do tempo, concretamente nos Estados Unidos.

Sendo assim, vejamos a entrada *journalism* no *Oxford English Dictionary*:

Journalism – [a.F. *journalisme* (1781 in Hatz-Darm)]

1. The occupation or profession of a journalist; journalistic writing; the public journals collectively. (OED)

Será útil também apreciar a etimologia e semântica de media, na medida em que o veículo para a publicação de textos jornalísticos – o *public journal* – é incluído nessa designação:

Media –

The modern sense of the word dates, interestingly enough, from its use in advertising trade journals of the 1920's, as in the phrase “advertising media”. But today the term is used interchangeably with the press or the journalistic profession, especially in the sense of investigative reporting. (Czitrom, 183)

There has probably been a convergence of three senses: (i) the old general sense of an intervening or intermediate agency or substance; (ii) the conscious

technical sense, as in the distinction between print and sound and vision as media; (iii) the specialized capitalist sense, in which a newspaper or broadcasting service – something that already exists or can be planned – is seen as a medium for something else, such as advertising. (Williams, a, 203)

As palavras jornalismo e *journalism* têm raiz etimológica latina – *diurna* – e desta raiz advém uma primeira referência semântica importante, *o que é relacionado com um dia*. Esta circunstância atribui-lhe um cunho de efemeridade, característica de muita da produção jornalística.

O âmbito desta tese não inclui uma pesquisa exaustiva sobre o jornalismo em geral; traçaremos, portanto, apenas uma muito breve resenha do percurso que tem vindo a traçar nos EUA, que nos permita ulteriormente situar o jornalismo literário dentro da grande tradição jornalística desse país. A fim de lhe dar um contexto histórico mais correcto e uma filiação num padrão cultural de origem, recuaremos inicialmente até aos tempos da Antiguidade Clássica e a precursores dos jornais ocidentais modernos na Roma Antiga:

Nonetheless, an awareness of such a concern did emerge in the Roman *acta* or gazettes. The *acta senatus*, or acts of the Roman senate, possibly date as far back as 449 B.C.E, according to the Roman historian Suetonius. They, along with the *acta diurna*, or acts of the day, were first made public by Julius Caesar in 59 B.C.E., their purpose fundamentally informational or discursive. It is of course from the *acta diurna* that our modern term journalism derives (...) (Hartsock, a, 83)

Além da etimologia latina da palavra, Hartsock acrescenta que em tempo dos Romanos se fazia a distinção entre diversos tipos de *acta*: a que registava as decisões do Senado – *acta senatus*; a que tinha como propósito publicar informação ou discursos relevantes – *acta diurna*; e a que registava histórias de interesse humano, sob a forma de ‘jornalismo’ narrativo ou mesmo sensacionalista – a *acta urbi*, a gazeta cidadina. Devido à variedade de publicações existentes no Império Romano – de índole jornalística, como as referidas, ou literárias – Wendy Griswold refere mesmo que: “We see the early stages of a reading culture in imperial Rome, (...)” (Griswold, e, 4). A autora define *reading culture* como: “A society where both the ability and practice of reading is necessary in order to be culturally competent and economically successful can be said to have a reading culture.” (*id.*, *ibid.*) e, mais ainda, explica que estas culturas de leitura são frágeis e que a sua sobrevivência não é garantida, tal como não foi no caso da Roma imperial.

A cultura de leitura necessita de documentos escritos (apresentados das mais diferentes formas) acessíveis ao público leitor: o desenvolvimento das formas de apresentação dos primeiros favorece o seu uso pelo segundo, desde que existam condições de outra ordem (económicas, por exemplo) que possibilitem a sua acessibilidade. O desenvolvimento da forma de publicação jornalística na Europa percorreria um caminho longo até se aproximar da versão impressa hoje conhecida. A invenção da imprensa foi um primeiro passo determinante em termos técnicos mas a verdadeira popularização dos jornais, ou dos seus antecessores mais próximos, as gazetas, ainda tardaria e seria permitido, não só pela questão tecnológica, mas também pela utilização do vernáculo (substituindo o latim do conhecimento erudito de acesso restrito) que proporcionaria o alargamento do público leitor em países como a Inglaterra nos primórdios do século XVII.

Mudando a nossa atenção para o Novo Mundo, justamente no início do século XVII aquando do estabelecimento das colónias da Nova Inglaterra, poderemos ressaltar que a palavra *journalism* começa a ser utilizada nos Estados Unidos, referindo a escrita dos *public journals*. Porém, o que era impresso nesses primeiros jornais era bem diferente do que é hoje em dia. A partir da independência e até aos anos de 1830, existiam basicamente dois fundamentos para a publicação de jornais – a política e o comércio:

From the revolution through the Civil War mercantile dailies and various political papers dominated journalism in America. But in the 1830's a new kind of newspaper arose to challenge the partisan and commercial press (...) The "penny papers" of this period, led by Benjamin Day's *New York Sun* (...) revolutionized the idea of news. They brought back the element of timelessness and gave new life to the old notion that the most important news is what the public looks for. With their big circulations and large advertising revenues, the penny papers could spend huge sums for procuring news from all over the country in speedy fashion. (Czitrom, 15)

Como refere este autor: "Newspapers of the colonial and early national period, usually weeklies or semiweeklies, printed the news as it arrived through the mails or by word of mouth. Very seldom did they seek out news." (*ibid.*, 14). O jornalismo de então não era proactivo mas aguardava que as notícias lhe chegassem, mantendo uma periodicidade algo errática. Aliás, seria difícil para a imprensa da época agir de outra forma, pois não tinha meios ao seu dispor que permitissem que a actuação fosse outra.

"In 1800 there had been approximately 235 newspapers of all kinds published in the United States, or about one for every 22,500 people; by 1899 the figures were 16,000

newspapers, or one for every 4,750 people” (*ibid.*, 18). Os jornais tinham sido poucos até à década de 30 do século dezanove e publicavam as notícias referentes a factos próximos, que lhes chegavam às mãos com alguma facilidade: as notícias provenientes de terras mais longínquas chegavam com o atraso inerente à velocidade do correio e das formas de viajar da época; as que eram provenientes de áreas vizinhas tendiam a ter um interesse prático de algum tipo (v. por exemplo a publicação regular de Benjamin Franklin, a partir de 1730, intitulada *Pennsylvania Gazette*). Ainda agora, no nosso tempo, a proximidade ao público tende a ser um dos critérios preferenciais para a selecção da matéria a publicar.

A somar ao crescimento do número de jornais na América oitocentista pode acrescentar-se: “(...) the shift in emphasis from editorial comment and preoccupation with affairs of government to wider fields of news and to more intimate human interest” (Mott, 412). Este historiador de jornalismo, acima mencionado, refere a alteração nos critérios de selecção da notícia, especialmente visível na *penny press*, que vai alargar exponencialmente o público-alvo dos jornais. O grupo de potenciais leitores extravasará, seja a minoria mercantil – interessada nas últimas cotações de um produto ou nas datas de chegada ou partida dos barcos –, seja o público partidário, consumidor das notícias da política, em jornais conotados abertamente com uma força. Destina-se ao público em geral, a um público mais heterogéneo, mais alfabetizado e urbanizado com interesses dirigidos para assuntos mais variados, inclusivamente os de *human interest*, “The public does prefer the dramatic, the picturesque, the romantic, the extraordinary (and this fact has even been pressed into a defense of the extreme kinds of ‘yellow journalism’)” (Anon., 323).

A *penny press* tinha obtido o nome no preço baixo que praticava, obtido graças aos reduzidos custos de produção, que iam caindo de ano para ano devido à introdução de tecnologia e à publicidade rendosa que divulgava. Essa designação era, porém, simultaneamente, algo pejorativa, em termos de qualidade do conteúdo da publicação e da vulnerabilidade face a quem realmente financiava a edição do jornal – os anunciantes:

The fundamental trouble is that too many newspapers are actually at the mercy of advertisers. The price paid by the reader is absurdly low. (...) The advertisers too often feel that they are really “subsidizing” certain newspapers – that they are not getting the full worth of their money in returns – and, of course, subsidizers have rights. (*ibid.*, 329)

A fidelidade dos jornais a uma facção política, tão comum na primeira metade do século XIX, é transferida: da lealdade a forças partidárias, passa-se à que é devida aos anunciantes, que permitiam que os jornais sobrevivessem e prosperassem, praticando preços baixos para o público, só possíveis porque eram financeiramente compensados pelas receitas provenientes da publicidade. Essa nova dependência é criticada pelo autor anónimo do artigo acima referido que, em 1908, questiona a possibilidade de manutenção de um jornalismo verdadeiramente objectivo, face ao poder detido pelos anunciantes.

Contudo, não eram só as receitas da publicidade que permitiam os baixos custos:

Other technological developments helped reshape the nineteenth century press too. Steam presses in the 1830's and later rotary presses of the 1890's allowed faster and larger press runs; linotypes developed in the 1880's introduced automatic typesetting; photoengraving, beginning with halftones in 1877, played an important part in the pictorial journalism and sensationalism of the 1880's and 1890's. (Czitrom, 18)

Em 1847, Richard Hoe inventa a *Hoe Rotary Press* que permite a impressão de 20 000 páginas por hora, uma produção inimaginável até ao momento. Mais lucros significam mais capital para investimento e, sendo assim, a *penny press* investe fortemente na recolha e publicação de notícias provenientes de todo o país e do estrangeiro. Essa recolha é facilitada pela aplicação prática de uma outra descoberta – o telégrafo: “The success of the first telegraphic line in 1844 opened the era of modern communication in America. Before the telegraph there existed no separation between transportation and communication.” (*ibid*, 3).

Morse enviou a primeira mensagem, na primeira linha telegráfica, em 24 de Maio de 1844: “What hath Goth wrought?”. A mesma pergunta pode ser posta em relação ao que a partir daí o Homem criou em termos de comunicação. A primeira prova prática dessa ‘criação’ nos EUA seguiu-se imediatamente: a Convenção Democrática decorria em Baltimore e, no exacto momento em que ocorreu nessa cidade, soube-se em Washington da nomeação de James Polk como candidato à presidência. Um jornal de Rochester, citado pelo estudioso dos media americanos acima referido, descreve a estranheza da comunicação instantânea à distância, enquanto espera a chegada da linha telegráfica à sua cidade: “The actual realization of the astonishing fact, that instantaneous personal conversation can be held between persons hundreds of miles apart, can only be fully attained by witnessing the wonderful fact itself.” (*ibid.*, 7).

Este novo meio fornece à indústria jornalística a possibilidade de recolha e comunicação de notícias mais eficiente até então. O esforço concertado de sete jornais nova-iorquinos resulta na formação da *Associated Press* – AP – agência noticiosa em moldes modernos, que recolhia e distribuía notícias aos seus associados desde 1849, quando ainda era chamada *Harbor News Association*, sendo renomeada AP a partir de 1852.

Esse acesso a matéria noticiosa era, na segunda metade do século XIX, facilitado em primeira-mão aos sócios da AP, que se relacionavam com as notícias de forma semelhante à que poderiam ter com qualquer mercadoria: a matéria noticiosa era propriedade de quem a podia pagar e o grupo restrito de membros da AP, seus detentores originais, decidiam a quem a deviam vender. A associação da AP com a Western Union, empresa praticamente monopolística na área do telégrafo no período pós-Guerra Civil, possibilitou o domínio do mercado informativo da época, ainda mais reforçado quando a agência e os seus clientes financiaram o primeiro cabo transatlântico:

Between 1880 and 1900, newspapers reached the stage of large organization and technical advance with which we are familiar today. Specialization in editorial functions, rationalized cooperative news gathering, the perfection of photoengraving, high speed presses and an upsurge in national advertising, made this period a watershed in the history of American journalism. (Czitrom, 92)

É interessante notar como uma novidade tecnológica – o telégrafo – consegue recolocar uma série de peças no puzzle do jornalismo como, por exemplo, a questão da subjectividade, central a todo o jornalismo:

- Pré-telégrafo → menor acesso a matéria noticiosa → tratamento da notícia mais dependente da subjectividade do jornalista individual;
- Pós-telégrafo → maior acesso a matéria noticiosa → tratamento da notícia como factó – preconizando o apagamento da subjectividade do jornalista individual.

The era of the fact-based journalism began at the end of the last [19th] century, when the advent of the teletype spawned national wire services that sold news to the broad spectrum of newspapers. To thrive, these wire services had to be equally valuable to liberal and conservative papers, church newspapers and ethnic-group newspapers, national and local papers. (Merry, 338)

As agências noticiosas, servidas pela rapidez de comunicação que o telégrafo proporciona, obtêm uma quantidade cada vez maior de informação, de referências a factos que irão ser trabalhadas de forma a constituírem notícia nos jornais. A forma como cada órgão apresentará a notícia dependerá, assim, das linhas editoriais do mesmo, que determinarão, não só como o farão, mas também quais serão abordadas. A facilidade na obtenção de “factos”, a matéria noticiosa principal, acarreta uma série de consequências, que conduzem a algumas questões acerca dessa vasta matéria factual a trabalhar:

- O que será considerado um facto noticioso – o que é importante para a sociedade como um todo?
- Quem determina o que é notícia – o próprio jornalista, o editor do jornal, outros intervenientes?
- Qual o estatuto das notícias que a sociedade estabelecida não considera ainda relevantes mas que reflectem processos, mesmo incipientes, de mudança a nível social, económico, científico, etc.?

Muitos factos anteriormente ignorados são agora explorados pelos jornais para satisfazer um público cada vez mais heterogéneo. Desde o seu início, nas décadas de 30 e 40 do século XIX, a *penny press* procura esse público alargado e, a partir das décadas de 80 e 90 do mesmo século, factores como a urbanização crescente de populações e a seccionação de audiências levam a um determinado tipo de jornalismo designado *yellow journalism*. Este foi introduzido em Nova Iorque por Joseph Pulitzer que adquiriu o *New York World* em 1883. Pulitzer foi acompanhado, a partir de 1895, pelo seu rival, William Randolph Hearst, proprietário do *New York Journal* a partir dessa data. É curioso lembrar como este tipo de jornalismo passou a ser assim designado e como, até nessa disputa, a rivalidade dos dois homens se reflectiu:

Called by its proponents “the journalism that acts” this kind of news was nicknamed “yellow journalism” after the main character of a popular cartoon in the *World*, whose costume was printed in bright yellow; after Hearst lured the cartoonist away, Pulitzer continued a version in the *World*, so that there were two “Yellow Kids” in the Sunday comics of both New York papers. (Frus, 242)

The “yellow press” marked another great epoch in newspaper evolution. Closely linked to the dramatic urban boom of the late nineteenth century, these papers erased the once sharp line dividing news and fiction. The rise of the human interest story changed the nature of news itself, investing in it a symbolic and universal flavor transcending time and place. (Czitrom, 117)

O *yellow journalism* envolve fronteiras ténues entre “news and fiction”, nas palavras de Czitrom. Assim, a acrescentar às notícias factuais que relatavam acontecimentos e que, segundo os jornalistas e editores, obedeciam a critérios de verdade, a notícia de ‘interesse humano’ é popularizada na imprensa em geral e na nova-iorquina em particular. Com este tipo de imprensa diária talhada para uma audiência que se tinha subdividido já em diversos grupos com interesses e educações diferentes, poderemos falar de um início das indústrias de tipo cultural. Décadas mais tarde, estas seriam apreciadas de forma negativa, por exemplo, pela Escola de Frankfurt, que viu nelas uma forma de aviltamento da cultura e de controle do público ou, alternativamente, como um campo de expansão da cultura em geral e de recepção criadora de significados e representações por autores como Fiske ou Stuart Hall.

Com todos estes progressos, Walter L. Hawley escrevia em 1899: “At the end of the century, journalism is the history of the world written day by day, the chief medium of enlightenment for the masses, the universal forum of scholar, sage and scientist.” (Czitrom, 18). Um século depois, Ginneken continua a referir que: “Journalism has been labelled the first draft of history” (Ginneken, 111).

A história, porém, não é algo que esteja definitivamente estabelecido; é actualizada a cada momento de formas diferentes, muitas vezes opostas. De Certeau esclarece: “History thus vacillates between two poles. On the one hand, it refers to a practice, hence to a reality, on the other, it is a closed discourse, a text that organizes and concludes a mode of intelligibility.” (De Certeau, 21). O ‘rascunho’ a que Ginneken alude pode também ser lido como a história de De Certeau – refere uma realidade mas também organiza a forma pela qual essa realidade se torna inteligível. A forma de organização da existência, que lhe confere uma determinada inteligibilidade, caracteriza cada um dos diferentes momentos do jornalismo, enforma-o e distingue-o de outros.

Nos finais do século XIX, o mundo dos jornais estava profissionalizado e constituía uma importante actividade económica. Essa dupla faceta – prodígio de informação/fonte de lucro e poder – é passível de ser confrontada através de textos da época. Enquanto Hawley, citado acima, se maravilhava com a faceta educativa do jornalismo contemporâneo, alguns jornalistas insurgiam-se contra o poder das grandes empresas jornalísticas rivais, por elas usado de forma abusiva. Upton Sinclair escreve em 1906:

“Not hyperbolically, but literally and with scientific precision”, wrote Upton Sinclair, “we define journalism in America as the business and practice of presenting the news of the day in the interest of economic privilege.” Upton Sinclair, *The Brass Check*. (Schiller, 213)

O próprio Sinclair no seu trabalho como jornalista usou as armas do jornalismo da época para atingir os seus objectivos, diferentes daqueles por ele ligados a “economic privilege”. Os artigos de investigação que escreveu em 1904 para o jornal socialista do Kansas *Appeal to Reason* (quando a sua circulação atingia meio milhão de exemplares), acerca da indústria de carnes em Chicago tornar-se-iam famosos. De facto, foram transformados na obra *The Jungle*, que é referida na introdução à sua publicação em 1981 por Morris Dickstein, como uma crítica a “the ethic of competitive individualism, which turned the urban landscape into a savage place, a jungle.” (Sinclair, ix).

Um anónimo continua, no mesmo tom, em 1909:

There are newspapers that are passionately denouncing gambling in all its higher and lower forms (including the mining and stock exchange varieties) in their editorial columns, that are calling loudly for rigorous legislation against demoralizing speculation while maintaining an open door, or several open doors and windows, for the benefit of all stock gamblers and get-rich-sharks. These are “moral” newspapers that publish quack advertisements and serve as media of vice and filth. (Anon., 333)

O poder da mensagem jornalística era compreendido e usado pelas empresas mas o seu verdadeiro alcance era mal apercebido pelo público em geral. O jornalismo era uma actividade económica e encarado sob essa perspectiva. O objectivo era publicar notícias, em jornais que fossem vendidos ao maior número possível de leitores. A actividade jornalística crescia e dividia-se em ramos diversos, pretendendo atingir uma audiência cada vez mais heterogénea; ao seguir esses diferentes caminhos, tanto falhou, como foi muito bem sucedida e mesmo sofrendo de todos estes males de crescimento, desenvolve-se e fortalece-se. O número de publicações e leitores aumenta e, conseqüentemente, o número de profissionais. A diversidade de oferta acompanha o alargamento do público leitor:

The widely copied “new journalism” of Joseph Pulitzer coupled reforming crusades with an emphasis on human interest stories and sensational accounts of violence, sex and scandal. William Randolph Hearst and his imitators made less of a pretence of reform; they concentrated instead on attracting circulation through the most lurid and gaudy techniques. New and cheap magazines also mushroomed in this era, using lavish illustrations and popular fiction to compete against the older, more staid journals. (Czitrom, 92)

Este jornalismo de “cruzada” era praticado, de forma diligente, por jornalistas que o Presidente Theodore Roosevelt nomeou (negativamente) de *muckrakers*. Porém, os jornalistas em questão não hesitaram em usar essa designação com orgulho e iniciaram uma tradição de jornalismo investigativo que continuou durante todo o século XX. O poder do jornalismo começou, assim, a ser utilizado com outros propósitos que não só a obtenção de lucro imediato para as empresas. Pelo contrário, passou a ser utilizado como um sistema de controlo e vigilância de interesses mais obscuros, de uma forma profissional e responsável, como preconizava Joseph Pulitzer: “I wish to begin a movement that will raise journalism to the rank of a learned profession, growing in the respect of the community as other professions far less important to the public interest have grown.” ((Carey, 153)

Joseph Pulitzer, the famed publisher, once said, “we are a democracy, and there is only one way to get a democracy on its feet in the matter of its individual, its social, its municipal, its state, is national conduct, and that is by keeping the public informed about what is going on. There is not a crime, there is not a dodge, there is not a trick, there is not a swindle, there is not a vice that does not live by secrecy. Get these things out in the open, describe them, attack them, ridicule them in the press, and sooner or later public opinion will sweep them away.” (Jensen, 21)

Os *muckrakers* e os seus sucessores, os jornalistas de investigação, têm-se dedicado a investigações aprofundadas sobre matérias que, em cada época, têm trazido a lume atropelos vários à legalidade ou às boas práticas, cometidos por grandes empresas (como nos artigos de Ida Tarbell para a *McClure's* sobre a “Standard Oil Company”) ou pelos políticos (como nos artigos de Bob Woodward and Carl Bernstein para o *Washington Post* no caso Watergate). Janeway opina que o efeito exercido sobre a sociedade americana revela a capacidade dos jornais e jornalistas de liderar campanhas que inflectem em determinadas direcções:

American journalism not so differently, worked as successfully as it did for decades because of its proximity to the mainstream. At the turn of the century, with class protest on the rise, the preference of the press was for noisy crusades against slum conditions and corrupt politicians, not for appeals to revolutionary ideologies. Both American politics and American journalism knew when to run ahead of the tide of protest. Hence the teaming of political Progressivism and journalistic muckraking. (Janeway, 9)

As razões que os críticos apontam para a existência e sucesso deste tipo de jornalismo de cruzada são diversas. Janeway infere que os propósitos são políticos: focando a atenção nos assuntos que mais directamente tinham a ver com a vida quotidiana, os leitores eram afastados de rebeldias a nível político. Dan Schiller, no seu livro *Theorizing Communication*, vê no movimento de *muckraking* a semente para o período pós-I Guerra Mundial:

The muckrake journalism of the Progressive Era, which made the wealth of the press a significant concern, also forged an important bond with the earlier traditions of popular criticism; a second tide of negative sentiment accompanied widespread awareness that extensive media manipulation had occurred during World War I. (Schiller, 41)

Tal como tinha sempre havido uma ligação a movimentos anteriores, também se estabeleceu uma ligação entre as formas de jornalismo existentes antes e depois da Grande Guerra. A consciência de que teria havido manipulação extensa e organizada dos media durante a I Guerra Mundial leva a uma reflexão teórica crescente sobre este mundo. A actividade académica de departamentos universitários que se debruçam, confrontam e divergem entre si tem resultados quase comparáveis no seu efeito sobre o desenvolvimento dos media, aos dos avanços técnicos que tinham tido lugar anteriormente e que iriam continuar a dar-se. Como desenvolvimento importante, o estabelecimento da área científica das ciências da comunicação tinha sido empreendido anos atrás nos Estados Unidos:

Research and scholarship on communication began as a cumulative tradition in the United States in the late 1880's when five people came together in Ann Arbor, Michigan. Two were young faculty – John Dewey and George Herbert Mead – and two were students at the time – Robert Park and Charles Cooley. The final element of the pentad was an itinerant American journalist by the name of Franklin Ford. (...) They saw in the developing technology of communications the capacity to transform, in Dewey's terms, the great society created by industry into a great community: a unified nation with one culture; a great public of common understanding and knowledge. This belief in communication as the cohesive force in society was, of course, part of the progressive creed. (Schiller, 143)

Esta visão optimista, da criação de uma grande comunidade unida por uma cultura a todos comunicada, é abalada por acontecimentos entretanto ocorridos, tanto a nível internacional – a guerra –, como nacional – com questões relativas ao desenvolvimento económico e à imigração.

Walter Lippmann publica em 1922 *Public Opinion*, texto que marca a área científica da comunicação. Depois da fé cega depositada nos factos, que os jornalistas até aí tinham demonstrado, Lippmann opina de forma diferente. “The key problem, as Lippmann saw it, was that people take as facts not what is, but what they perceive to be facts, a counterfeit of reality or a pseudo-environment (...)” (Lippmann, xvii):

Even as, with Lippmann, he assumed that propaganda was an efficacious and largely salutary means of organizing public opinion within democracies, Harold Lasswell nonetheless also clinically depicted “the propagandist’s bid for power”, not only in Germany but also in the United States, and in the service of not only national socialism but also corporate advertising. (Schiller, 43)

A “organização” da opinião pública por grupos informados que poderiam educar a população formando assim, segundo Lippmann, uma verdadeira opinião pública, apresentava consequências potenciais perigosas. O universo dos media, já enriquecido por esta altura pelo cinema e pela rádio, revelava-se um recurso fascinante e perigoso porque continha em si, como capacidades de influência e formação sem precedentes. O fenómeno da comunicação continuaria a ser estudado de forma mais sofisticada e o conceito é definido, nessa altura, da seguinte forma:

From such sources [Dewey and descendants in the Chicago School] one can draw a definition of communication of disarming simplicity, yet, I think, of some intellectual power and scope: communication is a symbolic process whereby reality is produced, maintained, repaired, and transformed. (Schiller, 23)

Os teóricos desta altura tinham determinado, em especial no pós-Grande Guerra, que comunicação era um processo que compreendia todos os passos que Schiller enumera: produção, manutenção, reparação e transformação da realidade, constatando que estes passos eram manipuláveis por forças como os propagandistas políticos ou as grandes empresas para fins determinados que lhes eram favoráveis.

A crescente vida académica à volta do jornalismo manifesta-se, não apenas através de publicações: a oferta de formação nesta área cresce nos inícios do século XX. Num artigo de 1931, Clarence E. Cason informa que “College instruction in journalism is about twenty-five years old in the United States”(Cason, 370). O autor refere os números respeitantes à oferta e o reconhecimento pelos pares dos programas de ensino em curso:

At present between 250 and 300 institutions of higher learning are breathlessly trying to teach some 12,000 students how to be successful newspaper reporters

and copy-readers. (...) Fewer than one-tenth of the colleges offering courses in journalism are recognized by the American Association of Schools and Departments of Journalism. (Cason, 372)

Estas escolas tinham começado a formar profissionais na área específica do jornalismo por volta de 1906, com académicos como Willard Grosvenor Bleyer, o fundador de um dos primeiros cursos de jornalismo – em 1906, na Universidade de Wisconsin – e de uma pós-graduação em 1922, utilizando como um dos textos base, *Public Opinion* de Lippmann. Já na altura existia, porém, grande controvérsia sobre o peso a dar à área prática e técnica, ou à científica (na área das Ciências Sociais e da Filosofia por exemplo). A polémica continua e sobre o relacionamento entre jornalismo e ciências da comunicação esclarece Hartsock:

In understanding the paradigmatic evidence, it is important to understand, and re-emphasize, that mass communication study has largely claimed the study and teaching of journalism for its own, and to some extent journalism in the academy has countered the embrace with its own. One reason is because journalism study could find scholarly respectability in mass communication study. Until the 1940s, journalism programs in universities "functioned as trade schools," according to James A. Crook, a communications scholar and editor of *Journalism & Mass Communication Educator*. (Hartsock, a, 236)

O estudo da comunicação, a partir dos anos 30 do século XX, desviou-se do cunho filosófico que tinha tido até então e envereda pelos caminhos das ciências sociais. Dentro destas, segundo Daniel Czitrom, quatro áreas foram exploradas em particular, devido a acontecimentos relevantes que assim o propiciaram:

- O uso da propaganda no período da Grande Guerra originou estudos científicos que tentaram compreender um fenómeno que tinha servido propósitos políticos e de ordem bélica, mas que seguidamente tinha causado uma onda de mal-estar e desconfiança entre o público que se sentia ludibriado por tal uso. Harold Lasswell foi um dos cientistas percursores nesta área;
- A pesquisa sobre a opinião pública - "Walter Lippmann, (...), shared with the propaganda analysts a concern that people acted increasingly not upon their knowledge of the real world but in response to the ubiquitous "pseudo-environments" communicated through the modern media." (Czitrom, 123);

- Um terceiro caminho foi seguido por estudos como os realizados pelo Payne Fund, que seguiram uma abordagem social e psicológica para estudarem empiricamente o impacto do cinema nos jovens;
- A quarta área foi a dos estudos de mercado.

Ainda no domínio das Ciências da Comunicação, Czitrom acrescenta:

For the most radical and elaborate American media theory, one must look to the work of two Canadians, Harold Adams Innis and Marshall McLuhan. They represent two wings of a body of speculation that locates the formal characteristics of communications media as the prime mover behind the historical process, social organizations, and changing sensory awareness. (Czitrom, 147)

A consequência desta evolução é a de que o jornalismo, especialmente a partir do início do século XX nos Estados Unidos, torna-se mais do que “any *authored* text, in written, audio or visual form, which *claims* to be (i.e. is presented to its audience as) a *truthful* statement about, or record of, some *hitherto unknown* (new) feature of the *actual, social* world.” (McNair, 4). A prática jornalística existe para o público como um elemento importante da vida quotidiana: “If one examines a newspaper under a transmission view of communication, one sees the medium as an instrument for disseminating news and knowledge, sometimes divertimento, in larger and larger packages over greater distances.” (Carey, 20). Porém, é mais do que um simples transmissor de notícias; Carey acrescenta a esta faceta de transmissor da comunicação, a igualmente importante faceta ritualística:

A ritual view of communication will focus on a different range of problems in examining a newspaper. It will, for example, view reading a newspaper less as sending or gaining information and more as attending a mass, a situation in which nothing new is learned but in which a particular view of the world is portrayed and confirmed. (*ibid.*, 20).

Retomam-se aqui os passos do processo da comunicação anteriormente referidos por Schiller, salientando o aspecto de produção e confirmação da realidade.

O jornalismo prossegue, entretanto, o seu caminho: num artigo de Bonnie Brennan refere-se que o historiador do jornalismo americano, F. L. Mott já citado, acentua três factores como mais relevantes na época entre as guerras: avanços tecnológicos, as grandes editoras e a cobertura jornalística das “grandes” histórias. Em Nova Iorque, dá-se a guerra dos tablóides durante os anos 20, do chamado *gutter journalism*. A

propriedade de muitas das publicações estava concentrada nas mãos de grandes magnates da imprensa, como William Randolph Hearst. A Depressão, entretanto despoletada, torna a vida de muitos Americanos e, conseqüentemente, de muitos jornalistas bem mais difícil. Michael Schudson, citado por Brennan, opina que, nesta época:

Schudson suggested that the Government's inability to deal with the Depression, coupled with pessimistic thoughts regarding democracy and capitalism, encouraged journalists to substitute objectivity, legitimated rules and procedures, for their previously "simple faith in facts". (Brennan, 205)

Devido a razões políticas ou outras, este foi um dos momentos em que a objectividade jornalística foi substituída por uma nova fé cega nos factos e o jornalismo americano parece ter sofrido um retrocesso de mais de 30 anos.

Esse regresso aos 'factos' foi utilizado como recurso: a sua simples recolha para publicação não pode substituir porém, segundo autores como Tuchman, o recurso à objectividade pois, de entre um universo factual existente, o jornalista tem sempre de exercer uma função de escolha de qual o facto a considerar para publicação em detrimento de outro(s).

Tuchman escreve "To journalists, like social scientists, the term 'objectivity' stands as a bulwark between themselves and critics." (*op. cit.*, 660). Esta estratégia da objectividade é central ao jornalismo e substitui a apologia da cobertura jornalística que apela ao valor do critério factual que, em ocasiões memoráveis, como a da primeira eleição de F. D. Roosevelt para a presidência dos Estados Unidos, provou ser absolutamente falível.

O mundo do jornalismo não deixa de continuar a reflectir sobre si mesmo, apesar de todas as dificuldades entretanto acrescentadas de um factor importante – a II Guerra Mundial. O período do pós-guerra acentua a importância da imagem que os jornais dão da realidade. Essa imagem vai servir diversas causas políticas, estratégicas, sociais e económicas; as causas são várias e os jornalistas falam, naturalmente, a muitas vozes. E, cada vez mais, por exemplo segundo Hallin, na sua própria voz:

All of this was beginning to change journalism substantially by the late 1960's. Journalists were becoming bolder about challenging political authority, as they did most dramatically by publishing the Pentagon Papers. And more profoundly, the old model of "objective journalism" was giving way to a more active, mediated, journalist-centered form of reporting (...) (Hallin, 18)

A intervenção cívica é reforçada com o aparecimento do *civic* ou *public journalism* nos anos 90 do século XX: “Civic/public journalism refers to efforts by the news media to revitalize public life by engaging citizens in the process of agenda-setting.” (Bowman, A-3). O envolvimento do cidadão nos assuntos que vê retratados nos jornais é o objectivo desta forma de jornalismo, que tem uma especial relevância a nível de jornais que lidam com assuntos locais, com matérias que dizem directamente respeito à vida desses mesmos cidadãos.

Por último, o aparecimento do hipertexto e de um meio novo para a publicação de notícias, sem suporte de papel mas através da *World Wide Web*, tem revolucionado o jornalismo a todos os níveis, desde a facilidade no acesso, à participação do público ou à velocidade da difusão, entre outros aspectos. O próprio texto assume características totalmente diferentes:

By definition, linear writing is two-dimensional. Words go across the line and the lines flow down the page. Hypertext, on the other hand, is three-dimensional; it gives writing depth. (...) Hypertext links allow any word or phrase to be linked to additional information. (Grafton, 724)

O suporte utilizado há séculos – o papel, e a distribuição dos jornais, que continuava a acarretar o transporte físico, deixaram de ser únicos. Tal como se passa com a radiodifusão ou a televisão, o meio utilizado como suporte está junto do leitor. Mais ainda: este meio permite interactividade e acesso imediato em rede a múltiplas fontes de informação.

O jornalismo tem evoluído e, naturalmente, não é agora o mesmo que era há 100 ou 300 anos, quando o primeiro jornal local foi publicado em Boston, nos Estados Unidos. Como referido na epígrafe destas páginas sobre jornalismo, o que vem nos jornais tem muito a ver com a “national consciousness”. A importância, que Thomas Jefferson atribui aos jornais e ao poder que eles têm, começa em algo tão simples como os cinco *w*'s referidos aqui por Tuchman:

To some extent the newsman's difficulties are mitigated by the familiar formula that news concerns “who, what, when, where, why and how”. These “five w's” are called the most “material facts” about a story. Thus, if the newsman can claim he has led with the “most material things”, he can claim he has been “objective”. (Tuchman, 671)

A forma como em cada momento se ordena e manifesta esse conjunto dos cinco *w*'s tem sofrido muitas modificações ao longo do tempo. McNair esclarece:

What journalism is, or aspires to be, is revealed truth, *mediated reality*, an account of the existing, real world as appropriated by the journalist and processed in accordance with the particular requirements of the journalistic medium through which it will be disseminated to some section of the public. (McNair, 9)

O jornalismo é uma realidade “mediada”, um relatar da realidade como ela foi apropriada por um jornalista. O jornalista baseia-se nos factos, arma-se das estratégias da objectividade e escreve; ao filtro que o jornalista representa, pode acrescentar-se o filtro do meio da escrita. Alguns jornalistas/escritores acrescentaram-lhe outras técnicas de escrita literária. Para melhor perspectivarmos essa inclusão de técnicas literárias, faremos seguidamente uma breve resenha da outra componente da expressão jornalismo literário: a literatura.

2. LITERATURA

2.1. Definições e evolução do conceito de literatura

Literatura tem sido um conceito em evolução ao longo de milénios e, ainda hoje, não é estático nem imutável. Actualmente, é matéria praticamente consensual que os textos e os discursos¹⁶ estão claramente ligados ao seu tempo e às condições de produção. As diferentes definições, que de literatura foram dadas ao longo do tempo, deverão ser esclarecidas cuidadosamente antes de se poder responder à questão formulada; sem se determinar conceptualmente o que é Literatura, não se poderá responder à questão se ela inclui ou não o jornalismo literário.

Porém, o que a Literatura é depende do momento histórico de definição do seu conceito, do autor ou da fonte consultados. Assim vejamos: no *Oxford English Dictionary*, edição de 1961, na entrada *literature* poderemos ler:

Literature

1. Acquaintance with letters or books; polite or humane learning; literary culture. Now rare and obsolescent.
2. Literary work or production; the activity or profession of a man of letters.
3. Literary productions as a whole; the body of writings produced in a particular country or period, or in the world in general. Now also in a more restricted sense, applied to writing which has claim to consideration on the ground of beauty of form or emotional effect.
- b. The body of books and writings that treat of a particular subject. (Vol. VI, *OED*)

Na *New Enciclopedia Britanica, Macropedia*, edição de 1993, leremos:

Literature – a body of writing by a people or peoples using the same language. The term itself, derived from the Latin word *Littera* (“letter of the alphabet”); *litterae*, (“letters”) is ancient enough; but in ancient times literature tended to be considered separately in terms of writing, or genres, as they came to be called in the 18th century when the term literature took on its modern meaning. Thus Aristotle’s *Poetics*, though it is concerned with and gives examples from Greek epic and dithyrambic poetry and comedy, has as its central concern tragedy. (p.77)

¹⁶ Aqui tomado segundo a definição de Terry Eagleton para discurso literário: “a network of signifiers able to envelop a whole field of meanings, objects and practices.” (Eagleton, 175)

Nesta segunda definição, torna-se clara a evolução operada no conceito de literatura entre a correspondente entrada de dicionário e, seguidamente, na de uma enciclopédia, ambas obras de referência, ao longo de uns meros trinta anos. Se recorrermos a especialistas na matéria e não a obras gerais como dicionários ou enciclopédias, logo veremos em maior detalhe a evolução que tem tido e constataremos as modificações operadas, fruto dos diferentes relacionamentos e concatenações entre autor, obra e meio.

Aristóteles escreveu na *Poética* :

Falaremos da arte poética em si e das suas espécies, do efeito que cada uma destas espécies tem; (...) A epopeia e a tragédia, bem como a comédia e a poesia ditirâmica e ainda a maior parte da música de flauta e de cítara são todas, vistas em conjunto, imitações. Diferem entre si em três aspectos: ou porque imitam por meios diversos ou objectos diferentes ou de outro modo e não do mesmo. (...) Todavia, a [arte] que imita apenas com palavras em prosa ou em verso, podendo misturar-se diferentes metros ou usar um único, chegou até hoje sem nome. (Aristóteles, a, 37/8)

Adiante este autor escrevia: “Pelo exposto se torna óbvio que a função do poeta não é contar o que aconteceu mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verosimilhança e da necessidade.” (Aristóteles, a, 54). Assim um dos primeiros autores da nossa civilização ocidental a teorizar sobre literatura, ainda designada de *Poética*, prescreve que esta é uma forma de imitação do que pode acontecer com meio, objecto e modo próprios, segundo as leis da probabilidade ou necessidade.

Séculos mais tarde, Sir Philip Sydney escreveria, em *An Apologie for Poetry*, publicado postumamente pela primeira vez em 1595, em duas versões, o seguinte texto com muitos pontos em comum com Aristóteles:

Poesy therefore is an art of imitation, for so Aristotle termeth it in the word *mimesis*, that is to say a representing, counterfeiting or figuring forth-to speak metaphorically, a speaking picture; with this end, to teach and delight. (...) go to the third, indeed right poets, of whom chiefly this question ariseth. (...) For these third be they which most properly do imitate to teach and delight, and to imitate borrow nothing of what is, hath been, or shall be; but range, only reined with learned discretion, into the divine consideration of what may be, and should be. (Sydney, 101/2)

Este autor acrescenta ainda uma noção extremamente avançada para a sua época e que teria ressonâncias importantes no século XX, quando teóricos da literatura apontam para o facto de que o texto literário é uma entidade autónoma, que estabelece as suas

regras próprias e internas de veracidade, independentemente da distinção verdadeiro-falso do mundo em que é produzida: “Now, for the poet, he nothing affirms, and therefore never lieth.(...) And therefore, though he recount things not true, yet because he telleth them not for true, he lieth not – (...)” (123/4). Os conceitos de veracidade comuns não se aplicam ao conceito de poesia (literatura) de Philip Sydney, pois a veracidade do texto estabelece-se dentro dele e com as suas próprias regras organizativas.

Sir Francis Bacon continua na mesma esteira e em *The Advancement of Learning*, publicado em 1605, argumenta: “Therefore, because the acts or events of true history have not that magnitude which satisfieth the mind of man, poesy feigneth acts and events greater and more heroical.”(in Adams, 183). Na linha aristotélica, Bacon preconiza que a poesia retrata actos ou personagens ideais, melhores e superiores.

A palavra, poeta, deriva etimologicamente de *poiesis*, fazer: para Ralph Waldo Emerson, no ensaio “The Poet”, publicado em 1844: “The poet is the sayer, the namer and represents beauty.” (in Baym, 1075). E o autor escreve ainda: “For, the experience of each new age requires a new confession, and the world seems always waiting for its poet.” (in Baym, 1076)

Porém, “poetry was all written before time was” (*ibid.*, *ibid.*) e o poeta de cada época limita-se a ser aquele que tem a capacidade de escrever o que já existe desde o princípio dos tempos na Natureza: “He is the true and only doctor; he knows and tells; he is the only teller of news, for he was present and privy to the appearance which he describes.” (*ibid.*, 1075)

Aqui Emerson refere-se claramente à interligação entre a literatura e o seu tempo – “each new age requires a new confession”. O recurso a tempos passados existe, mas a nível da linguagem usada: “The poets made all the words, and therefore language is the archives of history, and if we must say it, a sort of tomb of the muses. (...) Language is fossil poetry.” (*ibid.*, 1080) A linguagem é um repositório de sentidos passados, aos quais constantemente são acrescentados aqueles que representam a sua actualização e que, deste modo, contribuem também para a actualização daquilo que a literatura é nesse momento.

Walt Whitman escreve no Prefácio a *Leaves of Grass*, em 1855:

A great poem is for ages and ages in common and for all degrees and complexions and departments and sects and for a woman as much as a man and a

man as much as a woman. A great poem is no finish to a man or a woman but rather a beginning. (*in Baym, 2046*)

Naturalmente que, através do tempo, muitas regras se foram alterando no âmbito da literatura, dos temas, das formas e das personagens ou leitores. A recepção do poema era concebida por Whitman como um começo, dependendo do leitor, homem ou mulher, que dele construiriam o seu próprio texto. Neste excerto lê-se, ainda, a diferença existente entre a imagem de género (homem-mulher) para este autor e para o primeiro pensador acima referido, ainda hoje considerado um dos pais da literatura. De facto, Aristóteles escreveu em *Poética*, quando referia carácter:

No que diz respeito aos caracteres, há quatro aspectos que se devem ter em vista, e o primeiro e mais importante é que os caracteres sejam bons. (...): uma mulher pode ser boa e bem assim um escravo, embora aquela seja talvez um ser inferior e este inteiramente vil. O segundo aspecto a tomar em conta é que os caracteres sejam apropriados: um carácter pode ter valentia mas não é próprio de uma mulher ser valente e esperta. (Aristóteles, a, 67)

A literatura não tem sido, naturalmente, independente do mundo, das mudanças que se têm processado, alterando as relações entre os homens e os juízos de valor que estes emitem entre si, conforme a posição que ocupam na escala social da época. O conceito de literatura tem por isso sofrido alterações e para elas tem contribuído, de forma fundamental, esse processo de mudança social que mais abaixo se desenvolverá, explicitando que foi, também, um processo de *alterização*.

Regressando a uma breve visão histórica dos conceitos de literatura e de outros temas pertinentes para a delimitação da mesma, vejamos agora a opinião do eminente crítico inglês, Matthew Arnold. Este escreve no Prefácio à *Edition of Poems* de 1853:

What are the eternal objects of poetry, among all nations and at all times? They are actions, human actions, (...) The poet, then, has in the first place to select an excellent action; and what actions are the most excellent? Those, certainly, which most powerfully appeal to the great primary human affections. (...) The modernness or antiquity of an action, therefore, has nothing to do with its fitness for poetical representation; this depends upon its inherent qualities. (*in Adams, 587*)

Arnold ancora os grandes momentos da literatura ao tempo da Grécia Antiga que ele elogia, considerando-a o momento em que melhor se retrataram as acções em si, colocando-as num passado remoto e afastado, de forma a desembaraçar a acção poética das limitações do presente. Para Arnold:

The confusion of the present time is great, the multitude of voices counselling different things bewildering, the number of existing works capable of attracting a young writer's attention and of becoming his models, immense: (*in Adams, 589*)

Este autor confronta-se com a multiplicidade de vozes característica das sociedades industriais e modernas. A dissonância dessas vozes é, para ele, incomodativa e causadora de distração e dispersão: a unidade de vozes do tempo da Grécia Antiga constituía um ideal perdido mas que era necessário reencontrar. Tal não iria, porém, ser possível: pelo contrário, a dissonância de vozes constatada por Arnold era já quase um prenúncio de tempos pós-modernos.

Até esta altura, podemos constatar que literatura consiste numa produção de textos feita por um poeta, fazedor de sentidos e “*nomeador*”, pois é ele que utiliza melhor as palavras, as enche de sentido, as usa para construir um universo do que “deve ser”, onde, por um lado, não há mentira porque o autor não expressa pretensões de verdade mas onde, por outro lado, se exprime o que existe de mais genuíno, porque é fundamental e único: as acções humanas mais ligadas aos afectos desses mesmos homens.

Todavia, como escreveu Michel De Certeau:

A structure belonging to modern Western culture can doubtless be seen in this historiography: *intelligibility is established through a relation with the other*; it moves (or “progresses”) by changing what it makes of its “other”! – the Indian, the past, the people, the mad, the child, the Third World. (De Certeau, 3)

O tradutor para inglês de *The Making of History*, afirmou na *Translator's Introduction*: “Historiography in general, he [De Certeau] argued, has arisen from the European encounter with the unknown other.” (De Certeau, vii).

O encontro com o “outro” e a sua visibilidade vão progressivamente impedir uma base cultural única, que permita que autores e leitores se encontrem num terreno comum, no qual se podem, sem lugar a mal-entendidos ou dúvidas, produzir e consumir mensagens expressas em textos literários, relativas àquilo que “deve ser”. Virginia Woolf lamentaria a perda de tal sintonia, como refere Wayne Booth em *The Rhetoric of Fiction*:

Virginia Woolf, for example, was haunted by the sense that older writers could depend upon an audience with public norms, while she must construct her private values as she went, and then impose them, as she went, without seeming to do so, on the reader. (Booth, 273)

Assim, a alteração no conceito de literatura coincide com um crescente encontro com o “outro”: ‘outro’ homem, a ‘outra’ mulher, o ‘outro’ texto: todos aqueles que não pertenciam a grupos homogêneos, dominantes, reguladores.

Se considerado sob este prisma da alteridade, o texto do jornalismo literário é um ‘outro’ texto e, no caso presente, sobre os ‘outros’. Na realidade, ele é um texto excluído do cânone literário. Se cada autor escreve aquilo que a cultura da época ‘permite’ que ele escreva, então a escrita jornalística literária é uma transgressão permitida por uma cultura em mudança. Esta cultura tem estruturas suficientemente flexíveis para ‘permitir’ esta escrita que, porém, é um gênero que ainda não se instalou o suficiente – o futuro confirmará ou não esta hipótese – para se transformar num verdadeiro gênero literário, por todos aceite. A par de outras formas de expressão artística que foram crescendo e desenvolvendo-se ao longo do século XX – o cinema, a rádio, a televisão e todo o tipo de “produtos” que estes media e outros veiculam – o jornalismo literário desenvolveu ao longo do século um tipo de texto que não correspondia a normas instituídas. Pretendia, acima de tudo, deixar de corresponder à definição corrente de que, *journalism is literature in a hurry*.

Arnold lamentava a perda da uniformidade de regras de escrita e Woolf a perda de um público homogêneo; tais factos eram, porém, inevitáveis – o acréscimo das audiências consumidoras de textos escritos de todo o tipo consagraria a produção de textos que já não correspondiam ao conceito tradicional de literatura.

Em 1921, é publicado *The Craft of Fiction* de Percy Lubbock; nesta obra o autor faz a seguinte afirmação: “How a novelist finds his subject, in a human being or in a situation or in a turn of thought, this indeed is beyond us (...) For this reason we judge the novelist’s eye for a subject to be his cardinal gift.” (Lubbock, 23). Se bem que este autor estivesse a tratar “not the simple art of narrative, but the comprehensive art of fiction” (*ibid.*, 62), é de realçar que ele se refere à dificuldade de localizar a origem do motivo que o romancista vai tratar. A origem da inspiração esteve desde cedo ligada a inspiração divina, a mitos, a musas e Lubbock continua nessa esteira. Em tempos de conhecimentos mais limitados, tanto em variedade, como em simples extensão geográfica, os autores recorriam muito à busca longínqua (no tempo e no espaço) de temas. Com o século XIX e o desenvolvimento do romance, já estes se aproximam dos “seres humanos, das situações ou da riqueza do pensamento” ou seja: desde essa altura que a obra literária se aproxima com maior frequência das vidas dos cidadãos

próximos, semelhantes ou diferentes dos autores. O romance naturalista nos Estados Unidos desenvolveu ainda mais essa ligação do criador literário à vida de todos os concidadãos e aos processos sociais e laborais experimentados por todos. Alguns autores viam o seu trabalho da forma que Christopher Wilson descreve num artigo:

In the confident years of the Progressive Era, popular naturalists (...) described literary endeavour as a skill based in professional dedication. They said that authorship was not a matter of inspiration but of rigorous working habits, a watchful eye on market demand, and a sense of one's responsibility to the public. (Wilson, 511)

Tal como os temas que as obras literárias, nomeadamente o romance, versavam, também os próprios criadores dessas obras, os *popular naturalists*, tendiam a aproximar-se dos seus contemporâneos através de ritmos e métodos de trabalho idênticos. Tal afirmação lembra a distinção feita por Roland Barthes no artigo “Escritores e Escreventes”: “O escritor cumpre uma função, o escrevente uma actividade” (Barthes, 207); acrescenta ainda que o escritor age de forma imanente ao objecto (a linguagem); “O paradoxo é que tornando-se o material de certo modo o seu próprio fim, a literatura é no fundo uma actividade tautológica” (*ibid.*, 207). É referido na página seguinte: “em suma, a literatura é sempre irrealista, mas é o seu próprio irrealismo que lhe permite levantar, muitas vezes boas questões ao mundo” (*ibid.*, 208). Patenteia-se aqui uma clivagem clara entre conceitos opostos do que é literatura, quais são as características que regem a sua criação, a relação que é estabelecida entre a obra, o seu criador, o código que utiliza e o público a que se destina.

Barthes distanciaria assim, ao contrário dos naturalistas americanos, a literatura da realidade, afirmando a obra literária como “um produto ambíguo do real, ao qual está sempre ligada com distância” (*ibid.*, 208). O distanciamento ou a ambiguidade não implicam, naturalmente, menor riqueza da obra literária em si; Gérard Genette esclarece acerca deste ponto: “Uma significação nova não é forçosamente um sentido novo: é uma nova ligação da forma e do sentido. Se a literatura é uma arte das significações, ela renova-se, (...)” (*in* Prado Coelho, 384). A literatura continua, para este autor, a definir-se pela riqueza das significações, pela remoção do universo criado pelo texto literário do mundo do real: é verosímil, obedecendo a exigências que desde a crítica clássica ordenavam a obra literária para assim se poder dar a aceitação pelo público, mas não correspondia a noções correntes de verdadeiro ou falso nem o poderia fazer. Aliás, Genette salienta que, mesmo na escolha de tema das obras, serão aquelas

ditas menores que mais recorrerão “aquilo a que a retórica antiga chamava tópica, quer dizer o tesouro dos assuntos e das formas que constituem o bem comum da tradição e da cultura” (*in* Prado Coelho, 384).

Porém, o que acontece quando o “bem comum da tradição e da cultura” dificilmente dá conta do que se passa à volta dos criadores, dos escritores? Podemos por exemplo colocar esta questão quando o encontro com o “outro” a que De Certeau se referia, se passa a dar diariamente e não no terreno do outro mas no espaço do próprio que todos partilham e constituem, como no caso dos EUA. Perante tal variedade de ‘bens comuns’, seria de esperar que géneros utilizados pela “arte das significações” se ampliassem, pelo menos tanto quanto as novas possibilidades de acções para imitar ou de agentes pessoais com variado pensamento e carácter, geradores de enredos. Relembremos que a forma de organização dos incidentes constituintes do enredo, não é senão a imitação da acção e, se esta se diversifica, também aqueles se multiplicarão.

Na obra *Genres in Discourse*, Tzvetan Todorov debate o que é literatura e refere duas possíveis definições de literatura que conjuga nesta frase na qual estabelece a oposição entre conceitos divergentes: “Literary usage is no longer defined by its systematic (and thus autotelic) character, but by fiction, by propositions that are neither true nor false.” (Todorov, 7). Mais abaixo, citando Northrop Frye, o autor citado alarga muito o conceito de universo literário: “Our literary universe has expanded into a verbal universe.” (*ibid.*, 11). Demonstrando a dificuldade na definição do conceito de literatura, recorrendo a Condillac, Todorov refere mesmo: “The more the languages that deserve to be studied have increased in number, the harder it is to say what one means by poetry, because each people creates a different idea of poetry.” (*ibid., ibid.*).

Tal como o conceito de literatura é determinado pelo momento da sua enunciação, o de género é-o de forma quicá mais marcada: “The literary genres, indeed, are nothing but such choices among discursive possibilities, choices that a given society has made conventional.” (*ibid.*, 10). O crítico faz corresponder o aparecimento dos géneros literários ao tempo da sua produção, localizando os modelos de escrita literária no tempo e fazendo-os dele depender: as possibilidades discursivas de cada época determinam os géneros que continuam a existir, que desaparecem ou que surgem resultando da evolução de géneros anteriores (v. o romance do século XIX). Será de interesse ainda lembrar a distinção feita por Carlos Reis entre dois tipos de géneros narrativos: “categorias abstractas, universais literários desprovidos de vínculos históricos rígidos – os modos: lírica, narrativa e drama – e categorias historicamente

situadas e apreendidas por via empírica – os géneros: romance, conto (...)” (Reis, 187). Será este segundo tipo de género que referiremos ao longo desta tese.

Assim, pouco a pouco, as definições mais estreitas de literatura têm vindo a tornar-se mais inclusivas ao longo do tempo para alguns críticos. Vejamos o que Lewis Turco escreveu em 1999 em *The Book of Literary Terms*:

Other genres of literature, including fiction, drama, and poetry, are sometimes called the genres of “creative writing” or *writing arts*, but of recent years the term *creative nonfiction* has been deployed to indicate that certain nonfiction subgenres utilize many of the same “creative writing” techniques: *parafiction* is written as though it were a novel or short story, like the novel-cum-biography of Truman Capote (1924-1984), *In Cold Blood*; *metanfiction* is nonfiction about nonfiction. This article itself is an example of metanfiction. (Turco, 112)

Turco refere a extensão de técnicas de escrita literária ao domínio não-ficcional. Mais ainda, recorrendo aos novos historicistas, como Stephen Greenblatt, poderemos constatar que a própria hierarquização rígida de textos em literários e não literários não é consensual, mas que aqueles se incluem “amid the discursive practices and institutions of the period, (...)” (Culler, 130). Aliás, o próprio conceito de texto não é, de forma alguma, incontroverso; muitos autores escreveram e teorizaram sobre o tema e continuam a fazê-lo. Para ser possível esclarecer qual o conceito a ser aplicado nesta tese, será interessante atentar no que Stanley Fish escreve a tal propósito:

Mine is not an argument for an infinitely plural or an open text, but for a text that is always set; and yet because it is not set for all places or all times but for wherever and however long a particular way of reading is in force, it is a text that can change. (...) We are never not in a situation. (...) A sentence is never apprehended independently of the context in which it is perceived, and therefore we never know a sentence except in the stabilized form a context has *already* conferred. But since a sentence can appear in more than one context, its stabilized form will not always be the same. (in Adams, pp.1202/1205)

Assim o texto escrito, como é o caso dos que iremos analisar, existe sempre em situação, dentro do grande universo intertextual¹⁷, a sua existência depende dos outros elementos constituintes desse grande universo:

According to the structuralists, the norm for verisimilitude is established by previous texts-not only actual discourses, but the “texts” of appropriate behavior

¹⁷ “Recent theorists have argued that works are made out of other works: made possible by prior works which they take up, repeat, challenge, transform. This notion sometimes goes by the fancy name of intertextuality.” (Culler, 33)

in the society at large. Verisimilitude is an “effect of corpus” or of “intertextuality” (hence intersubjectivity). (Chatman, 50)

O texto escrito existe, ainda, no âmbito de um discurso de poder, que Foucault descreve da seguinte forma:

What makes power hold good, what makes it accepted, is simply the fact that it doesn't only weigh on us as a force that says no, but that it traverses and produces things, it induces pleasure, forms knowledge, produces discourse. It needs to be considered as a productive network which runs through the whole social body. (Rabinow, 61)

O discurso estabelece uma norma, que posiciona limites que dividem o que é permitido e correcto do que não o é, limites que porém existem, por vezes, para serem ultrapassados dentro das possibilidades discursivas extremas. Sob este ponto de vista não é de grande importância discernir entre o que é ou não literário pois tal não é uma condição que esteja permanentemente determinada. Terry Eagleton refere nesse domínio: “Some texts are born literary, some achieve literariness, and some have literariness thrust upon them.” (Eagleton, a, 7)

The relations between literature and history must be rethought. (...) ‘Non-literary texts’ produced by lawyers, popular writers, theologians, scientists and historians should not be treated as belonging to a different order of textuality. Literary works should not be regarded as sublime and transcendent expressions of the ‘human spirit’, but as texts among other texts. We cannot now accept that a privileged ‘inner’ world of ‘great authors’ is to be set against the background of an ‘outer’ world of ordinary history. (Selden, 163)

A tendência histórica tem assim vindo a tornar o conceito de literatura mais abrangente. A par da evolução da teoria literária regista-se também uma modificação acentuada no público leitor. Pode ler-se na introdução à tradução portuguesa da versão francesa de *Morfologia do Conto* de Vladimir Propp:

Na esteira da *Morfologia do Conto* merece particular atenção o esforço feito nestes últimos anos no sentido do alargamento da metodologia de Propp a outras estruturas narrativas e a estruturas que, embora não sejam à primeira vista propriamente narrativas, são susceptíveis de narratização. A importância cada vez mais considerável do texto de massa, que, desde a última Grande Guerra, invadiu o mercado dos bens culturais exige hoje uma metodologia susceptível de pôr em relevo o código relativamente estereotipado que preside à sua produção. (...) Novos géneros narrativos são assim criados e explorados comercialmente; o conhecimento da sua estrutura, com finalidades pedagógicas e políticas indiscutíveis, pressupõe o estudo aturado da sua morfologia interna, à

semelhança do trabalho de Propp sobre os contos populares russos (...) (Propp, 19/20)

Poderemos então interrogar-nos se uma metodologia inspirada na de Propp será viável para o estudo do jornalismo literário, sem dúvida constituído por “textos de massa”. Esta questão será colocada, mesmo ressalvando o facto de que os textos do jornalismo literário poderão não ser considerados literários, já que não cumprem pelo menos o critério de ficcionalidade para colocação de textos no âmbito da literatura.

O texto não-ficcional, chamando-se ele ou não um texto jornalístico literário, será particularmente fértil para um tipo de leitura cultural. O contexto “normal” está sempre presente e indica quais os critérios utilizados para determinar o que não é considerado como tal na época em que foi escrito. Um dos objectivos desta tese será comparar essas diferentes normas, a forma como se alteraram ao longo de um século; será relevante fazê-lo ao longo de um século que assistiu a um crescimento do ‘género’ e aplicando a análise a textos escolhidos, seguindo um critério que pretende a obtenção de um *corpus* com algumas características essenciais uniformes. Essa uniformidade parcial permitirá pôr em evidência as diferenças, dependentes de duas ordens de factores:

1. Sociais e conjunturais, ligados ao ambiente social de uma determinada época ,
2. Individuais, relativas a um criador.

Tais diferenças poderão manifestar-se nos seguintes níveis, decorrentes da conjugação variável das duas ordens de factores acima referidos:

- A nível intradieético: apesar da uniformidade de localização geográfica – Nova Iorque – o panorama humano citadino constante nos artigos é desigual;
- Meio de publicação inicial em periódicos, jornais ou revistas;
- Escrita – de tipo jornalístico/literário, com preocupações e técnicas de escrita literária e temática que partilha da exigência jornalística de novidade para o leitor, porém destinando-se não só a relatar essa novidade mas a contextualizá-la, dando conta da forma como essa novidade vai gradualmente alterando o “contexto normal”.

Não é fácil responder à questão colocada pelo título deste capítulo, acerca da existência de um jornalismo literário. Se considerarmos uma das características fundamentais apontadas ao texto literário, a de ser ficcional (versando temas para lá da simples

realidade, temas elevados, longe da realidade comezinha e actual), então este jornalismo não se pode arrogar a qualidade de literário. Porém, não será esta uma condição ditada por uma série de críticos e teóricos imersos numa realidade diferente e que por isso mesmo, como é agora amplamente reconhecido, se limitavam a escrever o que podiam pensar, aquilo que era aceite e aceitável na sua época?

Por um lado, o tipo de análise destes textos que nos propomos levar a cabo será principalmente cultural: não temos, por isso, a veleidade de determinar a inclusão ou exclusão em definitivo deste tipo de texto no âmbito da literatura e muito menos num cânone literário ocidental. Por outro lado, estes artigos não se filiam numa literatura de aventuras ou do contacto com o “outro” em localizações singulares: o encontro com o “outro” não se dá em terras distantes ou exóticas mas em Nova Iorque, e o “outro” vive ou trabalha na rua ou na casa ao lado, festeja e lamenta-se nas mesmas ruas que todos cruzam sendo a frequência e possibilidade de encontro não esporádica, mas frequente.

O distanciamento físico em relação à personagem exótica aumenta o carácter de aventura e salienta o encanto que deve permanecer misterioso e insondável, da personagem em acção em situações diferentes e longínquas. A proximidade da vida quotidiana inspira abordagens diferentes, a verosimilhança dos temas aproxima escritor, leitor e personagens, que se encontram em localização comum mas que foi tornada diferente (mesmo para alguns hostil) pelo convívio de locais e de estranhos: para estes, diferente porque não é o seu país ou local de origem; para os primeiros, também diferente, porque a chegada do outro alterou definitivamente um *status quo* existente anteriormente, mas que foi alterizado.

“The problem for the writer is not to “represent” his own time. This he cannot help but do.” (Scholes, 15) Este autor defende afincadamente também que a essência da literatura é a ficção e que só ela permite a durabilidade à obra literária. Segundo o mesmo autor, textos ligados ao tempo e ao lugar, como aqueles que iremos analisar, não poderão de facto ser considerados literários: poderão porém, inevitavelmente, ‘representar’ algo do seu tempo. Carlos Reis esclarece nesse sentido que, “o contrato da ficção não exige um corte radical e irreversível com o mundo real (...)”, mas pode ser visto como uma “suspensão voluntária de descrença” (Reis, 160). Porém, para autores como David Carr, tanto as obras de ficção como as de não-ficção demonstram qualidades que as distanciam das realidades verdadeiras do quotidiano. Este autor exprime o seguinte:

It follows that fictional narratives cannot, for structural reasons, really be “life-like” and that historical or other non-fictional narratives, such as biography, journalism, etc., must inevitably impose upon their subject-matter a form it does not possess. (Carr, 15)

Segundo este autor, a escrita de qualquer tipo, ao apropriar-se de um tema ou acontecimento dá-lhe uma forma dependente do autor e das escolhas que ele/a fez. “Historical and fictional narratives will reveal themselves to be not distortions of, denials of, or escapes from reality, but extensions and configurations of its primary features.” (*ibid*, 16). A questão de distanciamento da realidade colocada pelas narrativas situa-se no plano do enredo, na medida em que as narrativas históricas ou ficcionais são “extensões ou configurações”, escolhas individuais de disposição das características primárias da realidade. Cada autor configurará assim o objecto do seu texto de uma forma pessoal, tomando os elementos e ordenando-os de uma forma que não corresponderá a uma estrutura intrínseca aos eventos, mas que obedecerá aos critérios do próprio escritor.

Escreve Todorov em *Genres in Discourse*:

Nothing prevents a story that recounts a real event from being perceived as literature. Nothing in its composition needs to be changed; we need only say that we are not interested in its truth value but are reading it “as” literature. A “literary” reading can be imposed on any text: the question of truthfulness will not arise because the text is literary. (Todorov, 3)

Por todas as razões acima expostas é difícil de admitir que o corpus a trabalhar se revista de características que o permitam incluir neste momento e em definitivo no âmbito da literatura. Por outro lado, não será possível expulsá-lo desse campo:

(...) quando autênticas e profundas, a reportagem, a crónica e até o artigo se encontram na fronteira mesmo entre jornalismo e literatura. Jornalismo, porque é a actualidade que os comanda; mas literatura também, enquanto expressão de uma personalidade literária, de um estilo. (Rodrigues, 81)

Ernesto Rodrigues reflecte assim, na sua obra *Mágico Folhetim. Literatura e Jornalismo em Portugal*, sobre a posição relativa de muitos textos situados ambigualmente entre jornalismo e literatura. Será possível então, mesmo sem determinar com absoluta certeza da literaridade ou não dos textos em apreciação, utilizar como ferramentas metodológicas algumas técnicas de análise que a literatura disponibiliza. Tal permitirá explorar a forma como se articulam este domínio de escrita,

o momento da sua realização, bem como a apropriação e o ordenamento que o autor impõe sobre o seu objecto. A forma de tal articulação será, esperamos, profícua dando indicações que permitam testar as hipóteses de trabalho que nos propusemos investigar. Indicaremos seguidamente alguns conceitos e abordagens da literatura e da análise literária que julgamos adequados e úteis para esta tese.

2. 2. Conceitos literários relevantes

2.2.1. *Fabula e syuzhet* (Fábula e Intriga)

Uma das possibilidades de modelo de análise que parece mais adequada a estes textos será a que recorre a conceitos operatórios dos formalistas russos. Se complementarmos esse modelo com outros conceitos provenientes da Narratologia poderemos ter uma componente do suporte teórico para o estudo de escolhas feitas pelos autores em termos da organização (configuração e extensão, segundo Carr) que deram ao texto.

Assim, dois dos textos poderão ser inseridos numa grande *fabula* da imigração americana, pedindo de empréstimo o conceito de *fabula* dos formalistas russos que teve no século XX as mais variadas *syuzhet* (fábula e intriga nas designações de Carlos Reis). Este autor define-as assim, respectivamente: fábula – “(...) conjunto dos acontecimentos comunicados pelo texto narrativo, representado nas suas relações cronológicas e causais.”; e intriga “(...) representação dos mesmos acontecimentos segundo determinados processos de construção estética.” (Reis, 157). Todos os textos têm um outro elemento comum importante, todos eles tratam de alteridades: “Drowned Their Sins”, os imigrantes pobres, não qualificados, de outra religião; “Lady Olga”, a mulher, que, além de pertencer ao “Segundo Sexo”, é diferente das outras; “Girl of the Year”, a mulher jovem, bem sucedida, vivendo a vida “nova” e diferente dos anos 60; “Mountains of Pi” os imigrantes soviéticos vindos de um país “outro”, vivendo uma vida estranhamente eremítica e dedicada à ciência em plena Nova Iorque do início dos anos 90 do século XX. Aliás, Hartsock, ao estabelecer a sua definição de jornalismo literário, explicita:

By way of a preliminary definition of narrative literary journalism, I mean those true-life stories that read like a novel or short story (...) In addition, the result was often social or cultural allegory, with potential meanings beyond the literal in the broadest sense of allegory's meanings. Largely, although not exclusively,

that allegory is about embracing an understanding of the social or cultural Other.
(Hartsock, a, 22)

Wolfgang Iser afirma que o texto literário evidencia uma posição do autor perante o mundo. É previsível que um autor, especialmente de textos considerados não-literários, se posicione perante o mundo nos seus textos. Analisá-los nesses termos – da posição que cada autor tem especificamente perante uma questão, a saber a existência de um “Outro” diferente, quer em termos de origem étnica, de género ou de características físicas, permitirá, espera-se, traçar algumas linhas do desenrolar do jornalismo literário em diferentes momentos do século XX. O jornalismo literário foi ‘negociando’, com a sua recepção, convenções semelhantes às que Iser afirma existirem entre um autor literário e o seu público. Aliás este autor afirma também: “Even such recent inventions as the nonfiction novel reveal the same contractual function, since they must invoke the convention before renouncing it.” (Iser, 12)

O texto literário ficcional pretende claramente afirmar-se como um texto de ‘faz-de-conta’, *as if* segundo Iser. O texto não ficcional afirma-se como um ‘retrato’ do real, que o autor, do seu ponto de vista, pretende revelar ao leitor de determinada forma, ‘desfamiliarizando-o’ de uma realidade em que possivelmente está inserido, para a poder contemplar numa versão mediada. Este processo de desfamiliarização duplica-se quando os textos são recebidos *a posteriori*, com um afastamento causado pelo tempo que medeia entre a produção dos textos, a sua publicação original em periódicos e a sua leitura afastada já de todas as condições em que foi criada. Os textos tornam-se assim fontes duplas: apresentam uma *syzhuet* da época da sua escrita que é lida e analisada *a posteriori*, possibilitando a construção de significados – “The abundance of this meaning-making dimension is abundantly clear from the history of interpretation, (...) (*ibid.*, 19)

Continuando a referir este autor, poderemos acrescentar que os textos de não-ficção atravessam duas das três fronteiras que o autor indica serem ultrapassadas pelos textos ficcionais – selecção, combinação e auto-revelação da ficcionalidade. Sendo assim, a não-ficção selecciona – transgredindo deste modo os limites dos sistemas extratextuais e do próprio texto, ao apontar para alguns campos referenciais para além dele; combina – transgredindo fechos semânticos estabelecidos pelo próprio texto. Finalmente, poderemos adaptar a transgressão feita à terceira fronteira – este tipo de texto reclama não-ficcionalidade e é nela que baseia o seu ‘contrato’ com o receptor.

Para seleccionar, os autores utilizam critérios de inclusão e de exclusão; a combinação é também feita mediante critérios. Estes parecem ter uma origem dupla: o autor e o momento de escrita do texto.

Iser escreve: “The fictive, then, might be called a ‘transitional object’ always hovering between the real and the imaginary.” (Iser, 20). O não-ficcional poderá pairar entre o real e a leitura individual. É um texto aberto, uma possibilidade de selecção e combinação que não acabou com esse tipo de operações feitas pelo autor. Quando a leitura e análise dos textos é feita *a posteriori* poderá dizer-se que se regem por convenções diferentes e adúlterantes do sistema original em que foram escritas. A análise que se pretende fazer, não sendo literária mas cultural, tem especial interesse no plano diacrónico que revele evoluções tanto no género em si, como no clima cultural face às questões abordadas nos textos.

2.2.2. Narrador, Ponto de vista e Focalização

O conceito de narrador, como por exemplo o dado por Jonathan Culler ou Carlos Reis (“autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso” (Reis, 257), é essencial para a análise dos textos. Cada narrador tem uma relação com o texto que constrói, que depende largamente dos seus conhecimentos, valores, etc, que contudo são influenciados pelos do autor. Os artigos a analisar, se lidos como derivados de *fabula* comum, são construções situadas no tempo e em tudo dependentes dele para a estrutura que os enforma, nomeadamente para a caracterização de personagens. Os textos nascem num tempo, de um autor que nele vive e do narrador que é criado:

For the study of point of view to make any sense, there must be various contrasting ways of viewing and telling a given story, and this makes ‘story’ an invariant core, a sequence of actions which can be presented in any of various ways. (Onega, 94)

Este será um princípio fundamental para o estudo dos textos – o ponto de vista do narrador, que é situado e identificado como o de um narrador-temporal de textos, “Not only is an author historical, so is the writing of a book” (Miner, 184). Em termos de análise cultural, o reconhecimento dos vínculos de um autor e do seu narrador ao

ambiente cultural e social e as ligações ou rejeições que estabelece, são indicadores preciosos. “(...) for Labov the narrator’s primary concern is not to report a sequence of events but to tell a story that will not be seen as pointless.” (Onega, 101). Em cada momento, cada autor escolhe e ordena pela interposta pessoa do narrador uma história, cuja estrutura reflecte as molduras de pensamento da época, ou a sua eventual rejeição ou modificação.

É justificável, neste ponto, abrir um parêntese de esclarecimento sobre o conceito e estrutura de narrativa:

Devemos agora dizer algo acerca da palavra “narrativa”, que, quando aplicada à ficção, se destina a implicar um contraste com a ficção encenada, isto é, com o drama. (...). Mas a principal estrutura da narrativa é o seu carácter “englobante”: entremeia cenas dialogadas (que poderiam ser representadas) com relatos sumários do que vai acontecendo. (Wellek, 267/8)

O facto de o narrador pretender desenvolver uma história que construa um sentido, fá-lo apresentar os eventos numa determinada estrutura narrativa que não é senão a construção – *syuzhet*/intriga – por ele estabelecida em determinado momento. O crítico Robert Franzosi acrescenta ainda, baseando-se em Todorov: “In Todorov’s words, ‘The elements [of a story] are related [not] only by succession, (...) they are also related by transformation. Here finally we have the two principles of narratives.’” (Franzosi, 521). Sendo assim a narrativa enforma e transforma: ordena de determinada maneira os elementos narrativos e, ao fazê-lo, transforma-os.

Uma das críticas apontadas ao jornalismo literário consiste numa ligação demasiadamente óbvia ao momento da escrita e, por isso, além de não poderem ter veleidades literárias, os autores cumprirem apenas o ‘contrato’ estabelecido com o leitor do tempo da sua escrita e publicação original. Porém, por esse mesmo motivo, estes artigos são particularmente importantes para uma análise cultural. O autor não se limita a revelar a sua própria voz, não tem, aliás, outra hipótese. Quando o faz, fá-lo propositadamente e sem disfarces; o meio, os objectos, o modo têm uma indisfarçada razão de ser.

O ponto de vista (perspectiva narrativa na terminologia de Carlos Reis) e o narrador são ademais relevantes por outras razões nestes artigos. Tradicionalmente, desde os tempos da Grécia Clássica, o narrador e o autor não eram claramente distinguidos: “It was traditionally assumed that the narrator of verse narrative was more or less identifiable with the poet.” (Miner, 181). Depois de estudiosos como Henry James, o assunto

passou a ser encarado de outra forma e a variedade de pontos de vista a ser estudada e tipificada. Curiosamente, Genette, referido por Miner, regressa de certa forma a uma narrativa verdadeiramente só existente na primeira pessoa: “Initially, openly, or in the end the telling must be referable to a teller whose self-reference can only be ‘I.’” (Miner, 182). Wayne Booth já tinha apontado nessa direcção quando escreveu em *The Rhetoric of Fiction*:

For that matter, we must object to the reliable statements of any dramatized character, not just the author in his own voice, because the act of narration as performed by even the most highly dramatized narrator is itself the author’s presentation of a prolonged “inside view” of a character. (Booth, 18)

Muitos autores apresentam e desenvolvem o conceito de ponto de vista, o seu relacionamento com o narrador e as implicações destas conjugações nas suas diferentes variedades. Mieke Bal começa por referir no artigo “*Focalization*”, na colectânea editada por Onega:

Whenever events are presented, they are always presented from within a certain ‘vision’. A point of view is chosen, a certain way of seeing things, a certain angle, whether ‘real’ historical facts are concerned or fictitious events. (...) In a story elements of the *fabula* are presented in a certain way. We are confronted with a vision of the *fabula*. What is this vision like and where does it come from? (...) I shall refer to the relations between the elements presented and the vision through which they are presented with the term *focalization*. (Onega, 115/6)

Este conceito de focalização é importante para a nossa análise, pois permite fundamentar teoricamente o que é aparente numa leitura casual, isto é, que a apresentação da “realidade” é feita de um ponto de vista com uma “focalização”.

Mais ainda: “We can then indicate by means of the term external focalization that an anonymous agent, situated outside the *fabula*, is functioning as focalizador.” (Onega, 119) Verificamos assim que os *focalizers* (focalizadores) dos textos a analisar na tese podem ser considerados exteriores; pelo contrário, “When focalization lies with one character which participates in the *fabula* as an actor, we could refer to internal focalization.” (*ibid.*, 119). Bal adianta ainda que há diferentes níveis de focalização que reforçam esta noção pois, nestes termos, não faz sentido falar em diferença de narração entre a primeira e a terceira pessoa. “In a so-called ‘first-person narrative’ too an external focalizer, usually the ‘I’ grown older, gives its vision of a *fabula* in which it participated earlier as an actor, from the outside.” (*ibid.*, 126)

A utilização de conceitos de narratologia, como o de focalização e dos seus níveis, permite, numa análise que não se pretende literária mas cultural, realçar a importância dos pontos de vista dos autores que, separados no tempo, são focalizadores condicionados por um momento histórico e pelo seu trabalho de pesquisa.

No seu artigo que estuda a obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, a autora, Ria Lemaire, utiliza conceitos operatórios de Narratologia, afirmando o seguinte:

Podemos concluir que a aplicação de métodos de análise e de elementos teóricos da ciência da literatura, sobretudo da narratologia a esta obra híbrida e multidimensional, permitiu detectar nela relações particularmente diversificadas e complexas entre vários discursos históricos e o seu discurso literário. (...) A distinção entre esses vários discursos históricos, nos levou a distinguir vários tipos de narradores, de autores, de leitores, no sentido narratológico do termo, e a analisar os seus posicionamentos históricos perante as realidades históricas presentes e representadas em *Casa Grande e Senzala*. (Leenhardt, 267)

À semelhança da análise feita por Lemaire e atendendo ao preceito de Bal que afirma que a focalização é manipulativa (Onega, 124), poderão detectar-se nos quatro textos focalizações intencionais e construídas não só pelos autores, como pelos seus tempos. Essa manipulação exprime-se tanto pelo que é dito, como pelo não-dito, pelo que está presente, pelo que está representado de uma determinada forma e por tudo o que não é referido, pressupondo assim um juízo valorativo do autor que presidiu à exclusão de determinados aspectos e não de outros.

As quatro focalizações são, assim, a primeira característica textual a ter em conta para poder fazer uma leitura cultural dos textos:

- A primeira focalização é de certa forma ‘moralista’ e educativa, na medida em que dá a conhecer a cidadãos americanos a realidade nova de um grupo de imigrantes – no momento em que estes expulsam o elemento ‘sujo’, num ritual judeu (será de acrescentar que a abordagem da Antropologia Social de Mary Douglas neste domínio poderá vir a ser importante);
- A segunda é normativa, dentro de regras rígidas: aceita o elemento diferente, mas este sabe que o é, sendo a sua forma de subsistência prova desse facto;
- A terceira é uma focalização analítica do que se situa fora da norma, refere uma determinada realidade que existe com uma sobreposição parcial à cultura dominante: é uma focalização indubitavelmente interventiva, ambicionando uma transformação de limites do ‘normal’;

- A quarta é ‘inclusiva’, pelo menos do mérito, que funciona como elemento de aceitação no domínio do próprio.

Parecem assim, ser focalizações ‘politicamente correctas’ no seu tempo e no “meio” a que pertencem, ordenando narrativas para serem consumidas pelo grande público e que traduzem as condições do momento. São exemplos da afirmação de Philip Sydney em epígrafe no início – “the poet is the food for the tenderest stomachs, the poet is indeed, the right popular philosopher”, se ousarmos alargar o conceito de forma a podermos incluir estes autores na designação de *poets*.

2.2.3. Enredo

Society is the walls of our imprisonment in history.
Peter Berger

Outro dos conceitos relevantes para a análise a empreender é o de enredo. Para esclarecermos a linha conceptual a ser seguida, poderemos atentar na definição de Peter Brooks – “Plot, (...), is the logic and dynamic of narrative, and narrative itself a form of understanding and explanation.”(Onega, 254) O autor recua no tempo, a Aristóteles, traçando um paralelo entre a sua definição de *mythos* com a actual definição de enredo : “the combination of the incidents, or things done in the story”(*ibid.*, 254): “(...) o enredo é a imitação da acção, entendendo aqui por enredo a estruturação dos acontecimentos (...)” (Aristóteles, a, 48).

O enredo tem sido, na opinião de Brooks, relegado para segundo plano em termos de estudos literários: “Plot has been disdained as the element of narrative that least sets off and defines high art – indeed, plot is that which specially characterizes mass consumption literature.” (Onega, 252). Esse facto não retira ao enredo a sua importância na construção de sequências inteligíveis e a necessidade da construção de ‘enredos’ é, segundo este autor, particularmente importante a partir do século XVIII até à primeira metade do século XX. Os três princípios que regem o enredo, segundo Aristóteles – tem que ser um todo autónomo, tem que construir um princípio, meio e fim e ainda “cabem na memória” – são essenciais para os artigos que iremos analisar. “Plots are not simply organizing structures, they are also intentional structures, goal-oriented and forward-moving.” (*ibid.*, 255).

As estruturas, que os enredos estabelecem, permitem ‘ler’ dois planos nos textos – o da organização e o da intenção. As formas organizacionais e intencionais dos diferentes enredos em tempos diversos poderão ser estudadas à luz dos conceitos de Peter Berger sobre modernidade e *self* – que conduz a um estado de *homelessness*, referido na obra *Homeless Mind* de Berger, *apud* Wuthnow:

The correlate of the migratory character of his experience of society and self has been what might be called a metaphysical loss of ‘home’. It goes without saying that this condition is psychologically hard to bear. It has therefore engendered its own nostalgias – nostalgias, that is, for a condition of ‘being at home’ in society, with oneself and, ultimately, in the universe. (Wuthnow, 67)

Os enredos dos quatro artigos lidam, afinal, com a forma como todas as personagens procuram um local a que pertençam, que seja também deles e que possam partilhar com outros. Peter Berger escreve em *Invitation to Sociology*: “The horizons of the world, as the grown-ups define it, are determined by the coordinates of remote map-makers. (...) The normal adult is the one who lives within his assigned coordinates.” (Berger, a, 81/2). Essas coordenadas são apriorísticas ao indivíduo, estão de certa forma predefinidas pela sociedade em si. Daí advêm os problemas de adaptação para quem chega de outras paragens, para quem é diferente, ou para quem se encontra numa sociedade em grande mudança e, assim, sem coordenadas fixas.

O contrário da *homeless mind* é aquela mente firmemente inserida dentro da sociedade em que existe: “In sum, society is the walls of our imprisonment in history.” (*ibid.*, a, 109). Os limites que a sociedade impõe não se encontram só no espaço mas também no tempo e ambas delineiam a existência dos homens. O homem internaliza essas regras, torna-as suas depois de elas o terem precedido. Este processo de internalização de regras de uma sociedade é notório nos textos em apreciação, tanto na forma como ele se desenrola, como na forma narrativa dos diferentes textos.

Segundo o *OED*, a palavra “literatura” assumiu o seu significado actual no século XVIII. Foi nesse mesmo período, conforme vimos anteriormente, que se publicou o primeiro jornal nos Estados Unidos. Sendo assim, literatura e jornalismo têm crescido lado a lado naquele país. Estas formas de escrita têm partilhado autores e esses autores, num momento ou noutra, cruzaram na sua escrita as experiências que tinham das diferentes formas que praticavam. Esse cruzamento leva por vezes a textos num campo frequentemente designado como jornalismo literário. O objectivo da segunda parte

deste capítulo será o de seguir um pouco do trajecto diacrónico desta escrita transgénica e transgressora nos Estados Unidos.

3. Jornalismo Literário

3.1. A Questão da Designação

De “New Journalism” a “New Journalism”...

What inna namea Christ is this?

(Wolfe, 10)

Fizemos até agora, isoladamente, uma análise rápida da evolução do jornalismo nos Estados Unidos e da evolução que o termo “literatura” tem tido ao longo dos tempos e desde um passado distante situado na Grécia Clássica. Os diferentes tipos de análise, exercidos sobre os dois domínios de escrita, devem-se às respectivas características intrínsecas diferenciadas. Os jornais e os seus antecessores, gazetas e folhas são publicações regulares de periodicidade mais ou menos definida, que informam o leitor de algo novo e relevante para a sua experiência; ao longo do tempo, com a concorrência da rádio e da televisão, os jornais tiveram de alterar o estilo de notícias acrescentando-lhes características que não estivessem unicamente relacionadas com a questão do tempo e da rapidez: ”Upon losing their monopoly on timeliness, newspapers found a way to prop themselves up. They made their narratives richer by adding more news analysis.” (Barnhurst, 46)

O próprio conceito de literatura sofreu alterações de monta e o conjunto que é incluído no grupo das obras literárias foi sofrendo a influência de escolas e correntes literárias, da evolução técnica e estética, dos gostos do público e de outras formas de representar o mundo da ficção, como o teatro, o cinema etc.

Os textos considerados como pertencentes ao “género” do jornalismo literário partilham, alterando-as até certo ponto, de características do jornalismo e da literatura: a publicação inicial é feita em jornais ou revistas e, mesmo que depois sejam recolhidos em antologias, o meio, o suporte inicial para a sua publicação é o periódico; as técnicas de escrita são provenientes das da narrativa literária contemporânea ao texto.

Thomas Connery refere que nos Estados Unidos a tradição do jornalismo literário se inicia com Mark Twain, o primeiro autor a escrever textos deste tipo para jornais em Nova Iorque e no Nevada; acrescenta que James Gordon Bennett escreveu, ainda antes de Twain, textos para o *New York Herald*, que também caberiam nesta designação ou, pelo menos, na de narrativa descritiva. Porém, nenhum outro autor tinha produzido entre os anos de 1840 e de 1890, textos deste tipo em quantidade ou qualidade semelhante aos de Mark Twain. Connery acrescenta:

When William Dean Howells, for instance reviewed Mark Twain's "Innocents Abroad", he noted that the book "taught him nothing about the population of the cities and the characters of the rocks in the different localities", the kind of facts and description common in such accounts. Howells said that, instead, Twain's book was about "the realities of human life everywhere". (Connery, 7)

Desde Twain, encontramos nos Estados Unidos uma série de textos que genericamente eram designados de jornalismo, pois eram publicados em jornais. Porém, como Howells notou, o texto de Mark Twain não correspondia aos requisitos e características do artigo de jornal mas nem por isso deixava de ser utilizado por essa forma de edição. Por um lado, o meio de publicação, jornal ou revista, definia a inclusão no jornalismo: por outro lado, a 'notícia' que transmitia não obedecia aos conceitos de novidade, característica do jornalismo. Apesar deste aparente paradoxo, o jornalismo literário desenvolveu-se, tendo encontrado campo favorável para o seu crescimento no ambiente cultural e humano do século XX americano. A designação que é utilizada para o referir nesta tese não deixou, porém, de causar controvérsia.

Em 1887, Matthew Arnold nomeia, no artigo "Up to Easter" um novo tipo de jornalismo, que ele designa de *New Journalism*: Arnold refere que esse é o tipo de jornalismo que se encontra ao serem tratados assuntos sérios de uma forma ligeira (segundo o autor), como a questão de *Home Rule* para a Irlanda:

But we have to consider the new voters, the democracy, as people are fond of calling them. They have many merits, but among them is not that of being, in general, reasonable persons who think fairly and seriously. We have had opportunities of observing a new journalism which a clever and energetic man has lately invented. It has much to recommend it: it is full of ability, novelty, variety, sensation, sympathy, generous instincts, its one great fault is that it is feather-brained.¹⁸

¹⁸ The W.T. Stead Resource Site <<http://www.attackingthediabol.co.uk>; acessível em 3 de Janeiro de 2006.

Cerca de 80 anos mais tarde, Tom Wolfe utiliza de novo a expressão *New Journalism*, empregando-a, porém, para designar o que ele considera como um novo jornalismo, que, porém, não partilhava as características de ligeireza sectorial perante a mudança social e política que Arnold denunciava, algo sobranceiramente, no seu artigo. Entre estes dois momentos, situam-se muitos textos que fogem aos modelos estritos do jornalismo, mas que também não foram aceites como literatura. Entre estes dois marcos situam-se três dos textos a estudar nesta tese.

New Journalism foi e é, assim, designação dada a realidades diferentes consoante o momento e o país em que são utilizadas. O mesmo acontece com a designação jornalismo literário, que, noutros países, como a Grã-Bretanha, designa a longa e fecunda tradição de jornalismo crítico acerca de literatura e não aquele que é objecto da investigação da presente tese.

Um dos autores constantes do corpus, Abraham Cahan, desenvolveu a sua actividade em três línguas diferentes: inicialmente em russo, quando ainda ligado à sua origem e educação nesse país ou posteriormente como forma de atingir os seus conterrâneos nos Estados Unidos; ulteriormente em iídiche, com os textos destinados aos judeus falantes dessa língua e nela alfabetizados; e, finalmente em língua inglesa quando, já residente no país de acolhimento, se sentiu capaz de a utilizar nos seus escritos. O autor descreve na autobiografia os primórdios da sua actividade jornalística nesta língua, na década de 1880, poucos anos depois de se ter instalado nos Estados Unidos:

My dream was to write for the *Sun* in New York. It was then at the peak of its reputation and influence; newspapermen all over the country read it and studied it and considered it as their model. Now I felt ready. I resolved to try. I wrote an article which presented a set of vignettes of life in the Jewish quarter. (...) He introduced himself as Erasmus Darwin Beach, chief manuscript reader for the Sunday *Sun*. He did the work of today's Sunday editors. He seated himself on the edge of the table and in a pleasant manner asked me who I was and what work I did.

"We'll print this next Sunday", he said. "Bring us more such copy." (Cahan, c, 354/5)

O sonho de Cahan foi realizado com a publicação de um artigo na edição dominical do *Sun*. Darwin Beach reconheceu e apreciou um artigo que Cahan descreve como uma séries de *vignettes* sobre a vida no bairro judeu. Cahan acrescenta, páginas depois: "My pieces would sometimes be postponed in order to make room for more important or more timely articles" (*op.cit.*, 358). O carácter de novidade nestes artigos não era o mais relevante e, por isso, a sua publicação podia ser adiada para outras edições. O tipo

de notícia interessava, todavia, um número grande de leitores por diferentes razões: os que se viam retratados nos artigos, os judeus recém-imigrados ou há mais tempo no país que se reviam naquelas personagens e situações e assim confirmavam o seu estatuto público de elementos constituintes da sociedade nova-iorquina. Para os restantes leitores, americanos de origem ou pertencentes a outros grupos de imigrantes, os artigos eram informativos e apresentavam novas realidades culturais com as quais a sociedade se confrontava: “Culture lends significance to human experience by selecting form and organizing it. It refers broadly to the forms through which people make sense of their lives (...)” (Rosaldo, a, 26). Estas formas novas eram visíveis no quotidiano das ruas; porém, o facto de se tornarem motivo de um artigo de jornal, apresentava-as numa forma definida e organizada para os leitores, enquadrava-as e dava-lhes o valor institucional que elas não teriam enquanto fossem consideradas só uma manifestação estranha – não ordenada – de uma cultura, de um povo, de uma religião diferentes:

The rational individual is not a solipsist, but rather a *zoon politikon*: a being whose needs are not determined in isolation, but only in society. Accountability is written into his make-up. The rational individual has to be conceived as one who expects to be held accountable, who therefore seeks approval, and who gives out praise and blame to others. This individual has to be re-defined as incorporated in a community of one sort or another. (...) Each individual who enters a social relation is drawn at the same time into a debate about what the relation is and how it ought to be conducted. This is the normative debate on which cultural analysis fastens attention. (Douglas, 133)

Recorrendo à explanação, dada pela cientista social, Mary Douglas, acerca da vida do indivíduo na sociedade, poderemos compreender melhor a obra de um autor como Cahan. Este, com os seus textos, contribuía para um debate normativo procurando a aprovação e incorporação dos indivíduos e do seu grupo na sociedade em geral. Douglas usa o termo *accountability*, termo recheado de significado para a cultura norte americana, pois originalmente era utilizado pelos protestantes calvinistas que o investiam da importância da sua responsabilidade perante Deus e uma vida no Além, mas também face a si próprios, quando apreciavam introspectivamente as realizações dos seus dias. Esta moral e ética individuais eram também da sociedade e reflectiam-se no relacionamento com os outros, em todas as actividades e naturalmente também com o trabalho.

A forma jornalística era particularmente eficiente para este objectivo de aprovação e de ‘prestar contas’, pois atingia com regularidade uma audiência vasta, junto da qual estes

imigrantes procuravam ser reconhecidos, entabular um “debate normativo”. Este é um dos exemplos dos textos e autores a estudar, de entre os muitos que existem no universo textual do jornalismo literário; naturalmente os temas que abordam não têm só a ver com imigração mas com muitos aspectos da vida de uma sociedade e de uma cultura. Será então de tentar compreender como se começou a escrever desta forma e como ela foi sendo divulgada.

Antes ainda de avançarmos com caracterização mais detalhada deste jornalismo literário, regressemos à questão da escolha desta designação em desfavor de outras. A nossa tradição cultural exige que tudo tenha um nome, uma designação: o conhecimento científico exige-o também. Desde o início que utilizamos jornalismo literário. Vejamos, então, as razões da escolha.

Ronald Weber, em 1980, refere alguns nomes para o que ele descreve como, “nonfiction with a literary purpose” – *literature of fact, art-journalism, nonfiction novel, essay fiction, factual fiction, journalit*. Em 1992, Thomas B. Connery acrescenta: *literary nonfiction, artistic nonfiction, the nonfiction story e new reportage*. Hartsock, em 2000, viria a recolher e acrescentar: *creative nonfiction, narrative nonfiction, lyrics in prose, the confession, the nature meditation, non-imaginative literature*. Pode citar-se ainda W. Ross Winterowd que, perdido no meio de tantas designações, encontra ainda outra “the ‘other’ literature”, parte do título que escolheu para a obra que escreveu sobre o tema (Winterowd, 1990).

A denominação de jornalismo literário nesta tese segue as razões apontadas por Connery, para a adequação da utilização do termo. Este autor baseia-se, ele próprio, em outros autores como, por exemplo, Edwin Ford, que em 1937 escreveu: “If the news reporter writes a record of reality, the literary journalist may be said to give a pattern to reality through the medium of his imagination” (Connery, 5) ou em Alan Trachtenberg que caracterizou esta prosa como “a rendering of felt detail” (*ibid., ibid.*) É este *felt detail*, que permite que Connery reivindique que “Literary journalism deals with both the “look” and the “feel” of the world.” (*op.cit.*, 11)

Além destas características, Connery invoca a manutenção da designação ao longo dos últimos cem anos como particularmente adequada, pois essa manutenção contribui para uma noção de estabilidade do género, independentemente de outras actualizações entre as quais se pode destacar a de Tom Wolfe com o “seu” *New Journalism*.

On the one hand the term has occasionally been used over time to identify this form of writing. Hutchins Hapgood used the term early in the century, and Ford used it in the 1930's. But Wolfe also used "literary journalist" in his discussion of new journalism (Wolfe, 1973, 8), and Charles C. Flippen, one of the early commentators on the new journalism, identified the writing of Wolfe, Talese, and others as literary journalism. (...) Norman Sims gave the term greater prominence with the publication of *The Literary Journalists* in 1984, and Sims's 1990 collection of essays also uses the term. (Connery, 14)

O uso do termo é ainda justificado pelo autor quanto às suas partes constituintes:

(...) much of the contents of the works come from traditional means of news gathering or reporting, including interviews, document review, and observation. Finally, journalism implies an immediacy, as well as a sense that what is being written about has a relevance peculiar to its time and place. (...) "Literary" is used because it says that while the work considered is journalistic, for the reasons just cited, its purpose is not just informational. A purely journalistic work is structured to convey information, primarily facts and authoritative viewpoints, clearly and efficiently. In a literary work, and in literary journalism, style becomes part of the meaning conveyed; the structure and organization of language interpret and inform. (*ibid.*, 15)

Mark Kramer corrobora as afirmações de T. Connery, acrescentando:

As a practitioner, I find the "literary" part self-congratulating and the "journalism" part masking the form's inventiveness. But "literary journalism" is roughly accurate. The paired words cancel each other's vices and describe the sort of nonfiction in which arts of style and narrative construction long associated with fiction help pierce to the quick of what's happening – the essence of journalism. (Sims, 21)

O uso do termo não estará, porém, a incorrer em falta de precisão pois, ao longo dos tempos, em muitos campos da actividade humana, e portanto também no da escrita, existem alterações semânticas e polissemismos; passados mais de dois séculos, o jornalismo literário americano que é o nosso objecto de estudo exerce também uma actividade crítica mais de índole 'geertziana', utilizando um procedimento que tem a ver com a metodologia antropológica de *thick description* deste antropólogo.

Parecendo confirmar esta ligação ao método de Clifford Geertz, Kramer lista uma série de "regras", que ele próprio denomina de "breakable", para os jornalistas literários, grupo no qual ele próprio está inserido. Assim os jornalistas literários deverão:

- Fazer uma imersão no mundo dos seus objectos, englobada na pesquisa de *background*;
- Celebrar acordos de exactidão e franqueza com os leitores e com as suas fontes;
- Escrever principalmente acerca de acontecimentos rotineiros;

- Usar uma “voz íntima”, informal, franca, humana e irónica;
- Ter em atenção que o estilo é importante, devendo ser simples e despojado;
- Escrever desde uma postura descomprometida e móvel, a partir da qual contam histórias mas da qual também se dirigem ao leitor directamente;
- Realçar a estrutura do texto, misturando narrativa primária com histórias e digressões para ampliar e re-estruturar acontecimentos;
- Fazer fluir o texto, construindo-o de uma forma que antecipa e se adequa à sequência de reacções do público.

Kramer estima que a diversidade crescente de experiência social a partir do início do século XX, o desaparecimento de formas de autoridade totais nos mais variados campos (social, político, literário...) não redundou ainda *in universal despair*. A justificação que dá para essa subsistência da esperança tem a ver com o facto de que a diversidade motiva sede de conhecimento de outras realidades e imaginações. Para satisfazer esse encontro com o “outro”, cada público recorre a diversos meios ao seu alcance: nessas variadas estratégias reside grande parte da importância deste tipo de jornalismo, segundo este autor:

Literary journalism helps sort out this new complexity. (..) Literary journalism couples cold fact and personal event, in the author’s humane company. And that broadens readers’ scan, allows them to behold others’ lives, often set within far clearer contexts than we can bring to our own. (Sims, 34)

“Others’ lives” são assim apercebidas através de textos, que podem ser como os de Cahan anteriormente referidos, publicados pelo *New York Sun* dominical. Pode traçar-se um certo paralelo entre este tipo de artigos e uma literatura de viagens, todavia sem deixar o próprio país ou a própria cidade. É a ‘literatura’ que possibilita a visita às outras realidades do mesmo local, um tanto semelhante a naturalistas americanos do virar inicial do século XX, como Theodore Dreiser ou outros. Esses mútuos ‘reconhecimentos’ são constituintes de todos os elementos em presença, como realça Mary Douglas: “At a second level of elaboration, community and self are reciprocal notions. The thesis is that the cultural project to make the city makes the selves at the same time.” (Douglas, 103).

Esta imagem do ‘estrangeiro’, no caso da presente tese, referirá o “outro”, genericamente – diferente devido a características como nacionalidade, género, religião, profissão, etc. A elaboração e apresentação por escrito desta imagem mostra

não só muito sobre as personagens que versa mas, também, como escreve a autora, sobre o grupo que a elaborou. Este grupo, ele próprio variado, revela e revela-se ao longo dos tempos.

Segundo Kramer, o jornalismo literário estaria então particularmente bem adaptado à realidade social existente a partir dos meados do século XIX nos Estados Unidos. R. Thomas Berner acrescenta ainda outras particularidades do jornalismo deste tipo:

The context, the social circumstances in which a piece was written and the way it was received, tells us something about society and the state of journalism then. More recent reactions to the work can tell us something about journalism now. (Berner, 3)

As descodificações diversas que se vão fazendo são denunciadoras, dos textos em si, mas também de quem as faz e da contemporaneidade crítica. A reflexão existente sobre estes textos ultrapassa a variedade imensa de nomenclatura para este tipo de escrita ou as suas características, pois existem autores que discordam por diferentes motivos da possibilidade de existência de um ‘género’ jornalismo literário autónomo. Phyllis Frus, por exemplo, contesta a expressão jornalismo literário, não só no seu todo, mas também a própria associação dos dois termos, enquanto oposição que se faça entre os dois tipos de escrita. Em 1994, a autora discordava da existência de algo que se possa chamar jornalismo literário: “I do not use the term “literary journalism”, because I cannot accept the valuation that results from separating some examples of journalistic narrative from general coverage of current events and issues.” (Frus, x). Frus não concorda com a separação feita entre textos de cobertura jornalística de acontecimentos e os de narrativa jornalística. Na mesma obra refere Robert Scholes para justificar o seu conceito de leitura reflexiva¹⁹ ela sim, constitutiva do texto a designar de literário:

As Robert Scholes says, “The interpretation of any single literary text, if pushed seriously, will lead us not to some uniquely precious exegetical act but to cultural history itself. Under this contextual framework, then, literature is the result of reflexive reading, and we can enlarge the category to contain all the texts we choose to read in this manner. (Frus, 32)

Outros autores – como Ericson – são igualmente da opinião de que não existe jornalismo literário, apresentando, porém, este autor, razões de índole diversa:

¹⁹ ‘reflexive reading’ – “In brief, I will argue that as readers we produce what we call “literature” when we read to discover how a text, through its style, “makes” reality, that is, when we read its content through its form.” (Frus, 5)

There is no distinct genre of literary journalism, in spite of efforts to make it distinctive (Kerrane and Yagoda 1997; Sims and Kramer 1995). All journalism is literary in that it employs fictions to discover and apprehend the world. Fictions give order to the world and are essential to the creation of an orderly world of fact. We experience events with a sense of randomness, except when we attend to them closely and analyze them as patterns. (Ericson, 91)

Para este crítico, todo o jornalismo é literário, em todo ele existem ficções que ordenam a ocasionalidade da realidade e, portanto, não é adequado apontar só algum como tal. Ericson baseia a literaridade do texto jornalístico no trabalho do jornalista e das ficções que ele emprega para ordenar acontecimentos e o mundo. Frus, pelo contrário, colocava a literaridade no trabalho de leitura reflexiva feito pelos diferentes receptores. Frus aposta na descodificação da mensagem para a atribuição de literaridade, Ericson na codificação. Ambos apresentam, porém, discordância em relação à possibilidade de existência deste género autonomamente.

A adopção desta designação conduz ainda à necessidade de um esclarecimento, já afluído anteriormente e que respeita diferenças nacionais. ‘Jornalismo literário’ é utilizado por autores como Jürgen Habermas para denominar o tipo de escrita jornalística que, cerca do início do século XIX, no Continente Europeu e na Grã-Bretanha, desenvolvia a importante função que este autor designa de crítica racional:

The crucial turnabout, of course, had already occurred before the introduction of a special editorial function; it had begun with the ‘scholarly journals’ on the continent and moral weeklies and political journals in Great Britain, as soon as individual authors availed themselves of the new instrument of the periodical press providing a hearing for their critical rational reflections, pursued with pedagogical intent, by getting them into print: This second phase has been characterized as one of literary journalism. (Habermas, a, 182)

Tal distinção é relembada na obra de Hartsock, que realça o carácter problemático do termo, quando utilizado sem levar em consideração as variações locais que são dadas à designação, mesmo que a língua em que ela é dada seja a mesma, a língua inglesa:

First, his [Gerald Graff’s] “literary journalist” is a problematic terminology. To be sure not all were engaged in the kind of literary journalism that we now attribute to Joan Didion or Truman Capote. It is an ambiguous terminology, a kind of catchall in the past that has also meant “literary critic” as in, for example, a 1902 *Harper’s Weekly* letter to the editor (Brown, 1902, p. 1558) and which still means the same in England (Easthope, 1995, p. 17). (Hartsock, 72)

Hartsock, no mesmo artigo, de certa forma capitula perante a dificuldade de definir jornalismo literário como género, devido à fluidez das suas características:

In other words, literary journalism cannot be brought to critical closure as a genre. To be able to do so would be to clearly delineate its identity and thus to establish a critical certainty. Yet its nature alone – one that is opened – denies that possibility. It is, in effect, a critical moving target subject to the whims of a shaping consciousness. (Hartsock, 73)

A designação de jornalismo literário não é assim, de forma alguma, unanimemente aceite. Parece porém, pelas razões acima, ser a que melhor se coaduna com um tipo de jornalismo que, como opina Sims, combina a arte e o estilo da construção narrativa ficcional com o acontecimento do momento. Este jornalismo dificilmente se sobrepõe ao que foi acima definido por McNair de forma já referida: “any *authored* text, in written, audio or visual form, which *claims* to be (i.e. is presented to its audience as) a *truthful* statement about, or record of, some *hitherto unknown* (new) feature of the *actual, social* world.” O tema de um texto destes pode ser conhecido de antemão; o carácter da novidade não é essencial. Essencial, para este tipo de artigo é o trabalho de pesquisa ou de apreciação que é feito sobre uma realidade que na maior parte dos casos já é do domínio público – por exemplo os textos de Cahan, ou de Truman Capote em *In Cold Blood*, a história do assassinio de uma família de agricultores. Não sendo de todo conhecida do grande público, como no caso dos irmãos Chudnovski, de Richard Preston, em *The Mountains of Pi*, a intenção autoral aparenta demonstrar a ‘publicitação’ de assunto não contemplado previamente pela agenda mediática estabelecida.

John Hartsock refere no artigo acima citado:

This essay accepts a position outlined by Alan Trachtenberg, who draws from critic Walter Benjamin, that the emergence of objectified news style (what conventionally we call "objective" news style today) created an epistemological gulf for readers between personal experience and information about experience (Trachtenberg, 1982, pp. 122, 124-125). It is my position that literary journalism is an attempt to close that gulf, (...) (*ibid.*, 63)

Notícias elaboradas objectivamente pretendem fornecer um determinado tipo de informação acerca da experiência do ‘real’. A ligação entre essa informação e a experiência dos leitores não é porém feita de forma linear, com correspondências directas ou mesmo aproximadas, entre o que é reportado pelos jornais e o que é experimentado pelos cidadãos. A distância geográfica existente entre o receptor e a

notícia mediatizada é facilmente transposta em virtude das possibilidades tecnológicas e de meios existentes. Todavia, o valor epistemológico do que é assim adquirido por esse mesmo receptor é discutível. Perante este fosso, que se ergue entre os factos e os receptores que deles se apercebem apenas de forma mediatizada, autores como Baudrillard negam a própria existência dos factos e levantam a hipótese de, no momento actual, se experimentar apenas simulacros de realidade, não a realidade em si, devido ao afastamento interposto pelos media. Hartsock opina que o jornalismo literário poderá ter encontrado uma forma de ultrapassar esse fosso existente entre os indivíduos e a realidade.

Uma das hipóteses de trabalho desta tese é o propósito de indagar sobre o facto de este ser ou não um ‘género’ adequado à “afirmação da individualidade no momento histórico em que se impunha a produção em massa, a massificação de experiências, a imposição de modelos homogéneos; ou por outro lado [à] tentativa da assimilação de minorias ao *American Way of Life*?”; eventualmente veremos, ao longo da análise do corpus, que essa assimilação ou afirmação de individualidade é demonstrada em textos de forma diferente, dependendo do momento em que foram escritos. O jornalismo literário americano foi mudando desde o seu início e, especialmente durante o século XX, evoluiu sempre ligado à teoria e prática tanto do jornalismo, como da literatura, sendo estas duas formas escritas espelhos da própria sociedade. Abordaremos seguidamente a sua evolução dentro da sociedade americana.

3.2. Evolução do jornalismo literário nos Estados Unidos

A designação adicional de literário para um determinado tipo de jornalismo depende, como foi visto anteriormente, do próprio conceito de jornalismo e da sua evolução, do diferente emolduramento conceptual e estruturante deste tipo de escrita. Assim, depois de analisarmos a designação a atribuir-lhe ao longo da tese, será necessário olhar a evolução que sofreu, precedendo a abordagem do tema central da tese, nomeadamente a visão do “Outro” na sociedade americana do século XX, como ela é dada por cada um dos textos que constituem o corpus. Para tal, importa recuar um pouco mais no tempo e mencionar a evolução diacrónica que o jornalismo, dito literário, sofreu.

Este tipo de artigos tem sido publicado pelos meios de comunicação escrita, jornais e revistas, acrescentando-se mais recentemente o hipertexto. Como tal, o jornalismo literário é profundamente enformado por dois conceitos básicos relacionados com o jornalismo e que influenciaram a evolução da versão literária do jornalismo – notícia e objectividade. Tais pilares têm causado, em mais do que um momento, questões de fiabilidade. Sempre que existe uma quebra desse ‘contrato’ assumido pelo criador junto do seu receptor, o carácter jornalístico do artigo é negado, com a consequente desvalorização do ‘género’. Apreciaremos seguidamente a evolução dos dois conceitos, ao longo do período em apreço.

3.2.1. Notícia e Objectividade

Não poderemos apreciar a evolução dos dois conceitos, limitando-a apenas ao século XX. Se tomarmos em primeiro lugar a definição de notícia, poderemos começar, referindo não só os EUA, mas também a Inglaterra devido à influência que este país teve no Novo Mundo desde os primórdios do estabelecimento de colonos:

Lennard Davis, in *Factual Fictions: The Origins of the English Novel*, makes a convincing case for the idea that both newspapers and the novel share common origins in what he calls the “news/novel discourse” of the sixteenth and seventeenth centuries. In eighteenth century England, as the novel began to come

into its own, the boundary between this new imaginative genre and journalism was still indistinct. Novels by former journalist Daniel Defoe, for example, were often presented as factual accounts by their author. In America, the Puritan hostility toward fiction led eighteenth and early nineteenth century sentimental novelists to claim that their books were “founded on fact.” (Fishkin, 207)

Davis refere o “news/novel discourse” e nesta ambiguidade revela-se algo sobre a situação indistinta em que se encontrava a destrição entre matéria de notícia jornalística e a matéria tratada em prosa de ficção até ao século XVIII. Seguindo outra ordem de ideias, nos Estados Unidos, segundo Fishkin, a hostilidade puritana, ainda prevalente face à ficção, leva os autores do início do século XIX a reclamarem uma factualidade para as suas histórias que as tornava aceitáveis para um pensamento dominante que não aprovava a leitura de frutos da imaginação. Protestos de veracidade de autores de obras, na realidade ficcionais, eram comuns e incontestadas. Pelo contrário, a existência de indefinição dicotómica factual/ficcional era considerada natural e mesmo desejável (anos mais tarde, já no século XX, reclamar factualidade para obras de ficção ou de composição da realidade será, curiosamente, considerado como uma quebra de compromisso com o leitor).

O início do século XIX foi assim tempo de alguma indiferenciação entre facto e ficção, conceitos essenciais para a delimitação do nosso objecto de estudo. Esta questão é também essencial para o estudo da literatura como tal, com obras que escapam aos conceitos de veracidade e verificabilidade social. Com o passar dos anos nesse século, os campos respectivos da literatura e jornalismo colocaram-se em posicionamento claro em relação a esses dois conceitos, aumentando ainda mais a questão da possibilidade de existência de um ‘género’ que reconcilie os dois domínios. O campo temático, do que era considerado matéria noticiosa, renovava-se também por esses tempos. Schudson, na sua obra *Discovering the News. A Social History of American Newspapers*, refere o momento da invenção do termo ‘notícia’: “The idea of “news” itself was invented in the Jacksonian era.” (Schudson, 4). O mesmo autor prossegue nessa linha de pensamento:

The character of this is simply put: the penny press invented the modern concept of “news”. For the first time the American newspaper made it a regular practice to print political news, not just foreign but domestic, and not just national but local; for the first time it printed reports from the police, from the courts, from the streets, and from private households. One might say that, for the first time, the newspaper reflected not just commerce or politics but social life. To be more precise, in the 1830s the newspapers began to reflect, not the affairs of an elite in

a small trading society, but the activities of an increasingly varied, urban and middle-class society of trade, transportation and manufacturing. (*op.cit.*, 22)

A “notícia” é mais variada e menos elitista na *penny press*: procura atingir outra camada de leitores, mais popular, menos endinheirada, mais heterogénea, menos pertencente a grupos dominantes. Há um re-centrar de discurso feito num novo tipo de jornal, barato e destinado a pessoas que o compram nas ruas das cidades, a caminho dos seus locais de trabalho ou de residência, ao contrário dos leitores dos antigos jornais de cariz partidário ou mercantilista, que eram recebidos por assinatura nos locais de residência.

The history of human discourse has been a dialogue between the center and the margin over the character and quality of modern life. One can speak of it as a cycle of emerging, dominant, dying and muted voices carrying on the long struggle over whose voice should prevail and whose rule will be honoured. (King, xii)

Algumas das vozes conflitantes que o estudioso de comunicação Andrew King refere, eram as que então tinham um fórum no novo tipo de jornal. Estas “vozes” queriam ouvir e ser ouvidas, forneciam e recebiam notícias que não pertenciam unicamente a um grupo ou actividade; a imagem que era transmitida da sociedade não era assim homogénea, porque a realidade relatada não era uniforme ou comandada por critérios tão restritivos como anteriormente.

In literature until the eighteenth century, aristocratic conventions had dictated that the common aspects of everyday life could only receive comic treatment, if they were dealt with at all. (...) The penny press, in contrast, focused on the nearby and the everyday. (Schudson, 27)

The penny papers’ concept of news not only created news as a marketable product whose attributes – particularly timelessness – could be measured, it invented a genre which acknowledged, and so enhanced, the importance of everyday life. (*ibid.*, 26)

The attention to everyday life did not necessarily mean attention to the familiar. The penny papers printed much that would appeal to the ordinary middle-class reader precisely because it was exotic – it concerned the everyday lives of other classes. (*ibid.*, 28)

Referindo ainda Schudson:

The new journalism of the penny press, on the other hand, ushered in a new order, a shared social universe in which “public” and “private” would be redefined. It is no wonder that this should have appalled those who believed the early days of the American republic had re-established the elevated public realm of the Greek city and the Roman forum. Something new was threatening this idyll, something Hannah Arendt refers to as the creation of society, “that

curiously hybrid realm where private interests assume public significance.” (Schudson, 30)

Se a variedade de tópicos era cada vez maior, a interferência do jornalismo na esfera privada da vida dos cidadãos também o era. Não só as obras de ficção colhem motivos de interesse nas esferas doméstica e intimista da existência humana, mas também o jornalismo penetra campos que anteriormente não tinham sido trilhados. O quotidiano era notícia porque dizia directamente respeito a um número elevado de leitores – que por sua vez crescia, como nunca tinha crescido anteriormente – e o exótico ou diferente era notícia, pois satisfazia a procura de algum escapismo.

Se a evolução do conceito de notícia resultou numa maior inclusividade, a evolução da importância da objectividade como regra de ouro para o jornalismo resultou numa diminuição da interferência da subjectividade do profissional interveniente, pelo menos de uma forma visível, na forma como ele trata um assunto – se bem que a escolha que o autor fez, que o levou à exclusão de outros assuntos, possa ser tão reveladora, ou mais, acerca dessa subjectividade.

A questão da objectividade jornalística colocou-se de forma mais incisiva quando, nos meios jornalísticos, se perdeu a convicção na mera apresentação de factos como garantia de uma informação fidedigna.

Journalists before World War I did not subscribe to this view. They were, to the extent that they were interested in facts, naïve empiricists; they believed that facts are not human statements about the world but aspects of the world itself. (...) From the 1920's on, the idea that human beings individually and collectively construct the reality they deal with has held a central position in social thought. (Schudson, 6)

Não só o lado da emissão da mensagem, do jornalista se ia alterando mas também o da recepção da mesma. Anos mais tarde, tal viria a ser muito claro quando se estudou a recepção dessa mesma mensagem, as formas de ela se processar e a importância dos intervenientes. Os modelos de actuação das mensagens mediáticas modificaram-se quando se abandonaram as teorias de comunicação clássicas, como por exemplo a da *hypodermic needle*. Onexo causal directo entre a mensagem e um efeito imediato a nível da audiência foi gradualmente sendo abandonado ao longo do século XX.

Ainda antes de tais desenvolvimentos mais recentes, o jornalismo factual de investigação sofrera, no século XIX, importantes influências devidas a tecnologias novas ou circunstâncias especiais: por um lado, os desenvolvimentos do telégrafo e do

caminho-de-ferro facilitam a comunicação de informação. Por outro lado, a Guerra Civil pressiona a recolha de informação, o mais próxima e precisa possível, pois eram famílias americanas que estavam a ser directamente afectadas pelos acontecimentos. A par da crescente informação variada e factual, subsistia um outro tipo de jornalismo que não tinha pruridos de veracidade:

Indeed, he [Shuman] went further: “In spite of the fact that editors come to grief once in a while by its use, this trick of drawing upon the imagination for the non-essential parts of an article is certainly one of the most valuable secrets of the profession at its present stage of development. Truth in essentials, imagination in non-essentials, is considered a legitimate rule of action in every office. The paramount object is to make an interesting story.” (Schudson, 79)

Neste excerto, Schudson invoca uma obra publicada em 1894 por Edwin L. Shuman, um manual de formação para jornalistas. Este autor não se coibia de indicar um caminho para os futuros profissionais que validava o recurso à imaginação desde que só abrangesse os detalhes não essenciais da história. Naturalmente a questão que se pode colocar é a da localização do limite que separa o essencial do acessório.

Ressalvadas as recomendações de autores como Shuman e, mesmo salvaguardando a necessária diferença entre dados verificáveis e pormenores imaginativos, nota-se um crescimento de modelos jornalísticos diferentes. Tal como outros autores, Schudson distingue estes dois tipos principais de modelos, de informação e história, consoante a importância dada ao conteúdo informativo, ou ao colorido da narrativa. A luta por audiências jornalísticas era já muito intensa nos Estados Unidos desde a década de 30 do século XIX. O artigo jornalístico que seguisse o modelo informativo ‘vendia’ bem em determinados momentos, que reclamavam notícias factuais, mas o que seguisse o modelo de história (“imagination in non-essentials”) ‘vendia’ melhor em muitos outros. Ao tempo, porém, não era sentida a necessidade absoluta de distinção entre um e o outro, bem como do esclarecimento do público acerca do que lia, como se pode deduzir a partir das afirmações de Edwin L. Shuman.

Os acontecimentos relacionados com a cobertura jornalística, propositadamente distorcida, da I Guerra Mundial alteraram definitivamente esta fé nos factos. Rudyard Kipling, aliás escreveu, “The first victim of war is truth”. Schudson opina a propósito: “Objectivity is an ideology of the distrust of the self, something Richard Harding Davis and his colleagues did not feel. The Progressives’ belief in facts was different from a modern conviction of objectivity.” (Schudson, 71). A manipulação noticiosa feita

durante a Grande Guerra originou essa falta de confiança no próprio, apontada pelo autor como fundamento para a necessidade da objectividade. O jornalista é um indivíduo e, por isso, suspeito, requerendo para deixar de o ser a confirmação por uma certificação exterior.

A falta de confiança em indivíduos ou factos como fontes de informação levou a uma substituição destas, por outras chancelas de credibilidade:

[In the 20s and 30s] Objectivity, in this sense, means that a person's statements about the world can be trusted if they are submitted to established rules deemed legitimate by a professional community. Facts here are not aspects of the world, but consensually validated statements about it. (Schudson, 7)

A validação através de regras definidas pelos pares, defendida por autores como Walter Lippmann, sofreu revezes já nos anos de 1930. A consolidação dos grandes impérios jornalísticos implicou uma concentração da propriedade dos jornais e revistas e, quando a Depressão assola os Estados Unidos, começa a notar-se que o público, gradualmente, deixa de confiar em meios de comunicação escritos e desvia a sua atenção para o novo meio radiofónico. Tal facto comprova-se mais tarde através de um estudo científico, o *Roper Poll*, um dos muitos levados a cabo sobre estes assuntos depois da formação de equipas de investigação organizadas por “pais” das Ciências da Comunicação, como Robert Park ou John Dewey:

By a wide margin, *Fortune* glumly reported, Roper's respondents considered radio to be more believable and dispassionate than the printed news. No less than 80% of the nation's households possessed a receiver in 1939 – more than double the proportion of a decade before. (...) Publishers (...) could not prevent radio (...) from becoming the medium through which Franklin Roosevelt was enabled “to go over the heads of a largely hostile press.” (Schiller, 48)

O *case study* emblemático da época referido no excerto, alusivo à vitória eleitoral de F. D. Roosevelt, claramente recusada antes das eleições pela grande parte dos meios de comunicação escritos, ainda hoje é lembrado. Tal levará a que alguma generalização da desconfiança na acuidade do tratamento noticioso feito pelos media escritos se estenda a diversos sectores políticos, durante as décadas de 30 e 40:

Thus the vital point: Theorizing about mass persuasion, far from being confined to disaffected radicals or even to liberal groups, likewise became a staple of right-wing criticism of the New Deal, where it frequently merged with preferences for isolationism and appeasement in US foreign policy. (*ibid.*, 45)

Surgem conceitos novos como o de *opinion leaders*, assim definido pelo grupo de Lazarsfeld: “not identical with the socially prominent people in the community or the richest people or the civic leaders. They are found in all educational groups.”(Schiller, 51). Estes *opinion leaders* desempenhavam, segundo Lazarsfeld um papel de mediação entre os próprios media e o público, conferindo determinada interpretação ao conteúdo noticioso, que era, através dessa intermediação, aceite por outros membros do grupo. O período pós-II Guerra Mundial testemunha importantes desenvolvimentos na evolução dos conceitos de comunicação e da procura de objectividade no tratamento das notícias. Olhe-se nas próximas linhas o desenvolvimento dado pela Escola de Frankfurt, nas palavras de Theodor Adorno, na distinção que faz entre *culture industry* e *mass culture*, mas também o conceito de *mass culture*, como proposto por Dwight McDonald:

Decades later, Adorno expressly attempted to clarify the distinction: The term culture industry was perhaps used for the first time in the book *Dialectics of the Enlightenment*, which Horkheimer and I published in Amsterdam in 1947. In our drafts we spoke of “mass culture”. We replaced that expression with “culture industry” in order to exclude from the outset the interpretation agreeable to its advocates: that it is a matter of something like a culture that arises spontaneously from the masses themselves, the contemporary form of popular art. From the latter the culture industry must be distinguished in the extreme. (*ibid.*, 67)

A versão de McDonald, bem como a sua posição política, eram divergentes “mass culture is a dynamic, revolutionary force, breaking down the old barriers of class, tradition, taste, and dissolving all cultural distinctions.”(Dwight McDonald, “A Theory of Mass Culture”, 1953, *ap.* Schiller, 65). McDonald opinava também no seu ensaio, que esta cultura de massas era, em última instância, manipulada por uma classe dirigente que a governava a seu bel-prazer com intuitos de dominação. Como se pode ver, admitir que em tais condições a objectividade pudesse ser algo simplesmente obtido através da crítica dos pares ou das direcções dos media era impossível. A estratégia conducente a tal fim continuava, e continua, a ser perseguida. Não se deve todavia esquecer que o estado actual do jornalismo leva o público a assumir o seguinte, segundo Phyllis Frus:

By positing the world as objectively there and insisting on their ability to capture it accurately, practitioners of objective journalism contribute to the reification of modern consciousness.

One of the results of half a century of this paradigm of journalism is that we became accustomed to news as information – as top-down communication, rather than as the exchange of ideas in an ongoing conversation about whose opinions will prevail. (Frus, 91)

O tom peremptório do jornalismo, como passou a ser entendido no século XX impede, como afirma Frus, um diálogo mais igualitário entre jornalista e público. Uma das questões a colocar seguidamente será a de inquirir se tal ocorreu de igual forma com o jornalismo literário.

3.2.2. O Jornalismo literário ao longo dos tempos nos EUA

Durante todos estes anos, a par dos jornalisismos de modelo noticioso e de “história”, como Schudson refere, desenvolvia-se outro jornalismo, o literário, a nomenclatura de que, como explicámos, nos apossamos. Este jornalismo parece ter sempre tido em conta as recomendações da obra de James Rorty, que Schiller relembra, pesarosamente, como esquecida de forma indevida:

An unduly neglected work by James Rorty can be utilized to develop the point. “If one wishes to discover America, all one has to do is forget all the solemn and reasonable things that solemn and reasonable people have spoken and written, and then go listening and pondering into cheap restaurants, movie palaces, radio studios, pulp magazine offices, police stations, five- and ten-cent stores, advertising agencies. Out of this atomic, pulverized life, the anarchic voices rise. They are shameless, these voices, and truthful, and wise with a kind of bleak factual wisdom. Each atom speaks for itself, to comfort itself. To assert itself against the overwhelming nothingness of all the other atoms...” (James Rorty, *Our Master’s Voice: Advertising* (New York, 1934) (Schiller, 69)

A temática da vida quotidiana de alguns sectores menos centrais da sociedade americana foi sempre fulcral para estes textos. A importância do tratamento de tais assuntos é posta em evidência por Norman Sims na obra *The Literary Journalists*: “Through activities like writing, publishing and reading, groups come to imagine one another and thus to constitute the very forms of public life.” (Sims, a, 111). A escrita e a sua actualização como é feita pelos diversos intervenientes – editores, leitores, críticos – constituem o emolduramento através do qual, em conjunto com outros factores como a interacção social a nível de contactos directos, o indivíduo constrói a

sua imagem daquilo que é encarado como a vida pública. Carey afirma algo de muito semelhante: “And it is in this role – that of a text – that a newspaper is seen (...) it is a representation of reality that gives life an overall form, order and tone.” (Carey, 21)

Se quisermos situar o jornalismo literário em termos dos modelos propostos por Schudson (e designados por outros autores de forma diferente, como narrativo - o modelo de informação, e discursivo – o modelo de história), teremos alguma dificuldade. Hartsock vai mesmo mais longe, afirmando que houve dissensão dentro do próprio jornalismo: “I contend not only that a rift occurred between literature and journalism but also that a rift occurred within journalism as a result of the objectification of news to which narrative literary journalism would prove a reaction.” (Hartsock, a, 17)

A crescente objectivação do conteúdo das notícias, com a conotação, por vezes negativa que era dada ao conceito de objectividade, entendida apenas como necessidade de obediência a regras estabelecidas internamente por um grupo profissional de jornalistas e editores, levou alguns jornalistas a procurarem formas menos convencionais de abordagem dos temas dos seus artigos.

By way of a preliminary definition of narrative literary journalism, I mean those true-life stories that read like a novel or short story (...) In addition, the result was often social or cultural allegory, with potential meanings beyond the literal in the broadest sense of allegory’s meanings. Largely, although not exclusively, that allegory is about embracing an understanding of the social or cultural Other. (*ibid*, a, 22)

O eminente crítico Hartsock define assim um tipo de jornalismo que evita ser veículo de “top-down information” como referia Phyllis Frus e que abre também caminho a outros significados que vão para além do literal. Acrescentando a todas estas correntes de opinião entre muitos intervenientes neste tipo de publicação é de realçar o facto de que a biblioteca de referência dos Estados Unidos, a Biblioteca do Congresso, cataloga estas obras como “reportage literature”: “Here are entered works on a narrative style of literature that features the personal presence and involvement of a human witness” (*Library*, 4944)”²⁰.

Regressamos assim à questão referida no início deste capítulo – a questão posta na distinção “news-novel discourse” nos séculos XVI e XVII em Inglaterra, no

²⁰ Como referido em Hartsock, 2000.

esbatimento de fronteiras entre real e imaginário que existia ainda ao tempo de Defoe, bem como do envolvimento do autor-narrador.

No que toca aos Estados Unidos, Hartsock recua no tempo, para traçar momentos iniciais de um tipo de escrita percursora:

Thus in the account [John Smith's 1624 *Generall Historie of Virginia, New England and the Summer Isles*] can be detected two strains of rhetorical intention: on the one hand to provide a factual account, on the other to tell a story. Those two strains help to provide evidence of the origins generally of American journalistic practice and, more specifically, the origins of modern narrative literary journalism. (Hartsock, a, 80)

John Smith reconta nesta sua obra, anos depois da experiência ter tido lugar (esteve na Virgínia de 1607 a 1609), de uma forma colorida pelo afastamento espacial e temporal, uma história que é livremente baseada em factos reais. Esta é uma diferença importante em relação ao que actualmente é considerado jornalismo literário e que não se permite tais liberdades. Hartsock estabelece uma possível divisão em três momentos dos antecedentes desta forma jornalística:

- Um primeiro, longínquo, que acaba com a invenção da imprensa;
- Outro, que engloba os séculos XVI, XVII e XVIII e que assiste à evolução da prosa narrativa, de diferenciação difusa, já acima referida, entre ficção e não-ficção;
- Finalmente um derradeiro, com a evolução dos dois modelos jornalísticos, a partir do século XIX, narrativo (história) e discursivo (informação).

Se nos detivermos no segundo período, que por razões óbvias será o primeiro a considerar no caso dos Estados Unidos, poderemos citar além de John Smith (*The General History of Virginia, New England, and the Summer Isles*), William Bradford. Bradford condiciona a sua narrativa, do grupo do *Mayflower*, em *Of Plymouth Plantation* aos limites impostos por uma visão individual dos acontecimentos “The which I shall endeavour to manifest in a plain style, with singular regard unto the simple truth in all things; at least as near as my slender judgement can attain the same.” (Bradford, 3).

É claro que narrativas como as de John Smith ou William Bradford, Thomas Morton (*New English Canaan*, com uma narrativa diferente da piedosa e elevada dos outros autores) ou John Winthrop (*A Model of Christian Charity*) se revestem de características que as afastam muito do que é o jornalismo ou o jornalismo literário.

São publicadas anos depois dos acontecimentos a que se referem e não foram publicadas com a intenção de serem textos jornalísticos. São textos de valor documental e artístico importante sobre momentos decisivos da história dos Estados Unidos e são fontes de valor inestimável sobre a história mais recuada de um país, acerca da qual não existe grande variedade de fontes escritas. São ainda narrativas de indivíduos em situação: os autores experimentaram muitos dos lances que descrevem e estão dentro deles como participantes, não só com o intuito de sobre eles reportar. Os escritos da época revestem-se ainda de uma característica muito própria, em particular a matéria publicada em Nova Inglaterra, pela primeira oficina tipográfica em Cambridge. Eram a expressão convicta de uma missão especial de que estavam investidos os habitantes do Novo Mundo, o que imprimia aos textos um cunho teleológico, segundo autores como David Paul Nord. O autor explicita que estes escritos se revestiam ainda de outra característica importante. De facto, eram narrativas de acontecimentos, aos quais era dada uma interpretação óbvia dentro de um esquema de ordenação divina das coisas: os acontecimentos ocorriam de determinada forma porque essa era a vontade de Deus, (Nord, 26). A interpretação “oficial” era então providenciada pelas autoridades: “In all the teleological literature, the people were urged to open their eyes to the events of the age, but they must see what the authorities wanted them to see.” (Nord, 29). A função de *gatekeeping* era na altura desempenhada por uma classe de autoridades religiosas.

Além da obra de habitantes dos primórdios das colónias inglesas na América, é de referir, ainda segundo Hartsock, a influência precursora do estilo de jornalistas ingleses como Edward “Ned” Ward:

Ward [Edward “Ned” Ward’s sketches of London life, published in his *London Spy*, a monthly, from 1698 to 1700] scholar Howard William Troyer notes: “The uniqueness of Ward’s method lay in turning the ordinary world, already familiar to his readers into the extraordinary and the unusual”. What was taken for granted became the basis for fuller examination as Ward embraced the Other of the common that was often kept at arm’s length. (Hartsock a., 112)

Ward toma o material que escolhe e trata-o da forma referida por Hartsock, que curiosamente faz lembrar conceitos do formalismo russo: do familiar faz-se o estranho, “desfamiliariza-se” o quotidiano para melhor compreender o “Outro” que, afinal, está bem perto. Dada a constante troca de informação entre Inglaterra e as colónias americanas, ecos dos autores ingleses chegam facilmente ao outro lado do Atlântico e,

a partir do momento em que os livros ingleses começam a ser publicados no novo país já independente, um factor importante acresce a esta influência, segundo Wendy Griswold: não existindo acordo internacional com os Estados Unidos sobre direitos de autor, os livros eram simplesmente copiados e impressos no outro lado do Atlântico. Assim, o preço dos livros ingleses era, no Novo Mundo, muito inferior ao preço praticado na própria Inglaterra. Griswold acrescenta todavia, que o baixo custo dos livros importados exercia, eventualmente, um efeito perverso, na medida em que criava um mercado ferozmente competitivo em matéria de preços e que, devido a esse factor, a escolha temática dos autores americanos se restringiu a determinados nichos:

I contend that the choices American novelists made regarding the subjects and themes of their novels, insofar as these choices differed from those made by their foreign counterparts, were due less to the differences in American character or experience than to different market constraints. (Griswold, a, 748)

De qualquer forma, durante muitos anos, as publicações de origem inglesa (e não só) eram lidas e muito apreciadas num país como os Estados Unidos em que, até ao próprio século XX, se discutia o que era de facto a literatura autóctone. Consequentemente, será de compreender a influência fundamental da literatura inglesa, de estilos jornalísticos britânicos bem como de outras literaturas europeias.

Anteriormente foi já referida a evolução do jornalismo nos EUA. Assim, avançaremos no tempo de forma mais decidida até ao século XIX quando são publicados textos que diversos autores consideram como efectivamente percursos de um jornalismo de cariz literário. Augustus Baldwin Longstreet escreve durante os anos 30 do século XIX uma série de *Georgia Sketches*, publicados pela primeira vez em colecção, anonimamente, pelo próprio autor em 1835 e, cinco anos mais tarde no Norte, pela editora Harper de Nova Iorque como, *Georgia Scenes, Characters, Incidents, etc.*. Na *Norton Anthology* é referido:

In the early 1830s, recalling his experiences in travelling through the seven counties of his judicial district (and still other counties, when filling in for a fellow judge) and drawing on his already known skill at tale telling, Longstreet began writing realistic, occasionally humorous, sketches for newspaper publication under two pseudonyms. (Baym, 958)

Longstreet dá a lume uma série de textos, declarando o objectivo que pretende atingir numa carta que endereça ao editor da *Southern Literary Messenger*, T. W. White: “The leading object of the *Georgia Scenes*, is to enable those who come after us, to see us

precisely as we are.” (Baym, 959). Atente-se nas primeiras linhas de “The Horse Swap”, publicado pela primeira vez a 13 de Novembro de 1833 pelo jornal *Southern Recorder*:

During the session of the Supreme Court, in the village of _____, about three weeks ago, when a number of people were collected in the principal street of the village, I observed a young man riding up and down the street, as I supposed, in a violent passion. (Baym, 960)

Longstreet, que exercia as funções de juiz itinerante à altura, viajava muito em virtude das suas funções, recolhendo os motivos para a escrita nas cenas do dia a dia que testemunhava. Usa, por exemplo, o pronome “I” imprimindo ao texto a marca de testemunho directo da acção e fazendo os seus próprios juízos sobre o ocorrido – “(...) as I supposed, in a violent passion.”

Hartsock acrescenta nomes como os de Herman Melville, (*Typee*) ou a primeira versão dos apontamentos sobre *Cape Cod* de Thoreau, textos onde a fronteira entre o ficcional e o não ficcional é frequentemente atravessada. Transgredir os limites desta fronteira sem qualquer tipo de prurido era, aliás, natural na época. Thoreau publicou os apontamentos sobre *Cape Cod* na *Putnam’s Monthly Magazine* em 1855: dez anos mais tarde seriam publicados, postumamente, em livro.

Narrative literary journalism offers more of an opportunity for reader engagement precisely because its purpose is to narrow the distance between subjectivity and the object, not divorce them. By such a means then, or by vicariously experiencing the life of the disenfranchised Other, narrative literary journalists not infrequently moved from an epistemological problem to a social one (...) (Hartsock, a, 132)

Os textos de Thoreau, acrescenta Hartsock, não eram só a interpretação transcendental de uma visita a um local: constróem uma cena, desenvolvem personagens e apresentam diálogo, o que nos leva a um tipo de escrita muito próximo do que é o jornalismo literário. Diversos autores, mais conhecidos por outros tipos de escrita, não deixaram porém de produzir obra que se pode considerar como precursora deste tipo de jornalismo. Entre eles poderemos destacar Mark Twain:

(...) there were examples such as Lafcadio Hearn’s portraits of African American life on the Cincinnati levee, Mark Twain’s *Life on the Mississippi* and *Innocents Abroad*, and the travelogues of Charles Dudley Warner, the now largely forgotten author with Twain of *The Gilded Age*. (Hartsock, a, 23)

Samuel Clemens começa a sua actividade de escrita jornalística, ainda enquanto era piloto de barcos no Mississipi nos últimos anos da década de 50 do século XIX. Antes de ter adoptado o pseudónimo que o celebrou, utiliza o de Thomas Jefferson Snodgrass e, durante cerca de três anos, escreve artigos para o *Keokuk Saturday Post* criando “the pattern of peripatetic journalism” (in Baym, vol. 2, 12) que desenvolverá ao longo da sua vida de jornalista. Twain é referido por muitos autores como representando um momento de viragem não só para a literatura mas também para o jornalismo:

John Kouwenhoven once suggested that “the tradition of reportorial journalism which first attained literary quality more than a hundred years ago in Dana’s *Two Years Before the Mast* had become, since Mark Twain’s time, one of the principal shaping forces in our literature”. (Weber, a, 5)

Autores como Twain ou Longstreet escreveram estes artigos numa América que viria a alterar-se em breve. Calcarrer distâncias ao ritmo da passada humana ou do galope do cavalo implicava que a lonjura era sentida como fisicamente existente, e o passar do tempo revestia-se de vagares que em breve deixariam de existir. Os conceitos de proximidade e distância no espaço, bem como o de brevidade ou demora temporal seriam revolucionados com desenvolvimentos tecnológicos que permitiram o aproximar de distâncias através de transporte ferroviário e a transmissão imediata de informação proporcionada pelo telégrafo.

Anos antes, este último provocara um momento de viragem definitivo no mundo do jornalismo. A escolha do material noticioso passa a depender de uma série de factores, desde o custo da transmissão até à presença de repórteres *in loco*, inicialmente muito mal vistos: “The institution of paid reporters was not only novel but, to some, shocking. (...) His [John Q. Adams’] use of “hired” to qualify “reporters” suggests how new, and perhaps disreputable, the institution of a reportorial staff was.” (Schudson, 24)

“The techniques of journalism became analogous to those of fiction, and lay partly in the ability to discern those elements which could be made into a transmittable artefact”. This function of “gatekeeping” is always ideological, because “the decision to report” can never be neutral, while the reasons for the selection are invariably suppressed. (Frus, 105)

O repórter era, já então, segundo Frus, condicionado nas suas escolhas de matéria noticiosa por factores pessoais mas também por outros que lhe eram alheios; era assim, já, um *gatekeeper*, um guardião, que se interpõe entre agentes e aspectos vários da

sociedade, acerca dos quais reporta de acordo com critérios que ele próprio e/ou o seu jornal estabelecem.

Vimos anteriormente como a *penny press* revolucionou, na década de 30 do século XIX, o conceito de notícia; a partir de meados desse século, outros desenvolvimentos condicionam todo o jornalismo e também aquele de que esta tese se ocupa. Thomas B. Connery no artigo “A Third Way to Tell the Story” incluído em *Literary Journalism in the Twentieth Century* refere a tensão existente entre a escrita que relata factos e a escrita de ficção, além da crise do próprio conceito de notícia:

The story suggests that the concept of news, which had been evolving in its modern form since the 1830's, was already becoming narrowly defined, established, and even traditional. It also depicts a popular conflict within the newspaper, between reporter and copy editor who wants to reduce all newspaper articles to a predictable formula. Finally, the story alludes to a fact-fiction tension that had become particularly evident in the two dominant American prose forms as modern journalism and realistic fiction both emerged in the second half of the nineteenth century. (Sims, b, 4)

Connery conclui que, perante tal dilema, a existência de duas formas de prosa não era suficiente, “but a third – a literary journalism – was possible and necessary.” (*ibid.*, 5). Este tipo de jornalismo não só apresentava notícias, mas também as interpretava, além de enriquecer a narrativa com grande número de pormenores utilizando técnicas de escrita que não eram pertença do jornalismo mas da ficção: “In this way, it gave readers another version of reality, an interpretation of culture different from that of either most conventional journalism or most fiction, that contained elements of both.” (*ibid.*, 6)

Quando Charles Dana e outros investidores adquirem em 1868 o *New York Sun* (jornal que, a partir de 1833, sob Benjamin Day, tinha sido um dos pioneiros da *penny press*) determinam como política editorial do jornal: “study condensation, clearness, point, and [it] will endeavor to present its daily photography of the whole world's doings in the most luminous and lively manner” (Hartsock, a, 123). O estilo jornalístico adoptado, num momento em que o telégrafo já envia notícias à distância, é o da pirâmide invertida, com as partes mais relevantes da notícia a surgirem no seu início, de forma a garantir que o essencial não se perca no meio do texto. O conteúdo deste tipo de jornal não se limitava ao assunto político de relevo mas estendia-se a outros domínios, anteriormente considerados menores, por não estarem incluídos entre os de interesse para uma classe social mais alta. A par de notícias dadas de acordo com as características de clareza e concisão acima referidas, Charles Dana encoraja a

publicação de *feature stories*, que rapidamente se tornam *human interest stories*, que Hartsock refere como sendo, de facto, uma criação desse editor. Este tipo de artigos, que lidavam com a condição humana, influencia claramente o desenvolvimento do jornalismo literário em termos de escolha de temas e de ponto de vista. O dono do jornal, onde Abraham Cahan sonhou publicar os seus artigos, reafirma o interesse de histórias que dessem ao leitor algo mais do que as notícias sobre factos como veremos adiante.

Nos finais do século XIX, este movimento continua com autores como Lafcadio Hearn, Stephen Crane, Hutchins Hapgood ou Lincoln Steffens. Stephen Crane celebrou-se com os seus *New York Sketches*, muitos dos quais publicados pelo *New York Press* em 1894. Neles explica Connery: “Crane was not concerned with the facts of an incident, but with how people were affected by the incident and how they behaved in particular situations” (Sims, b, 7). O crítico contemporâneo, H. W. Boynton, designou este tipo de jornalismo, de *higher journalism*, reconhecendo-lhe características que ultrapassam a fugacidade do habitual artigo de jornal: “They, and literary journalism, gave ‘passing things’ meaning and context by going beyond the facts, beyond the expectations and requirements of daily journalism and newspaper copy editors.” (*ibid.*, 9)

Lincoln Steffens era o editor do *Commercial Advertiser* nesta época. Sims cita como foi ele que instruiu Abraham Cahan acerca do estilo de artigo que pretendia publicar no seu jornal:

Here, Cahan, is a report that a man has murdered his wife, a rather bloody, hacked up crime. We don't care about that. But there's a story in it. That man loved that woman well enough once to marry her, and now he has hated her enough to cut her all to pieces. If you can find out just what happened between that wedding and this murder, you will have a novel for yourself and a short story for me. Go on now, take your time, and get this tragedy, as a tragedy. (Sims, b, 10)

Steffens não pretendia com estas histórias bater os concorrentes em termos de obtenção de notícia em primeira mão; queria, porém, que os seus jornalistas fossem “the ‘transfigured reporter’, the literary journalist, to be the rule rather than the rare exception.” (*ibid.*, *ibid.*). Na autobiografia de Steffens, citada por Connery, o editor do *Commercial Advertiser* escrevia: “He said he wanted New York reported ‘so that New Yorkers might see, not merely read of it, as it was: rich and poor, wicked and good, ugly and beautiful, growing, great.’” (*ibid.*, *ibid.*)

Hutchins Hapgood escreveu para o *Advertiser* e descreveu ele próprio os seus artigos para o jornal: “ something like the *feuilleton* – a short article which is a mixture of news and personal reaction put together in a loose literary form” (Sims, b, 15)

Hapgood defendeu ainda algo que o aproxima dos *New Journalists* dos anos 60 do século XX e de muitos outros autores que se lhes seguiram.

Hapgood argued in the *Bookman* [“A new Form of Literature”, *Bookman* 21, p.424, 1905] article that literature could be transfused with new life if it borrowed an essential tool of the daily newspaper reporter: the interview. If the interview were employed properly, maintained Hapgood, then contemporary writing could be “carried into literature” (...) Hapgood thus envisioned the same form of writing more recently espoused by the New Journalists, a writing that would read like fiction but be about “real” people and events. (*ibid.*, 16)

Iremos analisar, em capítulos seguintes, a utilização que desta técnica foi feita, ao longo do século, nos diversos textos do corpus, não só nos escritos de Tom Wolfe, mas também por autores que o precederam e sucederam.

Hapgood, ajudado pelo seu amigo Abraham Cahan, que o apresenta e guia pela sociedade judia, escreve a série de artigos sobre o gueto judeu de Nova Iorque que serão mais tarde compilados na obra, *The Spirit of the Ghetto: Studies of the Jewish Quarter in New York*, publicada em 1902 com ilustrações de Jacob Epstein, como a que se reproduz a seguir e que atesta sobre a vida intelectual própria e muito activa desta comunidade que se concentrava na zona da Bowery. Quanto a Cahan, o autor do primeiro texto a analisar nesta tese, o próximo capítulo versará a sua obra em mais detalhe.



Ilustração 3 – “In these cafés they meet after the theatre or an evening lecture”
Ilustração de Jacob Epstein para a obra *The Spirit of the Ghetto*, New York, Funk & Wagnalls, 1902.

Jornalistas como Lincoln Steffens lançaram-se ulteriormente em jornalismo de cruzada, *muckraking*, que no início do século XX investigou, denunciou e tentou corrigir situações de abuso de poder, corrupção ou condições de produção ou distribuição conducentes a monopólios. A acrescentar ao jornalismo investigativo mais sério, proliferou também à época, o jornalismo sensacionalista, como o *yellow journalism*. Hartsock aponta uma distinção fundamental que se tem de fazer entre este jornalismo sensacionalista e o jornalismo literário:

Even though sensationalism can incorporate the techniques of novel writing, its purpose is not to overcome the epistemological gulf between one's subjectivity and what has been objectified as Other. (...) For example June Howard notes that in a sketch by Frank Norris from 1897 the conception of the "brute" was reinforced as Other. (Hartsock, a, 141)

O propósito de muito jornalismo sensacionalista é apresentar um "Outro" diferente, por motivos de raça, estilo de vida, profissão, etnicidade ou outros motivos: esse "Outro" é descrito e mantido a uma distância segura, como uma curiosidade ou como um ser de certa forma indesejável, marginal. Representa uma alteridade eventualmente perigosa e que se deverá manter assim, diferente e afastada, equacionando-se que o perigo de ofensa a uma norma estabelecida serve também, curiosamente, como um avalizar dessa mesma norma, enquanto perpetuadora de valores que não se querem ver discutidos ou alterados. Esta é uma visão distanciadora de tudo o que é diferente mas que também tenta ser lenimento para sensações de insegurança que a estranheza provoca quando confrontada com padrões aceites como normais. Hartsock apresenta como contraponto a esta situação o exemplo de um texto de 1894 de Stephen Crane:

The portrait [Stephen Crane's "In the Depths of a Coal Mine"] is one of ontological complexity, depth and ambiguity in its visual contrasts, where both dark and light, good and bad, and shades in between coexist for better or worse, instead of a sensationalized portrait composed to illustrate a didactic point in the name of exposing unhealthy working conditions in the coal mines. (*ibid.* 146)

Crane não narra nesse nem em outros textos situações maniqueístas que refiram um mundo de bons e maus, separados nestas duas categorias de forma definitiva. A interpretação que é característica do jornalismo literário, não é habitualmente exterior ou preconceituosa, assumindo como únicos os valores de uma cultura dominante. O grande conjunto existente de obras deste 'género' revela interpretações individuais muito variadas que, por si só e no seu conjunto, constituem um acervo importante das

múltiplas visões individuais que estruturam a cultura partilhada. Lehman escreve a este respeito: “Nonfiction is literature whose historical assertions and representational intentions are by definition an effort to fix our identity within the world around us” (Lehman, 37). Seguindo o pensamento deste autor, e também o de James Carey, considerando que jornalismo é uma forma de comunicação e concordando com a definição dada por este último de comunicação como ritual – “ (...) a ritual view conceives communication as a process through which a shared culture is created, modified and transformed” (Carey, 43) – temos que inferir que esta forma de comunicação também servirá para modificar, transformar a realidade e não só para a perpetuar inalterada. A forma como se processa essa mudança varia muito ao longo do tempo; a resistência, que é oposta à transformação, varia de igual modo.

Lehman explicita mais adiante:

The news value of “novelty” corresponds to a market demand for diversified news product as well as for the reporting of “freak” events that excite an otherwise routine news consumption pattern. (...) In all cases the emphasis is on events that break normal patterns, that offer their readers a “real-life” experience that is exotic or strange, though safely mediated. (Lehman, 123)

Apesar da distância reconfortante da mediação também valer, obviamente, para os textos que analisaremos mais tarde, caracteristicamente o jornalismo literário tende a não exibir o outro como *freakish*. Essa não é a intenção, muito pelo contrário, a função ritualística de comunicação serve para construir e modificar realidade: o posicionamento em campos antagónicos de protagonistas que partilham uma mesma realidade serve, frequentemente, como fase transitória, enquanto as linhas que separam uns dos outros não deixam de ser tão claras.

Theodore Dreiser constitui um caso um tanto diferente em matéria de jornalismo literário. Marilyn Ann Moss, escreve a este propósito no artigo que escreveu acerca do autor para a obra editada por Connery :

Dreiser located a drama being played out in the modern American city between the forces of good and evil that men and women did not understand to the extent that the genius [Dreiser] perceived it. Thus it was his responsibility to enlighten these men and women as to the nature of their modern condition; (Connery, 146)

Dreiser, ainda segundo Moss “was never so much a recorder of human events as he was an interpreter of culture”. Dreiser assume para si um papel central de intérprete cultural privilegiado, para grupos inseridos num mundo e numa cultura que, frequentemente

segundo ele, não logravam compreender sózinhos e que, por isso, ele descodificava pedagogicamente em benefício desses homens e mulheres.

Tal como Hapgood e Cahan tinham escrito acerca de uma minoria étnica, W. E. B. Du Bois escreve textos jornalísticos de não-ficção sobre a minoria negra, discriminada por motivos de raça. *The Souls of Black Folk* é um entre muitos trabalhos de não ficção, da autoria de Africano-americanos, que proliferaram a partir de meados do século XIX. Quase todos estes autores utilizam a forma do jornalismo literário com um objectivo apontado por Hartsock, neste caso referindo-se inicialmente a Stephen Crane e aos *muckrakers*:

As for muckraking journalism, it can re-enact the same epistemological problems of literary or sensational journalisms in a narrative mode, reinforcing the differences between subject and object, or attempting to close the distance between them. (...) I suggest this is the case in Crane's coal mine article (...) his "looking closely" in order to distinguish between "effect" and our more ambiguous human reality. This would prove to be the ambition of narrative literary journalism in the newly born twentieth century and up through the new journalism of the 1960s and 1970s. (Hartsock, a, 151)

Connery acrescenta que, a partir de uma fase muito propícia à publicação de artigos de jornalismo literário entre cerca de 1890 e a primeira década do século XX, tanto em jornais como revistas, estas passariam a ser o principal meio de publicação. Por outro lado, Hartsock salienta que, a partir da segunda década do século XX, se regista alguma perda de popularidade no campo do jornalismo literário:

In his 1915 *History of American Literature*, Fred Lewis Pattee indirectly offers a reason for why narrative literary journalism, as practiced by journalists, had begun to go into a decline by the end of the first decade of the twentieth century: a shift in critical opinion increasingly denied that journalistic endeavour could be literary. (*op. cit.*, 154)

Tanto a crítica literária, como a crise sofrida pelo jornalismo prolongam a situação até bem depois da I Guerra Mundial. Durante o período que medeia entre o início da segunda década do século XX e os anos 30, o jornalismo literário está ligado à escrita progressista com autores como William Hard, tal como referido por Connery: "In "picturesque" stories showing "human beings in action", Hard used a variety of techniques, not just anecdotes, in a variety of inventive ways in the effort to produce entertaining articles on important subjects." (Connery, 132). Hard escreve para o público em geral, em revistas como *Everybody's* and *Munsey's* e para públicos

politicamente mais envolvidos em revistas como *Neighbor* e *New Republic*. Outros autores, como John Reed, viajam em busca de temas; Reed percorre a guerra e a revolta no México, a Europa durante a I Guerra Mundial e a Rússia ao tempo da revolução bolchevique que ele descreveu em *Ten Days that Shook the World*.

Cerca de vinte anos mais tarde, James Agee escreveu uma das obras mais famosas deste género, frequentemente designado à época como *reportage* intitulada, *Let Us Now Praise Famous Men*. A investigação original é feita para a eventual publicação de um artigo para a revista *Fortune* (de Henry Luce), *in loco* no Alabama em Agosto de 1936 acerca de uma família de arrendatários rurais, em conjunto com o fotógrafo Walker Evans. Ambos publicam eventualmente o resultado do seu trabalho em forma de livro em 1941. A primeira parte do volume mostra cerca de cinquenta fotografias de Evans e prossegue com o texto de Agee, que alguns consideraram como demasiadamente sentimental, sobre um grupo de *sharecroppers* atingido pela Depressão de forma devastadora. Agee prosseguirá uma carreira não só de jornalista mas também de argumentista. Contemporâneo deste autor à época é Joseph Mitchell, um dos autores seleccionados para o corpus, que será tratado em mais detalhe no capítulo 3.

Imediatamente a seguir à II Guerra Mundial publica-se outro texto de referência desta área – *Hiroshima*, de John Hersey, que descreve as consequências da bomba atómica nesta cidade japonesa. Dan R. Jones, no artigo que escreveu sobre Hersey para a obra editada por Thomas Connery, refere assim *Hiroshima*:

Hersey's choice of subjects is thus consistent with the book's basic agenda: to provide a frame for comprehending the incomprehensible reality of the atomic bomb blast. Because Hersey's nonfiction novel is populated with figures who, though Japanese, nonetheless conform to American social types, the characters become guides to understanding the events. (Connery, 216)

Hersey continua a sua história passados quarenta anos quando, em 1985, publica um quinto capítulo de *Hiroshima* que actualiza as histórias das seis pessoas acerca de quem ele tinha escrito quarenta anos antes. Como Jones comenta, nem nos primeiros quatro nem neste quinto capítulo, Hersey emite juízos ou opiniões: “The true achievement of *Hiroshima*, then, and that which sets it apart from Hersey's earlier journalism, is that its journalistic credibility is not flawed by the injection of moralistic sentiment.” (*ibid.*, 216).

Lillian Ross foi uma das jornalistas que, no pós-guerra, mais se distinguiu neste tipo de escrita. Arthur Roberts escreve sobre a autora:

Nevertheless, after World War II when American magazines had shifted their emphasis from fiction to nonfiction, she became, along with others such as John Hersey and Joseph Mitchell, an early contributor to the movement away from the purely objective reporting that had characterized most journalistic practice until then. (*in* Connery, 232)

Ross manteve porém uma atitude em relação ao jornalismo, mesmo o de índole mais literária, que não considera o tipo de texto que escreve como particularmente inovador ou diferente, argumentando que o empréstimo das técnicas de escrita da ficção ao jornalismo sempre se tinha registado. Anos mais tarde, em 1983, Ross distancia-se dos *New Journalists* pelos seguintes motivos que ela própria refere, *ap.* Connery:

The two kinds of writing differ in important ways, however... The reporter keeps his opinions, his sentiments, his prejudices to himself. (...) Contrary to what some writers believe today, what is inside another person's head is "unreportable". The closest a person can come is to tell what a person says he thinks or feels or thought or felt. (*ibid.*, 232)

Ross difere assim, de muitos dos *New Journalists* dos anos de 1960 e 70 pois não concorda com a possibilidade de o jornalista partilhar os pensamentos do seu objecto, e de os traduzir fidedignamente para texto.

Em 1965, Truman Capote publica a obra *In Cold Blood*, que relata os acontecimentos que levaram ao assassinato, em 1959, de uma família do Kansas rural e as consequências destes crimes. Capote investigou os acontecimentos durante cerca de cinco anos, foi ao local e visitou os homicidas na penitenciária. Capote foi assim, com a publicação deste livro, um dos primeiros autores a trilhar os caminhos do romance não ficcional (*non-fiction novel*): a obra é baseada na investigação de factos verídicos, que não só narra, mas também pretende observar sob diferentes pontos de vista e em profundidade. Capote tinha começado a trabalhar anos antes, em 1942, na revista *The New Yorker* e, a partir de 1946, passa a contribuir regularmente, desenvolvendo uma forma muito própria de entrevistar que rapidamente estabelecia confiança entre entrevistado e entrevistador, permitindo-lhe aceder a pormenores e factos de maneira eficiente. Alguns críticos de Capote acusam-no de ficcionar pormenores, especialmente em *In Cold Blood*. A questão da distinção absoluta entre facto e ficção que se levanta desde sempre é sentida com maior acuidade depois das experiências dos *New*

Journalists: tal não impede, porém, que Capote seja considerado uma das maiores figuras do *New Journalism*.

Este movimento surge num contexto histórico-jornalístico muito marcante. A década de 1960 proporciona a existência de material jornalístico e jornalistas que se conjugam para se distinguirem mutuamente. A matéria a tratar era rica – movimentos sociais e culturais muito vivos e plenos de polémica, acontecimentos nacionais e internacionais; os jornalistas evidenciavam-se pelo seu trabalho, e/ou por alguma sede de protagonismo pessoal. John Pauly escreveu acerca deste movimento: “The New Journalism, (...), confronted both Journalism and Literature with the social habits and institutional structures that sustained them.” (Sims, b, 110). Em 1973, Tom Wolfe escreve, a seguir à explicação que dá da diferença entre *scoop* e *feature*:

The “feature was the newspaper term for a story that fell outside the category of hard news. It included everything from “brights”, chuckly little items, often from the police beat (...) to human interest stories”, long and often hideously sentimental accounts of hitherto unknown souls beset by tragedy or unusual hobbies within the sheet’s circulation area. (Wolfe, 5,6)

Wolfe acrescenta que este tipo de escrita jornalística não era mais do que uma antecâmara para a verdadeira escrita literária que muitos jornalistas aspiravam a algum dia poder concretizar na verdadeira forma eleita – o Romance. Wolfe faz na introdução à colectânea de textos *New Journalism*, publicada em 1973, a história e a explanação do que foi este movimento.

By the 1950’s the Novel had become a nationwide tournament. (...) The scene was strictly for novelists, people who were writing novels. (...) There was no such thing as a literary journalist unless he was there in the role of would-be novelist or courtier of the great. (*ibid.*, 8)

Wolfe descreve como foi surpreendido, em 1962, com a publicação de um artigo (“Joe Louis: the King as a Middle-aged Man”) de Gay Talese que, pela primeira, vez usa uma característica essencial para a mistura de jornalismo e literatura: “Really stylish reporting was something no one knew how to deal with, since no one was used to thinking of reporting as having an aesthetic dimension.” (*ibid*, 11). Na mesma altura, Jimmy Breslin começa a escrever para o *Herald Tribune* uma “‘bright’ local column” e faz, segundo Wolfe, uma descoberta revolucionária: “He made the discovery that it was feasible for a columnist to actually leave the building, go outside and do reporting on his own, genuine legwork.” (*ibid*, 12). Através do enunciado por Wolfe depreende-se

um regresso à recomendação já referida de Lincoln Steffens, editor do *Commercial Advertiser*, a Abraham Cahan, para sair do jornal e investigar o tempo que fosse necessário.

Breslin redescobre afinal o “legwork”, não sendo porém esta, a única característica que define este tipo de escrita. Wolfe nomeia ainda a utilização do ponto de vista como uma técnica essencial: “Most non-fiction writers, without knowing it, wrote in a century-old British tradition in which it was understood that the narrator shall assume a calm, cultivated and, in fact, genteel voice.” (Wolfe, 17) Wolfe experimenta então com os pontos de vista, nada de novo para um escritor nos Estados Unidos onde, desde Henry James este tipo de experiência tem vindo a ser comum. A diferença reside no lugar textual da experiência, no facto de ser um texto jornalístico e de, até então, a focalização convencional para os jornalistas ser uma de “understatement”. Este tipo de focalização pretendia atingir um objectivo, que envolvia a recepção: “The idea was to give the full objective description, plus something that readers had always had to go to novels and short stories for: namely the subjective of emotional life of the characters.” (*ibid*, 21).

Sistematizando, este autor determina que existem quatro características técnicas que definem o *New Journalism*: “scene by scene construction”; “record the dialogue in full”; “third person point of view” e, por último:

(...) the recording of everyday gestures, habits, manners, customs, styles of furniture, clothing, decoration, styles of travelling, eating, keeping house, modes of behaving towards children, servants, superiors, inferiors, plus the various looks, glances, poses, styles of walking and other symbolic details that might exist within a scene. (*ibid.*, 32)

Wolfe baseia o interesse desta técnica na característica essencial de interacção com o meio físico e social para a definição individual e colectiva das histórias. “During every moment of consciousness it [the human mind] is linked directly to external clues as to one’s status in a social and not merely a physical sense and cannot develop or survive without them.” (*ibid.*, 33).

James Rorty, citado em página acima, tinha escrito em 1934 que todas as vozes têm uma vida própria e uma história para contar. Parece assim preceder Mark Kramer que, anos mais tarde, em 1995 ao enumerar as suas “Breakable Rules for Literary Journalists” cita tópicos para este tipo de textos e refere formas de obtenção da história:

Literary journalists write mostly about routine events (...) The ecology of convenient access impels literary journalists toward routine events, not extraordinary ones. (...) The goal during “reporting” or “fieldwork” is not to become socialized as an insider, as an intern at a firm en route to a job. It is to know what insiders think about, to comprehend subjects’ experiences and perspectives and understand what is routine to them. (Sims, 27)

Wolfe, o autor de “The Girl of the Year” a ser estudado em capítulo ulterior fez, *a posteriori*, um balanço do tipo de escrita que ele próprio e outros desenvolveram durante os anos 60. Centrando-se na sua própria experiência, o autor terá, afinal, reafirmado afinal um momento de continuidade numa tradição mais alargada. “New York is a city of things unnoticed.”, escreveu Gay Talese em *New York: A Serendipiter’s Journey*; os detalhes que escapam à atenção de quem só pretende apreender a “Big Story”, não passam despercebidos a escritores como Talese, Wolfe ou Cahan.

Tanto alguns *New Journalists*, como autores mais recentes, tendem a ter alguns pontos comuns, como terem formação académica específica na área do jornalismo ou dos estudos culturais. Tom Wolfe lembra na antologia que prefaciou: “In any case, by the time I received my doctorate in American studies in 1957 I was in the twisted grip of a disease (...) to join the “real world”. So I started working for newspapers. (Wolfe, 4). Outro autor referido e respeitado desta área é John McPhee, que frequentou a Universidade de Princeton e exerceu aí funções académicas. Escreve para a revista *The New Yorker* desde 1965 e iniciou a actividade jornalística ainda nos anos 50. McPhee tem sido um modelo para muitos jornalistas, pois investiga a fundo qualquer tema que trate: os seus artigos são normalmente longos e aprofundados mas, como já foi referido por alguns críticos, não são aborrecidos. Os temas que aborda são muito variados, debruçando-se sobre tópicos de áreas como a Natureza, a sociedade humana ou mesmo o mundo da ciência. Ganhou em 1999 o Prémio Pulitzer pela obra, *Annals of the Former World*.

Muitos autores contemporâneos se poderiam aqui referir tais como, Susan Orlean, Adrian LeBlanc, Mark Singer, entre outros. Todos eles, de uma forma ou de outra, olham à sua volta e, não confiando nas primeiras impressões ou em estereótipos, relatam por escrito aquilo que veêm e experimentam ou que lhes é dado a conhecer da experiência de outros. As técnicas variaram muito desde o século XIX mas todos estes autores lidaram, e lidam, com realidades circundantes que interpretam e, mediando-as, levam outros a interpretar.

Nos primeiros tempos e com autores como Twain, Melville, Thoreau o universo da escrita americana comportava diferentes facetas hierarquizadas, de forma adequada à época. As fronteiras entre ficção e não ficção eram de certa forma indistintas e os esforços de autonomização e independência cultural sobrepunham-se a outras disputas formais, se bem que também tivessem a sua importância.

A partir dos anos 90 do século XIX, o intuito dos textos era informativo e formativo. A classe dos jornalistas tinha preocupações modernas de tiragens e de venda mas também cumpria uma missão quase educativa. A preocupação com a verdade jornalística crescia, porém a imaginação ainda se permitia colorir a realidade. A escrita progressista continua nesta senda e, depois da I Guerra Mundial, a nível temático, aborda-se não só o “Outro” estrangeiro, imigrante e diferente, mas o “Outro” americano, pobre rural ou cidadão pouco convencional. A nível de estilo de escrita há mais experimentalismo e, em termos de processos de aquisição de material, a pesquisa é mais profunda com uma imersão em situação cada vez maior.

A partir dos anos 60 e do *New Journalism* a temática é muito alargada e as técnicas são cada vez mais definidas pelos próprios jornalistas que teorizam sobre a sua prática de escrita. Falsear informação, ou “colori-la”, deixa de ser aceite pacificamente, o que leva a que casos desses, que se tornem conhecidos, sejam denunciados e criticados pelos próprios pares. Matthew Arnold, como já referido, escreveu em 1887 que existia um “new journalism”, que porém tinha um “calcanhar de Aquiles”: era *feather-brained*. O jornalismo literário, que herdou alguma das características desse jornalismo novo, tem vindo a provar que não enferma desse mal. Para ajuizar acerca do seu papel basta considerar alguns dos autores já referidos, bem como muitos outros, que escreveram textos que, dentro da família do texto jornalístico, ganharam uma relevância que vai para além da notícia do dia. Esta circunstância permite a abertura de caminhos de investigação dentro da área dos estudos culturais, mais exactamente no domínio das conexões entre textos, contextos e intertextualidade. Tal será o objectivo dos restantes capítulos desta tese, começando com os “ Novos Americanos Solitários” de Abraham Cahan.

Capítulo 2 – “There Goes a Greenhorn!”²¹

Os capítulos que se seguem analisam o corpus desta tese. Este é constituído por quatro, dos muitos textos que se podem encontrar ao longo de cerca de cem anos de jornalismo literário americano. Utilizando a metodologia já explicitada na Introdução, o objectivo desta dissertação consiste em verificar como é representada a existência de um “Outro” nos textos estudados e, como essa representação vai mudando qualitativamente, à medida que o objecto cultural²² da alteridade vai sendo distintamente definido em momentos diferentes. Como modelo efectivo de análise utilizaremos o modelo de “diamante cultural”²³ preconizado por Wendy Griswold, seguindo as diversas ligações a estabelecer entre os diferentes ângulos, a saber, ambiente social, criador, receptor, objecto cultural. Desenha-se aqui o modelo relativo ao texto de Abraham Cahan, que irá ser seguidamente desenvolvido:

1. **CRIADOR** – Abraham Cahan - imigrante, judeu, socialista;
2. **AMBIENTE SOCIAL** – Nova Iorque/*Lower East Side*/Viragem inicial do século XX;
3. **RECEPTOR** – Leitores do jornal *Commercial Advertiser*;
4. **OBJECTO CULTURAL** – O “outro”, judeu, na transição para o século XX.

²¹ “‘Green one’ or ‘greenhorn’ is one of the many English words and phrases which my mother tongue has appropriated in England and America.” (Cahan, a, 93); imigrante recém-chegado aos Estados Unidos.

²² Segundo a definição de Wendy Griswold: “A cultural object may be defined as shared significance embodied in form.” (Griswold, 11)

²³ Segundo a definição de Griswold:

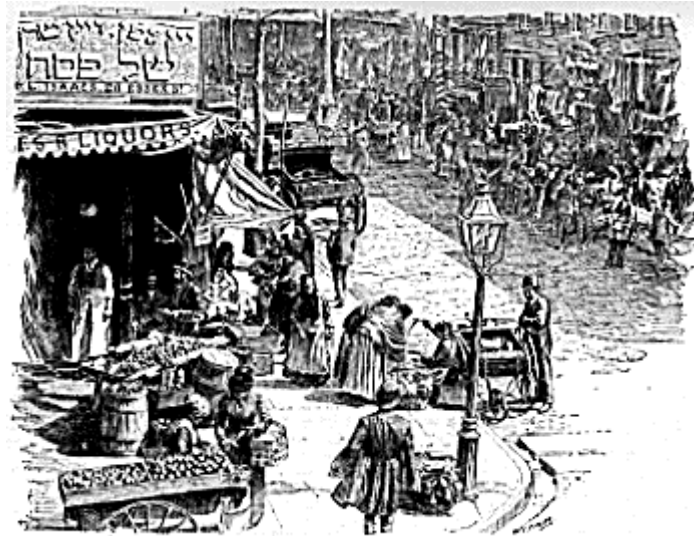
In the book I use the device of the “cultural diamond” to investigate the connections among four elements: *cultural objects* – symbols, beliefs, values, and practices; *cultural creators*, including the organizations and systems that produce and distribute cultural objects; *cultural receivers*, the people who experience culture and specific cultural objects; and the *social world*, the context in which culture is created and experienced. (Griswold, xiv)

Verifica-se, assim que, se bem que analisando um texto escrito, não se vão aplicar rigorosamente metodologias literárias na sua totalidade. Não se trilhará um caminho metodológico que siga o *New Criticism*, focado inteiramente no texto, ou a análise estruturalista da descrição sistemática do discurso literário. O texto não será também estudado, como no realismo segundo Barthes, para quem esta corrente literária assumia as palavras como reflexo “natural” de uma realidade estável. Será seguido o caminho metodológico que Jonathan Culler aponta para os estudos culturais, baseado, pelo menos em parte no estruturalismo, “to try to spell out the signifying procedures of different cultural practices.” (Culler, 124). As práticas culturais são encaradas como criadoras de significados e simbolismos e, desde o estudo do conceito de cultura como foi feito por Raymond Williams, que tal é encarado como central: “(...) the central question of the relations between ‘material’ and ‘symbolic’ production, which in some recent argument – cf. my own *Culture* – have always to be related rather than contrasted.” (Williams, a, 91).

Para atingir tal objectivo será utilizado o método preconizado por Griswold. Todos os vértices do modelo desta autora têm importância, pois esta é uma análise cultural, que leva em conta não só o objecto em si, neste caso como ele é concretamente apresentado num artigo de jornalismo literário (ele próprio, enquanto género, um artefacto cultural), mas também a ligação que o objecto tem com o ambiente social, o autor e o receptor e a maneira como vai evoluindo e sendo construído, finalmente como vai criando instâncias ou práticas de significação, como explicita Du Gay (1997)²⁴.

²⁴ “(...) because all social practices are meaningful practices, they are all fundamentally cultural.” (Du Gay, 2)

1. Criador



A MARKET SCENE IN THE JEWISH QUARTER.

Ilustração 4– in Riis, Jacob, *How the Other Half Lives*

O primeiro texto a analisar, “Drowned their Sins”, publicado em 19 de Setembro de 1898, é da autoria de Abraham Cahan (1860-1951), um judeu de origem russa, que imigrou para os Estados Unidos em 1882. Cahan desempenhou, durante a sua vida na América, um papel importante tanto para os outros imigrantes como para os Americanos: estabeleceu pontes entre os judeus provenientes do *Pale of Settlement* russo e o seu novo país. Por um lado, nos artigos jornalísticos e livros escritos em inglês, ele visa todo o público americano (imigrantes incluídos), pretendendo apresentar a realidade destes novos cidadãos, em processo de aculturação, cada vez menos figuras de alteridade mas mesmo assim detentores de características próprias e únicas. Com os textos em iídiche, publicados principalmente no periódico publicado, a partir de 1897, em Nova Iorque nessa língua, *Jewish Daily Forward*, ajuda os imigrantes a lidarem com realidades novas. Uma das colunas mais populares do jornal, a *Bintl briv*, cartas ao editor, serve ao autor de púlpito para ele próprio responder, em tom de conselheiro, esclarecendo todos os assuntos que causavam dúvidas ou ansiedades aos recém-chegados ao novo país, em termos de relações humanas dentro e fora da comunidade de origem ou de problemas laborais, bem como de todo o tipo de outras questões.

Começaremos por fazer uma breve resenha da vida do autor, tanto na mãe pátria russa, como no país de adoção.

1. 1. Rússia

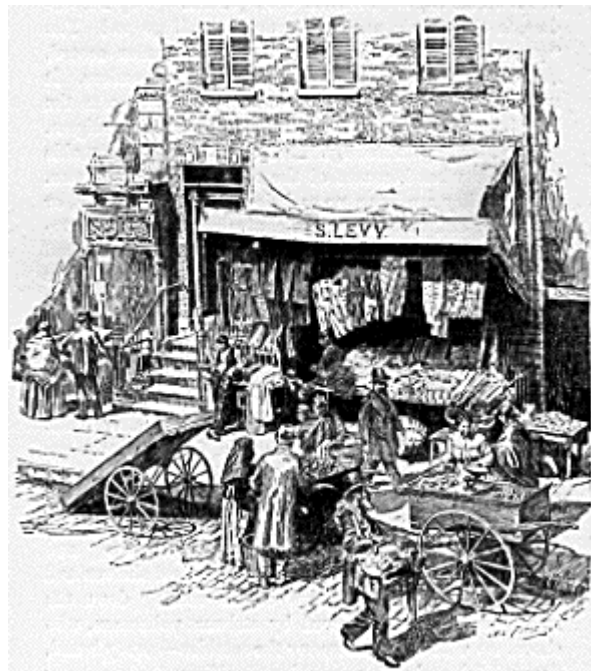
Although most of Abraham Cahan's early years were spent in the city of Vilna, he was born in Podberezy, a *shtetl*, a small Jewish community, located about fourteen miles from that city. His birth date was 7 July 1860. (Marovitz, a, 1)

Cahan era um *Litvak*, um judeu lituano e *misnagdim*, isto é, um judeu que pertencia a um grupo que não se identificava com os Hasídicos, seguidores do movimento predominante naquela zona da Rússia. Os judeus hasídicos acreditavam na exaltação da pobreza e não enfeitavam os mais abjectos: este movimento fora fundado para enaltecer a importância de uma comunidade judaica, mesmo que esta estivesse reduzida à pobreza e à exclusão pelos Russos, que os toleravam no seu território mas não os integravam. Os judeus lituanos tentavam aproximar-se mais dos ideais daqueles judeus russos, que anteriormente tinham aderido entusiasticamente ao Iluminismo (formando o movimento *Haskalah*). Os judeus lituanos, *Litvak*, continuavam, simultaneamente, a cultivar o canto judeu, uma forma tradicional de prece cantada, fervorosa e espiritualista. O pai do autor, Shakhne Cahan, era um *melammed*, um professor de instrução primária e religião para rapazes, socialmente de graus abaixo do que o seu próprio pai tinha sido, um rabino. Shakhne Cahan acreditava, porém, que o filho não tinha que seguir as passadas do pai ou do avô e, por isso, concorda com a sua matrícula num instituto profissional para judeus, uma das escolas que tinham sido fundadas como parte de um programa de “russificação” para aqueles. Curiosamente, então, a primeira assimilação cultural de Cahan é feita na Rússia e não nos EUA. Em vez de entrar no liceu e depois na Universidade, como teria sido o seu desejo, Abraham permanece em Vilnius no Instituto de Professores Judeus, que o preparou para uma carreira de professor e, simultaneamente, o livrava da recruta militar obrigatória que significaria 25 anos de serviço no exército do czar. Associa-se a um grupo de intelectuais socialistas, gentios e judeus; esta associação transforma-o em socialista convicto e, pouco tempo depois da sua primeira colocação profissional, numa escola em Velizh, a polícia

começa a interessar-se pelas suas actividades. No seguimento de uma busca das autoridades à sua casa, Cahan resolve deixar a Rússia prevenindo assim uma prisão eminente. Quando fugiu, Cahan não tinha um destino definitivo em mente. Porém, à medida que se distancia, e considerando os diferentes destinos possíveis – Palestina, por exemplo – o Novo Continente afigura-se-lhe como uma opção válida, e é para lá que se dirige, via Inglaterra.

1.2. Estados Unidos

O Sleepless as the river under thee, (...)
Hart Crane, 'To Brooklyn Bridge'



THE OLD CLO'E'S MAN--IN THE JEWISH QUARTER.

Ilustração 5– in Riis, Jacob, *How the Other Half Lives*

Em 1882, Nova Iorque apresentava-se como uma cidade com um aspecto algo misto entre urbano e rural. A ponte de Brooklyn, simbólica e efectivamente um ponto de viragem na vida desta cidade, estava na fase final de construção. "The vast spread of New York, with its many islands, channels and bays, still had a somehow rustic look in June of 1882, when Cahan arrived there by rain and ferry after docking at Philadelphia." (Sanders, 40).

Ao abandonar o país de origem, Cahan hesita quanto ao destino mas, como referido acima, opta pelos Estados Unidos da América, considerando que talvez naquele novo país existisse lugar para um judeu, russo e socialista. Esta tripla condição tornava-o indesejado no país de origem, a Rússia. Cahan nascera em território russo, mas não tinha tido uma verdadeira mãe-pátria; era judeu, mas estava algo distanciado da religião

ancestral; era socialista, mas os socialistas russos não se tinham revoltado ou manifestado contra os *pogroms* que sacrificavam os judeus, religião de alguns dos seus seguidores. Qualquer dos elementos da sua identidade se encontrava em conflito com os restantes e, certamente que, ao aportar ao novo continente, a lealdade de Cahan para um país ou uma nacionalidade ainda não tinha encontrado um destinatário forte.

Cahan abandona a Rússia em 1882 e Sanders escreve a respeito desta vaga de emigração judia: “theirs was not so much a selective emigration, founded upon the anticipation of specific economic opportunities in America, as a mass flight which cut across a wide variety of occupations and social positions.” (Sanders, 51). O próprio Cahan escreve na autobiografia: “On that Saturday night there began the broad stream of Jewish migration that was to continue for almost two generations. It was to make America the major center of Jewish population.” (Cahan, b, 196) Quando chega a Filadélfia, em 6 de Junho de 1882, o grupo de que faz parte é enviado para Nova Iorque para serem registados em *Castle Garden*. Do comité de recepção judeu, que dá o primeiro apoio aos recém-chegados, faz parte Emma Lazarus. Cahan refere-a da seguinte forma: “one wealthy young Jewish lady who belonged to the cream of the monied aristocracy. She was Emma Lazarus. (...) She was of the Portuguese Jews, the oldest Jewish families in America.” (Cahan, b, 354).

Um número razoável dos imigrantes provenientes da Rússia possuía educação formal avançada e muitos de entre eles eram socialistas. Esse facto, conjugado com a circunstância de se ocuparem, pelo menos durante os primeiros anos, na indústria de confecções, levou a que houvesse um contacto próximo entre intelectuais socialistas e o operariado, ambos judeus e falantes de iídiche.

The result was a situation perhaps unique in history: an industry that contained a large class of proletarian intellectuals, who brought an articulate class consciousness right into the shops at a time when such an attitude still normally, elsewhere in the world, had to be imparted to workers by intellectuals from the outside. (Sanders, 539)

Cahan participa nesta politização das massas, pertencendo, como Sanders indica, simultaneamente ao grupo de intelectuais socialistas e ao dos trabalhadores industriais. Começa esta actividade em Julho de 1882, pouco mais de um mês após a sua chegada aos Estados Unidos. Nessa ocasião faz um discurso em iídiche, acerca do marxismo, a um grupo de cerca de 400 imigrantes judeus que o ouvem com atenção e que apreciam a sessão. Para Cahan, era o princípio da utilização de uma língua até então

menosprezada (mesmo por ele, na sua fase de “russificação”), para atingir objectivos de propaganda de ideias junto de um grupo étnico a que pertencia e que conhecia por dentro. Depois de uma passagem rápida por duas fábricas, como operário, - experiência que aliás refere negativamente ao escrever, “And the confusion in my brain was compounded by the fact that in the first few months in America I worked like a slave at my first jobs.” (Cahan, b, 228) – o judeu de Vilnius, que tinha estudado numa escola russa para se tornar professor de rapazes judeus, empreende uma nova profissão: professor de inglês para imigrantes nos Estados Unidos. O autor nota, aliás, na autobiografia, quando se refere a um grupo de amigos de então, que se congregavam numa livraria, propriedade de um judeu e conterrâneo: “I was the only “educated” one among them and they showed me rare respect.” (Cahan, b, 280).

O papel de educador, como o de professor, agradava a Cahan e o uso da palavra nas palestras e debates preparavam-no para o uso da palavra escrita. Cahan aprendia, simultaneamente, de outras fontes, qual era a força do discurso humano. Referindo-se às campanhas eleitorais que tinha acompanhado com o maior interesse no seu novo país, observa: “ I thought of the old proverb: man was given a tongue in order to hide his thoughts.” (Cahan, b, 288). As campanhas políticas, a que assiste com entusiasmo, ensinam-lhe que, a palavra se subordinava também a quem a usava e aos objectivos que o seu utilizador tinha em vista. Cahan não tinha da retórica política a mesma noção de um teórico contemporâneo, Craig Allen Smith, que enuncia a sua função como uma de união, legitimação, distribuição de poder, orientação da sociedade definindo objectivos, resolvendo conflitos e implementando linhas de acção (Smith, 61). No mundo da política do século XIX americano, numa cidade como Nova Iorque, tal seria demasiadamente lisonjeiro. Cahan exercita porém, na sua prática de escrita, uma outra definição geral de retórica – “a negociação da distância entre os homens a propósito de uma questão, de um problema.” (in Carrilho, 42). Esta negociação da distância que Cascardi aponta, corresponde perfeitamente ao esforço posto por Cahan para estabelecer pontos de ligação entre comunidades diferentes e separadas.

Aliás, a própria existência do autor era uma constante negociação de distâncias culturais. Durante todo este tempo, Cahan continuava incessantemente a ler, em inglês e em russo – na primeira língua para aperfeiçoar os conhecimentos práticos que lhe permitiriam compreender melhor o mundo onde agora vivia e, em russo, para alargar a sua cultura política socialista. No Verão de 1883, recebe cópias do *Narodnaia Volia Almanac*, uma publicação que continha informação sobre as vidas e feitos de

revolucionários russos. Cahan obviamente admirava tais escritos, que considerava e tratava como preciosos e que apreciava poder ler sem as peias que tinha tido na Rússia. A palavra escrita tinha um significado profundo e uma influência palpável sobre a sua vida. Cahan torna-se membro de um grupo de professores, um clube que não tinha objectivos políticos nem religiosos mas sim literários: “The club was really a literary debating society. (...) Our purpose was to develop our skills as speakers and debaters.” (Cahan, b, 349)

Outra influência importante, ao longo de toda a vida, foi a da mulher, Aniuta Bronstein. Casaram em 1885: Aniuta (Anna) era de Kiev, tinha frequentado o liceu nessa cidade e era “much admired for her discriminating intelligence and attractive personality.” (Cahan, b, 306).

Cahan torna-se membro do *Socialist Labor Party* em 1887, deixando para trás a sua simpatia pelos anarquistas, que passou a encarar como um grupo cuja ideologia pouco podia conseguir no campo prático, para a existência dos operários americanos. O movimento de politização do grupo dos imigrantes judeus unido, de uma forma pouco consistente por vezes mas eficiente a maior parte delas, por um passado e uma educação religiosa comuns, encontra forte traço de união na língua iídiche. Este factor é aproveitado por publicações periódicas nessa língua, mais ou menos regulares, que surgem nos EUA desde a década de 70 do século XIX.

Cahan acolhe com entusiasmo a ideia de fundar um jornal socialista, o *Arbeiter Zeitung*: entretanto, já tinha colaborado em jornais em língua inglesa, como o *Sun* e, tinha escrito ainda, alguns artigos publicados pela imprensa em língua russa. Não imaginava na altura uma carreira futura de jornalista, senão no idioma do país adoptivo mas o desenrolar dos acontecimentos alterou as suas expectativas. Cahan tenta, entretanto, acomodar a língua iídiche e os temas ao público a que se destinava o jornal: o iídiche utilizado seria simples, popular e os temas a tratar seriam uma mistura apelativa que incluía artigos que utilizavam o ponto de vista de um *maggid*, um homem do clero consideravelmente menos formal do que um rabino, cujos sermões eram muito populares.

Contudo, a experiência jornalística em inglês, durante as décadas de 80 e 90, seria decisiva na sua carreira. A publicação de alguns dos seus artigos pelo *New York Sun*, ainda na década de 80, foi de facto a realização de um sonho. “My dream was to write for the *Sun* in New York.” (Cahan, b, 354). A autobiografia refere em pormenor a forma como foi entrevistado por Erasmus Darwin Beach, o *chief manuscript reader*, o

orgulho que o autor sentiu quando viu os seus artigos publicados e o espanto que experimentou quando Beach lhe perguntou qual o significado da palavra *ghetto*, que Cahan tinha utilizado e que o jornalista, homem e profissional experiente não conhecia. Cahan começava assim a negociar distâncias entre comunidades que coexistiam na mesma cidade mas que, segundo ele próprio, não se cruzavam, a não ser eventualmente nas ruas, raramente nas suas existências.

Today, every major American city has a Jewish quarter, some of them as large as a city. The American press has many words to describe the Jewish quarter. And every American understands the meaning of the word ghetto. He knows that it is not the part of the city in which Jews are compelled to live; that kind of ghetto does not exist. It is merely the neighborhood in which large numbers of Jews have settled. (Cahan, b, 355)

Era importante salientar as razões da escolha do local de residência no gueto pois não eram resultado de proscricção ou imposição mas de escolha livre. Cahan permitia-se mesmo mostrar como os falantes de iídiche se tinham apropriado da língua inglesa e como da mistura podiam urgir elocuções como a seguinte: “Ich vel scrobbin dem floor, klinen die vindes un polishen dem stov.”²⁵ (*ibid.*, 356).

A sobrevivência num país novo não era fácil e, para um casal jovem e idealista como os Cahan, essa tarefa apresentava-se cheia de dificuldades. Exemplo disso foi a breve passagem do autor pelo mundo das leis, pois, aconselhado por amigos e com o objectivo de ser útil à causa socialista, decide estudar Direito. A admissão para o curso era livre e a prática num escritório de advocacia, aconselhada desde o início. Cahan inicia o estágio com um advogado honesto e idealista mas com pouca prática nos meandros da justiça.

I had only just begun the study of law and I was already earning a living. My income began to rise. I realized quickly that Seering was not the right partner for me because he knew law only in theory and not in practice. At the same time I told myself that until I completed my study of the law it would be better for me to continue with this honest and idealistic person rather than tie in with some sharp, successful practitioner whose only God was the dollar. (*ibid*, 366)

Cahan desiste de ser advogado pouco depois. Os expedientes utilizados para vencer casos chocam-no e não considera sequer a hipótese de os vir a utilizar ele próprio. Cahan trabalha com Seering no Inverno de 1888-89, dez anos antes de iniciar a

²⁵ Tradução: Vou esfregar o soalho, limpar as janelas e polir o fogão. A frase resulta de mistura de vocábulos, sintaxe e declinação de verbos das duas línguas, – scrub – scrob; clean – klinnen; polish – polishen; stove-stov.

colaboração com o *Commercial Advertiser*. Ao deixar a hipótese de uma carreira de leis, Cahan confronta-se de novo com as dificuldades do dia a dia e prossegue a sua actividade de docência de Língua Inglesa para imigrantes. Continua a actividade política e começa a ser convidado para dar palestras noutras cidades, a primeira das quais em Boston em finais de 1889. Acompanha outras actividades culturais da comunidade judia, entre as quais o movimento muito activo de teatro iídiche.

Quando entra para o corpo redactorial do *Commercial Advertiser*, em 1897, o editor, Lincoln Steffens, aconselha o jornalista: “He advised Cahan to discover the motivations behind a story rather than simply describing what he saw and heard as a conventional reporter would do.” (Marovitz, a, 42). Cahan segue o conselho, certamente de boa vontade. Efectivamente, Cahan tinha escrito noutro jornal, anos antes, uma reflexão sobre a arte em geral e também sobre a escrita:

The *Workmen's Advocate* of April 6, 1889 contains a lengthy article by me, entitled “Realism”. It is a philosophical consideration of the nature of art. (...) I was concerned with the relationship between literature and social problems. (...) The paintings, the sculpture, or the words that represent the original with fidelity, create the impression of reality and the feeling of pleasure. (Cahan, b, 404/405)

As motivações, a que Steffens se referia, podem tanto ser encontradas nas razões que levaram a determinada matéria noticiosa, como também nos artigos que Cahan escolhe escrever. Apesar de lhe ter sido destinada a secção das actividades policiais, o autor prefere, com frequência, tratar outros assuntos, como as chegadas de imigrantes a Nova Iorque, as dificuldades ou enganos por que passam, os detalhes da vida, especialmente do grupo mais recente de imigrantes judeus, do qual ele próprio fazia parte. Estas questões sociais eram aquelas que ele melhor conhecia e que se sentia mais capaz de retratar com fidelidade. Lincoln Steffens, o editor do jornal, não o constrange a escrever unicamente sobre assuntos de polícia pois, se analisarmos os artigos da época, verificamos que um número escasso incide sobre essa matéria.

Toda a actividade pessoal de Cahan à época se centrava sobre um aprofundamento da sua actividade política socialista, conjugado com o esforço de americanização das comunidades judias imigrantes, especialmente as que provinham do Leste Europeu. Marovitz escreve a este propósito: “Cahan insisted that socialism was as much a matter of learning how to live within a new community as a concern with ideology and polemics. He was then and he remained an ardent assimilationist.” (Marovitz, a, 27). O tipo de assimilacionismo que Cahan representava era, de certa forma uma mistura de

algumas das diferentes correntes que Milton Gordon apresenta na sua obra, *Assimilation in American Life. The Role of Race, Religion and National Origins*. Parte tem a ver com a definição, dada por antropólogos do início do século, de aculturação, isto é o contacto e conseqüente influência de uma cultura sobre outra; o restante, com as conseqüências da teoria da fronteira de Turner, “ In the crucible of the frontier the immigrants were Americanized, liberated and fused into a mixed race.” (in Billington, 12). A fronteira, como Turner a concebia, não existia em Nova Iorque, mas a fusão numa raça liberada e americanizada podia processar-se em meio urbano, de acordo com Cahan. Este não compreendia assim a assimilação, como sendo simplesmente “anglo-conformista”, pois não adopta, por exemplo, as características religiosas da comunidade protestante anglófona: contudo, nos textos em inglês “conforma-se”, é certo, com a língua. *Avant la lettre*, no caso de “Drowned their Sins”, apresenta uma situação que tem mais a ver com a do *melting pot*, sugerido alguns anos mais tarde, em 1908, pelo seu irmão na religião, Zangwill, na peça com o mesmo nome. Em 1901, Sarah Simmons, num artigo do *American Journal of Sociology* utiliza a definição de assimilação social de Ludwig Gumplowicz, que a equipara a uma “struggle of races” que resulta em “‘cross-fertilization of culture’ the cause of progress.” (Simmons, 790) É esta visão positiva e construtiva da época de assimilação social e cultural, que Cahan partilha.

Sendo socialista e assimilacionista, procura servir essas duas causas com uma série de artigos em inglês que, não ferindo as suas convicções políticas, permitissem um maior reconhecimento de uma nova comunidade por aqueles que ele apelida de “native Americans”, a comunidade anglófona estabelecida, os *Yankees*. Simultaneamente, esses artigos deveriam fornecer à comunidade judia uma imagem jornalística, em língua inglesa, na qual se pudessem rever. Marovitz acrescenta ainda o seguinte: “Cahan had no intention of using individual figures to characterize or represent Jews as a whole but to convey human truths as they manifested themselves under cultural conditions with which he was familiar by virtue of his background and experience.” (Marovitz, a, 167) O reconhecimento da singularidade e a sua representação, por pouco notável que ela seja em termos absolutos, constitui a riqueza de muitos dos textos da época deste autor. Não era pretensão de Cahan, como também não é pretensão desta tese, mostrar ou analisar textos que sirvam de modelo ou de generalizações sobre seja o que for. É-o sim, porém, demonstrar a importância de uma das formas de construção de um

emolduramento (*frame*²⁶) que permita aos diversos elementos de uma comunidade integrar nas próprias construções mentais da sociedade em que vivem, a diversidade que a constitui, por mais estranha, estrangeira ou “outra” que seja. Deverá referir-se, a propósito, o sociólogo cultural Peter Berger como é citado por Robert Wuthnow:

Berger defines culture as 'the totality of man's products'. Defining culture in this way is to view it not only as material artefacts and non-material socio-cultural formations that guide human behavior (what we call society in a segment of culture), but the reflection of this world as it is contained within human consciousness. (...) The fabric of culture then is the intersubjective meanings individuals hold concerning the world in which they live. Culture exists 'only as people are conscious of it'. (Wuthnow, 35)

Textos como “Drowned their Sins” reflectem essa variedade que existe não só exteriormente na sociedade mas também nas consciências individuais, nas formas como elas constróem significados “intersubjectivos”, práticas significativas. Berger, ele próprio, explicita na obra *The Sociology of Knowledge*, o objecto de estudo do ramo da sociologia com essa designação:

To exaggerate the importance of theoretical thought in society and history is a natural failing of theorizers. (...) In other words, commonsense “knowledge” rather than “ideas” must be the central focus for the sociology of knowledge. It is precisely this “knowledge” that constitutes the fabric of meanings without which no society would exist. The sociology of knowledge, therefore, must concern itself with the social construction of reality. (Berger, 15)

O jornalismo literário constitui-se como um repositório deste tipo de conhecimento, contribuindo, assim para a organização de um tecido cruzado de significados. Cahan pretendia fazer a relação entre a literatura e os problemas sociais, especialmente aqueles que diziam respeito ao entrosamento de diferentes grupos que constituíam a sociedade da época, a construção social da realidade em mudança:

His English writing not only brought the tribulations of daily existence among the Jewish immigrants to the attention of a non-Jewish readership, but his lifelike descriptions also relieved the Jews of the exoticism that accompanied them in the minds of many native-born Americans. Equally important, he humanized them. (Marovitz, a, 165)

²⁶ *Frame*: “the reciprocal and consensual organization of both the perception and the performance of interactional behavior. For its interactants a frame is ‘what’ is going on such that they are defined by it as they define it as their most credible reality.” (Travers, 607)

Esta “humanização”, a possibilidade de estabelecer um “conhecimento” que na realidade é um entretecido de significados é uma das principais características do texto que analisamos. Abraham Cahan escreveu em 1898, como citado num artigo de Marovitz, acerca da “verdadeira poesia da vida moderna”, que é “more noble and more thrilling, than anything that the richest imagination of the romanticist can invent.” (Marovitz, 197). No artigo do qual esta citação é retirada, publicado pela *Atlantic Monthly*, Cahan defendia que o público poderia ganhar muito, se lesse relatos que referissem a vida das *sweatshops* de forma mais apropriada. A recepção seria mais rica se levasse em conta que estes textos eram referência a vidas de indivíduos reais, de carne e osso, resultando assim em algo mais do que a simples confirmação de estereótipos. Se recorrermos à explicitação que Stuart Hall faz de estereótipo – “In short, stereotyping is what Foucault called a ‘power/knowledge’ sort of game. It classifies people according to a norm and constructs the excluded as ‘other’.” (Hall, c, 259), – poderemos concluir que Cahan pretendeu interferir neste jogo, com o objectivo de que o seu grupo não fosse excluído da norma e de que não se constituísse em ‘outro’ estereotipado. Essa tinha sido durante anos, ou séculos, a sorte da comunidade judia, nomeadamente a da residente na Rússia de onde o autor era originário, que era uma comunidade à margem da norma russa e aí mantida.

A co-existência de imigrantes e população local ou residente há mais tempo em território americano não originava processos rápidos de aculturação tal como salienta Sabinne Haenni no seu artigo sobre a obra de Cahan, *Yekl*. Aliás, a autora refere como foi escrito em 1896, e publicado em diversos jornais de domingo, um artigo com o título: “THE LIFE OF A. CAHAN, NOVELIST. How a Russian-Hebrew Nihilist Came To Write of New York’s Cosmopolitan East Side. DRIVEN FROM HIS OWN LAND” (maiúsculas no original); o artigo foi escrito em estilo algo sensacionalista e quase que identificava a figura do autor com as dos heróis judeus russos que ele utilizava nos artigos ou ficção que publicava. O paradoxo existente em tal artigo centrava-se na oposição entre a pretensão demonstrada no trabalho de Cahan de uma contribuição para uma assimilação dos seus conterrâneos e a figura quase caricatural e de *vaudeville* (como refere Haenni) que é dada por alguns dos textos de Cahan e pelo artigo que foi escrito acerca do autor russo/judeu.

Enquanto profissional da imprensa, poderemos referir que Cahan se encontrava inserido no jornalismo interpretativo, de grande preponderância nos Estados Unidos no

início do século XX. Cahan enquadra-se num tipo de escrita que Phyllis Frus descreve da seguinte forma ao referir um famoso contemporâneo de Cahan, Stephen Crane :

We are always aware that it is an interpretation, a version told from hindsight, although this realization does not assert “what actually happened”, as twentieth century “objective” journalism claims to do, but only claims to give Crane’s “own story”, his subjective account, in the tradition of late-nineteenth-century personal reportage. (Frus, 19)

Muito antes de Phyllis Frus, já Leo Lowenthal, na obra, *Literature and the Image of Man*, tinha escrito que os autores de ficção por ele estudados utilizavam um processo de selecção que era parte integrante da criatividade artística, que mudava ao longo do tempo e com cada autor. Michael Schudson atribui, pelo menos parcialmente, a Lincoln Steffens a responsabilidade pelas escolhas de Cahan: “Abraham Cahan (...) tried to make his paper [*Jewish Daily Forward*] bright, simple and interesting, as he had learned to do while working with Lincoln Steffens on the *Commercial Advertiser*” (Schudson, 98). Acerca da questão da selecção, além de contemplar as escolhas de acontecimentos a trabalhar na escrita, Jonathan Culler apresenta a justificação para a mesma história poder ser tratada e resultar de formas tão diversas:

From one angle, plot is a way of shaping events to make them into a genuine story: writers and readers shape events into a plot in their attempt to make sense of things. From another angle, plot is what is shaped by narratives, as they present the same story in different ways. (Culler, 85)

Os artigos de Cahan cumprem esta dupla função: os acontecimentos são moldados de forma a apresentarem um enredo, que por sua vez dá uma determinada configuração a uma história que poderia ser contada de muitas outras maneiras. Era assim que este autor fazia, durante os cinco anos de colaboração com este jornal (1897-1902), o relato que lhe parecia mais correcto da questão da alteridade no ambiente social que o rodeava e de que nos ocuparemos a seguir.

2. Ambiente Social

The nineteenth-century northern city was increasingly a society of strangers, who were learning, from the perspectives of dozens of ethnic cultures, to live with one another, while at the same time having to come to terms with ever-accelerating urban growth and economic development.

David Gerber



"KNEE-PANTS" AT FORTY-FIVE CENTS A DOZEN--A LUDLOW STREET SWEATER'S SHOP.

Ilustração 6- in Riis, Jacob, *How the Other Half Lives*

A década de 1880 presenciou a chegada de 5 milhões de imigrantes aos Estados Unidos. Contudo, o aumento do número de recém-chegados em relação às décadas anteriores não se faz sem alguma reacção antagonista. 1882 foi o ano da promulgação pelo Presidente Chester Arthur do *Chinese Exclusion Act*, a lei que impedia a imigração de um grupo nacional, devido à sua origem e não a quaisquer outros factores que tinham condicionado, ou viriam a condicionar, a entrada de imigrantes no país. A existência de correntes de pensamento como o Nativismo, que pugnavam pela

diminuição da imigração e das mudanças que ela trazia ao país recrudesceram nesta década vindo a colher grande aceitação.

Inserida nestas condições nacionais, Cahan vai encontrar, em 1882, uma cidade que crescia e se modificava com enorme rapidez. A modificação registava-se não só a nível dos seus habitantes e do património construído mas também do próprio território que a designação Nova Iorque incluía. Quando Cahan se estabeleceu nessa cidade, ainda não existia a grande área urbana consolidada de *Greater New York* mas sim diversas “cidades” – New York, Brooklyn, Queens, Richmond, Westchester, Eastchester. Só em 1894 teve lugar um referendo para auscultar a opinião da população em relação à consolidação da área urbana. Esta medida foi aceite e, no final do século XIX, à época de publicação do texto analisado, já tinha entrado em efeito. Quanto à população que habitava esta metrópole poderemos citar os seguintes números:

In 1870, 942 292 people lived on what was then New York (that is, Manhattan Island). In the next twenty years, the population increased by 31.5 percent and in the following decade by 37 percent, bringing about a total of 3 437 000 after consolidation and 5 047 221 by 1915. (Berrol, 83)

A nível de crescimento e desenvolvimento urbano, Nova Iorque sofria, desde a primeira metade do século XIX, um crescimento feito a expensas da destruição de muitos edifícios antigos e dos próprios arruamentos, substituídos pelo desenho geométrico de ruas paralelas e perpendiculares que existe ainda actualmente. Após o fim da Guerra Civil, o processo acelerou-se, com o impulso de uma nova classe de barões industriais e financeiros endinheirados. Wall Street domina a vida económica e os industriais tentam entrar na sociedade elegante de todas as maneiras. William Henry Vanderbilt conjuga esforços com outros industriais para construir a *Metropolitan Opera House*, em parte numa reacção de desagrado à recusa da *Academy of Music* de lhe ceder um camarote para assistir aos espectáculos. Esta última fecharia pouco depois, “leaving Fourteenth Street to the German immigrants, to the new mass retailing centers and to Tammany Hall.” (Sanders, 44).

O fenómeno político de *Tammany Hall*, a sede em Manhattan do Partido Democrático, tinha sido particularmente notado desde o tempo de William Marcy Tweed. Constituiu uma experiência paradigmática de organização política que utilizou para os seus fins uma multidão de recém-imigrados e imigrantes pobres, que manipulou e controlou durante o século XIX e ainda no início do século passado. Esse era à época um fenómeno que não era exclusivo do Partido Democrático mas que era comum também

ao Partido Republicano, pois o voto de muitos eleitores era entregue a um determinado partido por razões que não se prendiam com escolha informada mas por pressão directa em troca de benesses ou dinheiro.

Cahan gostava de cidades. Na sua autobiografia, refere o espanto e admiração que lhe causaram as visitas a Brody e a Liverpool, durante o percurso que seguiu na viagem para os Estados Unidos. Refere ainda que, apesar de assim negar a sua adesão pessoal anterior à ideia romântica e idealista da fundação de comunidades agrícolas, modelos piloto de sociedades socialistas, o tinha feito pois o seu *habitat* era a cidade: “I was not fascinated by village life, by the prospect of labouring on the soil. On the contrary, I felt strongly drawn to the life of the city. My heart beat to its rhythms, and as the heart feels so thinks the head.” (Cahan, b, 226).

Nova Iorque era, em 1882, uma cidade que espantou Cahan mas que, conforme ele refere na mesma obra, ainda não ostentava a riqueza e o património construído que teria décadas mais tarde, à época da escrita de *Bleter fun Mein Leben*. O prédio mais alto tinha oito andares, a Ponte de Brooklyn ainda não estava concluída. A variedade humana já era porém muita. Muitos judeus alemães tinham precedido os judeus russos: parte daqueles já se encontravam nessa década em situação desafogada, facto que lhes permitia mudarem a residência para zonas mais modernas e de qualidade, deixando as suas habitações anteriores para o novo fluxo proveniente do Leste da Europa e da Alemanha. Aliás, o número de falantes de alemão era tão grande, que Cahan nota: “To a large extent, and because of the continuing large immigration from Germany, much of New York was German-speaking.” (Cahan, b, 348). Curiosamente, ao referir a comunidade estabelecida havia gerações nos Estados Unidos, a propósito de doutrinação socialista, Cahan utiliza uma expressão agora conotada com os habitantes pré-colombianos: “The German comrades understood that by themselves they could not achieve socialism in America. It was necessary to spread the doctrine and the party among native Americans.” (Cahan, b, 347)

Dois anos depois de Cahan chegar a Nova Iorque, em 1884, reúne a *Tenement House Commission*, para avaliar as condições de habitabilidade destes prédios, os *dumb bell tenements*, que alojavam centenas de milhar de residentes pobres de Nova Iorque em condições infra-humanas. A pressão exercida por diversos cidadãos de classe média ou alta, na sua maioria americanos ou imigrantes de mais longa data, resulta num movimento que culminou em 1901 numa lei que regulava o tipo de prédios a construir e a ordenação do arrendamento. Jacob A. Riis, um imigrante dinamarquês, jornalista do

New York Tribune e da AP²⁷, publica em 1890, *How the Other Half Lives*, que descrevia em texto e fotografia, as condições miseráveis de uma população que, em grande parte, vivia e trabalhava no mesmo espaço. Riis entusiasmou cidadãos importantes, como o futuro presidente Theodore Roosevelt, para a sua campanha. Enquanto Comissário da Polícia de Nova Iorque, este desenvolveu esforços para melhorar a situação habitacional e não a esqueceu quando ascendeu à Presidência. Marcus Hansen escreve, em 1927, um artigo em que explana os motivos da importância do estudo da imigração. Distingue, inicialmente, a importante diferença existente entre os primeiros *settlers* e os imigrantes mais recentes: “Earlier the settler came in a company bringing with it all the instruments of community life; later a social atom detached itself from one society and attached itself to another the framework of which was already constructed.” (Hansen, 500). Eventualmente, poderemos ter algumas reservas em relação à certeza da construção definitiva da sociedade que os imigrantes encontram – não parece inteiramente correcto que assim seja. Os átomos sociais de que Hansen fala serão, talvez, aglomerados de seres individuais. Porém, é certo que os imigrantes no século XIX encontravam uma sociedade organizada segundo determinados moldes relativamente rígidos, aos quais se adaptavam, não só perdendo características originais, mas também ganhando direitos, mesmo aqueles que, tal como no caso dos judeus, não lhes eram concedidos nos seus locais de origem. A habitação digna era um deles. Se tomarmos em consideração as descrições de pobreza extrema no país de origem feitas no romance *The Rise of David Levinsky* com um paralelo muito claro na própria autobiografia de Cahan entende-se, talvez, a aceitação das *tenement houses* de Nova Iorque por locatários que não tinham conhecido nada de muito melhor. Entre a população americana, apesar de tão variada em termos de línguas utilizadas, existia, segundo estudos de Cipolla (1969) citados por Griswold, uma taxa de alfabetização, em qualquer língua, de cerca de 89% (Griswold, a, 741). O acesso ao texto escrito era generalizado a uma larga fatia da população e, em termos de uma cidade como Nova Iorque, se considerarmos a larga circulação dos jornais locais, o campo de acção do texto escrito era considerável. Mesmo a nível de publicação em livro, Nova Iorque detinha a primazia. Griswold refere, no estudo acima referido acerca de romances americanos publicados na viragem inicial do século XX, que cerca de 66% dos livros da amostra tinham sido publicados nesta cidade, facto que reflecte a

²⁷ AP – *Associated Press*, precursora e uma das primeiras modernas agências noticiosas, já referida mais detalhadamente no primeiro capítulo.

capacidade industrial de produção e a existência de um mercado consumidor a nível local e nacional (Griswold, 741 e segs.).

A língua inglesa sofria novas influências de variados idiomas de grupos de imigrantes e, especificamente em Nova Iorque, essa influência era também notada. O próprio Cahan cunhou termos em *Yinglish* como, por exemplo, o *allrightnik*: “(...) using a term which was first given currency by Abraham Cahan in the *Jewish Forward*. (...) An *allrightnick* is, first of all, an immigrant who succeeds, but in doing so abandons all his traditional loyalties.” (Park, a, 405). Jornais como *The Jewish Daily Forward*, contribuiriam para isso pois, ao transformar-se num verdadeiro fenómeno de popularidade (em 1912, o *Forward* tinha uma circulação de 130 000), este jornal utilizava um lídiche cada vez mais influenciado pela língua inglesa que, por sua vez, absorvia termos que dele derivavam²⁸.

O mundo jornalístico da época era um universo de mudança que acompanhava a febril evolução social. Em 1892 eram publicados os seguintes jornais em Nova Iorque:

Matutinos: *Herald, Morning Advertiser, Morning Journal, Press, Recorder, Sun, Times, Tribune, World*

Vespertinos: *Commercial Advertiser, Daily News, Evening Post, Evening Sun, Evening Telegram, Evening World, Mail e Express.*

Depois de anos de jornalismo factual, o *World* e o *Journal* encontravam-se em guerra aberta por audiências e eram os paradigmas de *yellow journalism*. O ano de publicação de “Drowned their Sins” é particularmente movimentado, pois é o da guerra Hispano-Americana em Cuba, que chega a proporcionar, a cada um, tiragens de cerca de um milhão e meio de exemplares. Mesmo depois da paz ser assinada em Agosto, Mott informa que as tiragens se mantiveram acima de um milhão diário. Este autor escreve a propósito: “The war with Spain was, as wars go, almost ideal for newspaper treatment. It was war at hand.” (Mott, 533)

Esta guerra, tão próxima, facilita circunstâncias especiais que são aproveitadas pelos jornais para “fabricar” notícias e “furos” jornalísticos. Um dos mais famosos foi o de Evangelina Cisneros, a sobrinha do presidente da insurreição cubana de 1897, presa por supostamente ter morto um coronel, quando acompanhava o pai em detenção domiciliária. A jovem, de dezoito anos, foi retirada da prisão em Havana por um

²⁸ Muitos desses termos continuam a ser utilizados e disseminados, em especial devido ao número elevado de criadores artísticos de origem judia. Palavras como *chutzpah*, coragem atrevida, ou o verbo *schlepp*, carregar algo com dificuldade

repórter do *Journal* (Karl Decker), que a leva para Nova Iorque e, a partir daí, é acompanhada pelo próprio Hearst a Washington para conhecer o Presidente McKinley. O grande tópico jornalístico da época era, sem dúvida, a guerra e, em Setembro, quando o artigo em análise é publicado, a atenção do público não tinha sido ainda desviada em definitivo de temas belicistas, se bem que o conflito em si já tivesse cessado. Segundo um estudo referido por Arthur Schlesinger de análise de conteúdos de diários seleccionados de diversas cidades americanas, o maior quinhão das páginas dos jornais em 1898 era ocupado por publicidade (28,2%), logo seguido de assuntos governamentais e de política (18,5), surgindo os negócios estrangeiros em quarto lugar com 6,5%, depois dos negócios e finança (11,2%). O quinto item é assuntos culturais (6,2%) (Schlesinger, 199). A forma como os diferentes assuntos eram tratados diferia, naturalmente, de acordo com o jornal em observação.

Nem todos os jornais obedeciam às regras do *yellow journalism*, assegura Mott: “In New York the *Evening Post*, *Times*, *Tribune* and *Sun* had little traffic with the movement.” (Mott, 540). A tiragem destes não era, porém, comparável à dos jornais referidos anteriormente mas, a partir de 1898, quando desceu o preço, o *New York Times* sobe para cerca de 75 000 em 1899, e 82 000 em 1900. “All the news that’s fit to print” foi o lema que norteou a política editorial do *Times* e que o orientou para um jornalismo de carácter mais sóbrio e informativo, sem as especulações e sensacionalismos de um *Journal* ou de um *World*. A partir de 1896, quando tinha sido adquirido por Adolf Ochs e sob a sua direcção, o *Times* dedicou-se à publicação de informação relevante para a comunidade comercial e financeira e destinava-se a uma fatia de mercado socialmente mais elevada e com interesses correspondentes às suas actividades profissionais ou que aspirava a ela pertencer. Schudson comenta numa frase curta a dualidade que leva muitos leitores a consumirem tanto o modelo narrativo, mais sensacionalista, como o informativo, mais sério: “Information is a genre of self-denial, the story one of self-indulgence.” (Schudson, 119)

Simultaneamente, e com alguma rapidez, a moda do *yellow journalism* esfumava-se gradualmente. 1898 foi, todavia, o ano de ouro da guerra e o *Commercial Advertiser*, sem grandes recursos para enviar repórteres em missões caríssimas de pesquisa de notícias continuava, seguindo a política de escrita cuidada preconizada pelo editor Lincoln Steffens e é nesse jornal que “Drowned Their Sins” é publicado em 19 de Setembro de 1898.

2. Receptor

In the case of the Jews, however, a specific historical image, deeply rooted in European and American consciousness and forming what Michael N. Dobkowski has called “the most persistent theme in anti-Semitism from medieval times to the present,” had special relevance for interpreting Jewish commercial behaviour. This was the image of Shylock-but Shylock as Dobkowski has said, “stripped of the dignity Shakespeare gave him”. This was Shylock as economic parasite and predator.

David Gerber

Ao tempo da publicação de “Drowned their Sins”, podemos destringir dois grandes tipos de receptor no público do *Commercial Advertiser*: o imigrante (de variadas proveniências) e aqueles que Cahan designa como *native Americans*. A recepção do texto irá processar-se de forma diversa, consoante o tipo geral no qual cada indivíduo esteja incluído. Se postularmos, como aliás o autor manifestava, que estes artigos jornalísticos se destinavam a dar a compreender a esses dois grandes e variados conjuntos de receptores, um grupo recente de imigrantes, poderemos então verificar que existiriam, no mínimo, estes dois subgrupos dentro do universo de leitores. Se recorrermos da noção de identificação dada por Freud – “For Freud, identification is a psychological process in which the subject assimilates an aspect of the other and is transformed, wholly or partially, according to the model that the other provides.” (Culler, 114) – concluiremos que ambos os grupos sofreriam, à sua maneira, o impacto da recepção dos textos. Este conceito freudiano de identificação é esclarecedor nesta situação, pois refere com clareza as transformações processadas devido a identificação (ou à sua rejeição) resultantes de textos deste tipo, que reúnem o simplesmente informativo com o interpretativo.

A transformação intra-diegética, que é reportada por Cahan em “Drowned their Sins” entre os intervenientes no episódio relatado, é apropriada ao intuito informativo e

interpretativo do objecto cultural em si. Os *Rough Riders*²⁹, os transeuntes, os rapazes, os polícias demonstram curiosidade ou, em alguns casos, agressividade. Dentro da própria história, o narrador apresenta as reacções mais características de uma época em que o próprio Cahan reconhecia que, se bem que a despontar em alguns meios, não existia nos Estados Unidos o anti-semitismo endémico já existente na Europa.

Os *Rough Riders*, heróis da recém-concluída guerra hispano-americana, demonstram curiosidade e pretendem obter informação – “What in _____ is that?”, que obtêm junto de um polícia, desdenhosamente orgulhoso do seu conhecimento do tema do Judaísmo. Um transeunte gentio recebe informação em primeira-mão de um judeu, conhecedor dos costumes do seu povo e que de bom grado os explica aos não-crentes, para não originar mal entendidos culturais e salientar a sua própria diferenciação qualitativa. Os rapazes gentios são a face patente da rejeição do diferente, que usam como objecto de tropelias, para gáudio de adultos que não as fazem mas que não as impedem e, conseqüentemente, parecem apreciar. O autor do texto preocupa-se em patentear mais do que o acontecimento acerca do qual está a reportar. Além do ritual religioso judeu do *Rosh Hashanah*³⁰ em si, é motivo da história a reacção aos acontecimentos que lhe dão origem. Através da descrição intra-diegética dessa recepção mútua dos actantes, o autor, de certa forma, antecipa e eventualmente tenta moldar o acolhimento ao motivo da sua história e a outros acontecimentos que envolvam a comunidade judia, nomeadamente as suas celebrações religiosas, até então praticamente desconhecidas da restante população.

Esta, e muitas outras histórias da mesma época deste autor, versam temas respeitantes à assimilação cultural dos judeus imigrantes. As obras de ficção, como *Yekl*, ou anos mais tarde *The Rise of David Levinsky*, referem essa experiência nas suas diversas facetas, religiosa, linguística, de hábitos gastronómicos ou de vestuário e um outro, mais controverso, da ética de trabalho. A intenção do autor não era frequentemente seguida de uma recepção verdadeiramente bem sucedida. A novela *Yekl*, por exemplo, ao ser publicada em 1896, pode ser um exemplo disso. Como escreve Berndt Ostendorf: “Abraham Cahan could not sell his novella, *Yekl*, to his group (few Jews

²⁹ Elementos de um regimento especial organizado por Theodore Roosevelt especificamente para combater na Guerra Hispano-Americana em Cuba. Este regimento foi apontado como sendo dos mais activos e valentes nessa guerra.

³⁰ *Rosh Hashanah* – festividade do Judaísmo, inserida nos dez dias que celebram o Ano Novo Judeu – que normalmente coincide com o mês de Setembro – e que termina com o *Yom Kippur*. Esta celebração representa um recomeço, liberto do peso dos erros do passado que são simbolicamente atirados para as águas correntes de um rio.

could read English) nor to the larger American audience (which showed little interest in the fate of East-European Jews.” (Ostendorf, 582).

No mesmo artigo, este autor divide as formas de literatura étnica em três grandes grupos:

1. Literature about immigrants and ethnic groups written from the point of view (actual or implied) of the dominant culture. The implied audience is the dominant Anglo-bourgeois culture.
2. Literature for immigrant and ethnic groups written from the point of view of the old culture, often produced in the old country.
3. Literature evolving out of the ethnic group experience in America written for the group in question and for the larger market. (*ibid.*, 583)

Tomando de empréstimo esta divisão feita para o texto literário, poderemos destringir entre dois tipos de audiência-alvo para Cahan. A primeira será a audiência-alvo dos textos jornalístico-literários em inglês e das obras (também em língua inglesa) como *Yekl* ou *The Rise of David Lewinsky* e que corresponde ao terceiro grupo nomeado por Ostendorf – “ethnic group and larger market”; a segunda, não contemplada pela divisão referente por Ostendorf, é a que o autor pretende atingir com os textos jornalísticos em iídiche. Este segundo tipo tem uma audiência implícita que não é a possuidora de *Anglo-bourgeois culture* mas também não reproduz o ponto de vista da cultura de origem. Pelo contrário, utiliza a língua e os formatos do velho país com conteúdos e significados do país de acolhimento (vide abaixo o caso de *Bintl Briv* no *Forward*).

Os textos publicados em jornais de língua inglesa, como é o caso de “Drowned Their Sins”, pressupunham naturalmente pelo menos três factores em simultâneo que seleccionavam a audiência alvo:

- Alfabetização na língua inglesa;
- Pertença a um grupo com capacidade económica para a aquisição de jornais diários;
- Participação em comunidade cultural, leitora de jornais em língua inglesa

Muitos imigrantes de origem russa judia tinham uma ou duas, mas não as três condições necessárias. Muitos poderiam ser alfabetizados em inglês e terem capacidade económica mas prefeririam a leitura de jornais em iídiche ou russo; muitos outros, ainda, não eram nessa altura suficientemente alfabetizados em língua inglesa para poderem ler um jornal nessa língua ou, pelo menos, não o *Commercial Advertiser*.

Os grandes jornais da época, em Nova Iorque, oscilavam entre dois paradigmas: o jornal que seguia o modelo informativo – como o *New York Times* – e o que praticava o modelo interpretativo, de história/entretenimento – como o *New York World* de Joseph Pulitzer. Michael Schudson faz uma ligação directa entre o modelo informativo e as classes médias com educação formal, e outra entre o modelo interpretativo e as classes mais baixas ou com menos educação. Cahan declarou, segundo Marovitz, que a audiência que pretendia era, “the common reader rather than the intellectual” (Marovitz, a, 36). O *Commercial Advertiser* era um jornal em mudança mas que tinha uma longa história de publicação ininterrupta desde 1797, quando ainda se intitulava *Minerva & Mercantile Evening Advertiser*, designação que alterou em 1804 para a que subsistia ao tempo de Cahan. No momento em que “Drowned their Sins” é publicado, Lincoln Steffens procura uma linha editorial que, de certo modo, reconcilie os dois grandes modelos referidos acima. O jornal não tinha uma circulação comparável a qualquer um desses jornais grandes de Nova Iorque, mas Steffens pretendia incutir-lhe um cunho próprio.

A questão que se põe é a de saber se Cahan foi de alguma maneira bem sucedido, no tempo que se seguiu à escrita desta série de artigos para o *Commercial Advertiser*, em convencer o público acerca da bondade da contribuição dos judeus em geral, e dos provenientes do Leste europeu em particular, para o crescimento harmonioso e sem rejeições de uma sociedade americana variada. Se nos basearmos em escritos da época, ou não muito longínquos no tempo, chegaremos à conclusão que o autor não terá sido muito bem sucedido. Quanto à origem eslava de um grande número de imigrantes e ao seu crescimento em termos de taxa de natalidade, podemos citar o presidente Roosevelt, que escreveu na revista *The Outlook* em Abril de 1911:

We can say that, if the processes now at work for a generation continue to work in the same manner and at the same rate of increase during the present century (...) the English-speaking peoples will not carry anything like the weight that the English-speaking peoples now do, and the future of the white race will rest in the hands of the German and the Slav. (Di Nunzio, 341)

O ex-presidente não parece particularmente entusiasmado em deixar aos Alemães e Eslavos, a tarefa de suportar o futuro da raça branca. De igual modo, em 1922 o Presidente da universidade de Harvard, Lowell, anunciou publicamente um tecto para a admissão de estudantes judeus para aquela universidade. Este dado é fornecido por Charles Hirschman que escreve comentando a expressão *melting pot* como foi utilizada

por Zangwill: “But it is easy to forget how radical was the melting pot view of America’s future. It was a direct challenge to orthodoxy. Zangwill was not oblivious to the pervasive bigotry of his times;” (Hirschmann, 397). A peça de teatro é levada à cena na Broadway (e em outras cidades, Washington e Chicago) em 1908, com grande sucesso, e cunha a expressão que designou durante anos um tipo de assimilação cultural, tão criticado décadas depois. Porém, a hipótese de assimilar era preferida por muitos imigrantes da época, pois essa era a forma de finalmente, como no caso dos judeus russos, não só viverem num país, mas a ele pertencerem, nem que para isso tivessem que abandonar algumas das suas características. Como exemplo desta attitude, poderemos citar o recruta judeu do artigo de Cahan, “The God of Israel is Getting even with them”, de 14 de Maio de 1898: “the boy explained that Russia was never the home of the Jews, while in America they were as good as the Gentiles, and that being an American he must fight for his country.” (*in* Rischin, 9).

Esta atitude voluntariosa do jovem e a sua devoção à causa americana, não iriam encontrar retribuição nos anos seguintes. Cahan escreveria anos depois, na sua autobiografia, referindo-se à época: “In his heart the Yankee proudly feels that he is in fact the only genuine American.” (Cahan, b, 353). Porém, o entusiasmo de Americano recente partilhado pelo jovem recruta e por Cahan impede-os de valorizar, à época, o que anos mais tarde se viria a verificar em medidas como a da Universidade de Harvard:

Our children were growing up in that spirit. They knew nothing of persecution and felt equal with the gentiles. (...) At that time anti-Semitism could be found only in the society of the millionaires and there, too, only because it had become fashionable. (*ibid*, 401)

Entretanto, será curioso investigar qual a reacção da própria população judia já estabelecida no Novo Continente, face aqueles que apelidam de *greenhorns*, mesmo que seja um *greenhorn* distinto, um rabino:

I surveyed the congregation. Almost all around were men dressed in a fine American style: pressed suits, starched collars, neckties and cuffs, clean-shaven and spruced up. The rough edges of a small east European congregation had been replaced with American polish and sophistication. They looked upon their Chief Rabbi and decided he was a greenhorn. (*ibid*, 396)

Cahan descreve neste trecho o que presenciou num dos primeiros serviços de um rabino proveniente de Vilnius, a sua cidade natal, que tinha partido para os Estados Unidos a

pedido da comunidade de Nova Iorque, sedenta de um homem de fé e saber. O rabino Yankev Yoisef nunca se adaptou ao novo país, quiçá devido ao pouco entusiasmo que sentiu na recepção que lhe foi feita; pouco tempo depois desta cerimónia descrita pelo autor, sofreu graves problemas de saúde que o impediram de continuar a sua missão. Aliás, esta atitude da comunidade face ao recém-chegado imigrante-dirigente espiritual é de alguma forma semelhante à do homem judeu americanizado do texto em análise neste capítulo: também ele, de certa maneira, despreza as mulheres mais velhas da sua própria comunidade, que levam tudo ao pé da letra. Estariam, segundo ele, ainda demasiadamente ligadas às suas origens e às formas de culto tradicionais, que não adaptavam ao novo mundo e à nova era.

O ano de 1898 coloca condições muito específicas de recepção a qualquer texto jornalístico. O facto de ser um ano de conflitos com a potência imperial espanhola, nas Filipinas e em Cuba, oferece à comunidade judia uma ocasião de se deparar de forma interessada com um conflito que envolve o seu país de adopção e a Espanha, ainda remotamente vista como inquisitorial, que é encarado de formas diferentes por gerações diversas de judeus, como refere Cahan no artigo, de 14 de Maio do mesmo ano, “The God of Israel is Getting Even with them”:

The younger and more educated part of the East Side population are against Spain because they are Americans and because they sympathize with the cause of free Cuba, but to the older folks, specially such as are initiated into the intricacies of Talmudic lore, a victory like Dewey's is as much of a triumph to the Jewish race as it is to the American people. (*in* Rischin, 8)

Face a textos como “Drowned their Sins”, ou qualquer outro dos que foram publicados por Cahan, e mesmo por outros autores, acerca da realidade dos judeus imigrados na América, bem como à sua recepção, poderemos tirar algumas conclusões. Uma das mais importantes será a da percepção clara destes autores acerca da importância da sua contribuição para uma redefinição dos enquadramentos (*frames*) para sectores sociais diversos e que interagem cada vez mais frequentemente num espaço comum, mas que não era apercebido igualmente em termos de relação de pertença ou de significado.

Cahan cessa a sua colaboração regular em jornais de língua inglesa quando assume, de forma definitiva, a direcção do *Jewish Daily Forward* em 1902. Este jornal tomou, a partir dessa data, um papel de importância na vida da comunidade ao ser publicado, não só em Nova Iorque, mas em diferentes cidades simultaneamente. Cahan aposta, a partir

daí, numa estratégia que envolvia a americanização da comunidade judaica por dentro. Esta estratégia pode ser entendida como a constatação de que a assimilação envolvia uma aquisição de características anglo-conformistas, em detrimento das originais. A própria imprensa em língua estrangeira só teria razão de existência, enquanto subsistisse uma comunidade de imigrantes nascidos fora dos Estados Unidos, pois as gerações seguintes seriam já falantes de inglês e não de iídiche, por exemplo – se bem que o *Forward* tenha provado longevidade notável, pois ainda é publicado actualmente (semanalmente, tanto em iídiche como em língua inglesa). À medida que a imigração quase sem limites proveniente da Europa se aproximava do fim, também a pressão de aculturação exercida dentro dessas comunidades se acentuava – o tempo do multiculturalismo ainda não tinha chegado e se as comunidades “nativas” eram dificilmente persuadidas a aceitar a alteridade, as comunidades imigrantes teriam de ser endoutrinadas na aculturação.

4. Objecto Cultural

A newspaper is a collection of half-injustices
Which, bawled by boys from mile to mile,
Spreads its curious opinion
To a million merciful and sneering men,
While families cuddle the joys of the fireside
When spurred by tale of dire lone agony.
A newspaper is a court
Where everyone is kindly and unfairly tried
By a squalor of honest men.
A newspaper is a market
Where wisdom sells its freedom
And melons are crowned by the crowd.
A newspaper is a game
Where his errors score the player victory
While another's skill wins death.
A newspaper is a symbol;
It is fetless life's chronicle,
A collection of loud tales
Concentrating eternal stupidities,
That in remote ages lived unhaltered,
Roaming through a fenceless world.
(Stephen Crane, 1899)

Continuando a seguir a metodologia do diamante cultural de Wendy Griswold chegamos ao quarto dos seus vértices, o de objecto cultural. Seguiremos a definição mais completa que dele é dada pela autora:

cultural object – shared significance embodied in form, i.e., an expression of social meaning that is tangible or can be put into words. Thus a religious doctrine, a belief about the racial characteristics of blacks, a sonnet, a hairstyle, and a quilt could all be analysed as cultural objects. (Griswold, b, pp.4/5)

Griswold define quatro acções que organizam o método de análise preconizado: intenção, recepção, compreensão e explanação.

One dimension of this typology is defined by the person performing action – the social agent or the analyst. The other dimension is defined by the person's attitude toward the cultural object's meaning – constituted in the object or embedded in the social world. Thus, the social agent intends and receives; the analyst comprehends and explains. Intention and comprehension involve understanding the meaning of the cultural object as constituted by the object itself, internal to it, while reception and explanation involve framing the cultural object in relation to some larger, external system of meaning. (*ibid*, 5)

Um agente social (autor) tem uma intenção que é recebida por outro agente social, receptor. O analista compreende e explana. Griswold afirma que é difícil conhecer a intenção subjectiva do indivíduo que cria o objecto cultural. Será, porém, possível reconstruir “probable intentionality of any agent whose context and behavior are known” (Griswold, b, 6). O agente que exerce a intenção, Abraham Cahan, está inserido num determinado contexto cultural (o ambiente social), tem um mediador (o editor, Lincoln Steffens) e vai ter uma *tarefa*. Será assim necessário reconstituir o *encargo*, que propôs ao artista uma *tarefa*, que se traduziu de forma prática num texto, no qual foi demonstrada uma determinada *intenção*.

4.1. O Encargo

O encargo refere-se a uma série de circunstâncias e constrangimentos que delimitam o campo de acção do artista e, por isso, enformam o produto final. No caso de Cahan, e assumindo aqui o papel de analista, poderemos referir os seguintes, que nos ajudarão à compreensão da intenção do autor:

- **Circunstâncias imediatas** – texto não-ficcional a ser publicado num jornal de língua inglesa, *Commercial Advertiser*, em Nova Iorque, em Setembro de 1898; indicações dadas pelo editor, salientando a importância do pormenor sentido transposto para o artigo.
- **Experiência profissional e pessoal do autor** – intelectual russo, judeu, imigrado nos Estados Unidos havia dezasseis anos; escritor com obra publicada em russo (em periódicos – não-ficção), iídiche (em periódicos – não ficção) e inglês (em periódicos – não-ficção, e ficção em livro); o autor tinha regressado em viagem à Europa mas, para sua desilusão, tinha encontrado novas vagas de anti-semitismo entre os correligionários socialistas europeus; atribuía importância fundamental à comunicação entre comunidades, com vista à assimilação cultural dos imigrantes.

- **Condições locais** – jornalismo em franco desenvolvimento e evolução no final do século XIX: aumento de tiragens e audiências, movimentos como o *yellow journalism* e jornalismo de investigação; aumento do número de alfabetizados, mas por vezes noutras línguas que não o inglês; público heterogéneo compreendendo sectores que se desconheciam mutuamente, ainda que partilhando uma mesma cidade.
- **Meio utilizado e restrições inerentes** – Jornal de média tiragem, anteriormente relacionado com uma elite mercantil; a política editorial de Lincoln Steffens propõe-se “to portray everyday experience simply, honestly and directly.” (ap. Rischin, xxi); publicação em inglês que, por esse motivo, excluía população não-falante ou não alfabetizada nesta língua.
- **Condição estéticas** – Em termos de literatura, o momento era de transição dos autores americanos fundadores (Emerson, Thoreau, Melville, Twain, Beecher Stowe), para os realistas/naturalistas (Dreiser, Norris, Crane). Os autores americanos dos anos de 1890 viajavam para a Europa e bebiam de todas as tradições: Cahan admirava a tradição russa, em particular. Na escrita jornalística, os grandes barões (Pulitzer e Hearst) degladiavam-se por fatias crescentes do mercado para o *World* e o *Journal*. O *Commercial Advertiser* propunha-se a ir além da superfície das histórias mas de uma forma culturalmente informada.

Seguindo a análise preconizada por Griswold apreciaremos o objecto dentro do “Género” a que pertence, definindo esta autora como género, uma classificação baseada em semelhanças e diferenças, inerentemente social e histórica. O objecto em análise é o artigo de jornalismo, dito literário, “Drowned their Sins”, publicado originalmente em 19 de Setembro de 1898 pelo *Commercial Advertiser* e recolhido, como muitos outros artigos jornalísticos e *short stories* de Cahan, no volume, *Grandma Never Lived in America. The New Journalism of Abraham Cahan*, por Moses Rischin em 1985. O texto foi originalmente escrito em inglês e não foi, tanto quanto pudemos averiguar, traduzido para outra língua, inclusivamente o iídiche.

4.1.1 Sinopse

“Drowned Their Sins” é um artigo escrito em cerca de 1250 palavras, na terceira pessoa. A narração tanto recorre ao discurso directo, como ao narrador. Refere os acontecimentos ocorridos no dia anterior ao da publicação do artigo, respeitantes aos rituais judeus do *Rosh Hashanah* e às diferentes reacções de alguns transeuntes, que se cruzaram com os rituais de expiação de um dia judeu de purificação. O enredo desenvolve-se à medida que os episódios que constituem a história a levam num crescendo de reacções e explicações.

O primeiro episódio refere dois *Rough Riders*, que questionam um polícia acerca dos factos que testemunham, protagonizados por grupos de pessoas algo exóticas que permanecem na Ponte de Brooklyn, como inúmeras mulheres idosas, vestidas e arranjadas de forma peculiar que, aparentemente, se lamentam de alguma coisa. A primeira explicação é dada por um polícia gentio e a curiosidade dos soldados é satisfeita, não sem eles manifestarem o seu espanto pelo que presenciaram. O segundo episódio relata o aumento do número de pessoas sobre a ponte até que, cerca das cinco da tarde, atingia um número muito elevado. O segundo informante é um *intelligent Jew* que, em discurso directo, relata as dificuldades dos judeus que, não conhecendo a língua hebraica, precisam de um *sogerke* (leitor) que traduza para iídiche as preces. O narrador transcreve uma parte das orações, na qual os fiéis perdem perdão e clemência. O terceiro episódio envolve o crente mais americanizado exteriormente que, apesar do vestuário gentio, se desdobra em orações e fervor. Este homem, já avançado nos anos e de aparência próspera, presta-se a revelar aos passantes os motivos de toda aquela movimentação, baseando-a nos escritos sagrados e nos preceitos daqueles dias do Ano Novo Judeu. Apesar de não se coibir de criticar as mulheres ignorantes que levam todos os escritos sagrados à letra, afirma o direito de culto público. Para o quarto episódio há uma mudança de cenário, referindo a utilização do lago de Central Park para a cerimónia que, todavia, é repudiado por uma septuagenária que não aceita o ritual feito sobre águas paradas. O quinto e penúltimo episódio refere reacções antagonistas, e mesmo algo violentas, na zona das docas de *Pike Street*, onde o vandalismo de alguns

rapazes surte mais efeito sobre os próprios judeus, que se afastam para realizar os rituais noutras paragens, do que sobre a polícia, que tarda a aparecer. A história acaba com a fusão dos sons do *taschlich*³¹ com os da banda do Exército de Salvação, que reúnem de forma pacífica os sons dos lamentos da expiação judia, com a música e orações dos missionários protestantes militantes.

4.1.2 O Meio

O *Commercial Advertiser* tinha sido fundado ainda no século XVIII (1793) por Noah Webster, com o nome de *Minerva & Mercantile Evening Advertiser*, que foi substituído pelo acima referido em 1797. Essa origem ilustre relacionada com o distinto autor e a longa história que o precedia, não equivalia, nos finais do século XIX, a um momento igualmente brilhante. Depois de ter sido, ao longo da sua história, um jornal eminentemente comercial, de tendências republicanas e depois um porta-voz dos interesses do *Tweed Ring* democrático de Nova Iorque, o *Commercial Advertiser* encontrava-se em momento relativamente difícil. A contratação de Lincoln Steffens para editor representa uma aposta num tipo de jornalismo algo arriscada para uma época de sensacionalismo e de negócio jornalístico já bem estabelecido. Steffens tinha escrito pouco tempo antes de ser admitido para o cargo: “the magnitude of financial operations of the newspaper is turning journalism upside down” wrote Lincoln Steffens in 1897.” (Mott, 547). Este editor era de opinião que os seus jornalistas não ficassem pelas aparências ou pela superfície dos assuntos. Assim, apesar de estar consciente de que o *yellow journalism* era o produto jornalístico mais vendável do momento, não se afasta da sua política editorial nem de procurar, com os meios que tinha ao alcance, retratar o melhor possível a realidade da cidade para a qual e acerca da qual escrevia. Era essa a intenção do jornal que Steffens dirigia.

³¹ Ritual de expiação, geralmente levado a cabo na primeira tarde do Rosh Hashanah. Atirando simbolicamente os pecados do ano que finda a águas correntes, – por vezes acompanhados do arremesso de migalhas de pão – os fiéis preparam o ano novo.

4.2. Intenção e Compreensão

4.2.1. Intenção

O artigo refere uma celebração judia importante, *Rosh Hashanah*, englobado no Ano Novo judaico, que o artigo apresenta a uma população gentia enquanto tenta, simultaneamente, apreciar a forma como os judeus imigrantes interagem com a sociedade gentia em momento religioso importante para a sua comunidade. A intenção, condicionada por todos os elementos do “encargo” de Cahan, fá-lo interagir de uma determinada forma com o seu objecto que, assim, irá assumir certas características e não outras. Esta interacção autoral representa um segundo nível de relacionamento a apreciar no texto: o primeiro é aquele que é retratado pelo próprio texto dos interactantes em presença. Estes, os sujeitos da acção, encontram-se numa situação que afecta os seus enquadramentos e, como tal, poderão reagir de forma inesperada, que altere os padrões da época. Travers estudou as acções de aceitação e rejeição de estranhos, interactantes em textos literários segundo a metodologia da sociologia de interacção³². O autor define aceitação e rejeição da seguinte forma: “Acceptance is instant normalization effected through the consensual redefinition of strangeness as not being disorderly after all. Rejection, on the other hand, will be an attempt at normalization by denial.” (Travers, 627). Por outro lado, este autor sugere uma metodologia seguida pelos interactantes para a obtenção dos resultados opostos de aceitação ou rejeição que pode conduzir para a alteração do enquadramento: “I suggest that the outcome of either acceptance or rejection will depend on how the interactants will come to read the disorganized frame, and how – in getting to this reading –they will alter it one way or another. (*ibid.*, 629). Cahan tenta interferir na forma como uma estrutura, temporariamente desorganizada, se reconstituirá de forma a provocar aceitação dos elementos ‘desorganizadores’ – os judeus e os seus rituais religiosos- pela cultura dominante.

³² “Interaction sociology studies the conduct of human beings when they are in another’s presence, mostly concerning itself with face-to-face encounters and the talk of those encounters. “(Travers, 603)

Cahan tinha indicações expressas do editor do jornal, para o qual trabalhava, de ultrapassar a superfície das histórias. Além de uma simples peça informativa sobre o *Rosh Hashanah*, sobre a recitação do *taschlich* ou sobre o sacudir dos pecados para a água corrente, Cahan ambiciona uma posição como aquela que Theodore Dreiser apontava para si próprio, de intérprete privilegiado da realidade: “ (...) a tale of how a young journalist might invent himself as a spokesman for American lives at the turn of the century” (Connery, 143). Cahan escreve este texto dezasseis anos depois de ter imigrado: a distância da Europa e a permanência na América são já suficientes para reconhecer como estranha, a naturalidade da reacção dos judeus à agressão (nada que originalmente considerassem estranho depois da experiência do Leste europeu) e como natural, a expressão da agressividade e turbulência dos rapazes cristãos, a seguir analogamente designados de irlandeses, Irish *shegotzim*.

Se compararmos os artigos de jornal, com textos ficcionais contemporâneos do mesmo autor, constataremos discrepância em termos da forma dada ao retrato das angústias pessoais e das condições de vida de uma comunidade. Em *Yekl*, de 1896, e *The Imported Bridegroom and Other Tales of the New York Ghetto*, de 1898, Cahan escreve sobre condições de trabalho duríssimas e dilemas pessoais devidos a conflitos vivenciais, que textos como “Drowned their Sins” não patenteiam. Parece ser intenção do autor não apresentar nos artigos de jornal, potencialmente mais difundidos, os pormenores mais chocantes ou as dúvidas de uma comunidade à procura do seu lugar.

North Americans’ notions of the “melting pot” make immigration a site of cultural stripping away. Seen from the dominant society’s point of view, the process of immigration strips individuals of their former cultures, enabling them to become American citizens - transparent, just like you and me, “people without culture”.(Rosaldo, a, 209)

Rosaldo refere na sua obra a reconceptualização feita na década de 1990 do *melting pot*, quando lhe foi atribuída uma conotação negativa, por se considerar que acarretaria uma perda de identidade. Nos idos da década de 1890, e no início do século XX, a questão era justamente a oposta: como organizar uma sociedade em que muitos dos cidadãos não eram “transparentes” (mesmo que o quisessem ser), de maneira que a visibilidade das suas características não os impedisse de serem constantemente ostracizados ou marginalizados.

Será necessário escolher quais os elementos a salientar para exercer o passo da intenção dos textos que pertencem a esta investigação e, neste capítulo, de “Drowned their Sins”.

Dominando a escolha de elementos, encontra-se o objecto cultural que nos propomos analisar ao longo da tese, que é a alteridade. Esta é, segundo a visão antropológica que Stuart Hall dela dá, essencial para a cultura, em virtude da sua dupla qualidade de transgressora e apelativa por quebrar normas estabelecidas. Hall acrescenta ainda, apresentando a interpretação psicanalítica do encontro com o “outro”: “Our subjectivities, they [psychoanalysts] argue, depend on our unconscious relations with significant others.” (Stuart Hall, 238)

Como o “outro” se constitui por oposição – seguindo o conceito de Todorov: “(...) cada um é o bárbaro do outro, para isso basta falar uma língua que o outro ignore: aos seus ouvidos ela não passa de murmúrios.” (Todorov, a, 233) – iremos, em primeiro lugar, constatar quais as oposições constantes do texto, constitutivas desse “outro” em relação à norma e às características desta. Mantemos porém em mente outra observação de Stuart Hall – as oposições binárias são simplificações provocadas por uma tomada de posição do lado do “nós” – a oposição coloca o poder de um dos lados, sempre, e não é por isso verdadeiramente objectiva ou neutra. São essas, porém, as formas sociais simplificadas de construção da realidade e, sendo assim, têm de ser analisadas tal como são colocadas:

- Gentio/judeu
- Inteligente/tolo
- Homem/mulher
- Gentios inquisitivos/gentios agressivos
- Novo/velho
- Protestante/judeu
- Judeu/irlandês
- Individual/Colectivo

O artigo é contextualizado na história contemporânea americana logo nas primeiras palavras. Os gentios inquisitivos iniciais são dois *Rough Riders*, dois soldados do destacamento comandado e reunido pelo futuro Presidente Theodore Roosevelt, para participar na, então recém-concluída, guerra Hispano-americana em Cuba. Atravessam um marco de modernidade de Nova Iorque, a Ponte de Brooklyn, cuja importância para a cidade já foi anteriormente referida e imortalizada também na poesia de Hart Crane.

Os dois soldados jovens não compreendem o motivo que leva as mulheres idosas, vestidas de forma estranha, a comportarem-se daquela forma em cima de uma ponte, que, para os soldados, serve para ligar margens opostas de um rio e para as mulheres tem outra utilidade indecifrável. O polícia (homem) esclarece, com ar enfadado, o motivo de tal comportamento, aproveitando para realçar o conhecimento de algo, que até os *Rough Riders* espantava. A norma é aqui representada por estes homens, cuja religião não é mencionada, mas assumida como provavelmente de uma variedade de Protestantismo, por oposição à alteridade do Judaísmo das mulheres.

Com o passar das horas o movimento aumenta: já não são só aquelas mulheres, mas também de outras idades e ainda homens que rezam para expiar o mal que fizeram. Mesmo um homem bem vestido e com aspecto americanizado recita as orações e gesticula cheio de fervor. Este homem oferece-se para esclarecer os passantes acerca dos motivos da presença na ponte e, ele próprio diferencia-se das mulheres, que encara com arrogância e superioridade como sendo tolas e levando a sua fé ou os textos sagrados, demasiado ao pé da letra; “It’s all women, silly creatures who take everything literally.” (*in* Rischin, 94). Este judeu, parcialmente assimilado à sociedade laica americana, opõe-se às mulheres, que continuam a constituir o grupo mais desviante da norma. Existe ainda outra oposição entre os judeus: os que se contentam com as águas paradas de um lago (só possível num país gentio, segundo diz a mulher de setenta anos, imune ao *country of sinners*) e os que crêem que só as águas correntes do rio lhes poderão verdadeiramente lavar os pecados.

Num cais a situação é mais séria pois alguns rapazes incomodam e agridem os crentes, sem que os adultos cristãos refreiem os ânimos dos mais novos. Os outros judeus aceitam o facto e vão para outros cais, “as if it was the most natural thing in the world that “Irish *shegotzim*” (Gentile boys) should molest Jews with prayerbooks on the streets.” (*ibid.*, 95) Os Irlandeses, falantes de inglês, são imigrantes de mais longa data e, como tal, parecem ter adquirido face aos novos imigrantes um estatuto que lhes concede alguma impunidade: a relativização da alteridade é aqui levada mais adiante, a uma hierarquização mais completa e ordenada em diferentes compartimentos.

As orações e movimentos rituais dos judeus são, pouco depois, acompanhados de outros sons provenientes dos elementos de uma banda do Exército de Salvação e essa mistura é descrita, recorrendo a efeitos como a cor e o som: o encarnado dos chapéus dos elementos da banda, misturado com o branco dos lenços e o negro das perucas das mulheres judias; “the hum and buzz of *taschlich* mingled with the song and prayer of

the Gentiles, the caps of the latter gleaming red amid a sea of white kerchiefs and wigs” (*ibid.*, 95).

Por último, será de referir a oposição individual/colectivo. A figura de alteridade neste texto, se bem que individualizada e repartida em grupos que obedecem a critérios oposicionais acima mencionados, é uma figura colectiva, constituída por centenas ou mesmo milhares de judeus, residentes numa cidade que, apesar da sua dimensão e ambiente cosmopolita, já não pode ignorar uma presença tão forte. O impacto que reside na força desse número parece não passar despercebido ao próprio narrador, que se bem que reproduzindo ou formulando comentários díspares em relação a indivíduos, descreve, com palavras de alguma admiração, o fervor colectivo de tão grande número de pessoas, no desempenho de uma tradição que é identitariamente importante. O segundo homem, que dá explicações aos passantes, explica:

“Now I don’t want you to run away with the idea that we are fools enough that we can get rid of our sins by shaking them off your coat or shirt (...) The Jew who understands his holy book takes it as a beautiful figure of speech” (...) “Yet it is an old custom and a pretty custom, and why should I not pray here over the waters, rather than in my suffocating rooms in the tenement house?” (*in* Rischin, 94)

O valor ritualístico de um “old custom and a pretty custom” é realçado. A importância da tradição, dos costumes no reforço da identidade da comunidade é clara para o autor. O enredo, a forma como os acontecimentos narrados é encadeada, é claramente revelador da intenção autoral de argumentar em favor da possibilidade de coexistência numa mesma sociedade de rituais diferentes. A admissão do rito popular judeu do *taschlich* não tem que ser escondido numa qualquer *tenement house*: “Here is God’s flowing river, His pure, flowing peaceful water. Here I feel nearer to Him, and my prayer seems more ardent to me. That’s why I come to the river.” (*ibid.*, 94). Existe lugar para todos no espaço americano, tal como se ouve e vê no final do artigo, já referido anteriormente: “The hum and buzz of *taschlich* mingled with the song and prayer of the Gentiles, the caps of the latter gleaming red amid a sea of white kerchiefs and wigs.” (*ibid.*, 95)

4.2. 2. Compreensão

Para o analista, a compreensão é a actividade que consiste na designação das propriedades do objecto cultural que serão úteis e relevantes para a exploração do significado e das ligações que o objecto estabelece socialmente. Para efeitos de atribuição de pertença a um ‘género’ deste texto de Cahan, iremos recorrer a uma designação que não era utilizada contemporaneamente à sua escrita mas que, em virtude da existência de traços distintivos, parece possível – jornalismo literário. Aliás tal relação de pertença é estabelecida por autoridade no assunto como Yagoda, que a incluiu na sua colectânea. Marovitz contribui para esta classificação quando refere, por exemplo:

By the end of the century, Cahan’s English stories had found a ready market in such popular monthlies as *Cosmopolitan*, *Century* and *Scribner’s* (...) His experience with the *Advertiser* gave Cahan the opportunity to develop a complementary method of writing by combining his predilection for imaginative composition with his journalistic skills emphasizing one aspect or the other as the work at hand demanded. (Marovitz, a, 29).

Algumas páginas mais adiante, é clara a constatação de que a ‘composição imaginativa’ do autor conjugada com as competências jornalísticas originaram um tipo de escrita que era aceite para publicação em revistas como *Scribner’s*, que não se limitava a publicar artigos com referente temporal próximo como a maioria dos artigos jornalísticos. “This bond between literature and life also reflects Cahan’s taste in the visual arts, which leaned heavily toward a photographic mode of reproduction on canvas.” (*ibid.*, 63).

O modo fotográfico de representação que foi concretizado literalmente à época em obras como a de Jacob Riis, *How the Other Half Lives*, revela-se nos textos escritos de Cahan através de elementos de representação fidedigna da cena descrita em termos de pormenores – referências visuais como cores ou auditivas – apelando a sentidos que não podem ser reproduzidos plenamente pela palavra escrita, mas que esta consegue conjurar. Phyllis Frus refere o trabalho contemporâneo de Stephen Crane, apontando-

As características que também se podem encontrar em Cahan. “Neither story invents facts or characters, although both narratives inevitably proceed by invention – in the rhetorical sense of producing the subject matter according to previous literary models while appearing to copy from nature or reality (“Invention”). [*Inventio*]” (Frus, 16).

Seguindo as instruções do editor Lincoln Steffens, não interessava só ao jornalista descrever a sequência de eventos, mas também encontrar a história que conduz a determinado acontecimento. Se o enredo é uma sequência de eventos ordenada de determinada forma pelo autor, a intenção de Cahan seria a de ordenar inteligivelmente para um público heterogéneo uma história que não era parte integrante de uma tradição cultural comum. Os rituais judeus não eram do domínio público americano: o tratamento jornalístico noticioso dificilmente poderia satisfazer o receptor e o jornalismo interpretativo de tipo literário cumpriria essa função de forma mais completa. A presença de um grande número de pessoas, com determinada etnicidade demonstrada por atitudes rituais, poderia apenas ser esclarecida pela revelação de factores culturais que não eram, à altura, do domínio público na sociedade nova-iorquina e americana em geral.

We are always aware that it is an interpretation, a version told from hindsight, although this realization does not assert “what actually happened”, as twentieth century “objective” journalism claims to do, but only claims to give Crane’s “own story”, his subjective account, in the tradition of late-nineteenth-century personal reportage. (*ibid.*, 19)

Esta constatação é igualmente possível no texto de Cahan. O autor queria ser um intérprete da realidade, não só um jornalista com uma missão que se limitava aos acontecimentos do dia expostos de forma concisa e com pouco investimento na imersão no assunto. Cahan, pelas suas próprias características étnicas, podia desempenhar este papel sem o enorme investimento de tempo e dedicação que a tarefa exige a um jornalista que se tenha que familiarizar *ab initio* com o seu objecto. A posição de Cahan era de participante na comunidade sobre a qual, basicamente, escreveu ao longo da sua vida nas diferentes fases que ela atravessou em termos de trabalho de escrita.

Hutchins Hapgood observed that Cahan’s writing about the East Side is chiefly didactic, and not only with respect to socialism. Because Cahan aimed to provide a general modern education in science and culture through his journalism, he sought a broad readership by writing “in the popular ‘jargon’”. (Marovitz, a, 43)

O autor teve, aliás, em mente ao longo da sua carreira, o destinatário da sua obra, o receptor que pretendia atingir. As inflexões de carreira que executou são disso prova bastante. Enquanto considerou tal útil, escreveu em inglês para o público anglófono; a partir do momento em que o considerou mais profícuo, dedicou-se de forma crescente à escrita em iídiche para a comunidade falante desta língua, que porém não deixou de americanizar. Analisemos assim, a recepção de textos como “Drowned their Sins”.

4. 3. Recepção e Explicação

4.3.1. Recepção

No ponto 4.2.1 dedicámos parte da nossa atenção ao estudo da intenção autoral, o primeiro agente que a metodologia de Griswold refere quando estabelece os quatro passos metodológicos. O segundo agente social envolvido *recebe* e, neste segundo passo, interessa ao analista estudar como foi recebido o texto, não de uma forma individual mas, seguindo a metodologia de Jauss, colocando o texto contra um “horizonte de expectativas” da recepção no momento, que nunca está definida por essa mesma circunstância. Jauss refere Paul Valery na obra *Aesthetic Experience and Literary Hermeneutics*, para esclarecer a questão da recepção e estética na época moderna:

(...) the confusion or interdependence between the observer and the thing observed, which is driving theoretical physicists to despair (...) a pleasure that can stimulate the strange need to produce or reproduce the things, event, object, or state to which it seems attached, and which thus becomes a source of activity without any definite end...” . (in Jauss, 61)

Jauss opina que o horizonte de expectativas condiciona a recepção ou aceitação de determinada obra em determinado momento. Vemos que tanto a intenção como a recepção se encontram no eixo autor/receptor, que o analista trabalhará de forma diferida no tempo, pois este eixo não é contemporâneo à análise que, no caso deste

artigo, se encontram separados por cerca de um século. Chegaram, porém, até nós ecos contemporâneas a alguns dos textos de Cahan, nomeadamente de críticos da época:

An anonymous reviewer for the *New York Times* was no less enthusiastic than Howells over Cahan's representation of reality and character on the Lower East Side, which he says should unveil a way of life that is virtually unknown among people who do not live there, not even those in the neighboring communities. (Marovitz, a, 83)

A propósito desse desconhecimento colectivo de determinadas 'formas de vida', Jonathan Culler explica que para um texto ser 'recebido' pelos seus leitores tem de obedecer a um princípio:

One relevant convention or disposition that has emerged from the analysis of stories (ranging from personal anecdotes to entire novels) goes by the forbidding name of the 'hyper-protected cooperative principle' but is actually rather simple. Communication depends on the basic convention that participants are cooperating with one another and that, therefore, what one person says to the other is likely to be relevant. (Culler, 25)

Se este princípio não existir, registar-se-à a distância estética que Jauss propunha, como sendo o tipo de recepção resultante dum desapontamento dos receptores face à incompatibilidade com o horizonte de expectativas existente. Se Cahan tivesse conhecido o requisito de comunicação que Culler designa de "espírito cooperativo hiper-protegido", saberia que ele existia apenas de forma parcial nos seus textos. Só em parte estavam preenchidas as condições para a sua concretização: o público leitor deste jornalista em especial, lendo artigos publicados em Nova Iorque, esperava ler algo de relevante para a sua vida diária. As expectativas não eram goradas, na medida em que iria ler acerca de algo que necessitava de explicação nesse ano e que continuaria a ocorrer, de forma variável, em anos vindouros. Porém, a cooperação do receptor não estava à partida garantida: sendo a realidade patente no texto perturbadora de um *status quo*, estariam os leitores habituais do *Commercial Advertiser* dispostos a elaborar sobre o texto que liam, ou prefeririam a atitude da distância estética?

Este era um exemplo de comunicação, área que estava a ser estudada e teorizada à época, de forma pioneira, pelo grupo de Ann Arbor, Michigan, dos quais se pode destacar John Dewey. No âmbito do espírito progressista do momento definiam assim comunicação: "communication is a symbolic process whereby reality is produced, maintained, repaired, and transformed." (Carey, 23) Podemos dizer que os textos de

Cahan facilmente cumprem a quádrupla missão de produção, manutenção, reparação e transformação.

Carey salienta ainda que o pensamento individual não precede o pensamento colectivo, mas que dele é precedido. O autor refere que o pensamento é público, pois depende de um repositório de símbolos que estão à disposição de todos, a partir dos quais o indivíduo desenha “mapas” do meio ambiente. Igualmente importante para o nosso estudo é referir a diferença entre as duas perspectivas de comunicação que o mesmo autor enuncia:

If one examines a newspaper under a transmission view of communication, one sees the medium as an instrument for disseminating news and knowledge, sometimes divertimento, in larger and larger packages over greater distances. (...) A ritual view of communication will focus on a different range of problems in examining a newspaper. It will, for example, view reading a newspaper less as sending or gaining information and more as attending a mass, a situation in which nothing new is learned but in which a particular view of the world is portrayed and confirmed. (Carey, 20)

É justamente esta visão ritualística que o texto de Cahan leva a cabo: o texto constitui um ritual de iniciação a uma cultura diferente e que, nas suas diversas vertentes, comporta elementos que são desconhecidos e por isso precisam de ser confirmados ao serem retratados. Dos símbolos do domínio público constrói-se um mapa ambiental, bem como um emolduramento que permite uma compreensão comum.

They saw in the developing technology of communications the capacity to transform, in Dewey’s terms, the great society created by industry into a great community: a unified nation with one culture; a great public of common understanding and knowledge. This belief in communication as the cohesive force in society was, of course, part of the progressive creed. (Carey, 143)

“Drowned their Sins” é assim um texto sobre uma cerimónia de índole religiosa, que não se destina a endoutrinar ninguém em religião alguma, mas que assenta numa convicção, de que é possível formar uma comunidade homogénea a partir de elementos heterogéneos que se respeitam ultrapassando diferenças através de um processo de assimilação que é possibilitado pela comunicação. “Then the crowd at the Pike Street dock began to grow rapidly. Toward the evening it was literally thronged with *taschlich* worshippers.” (in Rischin, 95). Em “Drowned their Sins” transparece alguma animosidade “Still throwing stones? Asked one man of another on Pike Street, with the air of one who asks whether the rain is still falling.” (*ibid.*, *ibid.*) – esta animosidade,

porém, ao ser combatida com comunicação eficiente, desaparecerá, resultando um “great public of common understanding and knowledge.”

Os imigrantes judeus (e outros) experimentavam esses mesmos rituais de passagem ao longo da sua americanização, sendo este o objectivo que Cahan defendia. Sem perderem definitivamente as características originais modificavam comportamentos, vestuário ou formas de expressão; tentando abandonar a posição de *greenhorn*, aprendiam o seu lugar no novo país.

Poucos anos depois da publicação desta série de artigos no *Commercial Advertiser*, Cahan assume a direcção do *Jewish Daily Forward* e abandona quase inteiramente a carreira de jornalista em língua inglesa para se dedicar ao jornalismo em iídiche. Através de muitos artigos e, em especial da coluna *Bintl Briv*, cartas ao editor, a que ele próprio responde, Cahan lança-se decididamente na senda da americanização da sua comunidade a partir do seu interior e utilizando a sua língua. As dúvidas e angústias, que algum pudor parece tê-lo impedido de verter para palavras inglesas, a não ser em obras de ficção, surgem mais naturalmente na língua dos antepassados (se bem que ela própria americanizada).

Porém, foi no *Commercial Advertiser* que Cahan passou, (depois de o ter sido também no *Sun*) a ser “recebido” por uma determinada audiência que já caracterizámos anteriormente como falante de inglês, leitora de jornais e pertencendo a um segmento do público que escolhia um jornal que se afastava do *yellow journalism* tanto em voga. Podemos acrescentar outra característica: William Dean Howells, crítico, escritor e intelectual respeitado por esses anos, “insisted that no writer or artist could afford not to read the *Commercial Advertiser*.” (Rischin, xxi).

Como também já foi referido, a circulação e, em consequência, os meios financeiros do *Advertiser*, não lhe permitiam reportar em directo os grandes acontecimentos da época: o caminho alternativo seguido cumpre, contudo, um outro objectivo, igualmente importante para quem analisa textos à distância de um século – relata a recepção feita a esses mesmos acontecimentos pelos agentes sociais. “Drowned their Sins” pode à época ter sido lido pelos alguns milhares de nova-iorquinos que constituíam a audiência do jornal: como realçam especialistas em comunicação, os textos jornalísticos podem não influenciar o modo como as pessoas pensam mas, certamente, influenciam os tópicos acerca dos quais o fazem. Este e as outras dezenas de artigos de Cahan sobre a comunidade judia poderão, como já vimos, não ter influenciado a forma de encarar a comunidade mas terão certamente chamado a atenção para a sua existência.

4.3.2. Explicação

A obra ficcional de Cahan é uma demonstração das preocupações que norteavam a sua carreira e reforça a explicação que se possa fazer acerca da sua obra jornalística. Sendo a explicação constituída pela ligação do objecto cultural em análise ao mundo social circundante, poderemos, alargando o âmbito dessa explicação à obra de Cahan, verificar que o tipo de ligação existente entre a obra ficcional e a não ficcional é ligeiramente diferente mas servindo propósitos semelhantes. Aparentemente, existe porém uma diferença importante de ponto de vista: enquanto nos artigos jornalísticos o narrador parece representar os pontos de vista e mesmo os preconceitos do público americano em geral, que contempla a comunidade judia de fora, o ponto de vista nas obras de ficção é diverso. Aí, o narrador observa e narra de dentro da comunidade que descreve, demonstrando empatia com as dúvidas e desajustes dos heróis, que se encontram em situação dúbia, exterior/integrada, numa comunidade local que observam, tentando adaptar-se e conseguindo-o em graus muito variáveis, segundo as suas próprias características pessoais. A relevância dessas características é, nas personagens das obras ficcionais, em tudo superior à que é atribuída às personagens algo planas dos textos jornalísticos.

Para citar um exemplo da obra ficcional, no mesmo ano deste artigo, é publicado do mesmo autor, um volume com uma colecção de *short stories* e uma pequena novela “The Imported Bridegroom”. Como o nome indica, o enredo da novela centra-se num noivo importado, um jovem estudante do Talmude que não é recebido de braços abertos pela noiva que, em primeira instância, o recusa, se bem que “There would have been nothing odd in her marrying him a year or two later, after he had picked up some broken English and some of the customs of the country. (Cahan, 123). Esta noiva assemelha-se ao homem de “Drowned their Sins” que, bem vestido e americanizado, aceita algumas das imposições da sua cultura e religião – os rituais, ele, ou um casamento combinado, ela – desde que devidamente infundidos de algum espírito americano. Curiosamente, esta rapariga acede finalmente a aceitar o noivo desde que ele se “americanize” – e acaba de certa forma, por o perder, quando ele vai mais longe do que ela nesse processo.

A obra ficcional de Cahan em inglês está cheia desta dimensão, de certa forma trágica: se bem que crente nas virtudes da assimilação, o autor relata sempre processos dolorosos individuais de mudança que, em grande medida, só podem ser parcialmente bem sucedidos para a maior parte dos envolvidos. Na autobiografia, Cahan refere os momentos que tinha passado nos dias de lazer dos primeiros anos na América: “The memory of those hours brings to mind again the feeling of hardship and loneliness that marked our first years in America. (Cahan, b, 399). A marcha da Humanidade é mais importante do que a simples experiência individual. Cahan, tendo ele próprio também experimentado a dor individual desse processo, sempre teve a noção de ser uma peça, de uma engrenagem muito maior e mais importante do que qualquer indivíduo.

A dificuldade do procedimento não obsta a que seja realizado, apesar de tudo. A maneira como ele decorria revestia-se de outros pormenores, que iluminam a intenção de Cahan. Como muitos outros factos, a adaptação a situações novas obedecia a algumas regras. Cahan tinha experimentado ao longo da vida diversas mudanças – no local de residência, na actividade profissional, na língua utilizada. Quando, ainda criança transfere com a família o local de residência para Vilnius, é inicialmente apontado como o primo campónio. “But my mother came from Vilna and I, being a child, acquired the new accent and vernacular easily. She and I were soon pointing out others as country cousins” (Cahan, b, 14). A subida na hierarquia social é feita o mais rapidamente possível, de forma algo ansiosa. Essa mesma subida repete-se quando vai estudar para o Instituto de Formação de Professores em Vilnius, uma escola do governo russo que educa os futuros professores dos judeus, como já referido. A admissão é feita, recorrendo sem grandes hesitações a diversos actos de corrupção junto das autoridades necessárias para o efeito. O jovem Abraham sobe assim mais um degrau na longa ascensão que será a sua vida – passando de uma sociedade judia, falante de Iídiche para uma sociedade estudantil russa – feita de diversos processos de adaptação.

Cahan não terá conseguido atribuir aos seus judeus na diáspora um papel muito mais multifacetado do que aquele que lhe foi a ele próprio atribuído no artigo que foi consagrado ao seu percurso biográfico em 1896 e que foi acima referido. As características que são mais salientadas não permitem que, ao fazer a ligação do objecto cultural em si ao meio não criativo que o recebe, se estabeleça uma ligação de paridade entre residentes de diferentes grupos étnicos em solo americano, que este autor, como outros à época, pretendia.

Haenni refere no seu artigo a visão que Barbara Kirshenblatt-Gimblett tem do fenómeno dos imigrantes recentes no fim do século XIX: “recently arrived immigrants became the ethnographic ‘other’, in part as a way of creating social distance under the threatening conditions of physical proximity.” (Haenni, 495). A complementar esta atribuição de características etnográficas, a autora refere ainda por exemplo, a popularidade de visitas de índole turística, feitas a partir do início do século XX a locais supostamente exóticos, como Chinatown. A colocação do ‘outro’ em espaços demarcados servia de algum conforto a nova-iorquinos de mais longa data que, assim, aceitavam a sua presença de bom grado, usufruindo até de algum valor de diversão que essa presença tinha. No caso de “Drowned their Sins” a forma judaica de existência transbordava do *Lower East Side* para outras partes da cidade, comprometendo a divisão territorial que o gueto fornecia à época e criando angústias que só uma intervenção explicativa poderia aplacar. O ritual não ameaçaria um *status quo* equilibrado durante o ano, que só seria perturbado numa única ocasião anual. Afinal, esta seria apenas uma incursão temporária, que facilmente poderia ser absorvida com uma função semelhante à das visitas à Chinatown: a visualização de uma manifestação étnica que, por ser de índole religiosa, certamente não acarretaria qualquer tipo de risco, como outras manifestações mais dificilmente integráveis.

Cem anos depois, este texto apresenta-se como um objecto cultural polissémico, porque abriga em si diversos significados partilhados, tal como eram encarados por um determinado jornalista: o “outro”, seja ele mulher, velho, irlandês, gentio, judeu, etc. Era um *New Journalism* a reportar sobre uma *New Immigration*, numa das fases de maior entrada de imigrantes nos Estados Unidos. Quarenta anos mais tarde, quando *Lady Olga*, o próximo texto a analisar nesta tese é publicado, essa situação estava consideravelmente alterada. Veremos como o jornalismo literário se foi adaptando a diferentes contextos.

Capítulo 3

“The Full *New Yorker* Profile Treatment”



Ilustração 7 – José Guadalupe Posada (1852-1913)

“Gran Fandango y francachela de todas las calaveras”

O capítulo anterior mergulhou-nos na Nova Iorque e no meio jornalístico do final do século XIX. Aquele que agora se inicia transporta-nos quarenta anos adiante no tempo, a um jornalismo literário que reporta sobre uma realidade bem diferente. Seguindo ainda o modelo de Griswold, desenharemos neste caso o seguinte “diamante cultural”:

1. **Criador** Joseph Mitchell – jornalista, americano (da Carolina do Norte), de origem galesa, inglesa, escocesa, e protestante (de diversas denominações);
2. **Ambiente Social** Nova Iorque, 1940;
3. **Receptor** Leitores da revista *New Yorker*, no momento original de publicação em 1940, e da ulterior publicação em forma de livro – editados pelo próprio autor, nos volumes *McSorley’s Wonderful Saloon* (1943) e *Up in the Old Hotel* (1992), e na colectânea de diversos jornalistas literários, *The Art of Fact*, editada por Yagoda;
4. **Objecto Cultural** O “outro” (“outra”), a *bearded lady*.

1. Criador

Joseph Mitchell nasceu na Carolina do Norte numa quinta perto de Iona em Robeson County, em 27 de Julho de 1908 e iria falecer em Nova Iorque em 24 de Maio de 1996. A família dedicava-se à agricultura naquela zona do país, havia gerações. O pai era negociante de algodão e, segundo conta o próprio autor, não tinha grande apreço pela profissão do filho, que considerava ser apenas uma forma de os jornais e jornalistas se imiscuírem na vida das outras pessoas. O jovem Mitchell frequentou a Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill que abandonou, sem concluir o curso, para trabalhar como jornalista em Durham. Depois de um dos seus artigos ter sido aceite e publicado pelo *New York Herald Tribune*, rumou a Nova Iorque em 1929, para continuar uma carreira de jornalista, agora na grande cidade. Continuou a escrever para este jornal até 1931, bem como para o *Morning World* e o *World-Telegram*. Mitchell foi despedido do *Tribune* em 1931 e, talvez por isso, decide experimentar a vida de homem do mar durante cerca de três meses, num navio mercante que operava entre Nova Iorque e Leninegrado. Rapidamente desiste dessa nova carreira e, ainda no mesmo ano, casa-se com a fotógrafa Therese Jacobsen com quem teve duas filhas.

Em 1938, entrou para o corpo redactorial da revista *New Yorker*, com a qual já colaborava desde 1933, onde iria permanecer até ao fim da vida, em 24 de Maio de 1996. Escreveu longamente sobre a vida em Nova Iorque mas também sobre Robeson County de onde era originário. Contribuiu para as secções da *New Yorker* intituladas *The Talk of the Town* e *Profiles*, sobre os habitantes das ruas da zona da *Bowery*, do *Fulton Fish Market*, dos *saloons*. Muitos dos seus artigos foram reunidos em diversos livros ao longo da vida do autor.

- 1938 - *My Ears are Bent*
- 1943 – *McSorley's Wonderful Saloon*
- 1948 – *Old Mr. Flood*
- 1960 – *The Bottom of the Harbor*
- 1965 – *Joe Gould's Secret*

- 1992 – *Up in the Old Hotel and Other Stories*

O volume, *My Ears are Bent*, compilou escritos de Mitchell pré-*The New Yorker*, artigos que tinham surgido inicialmente em dois jornais – *The Herald Tribune* e *The World Telegram*. Até à publicação de *Joe Gould's Secret* em 1965, Mitchell publica com alguma regularidade naquela revista e dá à estampa algumas colecções da sua obra publicada inicialmente em periódicos, como *McSorley's Wonderful Saloon*, *Old Mr. Flood* e *Bottom of the Harbor*. O volume intitulado, *Up in the Old Hotel and Other Stories*, foi publicado quase trinta anos depois da anterior colecção e este lapso tão prolongado de tempo deveu-se a uma situação extrema de *writer's block* que, aparentemente, Mitchell sofreu nos últimos trinta anos de vida. Durante todo este tempo, em que supostamente se estaria a ocupar de trabalho novo, não publicou nada, reunindo esta última colectânea, textos anteriormente publicados, inicialmente por *The New Yorker* e depois pelas colectâneas *McSorley's Wonderful Saloon*, *The Bottom of the Harbor* e *Joe Gould's Secret*. Mitchell acrescentou ao volume de 1992 alguns artigos que não tinham sido publicados em livro na colecção *McSorley's Wonderful Saloon*. Incluiu ainda “The Mohawks in High Steel” que, além da publicação original na *New Yorker* em 1949, já tinha sido publicado por Edmund Wilson como introdução à sua obra *Apologies to the Iroquois* de 1960. Rundus refere no seu livro, *Joseph Mitchell. A Reader's and Writer's Guide*, um inédito, mencionado pelo próprio Mitchell numa entrevista em 1992 a Margaret Carlin do *Rocky Mountain News*, intitulado *A Man Named Me*, uma obra autobiográfica em que ainda estaria a trabalhar ao tempo do seu falecimento mas que, a existir, se mantém inédita.

Joe Gould's Secret foi traduzido para francês em 1999, sendo publicado pela Calmann-Lavy; para espanhol em 2000, publicado pela Anagrama; e para alemão em 2002, publicado pela Goldmann. Esta obra de Mitchell envolve alguma especulação acerca de ser, velada e parcialmente auto-biográfica. *Joe Gould's Secret* é um perfil em duas partes, separadas no tempo por vinte e dois anos, inicialmente publicadas pela *New Yorker*, a primeira das quais em 1942, com o título *Professor Sea-Gull*. Gould seria um homem que Mitchell encontrara em Greenwich Village em 1932, uma personagem interessante, boémia, que supostamente teria estudado em Harvard até 1911, auto-proclamado autor de uma obra magistral, *Oral History of Our Time*. Norman Sims, em *Literary Journalism in the Twentieth Century*, equaciona a possibilidade de que, a ter existido (o que é comprovado por documentos que atestam que Joe Gould de facto nasceu, e estudou medicina em Harvard), o Gould dos artigos e do livro de Mitchell ser

diferente da personagem factual. Esta teria revelado traços que eram simpáticos a Mitchell, porque lhe eram comuns, mas este autor terá, apesar disso, confessado a Norman Sims em entrevista que lhe concedeu : “The Gould I described, I think, is the absolutely true Gould. But another person could have written the story about Joe Gould far differently” (Sims, b, 99). Em “Joe Gould’s Secret”, o próprio Gould é citado:” It’s only things I heard people say, but maybe I have a peculiar ability – maybe I can understand the significance of what people say, maybe I can read its inner meaning.” (Mitchell, 625). Mitchell diferencia cuidadosamente na Introdução de *Up in the Old Hotel* as histórias que são ficcionais, das não-ficcionais e refere *Joe Gould’s Secret* como factual. Aliás, em 5 de Abril de 2000, num artigo da revista online *The Village Voice*, foi publicado um artigo que referia: “Quietly tucked away within NYU’s archives are 11 dime-store composition books that make up a nearly 150,000-word diary—one apparently unknown to Mitchell (...)” (Hutchinson)³³. A existência dos cadernos de notas de Joe Gould nas *Fales Collections* da Universidade de Nova Iorque, parece confirmar a existência de tal personagem.

Mitchell chega a Nova Iorque, para aí se estabelecer, quatro dias antes do *crash* bolsista de 1929. Referindo-se à década de 1920 em Nova Iorque, Yagoda cita a revista *Nation*, que, num número do fim dessa década, publicava a seguinte frase : “All over the country the ambitious and the eager, the want-to-be wealthy and the would-be-smart, have their eyes on Manhattan Island” (Yagoda, a, 27). Joseph Mitchell referia frequentemente que o tipo de humor que lhe agradava e que ele praticava era o *graveyard humor*, um tipo de humor algo negro e quase desapontado. Rundus refere a propósito uma máxima popular que se adequava ao autor, bem como a opinião que Mitchell tinha da vida: “From the cradle to the hearse, /Things aren’t so bad that they can’t be worse. (...) And in another succinct expression of a homely philosophy, he told David Stritfeld in 1992, “Life’s a goddam mess, but you wouldn’t want to miss it.” (Rundus, xii). A chegada à grande e atraente urbe na data em que o fez, parece confirmar-se o acerto do provérbio e a justeza do desabafo de Mitchell a David Stitfeld. Quando Norman Sims entrevistou Mitchell para o artigo referido acima, o autor referiu um pintor e gravador mexicano por quem tinha grande admiração, José Guadalupe Posada, que lhe tinha sido dado a conhecer por Frida Kahlo. Na primeira página deste capítulo é reproduzida uma das obras de Posada, o “Fandango”, que, muito

³³ Hutchinson, Charles, Miller, Peter, “Joe Gould’s Secret History”, *The Village Voice* online, April 5 - 11, 2000. (<http://www.villagevoice.com/issues/0014/miller.php>) acessível em 26 de Fevereiro de 2005

caracteristicamente para este pintor, apresenta esqueletos e que neste caso estão alegremente dançando. A oposição, entre a ossada como símbolo de morte e a alegre dança macabra que elas encenam, encerra a alegria sombria latente nos escritos de Mitchell, em que a morte e a vida se sucedem e convivem de forma natural, não trágica, mas com uma inevitabilidade de destino quase calvinista. Um tipo de humor similarmente tétrico teve, aliás outro representante famoso na *New Yorker*, se bem que este na parte gráfica e de *cartoons* da revista: Charles Addams. Este desenhador criou, em 1939 e continuou a desenhar durante muitos anos as personagens da família tão peculiar e ainda bem conhecida, a que deu o seu próprio nome.



Ilustração 8 – Boiled in Oil – Charles Addams

Publicado pela *New Yorker*, 21 de Dezembro de 1946

(Christmas carolers in front of a house are about to be doused with a caldron of something by the family on the roof.)

Mitchell foi influenciado de forma determinante pelo meio que o publicava – a *New Yorker* – e pelo ambiente humano e urbano da Nova Iorque das décadas de 1930 a 1960. Talvez por isso, a partir do momento em que a realidade que lhe era mais familiar se modificou de forma marcante, nesta última década, foi-lhe impossível continuar a escrever para publicação. Tal não se deu, porém, sem anteriormente ver a qualidade, do que tinha já publicado, ser reconhecida:

Although Malcolm Cowley had, in a 1943 review of MWS [*McSorley's Wonderful Saloon*] in *New Republic*, first brought attention from the literary and intellectual world to Mitchell as a writer of significance to American and world literature, Hyman, in "The Art of Joseph Mitchell" in the *New Leader* of December 6, 1965, was the first critic to assert the universality of meaning and value in Joseph Mitchell's writings, (...) (xxx, Rundus)

Seguindo a metodologia proposta, analisaremos de seguida o ambiente social que terá tido influência tão preponderante no trabalho do autor.

2. Ambiente Social

O ano de 1940 em Nova Iorque, como em todo o mundo, tinha começado pesado com as notícias da Europa. Apesar de os Estados Unidos estarem a emergir da Grande Depressão, as palavras de F. D. Roosevelt, no seu segundo *Inaugural Address* de Janeiro de 1937, ainda estavam presentes nas mentes dos Americanos: “at this very moment are denied the greater part of what the very lowest standards of today call the necessities of life... I see one-third of a nation ill-housed, ill-clad, ill-nourished.” (Tindall, 749).

Desde 1921, e confirmadas em 1924 e 1929, as leis de imigração impunham quotas baseadas no número de imigrantes de cada origem nacional que tinha dado entrada nos EUA nos anos dos censos de 1910, (a lei de 1921) e de 1890, (a lei de 1924). O resultado prático foi uma grande quebra no número de imigrantes que, a partir dessa altura e até 1965, imigraram legalmente para a *Land of the Free*. A Nova Iorque retratada por Cahan, com chegadas quase diárias de novos grupos de recém-chegados tinha deixado de existir havia tempo. A determinação de quotas de imigração com critérios étnicos, baseadas no censo de 1890, tinha tido como resultado imediato a diminuição de permissão de entrada para os imigrantes provenientes do Leste e Sul da Europa, com a conseqüente impossibilidade da continuação de imigração de grandes números de judeus e italianos.

Curiosamente porém, a cidade sofre alterações profundas devido à acção de dois nova-iorquinos descendentes desses dois grupos. O primeiro, Robert Moses, filho de uma influente família judia, será o responsável por grande parte da renovação urbana da cidade: o outro foi o *Mayor* Fiorello LaGuardia.

Moses foi, ao longo de diversas décadas, membro grado (e frequentemente tirânico) de diversas instituições ou detentor de cargos como *New York City and New York State Parks Commissioner*, *Construction Coordinator*, *City Planning Commission* ou a *Emergency Public Works Commission* (já durante a Depressão). Sob a sua direcção remodelaram-se ou construíram-se espaços públicos, como parques, piscinas, praias.

Simultaneamente, reestruturava-se o sistema viário e de transportes, com a construção de vias rápidas, para descongestionar o tráfego caótico da Manhattan dos anos 20; levou-se a cabo o prolongamento do sistema de metropolitano, que possibilitaria o fim do *els*³⁴, e a consequente melhoria das avenidas por onde ele passara. A azáfama de construção não se limitava à área das vias públicas e transportes. Mais arranha-céus se constroem, alguns com a colaboração de um grupo de *Native Americans*, os *Caughnawaga*, acerca de quem Joseph Mitchell fará em 1949 um artigo, *The Mohawks in High Steel*. Este grupo, originário de uma área da América do Norte pertencente ao Canadá, participou na construção de muitos dos edifícios e pontes com estrutura em aço, formando equipas de soldados. Os *Caughnawaga* têm uma aptidão especial para o trabalho em alturas pois, aparentemente, não sofrem de vertigens e apreciam o desafio de um trabalho que é fisicamente árduo e perigoso. A lista de construções em que participaram em Nova Iorque é longa e abrange muitos edifícios a partir de 1926: o edifício da RCA, a ponte George Washington, o Centro Rockefeller.... Mitchell descreverá, neste artigo, as origens da dedicação destes homens a uma actividade que os leva a qualquer canto da América do Norte e, naturalmente, também a Nova Iorque. Entretanto, porém, o *crash* da Bolsa de 1929 e o colapso de actividades financeiras e industriais lança grande número de trabalhadores para o desemprego. Só em Nova Iorque, Selma Berrol, na obra, *The Empire City. New York and its People, 1624-1996*, indica que 232 000 estavam desempregados e que 16 por cento da população vivia da ajuda económica e alimentar oferecida pela cidade ou por instituições de caridade. Contudo, em Novembro de 1933, é eleito um dos *Mayors* mais carismáticos de sempre desta cidade, Fiorello LaGuardia. *The little flower*, filho de mãe judia e pai italiano, abre, em tempos de restrições à imigração, as portas de cargos no poder local a descendentes dos dois grupos a que simultaneamente pertence, abandonando assim a tradição anterior que os restringia a uma população de origem irlandesa, por influência do grupo de *Tammany Hall*. Em conjugação com o *New Deal* de Roosevelt e a acção do Governador estadual, Herbert Lehman, LaGuardia implementa políticas de emprego, lançando obras públicas – o sistema de metropolitano, ou o *Queens Midtown Tunnel* – que providenciam trabalho a quem dele precisava.

³⁴ Sigla utilizada para *elevated trains*, que começaram a operar na década de 80 do século XIX e que foram mantidos até depois da II Guerra Mundial. A sua instalação levou à desvalorização das áreas por onde passavam, devido ao ruído e sujidade que espalhavam, bem como ao facto de retirarem luz aos prédios vizinhos.

Berrol refere a propósito deste político: “In general he was superbly attuned to ethnic interests. His most recent biographer, Tom Kessner, has said that “if New York had a solid group of Chinese Mohammedans, LaGuardia would doubtless have discovered strong ties to them.” (Berroll, 113). A sensibilidade demonstrada por LaGuardia, face às diferenças e aos direitos dos diversos grupos étnicos foi muito criticada por uns, que se sentiam ultrapassados, como os irlandeses, e apoiada por outros, como os muitos nova-iorquinos de origem judia, que procuravam novas oportunidades de emprego. Esta ascensão social, a partir de origens que, na sua grande maioria, os relacionavam com o pequeno comércio ou a indústria de confecções, deveu-se em parte à crise dos anos 30, que atrasou a entrada no mercado de trabalho de muitos jovens, que entretanto procuraram complementar a sua formação académica, na mira de profissões mais especializadas, muitas delas relacionadas com o sector público, como o ensino. Os nova-iorquinos de origem italiana usufruem também do facto de terem um dos seus em situação de poder, mas ocupam-se em áreas menos diferenciadas e rendosas do trabalho municipal. Deve acrescentar-se que, a partir do momento em que Mussolini ocupa o poder em Itália, muitos Americanos, de origem italiana e que se manifestam a favor das posições de *Il Duce*, são algo hostilizados.

Entretanto, tinha começado um outro importante movimento populacional, o da população africano-americana do sul dos Estados Unidos para o norte do país. Entre 1920 e 1930, a população negra aumenta 46% em Nova Iorque (Berroll, 120), com alguns recém-chegados provenientes das Índias Ocidentais mas a maior parte proveniente dos estados do sul. Assiste-se a uma certa forma de segregação, que perdura para lá da II Guerra Mundial, com grande concentração habitacional da população negra em Harlem e ocupacional em trabalho mal pago – trabalho não especializado e mesmo ocasional para os homens e doméstico para as mulheres. Curiosamente, dá-se na mesma altura a *Harlem Renaissance*, com intensa actividade artística e de criação intelectual durante os anos de 1920. Esta discriminação diminui substancialmente, anos depois, com a falta de mão-de-obra causada pelo recrutamento militar obrigatório de 16 de Setembro de 1940. A partir daí, todos os homens entre os vinte e um e os trinta e cinco anos de idade teriam de prestar obrigatoriamente um ano de serviço militar, com consequências claras no mercado laboral.

Em termos de números de imigrantes que deram entrada nos Estados Unidos entre 1880 e 1900, mais ou menos o período que mediou entre a chegada de Abraham Cahan aos Estados Unidos e a publicação de “Drowned their Sins”, somamos quase nove milhões

de pessoas. Desde 1900 até 1930 ou seja, até à entrada em vigor das leis de quotas, os EUA receberam um pouco mais do dobro deste número, acima dos dezoito milhões. Entre 1931 e 1940 imigrou pouco mais de meio milhão: uma população que tinha recebido continuamente largos milhões de novos habitantes ao longo de cinquenta anos, vê esse fluxo reduzido a simples gotas. A variedade de origens permanecia contudo, e se bem que devido ao regime de quotas algumas comunidades se vissem impedidas de entrar nos Estados Unidos como pretendiam – por exemplo os Judeus em fuga do Leste da Europa devido ao jugo nazi –, a riqueza humana de uma cidade como Nova Iorque é mantida inalterável.

Joseph Mitchell instala-se em Nova Iorque em 1929, ano do *crash* da bolsa. Para ele, pessoalmente, esse momento não representou o fim de uma época mas, em contrapartida, para muitos conterrâneos seus, a época significou um desfecho infeliz. Mitchell começava uma carreira de jornalista numa cidade onde a actividade da imprensa se mantinha pujante, enquanto a confiança nas instituições mais básicas da sociedade americana – o sistema democrático, o movimento laboral, o movimento das mulheres – era posto em causa, e não só, pela depressão económica.

Tal sensação vinha de mais longe, tendo sido demonstrada publicamente por uma geração de intelectuais e escritores auto-exilados na Europa (Gertrude Stein, Fitzgerald) e por outros que, nos Estados Unidos, nas áreas das ciências e da criação artística se interrogavam incessantemente sobre as direcções tomadas pela sociedade americana. Harold Laski escreveu em 1932, na revista *American Political Science Review*: “Representative democracy seems to have ended in a *cul-de-sac*.” (Schudson, 125). Hartsock refere os jornalistas (e homens de letras da época) que utilizavam a escrita para se manifestarem em relação a questões que os preocupavam, bem como à restante sociedade: “the documentary [reportage] of the early 1930’s ... was designed to upset the *status quo*. Hemingway, Edmund Wilson, Sherwood Anderson, Erskine Caldwell and James Agee are among those...” (Hartsock, a, 169). Kazin já tinha escrito, em 1942, acerca deste percurso de auto-conhecimento do povo americano, expresso por escrito por gerações de escritores (e se quisermos utilizar o termo barthesiano também por gerações de “escreventes”): “(...) the endless documentation of the dispossessed in American life - it testified to so extraordinary a national self-scrutiny, signified so widespread and insistent a need, that all other considerations of it seem secondary.” (Kazin, 486). As interrogações e a trajectória de descoberta tentavam traçar caminhos para uma cidadania heterogénea em todos os aspectos.

Schudson vai mais longe e opina o seguinte acerca da mudança do conceito de opinião pública, do de voz comum de uma classe média (masculina) esclarecida, para o de um coro de multidões supostamente incoerentes:

The professional classes now took public opinion to be irrational and therefore something to study, direct, manipulate and control. (...) Once political society expanded to include more than native white males, elites began to modify their sense of what human nature is. (Schudson, 129)

Estas vozes dissonantes, em função de critérios variados, poderiam não vir a ser consideradas relevantes para a tomada de decisões políticas mas eram-no como membros de uma sociedade de consumidores diversificados. Mulheres e crianças, por exemplo, adquirem importância crescente como sectores interessantes da população em termos de possibilidades aquisitivas.

A multiplicidade e variedade de audiências, envolvendo correspondente diferença de opinião e interpretação dos mesmos factos, leva a que a tónica de confiança posta no valor da apresentação dos factos em si, como garantia de qualidade pela imprensa progressista, tenda a esfumar-se. Um dos primeiros especialistas em relações públicas, um jornalista que se debruçava sobre estas questões desde o início do século XX, Ivy Lee, opinava, cerca de 1925: “The effort to state an absolute fact is simply an attempt to achieve what is humanly impossible; all I can do is to give you *my interpretation of the facts*.” (ap. Schudson, 135). Este desenvolvimento das relações públicas originou um confronto algo aceso entre estes profissionais e os jornalistas, causado pela desconfiança destes acerca da matéria noticiosa que os primeiros forneciam. De facto, estava-se no período pós-I Guerra Mundial, durante a qual as técnicas de propaganda e manipulação jornalísticas se tinham desenvolvido, para defender os interesses de cada grupo de beligerantes. A continuação do uso dessas técnicas em tempo de paz augurava contra o futuro do jornalismo na opinião de muitos profissionais, que suspeitavam da veracidade dos factos tal como eles eram apresentados. Assim, a *American Society of Newspaper Editors* publica a seguinte recomendação em 1933:

RESOLVED, That it be the consensus of this Society that editors should devote a larger amount of attention and space to explanatory and interpretive news and to presenting a background of information which will enable the average reader more adequately to understand the movement and the significance of events. (ap. 148, Schudson)

Os factos não falavam por si próprios: era necessário interpretá-los, situá-los num mundo mais complexo e que não era para ser entendido literalmente. A complexidade da sociedade não tolerava a redução dos acontecimentos a uma leitura única: a solução encontrada foi uma confiança na objectividade (“uncolored presentation of the news” (Schudson, 157), conceito que substituiu o facto como modelo informativo.

A objectividade jornalística era porém, de facto, tão duvidosa que Hartsock refere que, nos finais dos anos 30, do século XX, cerca de um terço da população adulta duvidava da veracidade da matéria publicada pelos jornais. Essa circunstância traduziu-se, por exemplo, na reeleição do Presidente Roosevelt em 1936, contra a força da hostil imprensa escrita (cerca de 80% manifestamente contra esse resultado), por significativa maioria.

3. Receptor

(...) having *The New Yorker* on hand seemed to reinforce my sense of being, at core, a New Yorker myself. (in Yagoda, a, 14)

Ben Yagoda refere no livro *About Town* os resultados de um inquérito feito pelo *New York Times Book Review* acerca do público-alvo da revista *New Yorker* em que se inquiria sobre as características pessoais dos leitores, a forma como utilizavam a revista, as rubricas favoritas, etc. As respostas ao inquérito enviado, a pedido, em 1996, foram em grande número e revelaram traços comuns como: algum orgulho de fazer parte do público leitor da revista; uma ligação intensa de fidelidade e uma sensação de estabilidade nessa ligação de leitor, incluindo a recusa de sequer imaginar que a revista deixasse de existir (especialmente nessa época controversa em que foi editada por Tina Brown). Os inquiridos citavam a sua experiência mais antiga (desde os anos 30), até épocas bem mais próximas do momento do inquérito ao que Yagoda acrescenta palavras de John Leonard de 1975, para referir a revista bem como a aura³⁵ e envolvência por ela criadas:

³⁵ Não se pretende aqui utilizar o conceito de aura tal como ele é dado por Walter Benjamin – “a única aparição de uma realidade longínqua – por mais próxima que ela possa estar.” (Benjamin, 21). Apesar de

He went on: “Whether we read it or refused to read it (...) – which depended of course, on the sort of people we wanted to be - it was as much a part of our class conditioning as clean fingernails, college, a checking account, and good intentions.” (...) “*The New Yorker* cartoon” and *The New Yorker* short story”, meanwhile, transcended mere genres and became cultural categories, the very names implying a specific kind of aesthetic lens on experience. (Yagoda, a, 12)

Quem lia a *New Yorker* em 1940? As duas versões – *metropolitan* e *out of town* – vendiam cerca de 150 00 exemplares por número. Os leitores de *The New Yorker* cumpriam algumas condições, como sejam:

- Leitores de revistas
- Apreciadores de uma publicação que tinha uma linha editorial que propunha jornalismo interpretativo, com bastantes artigos longos de tom algo satírico;
- Nova-iorquinos que compravam a versão *metropolitan*, com referências e publicidade local, bem como leitores de outras zonas do país (versão *out-of-town*), que apreciavam o tom algo sofisticado e urbano da revista;
- Apreciadores de uma revista que era um “totem for the educated middle and upper middle-class” (Yagoda, a, 24)

O documento que o fundador, Harold Ross, enviou para potenciais interessados e investidores em 1924, ainda antes do início da publicação, patenteava uma frase que ficou indelevelmente associada à revista: “*The New Yorker* will be the magazine which is not edited for the old lady in Dubuque.” (in Yagoda, a, 39), continuando: “(...) *The New Yorker* is a magazine avowedly published for a metropolitan audience (...)” (*ibid.*, *ibid.*).

Muitos colaboradores de *The New Yorker* tinham sido leitores, antes de contribuírem com os seus escritos para a revista. A partir da década de 1950, esse fenómeno seria mais notório, pois os futuros autores tinham crescido a ler a revista e a almejá-la como veículo de publicação. Dessa geração podemos referir, por exemplo, Sylvia Plath e John Updike, que contribuíram com as suas obras para o sucesso de *The New Yorker*, e dela receberam encorajamento necessário para prosseguir.

Conjugando todos estes factores, poderemos concluir que os leitores da revista pertenciam, maioritariamente, a um extracto social médio e médio-alto, habitando a

tudo, o facto de Leonard utilizar a imagem de *aesthetic lens* aproxima a experiência de leitura da revista a uma de índole estética, no seu sentido mais tradicional, segundo Baumgarten (v. Conclusão).

área metropolitana de Nova Iorque, com um gosto literário algo sofisticado, bastante conforme às normas sociais e estéticas vigentes. A pertença ao público leitor da revista revestia-se de um valor simbólico, como referido anteriormente, tornando o receptor elemento de um grupo que possuía capital cultural no conceito que dele dá Bourdieu – conferindo indexação a qualidades ou estados desejados. Sendo assim como analisar o receptor de um texto como “Lady Olga”?

Os escritos de Joseph Mitchell eram frequentemente apresentados a jovens colaboradores da revista como um modelo a seguir. Mitchell tinha aparentemente interiorizado o paradigma do texto *The New Yorker*: o sucesso da revista e do autor confundiam-se. Mitchell era um jornalista, com uma história individual e profissional *mainstream*, reportando sobre a realidade à sua volta de forma muito mais profunda do que a maior parte dos seus colegas de profissão. Ao contrário do Abraham Cahan, anteriormente estudado, este autor focalizava o seu objecto de uma perspectiva pessoal dentro da norma. Cahan pertencia a um grupo étnico de hábitos e costumes diferentes, que o autor pretendia dar a conhecer a um universo de receptores *native Americans*, como ele próprio designava, aos Americanos que eram a norma. Mitchell (mesmo quando escrevia sobre algo tão fora do comum como uma mulher com barba) encontrava-se seguramente do lado da norma – era um *WASP*, escrevendo sobre personagens diferentes que o autor tentava conhecer e dar a conhecer, da forma mais completa que a sua condição de “normal” lhe permitia. Como define Mieke Bal, na obra editada por Onega, *Narratology. An Introduction* a focalização, que é interposta entre os acontecimentos apresentados (a história de Jane Barnell) e a visão através da qual são apercebidos, organiza o artigo “Lady Olga” de uma determinada forma. Tal é obtido, sequenciando acontecimentos e dando relevo aos que a própria consciência cultural patente nessa focalização reputava de mais importantes. A escolha e sequenciação de elementos serão analisadas em mais pormenor na parte do capítulo dedicada ao vértice do objecto cultural. Este texto na terceira pessoa, organizado por um jornalista que consagrou tempo e dedicação ao seu objecto, tem um focalizador externo, que não interfere no desenrolar dos acontecimentos mas que teve contacto em primeira-mão com Jane Barnell. Assim, se bem que aparentemente neutro e destacado das personagens, o resultado que temos perante nós, o texto, é condicionado pela focalização criada pelo jornalista, ele próprio dependente de uma série de factores.

“Lady Olga” foi lido em 1940 por um público selecto, ou que a tal almejava, que se deparou com o texto numa revista de perfil de qualidade, com uma história que o

assegurava. Esta era uma revista semanal que se lia demoradamente e de ponta a ponta, numa época em que a televisão ainda não se tinha apossado do tempo dos Americanos. Como escrevia um dos inquiridos ao inquirido feito aos leitores de *The New Yorker*: “By the time I was nine (1938) it was my Saturday night ritual. My sister and I had supper early and I saved *The New Yorker* to read Saturday nights (...)” (Yagoda, 14), ou uma outra leitora: “I was swept away by the seductive world it represented, all grace, charm and sophistication, light-years away from life as I knew it on the grand Concourse.” (Yagoda, a, 15). A maior parte dos leitores, se escolhiam ler esta revista, identificavam-se com as propostas que ela apresentava e reconheciam-nas como modelo a seguir.

A circunstância de serem leitores habituais de *The New Yorker* distinguia-os, aos seus olhos, dos de outras publicações, existindo um forte elo de ligação no interior do seu universo, tal como é revelado pela inquirida acima referida: “At Barnard College I preferred the company of other *New Yorker* readers since their identification with the magazine mirrored mine.” (Yagoda, a, 15). Enquanto o texto de Abraham Cahan funcionava para o receptor como uma chamada de atenção para uma realidade simultaneamente próxima, em termos de espaço físico, mas distante em termos de identificação cultural, o texto de Mitchell sedimenta traços culturais pré-existentes e refere algumas situações (poucas) diferentes – uma mulher com barba, atracção de circo – mas que dentro da sua “anormalidade”, se confina a uma situação que é a “normal”, correcta para ela – o circo

O sociólogo Peter Berger defende que, através de muitas situações, como as múltiplas que Cahan ou Mitchell experimentaram, se realiza a sedimentação – como o autor a designa – da experiência humana:

An objectively available sign system bestows a status of incipient anonymity on the sedimented experiences by detaching them from their original context of concrete individual biographies and making them generally available to all who share or may share in the future, in the sign system in question. (...) Language objectivates the shared experiences and makes them available to all within the linguistic community, thus becoming both the basis and the instrument of the collective stock of knowledge. (Berger, 68)

A transformação operada na realidade pela sua passagem à escrita, mesmo no caso do jornalismo literário, baseado em factos reais, favorece o distanciamento do carácter biográfico dos acontecimentos ou características individuais, e a sua incorporação num sistema simbólico. David Carr escreveu:

A story redescribes the world, that is, it describes it *as if* it were what, presumably, in fact it is not. (...) It follows that fictional narratives cannot, for structural reasons, really be “life-like” and that historical or other non-fictional narratives, such as biography, journalism, etc., must inevitably impose upon their subject-matter a form it does not possess. (Carr, 15)

A estrutura, consequência da focalização que é dada à história de Jane Barnell obedeceu a princípios individuais, do próprio autor e editoriais, de política da publicação. Essencial para a escrita de Mitchell era respeitar e ouvir as suas personagens até ao momento em que as compreendia para além daquilo que diziam:

“Once I had what I considered the revealing remark, I could use that to encourage them to talk more about that aspect of their lives. (...) Personal interview, 1988.” (in Connery, 207). Por outro lado, a política editorial da publicação preconizava exactidão dos factos e a liberdade autoral de os apresentar da forma considerada adequada.

Os leitores de *The New Yorker* eram, na sua generalidade, leitores fiéis (em 1940 foram vendidas por mês, em média, quase 100 000 cópias a assinantes e cerca de 60 000 avulso). Em vista do que foi dito acima, pode concluir-se que praticavam não só os rituais individuais de leitura da revista, mas também um ritual colectivo de identificação com o modelo que a publicação apresentava. Aqui se confirma a visão ritualista que Carey refere da comunicação:

A ritual view of communication will focus on a different range of problems in examining a newspaper. It will, for example, view reading a newspaper less as sending or gaining information and more as attending a mass, a situation in which nothing new is learned but in which a particular view of the world is portrayed and confirmed. (Carey, 20)

O carácter de novidade dos dois artigos, “Drowned their Sins” e “Lady Olga” não é o seu traço mais importante. Por razões diferentes em cada um deles, a apresentação de experiências, que se possam vir a sedimentar no sistema simbólico de um universo de receptores, serão esse traço principal. No caso de Jane Barnell, era o da história de sucesso de uma mulher que tinha tido tudo contra ela – até a Natureza – e que, mesmo assim, apesar do sofrimento individual envolvido, tinha conseguido obter um lugar num mundo que lhe era bem hostil. Esta era uma situação com a qual muitos dos leitores, provenientes de uma década de Depressão, facilmente se poderiam identificar e, redimensionando a história individual, descontando os pormenores biográficos individuais, como afirma Berger, conseguiriam partilhar de aspectos comuns a todos,

confirmar ritualmente uma situação, num texto publicado numa revista, ela própria revestida de um carácter de experiência partilhada para um universo de leitores.

4. Objecto Cultural

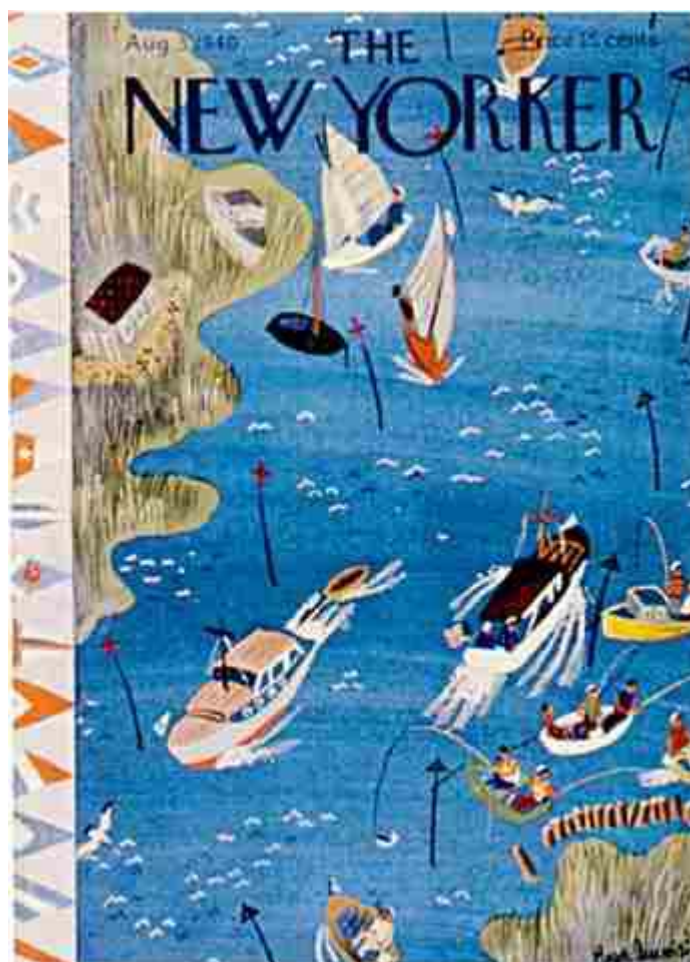


Ilustração 9 – Capa da revista *The New Yorker* de 3 de Agosto de 1940,
Autor – Roger Duvoisin

4.1. O Encargo

Antes de entrarmos na análise do artigo, será de referir o encargo de Mitchell que esteve na origem de “Lady Olga”:

- **Circunstâncias imediatas** – texto não-ficcional, *Lowlife Profile*, publicado pela revista *The New Yorker*, em 3 de Agosto de 1940;
- **Experiência profissional e pessoal do autor** – Jornalista desde 1929, a trabalhar para a *New Yorker* havia alguns anos. Escreve principalmente textos não-ficcionais, mas também *short stories*.
- **Condições locais** – em 1940, os Estados Unidos não tinham ainda iniciado a sua participação na II Guerra Mundial. Porém, Nova Iorque já sentia benefícios económicos da posição americana e os efeitos da Depressão esvaíam-se. A cidade crescia sob a direcção do *Mayor* Fiorello LaGuardia.
- **Meio utilizado e restrições inerentes** – a revista *New Yorker* da época é descrita por James Thurber como imbuída de um “spirit of gay mockery”, com um público literato e sofisticado;
- **Condições estéticas** – Estes eram anos de grandes autores da ficção americana provenientes do jornalismo, como John dos Passos ou Ernest Hemingway. Em 1940, Philip Rahv escreveu: “‘the basic theme and unifying principle’ of American writing since Whitman was ‘the urge toward and immersion in experience’” (*in* Fishkin, 5)

“Lady Olga” foi publicado originalmente como um *Profile* da revista *The New Yorker* de 3 de Agosto de 1940, páginas 20 a 28. Foi dado à estampa de novo na colecção *McSorley’s Wonderful Saloon* reunida pelo próprio autor em 1943 e, postumamente, em 2001 na colectânea com o mesmo nome. Em 1992, Mitchell reeditara grande parte da sua contribuição para a revista, em *Up in the Old Hotel*, onde “Lady Olga” surge também. Em 1997, o texto é publicado na colecção organizada por Kevin Kerrane e Ben Yagoda, *The Art of Fact: A Historical Anthology of Literary Journalism*.

Acerca de *McSorley's Wonderful Saloon*, disse o crítico Lewis Gannett citado por Rundus:

(...) it provides the reader (...) the opportunity to “renew his faith in the possibilities of human nature” badly needed as a tonic in the middle of the Second World War and in the encroachment upon vulnerable humanity – then and later – by the yammering demons of technology. (Rundus, 11)

A rubrica *Profile* de *The New Yorker* tinha tido um mestre inicial, desde a primeira década, Alva Johnston, que, segundo Yagoda, tinha estabelecido os seguintes princípios:

An inclination to pursue and an ability to carry out extensive reporting; a sharp and interesting critical intelligence that was drawn to the comic or at least the ironic aspects of his subjects; and the ability to impart his material and observations in well-modulated declarative sentences whose subtly elevated diction and syntax contrasted with their subject to great effect. (Yagoda, a, 134)

Este modelo continua a ser completado nos anos subsequentes por outros autores, como St. Clair McKelway, que aprofundam a investigação para a escrita dos artigos e apresentam o que Yagoda denomina de verdadeiros hologramas, imagens tridimensionais e completas dos objectos, usando um ponto de vista de narrador participante. A fase inicial de interesse por temas mais elitistas ou figuras conhecidas deixa, entretanto, de ser dominante: “(...) as a result of the Depression, there was a lot more lowlife around.” (Yagoda, a, 136).

Outro ponto de honra da escrita da *New Yorker* era a exactidão factual exigida aos artigos. Grupos de *fact checkers* dedicavam-se a verificar se os acontecimentos referidos pelos autores eram reais. Harold Ross era o principal impulsionador dessa tendência e não poupava esforços – nem dinheiro – para ter uma equipa que confirmasse a veracidade dos episódios reportados. Contudo, a sua fé nos factos não implicava uma escrita jornalística que seguisse os modelos de pirâmide invertida, de apresentação de todas as informações importantes logo no início do artigo, distanciando-se assim de modelos mais antigos; não excluía também a tarefa de interpretação.

Quando Mitchell entra para o corpo redactorial da *New Yorker*, o modelo do *Profile* já existia e, numa revista com uma política editorial tão rígida como esta, os autores teriam de se cingir aos padrões estabelecidos. Muitos autores que nela publicaram

queixaram-se, aliás, de tal facto, e outros (como por exemplo Hemingway), pura e simplesmente nunca encararam a possibilidade de usar esse veículo de publicação. Não obstante esse espartilho editorial, Mitchell consegue pegar no modelo existente e desenvolvê-lo dentro da sua área de interesses de escrita, um jornalismo literário sobre personagens diferentes e idiossincráticas.

A história dessas figuras era focalizada pelo narrador com a sua visão singular, mas conforme ao sistema de valores dominantes, filtrada por uma lente algo negra, se bem que com laivos de humor. Mitchell era um homem que, desde criança gostava de percorrer cemitérios, que, aliás, tinham sido percorridos na companhia da família que assim lembrava os que já tinham partido deste mundo, desmistificando na forma algo dolente das passeatas estivais de domingos à tarde no calor do sul dos Estados Unidos, o mistério de uma morte presente na vida de todos os humanos, mas que é frequentemente negada. Os lados sombrios da vida, ao serem assim polidos pelo *graveyard humour* do narrador, tornavam-se menos agrestes, vistos sob uma nova e reveladora perspectiva.

4.1.1 Sinopse

“Lady Olga” foi publicado como um perfil de *The New Yorker*, no âmbito de uma tendência jornalística popular na época e quase constante neste autor, de retratar a multiplicidade de vidas de uma grande cidade. A revista, depois de um período inicial durante o qual tinha dado preferência a artigos sobre a *highlife*, tinha começado a dedicar mais espaço a artigos da *lowlife* e “Lady Olga” enquadra-se nesse grupo. Se bem que a maior parte das personagens de Mitchell sejam masculinas, Jane Barnell, a *Lady Olga*, se bem que mulher, desperta a atenção do autor; poderá porém acrescentar-se que se distanciava da norma feminina devido ao seu hirsutismo. Mitchell partilhava da opinião da fotógrafa Diane Arbus, citada por Rundus, acerca dos *freaks*: “Most people go through life dreading they’ll have a traumatic experience. Freaks were born with their trauma. They’ve passed their test in life. They’re aristocrats.” (ap. Rundus, 41)

Jane Barnell tinha sessenta e nove anos quando Mitchell escreve sobre ela. O artigo começa com uma constatação do narrador sobre o seu objecto: “Jane Barnell

occasionally considers herself an outcast (...)", que rapidamente é explicado seis linhas abaixo: "Miss Barnell is a bearded lady." (Mitchell, 89). A vida do circo começa para ela aos quatro anos de idade quando a mãe a dá (vende? A própria Jane nunca soube ao certo), a uma família de saltimbancos. È levada para a Europa por esse grupo, que, porém, a abandona num hospital, muito doente, para ser reencontrada num orfanato em Berlim pelo pai, que não tinha deixado de a procurar. Jane é levada pelo progenitor para viver com a avó materna, uma índia Catawba, que vivia numa comunidade agrícola, onde permanece durante anos. Aos vinte e um anos, um vizinho, amestrador de pulgas, que vivia na zona durante o período de Inverno quando os circos paravam, convence-a que, devido às suas características, o futuro de Jane estava naquela arte – "since that time," she says, "my beard has been my meal ticket." (Mitchell, 102). Jane não gostava de falar sobre a sua vida, pois achava que os interlocutores não acreditariam na sua história familiar. Mesmo assim declarou em entrevista que os pais eram George Barnell, um Russo judeu, e "a girl who had a Catawba mother and an Irish father" (Mitchell, 100), cujo nome não menciona. A família estabeleceu-se na Carolina do Norte e teve seis filhos: Jane tinha sido a segunda. Depois do período que passou com a família de saltimbancos, Jane vive alguns anos com a avó, a trabalhar na agricultura; tem um breve período de trabalho num hospital, quando tinha cerca de dezassete anos e ainda se barbeava diariamente. Esse breve mergulho na vida comum acaba de forma abrupta, sem que Jane explique a razão; diz simplesmente: " I just figured I could never have a normal life." (Mitchell, 102). Cerca dos vinte e um anos começa a trabalhar no circo e assim vive atravessando o fim do século XIX e quase a primeira metade do XX, até Mitchell a encontrar.

Quando o jornalista a entrevista, Jane Barnell estava instalada em Nova Iorque, num período longo de sedentarismo de uma vida que tinha sido, quase toda, errante. Estava no seu quarto casamento – com um ex-palhaço, entusiasta da actividade circense – trabalhava em Coney Island e em Manhattan, e, pela primeira vez, tinha um apartamento próprio. Toda a sua vida tinha sido um reconhecimento da diferença que personalizava e uma luta pela sua sublimação. A sua desconformidade dava-lhe de comer mas à custa de uma vida normal: assim, Jane tenta em outros aspectos da sua vida ser o mais normal, comezinha e conservadora que lhe era possível. Era republicana, se bem que nunca tivesse votado, e convictamente anti-sindical (deixa o circo e vai para Nova Iorque, justamente para fugir ao receio da necessidade de sindicalização); "she is a veteran reader of Hearst newspapers and believes everything

she reads in them”, (Mitchell, 90); “she is a teetotaler and a believer in prohibition” (*ibid.*, 95); cultivava a feminilidade instituída que estava ao seu alcance: vestia sobriamente, tinha uma voz suave, situava-se idealmente num espaço de domesticidade comum e era tradicionalista na forma de se relacionar com os homens. Por outro lado, era uma lutadora que se soube defender ao longo da vida: da mãe que a expulsara, dos irmãos que a desprezaram, de um marido que a maltratou. Tinham-na ferido profundamente mas ela afastara-os da sua vida e seguira em frente – “ “Miss Barnell’s temper has been a blessing; it has kept her from succumbing to utter apathy, which is the occupational disease of freaks.” (Mitchell, 96)

Mitchell refere a possível causa de um distúrbio glandular como explicação para o hirsutismo de Jane. *Lady Olga*, porém, não confia em médicos mas sim em mezinhas várias (*patent medicines*) como cura para os pequenos males que lhe aparecem, pois, para a condição que lhe traçou o destino, não crê que a medicina instituída tenha resposta. Na realidade, desconfia do que os profissionais de saúde lhe pudessem vir a fazer: “When they get their hands on a monstrosity [*sic*] the medical profession don’t know when to stop,” (*ibid.*, 99). Jane suspeita que a origem étnica miscigenada é a causa da sua condição física – a própria Jane imputa responsabilidades à falta de pureza étnica. O discurso predominante na época molda-lhe a atitude e atribui as causas mais óbvias à sua condição, tendo em vista o pensamento contemporâneo.

As questões, os problemas que se põem ao ser humano podem pôr-se solitariamente, como no caso de Jane Barnell, ou no confronto de diferentes grupos de uma sociedade. Será útil, para melhor compreender a forma como eles são tratados, recorrer à noção de retórica proposta por Michel Meyer: “Daí a definição *geral* de retórica que agora propomos; é a negociação da distância entre os homens a propósito de uma questão, de um problema.” (*in* Carrilho, 42). Os processos de confrontação da “normalidade” com a alteridade são processos eminentemente retóricos face a esta definição. O artigo de Mitchell, como anteriormente o de Cahan, apresenta o processo da vida diária, negociações feitas entre seres humanos que lidam com questões essenciais à sua vida individual e social. Jane Barnell era uma mulher não conforme de forma óbvia aos cânones de feminilidade: a transgressão involuntária de tais cânones traduziu-se numa existência marginal com o préstimo que as normas sociais lhe ditaram – o de curiosidade pública, exposta em locais determinados, onde era aceite tal como era. Quando se encontra nessa situação, o *freak* deixa de ser estranho, repulsivo – está na localização que lhe foi distribuída, no papel que lhe compete. A negociação possível,

no caso de Jane, não lhe deixaria muita amplitude para esgrimir argumentos: na realidade, a aceitação da sua condição de alteridade proporciona-lhe um “meal ticket”, mas pagando a factura da obrigatória exposição pública.

Jane era confrontada particularmente com a sua diferença, quando estava em contextos normais da vida diária: ela era uma figura de alteridade visível, por isso não podia, no seu quotidiano, escapar ao reconhecimento. Desde criança que esse estigma a perseguia e a distanciava da “normalidade”. Depois de muitos anos de experiência da diferença esta continuava a feri-la: Peter Berger escreve a propósito da necessidade de aceitação do ser humano: “What lies at the bottom of this apparently inevitable pressure towards consensus is probably a profound human desire to be accepted, presumably by whatever group is around to do the accepting.” (Berger, a, 87). Nos diferentes círculos ou grupos em que estava inserida, Jane era acolhida de forma variável: na família de origem tinha sido querida e cuidada pelo pai e avó, mas não pela mãe e irmãos; no circo, pertencia a um grupo (dos *freaks*, que entretanto tinham sido re-baptizados no Circo Ringling de *Strange People* para não ferir a susceptibilidade dos próprios); na sociedade em geral, era um pária, que causava repulsa.

A família tinha cuidado dela de forma contraditória: ora expulsa, ora recuperada, a Jane criança e adolescente passou por fases turbulentas que a equiparam com alguma da dureza que lhe permitiu viver e com o reconhecimento de que os afectos podem sempre existir. A vida no circo foi uma história de sucesso na profissão: “She started out with a tramp circus, or “mud show”, whose rickety, louse-infested wagons were pulled by oxen, and worked her way up to Ringling Brothers and Barnum & Bailey” (Mitchell, 90). O segundo parágrafo do artigo acaba com este relato de mobilidade ascensional no mundo do espectáculo, que é porém travado, quando a própria Jane se recusa a trabalhar mais em Hollywood, depois de uma primeira (e única) experiência desastrosa no filme da Metro-Goldwyn-Mayer, intitulado *Freaks*: “Miss Barnell thinks this picture was an insult to freaks everywhere and is sorry she acted in it.” (*ibid.*, 97). Jane Barnell aceita a certa altura, com prazer, o convite de Cole Porter para comparecer numa festa de gente do espectáculo. Na ocasião, aceita mesmo tomar uma bebida, e alegra-se com o facto de ter estado, por algumas horas, na presença de pessoas que só conhecia das revistas (“She is, in fact, a student of society’s scandals.” (*ibid.*, 99). Além do prazer em saber da vida dos famosos, Jane compraz-se também com um sonho recorrente: ser estenógrafa – “she daydreams about becoming a stenographer the way some women daydream about Hollywood” (*ibid.*, 105)

Depois de abandonar a vida itinerante de circo, Miss Barnell estabelece-se em Nova Iorque, onde trabalha em *dime museums* e em Coney Island, como atracção sensacional. Depois de algum tempo num pequeno hotel, Jane assusta-se com os gritos utilizados por um bêbado para a insultar quando entrava em casa e muda-se para um apartamento “in a theatrical rooming house”. O texto continua: “The house was recommended by a colleague, a man who eats electric-light bulbs. Among the other tenants are a magician, an old burlesque comedian, a tattooed woman, and a retired circus cook. Surrounded by such people, she feels at ease.” (Mitchell, 92). A experiência e o choque de ser diferente nunca a abandonaram: “I used to think when I got old my feelings wouldn’t get hurt, but I was wrong. I got a tougher hide than I once had, but it ain’t tough enough.” (*op.cit.*, 104)

Apesar de tudo, Jane Barnell tem a energia para continuar, e a sabedoria para declarar na citação que conclui o artigo: “If the truth was known, we’re all freaks together.” (Mitchell, 105). A vida da *bearded lady* é uma história que de certo modo repete, de forma inesperada, o padrão de *rags to riches* – a menina vendida aos saltimbancos, chega ao topo da carreira que lhe foi permitida, ao mesmo tempo que imposta, pela condição de alteridade.

4.1.2. O Meio

The New Yorker tinha iniciado a sua publicação em 1925. Porém, já no século XIX tinha existido uma outra revista com o mesmo nome, fundada por uma das grandes figuras do jornalismo desse século, Horace Greeley. Emery refere: “In 1834, Horace Greeley founded *The New Yorker*, a stimulating and well-edited publication mainly devoted to literary fare.” (Emery, 227). Essa primeira versão de *The New Yorker* deixou de existir passados poucos anos e, quase um século depois, surge a “nova” versão, que continua ainda nos nossos dias e tem sido responsável pela publicação original de muitos textos de jornalismo literário americano, entre os quais o que está a ser analisado neste capítulo, bem como o do último.

A partir dos anos 30, o jornalismo literário era frequentemente designado de “literary reportage” e foi assim definido por Joseph North à época:

Reportage is three dimensional reporting. The writer not only condenses reality, he helps the reader feel the fact. The finest writers of reportage are artists in the fuller sense of the term. They do their editorializing through their imagery. (ap. Hartsock, a, 169)

Joseph North refere *reportage* de forma que pode ser algo complementada pela referência a *documentary journalist* feita pelo crítico literário, Alfred Kazin, que, em 1942, escrevia:

In times of crisis people prefer to take their history straight, and on the run; and the documentary journalist who writes it on the run will give them history in terms they are prepared to understand. (...) Why is it that so much of the literature of the thirties and early forties must seem in retrospect a literature of Fact (...) (Kazin, 490)

Estas eram, contudo, referências a uma forma de escrita que durante os anos que mediaram entre a I Guerra Mundial e os anos de 1960, não se encontrava em muitas publicações. *The New Yorker*, porém, não a esqueceu e, pelo contrário, deu aos seus colaboradores o tempo e as condições para a continuar.

Mitchell and several of his colleagues at the *New Yorker* were responsible for keeping literary journalism alive during the middle years of the twentieth century before the New Journalism burst on the American scene. Mitchell's nonfiction, and to some extent that of A. J. Liebling, adopted a creative approach and probed further into the borderlands of fiction and nonfiction than did many of the highly publicized experiments of the New Journalism. (Sims, b, 83)

Naturalmente, Mitchell e outros autores só puderam prosseguir este curso de acção porque, o meio que os publicava, tal permitia. *The New Yorker* do século XX foi fundada por Harold Ross em 1925. Ross tinha editado uma revista das Forças Armadas americanas (*Stars and Stripes*) durante o período da I Guerra Mundial e, naquele ano, consegue o co-financiamento de Raoul Fleischmann para começar a publicação de uma revista que se tornou célebre ao longo do século pelo seu retrato da vida numa grande metrópole, num tom algo satírico e *blasé*. Durante os primeiros anos de vida, a revista foi lançando as diferentes secções, ou assumindo características que a tornaram tão idiossincrática: a coluna *Talk of the Town*, a banda desenhada, o *dandy* da capa. “Lady Olga” é publicado em 1940, quando Harold Ross era o editor incontestado e bem sucedido de *The New Yorker*, cargo que só deixaria em 1951 para William Shawn que, aliás, já exercia desde 1939 o cargo de editor executivo.

Mitchell, tal como A. J. Liebling, Lillian Ross ou John Hersey, encontrou na revista as condições (“time, space, freedom, and financial backing” (Sims, b, 107), para se dedicar à escrita com os vagares necessários para encontrar o momento revelador, que este autor referia ser essencial para compreender o indivíduo acerca de quem escrevia. Esse momento permitiria uma perspectiva holística do objecto do artigo: “I can’t really write about anybody until they speak what I consider the ‘revealing remark’, or the revealing anecdote or the thing that touched them” (*ibid.*, 92).

O ano do início da publicação, 1925, foi favorável para a imprensa escrita. A economia florescia, os portes postais não eram elevados, o mercado publicitário crescia dia a dia e a tecnologia de impressão de texto e imagem estava em franco desenvolvimento, como aponta Yagoda na sua história de *The New Yorker*. Além do mais, com a rádio ainda no seu início e a televisão bem distante, a imprensa escrita era o veículo de excelência de publicidade que constituía um sólido suporte financeiro (entre 1915 e 1925 o valor investido em campanhas publicitárias nas revistas generalistas quintuplicou de 25,3 para 143,2 milhões de dólares (Yagoda, a, 33). Em 1913 inicia-se a publicação da *Vanity Fair*; em 1922 da *Reader’s Digest* e em 1923 da *Time*. Outras revistas contemporâneas de *The New Yorker* dos anos 20, 30 e 40 do século XX, foram, por exemplo, a revista *New Republic*, que publicou muito do trabalho inicial de Walter Lippmann ou a *Saturday Evening Post*, que publicou muita ficção mas também artigos de não-ficção e deteve grande circulação e influência.

Ross concebe a sua revista como um veículo para humor sofisticado, para notícias que interessassem ao público nova-iorquino (potencialmente nove milhões) e que simultaneamente fosse uma boa aposta comercial para anunciantes locais; que publicasse textos em sintonia com um tempo que vibrava com vida e energia e não se revia em tradicionalismos literários ou jornalísticos.

O desenvolvimento inicial do periódico revestiu-se de diversas crises de crescimento. A personalidade forte de Harold Ross e a direcção, frequentemente por tentativas e erros que ele nomeava, conjugava-se com um corpo redactorial, artistas e colaboradores que criaram *The New Yorker* que, ao ano de publicação de “Lady Olga”, tinha uma circulação total entre assinantes e números avulso de mais de 150 000 exemplares. A política de direccionamento em especial ao público nova-iorquino continua, se bem que desde cedo existissem duas versões— *metropolitan* e *out-of-town* — como já tinha sido referido anteriormente. Um dos resultados práticos das diferentes edições era de que a metropolitana tinha preços para a publicidade inferiores aos praticados por muitos

jornais, o que possibilitava a compra desse espaço a anunciantes locais, cujos clientes potenciais eram na sua grande maioria, residentes. Esta política foi particularmente importante no período da Depressão, com a consequência de *The New Yorker* não sofrer com a situação económica do país e do mundo.

Se bem que não afectada nesses termos pela crise económica, a revista vai experimentar outros. “First as a result of the Depression, there was a lot more lowlife around. Second the realization had begun to sink in that highlife tends to be dull.” (Yagoda, a, 136). O interesse dos temas relacionados com a vida dessa *lowlife* cresce e é explorado por muitos dos jornalistas que são contratados entre 1938 e 1939. Um deles foi Joseph Mitchell; esse grupo estabeleceria um padrão elevado e tornou a revista um pólo de atracção para muitos profissionais e aspirantes a tal. “It almost went without saying, in their minds, that the journalism at *The New Yorker* was better literature than the fiction. (...) [Mitchell said] The reporters certainly reflected the Depression more than the fiction writers did”. (*ibid.*, 137)

Num artigo de 1938, “The Cave Dwellers”, o autor escreveu:

The winter of 1933 was a painful one. It seems like a hundred and thirty-three years ago, but I remember it distinctly. That winter, the fifth winter of the depression and the winter of repeal, I was a reporter on [*sic*] a newspaper whose editors believed that nothing brightened up a front page so much as a story of human suffering. (Mitchell, 137)

Este artigo, escrito na primeira pessoa, recorda acontecimentos ainda muito próximos no tempo mas sobre os quais o autor ultrapassa a focalização microscópica, de perto, sem contemplar muitas ligações exteriores ao objecto da história. O autor revela uma focalização mais macroscópica, englobando na perspectiva e alinhamento que dá das ocorrências a partir dos quais tece o artigo, acontecimentos e factores que ultrapassam a esfera que lhes está mais directamente ligada.

Entretanto, em 1940, outro factor mundial importante já tinha que ser equacionado. Durante a década de 1930, os fascismos tinham crescido na Europa e, o expansionismo, alemão em especial, provocava reacções nos Estados Unidos, que variavam consoante as visões mais ou menos isolacionistas que os diferentes grupos de Americanos tinham do seu país. *The New Yorker* não escapa a essas dissensões e, por isso, publica artigos e comentários que reflectem opiniões divergentes de elementos diversos do corpo redactorial. Por um lado, na sequência da invasão da Polónia, a revista tinha publicado um artigo, de uma autora inglesa, Mollie Panter-Downes, sobre a chegada de crianças

judias refugiadas à estação de Vitória em Londres, iniciando-se as “Letters from London” que, com muito sucesso, se prolongaram até bem depois do fim da guerra, em 1984. Por outro lado, as referências aos acontecimentos na Europa não eram muito frequentes e as que eram publicadas dividiam-se entre reflexões críticas e tomadas de posição isolacionistas.

A existência dos europeus da época não deixava, porém, de ser referida, especialmente na poesia e nos *cartoons* ou mesmo nas próprias capas, como esta, de Christina Malman de 27 de Julho de 1940, o número anterior ao de publicação de “Lady Olga”:

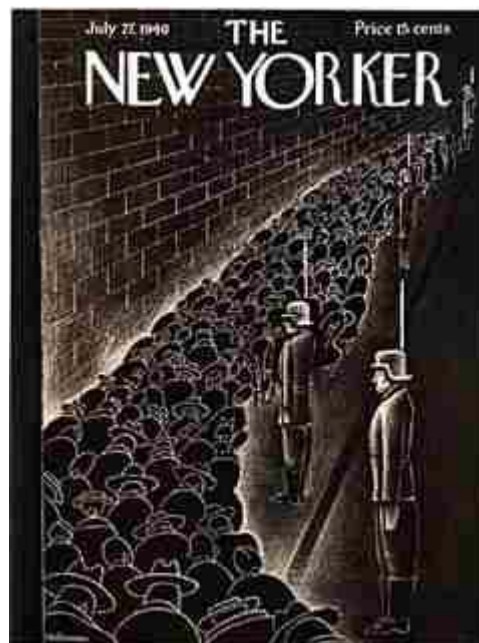


Ilustração 10 – Capa da edição de *The New Yorker* de 27 de Julho de 1940

A capa de Malman fazia parte do leque alargado de temáticas das capas da revista, muitas delas em consonância com aspectos mais agradáveis da vida, enquanto esta, quase monocromática, tentava representar graficamente a escuridão à solta na Europa. A variedade no *design* de capas, *cartoons* e outros aspectos gráficos deveu-se a uma opção clara da direcção da revista em valorizar o conteúdo em termos de criação artística diversificada, incluindo, além da expressão escrita, a expressão plástica. A reforçar este aspecto adicionou-se um factor importante: a personalidade e o empenho do director desse departamento, Carmine Peppe. Peppe reinou nessa área, a partir dos anos de 1930 até à sua retirada, na década de 1970. Nos primeiros anos de trabalho de Carmine Peppe na *The New Yorker*, o *cartoon* foi rei: “Indeed, perhaps even more than

in the early years, the jewel in *The New Yorker's* 1930's crown was the art. (...) Eventually, recognition came that the cartoons had some distinction beyond being accessible, amusing and pleasing to the eye." (Yagoda, 121/2). Os *cartoons* deixaram progressivamente de representar apenas distração visual, para serem parte integrante de um espírito crítico social cada vez mais apurado. As capas funcionam de forma semelhante, chamando a atenção para tópicos e questões diferentes, tal como a de Malman acima reproduzida. Curiosamente, cerca de um ano antes da publicação de "Lady Olga", a capa da revista publicada em 30 de Setembro de 1939 mostra figuras que diferiam do habitual, uma delas uma mulher barbuda acompanhada de outras atracções de circo, misturadas com Ingleses e Escoceses e outras personagens certamente pouco usuais para a Nova Iorque da época:



Ilustração 11 – Capa da edição de 30 de Setembro de 1939

O ecletismo de *The New Yorker* favorece a inclusão de outras formas de criação artística além da prosa ou das artes plásticas; publica também poesia, por exemplo, o poema de W. H. Auden “Song”: “Thought I heard the thunder, rumbling in the sky./ It was Hitler over Europe, saying, They must die.” (Yagoda, a, 172). Algum tempo depois dos Estados Unidos entrarem na II Guerra Mundial, a revista começa a publicação de uma publicação, *Pony*, uma versão reduzida da revista-mãe, especialmente dedicada aos militares a quem era distribuída gratuitamente. Yagoda é de opinião que esta publicação fidelizou uma série de novos leitores para o período pós-guerra de *The New Yorker* que, de outra forma, provavelmente nunca a incluiriam nos seus hábitos.

Mitchell continua a concentrar-se no que lhe está perto e corresponde ao interesse crescente por artigos relacionados com personagens diferentes ou estranhas da *lowlife* e escreve três *Profiles* em 1940 que Yagoda aponta como sendo do seu melhor trabalho: “Lady Olga”, “The Old House at Home” acerca de um bar, e “Mazie”, acerca da proprietária de um cinema de segunda categoria.

Frus refere a escrita não ficcional de *The New Yorker* como “aestheticized objective narration”, que se constitui num universo de “similarly understated, impersonal ‘fact pieces’” (Frus, 92). Ronald Weber cita Dwight McDonald, que avalia o tipo de escrita de *The New Yorker* dos anos de 1940 e 1950 como pretendendo atingir “the impartiality of the Recording Angel” (Weber, a, 65). Mitchell parte desse tipo de escrita jornalística, que Sims descreve no seu relacionamento com os objectos como “an almost flat character defined by the facts of age, occupation and achievements” (Sims, b, 93), mas transforma-a: “Mitchell’s writing took the reader into a character’s inner life” (*id.*, *ibid.*). Aliás, Mitchell afirmou numa entrevista em 1995:

“But there was this anomaly: you can write something and every sentence in it will be a fact, you can pile up facts, but it won’t be true. Inside a fact is another fact, and inside that is another fact. You’ve got to get the *true* facts. When I got here, I said to myself I don’t give a damn what happens, I am going to take my time.” (*ap.* Yagoda, a, 142)

Mitchell queria escrever jornalismo, mas que não tivesse que obedecer a pressões de tempo para a escrita, que não dependesse de contar toda a história na primeira linha. Queria ter a liberdade de desenvolver o assunto com um princípio, meio e fim,

constituindo um todo que pudesse ser assimilado por um receptor que, ao longo do texto, fosse progressivamente sendo envolvido.

Yagoda, na sua história da revista, e em relação aos anos de 1930 e 1940, refere:

In time this process begat whole new graphic and literary genres, and enduring work – a Charles Adams or Saul Steinberg cartoon, a humor piece by Thurber, a John Cheever short story, a piece of reportage by Joseph Mitchell or A.J. Liebling – that simply would not have existed in the absence of *The New Yorker*. The aesthetic that eventually came to inform *The New Yorker* had its shortcomings (...) Yet *The New Yorker* at its best (...) was mindful of readers, aiming to amuse them, delight them, instruct them, or transport them; it always respected their intelligence and never pandered. (Yagoda, a, 21)

The New Yorker exerceu sobre os seus autores, através da apresentação de modelos e da editorialização dos artigos propostos, uma influência semelhante aquela que é apontada por Todorov para a constituição dos géneros. Podemos estabelecer um paralelo entre a institucionalização do modelo de escrita da revista e as características dos géneros tal como são referidos por Todorov: “It is because genres exist as an institution that they function as “horizons of expectation” for readers and as “models of writing” for authors.” e, mais adiante: “Like any other institution, genres bring to light the constitutive features of the society to which they belong.” (Todorov, 18/19).

Por outro lado, é de realçar a chamada de atenção de Peter Berger para o carácter muito peculiar do desenvolvimento humano: “The human organism is thus still developing biologically while already standing in a relationship to its environment.” (Berger, 48) Esta nossa interdependência com o meio, desde sempre e durante toda a vida, leva a que todas as instituições sejam de relevância absoluta para o desenvolvimento humano, que é sempre um processo de relacionamento: “From the moment of birth, man’s organismic development, and indeed a large part of his biological being as such, are subjected to continuing socially determined interference.” (*ibid.*, 48)

O sociólogo Peter Berger refere ainda: “Men’s self-production is always, and of necessity, a social enterprise. Men together produce a human environment, with the totality of its socio-cultural and psychological formations.” (*ibid.*, 51). A realidade individual é criada de forma gregária, o que origina processos de habituação que conduzem, por um lado à institucionalização – “reciprocal typification of habitualized actions by types of actors” (*ibid.*, 54) – e, por outro lado, à economia de esforços, que propicia tempo para deliberação e inovação.

Se relacionarmos as afirmações de Todorov e Berger, poderemos ver no processo de formação de indivíduos e de instituições de Berger, um paralelo com aquele que é apontado por Todorov, e citado acima, para a constituição de géneros literários: “(...) genres bring to light the constitutive features of the society to which they belong” (Todorov, 19). Estes processos estão patentes nos textos de Mitchell que, dentro de um género jornalístico-literário, especificamente desenvolvido numa revista nova-iorquina, reflectia processos de tipificação de acções individuais, no âmbito de uma determinada sociedade.

The New Yorker instituiu um tipo de escrita que reportava sobre *highlife* e *lowlife*, porém, e nas primeiras duas décadas da sua existência, omitindo pormenores mais obscuros ou inconfessáveis, considerados “not fit to print”, pelo menos naquela revista, naquele momento. Yagoda refere uma *short story* de John Cheever, publicada em 1948, “The Enormous Radio” cujo tema é o efeito que uma telefonia tem sobre a vida dos seus donos, quando, por um qualquer fenómeno estranho, começa a emitir, em vez dos programas normais, o que se passa de mais sórdido ou desagradável nas casas dos vizinhos. “Cheever is acknowledging that he and his fellow contributors to the magazine have always chronicled the way some people live when other people are in the room.” (Yagoda, a, 230).

4.2. Intenção e a Compreensão

4.2.1. Intenção

“Man’s self-production is always, and of necessity, a social enterprise.”

Peter Berger

“Lady Olga” retrata um percurso de produção individual de alguém que escapava a padrões sociais comuns e que, por isso, tinha tido um processo de crescimento individual diverso do habitual. Condicionada pelo meio que a publicou, e pela intenção do autor, esta é uma narrativa de viagem ao interior da alteridade, que a norma absorve parcialmente com valor de diversão, que expõe como espectáculo e utiliza como reforço do normal, que assim é valorizado em face da estranheza da excepção.

Berger define o processo de produção do próprio como dependente, desde o nascimento, de uma envolvente social que o condiciona e determina em grande medida. O artigo narra como Jane Barnell cresceu e se desenvolveu fora do contexto familiar de origem, expulsa, pela própria mãe, da família em que tinha nascido. Era um *freak* e por isso foi entregue a uma trupe de circo, junto de quem a sua diferença não era estranha e para quem tinha valor monetário, como anteriormente mencionado; para ela contudo “My entire childhood was a bad dream” (Mitchell, 100). Quando regressa aos Estados Unidos, depois do período que tinha passado com a trupe dos *Mohammedans*, Jane é entregue pelo pai à avó, uma índia Catawba – Jane não queria rever a mãe e, certamente, o pai ajuizara que a filha pertenceria mais facilmente a uma comunidade de *Native Americans*, também eles alheios à norma dominante.

No decorrer do artigo, Jane é citada, referindo os irmãos que nunca se interessaram por ela, a quem consideravam “a disgrace”. Mesmo a única irmã de quem Jane gostava, uma enfermeira, tinha partido para a China e por lá ficara e provavelmente morrera, pois nunca mais dera notícias. “Lady Olga” conhecia a ostracização do Outro pessoalmente e referiu-a nos seguintes termos: “Every family of a freak I ever heard of was the same. I’ve known families that lived off a freak’s earnings but wouldn’t be seen with him” (Mitchell, 102).

Enquanto “Drowned their Sins” é uma história que narra a alteridade de um grupo, “Lady Olga” aborda-a segundo o ponto de vista individual de uma mulher que não obedece a cânones de “normalidade feminina”. É curioso referir que Mitchell é um autor que se debruçou sobre a vida de gente simples, diferente, original mas, nesse grupo, era menos frequente encontrar mulheres como personagens principais. Esta mulher provavelmente despertou o seu interesse, justamente por ser diferente, aliás como as outras personagens femininas sobre quem ele escreveu, curiosamente na mesma altura (Mazie, a dona do cinema e Philippa Schuyler, uma criança, filha de um casal de raças diferentes). Griswold afirma: “(...) it is possible to reconstruct probable intentionality of any agent whose context and behavior are known” (Griswold, b, 6). Mitchell teve um contexto de produção de obra jornalística muito determinante no âmbito de *The New Yorker* e o seu comportamento enquanto membro do *staff* da revista era tão adequado ao modelo, que era sugerido a autores mais desconhecidos do meio que o emulassem. Caracteristicamente para Mitchell, seria de esperar a produção de artigos sobre homens representativos de uma certa *lowlife*, enquanto a escrita de artigos sobre mulheres não seria tão habitual para quem projecta um universo mais masculino

na sua obra. Porém, a característica de alteridade espicaçava a curiosidade deste jornalista e assim mulheres pouco vulgares para a época tendem a ser as que retrata em detalhe.

A antologia (*McSorley's Wonderful Saloon*), que contém estes e outros textos, foi um sucesso, publicado em 1943 e reeditado nove vezes até 1960, quando *Bottom of the Harbour* é publicado. Lewis Gannett escreveu a tal propósito numa crítica publicada à época no *Herald Tribune* que esta antologia permitiria, “[to]renew his faith in the possibilities of human nature” (ap. Rundus, 11). A singularidade da força individual da natureza humana alargada a todos, sem ser entravada por questões de género, idade, ocupação ou características individuais é salientada por estes textos, que tanto referem donos de *dime museums*, boémios ou personagens como *Commodore Dutch*, que é descrito no artigo “A Sporting Man” como “the fanciest bum in town” (Mitchell, 119). As oposições que são construídas ao longo de “Lady Olga” são algumas das que a personagem principal terá sentido intensa e individualmente, durante a sua vida e que o autor escolheu para dar forma à história. As razões da opção autoral por estas oposições, e não outras, podem ajudar a recompor a sua intenção provável:

- Pertença/Exclusão
- Homem/Mulher
- “Normal”/ “Anormal”
- Vida comum, sedentária/ vida diferente, errante
- Hábitos domésticos instituídos/rotinas de nómada
- Curiosidade pelo diferente/ objecto de curiosidade
- Ser membro do “público”/ servir de divertimento ao público

Este artigo foi publicado em 1940, contudo a contextualização pormenorizada na época não é particularmente importante, ao contrário da estudada no capítulo anterior. Os acontecimentos que não reportam directamente à vida de Jane quase não são referidos. Desde a data do nascimento – 1871 – até ao ano de 1940, muito se passou no mundo e nos Estados Unidos, porém, a relação entre a personagem e o mundo em seu redor não decorre desses acontecimentos, mas das suas características individuais. Mitchell não pretende escrever um texto de vasto âmbito sociológico. O seu ponto de vista (contrariamente ao que, por exemplo, fará Tom Wolfe) incide sempre sobre realidades bem circunscritas, referentes a um indivíduo ou um local, não a uma sociedade como a

nova-iorquina em geral, se bem que muitos dos seus artigos refiram, justamente, a vida de nova-iorquinos.

Mitchell assenta o seu ponto de vista individual, normalmente sobre casos que se revestem de traços distintivos muito marcados e que fogem a normas pré-estabelecidas. Contextualizando o motivo do artigo, o narrador refere casos de outras mulheres com barba, conhecidos historicamente ou que tiveram nos Estados Unidos a mesma sorte de Jane, de se tornarem curiosidade de circo: estas mulheres pertenciam a ‘outra’ classe de pessoas, a dos *freaks*. Estes, vistos pelos ‘normais’ de forma única, são divididos por Jane Barnell em três subcategorias distintas que esclarece como sendo: “Born freaks”, como ela, de nascença, tais como siameses, anões, gigantes, na sua opinião a escol; “made freaks”, os tatuados, engolidores de espadas e outros que desempenham proezas; e os “two-timers”, que são famosos devido às actividades que os distinguiram no passado, tendo, por exemplo, sido criminosos ou atletas de renome. Esta hierarquização é importante para uma pessoa que teve que criar novas ordens de pertença, para quem não pode usar aquelas pré-existentes pois lhe foram retiradas, desde que foi considerada “anormal”. Esta exclusão era definitiva, pois Jane ou outros como ela nunca poderiam assimilar-se aos padrões do “normal”. Ao longo dos sessenta e nove anos de vida, Jane criou os seus modelos e “pertenceu” a eles, se bem que, ocasionalmente, a sua diferença fosse mais pesada: “Jane Barnell considers herself an outcast (...) When she is in this mood, she takes no pride in the fact that she has had a long career as a sideshow performer (...)” (Mitchell, 89). Aliás, até no circo ela fazia parte do *sideshow*, não do espectáculo “normal” do circo: a exclusão não parava à entrada do circo. Mitchell recorre ao conhecimento em primeira-mão do objecto do seu artigo, da vida dos que são diferentes; utiliza a tipificação que Jane lhe apresenta para os *freaks*, pois ela é membro dessa sociedade e, sendo assim, é a autoridade na matéria. Parece deste modo que, incluída na intenção de Mitchell, estava uma posição de certa forma empática e aberta face a um objecto distante e até certo ponto incompreensível – uma mulher (tema que era menos comum para o autor), totalmente não convencional. As oposições que o texto constrói e o relevo que a focalização lhes dá são importantes para compreender a intenção autoral.

A condição feminina de Jane era dúbia, se bem que ela tivesse tido uma vida heterossexual activa. Quando Mitchell a entrevista, Jane estava no quarto casamento e encarava a instituição de forma convencional. O primeiro marido – um músico alemão que tinha conhecido no circo, onde ambos trabalhavam – tinha falecido jovem, depois

de terem tido dois filhos que morreram crianças: a morte do primeiro marido deixou-a abalada: “After that,” she says, “I never got any pleasure out of circus life. I had to make a living, so I kept on.” (Mitchell, 103). O segundo marido, um ascensionista em balões, faleceu pouco tempo depois de casarem; o terceiro foi um casamento desastroso: “That one treated me shamefully,” she says, “If he was in a bottle, (...)” - Jane depressa pediu o divórcio. O último, com quem tinha casado em 1931, tratava-a como uma verdadeira senhora e ela retribuía com as atenções de uma esposa verdadeiramente doméstica: “To get to know a husband, you have to cook and wash for him.” (*op. cit.*, 93). Jane Barnell pretendia, afinal, reproduzir condições de domesticidade e imagens estereotipadas de género que nunca tinha experimentado ao longo da vida, ou que tinha substituído, como na afeição que tinha sentido pelo lugar que ocupava no vagão dormitório do Circo Ringling: “for six consecutive seasons she had occupied the same berth in old Ninety-Six, the Ringling sleeping car for sideshow people, and had grown attached to it.” (*ibid.*, 90). A necessidade de estabelecimento de rotinas de “normalidade” era um *leitmotiv* na vida de Jane e, conseqüentemente, quando se estabelece em Nova Iorque durante um período alargado de tempo e aluga um apartamento para viver, torna-se uma dona de casa dedicada, que cozinha, limpa e arruma, colocando a mobília de todas as formas possíveis. Porém, quando assoma à janela para ver o movimento, a reacção que Mitchell opina que ela causará, não será certamente aquela de que ela gostaria: “People who see her in the window undoubtedly thinks she is a gray-bearded old man.” (*ibid.*, 103). O humor algo negro do autor surge aqui, de forma que todavia não é ofensiva ou cínica – a imagem da mulher que ela reproduz em privado, não é convincente em público. Não sendo conforme ao modelo feminino, ela aparenta, à distância, outra identidade – os parâmetros feminino/masculino, público/ privado estão em constante estado de confusão e Jane não pode repô-los na ordem “normal”.

Os hábitos instituídos são, de facto, uma fonte de preocupação para Jane. Quando é convidada a comparecer numa reunião social por Cole Porter, consulta primeiro o marido, para saber se deve ir e quando acede, passa uma hora e meia agradável na festa, que porém termina quando Jane se lembra que “she had to go home and cook a duck dinner for her husband” (Mitchell, 99). Curiosamente, Miss Barnell faz o seguinte comentário depois da sua aventura no Ritz-Carlton: “I been [*sic*] around peculiar people most of my life, but I never saw no women like them before.” (*ibid.*, *ibid.*). Quebrar a rotina foi problemático para Jane: comparecer a uma festa sozinha, não negligenciar os

deveres domésticos de cozinhar para o marido e encontrar-se com mulheres mais estranhas do que os seres estranhos a que estava habituada, reflectem os parâmetros convencionais pelos quais Miss Barnell se orientava e, de uma forma subtil, o autor parece simpatizar com tal atitude vinda de alguém considerado um *freak*, mas também quanto Jane tinha apreciado o facto de ser ela própria a observar aquelas criaturas – “I guess I was a curiosity to them. Some of them sure were a curiosity to me.” (Mitchell, 99). Mitchell porém, não o faz de forma óbvia ou impondo o seu ponto de vista, mas utilizando um narrador distanciado, se bem que revelando algum humor muito específico do autor.

O lar de Jane na infância e adolescência tinha sido a comunidade agrícola em que a avó vivia e, até à morte desta em 1899, Jane regressa a casa no Inverno, quando os circos onde trabalhava faziam pausa. Desde então, e até à altura em que Mitchell a encontra em Nova Iorque, Miss Barnell levava uma vida errante. Por então, a artista já tinha adquirido, em mais de um ano de vida sedentária, o gosto por uma vida mais pacata e rotineira, mais conforme a padrões de vida designada de “normal”. Aliás, a profissão de sonho de Jane era a de estenógrafa: a segurança de rotinas estabelecidas era atractiva para uma mulher que tinha vivido os sessenta e nove anos da sua vida em rotinas alternativas mas que, por serem diferentes do comum, não lhe garantiam o anonimato que sempre tinha desejado mas que lhe estava vedado. Esta noção transparece claramente nas palavras do texto: “In the last year or so Miss Barnell has become a passionate housekeeper and begrudges every moment spent away from her apartment.” (Mitchell, 103); “Miss Barnell is disposed to blame circuses for much of the unhappiness in her life.” (*id.*, *ibid.*)

O pensamento de Jane, como é relatado em “Lady Olga”, confirma a tese de Carey sobre o tema do pensamento individual:

In our predominantly individualistic tradition, we are accustomed to think of thought as essentially private, an activity that occurs in the head (...) I wish to suggest, in contradistinction, that thought is predominantly public and social. (...) The capacity of private thought is a derived and secondary talent, one that appears biographically later in the person and historically later in the species. Thought is public because it depends on a publicly available stock of symbols. It is public in a second and stronger sense. Thinking consists of building maps of environments. (Carey, 28)

Os “mapas ambientais” de Jane Barnell eram eminentemente públicos, baseados em símbolos e regras desse domínio, que a colocavam como pessoa à margem da norma. A

sua localização dentro da estrutura da sociedade conferia-lhe o estatuto de curiosidade pública. Ela era mostrada em circos, em *dime museums*, em Coney Island; a assimilação à norma do que era considerado fenómeno tinha-lhe garantido um modo de vida, desde que estivesse disponível para funcionar como objecto de diversão. A festa do Ritz-Carlton é das poucas ocasiões em que ela pode exercer a sua própria curiosidade sobre os outros, já que o grupo que encontra lhe é desconhecido, a não ser através das revistas “she is a devoted reader of the Cholly Knickerbocker column in the *Journal and American*”³⁶. She is in fact a student of society’s scandals.” (Mitchell, 99). Nessa ocasião única, Jane encontra-se em posição de público: está a observar personagens que lhe são estranhas e que a divertem de certa forma. Porém, o direito a usufruir do espectáculo só surge porque ela é convidada para satisfazer a curiosidade de Monty Woolley³⁷ que Cole Porter apresenta como um “student of beards” (Mitchell, 98).

Mitchell “intencionou” um artigo reflexivo sobre a diferença num género, ele próprio o “segundo sexo”. A feminilidade dúbia de Jane Barnell só tinha descanso em rotinas individuais conformes ao estereótipo feminino da época. Condicionado pelo encargo da sua revista de escrita de um perfil da *lowlife*, Mitchell coloca no seu texto a vida de oposições sem solução, sentidas por uma mulher de género indefinido, que o narrador trata de forma distante mas empática.

4.2.2. Compreensão

A chave para a compreensão encontra-se no próprio texto e ao relacioná-lo com outros do mesmo tipo. Será possível exercer em maior detalhe a compreensão do texto se o localizarmos dentro das características do ‘género’ a que pertence, como preconiza Griswold, considerando as características pertinentes para a investigação.

A propósito dos desenvolvimentos do jornalismo literário contemporâneos a “Lady Olga”, pode lembrar-se a opinião acima referida de Joseph North: “Reportage is

³⁶ A coluna “Cholly Knickerbocker” tornou-se famosa no jornal nova-iorquino *Journal and American*; diversos cronistas escreveram para esta coluna como Igor Cassini e Maury Paul, tendo sido publicada por diversos jornais da cadeia Hearst (que aliás Jane Barnell lia assiduamente – “she is a veteran reader of Hearst newspapers and believes everything she reads in them” (Mitchell, 90)

³⁷ Monty Woolley (1888-1963), actor nova-iorquino, amigo de Cole Porter que conheceu em Yale quando ambos lá estudavam.

three-dimensional reporting”. Mitchell ordena no seu texto um determinado número de elementos que recolheu durante a investigação que conduziu sobre o seu objecto e, através do ponto de vista do narrador de “Lady Olga”, tece-se um enredo que envolve o receptor numa teia de significados que funcionam denotativa- e conotativamente. A ‘condensação’ da realidade é feita de forma sentida, não apenas factual. A compreensão de um objecto cultural implica a designação de características que permitam “explorations of meaning and social connectedness” (Griswold, b, 17); essas características permitirão a replicação da compreensão por diversos analistas, pois são traços que estão contidos no objecto (a alteridade que é tratada neste texto) e que o marcaram desde sempre.

Utilizando o ‘género’ que North designava de *reportage* como veículo de comunicação, Mitchell assestava a sua atenção sobre determinado tipo de temas. O autor referiu numa entrevista citada por Sims num artigo: “‘In recent years,’ Mitchell once said, ‘I have written mostly about what I guess could be called the unusual in the usual, (...)’” (Connery, 207). Mitchell escolhia temas algo insólitos, que tinham frequentemente a ver com “disappointed old men and women for whom nothing had turned out the way they thought it would (...)” (Hartsock, a, 206). O autor encontra, assim, motivo para os seus escritos nos habitantes menos apreciados de uma cidade cosmopolita e ambicionada por muitos (vidé o próprio Mitchell), como um destino de eleição para a realização de todos os sonhos. Curiosamente, os seus artigos sobre essas personagens são depois publicados por uma revista como *The New Yorker* que, tendo começado por representar nas suas páginas preferencialmente a sociedade mais selecta, tinha alargado o seu campo temático a outras áreas. Yagoda diz a tal propósito “(...) *The New Yorker* contradicted itself because it contained multitudes.” (Yagoda, a 110). Talvez deva acrescentar-se ao opinado por Yagoda, que a contradição da *The New Yorker* por conter essas multidões era de esperar, pois no manifesto editorial enviado a potenciais assinantes e investidores, Harold Ross escrevera: “*The New Yorker* will be a reflection in word and picture of metropolitan life.” (ap. Yagoda, a, 38). Seria inevitável que, numa vida metropolitana tão variada, as diferenças e oposições existissem e fossem mesmo uma das razões do seu apelo.

Por outro lado, a própria rubrica de publicação do artigo tinha adquirido, por essa altura, uma série de características que enquadravam os textos.

The Profile metaphor, with its implicit acknowledgement of limited perspective, was no longer appropriate. Instead, it was as if the writer were continually circling around the subject, taking snapshots all the way, until finally emerging with a three-dimensional hologram. (Yagoda, a, 137)

O autor, o tipo de escrita, o meio e a própria rubrica em que “Lady Olga” foi dada à estampa inseriram-na numa multiplicidade de pertenças – ao jornalismo literário, tal como ele foi praticado por Joseph Mitchell numa determinada revista e especificamente numa rubrica. Todas estas características do texto, enquanto objecto cultural, traduzem-se nesses pontos de fixação, que assistem à compreensão do objecto cultural enquanto *significado* na acepção que Peter Berger aponta como factor essencial de cultura: “It is important to note what Berger regards as essential in culture. The very heart of the world that humans create is socially constructed *meaning*.” (Wuthnow, 25).

Griswold elucida a respeito desta necessidade de fixação do texto para otimizar a construção de significado: “the author must work within the reader’s set of generic expectations, or the author’s meaning will not be communicated. Thus, genre is constitutive as well as heuristic.” (Griswold, b, 18)

Mitchell toma como objecto uma mulher de sessenta e nove anos, *a bearded lady*, algo desapontada, se bem que não derrotada por uma vida complicada e escreve um artigo: *The New Yorker* dá-lhe uma série de páginas para a sua publicação e em conjunto dão a Jane Barnell um significado completamente diferente daquele que tinha ostentado até então. Jane Barnel era um *freak* e por ser tão diferente das mulheres comuns não deixaria de o ser. Porém, agora era também uma criatura como todas as outras nas suas derrotas e vitórias, mas que tinha por uma vez figurado no domínio público não só por causa da sua diferença, mas também pela sua profunda humanidade. Para atingir esse estatuto que só o seu nascimento como ser humano lhe devia conceder, Jane Barnell precisou da mediação de todos os pontos de fixação anteriormente referidos que lhe foram fornecidos pela construção de um enredo por um narrador a partir dos factos que constituíam a sua história.

Veremos a seguir, se a recepção terá sido consistente com a intenção autoral e com a compreensão que acabámos de desenhar.

4.3. Recepção e Explicação

4.3.1. Recepção

Culture provides the materials from which individuals and groups construct strategies of action.
Ann Swidler

As oposições que, ao analisarmos o texto escolhemos como constitutivas de uma intenção, encaminham o estudo para o reconhecimento de uma situação cultural que Ann Swidler, no seu artigo “Culture in Action: Symbols and Strategies”, intitula de “settled lives”. A autora refere que existem dois modelos principais de funcionamento cultural: o primeiro, já referido acima – “In settled lives, culture is intimately integrated with action: (...) culture is a model and a model for experience; and cultural symbols reinforce an ethos, making plausible a world view which in turn justifies this ethos.” (Swidler, 278). O segundo:” The second case is that of “unsettled lives”. The distinction is less between settled and unsettled lives, however, than between culture’s role in sustaining existing strategies of action and its role in constructing new ones. “ (*id.*, *ibid.*). O modelo cultural, que servia para todos os participantes de uma determinada cultura, servia também para Jane Barnell, se bem que ela não participasse dos modelos disponíveis. Porém, tal como Swidler aponta, em períodos estáveis existe uma ligação ténue entre cultura e acção e é permitida uma certa incongruência entre ideais e cursos efectivos de vida e experiência: “People profess ideals they do not follow, utter platitudes without examining their validity, or fall into cynicism or indifference with the assurance that the world will go on just the same” (Swidler, 280)

A recepção do texto de Mitchell, quando publicado pela *New Yorker* em 1940, obedecia ao princípio que Culler designa de ‘hyper-protected cooperative principle’ (já mencionado no capítulo anterior) de forma bastante notória. Mitchell escreve a partir da sua experiência de jornalista de cultura dominante, utilizando uma focalização caracteristicamente sua que, porém, não tornaria o texto opaco aos seus receptores. Estes identificariam com facilidade, se não a personagem principal, pelo menos a maioria das referências empregues no texto: lugares – Coney Island, Broadway, os hotéis; pessoas referidas – Cole Porter, Monty Woolley; instituições, como as

companhias de circo ou os jornais e as suas colunas; Hollywood e a máquina de produzir sonhos (ou pesadelos) que é a indústria cinematográfica americana. Esta focalização desfamiliariza elementos do quotidiano para os transformar no artigo, mas ordenando-os de uma forma conforme ao horizonte de expectativas do receptor-tipo de um texto publicado pela *The New Yorker* em 1940. Este texto não aponta para um período culturalmente instável, como o analisado no capítulo anterior. A abundância de referências partilhadas e subentendidas entre o agente que “intencionou” e o agente que “recebeu” é patente na ausência de explicações para todas essas referências acima. Essa ausência não persiste no que toca directamente a vida de Jane Barnell, pois essa é cuidadosamente abordada.

A recepção crítica contemporânea do texto usufruiu do prestígio do meio que a publicou, uma revista com “autoridade” cultural: “Settled cultures (...) have the undisputed authority of habit, normality and common sense” (Swidler, 281). O veículo de publicação tinha todas estas características das culturas estabelecidas – era um hábito para os seus leitores, tinha as suas próprias normas e era conforme ao senso comum (v. a referência a Cheever e “The Enormous Radio” feita acima). “Lady Olga” foi compilada pela primeira vez na colectânea *McSorley’s Wonderful Saloon* e logo a recepção crítica salientou determinadas características do autor, relevantes para a época. A crítica da *Time* de 2 de Agosto de 1942 salientava: “Joseph Mitchell is as gloomy as only a humorist can be.” (ap. Rundus, 23). No mesmo ano, Malcom Cowley chamava a atenção dos leitores para “Joseph Mitchell as a journalist worthy of attention, as a significant figure in the history of American letters.” (ap. Rundus, 24). Já a crítica escrita por William S. Lynch para a *Saturday Review of Literature*, intitulava-se sugestivamente “Raw Onions and No Ladies” e referia a obra de Mitchell como estudos sobre “men and women fleeing desperately from the loneliness of the big city-men and women sometimes Homeric, sometimes craven, and frequently tormented by what his Professor Sea Gull calls the 3 H’s-homelessness, hunger and hangovers.” (ap. Rundus, 30). Mitchell mereceria assim atenção por distintos motivos: a qualidade da sua escrita e a forma inteligente como descrevia e interpretava a realidade à sua volta.

“Reception and explanation involve framing the cultural object in relation to some larger, external system of meaning.” (Griswold, b, 5). Ao seguirmos aqui o esquema de Griswold podemos recorrer a outro esclarecimento de Ann Swidler em relação a estratégias de acção em períodos estáveis: “(...) what is culturally regulated is that part of social life which has to be continually created and recreated, not that part which is so

institutionalized that it requires little active support by those it regulates.” (Swidler, 281, n.). A recepção de “Lady Olga” em 1940 era revestida de uma forma culturalmente regulada de recriação de uma realidade que comportava um fenómeno como o de Jane Barnell, fenómeno esse suficientemente estranho e único para não perturbar o todo de um enquadramento cultural. Tal não se tinha passado com o texto anterior: “Drowning their Sins” não reportava sobre um fenómeno individual ou isolado mas sobre uma comunidade, entre muitas, que coexistiam numa sociedade que tinha um conjunto de normas que estavam a ser reformuladas: “When people are learning new ways of organizing individual and collective action, practising unfamiliar habits until they become familiar, then doctrine, symbol and ritual directly shape action.” (Swidler, 278). A Cahan, no texto citado, não tinham interessado tanto os indivíduos, como a comunidade a que pertenciam; a Mitchell, no artigo em apreço, interessou principalmente Jane Barnell.

4.3.2. Explicação

O jornalismo literário depende do mundo circundante para os temas que trata, pois consiste em obras não ficcionais, que requerem imersão completa dos seus autores na matéria a tratar. Mitchell referiu, numa entrevista em 1955, a disposição que o animava quando encetou a sua colaboração com a revista *The New Yorker*, como acima referido: “When I got here, I said to myself I don’t give a damn what happens, I am going to take my time.” (ap. Yagoda, a, 142). Assim, armado de tempo para investigar e desenvolvendo uma escrita cuidada, Mitchell baseia-se na comunidade que o cerca para base dos seus textos, que nesta fase da análise tentaremos de novo re-ligar ao universo humano, social, não-criativo que os originou.

Três textos do mesmo autor, publicados no ano de 1940, são curiosamente, acerca de mulheres – “Lady Olga”, “Mazie” e “Evening with a Gifted Child”. As duas primeiras são acerca de adultas e a terceira é acerca de uma menina, sobredotada, de nove anos. Anteriormente já foi referido que a Mitchell interessou mais frequentemente o mundo masculino, contudo estas três mulheres eram muito peculiares: Jane Barnell já foi referida em pormenor; Mazie, do segundo artigo, era uma mulher solitária e singular, bem sucedida nos negócios (tinha um cinema) e extremamente generosa com os sem

abrigo, com os alcoólicos, com os *outcasts* da sociedade nova-iorquina de então. Philippa, além de ser uma criança sobredotada era fruto de um casamento entre uma branca e um Africano-americano, que se regiam por princípios algo diferentes para a época. Yagoda aponta “Mazie”, “Lady Olga” e outro artigo, “The Old House at Home” (também de 1940) como os três *Profiles* mais notáveis de Mitchell até então. “Evening with a Gifted Child” alarga contudo o âmbito dos interesses da escrita de Mitchell a um mundo diferente, o da infância, se bem que de uma criança sobredotada; alarga-o também a uma família que tinha ultrapassado espaços de convivência familiar étnicos, especialmente num momento em que de algumas áreas da Europa sopravam ventos defendendo pureza rácica, que também ecoavam nos Estados Unidos.

A partir do momento em que começou a ligação de Mitchell com *The New Yorker* esta revista passou a ser o meio de publicação das suas obras. As colectâneas que organiza ao longo da vida limitam-se a reeditar trabalho anteriormente publicado (a primeira de trabalho anterior à colaboração fixa com a revista). *My Ears are Bent* publicado em 1938 e *McSorley’s Wonderful Salloon* de 1943, se bem que publicadas com apenas cinco anos de diferença, patenteiam a diferença existente entre os artigos destinados a publicação em jornais diários, (a primeira compilação), e os que eram escritos para a *The New Yorker*, (a segunda, que incluía “Lady Olga”). O tempo e o cuidado posto na escrita da revista não podiam existir nos tempos da colaboração com o *New York Telegram* ou com o *Herald*. Todavia, o interesse por determinado tipo de assuntos mais relacionados com a vida dos cidadãos comuns vem de longa data. No artigo “My Ears Are Bent”, que dá o nome à colectânea, uma reflexão algo autobiográfica, surge o seguinte passo:

The least interesting people to interview for an afternoon newspaper are the ones who probably should be the most interesting, industrial leaders, automobile manufacturers, Wall Street financiers, oil and steel czars, people like that. (...) After painfully interviewing one of those gentlemen you go down in the elevator and walk into the street and see the pretty girls, the pretty working girls, (...); you feel as if you had escaped from a tomb in which the worms were just beginning doing their work; (Mitchell, a, 15)

Mitchell está a preparar textos futuros neste artigo, a justificar a escolha de motivos para a sua escrita que não são aqueles que à primeira vista seriam óbvios - “the least interesting (...) should be the most interesting”. A rejeição dos “industrial leaders, automobile manufacturers (...)” como tema necessita de justificação. A sensação de ter

escapado de um túmulo, é oposta ao sentimento de liberdade e frescura das “pretty working girls”: o narrador reorganiza recursos e significados como Swidler esclarece:

Indeed the meanings of particular cultural elements depend, in part, on the strategy of action in which they are embedded (...) Furthermore, as certain cultural resources become more central in a given life, and become more fully invested with meaning, they anchor the strategies of action people have developed. (Swidler, 281)

Mitchell investia de significados adicionais as “pretty working girls”, considerava-as merecedoras de interesse de um meio de comunicação, desfamiliarizava o que era bem conhecido de todos; intenção oposta tivera Cahan, quando tinha tentado acrescentar aos recursos culturais já disponíveis, outros, originários de outro país e língua, outro continente, outra religião. Mitchell lida com microcosmos individuais, interessa-se pelos processos singulares de socialização, ao contrário de Cahan, mais envolvido com processos colectivos. Esta é uma escolha marcadamente pessoal, dependente de traços dos autores. O que é apreciado neste capítulo facilmente se interessava por indivíduos ditos comuns, encontrados na grande urbe nova-iorquina e que nela tinham a privacidade necessária para passarem despercebidos, por mais estranhos que fossem, mas também para se tornarem completamente solitários.

“Drowned their Sins” lida com o ‘Outro’ exótico habitando o território da norma, do *establishment* nova-iorquino do início do século XX, coexistindo dentro dela o suficiente para poder deixar de ser estranho, sem cessar de ser diferente. “Lady Olga” lida com o ‘Outro’ desviante à norma estabelecida, mas inserido nela, e aceitando sem discutir as regras impostas, que procura pôr em prática como se fosse confortavelmente parte dessa mesma norma. O próximo texto a analisar “Girl of the Year”, de Tom Wolfe modificará ainda mais esta relação de conformidade entre o ‘Outro’ e a norma estabelecida.

Capítulo 4

“What Inna Namea Christ is This?”

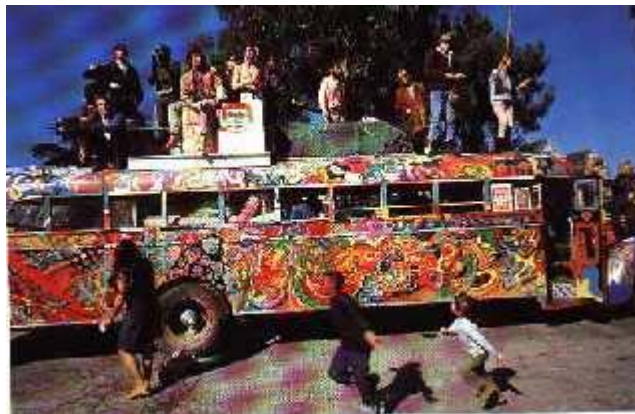


Ilustração 12 – O autocarro de Ken Kesey, com o destino “Furthur” (*sic*)

Situar a escrita de Wolfe e outros seus pares durante a década de 1960 gerou controvérsia desde cedo: talvez por isso, o próprio Wolfe tenha assumido a incumbência de redigir o manifesto do *New Journalism* na introdução ao volume com o mesmo nome, dando assim resposta à questão que ele próprio tinha formulado e que serve de título a este capítulo, na sua formulação e ortografia exactas. Contudo, contemporâneos seus, não chegaram à mesma conclusão mas a outras, como a recusa da validade da forma ou hostilidade face à truculência do seu porta-voz.

Passados anos e essa primeira fase de posições extremadas, Barbara Lounsberry, em *The Art of Fact*, situa Tom Wolfe numa antiga corrente de escrita retórica nos Estados Unidos que remonta às jeremiadas, termo que Bercovitch emprega para designar:

The American Puritan jeremiad was the ritual of a culture on an errand – which is to say, a culture based on a faith in process. (...) But the American Puritan jeremiad went much further. It made anxiety its end as well as its means. Crisis was the social norm it sought to inculcate. The very concept of errand, after all, implied a state of unfulfilment. The future, though divinely assured, was never quite there, and New England’s Jeremiahs set out to provide the sense of insecurity that would ensure the outcome. (Bercovitch, 23)

A obra deste autor, porém, ao contrário do que se passava com as jeremiadas dos pregadores das colônias americanas, não se destinava a expor ou criticar as falhas morais dos indivíduos e de uma sociedade. Em comum, tal como Bercovitch as considera, os textos de Wolfe cumprem a função de observação do funcionamento da sociedade no momento em que regras anteriormente contempladas como essenciais foram postas em causa e, em alguns casos, desapareceram. É de salientar ainda o papel de manutenção de confiança na tarefa que a comunidade empreendeu. Tal como Bercovitch, por oposição a Perry Miller, salienta o carácter de “unshakable optimism” (Bercovitch, 7) desta forma de sermão, também Wolfe vê num presente, que por vezes se afasta da verdadeira missão americana, a promessa de futuro mais condicente com esse ideal e que é constantemente procurado: “The American Puritan jeremiad was the ritual of a culture on an errand” (*ibid.*, 23). Também Wolfe apresenta indivíduos em sociedade com uma tarefa em curso – com dificuldades e obstáculos, desvios e erros –, mas que nem por isso está predestinada a falhar, pois a própria ansiedade da missão ajuda a que ela prossiga no bom caminho.

Quando Wolfe descreve a viagem alucinada dos *Merry Pranksters*³⁸ em *The Elektrik Kool Acid-Test*, (v. imagem em página anterior) não lhe interessa criticar o estilo de vida, o uso de drogas ou promover o arrependimento dos erros dos elementos do grupo como tinha feito o profeta Jeremias, mas documentar uma experiência usando para isso uma técnica a diversas vozes: “Wolfe has acknowledged that he tries to create his scenes from a triple perspective: the subject’s point of view, that of other people watching, and his own.” (Lounsberry, 37). A jeremiada de Wolfe é uma forma prenunciadora do mundo pós-moderno, também ele a diversas vozes sem que uma se sobreponha a outra necessariamente. É ‘democrática’, pois não se destina a promover punições, mas a enunciar o que os movimentos e acções dos homens e mulheres da época faziam surgir em termos de comportamentos individuais e colectivos. Este é outro ponto em comum entre Wolfe e o conceito de crítica social de Bercovitch: “In this country, the unmediated relation between social structure and social ideal has made the very exposure of social flaws part of a ritual of socialization – a sort of liminal interior dialogue that in effect reinforces the mainstream culture.” (Bercovitch, 204) A afirmação do autor de *The American Jeremiad* é inteiramente apropriada pelos textos

³⁸ Este livro relata as aventuras de um grupo, liderado por Ken Kesey, que, numa viagem pelos EUA num autocarro pintado com cores psicadélicas, procurava atingir um estado mais apurado de consciência da realidade, com a ajuda de LSD. O autocarro mostrava a placa de destino “Furthur” (*sic*) – v. Ilustração 12.

de Wolfe que constantemente manifestam apreço pela constante inovação da sociedade americana, que aí encontra a razão da sua pujança.

A postura moral do autor é guiada por princípios puritanos que o formaram e aos quais permanece fiel: os narradores dos seus artigos revelam-no, como, por exemplo, o do artigo que encerra o volume *The Pump-House Gang*, “Sliding Down into the Behavioral Sink”: “And here they [New Yorkers] are, turning bilious, nephritic, queer, autistic, sadistic, barren, hyped up, batty, sloppy, hot-in-the-pants, chanced-on-the-flankers, learing, pulling, numb – the usual in New York, in other words, and God knows what else.” (Wolfe, c, 295). A crítica aos nova-iorquinos, aparentemente detentores de uma miríade de traços negativos, não se ficará porém pela enumeração dos mesmos. Wolfe cuida de explicar a razão do artigo, um encontro com o antropólogo, Professor Edward T. Hall, que propunha uma explicação para tal disfunção social e individual: os nova-iorquinos dispunham de muito pouco espaço individual e a partilha do espaço reduzido de uma grande cidade provoca consequências a nível físico e psicológico, que não são da responsabilidade do indivíduo mas do meio ambiente agressivo.

Lounsberry refere a propósito desse artigo que Wolfe pretende mais do que criticar determinadas características com os seus textos. Para esta autora, na realidade, Wolfe pretende incluir as atitudes de determinados “traditionally scorned American cultural subgroups” (Lounsberry, 48) na cultura dominante, convertendo-os de rebeldes sociais a revolucionários no sentido mais americano do termo: “Readers often think that Wolfe is championing social rebels in his books and articles. For him, I submit, they are generally revolutionaries in the most American sense of the word.” (*ibid.*, 44). Quando o estado de coisas não permite que o cidadão e a sociedade se desenvolvam da forma harmoniosa a que tem direito, então o que impede tal objectivo deve ser alterado de forma ‘revolucionária’.

Aliás, também nesta distinção conceptual importante entre rebelde e revolucionário, Lounsberry encontra fundamento em Bercovitch quando este explicita essa diferença nos seguintes termos, ao referir os revolucionários independentistas:

Revolution in America was the vehicle of providence. It took the form of a mighty, spontaneous turning forward, both regenerative and organic, confirming the prophecies of Scripture as well as the laws of nature and history. And in all this it stood diametrically opposed to rebellion. The Revolution fulfilled the divine will. Rebellion was a primal act of disobedience, as Lucifer’s was, or

Adam's. Rebels sought to negate, thwart, and destroy; the Revolutionaries were agents of the predetermined course of progress. (Bercovitch, 134)

Os revolucionários dos anos de 1960 só tal poderiam ser, se as suas características fossem devidamente apreciadas pela sociedade que os tinha originado e que os devia, em última análise, integrar no consenso americano. Este, como salienta Bercovitch, era usufruído por uma classe média, que estava em ascensão em número e prosperidade ao tempo do *New Journalism* de Wolfe e outros.

A posição não só crítica mas também integradora de Wolfe, pode ser devida às suas próprias características biográficas e académicas: um doutoramento em Estudos Americanos e o estudo de sociólogos como Max Weber terão incentivado o autor à busca de um emolduramento teórico colectivo que justificasse atitudes divergentes de sectores largos e em crescimento da população. Estes grupos emergentes, à míngua de padrões rigidamente pré-estabelecidos, encontravam-se em pleno processo de estabelecimento de novos padrões: os 'revolucionários' da década de 1960 seriam, segundo Lounsbury e para Wolfe, os rebeldes sociais que muitos leitores julgam ver apadrinhados pelo autor. O verdadeiro espírito revolucionário americano revelar-se-ia nestes textos, em que se reproduz a tentativa engenhosa e progressista de adequar mutuamente cidadãos e novos tempos, utilizando para tal uma herança cultural importante mas que não poderia, nem permanecer imutável, sob pena de se quedar inadequada, nem mudar tanto, que ficasse irreconhecível.

A revolução social incorporaria experiências como a de Ken Kesey, anteriormente referida. A viagem empreendida por este escritor, com o seu grupo, em 1964, foi em grande medida financiada pelos proventos ganhos com a publicação e sucesso comercial da obra, *One Flew Over the Cuckoo's Nest*, de 1962. O mundo da loucura e dos hospitais psiquiátricos providenciou a este autor o mote para uma obra ficcional sobre o mundo da repressão sobre o desviante da norma da saúde mental. Kesey, ele próprio, pertenceu ao grupo de Americanos que, por essa época, experimentou drogas como o LSD para 'alargar' os horizontes do pensamento e que, em alguns casos, conduziram a distúrbios psicológicos. A questão da condição do doente psiquiátrico tem conduzido a muita literatura sobre o assunto, visto pelo mais diferentes prismas. Michel Foucault faz, por exemplo, a apreciação constante em *Madness and Civilization* acerca do poder, quando exercido sobre os 'loucos' por entidades ou instituições autorizadas a tal pela sua condição de 'normais' e de detentoras desse mesmo poder.

Kesey demonstra na sua obra como em casos extremos, mesmo de loucura, é difícil avaliar onde deve residir a norma e quem deve ter autoridade para a definir. Wolfe, na sua, não abordando casos tão desviantes segue, porém, o mesmo princípio: a definição de norma, se bem que na prática necessária, deve sempre ser feita com a maior amplitude possível e refeita logo que necessário.

O processo de assimilação, que em autores como Cahan (Cap.2) se registava a nível do enquadramento de costumes diferentes numa cultura dominante que os absorveria, (conduzindo eventualmente ao “cidadão transparente” de Rosaldo, como anteriormente referido) revelava-se aqui mais profundo e bilateral, pois envolvia uma modificação do próprio emolduramento social, da ideologia cultural dominante. Sendo assim, e para se poder prosseguir o estudo deste texto dentro da metodologia adoptada, desenharemos o seguinte diamante cultural:

1. **Criador** Tom Wolfe – jornalista, americano (de Richmond, Virgínia);
2. **Ambiente Social** Nova Iorque, 1964;
3. **Receptor** Leitores da revista *New York*, no momento original de publicação em 1964, e da ulterior publicação em forma de livro – *The Kandy-Kolored Tangerine-Flake Streamline Baby*, em 1965, e em antologias de jornalismo literário
4. **Objecto Cultural** O “outro” (“outra”), “Baby” Jane Holzer, modelo, actriz, rica, com estatuto social elevado, *trendsetter*.

A obra de Wolfe a que iremos reportar foi publicada nos quatro volumes que reuniram a sua produção de *New Journalism*, durante a década de 1960: *The Kandy-Kolored Tangerine-Flake Streamline Baby* (1965) (que incluiu “The Girl of the Year”); *The Electric Kool-Aid Acid Test* (1968); *The Pump House Gang* (1968) e *Radical Chic and Mau-Mauing the Flak Catchers* (1970). Fases ulteriores em que Wolfe publicou ficção com romances como *The Bonfire of the Vanities* ou o mais recente (de Novembro de 2004), *I Am Charlotte Simmons* não serão considerados nesta tese, cujo âmbito não os engloba.

1. Criador

Never underestimate how much of your childhood is sewn into the lining of your garments when you go to New York.

Tom Wolfe

Thomas Kennerly Wolfe Jr. nasceu em 2 de Março de 1931 em Richmond, Virgínia. O pai era um cientista, professor universitário na área da agronomia, autor de diversas publicações sobre este tema e editor de um jornal da especialidade. A mãe era uma senhora com interesses relacionados com as artes e incentiva o filho a actividades nessa mesma área. A infância e juventude passadas no sul dos Estados Unidos, bem como um meio familiar com interesses intelectuais e artísticos foram marcantes na formação de um “cavalheiro do sul”. Wolfe considerou aliás que nascer nessa zona do seu país foi “a good career move” (McKeen, 4). A forma própria de expressão da zona de origem viria a ser utilizada pelo autor, na originalidade da linguagem empregue, na correspondência rica e criativa entre significantes e significados que, recorrendo, por exemplo, ao uso de regionalismos, conotações e aliteraões, originaria um código próprio enriquecido, algo na linha da teoria de Riffaterre acerca da diferença entre sociolecto e idiolecto³⁹.

Começa os estudos universitários no estado natal da Virgínia na Universidade de Washington and Lee. Esta é uma universidade privada e que, na altura, segundo descreve um professor de Wolfe à época, Marshall Fishwick, tinha as seguintes características: “The kind of boy that goes there is the boy whose family still believes in the Confederacy... planter money from Mississippi, big money from the Delta, (...)” (Scura, 203). Além destes princípios, o autor da entrevista (Toby Thompson), em que surge esta referência a Fishwick, aponta outra utilidade (além da académica) para os anos passados nesta universidade: “Wolfe used W&L as a laboratory to polish his innate manners, for as his friend Clay Felker, who is now editor of *Manhattan, Inc.*, says, ‘Formal manners are a marvellous way of fending people off – without offending them.’” (Scura, 203). O formalismo de atitude e mesmo de traje que se tornou uma das idiossincrasias de Wolfe parece ter raízes profundas, e fazer parte de uma estratégia de

³⁹ “One, language, or rather, the sociolect, that is, language not just as lexicon and grammar, but also as the repository of myths and stereotypes with which a society organizes and allegorizes a consensus of its members about what they imagine reality to be; two, the idiolect, that is, the special usage to which the text puts the sociolect.” (Roe, 130)

vida do autor. Toby Thompson, por exemplo, cita Wolfe, enquanto este prova um fato no seu alfaiate em Nova Iorque: “Never underestimate how much of your childhood is sewn into the lining of your garments when you go to New York” (Scura, 206). Mesmo numa cidade tão cosmopolita como Nova Iorque, a influência do meio não consegue eliminar todas as características que cada um dos habitantes (por escolha) da metrópole transportam consigo quando aí iniciam “uma nova vida”.

Wolfe prossegue a sua carreira académica no departamento de Estudos Americanos em Yale com o objectivo de obter um doutoramento na área. Permanece em Yale entre 1951 e 1956 e abandona o *campus* ainda antes de defender a tese, o que fará em 1957. “The League of American Writers: Communist Organizational Activity among American Writers, 1929-1942” é o título da dissertação final em que é estudada a estratégia de organização de uma classe de profissionais que tradicionalmente, como Wolfe refere, é constituída por “loners”. Nos anos que passa em Yale, Wolfe não se sente verdadeiramente inserido no meio académico e não fica persuadido de que a ficção seja o caminho que ele queira seguir, ou mesmo, que este seja, de facto, meritório: “He wondered if “creativity in prose wasn’t embedded in material” and if *reporting* wasn’t the key to unlocking it” (Scura, 207)

Depois de um curto período em que trabalha como operário – cerca de três meses como carregador de mobiliário – Wolfe entra como repórter para um jornal local, o *Springfield Union* de Massachussets, onde permanece até 1959. Depois do jornalismo na cidade pequena (onde, porém, Wolfe experimenta pela primeira vez a sensação de viver numa urbe onde diversos segmentos de diferentes grupos étnicos detinham poderes comunitários e exerciam influência mais equitativamente), o autor prossegue a sua carreira de jornalista em Washington, no *Post*. O desafio aumentava e Wolfe distingue-se na secção *City Life* com artigos interpretativos. Muito em breve, logo em 1962, o jornalista muda de novo, desta feita para Nova Iorque, para o *Herald Tribune*: “The *Herald-Tribune* was the premier writer’s paper in New York and, therefore, a showplace for some of the nation’s best journalistic talent.” (McKeen, 9)

Wolfe reflecte anos mais tarde, em 1987, na entrevista já referida, dada a Toby Thompson: “I looked out across the city room of *The Herald Tribune*, 100 moldering yards south of Times Square, with a feeling of amazed bohemian bliss... Either this is the real world, Tom, or there is no real world.” (in Scura, 207). Mesmo assim, o próprio Wolfe refere, em *The New Journalism*, a sua posição na hierarquia das letras americanas como a de membro dos *lumpenproles*, os jornalistas que escreviam para as

convicção acerca do que é matéria de excelência para o jornalismo perfeito: “(...) every article written would be devoted to discovering and defining some new status.” (*in* Scura, 9). Assim, a escolha de temas afastava-se da notícia consagrada, o acontecimento político, económico, internacional, de relevância, a matéria principal tradicional para o jornalista tratar.

A busca de novas definições de status, a transformação dessas manifestações em artigos que as dessem a conhecer eram, deste modo, a matéria-prima que Wolfe queria tratar por escrito, de forma que era tão radicalmente diferente do pré-estabelecido como também era o seu conteúdo:

Put more precisely: “Whereas routing journalism focuses on the object of perception, ‘the fact’, New Journalism describes the ‘world view’ which constitutes the facts. The reports focus not only on the signs and symbols which reveal reality but also on the communication codes which organize those signs and symbols. (Connery, 257)

Voltando aos conceitos de Riffaterre, os textos de Wolfe actualizavam o sociolecto de uma forma muito própria num idiolecto que assim tentava reconstruir a forma como a sociedade organiza e alegoriza o consenso sobre si própria, partilhado pelos seus membros.

Os *New Journalists* preconizavam a abordagem de temas diferentes e Wolfe acompanha essa tendência fazendo a descoberta de estilos de escrita como o de Gay Talese. “Like a Novel” é o título que Wolfe dá à segunda parte da introdução da colectânea *New Journalism* e prossegue com a expressão “What inna namea christ is this”, que supostamente terá exclamado quando leu o artigo de Talese “Joe Louis: the King as a Middle-Aged Man”, publicado no Outono de 1962 pela revista *Esquire*. O artigo, acerca de um pugilista famoso, mas já de meia-idade, foi escrito de forma completamente inesperada e que, por isso, levantaria – como muito do *New Journalism* – suspeitas acerca da veracidade dos factos: “Really stylish reporting was something no one knew how to deal with, since no one was used to thinking of reporting as having an aesthetic dimension.” (Wolfe, 11). Ressalvando o exagero que Wolfe demonstra com esta última afirmação (tendo em vista outras experiências continuadas anteriores na área do jornalismo literário), poderemos contudo dizer que, nesta época, o interesse prestado à forma, e à sua articulação com o conteúdo, seria consequência de factores, esses sim, reunidos somente nesta década: tradição anterior de jornalismo literário, época de grande prosperidade económica que leva a disponibilidade financeira dos

jornais e à maior educação acadêmica do público e, finalmente, concorrência da televisão como veículo de transmissão de notícias, forçando os jornais a procurarem outros caminhos.

Wolfe escreve em *The New Journalism*:

Most non-fiction writers, without knowing it, wrote in a century-old British tradition in which it was understood that the narrator shall have a calm, cultivated and, in fact, genteel voice. (...) So... I decided I would rather talk in Ingle Hollow accents myself, since that seemed to go over all right. There is no law that says that the narrator has to speak in beige or even New York journalese. (Wolfe, 18)

Wolfe lança assim a primeira regra que observou na escrita da época: o narrador participante, “in order to create the illusion of seeing the action through the eyes of someone who was actually on the scene and involved in it, rather than a beige narrator.” (*id.*, *ibid*). Esse narrador poderia mudar à medida que a história avançava e a focalização, conseqüentemente, também poderia alterar-se.

Para que esta primeira regra pudesse cumprir-se, o investimento do jornalista teria que ser total, cumprindo-se assim a segunda regra, a imersão completa no assunto, durante o tempo que para tal fosse necessário: “They developed the habit of staying with the people they were writing about for days at a time, weeks in some cases.” (*ibid*, 21). Anos mais tarde, no artigo que escreveu para a *Harper's* “Stalking the Billion-Footed Beast” e que seria depois utilizado como introdução para *The Bonfire of the Vanities*, Wolfe continuava a insistir na mesma necessidade de recolha de detalhe: “It is not merely that reporting is useful in gathering the *petits faits vrais* that create verisimilitude and make a novel gripping or absorbing, although that side of the enterprise is worth paying attention to.” (Wolfe, e, xxvi).

Esse tipo de imersão permitia o cumprimento da terceira regra, o registo de todos os pormenores que, frequentemente, eram deixados de lado por não serem considerados importantes. O *New Journalist* tentava não descartar pormenores, para que o receptor não obtivesse imagens demasiadamente parcelares de algo que, por ser revelador de um novo status, não era facilmente reconhecível e que assim resistia a catalogações prévias. Wolfe, no artigo acima mencionado, discorda da formulação de Lionel Trilling acerca da inutilidade do romance realista no século XX, pois ele era baseado em “class traits modified by personality” (*ibid*, xviii). Wolfe realça que seria apenas necessário alterar a formulação substituindo *class* por *status*, o que a manteria válida. Assim, inicialmente

com as suas obras não-ficcionais e ulteriormente com as obras de ficção, Wolfe não estaria a fazer mais do que apresentar imagens das manifestações individuais dos traços distintivos de grupos de pessoas, que se agrupariam não em termos de classe social, mas sim de status, o que será óbvio em textos como “Girl of The Year”.

O registo sistemático de pormenores permitia a quarta técnica essencial a este tipo de jornalismo: a construção do texto pela apresentação de diversas cenas dialogadas, através das quais a história se desenrola e constrói.

Segundo Richard Kallan esclarece, o jornalismo de Wolfe é nortado por um dos conceitos devidamente desenvolvidos por Walter Lippmann na sua obra *Public Opinion* e aqui lembrado por Connery que contrasta os dois autores:

“The function of news is to signalize a event, the function of truth is to bring to light the hidden facts, to set them into relation with each other, and make a picture of reality on which men can act” (1965, 226). While Lippmann, however, believed that journalists should focus on delivering accurate news, Wolfe’s major concern was portraying the truth. (Connery, 257, n)

Wolfe pretendia, de facto, retratar a verdade, na medida em que ela poderia fornecer uma imagem, um mapa da realidade que, em especial em tempo de mudança, como era a época, permitisse traçar caminhos no emaranhado panorama social existente. “I really don’t think it’s possible to understand the individual without understanding the society” (quoted in “Master of His Universe”, 1989, 92)”. (*ibid.*, 257). Os textos de Wolfe mesmo quando aparentemente centrados sobre um indivíduo, como é o caso de “Girl of the Year”, são sempre sobre a sociedade em que o indivíduo está inserido. O poder do colectivo sobrepõe-se constantemente ao individual.

2. Ambiente Social

In New York, styles and manners were changing faster than anyone could record them.

Toby Thompson

John Jeffries escreveu, em 1978, que um das principais preocupações dos anos de 1960 nos Estados Unidos foi a busca de um objectivo nacional: “And while the ‘quest for national purpose’ was begun and conducted primarily by the press and by politicians, it expressed and magnified a general American disquiet about the course of the Cold War and the character of the consumer culture.” (Jeffries, 451). O país inteiro interrogava-se sobre muitos aspectos do estilo de vida americano que, enquanto assegurava um nível de vida bom a um número cada vez maior de cidadãos, também propiciava razões para diversas interrogações acerca de assuntos internacionais ou sobre os desenvolvimentos da sociedade de consumo.

Nova Iorque foi, desde o pós-guerra até ao início da década de 1970, uma cidade com características que a autora Selma Berrol resume na designação de *Bright City, Dark City*. As oposições da grande cidade foram particularmente visíveis durante este período devido a mudanças radicais a nível da actividade laboral, organização e distribuição habitacional e educacional, ambiente humano e administração da cidade.

O período do pós-guerra originou um aumento da capacidade económica de muitos nova-iorquinos, devida aos salários elevados e abundância de trabalho durante o período bélico, e às *GI Bills* que proporcionaram possibilidades acrescidas de educação bem como consequente mobilidade social para os soldados desmobilizados. A este acréscimo de rendimentos para sectores da população com formação diferenciada corresponde, porém, situação inversa para outros sectores menos especializados: a oferta de trabalho no sector de serviços cresce, assim, na proporção inversa à da oferta de trabalho na área de manufactura industrial.

The industrial sector was still an effective economic machine as late as 1963, when 33 000 manufacturing establishments employed 927 000 workers and the city’s clothing workers created 28 per cent of the apparel worn in the United States. At the same time, however, the number of law, accounting, advertising, and financial firms was growing faster than the city’s factories. (127, Berrol)

Em 1964, quando “Girl of the Year” é escrito e publicado, o movimento de saída da indústria de Nova Iorque era crescente e, conseqüentemente, a oferta de trabalho industrial e não especializado diminuía, enquanto a procura de trabalhadores mais diferenciados para a área de serviços aumentava.

Simultaneamente, o movimento (quase fuga) de largos sectores da população para as áreas habitacionais suburbanas, iniciado décadas antes com as facilidades de transportes, cresce exponencialmente atraindo para fora da cidade muitos nova-iorquinos de classe média, deixando assim mais zonas urbanas para minorias étnicas e de imigrantes (Porto-Riquenhos, Asiáticos, imigrantes das Caraíbas) e migrantes do sul dos Estados Unidos. As leis de imigração, que mudariam mais radicalmente somente em 1965, iam, contudo, permitindo mais entradas de imigrantes do que antes da guerra, obedecendo a preferência familiar ou admitindo aqueles que tinham competências específicas e procuradas. A variedade étnica de tais imigrantes era por vezes mal recebida e as dificuldades de adaptação, especialmente da segunda geração, causaram mal-estar em diversas áreas da cidade, promovendo um acréscimo da retirada da população branca para áreas da periferia da cidade.

Este movimento humano e a simultânea diminuição de actividade industrial começaram a causar, em particular a partir da década de 1960, um decréscimo nas receitas das taxas e impostos pagos pelos habitantes da cidade. Residentes de maior capacidade económica deixam a cidade devido a diversas razões, que - “caused almost a million and a half people, mostly middle class, to leave New York City for a house outside of the city between 1945 and 1970.” (Berroll, 131). Esses motivos relacionaram-se com procura de habitação mais espaçosa para as famílias numerosas do tempo do *baby boom*, que simultaneamente procuravam escolas melhores para os seus filhos, de preferência em áreas mais homogéneas etnicamente.

Parte importante dos habitantes que permaneciam em Nova Iorque, além de pagar menos em termos de contribuições para o município, recebia mais prestações sociais. Berroll refere, aliás:

In addition, the disclosure that in the early 1960’s blacks comprised 13% of the city population but received 45 percent of the welfare payments created considerable ill will among the white majority, who also resented the fact that Puerto Ricans (8 percent of the population) received 30 percent of the public assistance payments. (140, Berroll)

Os Estados Unidos estavam ainda em plena reacção, em 1964, à publicação feita dois anos antes da obra *The Other America* de Michael Harrington em que o autor refere a existência de 40 a 50 milhões de Americanos a viverem abaixo do limiar da pobreza, mesmo em tempos de prosperidade. Lyndon Johnson proclamou aliás, em Maio de 1964, os seus planos para a *Great Society* onde finalmente houvesse “abundance and liberty for all. The Great Society demands an end to poverty and racial injustice, to which we are fully committed in our time.” (in Tindall, 899).

Apesar dos movimentos de abandono por alguma população, a cidade de Nova Iorque tinha 7 781 984 habitantes em 1960, comparados com 7 454 995 em 1940⁴¹. A perda para os subúrbios tinha sido, em grande medida, compensada pela imigração no pós-guerra. Além dos europeus que fugiam do seu continente devastado pela guerra, chegavam os Porto-Riquenhos e os Africano-Americanos provenientes do sul do país: “Four years later [1964], a school census showed that children from these two groups [African-Americans and Puerto-Ricans] constituted the most rapidly growing portion of the city’s school population.” (Berroll, 132).

Os alunos que frequentavam as escolas de muitas áreas da cidade passam a ser de origem estrangeira, não falante de inglês e de origens étnicas diversas. A qualidade de ensino sofre, por um desajuste óbvio entre a organização baseada em modelos pedagógicos e linguísticos inadequados, e as necessidades e características dos estudantes. As novas gerações sofrem assim os resultados de uma educação deficiente, no momento em que uma formação académica mais cuidada era essencial para competir num mercado de trabalho exigente em termos de qualificações. Barreiras linguísticas impediam comunicação eficiente entre professores e educandos; diferenças culturais importantes, entre as diversas comunidades imigrantes e a cultura dominante transmitida pelas escolas, impediam as mensagens enviadas por cada uma das partes de serem entendidas pelo outro parceiro do processo educativo; a própria qualidade das escolas ou dos seus docentes, conforme a sua localização, originava que, em lugares mais complexos em termos de necessidades educativas, se encontrassem corpos docentes menos adequados a essa exigência. Desta situação resultou um grande número de adolescentes mal preparados para as tarefas mais especializadas, que eram as mais frequentemente oferecidas pelas actividades económicas cidadinas.

⁴¹ Dados do *US Census Bureau*, disponíveis em <http://www.infoplease.com/ipa/A0922422.html> (acessível em 21 de Setembro de 2004)

Esta não era porém a imagem total do estado da juventude em Nova Iorque à época. Os *baby boomers* estavam, por aquela altura, a atingir a idade de entrada na universidade e, em resultado de um nível de vida desafogado da população, o número de matrículas nas universidades americanas quadruplicou entre 1945 e 1970 (Tindall, 915). No início desta década os movimentos mais radicais e violentos que iriam agitar a segunda metade dos anos de 1960 ainda não estavam completamente definidos, mas algum desconforto com uma cultura dominante pouco atraente era notório em parte da juventude universitária.

Nova Iorque era então – como ainda é agora – uma cidade com uma elevada percentagem de habitantes jovem. Este factor, conjugado com outros, é referenciado por John Pauly como sendo um dos que podem explicar o aparecimento de um tipo de jornalismo que se diferenciava do que tinha existido até então:

My account of the New Journalism as a politics of cultural style will stress its character as a *social act* that was conducted in particular *venues* and that elicited *commentaries* that symbolically positioned opposing groups. (...) Just as a generation of Muckrakers had promoted the politics of managerial professionalism during the Progressive Era, so did New Journalists promote the politics of youth. (...) The New Journalism was a literary movement rooted in generational conflict. (Sims, b, 116)

Pauly detecta no *New Journalism* os traços de anti-conformismo e conflito entre gerações que existiam, a muitos níveis, numa sociedade em mudança. Este tipo de jornalismo era um acto com significado social, que alguns jornais possibilitaram e que originaram comentários no âmbito do meio jornalístico e não só. Quando Wolfe publica em 1965 a colectânea de artigos *The Kandy-Kolored...* sugere na introdução a existência de um tipo de jornais que ele apelida de *totem newspapers*, e que teriam as seguintes características: “A totem newspaper is the kind people don’t really buy to read but just to have, physically, because they know it supports their own outlook on life.” (Wolfe, a, xi). Anos mais tarde, Wendy Griswold vai referir a importância simbólica do que se lê, no seu artigo, “The Ideas of the Reading Class”: “In a reading culture, what one reads becomes a useful form of stratification and social signaling.” (Griswold, e, 4).

A utilização do termo *totem* por Wolfe para qualificar os jornais estará certamente relacionada com o conceito de totemismo vindo da antropologia, estudado por cientistas como Franz Boas. Este autor refere a dado passo da obra *Race, Language and Culture*, no artigo de 1916, “The Origin of Totemism”:

Common to totemism in the narrower sense of the term is the view that sections of a tribal unit composed of relatives or supposed relatives possess each certain definite customs which differ in content from those of other similar sections of the same tribal unit, but agree with them in form or pattern. These customs may refer to taboos, naming, symbols, or religious practices of various kinds, and are in their special forms quite distinctive for different totemic areas. (Boas, 318)

O conceito de totem e totemismo surgiu nos Estados Unidos e, foi referido pela primeira vez em 1791, num livro publicado em Inglaterra, *Voyages and Travels of an Indian Interpreter*, cujo autor, J. Long era um intérprete junto de tribos de Nativo-Americanos. De facto, a palavra (*nindoodem – my totem*) tem origem na língua utilizada pelos Ojibwe, uma tribo Algonkin, e foi generalizado para designar, “L’espèce de choses qui sert a designer collectivement le clan s’appelle son totem.” (Durkheim, 143). Parece adequado que um doutorado em Estudos Americanos, como Wolfe, utilizasse, para nomear um tipo de jornais a que atribuía um valor ritualístico de pertença, uma designação que tinha uma origem verdadeiramente americana. Contudo, a sua manifestação foi, em termos académicos e de investigação, generalizada para outras zonas geográficas, como, por exemplo, a Austrália, estudada por Durkheim na obra, *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse. Le Système Totémique en Australie*, de onde retiramos a citação acima. O periódico revestir-se-ia, assim, do papel de manifestação exterior de pertença a um grupo. Estes *totem newspapers* publicariam um tipo de jornalismo que apoiava um estado de coisas e um conjunto de valores dominante que abrangia os seus leitores, enquanto o *New Journalism* (à época, sem ainda ter assumido este nome) tinha outros objectivos, constituía um acto social de outro tipo, que não o de confirmação ritual e era publicado por outros meios. O público, que era simultaneamente tema e receptor deste tipo de jornalismo, era diferente daquele que ostentava o ‘totem’ que simbolizava um determinado conjunto de valores estabelecidos. Wolfe acrescenta na introdução acima mencionada:

People have been looking at the new money since the war in economic terms only. Nobody will even take a look at our incredible new pastimes (...) “The educated classes” in this country, as in every country, the people who grow up to control visual and printed communication media, are all plugged into what is, when one gets down to it, an ancient aristocratic aesthetic. (...) Yet all these rancid people are creating new styles all the time and changing the life of the whole country in ways that nobody even seems to bother to record, much less analyze. (Wolfe, a, xv)

No caso de Wolfe, o facto de trabalhar para o *Herald Tribune* proporciona-lhe a possibilidade de escrever de maneira diferente: “(...) I was working for the *Herald Tribune*, and the *Herald Tribune* was the only experimental paper in town, breaking out of the totem formula.” (Wolfe, a, xii). A preocupação do autor, de registar e analisar os novos estilos de vida que os Americanos de então criavam, obedecendo a conceitos estéticos e valores diferentes, denota claramente a sua formação académica na área dos Estudos Americanos, o campo científico que se propõe também essa tarefa. Wolfe abandonava, para efeitos de estudo da realidade social, a extensão a este âmbito da noção de cânone, tal como ela era ditada pela literatura. A *ancient aristocratic aesthetic*, desde o século XIX e do ulterior estabelecimento de uma literatura americana canónica, estipulava o que deveria distinguir a obra que pertencia à elite, da obra que pertencia a uma categoria vulgar (Borneman, 664). Os mesmos traços distintivos seriam extensivos a outros objectos culturais, como os desportos ou passatempos, sendo estes também classificados entre elitistas ou vulgares. O acto social de Wolfe e de muitos contemporâneos constituía a transgressão dupla de escrever numa forma não consagrada, sobre assuntos emergentes, devido a alterações sociais importantes que não estariam a ser registados de outras formas.

Tal como John Pauly menciona acima, os actos sociais de escrita são possibilitados por determinados locais. Wolfe exalta a abertura de um jornal (de méritos estabelecidos) – o *Herald Tribune* – em particular, e Pauly refere como a cidade de Nova Iorque acolheu o fenómeno e as razões desse acolhimento. No artigo citado acima escreve este autor:

From the start, the new nonfiction was predominantly a New York phenomenon (as indeed the entire history of literary nonfiction has been to some degree). In effect, the canonization of New Journalism tells once more the story of New York as the hub of the national culture industry and Mecca for ambitious writers. Markets elsewhere in the country have rarely been able to afford the financial extravagance of immersion reporting. (Sims, b, 120)

A questão do tempo dedicado à escrita de um artigo e o custo que isso poderia implicar para um jornal é fulcral: *immersion reporting* é um tipo de jornalismo caro, que envolve dedicação e tempo para um só artigo. A revista *New York* do *Herald Tribune* tinha dois repórteres efectivos – Tom Wolfe e Jimmy Breslin – que, a partir de 1962, dedicaram muito do seu tempo e talento a este suplemento dominical do jornal. Com prazos menos apertados do que os exigidos para o jornal diário, Wolfe escreve para esta revista e também para *Esquire*, *Harper's Bazaar* e *Confidential*, os artigos que serão

ulteriormente reunidos em *The Kandy-Kolored...* A riqueza da cidade, que continuava a atrair mais cidadãos, permitia também que os repórteres da metrópole se pudessem debruçar sobre o que de novo nela surgia. Tal como Wolfe tinha escrito na introdução a *The Kandy-Kolored...*: “Practically every style recorded in art history is the result of the same thing – a lot of attention to form, plus the money to make monuments to it.” (Wolfe, a, xiv)

Naturalmente, este tipo de escrita cria apoiantes, mas também detractores, e o desacordo entre ambos os campos acentua-se, quando Wolfe decide escrever um ataque demolidor à revista tão referida no capítulo anterior, *The New Yorker*, o veículo inicial de publicação de “Lady Olga” de Joseph Mitchell. Wolfe escreveu e publicou em 11 e 18 de Abril de 1965, na revista *New York*, um artigo em duas partes intituladas “Tiny Mummies! The True Story of the Ruler of 43d Street’s Land of the Walking Dead!” e “Lost in the Whicky Thickets: *The New Yorker*”⁴², um ataque directo ao editor, William Shawn, e à publicação que ele dirigia, *The New Yorker*, que causou uma clivagem com os jornalistas que publicavam nesta, e desde há longo tempo, artigos que, afinal, partilhavam de muitas das características dos escritos pelos *New Journalists*.

“Tiny Mummies”, escrito em tom satírico, é desvalorizado pelo próprio Wolfe oito anos mais tarde, na introdução do volume *New Journalism* (“A very droll sportif performance” (Wolfe, 24). O artigo visava aqueles jornalistas que apelidavam o novo tipo de escrita que ele e outros (Breslin, Talese, Schaap) praticavam, de “bastard form” e “parajournalism” (esta última por Dwight MacDonald, referido aliás no artigo de Wolfe). As consequências dos escritos no meio jornalístico nova-iorquino não foram porém tão irrelevantes como Wolfe opinava, e a deselegância do ataque a um editor respeitado foi registada por diversos membros da comunidade jornalística e criativa.

Wolfe relata na introdução a *New Journalism* a forma como se apercebeu do tipo de escrita que jornalistas como Jimmy Breslin praticavam em 1962:

Well – all right! Say what you will! There it was, a short story, complete with symbolism, in fact, and yet true-life, as they say, about something that happened today, and you could pick it up on the newsstand by 11 tonight for a dime... Breslin’s work stirred up certain vague resentment among both journalists and literati during the first year or two of his column – vague, because they never fully understood what he was doing ... only that in some vile Low-Rent way the man’s output was literary. (Wolfe, 13/14)

⁴² Publicado, recentemente (2000), de novo, na colectânea, *Hooking Up*. O autor aparenta, com esta publicação, pretender restabelecer encarar os artigos mordazes escritos em 1965 de uma forma mais distanciada no tempo.

Contrapondo uma das expressões que lhe eram mais queridas, *Low Rent*, Wolfe descreve a forma revolucionária que o jornalismo literário assumia à época. O autor coloca-se na esteira de uma série de jornalistas que pretendiam inovar numa área de confluência desta área com a literatura.

Entretanto, a cidade vibra, como sempre, com uma vida cultural intensa. A actividade artística de *avant-garde* tinha muitos nomes na época e, um deles irá dar origem a alguma da fama da figura central de “Girl of the Year”, ao mostrá-la nos seus filmes de teor experimental – Andy Warhol. Warhol distingue-se não só nas artes plásticas, mas também na sétima arte, e Jane Holzer participa em diversos filmes ao longo das décadas de 1960 e 1970. A actriz/modelo transformava-se assim numa das estrelas da *Factory* de Warhol, logo em 1964, com a participação no filme *Soap Opera*. O mundo da cultura *pop* incorpora as mais variadas influências, provenientes de todos os sectores sociais, de todas as artes, de todas as actividades.

“The sixties were a period when fictionists seemed to have abandoned the city as a subject” reflects Wolfe. “Nonfiction writers had a field day”. In New York, styles and manners were changing faster than anyone could record them. The Social Register and Four Hundred crowd joined the rabble (...) The new café society, or “pop society” as Wolfe preferred to call it, were “made of people whose status rests not on property and ancestry but on various brilliant ephemera”. It accepted Wolfe, the southern émigré, as its chronicler. (Scura, 209)

Mrs. Holzer, que apesar do acima dito, tinha o seu próprio status fundado em “property”, (própria e do marido abastado) torna-se uma figura conhecida do público pela associação da sua pessoa a fotografias na *Vogue*, a participação em filmes de Warhol ou em festas, como a dada em honra dos Rolling Stones. A publicação das suas fotografias na revista *Vogue* leva a revista *New York* do *International Herald Tribune* a interessar-se por ela e, a encarregar o seu jornalista, Tom Wolfe, da missão de escrever um artigo sobre a mulher que foi considerada, *The Girl of the Year*.

3. Receptor

Em 1968, Tom Wolfe foi entrevistado por Lawrence Dietz à altura da publicação de *The Pump House Gang* e *The Electric Kool-Aid Acid Test*. Numa das respostas, o autor refere a sua opinião sobre aquilo que grande parte da população americana sentia e procurava na altura:

There's a kind of curious atmosphere developing in which I think people are, in some weird way, beginning to realize that they really aren't needed in the work force in the old way. (...) Everybody's beginning to try and discover what I call The Real Me. (Scura, 19)

Exemplificou ainda mais abaixo que, ao conversar com um polícia de trânsito na Califórnia, tinha descoberto que o verdadeiro interesse que este homem tinha na vida, era a sua colecção de relógios, que reunia e reparava com paixão. Wolfe opõe esta situação de desfasamento entre os reais interesses e o modo de vida dos indivíduos, à condição que era registada no século XIX americano, quando a contribuição de cada um para o desenvolvimento de uma comunidade era de tal forma abrangente e vital, que a perda de um elemento era quase irreparável. Esta situação de dualidade individual conduzirá à formulação de uma das expressões de Wolfe a que o público mais aderiu que foi a da “Me-decade”, os anos de 1970. Wolfe compreendia que escrevia para uma audiência absorvida com problemas individuais de realização, que se exprimiam em crises de identidade. Esses problemas levavam, segundo Wolfe, a buscas de solução em opções pouco ortodoxas de vida para a sociedade estabelecida: tornar-se membro de um *gang*, ou *hippie* ou abraçar o ideário da *New Left*. O autor escreve que a imagem, que restaria no futuro da América sua contemporânea, seria a seguinte:

The old community idea was that everybody had his rank in the community and people would act this out in various ways (...) Well, a lot of the people outside New York found out that they could form their own little status groups, set their own rules, like surfers (...) They just sort of live in terms of rules that they set up. (Scura, 22)

A década de 1960 assistiu a uma importância crescente dos indivíduos como força económica e social, da busca pessoal de objectivos que poderiam diferir dos colectivos. A provisão garantida das necessidades mais essenciais leva muitos Americanos a uma busca de outras razões para a sua existência. É importante recordar que o PIB

americano duplica entre 1960 e 1970 de 526,6 para 1035,6 bilhões de dólares, o que corresponde a um crescimento anual de cerca de 10%⁴³, crescimento que seria mantido na década seguinte com a consequente subida do nível de vida de grande parte da população.

“Wolfe flung this pastiche at a baby-boom readership raised on television and Top 40 radio, the best-educated generation in the history of the world.” (Scura, 209). O receptor-tipo inicial do jornalismo literário de Wolfe pertence a esta geração americana que vive em desafogo económico, entre os quais alguns liam o *Herald Tribune* e a sua revista *New York*.

A circulação relativamente pequena deste jornal não impediu as obras de Wolfe de rapidamente se tornarem acessíveis a um número muito superior de leitores: a publicação das colectâneas, *Kandy-Kolored Tangerine-Flake Streamline Baby* (1965), *The Electric Kool-Aid Acid Test* (1968), *The Pump House Gang* (simultaneamente com o anterior) e *Radical Chic and Mau-Mauing the Flak Catchers* (1970), redundou em enormes êxitos de vendas, com edições sucessivas de obras que versavam novos e diferentes estilos de vida: a primeira, sobre as novas tendências culturais e os seus ‘apóstolos’; a segunda, sobre o grupo chefiado por um guru, Ken Kesey, que procura novos horizontes, viajando pelos Estados Unidos e utilizando drogas como o LSD para os atingir; a terceira, descrevendo diferentes tipos de pessoas – como *surfers* na Califórnia, para quem Wolfe prevê um futuro pouco radioso, Hugh Hefner e, curiosamente, o estudioso dos *media* Marshall McLuhan; a quarta, criticando o chique radical de grupos selectos, de Nova Iorque (entre os quais, se encontrava, por exemplo, Leonard Bernstein) que apadrinham os *Black Panthers* e o seu movimento, e de São Francisco que pretendem manter-se na vanguarda dos movimentos sociais.

A publicação muito próxima no tempo, em diferentes meios, leva-nos a registar e caracterizar dois grandes grupos de receptores contemporâneos da obra de Wolfe: 1) Leitores de revistas, como *New York*, o suplemento dominical do *New York Herald Tribune*; e, 2) Leitores das colectâneas de textos anteriormente publicados em periódicos.

1)

- Leitores nova-iorquinos de revistas, algumas dominicais de jornais;

⁴³ Fonte: <http://www.census.gov/prod/99pubs/99statab/sec14.pdf>, acessível em 27 de Setembro de 2004.

- Apreciadores de uma publicação, a revista *New York*, que contava à época com dois jornalistas residentes, Jimmy Breslin e Tom Wolfe;

2)

- Leitores de *nonfiction*;
- Consumidores de livros.

Acerca do público leitor do *Herald Tribune* pode configurar-se um perfil aproximado baseado em informações como, por exemplo, a que é dada por Richard Kluger na obra *The Paper. The Life and Death of the New York Herald Tribune*: “The *Tribune*’s enduring strength with purveyors to the carriage trade was in part attributable to the financial condition of its readership; among all New York newspapers, it had the highest percentage of customer families with an annual income of more than \$10,000.” (Kluger, 622). Nos últimos anos da sua existência, o *Herald Tribune* tinha metade da circulação diária do *New York Times* durante a semana e um terço ao domingo. O penúltimo editor, John Denson conseguiu que a barreira dos 400 000 jornais diários fosse quebrada e, segundo Kluger:

By the fall, as Denson began to extend the front-page innovations to the inside of the paper, circulation was the highest it had ever been without the aid of contests. For the first week in October [1962], sales of the daily were averaging above, 400,000, well ahead of the *Post*, and according to fresh research data, the paper was attracting new customers where it had been most badly lagging – in the city, especially among Jewish readers. (*ibid*, 640)

Assim, o público do *Tribune* era um público com capacidade económica acima da média, na sua maioria, e a audiência estava a ser alargada a novos grupos de leitores. O público-alvo era algo semelhante ao do *New York Times*, que porém o *Herald Tribune* nunca conseguiu suplantar, como principal jornal de referência. John Denson imprimiu-lhe um estilo que lhe permitia distinguir-se do seu principal opositor e, por isso mesmo, possibilitou e fomentou experiências no âmbito do jornalismo.

Wolfe tem enunciado em variados textos e entrevistas alguns conceitos próprios que esclarecem escolhas temáticas e estratégias de escrita. Na introdução à colectânea *The Kandy-Kolored...* expõe o já mencionado conceito de *totem journalism*, afirmando a dado passo que jornais incluídos nessa categoria não necessitavam sequer de ser lidos para cumprirem a missão principal que desempenhavam, que seria a de afirmação de

pertença a um grupo. Descontando o eventual exagero wolfiano de que os leitores *não* lêem o jornal que compram, não se pode deixar de concordar com o valor simbólico que muitos jornais ou publicações têm para os seus leitores. Bastará para tal invocar o que atrás foi dito no capítulo 2 em relação à importância que teve, e de certo modo ainda tem o *Jewish Daily Forward* para a comunidade judia americana, e os testemunhos do conjunto dos leitores da revista *The New Yorker*, referidos no capítulo 3. Os leitores do *Herald Tribune* e da sua revista de domingo, dos anos de 1960, optavam por um modelo jornalístico diferente dos dominantes para a época em Nova Iorque. Jim Bellows, o editor de *New York*, refere na obra autobiográfica publicada em 2002:

I had set out to redesign the Sunday edition of the *New York Herald Tribune* for its publisher, John Hay "Jock" Whitney. Jock had made me editor of the paper and I was trying to create a lively alternative to *The New York Times*, New York's venerable newspaper of record. "Who says a good newspaper has to be dull?" we used to ask in our ads.⁴⁴

Os dois jornalistas que assumem a tarefa de escrever artigos não ‘monótonos’ são Jimmy Breslin e Wolfe. O sucesso é grande e acarreta a publicação em forma de colectânea dos artigos deste último. Quanto à recepção crítica dessas antologias poderemos citar McKeen: “Critical reaction to Wolfe’s first book was largely favorable, but a division was apparent: some reviewers deeply admired the book, others found it immature and incomprehensible.” (McKeen, 34). A reacção do público foi boa, na medida em que, por exemplo, *The Kandy-Kolored* foi reeditado quatro vezes no espaço de um mês. Os artigos compilados apelavam a um tipo de receptor aberto às inovações do autor. Wolfe é procurado como prelector em inúmeras conferências para que foi convidado a partir da publicação desse primeiro volume, tal como tantos outros antes e depois dele. Anos mais tarde, em 1979, Wolfe publica *The Right Stuff* sobre a aventura dos astronautas americanos e, numa entrevista que Chet Flippo fez ao autor, na ocasião, para a *Rolling Stone*, o entrevistador acrescenta algumas ideias sobre o que se tinha passado anos antes, quando os outros livros de Wolfe tinham sido publicados durante a década de 1960. “(...) it no longer took generations for change to take place – after the war, the sudden injection of money into every level of American society had

⁴⁴ Excerto de Jim Bellows, *The Last Editor*, disponível em: <http://www.cnn.com/2002/SHOWBIZ/books/04/16/excerpt.bellows.2/>, acessível em 29 de Setembro de 2004

cancelled all bets and called off all games.” (Scura, 133). Mais do que nunca, existia um público aberto a novas experiências, também no mundo da escrita, e que recebia carinhosamente os textos de uma figura algo incongruente entre a sua postura como homem, cavalheiro do sul dos Estados Unidos e a inovação provocatória da sua escrita. Richard Kallan, no artigo que elaborou para a obra *A Sourcebook of American Literary Journalism* acerca de Tom Wolfe, relembra a afirmação deste na introdução ao volume *The New Journalism*, que o próprio autor editou:

Part of Wolfe’s motivation was to garner a readership he was otherwise unsure of securing. The problem, Wolfe wrote in *The New Journalism*, was simply that “most non-fiction writers, without knowing it, wrote in a century-old British tradition in which it was understood that the narrator shall assume a calm, cultivated and, in fact, genteel voice” (Connery, 249)

Wolfe quer abranger com o seu texto acerca de alteridade, *outra* audiência, uma *readership* que não corresponda à voz normalizada por regras que não foram estabelecidas no próprio país mas importadas de um outro, onde foram estabelecidas por, e para, uma fatia da população, que teria sido a mais letrada em tempos, mas que já não constituía o público maioritário em 1964. O autor de *Kandy Kololed ...* pretende escrever para uma audiência que não tem que seguir modelos que lhe são impostos por uma classe titular do bom gosto literário, do melhor que se fez e escreveu, renunciando assim as tendências pós-modernistas. A multiplicidade de vozes cada vez se impunha mais nos últimos anos, tanto a nível da literatura como agora, também do jornalismo e, neste caso, jornalismo literário.

Weber escreve acerca da audiência deste autor à sua época de *New Journalist*: “The mass audience it [New Journalism] seeks is not the old middlebrow audience but the large and growing liberally-educated population that has been through the required surveys of literature yet holds fast to the national fascination with fact.”(Weber, 24). Este era um público que, passada a necessidade sentida décadas antes de definir o que era a literatura americana, no momento em que já se verificava a existência de um cânon, podia dar-se a liberdade de o questionar, de o por em dúvida, ao aceitar ler e reflectir sobre uma obra que não era obviamente parte desse conjunto. Era, porém, parte do corpo de escrita que enriquece o debate político, sendo o conceito de política o que John Pauly enuncia da seguinte forma:

Rather I mean politics as that realm of symbolic confrontation in which groups of citizens organize, enact, and negotiate their relationships with one another.

Through activities like writing, publishing and reading, groups come to imagine one another and thus to constitute the very forms of public life. (*in* Sims, b, 111)

Era esta interacção entre os dois agentes constituintes do objecto cultural, o criador e o receptor que iria criar mais este texto que abordaremos a seguir.

4. Objecto Cultural

O tratamento da alteridade pelos autores nos seus artigos de jornalismo literário varia, conforme temos analisado, em consequência de factores diversos. De um texto muito genérico e mesmo didáctico de Cahan sobre os novos judeus americanos, passamos por um outro, “Lady Olga”, que é um “Perfil” da *The New Yorker*, factual, mas sentido, sobre uma alteridade visível, mas independente de qualquer acto de vontade do próprio. O texto em apreço neste capítulo versa uma alteridade construída e assumida, nem de noviço em território americano, nem resultado de acaso da Natureza, de facto encarnada em indivíduo que não pretende ser ‘transparente’.

A “Girl of the Year” do texto de Tom Wolfe tem um referente extra-textual muito óbvio, Jane Holzer, à época uma figura conhecida no meio nova-iorquino, tanto social como artístico: Jane, ao contrário das personagens referidas nos dois artigos analisados em capítulos anteriores, tinha status social elevado e era já uma das actrizes favoritas de Andy Warhol. Se as personagens centrais anteriores eram objecto de interesse dos autores que as referenciaram devido a lacunas, ou diferenças, que as poderiam conotar como *outsiders*, “Baby” Jane era o protótipo de indivíduo *in*, modelar para um grupo particularmente novo e diferente para a época, com traços que lhe acrescentavam valor para esse mesmo agregado.

.

4.1. O Encargo

Pelas razões acima descritas, poderemos constatar que o encargo de Wolfe se desenha de forma algo diferente dos anteriormente analisados. De qualquer forma, como qualquer dos outros, as circunstâncias e constrangimentos ou facilidades sentidos pelo autor enformaram o resultado final.

- **Circunstâncias imediatas** – texto não ficcional, publicado pelo suplemento dominical, *New York* do diário *New York Herald Tribune*. O jornal encarregou Wolfe de escrever um artigo sobre Jane Holzer, aproveitando o momento de popularidade da jovem.
- **Experiência profissional e pessoal do autor** – Jornalista desde 1956: *Springfield Union*, (Mass.), *Washington Post*, *New York Herald Tribune*,

Esquire. Doutoramento em Estudos Americanos com a tese – *The League of American Writers*.

- **Condições locais** – Nova Iorque cresce e renova-se em termos físicos e humanos. A grande cidade é cada vez mais uma sociedade de contrastes e de fugas à norma estabelecida.
- **Meio utilizado e restrições inerentes** – revista dominical, *New York* de um jornal, *New York Herald Tribune*, que Wolfe descreve como fugindo à condição de *totem newspaper*, considerando-o o único jornal experimental publicado na cidade. Desenvolve-se o que Lionel Trilling designou em 1965 de “adversary culture”⁴⁵. Os jornais começam a sentir a concorrência da televisão na transmissão de notícias⁴⁶.
- **Condições estéticas** – meio jornalístico nova-iorquino dividido entre a busca da objectividade defendida por gerações mais velhas e a descrença nesse objectivo das gerações mais novas. Este novo jornalismo opta por ser não só um veículo de notícias, mas também seguir o preceito de que “the form itself is part of the subject of the report.” (Schudson, 187)

“Girl of the Year” foi publicado originalmente pela revista *New York*, o suplemento dominical do jornal *Herald Tribune* de Nova Iorque, em 6 de Dezembro de 1964. No ano seguinte foi incluído no volume *The Kandy-Kolored Tangerine-Flake Streamline Baby*, que reuniu artigos de Tom Wolfe publicados tanto na revista acima mencionada, como nas revistas *Esquire*, *Confidential* e *Harper’s Bazaar*. O artigo em análise neste capítulo foi também incluído na colectânea *The Art of Fact* de Yagoda.

⁴⁵ “Adversary culture” – “From the late eighteenth century on, according to Trilling, literature in the West has had the “clear purpose of detaching the reader from the habits of thought and feeling that the larger culture imposes, of giving him a ground and a vantage point from which to judge and condemn, and perhaps revise, the culture that produced him.” (Schudson, 177)

⁴⁶ “In 1963, the same year in which the network evening news changed from a fifteen-minute to a half-hour format, the Roper survey of public attitudes toward television found for the first time that more people listed television as a chief source of news than newspapers.” (Schudson, 182)

4.1.1. Sinopse

New York's "Girl of the Year" – Baby Jane Holzer – is the most incredible socialite in history. Here in this one girl is a living embodiment of almost pure "pop" sensation, a kind of corn-haired essence of the new styles of life. (Wolfe, a, xv)



Ilustração 13– Jane Holzer

Ao ler-se o artigo "Girl of the Year" facilmente se nota desde as primeiras linhas, desde o primeiro parágrafo, que o texto de Wolfe manifesta claramente a importância da forma:

Bangs manes bouffants beehives Beatle caps butter faces brush-on lashes decal eyes puffy sweaters French thrust bras flailing leather blue jeans stretch pants stretch jeans honey-dew bottoms éclair shanks elf boots ballerinas knight slippers, hundreds of them, these flaming little buds, bobbing and screaming, rocketing around inside the Academy of Music Theater underneath that vast old mouldering cherub dome up there-aren't they super-marvelous! (Wolfe, a, 171)

Esta catadupa (ordenada) de palavras introduz um texto sobre a "Girl of the Year", Jane Holzer, o modelo mais *in* de jovem de 1964. Fiel aos seus princípios orientadores,

Wolfe descreve em grande pormenor o que presenciou no concerto dos *Rolling Stones* naquele mês de Outubro em Nova Iorque. A atenção do narrador não incide porém apenas sobre o que se passa no palco mas sobre a audiência e, dentro desta, sobre uma figura que também congrega a atenção dos outros assistentes, Jane Holzer. Jane é descrita pelo narrador em detalhe; este dá pormenores da figura física da jovem e daqueles que a acompanham (Andy Warhol, por exemplo), bem como das actividades que tem desenvolvido. A protagonista do artigo já tinha estado nos bastidores com os *Stones* e Mick Jagger até lhe tinha dito: “Koom on, love, give us a kiss!” (Wolfe, a, 172), frase que a própria refere como sendo da maior importância. A personagem retratada é uma figura que, em termos sociais, se encontra na intersecção de diversos círculos, sendo essa variedade o que a torna tão interessante. Poderemos representar graficamente tal situação da seguinte forma, colocando no círculo central a importância do seu estatuto como “um de nós”:

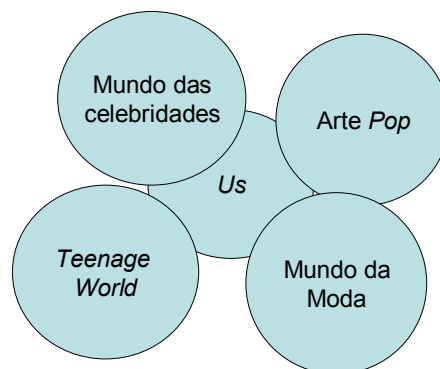


Ilustração 14 – Os ‘nossos’ traços distintivos

A multiplicidade de traços que Jane revela e o valor que cada um deles tem em termos de vantagens posicionais na sociedade em que vive, acrescenta valor à sua conjugação mútua. Mrs. Holzer não só pertencia a um mundo de celebridades mas também a um mundo que era jovem, artístico, estava na moda: era um de “Nós”, como será referido depois no texto. A própria descreve-se como “1964 Jewish” (*ibid.*, 176). O texto

acrescenta: “Once it was power that created high style. But now high styles come from low places, from people who have no power, who slink away from it, in fact, who are marginal, who carve out worlds for themselves in the nether depths, in tainted “undergrounds”. (Wolfe, a, 178). Esta segunda parte do texto constitui uma reflexão sobre o estado da sociedade do momento e serve de plataforma de mudança para a terceira parte que mostrará a personagem em casa.

Jane vive em Park Avenue num apartamento com quadros de Rubens nas paredes e é servida por uma empregada de nome espanhol (Inez, quiçá porto-riquenha?). O conforto e elegância tradicionais da casa formam contraste vivo com a própria imagem da senhora, em versão doméstica, de rolos na cabeça e vestida muito informalmente a receber o repórter. Neste ambiente é dado o seu passado, o trajecto escolar em estabelecimentos de ensino privados e caros (onde ela invariavelmente tinha problemas), o encontro com o marido (rico), o percurso no mundo da moda. Mrs. Holzer reconhece que os princípios que nortearam a geração dos pais já não servem para a sua geração: “Our mothers taught us to be pure and you’ll fall in love and get married and stay in love with one man all your life. O.K. But we know it doesn’t happen (...)” (*ibid.*, 181). O que valia na geração contemporânea era a incerteza do momento.

A parte final do texto descreve a festa em honra dos *Stones* noutra apartamento de Park Avenue, que é também a festa do 24º aniversário de Jane. A festa mais privada que decorre no andar superior do apartamento, é “(...) up here it is like a tableau of ...Us” (*ibid.*, 182). Esta frase estabelece o grupo referência acima referido, um “Us” que inclui os seus membros e exclui outros como qualquer divisão mas que, ao fazer esta selecção, estabelece outros critérios de exclusão que não os definidos pela ordem dominante. Este grupo mais restrito rapidamente se une aos “outros”, que estão no andar de baixo, quando os *Stones* chegam. A noite é longa “Monday papers will record it as the Mods and Rockers Ball, as the Party of the Year (...)” (*ibid.*, 183) e termina na Brasserie - “The Brasserie is the right place, all right. The Brasserie has a great entrance, elevated over the tables like a fashion show almost.” (*ibid.*, 184). Era este o mundo da “Girl of the Year” uma construção anual existente há décadas, para ser mostrada nas *passerelles* e festas; Jane Holzer, entretanto, experimentava e inovava como seria, aliás de esperar naquele ano de 1964, na década de grandes mudanças a todos os níveis.

4.1.2. O Meio

“Who says a good newspaper has to be dull?”

Slogan that became the *Tribune*'s banner of defiance in its long territorial war with the *Times*. (Kluger, 619)

O *New York Herald Tribune*, jornal que publicou “Girl of the Year” no seu suplemento dominical *New York*, existiu com esse nome, continuamente desde 1924 a 1966. O jornal foi o resultado de uma fusão entre dois jornais: o casal Ogden e Helen Reid eram proprietários do *New York Tribune* desde 1912 e em 1924 adquiriram o *New York Herald*, tendo decidido fundir então os dois jornais num novo, o *New York Herald Tribune*. Edwin Emery refere que este jornal foi um concorrente distinto do jornal nova-iorquino de referência, o *New York Times*:

Like the *Times*, the *Herald Tribune* became known for its foreign and Washington correspondence, and for its coverage of cultural news.(...) Consistently conservative in its outlook, the old *Herald Tribune* won wide respect for fairness and for high-quality interpretive writing. (Emery, a, 747/8)

Jornalistas famosos contribuíram com o seu trabalho para o jornal – Mark Sullivan, Joseph Alsop e Geoffrey Parsons. O jornalista Walter Lippmann escreveu regularmente para o *New York Herald Tribune* desde os anos de 1930 até 1960. A partir da década de 30 do século XX, Lippmann teve uma coluna de comentário no *Herald Tribune* “to explain, interpret and voice his opinions about the affairs of Washington and the world.” (Hynds, 79).

A época da Depressão e a década da II Guerra Mundial foram momentos difíceis para a vida de muitos cidadãos americanos mas, por outro lado, momentos de crescimento para o jornalismo. Os anos de 1950 foram época de dificuldades para o jornalismo

americano, especialmente para os grandes jornais metropolitanos; outrossim houve um grande acréscimo na publicação de jornais suburbanos com uma difusão limitada e a concorrência de outros meios, especialmente da televisão, agita o panorama jornalístico, causando fusões e diversas aquisições de jornais.

Quando Wolfe é recrutado pelo jornal, a família dos anteriores donos da publicação já a tinham vendido (em 1958) ao milionário e futuro embaixador dos Estados Unidos no Reino Unido, John Hay Whitney. Whitney assume o controlo directo do jornal em 1960 e nomeia John Denson (vindo da *Newsweek*) como director executivo, cargo em que foi seguido por James G. Bellows. Emery escreve acerca dessa época do jornal: “ (...) the “Trib” still presented some of the best-designed front pages and the most literate writing in American journalism.” (Emery, a, 670). O modelo jornalístico do *Tribune* da época é muito influenciado pelo facto do seu director executivo vir de uma revista, o que leva a que uma estratégia inovadora seja empreendida pela direcção, buscando talvez um modelo de jornalismo escrito que servisse de alternativa à concorrência televisiva ou radiofónica. Os jornais não eram a fonte privilegiada de notícias mas podiam trilhar o caminho da interpretação, já que o do fornecimento de notícias era feito de forma mais imediata pelos outros media.

Até então, este jornal tinha sido reconhecido como um dos mais prestigiados do país. Na edição de *The Press and America* de 1962 (p. 746) o autor Edwin Emery refere três inquéritos efectuados a três grupos diferentes: um primeiro grupo constituído por 335 directores de jornais, um de 311 editores e um terceiro de 125 professores universitários de jornalismo. O *New York Herald Tribune* encontrava-se entre os dez jornais referidos como melhores por dois desses grupos. Aliás, entre os jornais nova-iorquinos encontrava-se em segundo lugar, só precedido pelo *New York Times*. Estes inquéritos foram regularmente feitos pela firma de Edward L. Bernays, “a national prominent public relations counsel” (Hynds, 283) e o inquérito em questão foi levado a cabo em 1961, ou seja, no ano anterior à entrada de Wolfe para o *Tribune*.

Tom Wolfe une assim os seus esforços, aos de todos os que trabalhavam para um jornal prestigiado, que tinha a colaboração de jornalistas tão famosos como o jornal para o qual escreviam. James Bellows, o último director, escreveu nas suas memórias:

After a peripatetic career that took me from Columbus, Georgia, to the *Atlanta Journal*, the *Detroit Free Press* and the *Miami News*, I became the editor of the fabled *New York Herald Tribune*. There, I fought a David-and-Goliath battle with the mighty *New York Times*, one of my many underdog fights. I assembled a newsroom Camelot of writers that included Jimmy Breslin, Tom Wolfe, Dick

Schaap, Gail Sheehy, Art Buchwald, and Evans & Novak; editors like Dick Wald and Clay Felker; veterans like Red Smith and Walter Kerr. (Bellows⁴⁷)

Bellows refere “a newsroom Camelot of writers”: certamente seria esse o espírito que levaria Wolfe a escrever que aquele jornal escapava à qualificação de *totem newspaper*. Wolfe que já trabalhava para outras secções do jornal é recrutado por Bellows para escrever para o suplemento de domingo que, evoluiria mais tarde, depois do desaparecimento do *Tribune*, para uma revista autónoma. O título do suplemento era *New York*.

I had set out to redesign the Sunday edition of the *New York Herald Tribune* for its publisher, John Hay "Jock" Whitney. Jock had made me editor of the paper and I was trying to create a lively alternative to *The New York Times*, New York's venerable newspaper of record. "Who says a good newspaper has to be dull?" we used to ask in our ads.

The centerpiece of our new Sunday edition was a new supplement called *New York*. It turned out to be so successful that it outlived the newspaper as the independent *New York* magazine. It contrasted nicely with *the Sunday Times Magazine*, which in those days was a little dull. *Times* readers were accustomed to spending their weekends with articles like "Brazil: Colossus of the South." Their covers featured pictures of an ox with a Cambodian native behind it pushing a plow. (Bellows⁴⁸)

O excerto acima evidencia a determinação editorial em abandonar temas que considerava aborrecidos em proveito de outros que fossem mais atraentes para o universo de leitores. A noção que Wolfe transmitia na Introdução a *Kandy-Kolored* de que a actividade intelectual e, simultaneamente, o jornalismo estariam a passar ao lado de transformações sociais importantes encontrou eco neste editor que, aliás mais abaixo, manifesta a sua admiração pelo jovem jornalista:

The other star of the *Trib's* new Sunday supplement was a young fellow named Tom Wolfe. Tom had been working as a reporter on the paper, covering hard news for the main sections. I wanted articles that were readable stories, not just news reports. Not every reporter is able to write that way - but God knows, Tom Wolfe could do it. He could take the everyday fact and make you see it anew. He had met all the tests of a daily journalist regarding clarity and speech, but he had gone far beyond that. (Bellows,⁴⁹)

⁴⁷ Jim Bellows, *The Last Editor*, Cnn.Com./Entertainment April 16, 2002, disponível em: <http://www.cnn.com/2002/SHOWBIZ/books/04/16/excerpt.bellows.2/>, acessível em 29 de Setembro de 2004.

⁴⁸ v. nota 47

⁴⁹ v. nota 47

Bellows refere a capacidade de desfamiliarização da realidade demonstrada nos escritos de Wolfe. “He could take the everyday fact and make you see it anew.” Essa capacidade de abordar assuntos, que normalmente não fariam parte dos temas considerados jornalísticos, seria equacionada alguns anos depois do aparecimento do *New Journalism* por Molotch e Lester no artigo, “Generating Newsworthiness: The Interpretive Construction of Public Events”, que versa os media não só como fornecedores de notícias, mas também como veículos de criação de realidade:

Some news stories are generated by assemblers who go out and “dig up” the news. (...) A tenet of the “new journalism” is that such newsmaking is indeed appropriate. This controversy is, in our terms, a conflict over whether or not media personnel can legitimately engage in transparent news promotion, or whether they must continue to appear to be passively reporting that which objectively happens. (Molotch, 109)

Wolfe tinha objectivos claramente enunciados de fazer promoção de notícias, inseridas naquele tipo que ele considerava ser notícia e que a ordem aceite no jornalismo não considerava como tal. A questão da objectividade referida por Molotch era, à época, tal como ainda é agora, um questão primordial em qualquer forma de jornalismo. A objectividade assegurava ao jornalista, de acordo com Gaye Tuchman, que, “deadlines will be met and libel suits avoided” (Tuchman, 664). Outra das qualidades que Bellows refere em Wolfe é a habilidade para encetar uma questão, tal como aquela que foi criada com o seu artigo “Tiny Mummies” acerca de *The New Yorker* e do seu director William Shawn.

Sobre esta polémica que opôs um jornalista quase em início de carreira a uma instituição do jornalismo nova-iorquino será de referir o processo de determinação do que é a notícia, feito por Molotch e dos três agentes que ele contempla, como participantes do processo: os *news promoters* – pertencentes a um grupo restrito dos que lançam as notícias; os *news assemblers*, profissionais que partindo do material que lhes é fornecido pelos agentes anteriores, decidem quais as notícias a tratarem e de que forma o devem fazer; e, finalmente, os *news consumers*, os leitores, que estão no fim da cadeia, onde anteriormente já houve dois níveis de selecção. A referência feita ao autor acima conjugada com esta diferenciação em três tipos de agente elucida sobre a questão, importante no trabalho desenvolvido por Wolfe ao tempo da colaboração com o *New York Herald Tribune*, do que é a notícia. Wolfe ultrapassava o primeiro agente, o *news promoter* e, tal como escreve Molotch em relação a todos os *New Journalists*, tornava-se

ele próprio, simultaneamente *news promoter* e *assembler*. A possibilidade de exercer este tipo de função foi-lhe dada especificamente por este jornal que, com directores como James Bellows, apoiou e promoveu jornalistas como Wolfe. Clay Felker, colega de Tom Wolfe na redacção do *Tribune*, tornar-se-ia, em 1968, o director da revista *New York*, herdeira do suplemento dominical do *Tribune* e que sobreviveu autonomamente ao desaparecimento deste, como já referido. A *New York*, como publicação independente, viria a publicar em primeira-mão, por exemplo, *The Elektric Kool-Aid Acid Test*.

4.2. A Intenção e a Compreensão

4.2.1. A Intenção

Ao contrário dos textos anteriores, “Girl of the Year”, como muitos outros textos de Wolfe, é acerca de uma figura de alteridade que não se sente pessoalmente incomodada por esse facto e cujo autor não tencionava torná-la numa figura igual às outras. Enquanto que o intuito de Cahan era o de ser porta-voz do seu próprio grupo étnico e religioso, que procurava um lugar na sociedade americana, e Mitchell advogava a humanidade de um grupo que a sociedade considerava como *freaks*, Wolfe tencionava, com a escrita de um artigo que cumprisse a condição de não ser monótono (V. referência acima a Bellows), pôr em evidência uma outra forma de existência mas que se estabelecia a si própria como uma norma, alternativa a outra, a norma única estabelecida mas que, porém, estava a ser desafiada.

O próprio Wolfe experimentou com a sua própria pessoa as reacções dos seus concidadãos a pequenas alterações em pormenores tão simples como a forma de vestir, ou o comprimento do cabelo. O processo teve o seu início em 1947, quando ainda estava em Washington & Lee, uma universidade só para rapazes, onde o uso de casaco e gravata era regra – Wolfe começa a utilizar camisas escuras: “Now when I think back on it, I have done the same thing ever since, which is to wear rather conventional clothes and put a little spin on it (...)” (Scura, 145). Fugir selectivamente à regra estabelecida era o papel que lhe convinha e que estava a construir: aqui reside uma diferença importante em relação aos dois autores anteriormente estudados.

Wolfe fez isto numa época que ele definia da seguinte forma, já *a posteriori* em 1974:

I think all this is just an elaborate way of saying that the novelists don't understand the society, so they've abdicated looking at it. (...) This has just left us all a whole other area for nonfiction writers to make sense out of (...) Sure it's more difficult now. When you don't have a coherent class structure, it's more difficult to present a picture of the society. It's also more of a challenge, I think. That's why I think: here is a great frontier. (*in Scura, 42/3*)

Na melhor tradição americana, na esteira de Turner, Wolfe descobre aqui a nova fronteira – a descoberta do mundo da alteridade, do diferente, não o inferiorizando em relação à estrutura tradicional da sociedade, mas sim apresentando-o tal como é sem tentativas de adequação às regras dessa mesma sociedade. Aliás, como referido no início do capítulo, Barbara Lounsberry é de opinião que as personagens de Wolfe são revolucionárias no sentido mais americano da palavra, procurando soluções novas e adequadas a tempos que também eles são novos. Pensamos ser possível para este autor utilizar a reflexão de um antropólogo, John Borneman, acerca das questões postas na adopção ou rejeição de um cânon no ensino de Língua e Literatura Americanas: “The question for English is not which canon - which social structure - to teach, but how to situate oneself with regard to any canon in such a way that the reasons for inclusion or exclusion become more transparent and therefore open to critique.” (Borneman, 665). Wolfe escreveu sobre diversas figuras pouco comuns e fê-lo, apresentando-as de forma neutra, como conceitos ou indivíduos diferentes dos habituais mas, nem por isso deixando de ser forças vitais para a sociedade, a ser por esta aceites ou rejeitadas, porém, sempre de forma aberta. O molde em que escreveu, um renovado jornalismo literário, entrou em conflito com formas canónicas de escrita e portanto o autor e a sua obra viram-se envolvidos na controvérsia de inclusão ou exclusão do cânon.

Se recuperarmos o comentário feito por Renato Rosaldo ao conceito de Slotkin de *regeneration through violence* poderemos situar-nos melhor nesta luta dos “revolucionários” de Wolfe. “This frontier myth, which Slotkin calls regeneration through violence, shaped American experience from the westward expansion through the imperialist venture in the Philippines to the early official rhetoric of the Vietnam War.” (Rosaldo, a, 72,). 1964 foi um ano de retórica inicial sobre o Vietname e os anos anteriores tinham sido abundantes em acontecimentos de carácter belicista, no âmbito alargado da Guerra Fria, como em Cuba com a invasão falhada da Baía dos Porcos e a crise dos mísseis no ano seguinte, entrecortada pela correspondente retórica pública.

Tindall (1993) lembra o termo *escalation* que começou a ser usado em contexto bélico em relação à Indochina pelo Ministério da Defesa americano, depois da Resolução do Golfo de Tonkin, votada pelo Congresso americano em 7 de Agosto do ano de publicação de “Girl of the Year”.

É possível estabelecer pontos similares entre a estratégia retórica utilizada pelo Ministério da Defesa – utilização de neologismos ou novos significados dados a significantes já existentes – à sua utilização por Wolfe. Na entrevista que Elaine Dundy lhe fez em 1966 para a *Vogue*, Wolfe explica a sua relação com determinadas palavras que usa constantemente:

Repeating words means that they have become for me inseparable from the meaning I want. Eventually I get over them. Arteriosclerotic – I was obsessed for awhile with people’s blood vessels getting stiffer and stiffer without them knowing it. ‘And everything’ *et cetera* because that’s the way people talk. (...) I don’t mind repetitions – (...) (*in Scura*, 11)

O discurso de Wolfe é moldado pelas palavras que usa e pelo conjunto de oposições que cria e das consequentes configurações de alteridade que apresenta. Como foi feito nos dois capítulos anteriores, também para “Girl of the Year” se pode desenhar um conjunto de oposições, mas que, ao contrário das anteriores, não colocam a alteridade naquele pólo que seria o mais óbvio pelas regras estabelecidas da época:

- Jovem/ velho
- Homem/mulher
- Bonito/feio
- Eterno/efêmero
- *sweet/bitter*
- *working class/upper class*
- Sensual/assexuado
- *High Society/Other Society*
- *Us/Them*
- Ser membro do público/ser mediático

Recorrendo de novo a Ann Swidler e aos seus conceitos de *settled/unsettled lives*, poderemos começar por atribuir uma destas categorias às vidas que o ano de 1964 proporcionava. Wolfe escrevia para um jornal que ele apelidava de experimental: os tempos e as pessoas estavam também em fase experimental de outras formas de existência, questionando princípios que tinham sido transmitidos como indiscutíveis.

Jane Holzer discorda dos preceitos da mãe em relação à sua existência. Os adeptos dos *custom cars*, descritos pelo autor em *The Kandy-Kolored ...*, inovavam num objecto tão carregado de simbolismo como o carro individual – meio de transporte, mas também, sinal de status e de independência. Até a nova arquitectura de Las Vegas, tal como tinha sido lançada pela construção empreendida por Bugsy Siegel com efeitos de néon maiores que os edifícios, experimenta um novo estilo que se vai estabelecer como uma nova norma – Wolfe resume-o assim “Overnight the baroque modern forms made Las Vegas one of the few architecturally unified cities of the world – the style was Late American Rich –“ (Wolfe, a, 10)

Ritual acquires such significance in unsettled lives because ritual changes reorganize taken-for-granted habits and modes of experience. People developing new strategies of action depend on cultural models to learn styles of self, relationship, cooperation, authority, and so forth. Commitment to such an ideology, originating perhaps in conversion, is more conscious than is the embeddedness of individuals in settled cultures, representing a break with some alternative way of life. (Swidler, 279)

As vidas instáveis de muitos dos objectos dos artigos de Wolfe são reveladas no seu antagonismo a antigas regras e rituais, e na sua adesão a outras regras e a outros rituais – concertos de rock, feiras de carros transformados ou uma cidade como Las Vegas definida por um estilo arquitectónico *sui generis* e dominante. Porém, o aparecimento destes novos rituais não acarreta o desaparecimento imediato dos anteriores, ou mesmo a sua extinção de facto. Swidler conclui a esse respeito: “Ultimately, structural and historical opportunities determine which strategies, and thus which cultural systems, succeed.” (Swidler, 284).

As novas estratégias sociais necessárias ao reconhecimento de uma norma alternativa para a *Other Society*, como Wolfe escreve, implicam atitudes comuns a um grande número de pessoas que se atribuem um status semelhante e que servem de modelos. “That girl on the aisle, Baby Jane, is a fabulous girl. She comprehends what the Rolling Stones *mean*.” (Wolfe, a, 172). A intenção provável de Wolfe traduzida na escrita dos artigos como “Girl of the Year” envolverá a revelação e consagração de novas estratégias, que, ao serem registadas por escrito, ganhariam o reconhecimento cultural que é dado, por exemplo, ao estudo de rituais de culturas empreendido por antropólogos em outros territórios: “English has been engaged in modelling domestic policy, whereas anthropology has engaged in modelling foreign policy.” (Borneman, 663)

Não poderemos aliás esquecer o ambiente internacional da época já referido e, que, no ano de 1964, as questões de política externa, nomeadamente da Guerra Fria, dominavam agendas nacionais e internacionais. Quatro anos antes, em Fevereiro de 1960, o presidente Eisenhower, respondendo assim a questões levantadas pela sociedade americana, tinha formado uma comissão cujo intuito era a redacção de um documento que estudasse os objectivos nacionais americanos – *President's Commission on National Goals*. Em Novembro do mesmo ano as conclusões foram publicadas e referiam a necessidade de:

To preserve and enlarge our own liberties, to meet a deadly menace, and to extend the area of freedom throughout the world. (...) our goals are inseparable from our goals at home. We must strive toward an open and peaceful world by making democracy ever more effective and individual life freer and more rewarding. (*ap.* Jeffries, 459)

A comissão presidencial publicou o relatório quando o Presidente Kennedy já tinha sido eleito e os Estados Unidos tinham a perspectiva de um presidente Democrata. Porém, Jeffries chama a atenção para o facto de o programa da *New Frontier* não ser consistentemente diferente das conclusões obtidas por uma comissão nomeada por um presidente republicano. Uma das razões apontadas por Jeffries para esta coincidência de pontos de vista entre sectores políticos opostos era o receio comum aos dois campos que alguma satisfação excessiva americana com o bem-estar material reinante, redundasse em laxismo face aos problemas eminentes de um poderio soviético em crescimento.

Os quatro anos que mediaram entre a publicação do relatório da comissão presidencial e a publicação de “Girl of the Year” foram recheados de acontecimentos graves nacionais e internacionais – desde crises internacionais, ao assassinato do Presidente Kennedy. Portanto, se bem que quatro anos não sejam um longo espaço de tempo, os Estados Unidos tinham sofrido rudes golpes na sensação generalizada que em 1960 era reportada num inquérito Gallup: “(...) most Americans today are relaxed, unadventurous, comfortably satisfied with their way of life and blandly optimistic about the future” (*ap.* Jeffries, 462)

Chegamos, assim, a uma entrevista de Wolfe referida acima, em que o autor explicita o seu campo temático: “I imagine the most serious subject now is changes in the way people live, not politics, not wars.” (*in* Scura, 39). Numa década que tinha começado com questões fundamentais como a natureza dos objectivos nacionais ao serviço da

política externa, Wolfe pretendia recentrar a atenção nos assuntos intrinsecamente sociais nacionais, que eram arredados do palco principal por questões estratégicas internacionais. “Beyond and above that lay the agreement that domestic goals ranked as secondary and instrumental ends toward accomplishing the global Cold War mission.” (Jeffries, 461). Se bem que importantes, estes grandes tópicos internacionais desviavam interesse de sectores influentes de outras questões sociais internas que, ao serem secundarizadas e portanto desvalorizadas, iam aumentar o número de problemas sociais não reconhecidos e, por isso, nem estudados nem discutidos. Hillgartner recorre a Blumer para definir problemas sociais e essa definição pode ajudar-nos a compreender o que foi acima referido: “We agree with Blumer’s contention that social problems are projections of collective sentiments rather than simple mirrors of objective conditions in society.” (Hillgartner, 53).

Wolfe, ao escrever a introdução para *Kandy-Kolored...*, equaciona problemas que ninguém contemplava como relevantes e que ele considera como suficientemente importantes para serem registados e analisados: “Practically nobody has bothered to see what these changes are all about” (Wolfe, a, xv). As ‘condições objectivas da sociedade’ existiam – grupos criando novas organizações sociais, buscando outros objectivos, usando regras alternativas – mas, não tinham sido ainda transformados em ‘projecções de sentimentos colectivos’. O autor propicia, em consequência dessa sua sensibilidade para o reconhecimento de problemas sociais que não tinham sido ainda suficientemente abordados nos meios de comunicação ou académicos, a concretização do papel da comunicação já anteriormente referido nesta tese: “communication is a symbolic process whereby reality is produced, maintained, repaired, and transformed” (Carey, 23). Mais adiante o autor citado recorre a Hegel para completar, com o conceito de realidade deste filósofo, o que já tinha sido referido em relação ao conceito de comunicação: “More important, the notion that reality expressed something reappeared in Hegel as the *Geist*: (...) Reality expresses at any historical moment the purposes and objectives, intentions and desires of humans” (*ibid*, 73)

Sendo o conceito de realidade, não um conceito absoluto, mas um que está indissoluvelmente ligado ao tempo em que é utilizado, teremos o emolduramento teórico para muito do *New Journalism* de Wolfe e o objectivo maior que a ele presidiu: comunicação de um conceito de realidade adaptado a um momento e a uma época em mudança, prestando atenção a todas as alterações nos objectivos, intenções e desejos dos cidadãos que se registavam e que não eram tidos na conta devida.

4.2.2. Compreensão

A compreensão deste objecto cultural cujo encargo foi delineado acima relaciona-se estreitamente, tal como preconizado por Griswold, com o género a que pertence e com as características pertinentes para a investigação, isto é, neste caso concreto, o tratamento da alteridade. Para efeitos desta análise poderemos considerar o jornalismo literário como género, conceito que Griswold toma emprestado da teoria literária – “classifications based on similarities and differences.” (Griswold, b, 17).

Se bem que Wolfe insistisse na originalidade do jornalismo que praticava, a novidade absoluta não era a característica que mais o distinguia. O público reconhecia o género e apreciava-o, de facto, também por qualidades que Wolfe lhe soube acrescentar. O autor teve a capacidade de cedo se aperceber da lacuna existente na reportagem de tempos particularmente voláteis e de, com o seu trabalho, oferecer uma perspectiva de realidades com significados que passavam despercebidos a outros jornalistas. “Of the three irreducible elements of narrative – *events* ordered in a *sequence* and configured into a *plot* – it is the last element, plot, that conveys meaning.” (Maines, 580). Os acontecimentos podem ser abordados em artigos e mesmo sequenciados de forma a serem inteligíveis, porém, a construção de significado só ocorre, quando os acontecimentos são configurados num enredo. Maines utiliza no seu artigo o conceito de significado sociológico, segundo uma perspectiva behaviorista social: “(...) shared or common responses, significations, intentions and goals, and, in general, the interpretative and representational processes that underlie human conduct.” (*ibid*, 578). Seguindo este conceito de significado, Wolfe tecia, com os seus enredos, novas redes de significados sociais. Jane Holzer, “Girl of the Year”, recebendo em casa um jornalista com rolos na cabeça, revelava uma faceta das figuras públicas que normalmente não era patenteada na época. O status da figura pública não a exime de características comuns a todos os outros mortais, mesmo que tal não seja abordado por muitos media. O jornalismo literário propicia estes enredos produtores de significados.

A compreensão de um objecto cultural, segundo Griswold, é a interpretação desse objecto à luz de conhecimento pré-existente. Wolfe escreve um artigo que permite que, uma figura representativa de uma das muitas alteridades da época se revele a um público eventualmente receptivo ao objecto cultural patente, pois a sua presença na sociedade ainda não tinha sido suficientemente debatida. A nível dos jornalistas seus contemporâneos, esse trabalho estava a ser feito por mais alguns autores (como Talese, ou Breslin) usando um género jornalístico, que consideravam particularmente adequado ao momento, devido ao facto de ser não-ficcional. Essa característica, defendiam eles, era mais apropriada do que a ficcionalidade do romance, numa época de muitas e constantes mudanças. A estas características John Pauly acrescenta outra: “New Journalism in its original form – in-depth nonfiction reporting for magazines – increasingly looks like a handmade good in an age of mechanical reproduction, an expensive taste that only a few prominent publications can indulge.” (*in* Sims, b, 121). Se bem que concordando com a afirmação de Pauly – apenas algumas publicações se podem dar ao luxo de financiar e publicar jornalismo literário – também se deve acrescentar outro princípio importante da “Obra de Arte no Tempo das suas Técnicas de Reprodução”, obra na qual o autor do artigo se inspirou. Walter Benjamin escreveu neste artigo, em relação ao cinema:

Ao contrário do que se passa na literatura ou na pintura, a técnica de reprodução não é, para o cinema, uma simples condição externa que permitiria sua difusão maciça; sua técnica de produção funda directamente sua técnica de reprodução. Ela não permite somente, do modo mais imediato, a difusão do filme, ela o exige. (Benjamin, 23, *n.*)

Ao analisar o jornalismo literário no início dos anos de 1960, poderemos utilizar o princípio que Benjamin definiu como constitutivo do cinema – a sua técnica de produção implica, por razões económicas, a sua reprodução. Benjamin leva a necessidade premente de reprodução até outros campos:

Com efeito, hoje em dia encontramos duas tendências nas massas, igualmente fortes: por um lado elas exigem que as coisas se lhes tornem “mais próximas”, espacial e humanamente; por outro lado, aceitando bem as reproduções, elas tendem a depreciar o carácter daquilo que é dado apenas uma vez. (*ibid.*, 21)

A popularidade do *New Journalism*, a publicação dessas obras em jornais e revistas e a sua compilação em livros de sucesso parecem confirmar estas afirmações de Walter Benjamin – temas “mais próximos”, reproduções da mesma obra e do mesmo padrão

de obra foram populares durante cerca de uma década, ao longo da qual a mudança constante de hábitos e costumes lançava sectores da população em busca de normas de percepção da sociedade. No seio da mudança (ainda segundo Benjamin) não é possível mostrar “as transformações sociais de que essas mudanças no modo de perceber eram apenas a expressão.” (Benjamin, 21). Não se podendo compreender totalmente as transformações, era porém possível, como Wolfe pretendia, registar e analisar as manifestações sociais e individuais do momento.

Jane Holzer era um símbolo de mudança – jovem, efémera, pertencente a um grupo de norma alternativa, que representava um modelo que porém podia deixar de o ser no momento seguinte. Ela era a “Girl of the Year” – “The Girl of the Year is a symbolic figure the press has looked for annually in New York since World War I because of the breakdown of conventional High Society.” (Wolfe, a, 176) – uma figura anual, mediática. Jane é aliás alertada para o facto por circunstâncias intra – e extra-diegéticas. Esses alertas são dados tanto pelo facto de que Wolfe estava a escrever naquele mês de 1964 acerca dela, como pelo telefonema que este autor presencia quando a estava a entrevistar em casa e ao qual Jane reage com desgosto: “ All right, Baby Jane, we’ll let you play this year, so go out there and dance, but next year, well, it’s all over for you next year, Baby Jane (...)” (*ibid.*, 179). Jane, inovadora e contestária, era afinal um elemento escolhido anualmente e descartável no ano seguinte, cuja importância era ditada por um padrão pré-existente que ela pensava estar a alterar mas que, na realidade, ajudava a perpetuar.

Veremos seguidamente como era recebido e explanado um texto, fruto de um tempo em que os diferentes agentes, participantes na criação e recepção de um texto como objecto cultural, faziam dessa circunstância um ritual de renovação da realidade que os cercava.

4.3. Recepção e Explicação

4.3.1. Recepção

A intenção de Wolfe na escrita de “Girl of the Year”, conforme vimos acima, obedeceria a desígnios que o próprio manifesta na introdução aos artigos que compõem *The Kandy-Kolored (...)*. Wolfe observa: “Yet all these rancid people are creating new styles all the time and changing the life of the whole country in ways that nobody seems to bother to record, much less analyze” (Wolfe, a, xv). Registrar e analisar esses novos estilos, a cujas manifestações anteriormente atribuímos um valor ritualístico, seria uma das intenções prováveis mais fortes de Wolfe. A compreensão deste objecto cultural permitiu-nos situá-lo num ‘género’ – o jornalismo literário, na versão *New Journalism* – que, segundo a metodologia de Griswold que temos vindo a seguir, permite interpretá-lo, através das semelhanças e diferenças com outros objectos culturais. Analisar a recepção do texto, seguindo a metodologia de Griswold será o próximo passo.

Elaine Dundy da *Vogue*, em 1966, colocou a seguinte questão a Wolfe: “What about the charge that you are exploiting the factual authority of journalism and the atmospheric license of fiction?” (in Scura, 9). Esta era uma das questões mais frequentemente colocadas a Wolfe, à qual o autor responderia de forma mais estruturada anos mais tarde na introdução de *New Journalism*, mas a que à época respondeu: “That again is a nineteenth century orientation. First implication: Anything serious has to be ponderous. Second implication: All journalism should sound as if it’s been lifted off the blotter of the police reports.” (ibid., 10) A intenção do autor determinava que poderia escolher assuntos que não fossem considerados de grande relevância e a forma como o artigo seria escrito não obedeceria a regras dominantes do jornalismo. Esta ruptura a dois níveis implicaria, certamente, reacções díspares.

Se voltarmos atrás nesta tese, aos dois autores analisados anteriormente, veremos que Cahan escreve sobre um problema social novo, procurando o reconhecimento de uma realidade diferente. Usa porém, uma técnica de escrita popular na época (*human interest story*), facilmente reconhecida pelo público. Mitchell escreve para uma secção da revista *New Yorker*, cujo estilo ele praticava de forma exemplar, neste caso para uma secção de perfis que tinha como objectivo dar a conhecer ao público personalidades que

se distinguissem por qualquer motivo. Wolfe não se diferencia muito dos autores anteriores em alguns aspectos pois, tal como eles, é livre de escolher um tema que lhe interessa particularmente, uma realidade que quer dar a conhecer. O artigo não é uma ‘cópia a papel químico’, por exemplo, do relatório policial, tal como não o eram os dois anteriores: em que medida se pode então diferenciar este artigo dos outros e qual a razão para a polémica acesa que foi criada à volta do trabalho de Wolfe à época da publicação?

Wolfe dedicava-se na altura com algum afínco à actividade de desenhador – a colectânea *The Kandy-Kolored* inclui alguns exemplares de obras suas – e tinha por isso noções muito fortes de estética plástica. Nos seus textos, recorre com frequência a formatação, pontuação ou ortografia que não seguem as regras convencionais, mas que criam efeitos gráficos e plásticos óbvios – não era naturalmente original nesse recurso, com predecessores famosos como e.e.cummings. Esta noção estética inovadora era conjugada com as quatro técnicas que o autor preconizava:

- Construção da história cena a cena possibilitada pela presença constante do jornalista no local do acontecimento;
- O registo de diálogos completos;
- A alternância de pontos de vista e, finalmente
- O registo de todos os pormenores que são reveladores do grande *leitmotiv* de Wolfe, que é a questão do status.

A combinação da estética gráfica e das técnicas de escrita originariam textos que dificilmente seriam ignorados naquele momento.

Os textos escritos por Tom Wolfe para a *New York*, colaboração iniciada em 1962, originaram interesse tal nos meios editoriais que levou à publicação da colectânea dos mesmos. A crítica da revista *McCall's*, que é citada na edição de bolso de 1966, anuncia: “This book... will give the rest of the country a chance to know his wit, his confrontation of contemporary folly, and his brilliant and unique style...” Não sendo fácil interpretar os sinais dados pela sociedade eufórica (adjectivo de Wolfe) da época, os artigos deste autor traduziam, pelo conteúdo e pela forma, uma mediação entre estilos novos de vida e as formas consagradas da cultura dominante. É contudo natural que a interpretação que o público faria de um texto como “Girl of the Year”, resultasse muito diferente no local original de publicação – Nova Iorque – da que originaria na Richmond natal de Wolfe ou em outros locais dos Estados Unidos.

Baby Jane Holzer era um modelo para as adolescentes que aplaudiam os Rolling Stones num teatro nova-iorquino e que, enquanto esperavam a atracção principal, contemplavam a jovem modelo de sucesso. O acesso a manifestações culturais desse tipo poderia não ser tão comum em outros lugares, mas Wolfe relembra numa entrevista a Lawrence Dietz da *New York Magazine*, em 1968, que um pouco por todos os Estados Unidos existia um movimento de procura de alternativas: “Well, a lot of people outside New York found out that they could form their own little status groups, set their own rules, like surfers, kids who were living by themselves for much of the summer.” (in Scura, 22)

O sucesso comercial do livro implicou uma difusão que, por exemplo, não foi experimentada por nenhum dos dois autores anteriormente estudados. Devido ao sucesso precoce do autor, a reacção da crítica – favorável e desfavorável – não se fez esperar. Em 1970, numa entrevista a Michael Dean para *The Listener*, Wolfe reflectia assim sobre a década que acabava:

I found myself in the early sixties living in a kind of bizarre period with some half-insane things going on around me and I started writing about them. Then one day I woke up and looked in the newspapers and I had been dubbed pop writer of the period. (Scura, 24)

Wolfe vendia livros, era lido por dezenas de milhares de leitores, começara o circuito de palestras em universidades e outros fóruns interessados em ouvi-lo falar sobre o seu trabalho. Pode, assim, verificar-se que a recepção deste artigo e de obra contemporânea do autor foi mais intensa e polémica do que as que tiveram as obras de Cahan ou Mitchell. O impacto que teve, pode ser avaliado pelos múltiplos seguidores e detractores que o admiraram e imitaram, ou que o defrontaram. Nessa recepção colaborou, de forma activa, o próprio autor, pois a sua comparência em universidades ou conferências, as múltiplas entrevistas que deu, as frequentes aparições públicas, fizeram dele um autor mediático e que contribuiu para a polémica em torno da própria obra.

Além do grupo que inicialmente se notabilizou na escrita de *New Journalism*, o movimento de abertura à publicação de não-ficção abriu caminho a muitos novos autores e a um concorrente directo à popularidade do romance. O impacto foi portanto bastante notório, também a nível de replicação do modelo do jornalismo literário. A sua consagração registou-se com particular sucesso a partir dessa década de 1960. O debate em torno do reconhecimento de obras, das fronteiras entre jornalismo e literatura focou

questões que cresceram devido à polémica em relação às razões para atribuição do estatuto de literário a uma obra, que cada vez mais se reconhece como dependente do momento histórico em que tal atribuição é feita e não só de características intrínsecas do próprio texto.

Para a nossa perspectiva de análise será ainda útil, quando se fala de recepção e compreensão de um texto, referir um artigo de Jean Chalaby. A autora escreveu em 1996 acerca de texto e discurso, colocando-os numa perspectiva sociológica:

In sociology, ‘discourse’ should not be used to refer to language or text. It should designate a class of texts. (...) First, the text is the basic unit of a textual class: it is a discursive unit. Second, a text is the material manifestation of a discourse. Unlike its individual components, a discourse is a concrete but not a material entity. As an entirety of texts, a discourse is not material, like its components, the texts. It is concrete however, since it is an historical and social reality. (Chalaby, 688).

Os conceitos de Chalaby são particularmente relevantes para a análise que temos feito dos textos e justificam mais uma vez a utilização de metodologia como a preconizada por Griswold. No caso do jornalismo literário temos visto a importância de referentes externos – meio, ambiente social – todo o tipo de condicionantes que tornam a obra aquilo que ela é, texto, mas também elemento de intertextualidade, conceito que Chalaby diferencia daquele que Riffaterre defende: “Riffaterre’s intertextuality designates a textual characteristic, not a textual class, and this intertextuality is a textual, not a discursive category.” (Chalaby, 689). A autora define adiante, e mais claramente, o que é a intertextualidade sociológica: “Sociological intertextuality refers to a multiplicity of texts”; e mais ainda:

Such is the nature of a discourse, a textual class. Its existence as a concrete entity cannot be reduced to its components. Its independent reality, as an entity, means that it develops *sui generis* qualities which are relatively autonomous from the qualities of the elements which compose it. (*ibid.*, *ibid.*)

Chalaby escreve ainda a propósito da ‘leitura’ de textos:

The first movement runs from one text to another within a discursive class whose outline is progressively defined by these readings. Texts are related to each other in order to observe intertextual discursive phenomena. The second movement of reading avoids abstraction of a text from social reality by relating, in a dialectical movement, the texts which compose a class of texts (a discourse) to their conditions of production. (...) It states that to explain the meaning of a text, its social determinants must be known, and that a text must also be read in order to discover these determinants. (Chalaby, 687)

Chalaby dá como exemplo de um destes fenómenos, o jingoísmo, e a forma como foi utilizado em termos de fenómeno com repercussões sociológicas nos anos que conduziram à guerra Hispano-Americana, pelos *New York World* e *Journal*. Os ‘fenómenos discursivos intertextuais’ serão abordados em mais pormenor na conclusão desta tese mas, poderemos até agora verificar que, nos três textos já estudados, o problema social/objecto cultural abordado por todos eles – a alteridade patente em exemplos concretos, no colectivo ou no individual – era tratado de uma forma mais estudada e individual, enquanto referências a outros problemas sociais podia ser feita de forma mais condicionada pelo pensamento dominante.

4.3.2. Explicação

A explicação, segundo Griswold, consiste na ligação do objecto cultural ao mundo exterior à comunidade criativa, através de agentes sociais. Essa ligação pode ser feita através da incorporação no próprio objecto de categorias mentais que são características do grupo(s) social(ais) em que o autor está inserido. O jornalismo confere características aos textos que permitem explicação baseada no conhecimento prévio da não ficcionalidade do que está a ser descrito. O lugar de publicação – a revista *New York*, especifica um determinado tipo de jornalismo que não é o diário, noticioso, mas sim interpretativo. O receptor nova-iorquino e depois americano do texto facilmente reconheceria o contexto de época. No caso de Wolfe é de notar que o autor, tal como Jane Holzer, consegue reunir em si características que lhe conferem afinidades com diversos grupos e, por isso, diversos receptores explicarão o texto de diferentes maneiras. Tal como foi feito para Jane Holzer, também a confluência de características do autor poderá ser explicitada por um diagrama:

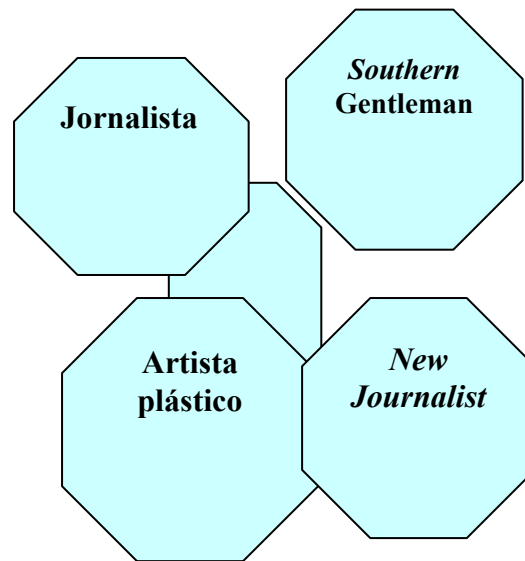


Ilustração 15 – Os traços distintivos do autor

Doutorados em Estudos Americanos leriam o texto de forma diferente de um outro leitor que pertencesse a qualquer outro dos campos acima. Assumindo que o artigo de Wolfe representa um objecto cultural, porque o seu significado excede o do texto em presença, poderemos considerar as estruturas, os símbolos e os padrões que são patentes e que permitem explicar o objecto. O encargo do autor, desenvolvido em 4.1., faz-nos compreender que além da intenção autoral, o desenho do objecto cultural é condicionado por uma série de outras circunstâncias. Na figura acima constam algumas das características individuais do agente que criou esse objecto e que o condicionaram. O meio próximo – Nova Iorque, círculos jornalísticos, *New York Herald Tribune*, revista dominical *New York*, são factores sociais ou profissionais próximos mas que são influenciados por condicionantes diversas mais distantes, como a origem do autor e a sua experiência profissional, ou o estado contemporâneo do jornalismo nos Estados Unidos.

Wolfe fazia parte da comunidade criativa e os seus textos ligavam as novas experiências/rituais de uma sociedade, principalmente daquela constituída por jovens que procuravam em espectáculos, como o dos Stones, ou em festas como a de Jerry Schatzberg, encontrar um reforço e um emolduramento colectivo das actividades que os interessavam e que, quando executadas em conjunto proporcionavam um sentido de

comunidade. A experiência cultural e social comum próxima destes grupos padronizava-se assim por simpatia, com os seus iguais e, revelava-se por oposição, a grupos de outras gerações ou de diferentes sensibilidades artísticas.

Naturalmente, o aparecimento de novas formas de diversão ou de actividades ritualistas não eliminava as anteriores. De facto, estas novas actividades tinham lugar em espaços físicos comuns a ambas e, é interessante ver como o concerto dos Rolling Stones tem lugar numa sala de espectáculos com uma longa tradição. O acontecimento teve lugar na “rococo gloom of the Academy of Music Theater” (Wolfe, a, 172). Esta sala de espectáculos que, curiosamente, estava situada na *14th Street*, numa extremidade do bairro judeu e que tinha substituído a velha *Academy* do tempo de Abraham Cahan, foi palco de muitos concertos *rock*, depois de ter sido primeiro teatro e depois cinema barato. A localização e a utilização do próprio edifício correspondem a uma evolução nas formas de entretenimento da grande cidade. Os parágrafos iniciais do texto qualificam aliás o espaço de forma perfeitamente oposta ao público: “the place is full of a great shabby mouldering dimness, and these flaming little buds” (Wolfe, a, 170). O espaço, que é sujo, algo escuro e poeirento, está cheio de luminosas promessas de vida. Wolfe tinha manifestado intenção de recolher e analisar as manifestações lúdicas de uma sociedade em mudança. Faz assim um estudo pormenorizado de processos multidireccionais em que uma sociedade, mais rica, com mais jovens, incorpora hábitos novos na sua realidade reconhecida. O processo não é imediato mas atravessa diferentes fases. Jane Holzer ou Isabel Eberstadt, via *media* populares contemporâneos como *Vogue* ou *Life* estabelecem as ‘tendências’: os Stones só são verdadeiramente moda, o *East End* só é verdadeiramente *in*, quando passam pela influência “recicladora” dos *trendsetters* que são originários da sociedade antiga; ou seja, os “revolucionários”, como Jane Holzer, continuam uma tradição antiga nos Estados Unidos de incorporação de diferentes traços. Wolfe escrevia jornalismo interpretativo – a descrição da cena do teatro, contém em si a interpretação de Wolfe do que se passava. Será, aliás, de atentar a descrição do público – maioritariamente referido no feminino: apenas dois homens são mencionados e ambos estão com Jane. A afluência de um público de mulheres denota mudanças sociais de relevo, se bem que no palco o objecto de admiração ainda seja um grupo constituído por homens, o apresentador seja um homem e só no público o género feminino esteja em maioria – a mulher ainda como assistente, já mais participativa, mas não estando nas luzes da ribalta. É curioso notar, por outro lado, a referência ao comportamento de Mick Jagger face aos assistentes. O

texto refere a oposição entre a adoração da audiência predominantemente feminina, a imagem no palco de Mick Jagger e as reacções que ele tem quando alguém se aproxima demasiado “Get off the stage, you finks!” (Wolfe, a, 174).

A intenção manifestada por Wolfe de ser cronista de novas manifestações sociais foi concretizada em diferentes textos, um dos quais objecto de estudo neste capítulo. “Girl of the Year” continha em si as duas características apontadas por Walter Benjamin para o sucesso da obra de arte na idade da reprodução mecânica – proximidade do tema ao público leitor e valor acrescentado na sua capacidade de reprodução. As obras de Wolfe e de muitos seus contemporâneos da década de 1960, constituíram eventualmente o zénite do jornalismo literário no século XX. Veremos de seguida qual a situação do ‘género’ cerca de trinta anos mais tarde.

Capítulo 5

McPhinos – Richard Preston

Depois da turbulência dos anos de 1960 e de uma escrita como aquela praticada por Tom Wolfe, profundamente ligada a uma realidade social em mudança que este autor confessadamente tentava registrar e mesmo analisar, Richard Preston é o escritor a ser estudado neste capítulo com o texto “The Mountains of Pi”. Preston trata num mesmo artigo um objecto de alteridade, *leitmotiv* desta tese, dentro da área de jornalismo dominante neste autor, que é a do jornalismo científico, sem porém negligenciar as técnicas do jornalismo literário. O meio de publicação é de novo *The New Yorker* e, tal como no texto analisado no Capítulo 2, “Lady Olga”, este é um *Profile*, o que assegura que este não será um artigo jornalístico comum mas sim um exemplo de *in-depth reporting*.

Por outro lado, o ano de publicação deste artigo foi particularmente difícil para a revista que o deu à estampa. *The New Yorker* continuava a ser uma publicação de referência de um jornalismo cuidado, não diário; porém, na opinião de Eric Utne, nesse ano seria “America’s most admired and least-read publication (...)” (Utne, 36). O desenrolar dos tempos não tinha sido pacífico para quem mantinha o mesmo editor havia mais de três décadas e se defrontava com um mundo muito diferente daquele que existia quando esse editor, William Shawn, tinha assumido funções.

Neste capítulo encontramos assim um meio prestigiado, mas a procurar novos rumos, um ambiente social tão rico em contrastes e diversidade como sempre tinha sido, um criador em fase de ascensão na carreira e uma recepção muito especial, característica do material publicado nesta revista, se bem que esta atravessasse um momento crítico. A figura de alteridade representada fecha, de certa forma, o círculo iniciado com a obra de Cahan estudada no primeiro capítulo, “Drowned Their Sins”, pois confrontamo-nos de novo com judeus, agora de origem soviética, com traços distintivos, desta feita não de

índole religiosa, mas ocupacional e intelectual. Assim podemos começar por desenhar o seguinte diamante cultural:

1. **Criador** Richard Preston, originário de Cambridge, Massachusetts, leitor compulsivo desde tenra idade. Estudou em Pomona e Princeton, onde obteve um doutoramento em Inglês, tendo sido aluno de John McPhee;
2. **Ambiente Social** Nova Iorque, 1992;
3. **Receptor** Em primeira-mão, leitores da revista *The New Yorker*; ulteriormente leitores de colectâneas de jornalismo literário;
4. **Objecto Cultural** O “outro” (“outros”), matemáticos soviéticos.

Dentro do universo do jornalismo literário, este texto desenha caminhos que são tematicamente algo afastados dos abordados nos artigos estudados até este capítulo, apontando, por isso, para uma renovação do ‘género’ em termos de áreas de interesse. Com efeito, as ciências exactas, cada vez mais presentes na vida de todos os Americanos, revelam-se como um campo a explorar pela escrita jornalística ou literária, não apenas no campo limitado do género da ficção científica, mas também no relato de acontecimentos que são reais e relevantes na actualidade contemporânea. Como veremos seguidamente, esta foi a área escolhida e trilhada pelo autor que nos propomos tratar neste capítulo.

Se bem que a metodologia a ser empregue em todos os capítulos que versam o corpus seja a mesma, a riqueza de fontes varia consoante os autores; enquanto no capítulo quarto, a variedade de bibliografia primária e secundária dificulta por vezes a escolha do material a ser utilizado, neste capítulo registámos alguma escassez de bibliografia, naturalmente dependente do facto de este ser um autor menos estudado em termos académicos. Explorámos por isso outras hipóteses para a recolha de material que se nos afigurou útil para o seu estudo, reflectindo, aliás, algumas tendências relevantes da publicação jornalística actual: páginas *online*, com recursos biográficos sobre o autor ou estatísticos sobre a revista *The New Yorker*.

Esta diferenciação justifica, a nosso ver e mais uma vez, a justeza do elemento Ambiente Social – cada um dos autores recebeu (ou está a receber) uma atenção crítica e de recepção contemporânea à publicação do seu trabalho que difere consoante o momento de edição e que por ele é influenciada. Marjorie D. Vault, na esteira do

trabalho de sociólogos de literatura como Griswold ou Howard Becker explana da seguinte forma como os textos “falam da sociedade”:

These studies extend Becker’s insight that artistic production is collective activity and assert that any mode of representation is best understood as the product of concerted activity. (...) Texts of various sorts enter larger discourses, or continuing “conversations” mediated textually, among participants separated in time and space (Foucault, 1972). These discourses constitute the textual traditions within which both makers and users of representations operate. (DeVault, 889)

Apesar das diferenças de tempo e espaço que medeiam entre os diferentes textos do corpus, pensamos ser possível afirmar que também o jornalismo literário se constituiu ao longo do século XX como um ‘grande discurso’, que permite o reconhecimento de uma tradição textual.

1. Criador

Richard Preston nasceu em Cambridge, Massachusetts, em 5 de Agosto de 1954 e, segundo o próprio confessa na sua nota biográfica *online*: “In fourth grade, when I was nine, I discovered books. Books became a permanent part of my life. I began reading everything I could get my hands on—science fiction, mystery novels, classics.”⁵⁰ O gosto pela leitura não lhe assegurou uma carreira escolar calma durante o ensino secundário: devido a problemas disciplinares, o registo escolar de Preston não era brilhante e, quando se candidatou à universidade, foi recusado firmemente por todas as instituições. Recusado mas não convencido, Preston dedica-se a telefonar semanalmente para Pomona, a universidade da sua preferência, questionando a pessoa encarregue das admissões acerca da possibilidade de mudarem de ideias quanto à recusa. Seja pela insistência, ou pelo facto de que o candidato recusado telefonava sempre a cobrar no destinatário, depois de algum tempo em lista de espera, o obstinado aspirante a estudante foi aceite e com tanto sucesso que se licenciou em Inglês *summa cum laude*.

A entrada para estudos pós-graduados não foi tão acidentada como a admissão para os estudos graduados. O jovem Preston decide prosseguir estudos em Princeton e o resultado da sua escolha foi o de se tornar aluno de John McPhee durante a sua permanência nesta universidade, onde concluiu um doutoramento em Inglês. O próprio Preston escreve acerca desse período universitário:

About two thirds of John McPhee’s students have gone on to become professional writers or editors (...) We call ourselves McPhinos, by analogy with the neutrino, a subatomic particle (...) In John McPhee’s course, I became fascinated with the idea that nonfiction writing can be elegant and powerful literature, and I decided to become a nonfiction writer. (Preston ⁵¹)

A influência de McPhee foi predominante para a escolha do domínio de escrita deste autor, e as características do mestre foram apreciadas pelo pupilo e, de alguma forma emuladas. McPhee tinha escrito o primeiro artigo para a *The New Yorker* em 1967, “A Roomful of Hovings”. Continuando a escrever nos anos subsequentes, McPhee encontrou um estilo muito próprio, que o crítico William Howarth descreveu da

⁵⁰ Homepage de Richard Preston, disponível em: <http://www.richardpreston.net/about.html>, acessível em 5 de Novembro de 2004

⁵¹ V. Nota 50

seguinte forma: “ Style *is* the man: wherever McPhee’s prose is short, compact, brisk, and edgy, there is also a facsimile of his own basal metabolism.” (ap. Yagoda, a, 379)

A coincidência temporal com o aparecimento dos *New Journalists* não influenciou decisivamente o estilo de McPhee, opina Yagoda: “McPhee gradually stepped forward as a first-person character in his stories – not a swaggering New Journalist but a subtle, ironic, self-deprecating, above all, observant presence, in the manner of Joseph Mitchell.” (Yagoda, 379.). Os textos de McPhee para *The New Yorker* revelaram aliás na opinião de Yagoda o autor como, “a master journalist in the *The New Yorker* tradition.” (*id.*, *ibid.*)

Essa “presença observante”, bem revelada por textos de Joseph Mitchell como “Lady Olga”, encontrou igualmente eco no pupilo de McPhee, Richard Preston. Este autor explicita assim a sua forma de escrever em relação a outras das técnicas que foram também preconizadas por Wolfe :

Accuracy of detail is supremely important in writing. When I’m researching a book, I conduct large numbers of in-depth interviews with people, and I also try to experience their lives and work. Typically I “over-interview”—that is, I conduct too many interviews. I end up with as many as 60 notebooks full of material, and I’m unable to use much of it, but it’s like fishing, and I’m somehow able to angle a few big fish. (Preston,⁵²)

A técnica de imersão completa ou *saturation reporting* continua a ser utilizada por este autor, como por todos os outros já estudados, a fim de realizar a recolha de material a ser tratado pela escrita.

A esta técnica, Preston acrescenta um outro cuidado extra, que deriva do facto de ele se dedicar, quase exclusivamente, à escrita de artigos que tematicamente se encontram na área das ciências exactas. Todas as informações recolhidas são verificadas *a posteriori* junto das fontes:

I also do fact-checking—that is, I call my subjects and read passages aloud to them on the telephone, and I ask them to tell me where I’m getting details and facts wrong. This is especially important with scientists, who expect and need accuracy from journalists. (*id.*, *ibid*)

O cuidado que é posto num artigo que se baseia em factos estudados pela comunidade científica, que depois são apropriados por um elemento proveniente de outra comunidade, a jornalística, para ser transmitido a uma outra terceira, a do público leitor,

⁵² V. Nota 50

tem de ser imenso por parte dos profissionais da escrita. O tratamento de qualquer tema de índole científica pressupõe competências que se podem designar de “literacia científica jornalística”; Anne Branscomb explicita num artigo o que se pode considerar o tipo de literacia a esperar no caso deste tipo de jornalismo: “Journalistic science literacy is possessed by professional journalists who, in print and the electronic media, translate for the laity the language of diverse scientific fields.” (Branscomb, 5)

Preston poderá incluir-se neste grupo de jornalistas. Desde o início da sua carreira de jornalista e escritor que se dedicou a assuntos relacionados com ciências da Natureza ou ciências exactas. Logo após concluir o doutoramento, em 1983, começa a trabalhar no seu primeiro livro *First Light. The Search for the Edge of the Universe*, uma obra não-ficcional, sobre astronomia, que viria a ser publicada em 1987 e reeditada em 1988 e 1996. Uma parte dessa obra seria publicada nesse mesmo ano pela *The New Yorker*, para a qual tinha começado a contribuir em 1986 com o artigo “Books: Tales from the Gridiron”, publicado em 31 de Março.

O excerto de *First Light* que foi publicado pela revista, na secção “Reporter at Large”, com o título “Dark Time”, em 26 de Outubro de 1987 versa o trabalho de dois astrónomos que estudam a possibilidade de colisão de asteróides com o planeta Terra. Este artigo, como muitos outros que referem as actividades de uma comunidade científica em crescimento constante, revela uma atenção crescente de fatias de público que leem sobre assuntos deste cariz. O interesse dos meios jornalísticos por assuntos de índole científica já provinha de longa data e, por exemplo, Hutchins Hapgood opinava acerca da importância dos artigos jornalísticos de Cahan para a instrução do público no domínio das ciências:

Hutchins Hapgood observed that Cahan’s writing about the East Side is chiefly didactic, and not only with respect to socialism. Because Cahan aimed to provide a general modern education in science and culture through his journalism, he sought a broad readership by writing “in the popular ‘jargon’”. (Marowitz, 43)

O alargamento das áreas temáticas dos periódicos ao domínio da ciência tinha já dado origem em 1845 a uma publicação, *Scientific American*, que ainda hoje se orgulha de ser, “the oldest continuously published magazine in the U.S.”⁵³: quando Cahan manifesta vontade de colaborar para uma “general modern education in science and culture”, a sua participação é feita em jornais dirigidos a audiências gerais e não específicas. A

⁵³ Informação disponível em: <http://www.sciam.com/page.cfm?section=history> acessível em 10 de Fevereiro de 2005

abordagem que é feita ao tema, Ciência, irá porém mudar consideravelmente ao longo do tempo e dependerá do meio que a empreende.

O período pós segunda Guerra Mundial é, nos Estados Unidos, um momento passível de ser explorado a diversos níveis de análise. Um autor contemporâneo, Gobind Lal, reflectia sobre o assunto em 1945: “Scientific news, then, has to be *timely, significant for history* charged with some power capable of safe-guarding and increasing *some form of human freedom*, and carrying the impress of as trustworthy *personal authority* as possible.” (itálicos do autor) (Lal, 43). O momento histórico vivido então, a diversidade de consequências para a vida do cidadão comum, e a compreensão crescente do fenómeno científico ditaram acréscimo de interesse geral muito diverso em termos de necessidade de aprofundamento.

O aumento de atenção do público, por um lado, e, por outro lado, o acréscimo do número de artigos sobre estes assuntos são referidos, por exemplo, no artigo “Was There Really a Popular Science Boom?” que, se bem que referindo o final dos anos de 1970, início da década de 1980, se poderá ainda aplicar à apetência de Preston nesta área temática poucos anos mais tarde:

Why did popular science break through to this new audience in the late 1970's? (...) First, there was a general, social precondition: the maturing of the World War II baby boom. As the first generation of middle- and upper-class workers uniformly educated in science and technology, the baby-boomers provided a ready audience for popular science. (...) Second, magazine publishers and advertising agencies were seeking all types of magazines that appealed to well-defined audiences. (...) And finally, “pack journalism” may have played a role. A regular theme in journalism literature is the frequency with which journalists, whose cultural values include a commitment to independence and inquiry, follow each other around to the same stories. (Lewenstein, 30)

A obra de Preston preenche, aparentemente, as três condições expostas pelo autor do artigo. É um autor da geração *baby-boomer*, com formação académica avançada, que lhe tinha proporcionado conhecimentos na área da metodologia de trabalho científico que, salvaguardadas as diferenças, o autor tenta aplicar também na sua produção jornalística. Finalmente, desde havia mais de vinte anos que *The New Yorker* vinha a publicar artigos que eram alertas sobre questões postas pelo equilíbrio precário existente entre o desenvolvimento do conhecimento científico, e a sua aplicação e consequências sobre a vida do planeta e das espécies que o têm como habitat. Neste grupo de jornalistas que abordam temas científicos, não podia deixar de estar incluído o

próprio John McPhee que, em 1976, tinha escrito um artigo para *The New Yorker* sobre o Alasca, que viria a resultar num livro, *Coming Into the Country*.

A todos estes factores combinados juntam-se duas circunstâncias que Bruce Lewenstein acrescenta no artigo de 1995, “From Fax to Facts: Communication in the Cold Fusion Saga”: muitos acontecimentos que geraram notícias nos anos de 1970 eram de índole científica; além disso, a comunidade crescente de jornalistas tendia a especializar-se em áreas e nichos de mercado que fossem do interesse do público e dos anunciantes. No caso da revista *The New Yorker*, estes foram anos de grande sucesso comercial e esta área do jornalismo e da escrita tem sido explorada com muito sucesso por Richard Preston.

Entre a data da publicação do seu primeiro livro e o artigo “The Mountains of Pi”, Preston continua a publicar em *The New Yorker* artigos como, em 1987, “Stock Market Crash” sobre um monge budista em oração em Wall Street ou, em Fevereiro e Março de 1991, “Hot Metal”, artigo escrito em duas partes e que é um excerto do volume *American Steel* que seria publicado em Abril do mesmo ano.

Ambos os livros que Preston publica até 1992, *First Light. The Search for the Edge of the Universe* e *American Steel*, resultam de investigação conduzida pelo autor sobre os temas que se tinha proposto abordar. Este autor parece seguir a lição aprendida por Tom Wolfe, enquanto jornalista – que consistia em pesquisar com o maior cuidado – para não negligenciar o manancial inesgotável de material disponível tanto para os jornalistas como para os ficcionistas. Para escrever a primeira dessas duas obras, Preston investigou o grupo restrito de cientistas que se atarefam com o que se passa para além dos limites do nosso planeta utilizando as possibilidades do telescópio gigante Hale, que há mais de cinquenta anos está ao serviço da astronomia no Observatório de Palomar. *First Light*, publicado em 1987, ganhou o *American Institute of Physics Award in Science Writing* e, em consequência desse trabalho, o nome Preston foi dado a um asteroide. O livro está claramente integrado num “género” de escrita de divulgação científica e originou os artigos de *The New Yorker* já referidos.

American Steel, publicado em Abril de 1991, não versa assunto de índole científica, mas é também o relato de um empreendimento verídico, a instalação de uma siderurgia em Indiana, que recicla sucata em aço, tentando, simultaneamente, relançar uma indústria americana que já viu melhores dias, e realçar o espírito arrojado dos industriais e trabalhadores da companhia. Excertos deste livro são também publicados pela *The New*

Yorker com os títulos: “Annals of Enterprise: HOT METAL, part 1 and part 2”, nas edições desta revista de 25 de Fevereiro e 4 de Março de 1991.

Em 1992, Preston iniciaria, com o artigo “Crisis in the Hot Zone”, uma série de artigos e livros que ele próprio apelida de “Dark Biology”: os artigos, “Crisis in the Hot Zone” (de Outubro de 1992) versariam, este, o vírus Ebola e “The Demon in the Freezer” (de Outubro de 1999), o vírus da varíola e a possibilidade da sua utilização como arma biológica. Os dois artigos seriam desenvolvidos depois em obras de ficção que tornariam o autor famoso devido a este tipo de *thrillers* científicos, baseados em investigação real, mas que são, seguidamente, ficcionados. Um terceiro livro nesta linha, *The Cobra Event*, sobre armas de bioterrorismo, causaria alguma polémica especialmente quando, depois dos acontecimentos do 11 de Setembro e das ameaças de antraz, se tornou muito actual e, mesmo, premonitório.

Enquanto não surgiam os grandes sucessos acima mencionados, Preston escreve “The Mountains of Pi”, em 1992, acerca de dois matemáticos (judeus) soviéticos, que imigraram em 1978 para os Estados Unidos, buscando o local “where things are happening” (Wolfe, d, vii). O artigo ganhou o AAAS⁵⁴-*Westinghouse Award for Science Journalism*, continuando assim o reconhecimento público e institucional do trabalho de Preston no domínio da ciência. Este Perfil da *The New Yorker* seria porém mais do que um artigo de divulgação científica: tal como “Lady Olga”, “The Mountains of Pi” foi publicado na secção de perfis da revista, dedicada à apresentação de personalidades que, devido às suas características únicas, eram revestidas de interesse suficiente para serem abordadas em pormenor. Tal interesse levou ainda a que o artigo inspirasse um filme, “ π ”, realizado em 1998 por Darren Aronofsky, que conseguiu um sucesso considerável com um filme de baixíssimo orçamento. O filme não é baseado directamente no artigo de Preston, mas no interesse que existe desde a Antiguidade num número muito especial e que continua a ser parcialmente desconhecido.

⁵⁴ AAAS – *American Association for the Advancement of Science*.

2. Ambiente Social

As has been true for almost 400 years, people come to New York and find there a milieu in which the impossible can be attempted. (Berroll, 173)

Quando, no capítulo anterior, foi feita referência ao ambiente social na Nova Iorque da década de 60 do século XX, afigurava-se previsível que os anos que seguiriam não seriam fáceis para a cidade e para muitos dos seus habitantes. Além desta perspectiva algo negativa, deveremos juntar outro factor que determinaria o curso dos acontecimentos, nomeadamente o panorama demográfico.

Em 1965 é promulgada uma lei que altera e flexibiliza as regras que permitem a imigração para os Estados Unidos e, conseqüentemente, aumenta o número de imigrantes: “About half of the foreign-born population of New York in 1980 had arrived after 1965, when the Hart-Celler Act, as we have seen, eliminated the quota system and established family reunion and needed skills as the basis for admission.” (Berroll, 166). Como esta autora refere, Nova Iorque continua, como sempre tinha acontecido, a receber um grande número destes imigrantes, com a vantagem adicional, em termos de planeamento de medidas para a sua recepção, de ter menor percentagem de imigrantes ilegais do que outros estados como, por exemplo, o Texas ou a Califórnia.

Em 1995, e ainda baseando-nos no estudo de Berroll, os especialistas em demografia estimavam que cerca de 30% da população da cidade tinha nascido noutra país e que tal percentagem seria ainda maior se os imigrantes ilegais também fossem incluídos. Esse universo continha imigrantes de todos os pontos do planeta, frutos da dupla influência *push and pull*, que pressupõe conjuntos de factores que simultaneamente empurram os emigrantes para fora dos seus países e atraem imigrantes para um destino específico. O número de países de origem da população estudantil de Nova Iorque demonstra a variedade dos seus habitantes – o universo escolar infantil e juvenil era, em 1994, constituída por alunos provenientes de 188 nações.

De entre todos estes grupos, destacavam-se alguns, cujos contingentes eram mais representativos. As décadas de 1970, 80 e 1990 presenciaram a chegada de grandes

grupos de imigrantes provenientes de diversos países das Caraíbas, do Médio Oriente, da Ásia e da América do Sul e também da União Soviética:

In spite of the city's economic difficulties, as was true for those who came before, employment opportunities and the presence of family and friends pull immigrants to New York; lack of opportunity and political repression provide the push to leave their homelands. (...) An important example of the effect of political change was the exodus of Soviet Jews from the former Soviet Union and its satellites. (Berroll, 166)

Os irmãos Chudnovsky, personagens principais de “The Mountains of Pi”, chegaram aos Estados Unidos em 1978, englobados nesse grupo de soviéticos que procurava melhores condições para desenvolver, no seu caso, um trabalho muito especial que não se limitava à busca de melhores condições económicas ou mais liberdade, mas também à busca de melhores condições para pesquisa científica. Faziam parte de um fenómeno verificado com frequência a partir da década de 1930, quando por razões que se foram alterando ao longo do tempo, o fenómeno do *brain drain* europeu com destino aos Estados Unidos se iniciou de forma marcante. Mais do que a força e os braços de trabalho das anteriores gerações, a América encorajava agora a vinda dos cérebros que, noutras paragens, não encontravam o mesmo encorajamento ao progresso científico que ali podiam encontrar.

Aliás, e continuando a tendência que já era verificada no período referido no capítulo anterior, o mercado de trabalho na cidade de Nova Iorque cada vez mais requeria trabalhadores especializados, pois a indústria continuava o seu êxodo (especialmente a de vestuário), e o sector terciário a aumentar.

Será útil, para melhor apreciar o desenrolar da situação que levou aos anos de 1990, recuar a 1977, o ano da saída dos Chudnovsky da Ucrânia natal para França e da eleição do *Mayor* Edward Koch. Koch é eleito, pelo Partido Democrata num ano em que as perspectivas que se apresentavam à cidade eram muito negativas. O novo *mayor* não enfrentou todas essas dificuldades de cabeça baixa: pelo contrário, logo no seu discurso inaugural afirmou: “New York is not a problem. New York is a stroke of genius. From its earliest days, the city has been a lifeboat for the homeless, a refuge for the hungry, a living library for the intellectually starved, a refuge for the oppressed.” (Berroll, 154). Todos os grupos que Koch refere carecem de algo. É de realçar o facto que o poema que Emma Lazarus, a jovem judia americana, tinha escrito no âmbito da

campanha de recolha de fundos para a construção do pedestal para a Estatua da Liberdade, referia apenas:

(...). Give me your tired, your poor,
Your huddled masses yearning to breathe free,
The wretched refuse of your teeming shore,
Send these, the homeless, tempest-tossed to me, (...)
(Emma Lazarus, 1883)

Este poema mostra o idealismo da jovem preocupada com os destinos dos pobres e oprimidos de todo o mundo – entre os quais, é de lembrar o próprio Abraham Cahan, que foi recebido à sua chegada aos Estados Unidos, por esta judia oriunda de boas famílias, que muito se ocupou da sina dos seus irmãos de fé, recém-chegados ao novo país. A mensagem do poema de Emma Lazarus foi actualizada, cem anos mais tarde, pelo pragmatismo da autoridade máxima da cidade de todos os imigrantes.

Koch menciona, além dos *homeless* e *hungry*, os *intellectually starved*, um grupo de imigrantes novo e importante para a cidade e para o país. No início da década de 1980, devido à acção do *mayor* e também a outros factores conjunturais, Nova Iorque estava a ultrapassar uma das maiores crises financeiras que a municipalidade tinha atravessado. A oferta de emprego aumenta mas sempre no sector mais especializado. Em 1983, 28,9% da força laboral da cidade detinha empregos no sector dos serviços, (com mais de 1,5 milhões de pessoas) e 15,5% no sector governamental (Berroll, 154). Uma das consequências negativas deste tipo de oferta de emprego mais especializado era, porém, o desemprego da mão-de-obra não especializada, que era predominantemente de minorias étnicas: em 1983, o desemprego atingia 46% dos nova-iorquinos negros.

Todavia, nem todas as minorias estavam em situação tão negativa; pelo contrário muitos imigrantes de origem asiática e sul-americana encontram novos e rentáveis nichos de mercado no comércio de artigos provenientes de outros países ou na restauração. Berroll refere: “(...) it is the newest New Yorkers who are producing and consuming much of what is being sold in the city and thus strengthening the New York economy (...)” (*ibid.*, 155). Os imigrantes mais recentes em cada momento têm ainda mantido viva a indústria de vestuário, tanto a de alta qualidade, como a de qualidades inferiores, que utiliza imigrantes legais ou ilegais, que aceitam remunerações mais baixas. Apesar de medidas, como a política de *affirmative action*, o nível de empregabilidade dos Africano-Americanos não sofreu aumentos de monta durante estas

décadas. Pelo contrário, novos imigrantes negros provenientes da zona das Caraíbas têm sido bem sucedidos, tal como os grupos de asiáticos e sul-americanos.

A população imigrante legal tem assim seguido tendências que a lei americana, e as necessidades dos recém-chegados têm esboçado em conjunto. Em termos de números gerais de imigrantes para os Estados Unidos, é de interesse referir que ao contrário do que se tinha passado até então e depois dessa data, entre 1930 e 1979 o país foi demandado por mais mulheres do que homens (Simon, 5). Por outro lado, entre 1971 e 1980, um grupo de 31 309 residentes da então União Soviética puderam imigrar para os EUA ao abrigo de leis que concedem direito de refúgio (*ibid.*, 10). A respeito deste grupo específico de imigrantes, onde se iriam incluir os irmãos Chudnovsky, um inquérito Gallup à opinião pública, feito em Julho e Agosto de 1965, continha três questões relativas ao acolhimento deste grupo de origem de imigrantes. Uma delas, mencionada a seguir, obteve os seguintes resultados:

Do you think the United States immigration policy should or should not have provisions for admitting people who escape from communism?

Response	Percent
Should	64
Should not	23
No opinion	13

(Simon, 37)

Será de referir que este resultado representava um caso muito especial de sentimento de boas vindas, que iria permanecer durante anos a seguir a este inquérito: se o tipo de questão referisse apenas a imigração em geral, as respostas tendiam a ser bem diversas: em 1965, 42% da população opinava que o número total de imigrantes devia diminuir, mas em 1981 esse número já tinha crescido para 66% (tendo porém vindo a decrescer a partir de então, com um valor situado nos 48%, em 1990). Simultaneamente, um número cada vez maior de imigrantes, admitidos no país a partir da entrada em vigor da lei de 1965, refere como área laboral “Professional, technical and kindred”. Em 1960, este tipo de imigrantes perfazia um total de 21 940 (17,9% do total) e, em 1970, o mesmo grupo já perfazia o número de 46 151 (29,4% do total de imigrantes), aliás a maior percentagem registada nesse ano, seguida de 17,9% de “Craftsmen, foremen, and kindred workers”, também mão-de-obra especializada (Simon, 1993). De facto, a oferta de postos de trabalho no país era dirigida a trabalhadores qualificados e especializados, o que pressupunha o seu recrutamento entre a população local ou a sua “importação”. Neste contexto, a educação que tinha vindo a crescer em número de

alunos, qualidade e extensão da formação, tal como foi visto no capítulo anterior, continua a sofrer os ajustes necessários.

Este sector, a todos os níveis, sofreu, durante as décadas de 1970, 80 e parte da década de 1990, profundas alterações que foram em grande medida consequências de um outro factor de relevo: a existência de uma população escolar muito diversificada. Por um lado, houve necessidade de ajustar as escolas ao conhecimento limitado da língua inglesa que muitos dos imigrantes de recente data e os seus filhos detêm. Porém, e por outro lado, a educação bilingue destinada a ajudar os filhos de imigrantes a terem uma adaptação mais suave ao novo ambiente, teve frequentemente efeitos perversos: em relação à comunidade falante de espanhol, menciona Berroll: “As matters stood in the 1970’s, 1980’s, and 1990’s, it was not unusual for a child whose first language was Spanish to go through bilingual elementary, high school, and college programs and emerge ill-equipped for a white-collar position in New York.” (Berroll, 160).

Numa altura em que a competência linguística em inglês é essencial, tendo em vista as exigências do mercado laboral, não existe grande esperança de emprego qualificado para quem não domine a língua dominante do meio laboral em que se vai integrar. A autora acima mencionada admite porém, que a situação tem vindo a melhorar e que resultados animadores estão a ser obtidos junto da população escolar mais jovem: “ Tests administered to New York City elementary, middle and high school students showed that 47.5 percent scored above grade level in reading and 50.3 percent above grade level in mathematics (...)”, (*ibid.*, 165). Tendo estes resultados sido obtidos em 1994 e confirmados de então para cá, as perspectivas são de progresso.

Se o influxo de residentes trouxe alguns problemas à organização do ensino, por outro lado adicionou riqueza a duas áreas fundamentais da vida da cidade: o comércio e a vida cultural. Novos grupos de origem étnica diversa, ou o crescimento de outros já existentes, abriram caminho ao estabelecimento do comércio de produtos das mais variadas origens, que servem, não só o nicho de mercado circunscrito ao próprio grupo étnico, mas também todo o público, assegurando entretanto um meio de subsistência para os comerciantes.

Uma vida cultural cada vez mais rica e plurifacetada funciona como um chamariz para a fixação de população residente e para a vinda de turistas. Berroll refere por exemplo que, na década de 1980: “The outward movement of people has been somewhat reversed by the return of young men and women who were born and raised in the suburbs but who now see New York as the place for opportunity and fun.” (*ibid.*, 149).

O regresso de uma população com poder de compra e disponibilidade para consumir a produção cultural da cidade reforça o financiamento desse tipo de actividades que assim se renova e cresce constantemente.

The expansion of white-collar and professional jobs that delineated New York's economic profile in the 1980's also strengthened a different side of the city. The cultural and entertainment services that are a unique mark of New York flourished because middle- and upper-class residents, as well as tourists visiting the city for business or pleasure, bought tickets for plays, visited the city's great museums, and shopped in its stores. (Berroll, 155)

Será assim numa cidade em plena revitalização em 1992, que surge o artigo sobre as pesquisas dos irmãos Chudnovsky, habitantes de Nova Iorque havia já cerca de catorze anos mas que mantinham ainda muitas das características que tinham trazido consigo desde a Ucrânia de origem.

3. Receptor

Como veremos mais adiante, 1992 é um ano de transição para a revista *The New Yorker*. Durante a maior parte deste ano, o editor foi Robert Gottlieb, um elemento que tinha sido escolhido dentro da própria publicação e que dizia acerca da sua posição em relação à revista: “ ‘I told Si,’ [the owner of *The New Yorker*] ‘You have to understand, I’m a conservator,’ Gottlieb said in an interview.” (Yagoda, a, 417). Yagoda refere ainda que este editor tomou posse do cargo tendo como plano de acção não efectuar demasiadas mudanças, mas conservar o que estava feito, como se a revista fosse quase uma peça de museu. O seu aspecto conservador fidelizava muitos dos seus leitores tradicionais e era por isso mesmo que outros potenciais leitores não a compravam.

Gottlieb posicionava-se como um continuador de uma tradição instituída ao longo dos anos pelos dois editores que o tinham precedido e que tinham moldado a revista que lhe chegaria às mãos. Os anos de 1960 tinham sido período conturbado, com descida no número de leitores, aparentemente atribuída a tomadas de posição editoriais contrárias a decisões governamentais (por exemplo, em relação à Guerra do Vietname) mas, mesmo assim, a década de 1970 assistiu a um aumento global de 12% no número de assinaturas. Se Tom Wolfe tinha criticado *The New Yorker* do início dos anos de 1960 por excessivo imobilismo, a segunda metade da mesma década terá sofrido, a nível de manutenção ou crescimento de audiência, por excessivo intervencionismo social e político. Porém, já em 1975 e com um clima social menos conturbado, a aquisição de um número de *The New Yorker* permitia, por um custo semanal de sessenta cêntimos, que o leitor pudesse ler peças originais escritas por autores de renome, tanto americanos como estrangeiros. William Shawn levantou a proibição de traduções, o que permitiu a publicação, no domínio da ficção, de escritores como Jorge Luis Borges ou Isaac Bashevis Singer. A consequência deste ecletismo foi um sucesso de vendas cada vez maior e a extensão do público-alvo da revista, que incluía cada vez mais leitores a nível nacional e mesmo internacional.

Esta revisão do público-alvo tipo da revista devia-se em parte a este alargamento a autores internacionais mas também a autores americanos que escreviam sobre diferentes realidades nacionais, não se limitando assim a revista a pontos de vista muito urbano ou nova-iorquinos, como tinha sido característico até então: “despite its national

readership, the geographical sensibility of the magazine was still mainly limited to New York, the British Isles, and the American South.” (Yagoda, a, 375)

A política empresarial da revista foi reforçada e, por isso, o número de páginas publicitárias também aumentou, tendo a receita proveniente dos anunciantes atingido a soma de 5,3 milhões de dólares em 1981. Depois do sucesso desse ano, *The New Yorker* entrou num período de alguma recessão, que será analisado em mais pormenor na quarta parte deste capítulo. O comando da revista passa, em 1987, para as mãos de Robert Gottlieb, como já foi referido, e todos os esforços são feitos para a recuperação de um lugar de destaque.

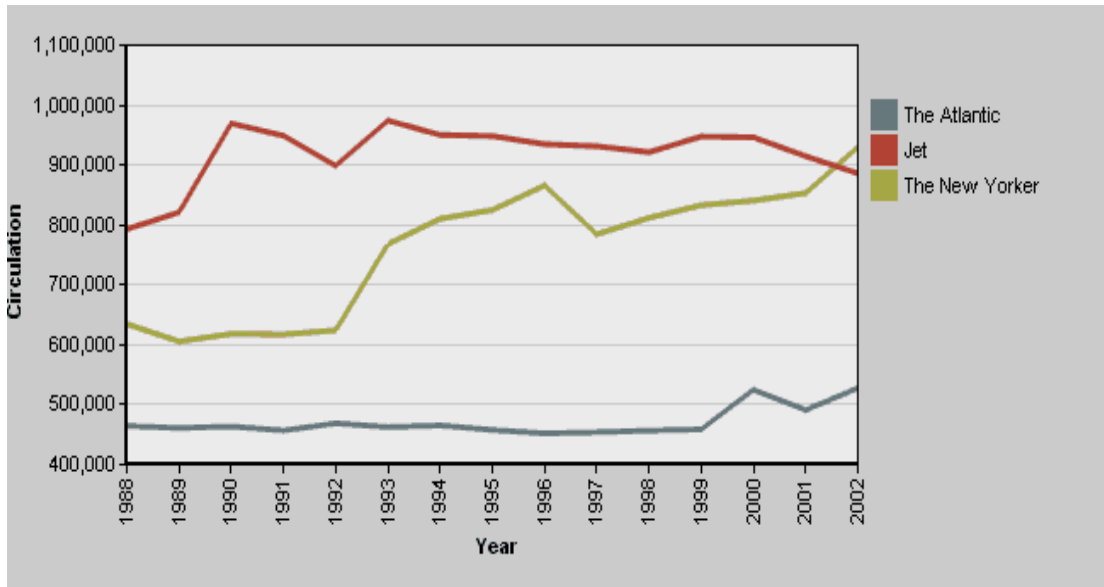
O período que mediou entre o fim da década de 1980 e o início da seguinte foi muito delicado para a revista. Devido a uma política agressiva de redução de preços de assinaturas, a nova direcção conseguiu que a circulação subisse, de 564 000 em Junho de 1987, para 628 000 exemplares, cinco anos mais tarde, em 1992. Todavia, conforme indica Yagoda, a idade média dos leitores da *The New Yorker* era elevada e a revista não atraía assinantes ou leitores ocasionais de um grupo etário mais baixo como tinha feito anteriormente. O tipo de leitor que foi referido na época de “Lady Olga” de Joseph Mitchell, aquele que lia a revista desde adolescente e que continuava a sua leitura ao longo de diferentes fases da vida, não era o tipo mais comum. A faixa etária em que a revista era bem sucedida tornava-se cada vez mais alta.

Num estudo publicado *online* pela *Journalism.org*, *The State of the News Media 2004*⁵⁵ é possível constatar este facto, em quadros estatísticos que versam três tipos de dados importantes quando se pretende estudar o tipo de receptor de um texto, mais precisamente da publicação em que ele se pode encontrar. Assim, e como é possível aceder a este tipo de estudos para a revista *The New Yorker* para o período em apreço – os anos de 1990 –, serão apresentados três quadros relativos a outros tantos parâmetros de estudo para as publicações periódicas:

1. Circulação de revista
2. Idade média dos leitores
3. Rendimentos médios dos leitores

⁵⁵ Informação disponível em:
http://www.stateofthenewsmedia.org/narrative_magazines_intro.asp?cat=1&media=7 – acessível em 19 de Novembro de 2004

Quadro 1



Quadro 1: Circulação de três publicações de referência.

A revista *The Atlantic* é mensal

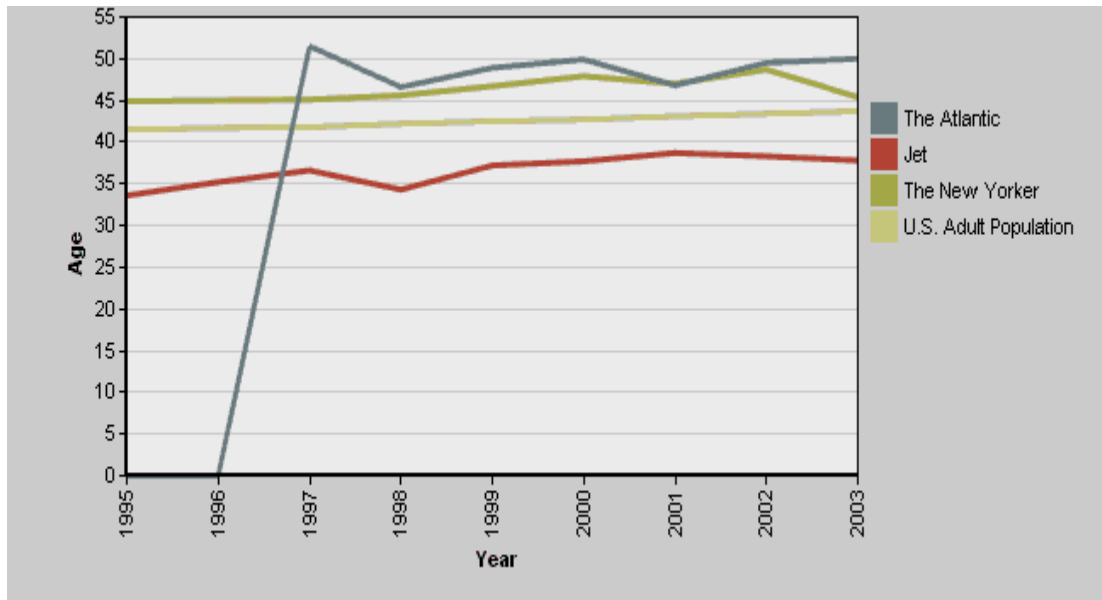
Fonte: *Audit Bureau of Circulations, annual audit reports*

Podemos notar que, ao ano de publicação de “The Mountains of Pi”, 1992, a revista registava uma ligeiríssima tendência de subida do número de exemplares vendidos, que se iria consolidar nos anos seguintes. Deve ainda ser referida a divisão por género dentro do universo de leitores que, segundo o estudo, refere um número mais elevado de mulheres leitoras da *The New Yorker*: “The opposite is true of *The New Yorker*, which has a few more women readers – 2.1 million females compared to 1.9 million males”⁵⁶

O segundo quadro, na página seguinte, mostra dados acerca da idade média desse universo de leitores:

⁵⁶ V. Nota 55

Quadro 2



Quadro 2: Idade média do universo de leitores
Fonte: MediaMark Research, “Magazine Audience Estimate”⁵⁷

Este quadro refere a idade média dos leitores somente a partir do ano de 1995, mas a tendência existia já anteriormente. Se analisarmos os números, poderemos verificar que a idade média dos leitores da *The New Yorker* é superior à idade média dos cidadãos americanos, se bem que nos últimos anos tenha vindo a registar uma descida, mesmo que não muito acentuada. A confirmar-se essa tendência, isso implica um rejuvenescimento do público-alvo da revista, o que é um bom prenúncio para o futuro, já que a publicação sempre tem tido leitores fiéis que mantêm durante longos anos o hábito de adquirirem a revista.

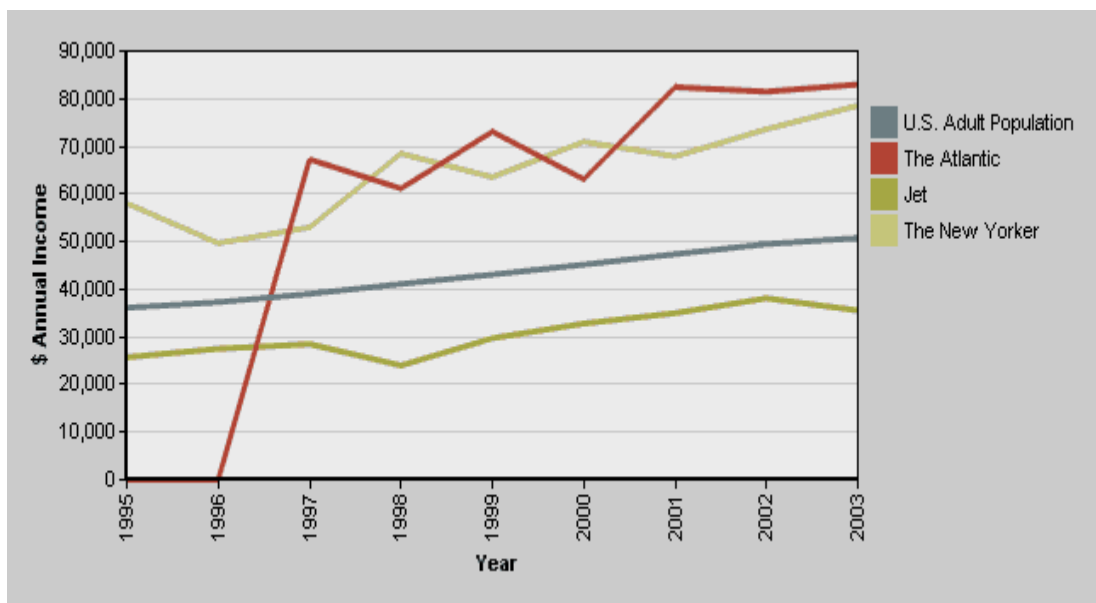
O último quadro refere a média de rendimentos dos leitores das mesmas três revistas.

57

“The figures are based on an annual “Magazine Audience Estimate” [1995-2003] of 20,000 readers done by Mediamark Research off a list of magazines the research firm select. Their list included six magazines that fell into our news magazine category; *Time*, *Newsweek*, *US News and World Report*, *The New Yorker*, *the Atlantic* and *Jet*.” Informação disponível em: http://www.stateofthenewsmedia.org/narrative_magazines_intro.asp?cat=1&media=7, acessível em 19 de Novembro de 2004

Os quadros estatísticos utilizados para este trabalho só incluem as revistas *The New Yorker*, *Atlantic e Jet*, ou seja o grupo que é referido no estudo como “Outside the Big Three”, (*Time*, *Newsweek*, *US News and World Report*), revistas estas que têm circulações muito superiores às outras acima referidas.

Quadro 3



Quadro 3: Rendimento médio do universo de leitores.

Fonte: ⁵⁸

A revista *The New Yorker* é lida por um público cujos rendimentos são superiores em cerca de 50% ou mais, à média nacional, só ultrapassados em alguns anos pelos leitores da *Atlantic*.

Obtemos assim um quadro padrão do receptor de *The New Yorker* da década de 1990 e consequentemente dos leitores originais do artigo de Richard Preston:

- Número de leitores que corresponde a uma circulação superior ao meio milhão de revistas, mesmo no período mais conturbado da vida da revista;
- Público maioritariamente feminino, se bem que por curta margem;
- Idade média situada entre os 45 e os 50 anos;
- Rendimentos médios superiores aos rendimentos médios da generalidade da população e em tendência ascendente.

O facto de o artigo ter sido posteriormente publicado em colectâneas prefigura um outro tipo de receptor:

- Leitores de *nonfiction*;
- Consumidores de livros.

⁵⁸ V. Nota 57

Uma das consequências directas da recepção individual de “The Mountains of Pi” foi a intervenção de um mecenas que ajudou os dois heróis, os irmãos Chudnovky, a resolver os problemas de integração no meio científico norte-americano. O artigo de *The New Yorker* foi referido a um empresário que se envolveu na busca de uma solução para tornar a vida dos irmãos mais cómoda, simultaneamente usando os seus conhecimentos para o benefício da comunidade académica da *New York Polytechnic University*, que os acolheu como investigadores e docentes de pós-graduação. Por outro lado, alguns membros de comunidade científica não apreciaram demasiado a atenção dada à busca de uma definição mais precisa de pi (π) pelos Chudnovsky, feita no artigo de Preston:

The Chudnovskys received a burst of popular attention from a profile published in *The New Yorker* in 1992 (...) But the article’s “woozy” description of their quest to calculate pi damaged their credibility with other mathematicians, says Mr. Robbins of Rutgers. “Most mathematicians would say, ‘What has that got to do with mathematics? It’s just numerology.’” (Kiernan, A20)

Esta opinião, dada por um dos entrevistados pelo autor (e referido no artigo) ao recolher material para a sua escrita, parece confirmar a opinião demonstrada por Hillgartner, no artigo “The Dominant View of Popularization: Conceptual Problems, Political Uses”, quando o autor escreve: “When attacking the claims of others, the notion of ‘distortion via popularization’ can be deployed against any of a spectrum of targets, including other scientists, journalists, officials, and the public.” (Hillgartner, a, 533). A reserva que os cientistas se devem impor e que, neste caso, não existiu por parte dos Chudnovsky, causou um misto de reacções benéficas e contrárias aos interesses dos matemáticos. Essas reacções foram, porém, apenas pessoais e não representaram um fenómeno colectivo de recepção do artigo pelo público em geral. Não deixa porém, de ser interessante referir as ondas de choque que um artigo deste tipo causa no microcosmos da comunidade científica, que se sente incomodada com a atenção mediática dada a um elemento em particular.

A crise de circulação que *The New Yorker* atravessa em 1992, irá levar a mudança de testemunho no cargo de editor, em Outubro do ano da publicação de “The Mountains of Pi”, de Robert Gottlieb para Tina Brown. A nova editora, além de ser de origem britânica, não pertencia ao universo *The New Yorker*, como todos os anteriores editores e vinha de uma revista completamente diferente, a *Vanity Fair*. Origina por isso uma série de sinais de rejeição, tanto dentro da revista como no meio editorial nova-iorquino que, em conjunto, a acusaram de desvirtuar o projecto. Tina Brown consegue apesar de

tudo recuperar alguma da prosperidade perdida da revista, especialmente nos primeiros anos da sua direcção. A verdadeira recuperação da revista surgirá porém, no momento em que David Remnick, o novo editor, proveniente do interior da revista, retoma, a partir do fim de 1998, uma linha mais de acordo com a tradição da revista, se bem que muito adaptada aos tempos actuais com, por exemplo, grande parte dos artigos da revista acessíveis de forma graciosa através do *site* da revista, www.newyorker.com.

Este momento menos feliz da vida da publicação não correspondia porém, ao momento crescente em termos de sucesso junto do público, do autor do artigo em apreço. Em Outubro, Preston irá publicar, também em *The New Yorker*, o artigo “A Reporter at Large: Crisis in the Hot Zone”, que será seguidamente transformado no livro acima mencionado. O autor continuava assim uma carreira tematicamente situada dentro da área das ciências naturais e muito particularmente relacionada com a eminência das consequências negativas da investigação científica.

A procura de novos limites na ciência, desbravados pelos Chudnovsky de uma forma muito pacífica e pouco mediática, é substituída por aquela que é exercida dentro de outros campos científicos mais espectaculares, como as doenças emergentes ou o bioterrorismo. Richard Preston descobriu, durante a década de 1990, uma fórmula mais atraente em termos de colocação no mercado dos seus escritos, mas dirigida a um público algo diferente de uma *The New Yorker* diversa do que já tinha sido.

4. Objecto Cultural



Ilustração 16– Os Irmãos Chudnovsky

“The Mountains of Pi” tem, como todos os textos do corpus, referente extra-textual concreto e uma dupla missão determinada pela intenção autoral e pelo meio que publicou originalmente o texto; tal como o texto apreciado no capítulo quarto, tem um referente muito visível socialmente. Quase cem anos depois da publicação de “Drowned their Sins”, este texto confronta de novo o receptor com a saga de uma figura de alteridade no meio social americano e nova-iorquino. Esta figura tem, todavia, nome e existência, não é só um tipo representativo de uma realidade anónima, que não tinha relevância social suficiente para ser individualizada, como se verificava no texto de Cahan. Os dois irmãos Chudnovsky encarnam uma figura de alteridade, diferente porém das retratadas nos primeiros dois textos – de Cahan e Mitchell – divergentes em relação a uma norma; tal como Jane Holzer no texto de Tom Wolfe, os irmãos

Chudnovsky distinguem-se da norma, mas sem por isso serem penalizados em termos de hierarquia social.

4.1. O Encargo

Tal como verificado com os autores anteriormente estudados, também Preston foi influenciado por determinantes que enformaram o encargo que conduziu ao resultado final, o artigo que veio a ser publicado. A partir do estudo das circunstâncias em que foi escrito podemos delinear a seguinte versão desse encargo:

- **Circunstâncias imediatas** – texto não-ficcional, originalmente planeado para a secção *Talk of the Town*, mas que é desenvolvido, sendo publicado como um *Profile*, da revista *The New Yorker*, em 2 de Março de 1992;
- **Experiência profissional e pessoal do autor** – Doutorado em Inglês por Princeton em 1983 com especialidade em comunicação, Preston iniciou, logo a seguir à conclusão do grau académico, uma carreira como escritor e jornalista literário. Escreve para *The New Yorker* desde 1986; Autor de diversos livros e artigos jornalísticos de sucesso comercial, na sua grande maioria ligados a assuntos científicos ou à chamada *popular science*.
- **Condições locais** – em 1992, Nova Iorque era uma cidade em franca ascensão depois da crise dos anos de 1970 e da recuperação da década de 80 do século XX. A vida cultural estava pujante, com actividade artística no domínio de todas as artes
- **Meio utilizado e restrições inerentes** – a revista *The New Yorker* da época atravessa uma crise de confiança e de liderança, causada por uma certa estagnação a nível de vendas e uma direcção editorial esgotada em termos de soluções de continuidade do espírito original da revista.
- **Condição estéticas** – Nova Iorque continua a tradição de centro vital das artes, mantendo variedade criativa de todas as formas culturais: “New York has remained the cultural capital of the United States, “the place where artists, actors, musicians, dancers and writers come together to make American

culture.”(Berroll, 171). Autor proveniente de formação académica na área do Inglês e da escrita criativa (“McPhino”).

“The Mountains of Pi” foi originalmente publicado na edição de 2 de Março de 1992 da revista *The New Yorker*. Em 1995 é publicado de novo, incluído na colectânea *Literary Journalism. A New Collection of the Best American Nonfiction*, recolhida pelos editores Norman Sims e Mark Kramer. No ano 2000 é mais uma vez incluída em outra colectânea desta feita da editora Random House, sob a direcção de David Remnick, com o título *Life Stories: Profiles from The New Yorker*: a mesma colecção foi reeditada pela *Modern Library* em 2001, contendo também o artigo de Richard Preston.

4.1.1. Sinopse



Ilustração 17- Capa de *The New Yorker*, edição de 2 de Março de 1992

Gregory e David Volfovich Chudnovsky são dois irmãos, americanos no momento da escrita do artigo mas nascidos ucranianos, em Kiev. Em 1977, imigram da União Soviética com os pais, primeiro para França e, seis meses mais tarde para os Estados Unidos. O texto refere-os a viver em Nova Iorque havia aproximadamente catorze anos, já casados – David com uma cidadã francesa e Gregory com uma Americana – e ainda na companhia da mãe.

Os dois irmãos vivem no *West Side* de Manhattan, em dois apartamentos próximos. No apartamento de Gregory encontra-se um super-computador, o m0 (m é a sigla de *machine*). Gregory tem miastenia grave, uma doença neurológica degenerativa, que lhe causa dificuldades nos movimentos e na respiração: tendo o computador, instrumento

de trabalho imprescindível, em casa o matemático não precisa, assim, de se deslocar para trabalhar.

Os dois irmãos, matemáticos de formação, trabalham em teoria dos números e física matemática. À época, são investigadores sénior da Universidade de Columbia e o seu trabalho é patrocinado por esta universidade e por outras entidades. Uma das questões matemáticas que mais tem preocupado estes dois irmãos, que funcionam simbioticamente tanto a nível pessoal como profissional, é o cálculo de π , talvez a mais famosa razão matemática.

Os irmãos Chudnovsky são descritos, a dada altura, da seguinte forma: “You often find the brothers conjoined, like Siamese twins, David holding Gregory by the arm or under the armpits. They complete each other’s sentences and interrupt each other but they don’t look alike.” (Sims, 114). A força destes dois imigrantes, sobreviventes de uma fuga de um meio hostil, imersos num trabalho de índole científica básica, da teoria dos números, e unidos de uma forma indestrutível, é de uma simbologia extraordinária. Esta figura de alteridade, imigrantes provenientes de um país que não os reconhecia nem acarinhava, encontra-se no país de acolhimento, levando a cabo uma rota traçada antes da chegada ao Novo Mundo. A sua bagagem incluía um bem muito apreciado mas não material: conhecimento científico especializado e valioso. Eles são o paradigma da alteridade assumida; o que os distingue é a sua essência de cientistas e as características “americanas” que vão adquirindo são traços secundários que eles escolhem selectivamente para os ajudar no seu progresso pessoal.

A sua existência como homens da ciência foi a característica mais focalizada: o facto de serem judeus ou soviéticos de origem é referido apenas como uma característica biográfica importante, mas não a dominante. As dificuldades no país de origem, adicionadas à doença de Gregory que não podia ser aí devidamente tratada, levam a família inteira a procurar outro país para viver. Razão para tal não foi directamente a falta de trabalho ou de realização profissional: os pais Chudnovsky eram ambos engenheiros: o pai “Volf Chudnovsky was a professor of civil engineering at the Kiev Architectural Institute” (Sims, 115), e a mãe, Malka Benjaminova Chudnovsky, “a retired engineer” (*id.*, *ibid.*). A candidatura à imigração custou aliás, a Volf Chudnovsky o seu trabalho no Kiev Institute. A partida da União Soviética é difícil, e tanto David como os pais são maltratados fisicamente com gravidade por elementos do KGB que se encarregam de lhes dificultar bastante a vida, a partir do momento em que

pedem autorização para emigrar. Só a intervenção de Sakharov, de um senador norte-americano e do governo francês em conjunto permitem a obtenção do visto de saída.

Nos Estados Unidos, os dois irmãos fazem grande parte da sua pesquisa no apartamento de Gregory, transformando-o em local de trabalho repleto de papéis, documentos e livros: o comentário do matemático acerca do improvisado gabinete científico, resume a situação em poucas palavras – “Eventually, these papers or my wife will turn me out of the house.” (Sims, 119) A pesquisa começou a ser feita ainda antes da construção do m_0 , através do trabalho efectuado por um aparelho existente no apartamento que era ligado a outros computadores através de algo que, à época, ainda requeria explicação: “The keyboard and the screen are connected to Internet, a network that leads Gregory through cyberspace into the heart of a Cray [computer] somewhere else in the United States.” (*ibid.*, 117). Esta ligação a outros computadores permitia-lhes avançar na busca de valores mais aproximados de π : tentavam atingir então a aproximação ao bilião deste número transcendental, isto é “a number that exists but can’t be expressed in any finite series of either mathematical or algebraic operations” (*ibid.*, 119).

A razão de busca tão obstinada era dupla: o primeiro motivo seria a existência de diversos matemáticos, competindo para encontrar a aproximação mais exacta ao número; em segundo lugar existia a procura da beleza, perfeição e significado de algo infinito, por seres humanos imperfeitos e finitos. David Chudnovsky diz a esse respeito: “Maybe in the eyes of God π looks perfect.” (*ibid.*, *ibid.*). Em contrapartida, o narrador opina: “If a billion decimals of π were printed in ordinary type, they would stretch from New York City to Kansas. This notion raises the question: What is the point of computing π from New York to Kansas?” (*ibid.*, 122). Os pontos de vista de personagens e narrador são aqui claramente opostos, demonstrando os primeiros o entusiasmo pela sua pesquisa, enquanto o segundo não conseguia entrever motivo para uma missão tão quixotesca. Os Chudnovsky tinham estabelecido, em 1989 um recorde de cálculo de π que tinha excedido o bilião; nessa altura desistiram, segundo confidencia o narrador, “out of boredom” (*ibid.*, *ibid.*)

Quando o autor os vai entrevistar, ao apartamento de Gregory, os irmãos tinham construído o seu computador novo, feito de peças que encomendavam em diferentes fornecedores nos Estados Unidos, com o intuito de prosseguirem a busca da computação de π até aos dois biliões de dígitos, calculando que tal tarefa “(...) would be a good way to test their supercomputer.” (*ibid.*, 123). O computador m_0 em si, pertencente a uma geração de computadores muito mais volumosos do que os actuais,

era uma máquina que tinha de ser arrefecida por um série de ventoinhas para não sobreaquecer, não deixando, apesar de todos os ‘esforços’ dos seus criadores, de darem origem a temperaturas elevadas por todo o apartamento, que se tornavam quase insuportáveis no Verão.

A entrada do narrador na habitação assemelha-se a uma expedição espeleológica: a casa é atravessada em todas as direcções por cabos, está forrada de livros e papéis e o corredor conduz ao santo dos santos, a sala do computador: “The room contained seven display screens: two of them were filled with numbers; the others were turned off” (Sims, 123). Os irmãos já se tinham aclimatado tão bem à vida nova-iorquina que gracejavam “‘We are a full-service company,” David said. “Of course, you know what ‘full-service’ means in New York. It means ‘You want it? You do it yourself.’” (*ibid.*, 124)

Se bem que na mesma sala do computador, o narrador não se apercebe que o aparelho está lá todo, o que diverte os irmãos:

“Tell us how a supercomputer should look,” Gregory said.
I started to describe a Cray to the brothers.
David turned to his brother and said, “The interviewer answers our questions. It’s Pirandello! The interviewer becomes a person in the story.” (*ibid.*, 125)

A referência a Pirandello feita pelos irmãos é adequada, porque é exercida acerca de um narrador participante numa história de jornalismo literário. A intromissão de personagens ficcionais de obras da dramaturgia de Pirandello em outras das suas peças passa-se no domínio da ficção, numa intertextualidade em obras do mesmo autor. A intromissão do narrador em “The Mountains of Pi” é também muito notória, como se pode verificar, aliás, em muitos textos não ficcionais deste tipo. Essa é uma manifestação visível de subjectividade do narrador, não de personagens ficcionais e perfeitamente aceitável em tais textos. Este comentário de David resulta de um erro do narrador, que é assim posto em realce, minando de certa forma a confiança do receptor num narrador que se apresenta como perfeitamente documentado, mas cujo próprio texto desmente tal infalibilidade muito abertamente. O narrador admite assim a sua próprias visão (errada) estereotipada de um supercomputador, influenciada pelo modelo estabelecido de tal aparelho. O m0 não era uma máquina única imponente no seu tamanho, como um Cray, que era um exemplo de tecnologia informática de ponta no início da década de 1990. O supercomputador m0 era, de facto, uma rede de diferentes

máquinas interligadas, nove naquele momento, cujo número os irmãos planeavam aumentar até duzentos e cinquenta. O supercomputador em si seria, de facto, o resultado de ligações estabelecidas entre diferentes elementos interdependentes. A propósito, e estabelecendo uma comparação entre máquina e homem, diz um dos irmãos:

“Our machine is mostly made of connections,” David said. “About ninety percent of its volume is cables. Your brain is the same way. It is mostly made of connections. If I may say so, your brain is a liquid-cooled parallel super-computer.” He pointed to his nose. “This is the fan.” (Sims, 127)

O produto que os irmãos pretendiam obter, através da ajuda de computação dada pela máquina, era um cálculo. O resultado deste é um número aparentemente infinito que, pela intervenção de um outro programa de computador pode ser representado graficamente como uma cordilheira de montanhas – de pi: “it was the first eight million digits of pi, mapped as a fractal landscape by an I.B.M.” (*ibid*, 128). A representação gráfica permite aos irmãos tentar visualizar o número de forma diferente que, eventualmente, possibilite encontrar algum padrão ou ordem escondida até agora à razão humana, que os irmãos pensam poder entrever e que eles consideram como sendo o principal objectivo de pesquisa tão aturada – encontrar uma lógica, uma sequência que se repita, um valor estatístico significativo, num número que até ao momento actual parece ser uma sequência perfeitamente aleatória de dígitos.

Meses decorrem entre a primeira visita do narrador e a segunda. Entretanto Gregory tenta resolver uma complicação de saúde que o apoquentou e para tal desenvolve um novo *software* que permite visualizar os resultados de uma tomografia axial computadorizada de forma muito mais clara do que até então era possível. As visitas do narrador aos entrevistados multiplicam-se, e o contacto estende-se aos outros membros da família – a mulher de Gregory, a mãe de idade avançada e que padece do coração, mas que é “the glue that holds the Chudnovsky family together.” (*ibid*, 133).

O narrador descreve a sala que contém a máquina da seguinte forma: “The room enveloped us like noon on the Amazon (...)” (*id.*, *ibid*) O calor produzido pelo computador era enorme, mas certamente a sensação de estar perante uma máquina com uma capacidade de trabalho tão fora de comum seria como uma aventura num terreno pouco explorado. Esta máquina permitia-lhes calcular um número: esse número representa, porém, uma relação existente na Natureza, como aliás tudo o que é matemática: “ Everything in mathematics does exist now. It’s a matter of naming it. The thing doesn’t arrive from

God in a fixed form; it's a matter of representing it with symbols. You put it through your mind in order to make sense of it." (Sims, 136). Pi é conhecido há milénios, sempre provocou investigação entre a comunidade matemática, porque sempre foi vital para a nossa compreensão das dimensões do mundo e do universo: "Pi is obvious in the disks of the moon and the sun. The double helix of DNA revolves around pi. Pi hides in the rainbow, and sits in the pupil of the eye, and when a raindrop falls into water pi emerges in the spreading rings." (*ibid*, 120). A enumeração das ocorrências dessa razão na natureza prossegue, pondo o texto em evidência a ligação directa entre um número transcendental, uma razão matemática e a vida de todos os dias.

Gregory explica aqui muito do que é o conhecimento humano, que não é mais do que a forma humana de apreender o que existe para que possa fazer sentido. Quando algo é percebido de forma nova, perturbando a anterior forma aceite de compreensão, a reacção costuma ser de descrença, de negação ou mesmo de antagonismo declarado. A busca de um saber mais aprofundado de pi poderá assim ser considerada como uma tentativa de reorganizar uma forma de conhecimento estabelecido e, por isso, difícil de alterar.

Depois das entrevistas e do contacto directo com o objecto do artigo, o narrador procura outros pontos de vista. Assim, entrevista Herbert Robbins, o autor do livro *What is Mathematics*, cuja leitura pelos irmãos enquanto jovens, influenciou decisivamente a escolha da matemática como a área profissional e de pesquisa dos Chudnovsky. Ao divagar sobre a questão da aleatoriedade na construção do universo, o Professor Robbins expõe a importância dessa questão filosófica para as pessoas:

The question of whether the universe is a random process or is determined in some way is a basic philosophical question (...) My God, how many people have been murdered over an answer to that question! Mathematics is a lesser activity than religion in the sense that we've agreed not to kill each other but to discuss things." (*ibid*, 145)

O professor Robbins, que influenciou a vida dos dois irmãos, é um grande admirador da capacidade de Gregory, que refere da seguinte forma: "He likes to do things that are impossible." (*id.*, *ibid*). A oposição aleatoriedade/determinismo, problema filosófico fundamental da existência humana, era uma das questões em observação na busca da definição de pi – será esta razão matemática uma sequência de dígitos completamente aleatória, sem nenhuma lógica que a determine, ou será possível, através de uma determinação mais precisa do número, compreender a existência de uma lógica, que

não é facilmente visível? O Professor Robbins manifesta tal confiança nas opções de pesquisa dos Chudnovsky que não questiona a empresa, algo quixotesca, dos irmãos. Um dos problemas que os irmãos aparentemente não conseguiam resolver era o da sua situação laboral. A Universidade de Columbia dera-lhes o cargo de investigadores, mas sem salário, só com cobertura médica e um subsídio de alojamento. O Professor Robbins tinha tentado intervir a esse nível, mandando uma carta a diferentes departamentos universitários, mas não conseguira resolver o “Chudnovsky problem”. Robbins confiou a tal propósito: ““They are prototypical Russians [*sic*],” Robbins said. “They combine a rather grandiose vision of themselves with an ability to live on scraps rather than compromise their principles.”” (Sims, 148). Outros matemáticos são entrevistados acerca dos irmãos e se bem que existam algumas opiniões menos abonatórias para os Chudnovsky, a maioria distingue-os como dois dos maiores matemáticos vivos, e opina que a sua sabedoria estava a ser desperdiçada nos Estados Unidos havia mais de um década.

Todo o texto é percorrido por diversas explicações acerca de assuntos de índole científica a propósito de qualquer referência que surja no decurso do enredo. Existe grande preocupação em contextualizar toda a informação que está patente no texto, para que possa ser devidamente compreendida pelo leitor. Assim, a evolução histórica, desde a descoberta, passando pela evolução e até ao conhecimento actual da razão matemática, é feita no decurso do texto, integrando os Chudnovsky numa linha de cientistas e matemáticos que ao longo da história se têm interessado por um número que se mantém invariável desde o princípio dos tempos. Parece assim confirmar-se a opinião dos irmãos de que a realidade está de facto na matemática e não no ambiente humano em mudança que textos deste teor se dedicam a debater.

4.1.2. O Meio



Ilustração 18: Eustace Tilley,
Personagem criada por Rea Irvin,
Símbolo gráfico da *The New Yorker* desde os seus primórdios

No capítulo 3 analisámos “Lady Olga”, publicado pela revista *The New Yorker*, a revista referida por muitos autores, como um dos suportes para o sucesso e desenvolvimento do jornalismo literário nos Estados Unidos durante o século XX. Este capítulo aborda um artigo escrito para publicação na mesma revista, cerca de cinquenta anos depois, anos que foram recheados com os mais variados acontecimentos e durante os quais *The New Yorker* cresceu, mas também experimentou diversas crises, algumas das quais justamente na época em que “The Mountains of Pi” foi escrito.

A linha editorial da *The New Yorker* foi sempre muito vincada, publicando apenas artigos de gosto requintado, segundo critérios que foram durante décadas determinados pelo influente (e mesmo algo ditatorial) editor William Shawn. Para atingirem os critérios de qualidade pretendidos, os autores eram persuadidos a obedecer a um conjunto de regras entre as quais se podiam salientar as seguintes:

- O registo de língua a empregar seria sempre elevado, excluindo calão ou linguagem sensacionalista;

- O pormenor contido nos artigos era importante;
- E, finalmente, o rigor da informação transmitida era assegurado por um departamento (“fact-checking department”) que se encarregava de verificar a acuidade de todos os textos a publicar.

Devido à abordagem intencionalmente pormenorizada, os artigos, normalmente fruto de investigação cuidada, podiam ser longos, sendo comum que chegassem às vinte mil palavras. A relação entre escritor e editor era importante, com o modelo de escrita *The New Yorker* aplicado implacavelmente pela edição que era feita aos artigos propostos, com William Shawn a dar sempre a última palavra. Se bem que tirânico, nas regras que exigia fossem cumpridas, William Shawn era complacente com a variabilidade dos tempos de criação de cada autor, que podia passar meses sem nada publicar e sem para tal ser pressionado.

Shawn tinha sido nomeado para ocupar o lugar de editor da revista quando, em 1952, o fundador, e editor até então, Harold Ross, faleceu. Shawn, já tinha tido até então papel importante como auxiliar de Ross: durante os trinta e cinco anos que se seguiram, reinou quase incontestado dentro das paredes da revista. Tal não impediu, no entanto, que as críticas originadas fora da sua redacção não o atingissem, como por exemplo na época célebre dos dois artigos de Tom Wolfe, “Tiny Mummies...” referidos no capítulo anterior, em que a longa permanência de William Shawn no cargo, bem como as suas idiossincrasias, foram postas a ridículo.

A fase inicial da revista, sob a direcção de dois editores que se mantiveram sucessivamente décadas no cargo, é resumida da seguinte forma no artigo de Thomas Kunkel:

Born in 1925, when sophistication was still pretty much a European province, the magazine fostered in Americans a kind of cultural confidence. Its wit and intelligence helped them endure the Depression. Then, with World War II and its aftermath, *The New Yorker* helped give them a global view and a social conscience. *The New Yorker* conceived John Hersey’s “Hiroshima”, and only *The New Yorker* could have published it as the ultimate cautionary tale it was. (Kunkel, 18)

O autor salienta o duplo papel tido pela fase inicial da revista, antes da Segunda Guerra Mundial: o reforço de uma identidade cultural própria, independente da europeia e contudo ciente da sua própria sofisticação e, não menos importante, assegurar que essa identidade se mantivesse durante a fase atribulada da Depressão e do período antes da Guerra. Dessa fase, analisámos no capítulo 3 o texto de Joseph Mitchell com a sua

mensagem de esperança inquebrantável na capacidade humana de assegurar dignidade, mesmo em condições extremamente desfavoráveis.

Dessa fase mais ‘nacional’ da publicação, por ainda ser vital e estruturante a afirmação de uma identidade própria, distinta da europeia até então modelar, segue-se o período do pós-guerra, que propicia textos como “Hiroshima” de John Hersey. Hersey elaborou um longo artigo, que oferece a experiência do lançamento da bomba nuclear do ponto de vista das vítimas, de um grupo de habitantes da cidade bombardeada. A sua publicação, em 1946, é um exercício jornalístico de visão pelo “Outro” de uma missão bélica histórica, mas que, tendo sido empreendida pelos Estados Unidos, era vista nesse país do ponto de vista americano. Na América mantinha-se a memória viva dos acontecimentos que levaram à declaração de guerra contra o Japão, do desenrolar dessa mesma guerra e do seu desfecho apressado pela utilização de um meio tão eficaz, quanto assustador.

A década de 1950 assiste, logo no início, à mudança de testemunho de Ross para Shawn e Kunkel escreve acerca desse momento histórico da publicação: “Shawn, (...), shaped the magazine into one in tune with the Cold War times. His *New Yorker* was less frivolous, more thoughtful, relentlessly literary. More than ever it became the home of ideas, managing the trick of being intellectual without being intimidating.” (Kunkel, 18). As questões relativas à busca de identidade alteram-se: a afirmação de uma identidade cultural americana sofisticada, formada por oposição à europeia, cessa, mas desdobra-se numa busca de afirmação de diferentes identidades dentro do próprio país que se tentavam impor na sua multiplicidade de forma não hierarquizada.

Assim, *The New Yorker*, durante os anos de 1950 e 1960, aborda temas controversos e manifesta-se em questões fundamentais da vida americana e do relacionamento do país com o resto do mundo:

It took on McCarthyism (admittedly late), raised seminal concerns about the environment (publishing Rachel Carson’s “Silent Spring”), offered conspicuous opposition to Vietnam. Shawn even confronted his almost exclusively white, largely establishment readers on race. James Baldwin’s “The Fire Next Time” originally appeared in *The New Yorker*, in the early 60’s, as a “Letter from a Region in My Mind”. (*ibid*, 19)

Entre 1962 e 1964, a revista publica outros artigos, como “Eichmann in Jerusalem” de Hannah Arendt, ou a crítica do livro de Michael Harrington *The Other America*, um texto de cinquenta páginas de Dwight MacDonald, que lançou uma discussão pública

sobre o tema do livro, a existência continuada de pobreza nos Estados Unidos. Em 1965, publica “In Cold Blood”, a obra de Truman Capote sobre o assassinato de uma família no Texas, e os homens que cometeram o crime.

Os últimos anos do ‘reinado’ de Shawn foram particularmente controversos, pois a sua permanência no cargo durante mais de três décadas levou a política, anteriormente já referida, de controlo sobre tudo o que se escrevia ou publicava na revista a um extremo insustentável. O sucesso editorial da revista não foi porém posto em causa durante a década de 1970, com a receita proveniente de publicidade a aumentar e com a continuação do contributo de grandes autores, como Calvin Trillin, John Updike, Jamaica Kincaid ou mesmo Woody Allen. Com o fim da intervenção bélica directa no Vietname em 1973, a revista, que tinha perdido um número considerável de leitores devido à sua posição crítica em relação à intervenção americana naquele país asiático, dedicava de novo muito do seu espaço a outros assuntos. Como Yagoda refere: “(...) it was able to reclaim a part of Harold Ross’s birthright that had been lost, or at least misplaced – a lightness, a capacity for wit, a subtle solicitousness to the reader.” (Yagoda, a, 366/7).

Em 1985, a *The New Yorker* é adquirida por uma grande empresa da área dos media a *Advance Media* de S.I. Newhouse, e a permanência de Shawn é questionada seriamente a partir de então. Em 1987, aquele editor é substituído por Robert Gottlieb, numa sucessão que foi dolorosa e contestada. O corpo redactorial, e os autores que publicavam na *The New Yorker* envolvem-se em maior ou menor grau nesta polémica passagem de testemunho e Gottlieb tem um início de missão bastante espinhoso. Contudo, Gottlieb estava preparado e imbuído de um espírito verdadeiramente *The New Yorker*: “Unlike Ross and Shawn he had grown up reading *The New Yorker* and dreamed of one day being its editor. (...) “What I would do if I went there is to make it a better or stronger version of what it already is.” (*ibid*, 417). Esta última frase, do próprio Gottlieb, era a afirmação da sua intenção enquanto editor da revista.

Enquanto Ross e Shawn pertenciam a momentos diferentes da fundação ou estabelecimento inicial da revista, Gottlieb pertencia a uma geração em que a revista e o seu estilo eram dados adquiridos, tendo testemunhado momentos importantes da sua evolução, como leitor e admirador. Gottlieb teve, assim, a missão espinhosa de substituir um editor que era visto por muitos como o símbolo vivo da revista. Kunkel compara-o a uma figura de mudança como a de Gorbachev: “Since he was not Shawn,

even Gottlieb's token attempts at change provoked outrage. He was the unlucky, Gorbachevian figure in the magazine's transition." (Kunkel, 19)

O novo editor pretendeu contudo fazer algum recuo no tempo a uma *The New Yorker* de maior sofisticação:

More generally, readers could begin to discern in the magazine a certain urbanity, a cultured knowingness. It was the beginning of a pendulum swing back to the "sophistication" of *The New Yorker's* early years- a quality that it had moved away from long before in favour of integrity, social conscience, and comprehensiveness. (Yagoda, a, 418)

Foi justamente no ano em que Gottlieb iria passar, em Outubro, o testemunho a uma outra editora – Tina Brown – que ainda causaria mais turbulência, que a *The New Yorker* publica, em Março, "The Mountains of Pi".

4.4. A Intenção e a Compreensão

4.4.1. A Intenção

I try to maintain respect for nature, for narrative,
and for the integrity of human achievement.

Richard Preston⁵⁹

O encargo de Preston – escrever um artigo para a *The New Yorker* – tinha sido despoletado devido à sua colaboração profissional com a revista, iniciada em 1986. O facto do artigo ser incluído na rubrica *Profile* da revista implicou um conhecimento detalhado do tema a tratar. Richard Preston refere na sua *homepage*, já mencionada acima que usa um sistema de “over-interviewing”, que lhe permite recolher dados fidedignos e entre os quais possa seleccionar os que irá utilizar. Preston utiliza, consequentemente uma das técnicas-*standard* do jornalismo literário, *saturation reporting*. A conjugação das técnicas pessoais de escrita que o próprio Preston enuncia e que foram acima referidas, com o facto de que o texto irá ser publicado pela revista *The New Yorker*, delineiam alguns dos parâmetros que enformam a intenção do agente que cria o objecto cultural. Como Griswold, escreve: “(...) it is possible to reconstruct probable intentionality of any agent whose context and behaviour are known. The purpose of doing so is to separate the individually idiosyncratic from the socially influenced (...)” (Griswold, b, 6)

Um dos fios condutores dos textos que constituem o corpus desta tese é a oposição constante e organizadora entre o Eu e o Outro. Será interessante referir, a propósito da flexibilidade dos limites desta oposição patente também nos textos que temos vindo a analisar, a seguinte observação de Sander Gilman em texto incluído em obra de Stuart Hall: “Because there is no real line between self and the Other, an imaginary line must be drawn; and so that the illusion of an absolute difference between self and Other is never troubled, this line is as dynamic in its ability to alter itself as is the self.” (Hall, c, 284) Esta linha, flexível e dinâmica que muda tanto quanto o próprio eu, criará, então,

⁵⁹ Informação disponível em: <http://www.richardpreston.net/about.html> acessível em 22 de Novembro de 2004

uma noção de diferença que é necessária porque é constitutiva do que é considerado como ‘próprio’, em oposição aquilo que é Outro.

Veremos ulteriormente quão importantes foram as flutuações dessa linha de demarcação registadas nos textos em apreço. No caso específico deste texto será útil situar o momento social e a influência dos seus elementos nas decisões autorais, e quais as características individuais que, em conjugação com as anteriores, levaram o criador a formar uma intenção.

Richard Preston nasceu em 1954, sendo o mais velho de três irmãos e cresce num subúrbio de Boston. Participa ainda de uma geração *baby-boomer*, e usufrui das vantagens de uma educação académica cuidada, que conclui em 1983, tendo por isso passado grande parte dos anos de 1970 e o início da década seguinte em formação universitária. As condições sociais existentes permitiram-lhe uma vida dedicada a um objectivo, escrever, para o qual se preparou da forma que considerou melhor, frequentando a universidade. Pode dizer-se que, em termos de formação académica, o trajecto deste autor é muito semelhante ao do autor estudado no capítulo anterior, Tom Wolfe. Porém, Preston não passou pela outra escola de formação de Wolfe, que foi o jornalismo em diários e em secções noticiosas desses mesmos diários. Contudo, ambos seguiram um caminho de escritores de não ficção para publicações periódicas, ou para publicação em livro de dois tipos de escrita: não-ficção ou ficção romanesca.

Naturalmente que outras características os separam e a área temática, que cada um pretende abranger, provoca diferenças consideráveis no produto final. Wolfe desde sempre se preocupou com questões de status social e da inter-relação humana em determinado contexto geográfico, ocupacional, etc.: Preston escolheu a área do jornalismo científico e temas relacionados com as ciências exactas ou naturais.

Esta escolha fazia muito mais sentido nos anos de 1980 do que vinte e muitos anos antes, quando Wolfe começou a sua actividade de jornalista e depois de escritor. Preston inicia actividade numa época em que *popular science* era um tópico que despertava interesse, como vimos anteriormente. No verão de 1981, dois anos antes de Preston concluir o seu doutoramento, Anne Branscomb publicava na revista *Science, Technology and Human Values* um artigo intitulado “Knowing How To Know”, e inicia-o da seguinte forma:

As more and more public issues require scientific or technological expertise for resolution, the gap between experts and the public widens. (...)

“Knowing how to know,” “understanding science,” “the ability to read scientific writings,” or “the ability to pursue systematized human knowledge” are the most literal definitions of the phrase science literacy. (Branscomb, 5)

Wolfe preocupara-se com o desconhecimento enorme, existente entre o público em geral, das modificações operadas em termos dos regimes de pertença a um determinado status social ou das actividades lúdicas das novas gerações do pós-guerra, com as consequentes alterações a nível da estrutura social que estas e outras manifestações iam causando. Preston, duas décadas mais tarde, depara-se com outras questões, estas relativas ao que Branscomb apelida de *literacia científica*. A produção deste autor vai versar quase exclusivamente este tema, focando diversos aspectos, alguns dos quais revestindo-se de algum alarmismo (especialmente na trilogia *Dark Biology* já referida). A linguagem, pontuação ou o aspecto gráfico dos textos deste autor são convencionais e não recorrem a inovações ou efeitos originais como os usados no trabalho de Wolfe. O comedimento formal do texto é, porém, contrabalançado pela temática por vezes densa e especializada, quase de divulgação e, portanto, desafiadora para o receptor. O texto apresenta oposições que, todavia, não são claras quanto à atribuição das classificações de Próprio e de Outro, revelando a tendência crescente, já registada no capítulo anterior em relação aos textos de Wolfe, de indefinição quanto ao estabelecimento da regra normativa, isto é, da flexibilização crescente da linha divisória entre os dois campos. O exercício de constituição de oposições que tinha sido feito nos dois primeiros textos em análise nesta tese foi muito mais claro na colocação da norma. Por oposição a ela, eram seleccionadas as características utilizadas pelo narrador para pôr em evidência a alteridade das personagens e as formas idiossincráticas como interagem. Nos dois últimos textos e, mais em especial, em “The Mountains of Pi”, estas oposições parecem ser apresentadas apenas por uma questão de facilitação da compreensão do texto. Num mundo pós-colonial e pós moderno, até pós-Guerra Fria, à falta de outras estratégias para explicitar a realidade, a constituição de oposições que permitem a construção do Próprio por oposição ao Outro, aparenta ainda ser a mais eficaz, se bem que aparentemente cada vez menos precisa ou representativa:

- Domínio Científico/ Domínio Comum
- Americano/Imigrante
- Homem/Mulher
- Individual/Colectivo

- O criativo tecnológico/A tecnologia da ordem dominante
- Saudável/Doente
- Interessante/Desinteressante
- Novo/Velho
- Religião/Ciência

O encargo inicial de escrita de textos que sejam perfis para *The New Yorker*, tem levado o criador, ao longo da sua carreira, a seleccionar possíveis objectos de interesse: em 1992, foram escolhidos os irmãos Chudnovsky e, por exemplo, cerca de oito anos mais tarde e para outro perfil, será escolhido Craig Venter um geneticista ocupado em decodificar o ADN humano. Preston tem um critério de escolha que obviamente favorece figuras da ciência, não só nos perfis que escreve para a revista, mas também, na generalidade, como áreas temáticas para todo o seu trabalho. Assim, parte da intenção autoral que nos é dada a conhecer pelos padrões repetidos de comportamento enquanto jornalista e escritor, é revelada pela escolha de dois matemáticos para objecto. Partindo desta primeira escolha feita pelo autor, podemos prosseguir para outros elementos da sua intenção, passíveis de serem reconstituídos e depois compreendidos no segundo passo desta análise. A primeira oposição, Domínio Científico/ Domínio Comum, revela-se pelas circunstâncias experimentadas pelos matemáticos soviéticos, em face de um ambiente social que é totalmente alheio às missões profissionais destes dois homens, que vivem a sua ocupação e pesquisa de tal forma, que todo o resto lhes é subordinado, inclusivamente o espaço físico que habitam.

“So far, the brothers have spent around seventy thousand dollars on parts for their supercomputer, and much of the money has come out of their wives’ pockets.” (Sims, 113); “This was an apartment built for long voyages. The paper in the room was jammed into the bookshelves, from floor to ceiling.” (*ibid*, 114); “The hall is lined on both sides with bookshelves, and they hold a mixture of papers and books. The shelves leave a passage about two feet wide down the length of the hallway.” (*ibid*, 123). Se adicionarmos a estas divisões da casa – representativas de todas as outras – a sala acima descrita onde se encontra o computador, temos uma noção muito clara do tipo de existência e de normas que regem a vida dos dois matemáticos e das consequências que tal tem para as famílias. A dedicação e entrega dos dois à sua área de pesquisa só são

brevemente interrompidas pelos episódios de agravamento da doença de Gregory acima referido, e pelo período da doença da mãe.

After Malka Benjaminovna had been moved out of intensive care, Gregory rented a laptop computer, plugged it into the telephone line in her hospital room, and talked to m zero at night through cyberspace, driving the supercomputer toward pi and watching his mother's blood pressure at the same time. (Sims, 130)

As preocupações mundanas mais mezinhas, como pagar contas, são resolvidas pelos irmãos com engenho e apoio financeiro das mulheres: com os problemas pessoais que não são de ordem financeira, como a saúde de um deles, lidam da mesma forma dedicada e quase obstinada que os caracteriza. São ainda extremamente práticos, tendo, como muitos outros imigrantes sabido aproveitar o que de melhor e mais conveniente existe no país de acolhimento: “A steady stream of boxes arrives by Federal Express, and an opposing stream of boxes flows back to mail-order houses, containing parts that have bombed, along with letters from the brothers demanding an exchange or their money back” (*ibid*, 114). A *ingenuity* que é considerada uma qualidade tão americana está aqui presente em todo o seu vigor. Se existe uma missão a realizar, um obstáculo a contornar ou uma solução a encontrar, o resultado positivo tem que surgir, utilizando-se para tal todo o talento, a colaboração de todo o núcleo humano envolvido e os recursos à disposição.

Simultaneamente, a missão científica em que se encontram envolvidos, não lhes tolda o espírito para a apreciação de tudo o que de bom resultou da sua saga de imigração: ““That summer when I was getting killed by the K.G.B., I could never have imagined that the next year I would be in Paris or that I would wind up in New York, married to a beautiful Frenchwoman,” David said.” (*ibid*, 143). A mistura entre ciência e vida pessoal, entre local de residência e local de trabalho, não os impede de distinguirem de uma forma lúcida a existência dos dois campos; tal não coíbe os dois irmãos, porém, de esquecerem a linha divisória na maior parte das ocasiões, pois tanto no capítulo das oposições ciência/mundanidade, como americano/imigrante a tendência é para a escolha selectiva de traços em ambos os lados, consoante os casos.

A origem é importante para os irmãos, mas a origem familiar é aquela que ressalta como mais importante, não tanto a nacional. Os irmãos têm o computador numa sala, onde, em lugar de honra se encontra uma fotografia do pai, já falecido: “From an oval photograph on the wall, the face of their late father – a robust man squinting thoughtfully – looked down on the scene.” (*ibid*, 124). A mãe é, como já referido, “the

glue that holds the family together”, ela é uma figura tutelar e vigilante, que tanto costura as meias que o filho Gregory usa, como preside à mesa da refeição familiar, alargada ao narrador, que também recebe os cuidados maternos da senhora: “She handed me plates of roast chicken, kasha⁶⁰, pickles, cream cheese, brown bread, and little wedges of the laughing Cow cheese in foil. “Mother thinks you aren’t getting enough to eat,” Christine [Gregory’s wife] said.” (Sims, 133).

No capítulo da família podemos utilizar para melhor compreender a interação dos Chudnovsky, o seu capital humano-cultural como Alba o define⁶¹. Este capital constrói-se na esteira do capital cultural de Pierre Bourdieu, com o seu ênfase no conhecimento da chamada alta cultura, somado ao capital humano como ele é definido pelas ciências sociais – educação e experiência laboral. Os Chudnovsky provenientes da Ucrânia imigram como profissionais altamente especializados: o capital humano-cultural que transportam consigo é elevado. A imigração de tais grupos é, ainda segundo Alba, caracterizada da seguinte forma: “A characteristic feature of professional immigration is to be family-based.” (Alba, 48) A rede familiar dos Chudnovsky integra a família de quatro elementos, extremamente unidos e rapidamente assimila também a família adquirida por casamento, não só as cônjuges, mas também as suas famílias. Nestes casos, não é principalmente a restante comunidade com a mesma origem que facilita a instalação no novo país, mas as redes individuais e familiares que os próprios organizam, bem como os seus recursos humano-culturais. Esta constatação é claramente feita pelo narrador ao longo do texto e denota uma configuração de imigrantes que a sociedade reconhece para os profissionais especializados.

A polaridade Homem/Mulher é apresentada de forma muito igualitária em termos de direitos, mas também muito distinta em termos de funções interpessoais. Não existe uma hierarquização de posições homem/mulher, como havia, por exemplo, no mundo dos imigrantes russos judeus do início do século XX com Cahan. As três mulheres referidas: a mãe, Malka, a mulher de Gregory, Christine, e a mulher de David, Nicole, têm todas posições centrais, não para este texto, do qual não são senão personagens secundárias, mas em relação aos papéis que lhes são atribuídos na interdependência familiar. A relevância de Malka é referida, não só como mãe de família, mas também como engenheiro de profissão com uma carreira que remontava à Segunda Guerra

⁶⁰ *Kasha*: trigo mourisco preparado; prato tradicional do Leste Europeu

⁶¹ “The welfare-maximizing feature of a close-knit group renders network ties a form of capital, a fungible asset, which, like human or financial capital, can be converted into material gain.” (Alba, 45)

Mundial: “She was an engineer during the Second World War, when she designed buildings, laboratories and proving grounds in the Urals for testing the Katyusha rocket; later she taught engineering at schools around Kiev.” (Sims, 133); Nicole fazia parte da delegação francesa que se interessa pela possibilidade da família Chudnovsky ser autorizada pelas autoridades soviéticas a deixar a Ucrânia, eventualmente casa com David e continua a sua carreira nas Nações Unidas; Christine é sócia de uma firma de advogados. A existir alguma hierarquia, ela coloca no topo a figura de Malka Benjaminovna, sem dúvida a figura central da família.

A questão da oposição individual/colectivo é também extremamente atípica, pois é colocada de forma diferente daquela que é feita habitualmente e a diversos níveis. A existência daqueles dois indivíduos é determinada por um processo de construção do real muito específico: este processo, segundo Peter Berger, interliga firmemente a humanidade do homem à sua socialização: “Man’s specific humanity and his sociality are inextricably intertwined.” (Berger, 51). Porém, no caso dos irmãos Chudnovsky, o narrador apresenta-nos dois indivíduos, que em alguns aspectos da sua existência funcionam, segundo o narrador, como gémeos siameses, devido à debilidade do estado de saúde de Gregory, que o impede de conduzir uma vida social “normal”: “They work together so closely that it is possible to argue that they are a single mathematician – anyway, that’s what they claim.” (Sims, 115) No caso destes homens, o princípio exposto por Berger é de importância ainda maior do que o habitual, pois a condição física de um dos homens não lhe permite fazer muitas das tarefas do dia a dia, e assim a ‘humanidade’ de Gregory é possibilitada pela sua socialização – no trabalho com o irmão, nos afectos e no lado prático da vida com a mulher e a mãe. “Gregory can’t breathe city air without developing lung trouble, so he keeps the apartment’s windows closed all the time, with air-conditioners running in them during the summer (...)” (*ibid.*, 114).

Apesar de todas as restrições à sua mobilidade e liberdade, o narrador é de opinião que Gregory não se sente limitado: “I sensed a profound happiness in Gregory Chudnovsky’s bedroom. His happiness, it occurred to me later, sprang from the delicious melancholy of a life chained to a bed in a disordered world that breaks open through the portals of mathematics into vistas beyond time and decay.” (*ibid.*, 118) A família Chudnovsky encerra consigo a possibilidade de, a nível social familiar restrito, conseguir ordenar uma existência satisfatória a todos os níveis, com relativa independência do meio que os circunda. No momento em que o texto estava a ser

escrito, como já referido, os irmãos tinham um relacionamento laboral com a *Columbia University* que lhes garantia assistência médica e ajuda no pagamento da habitação: com estes dois problemas essenciais resolvidos, a rede familiar estabelecida pelas mulheres de ambos (e ainda a restante família das duas senhoras) garantia a subsistência.

Tal como no texto de Gilman, incluído na obra de Stuart Hall, *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*, se refere a existência de uma linha ténue e fluida entre o Eu e o Outro, na vida dos dois irmãos existe uma outra linha – a que divide o mundo ‘real’, do mundo da matemática – este sim, considerado como a verdadeira realidade pelos dois: “The brothers first came in contact with the membrane that divides the dreamlike earth from mathematical reality when they were boys, growing up in Kiev, and their father gave David a book entitled *What is Mathematics*.” (Sims, 141). A existência de todos os elementos da família (e seus visitantes) é condicionada pela confusão existente entre o mundo matemático (o verdadeiramente real para os irmãos) e o apelidado de “dreamlike earth” que Christine Pardo Chudnovsky descreve da seguinte forma, quando conversa com o narrador no apartamento onde vive com o marido, Gregory, e a sogra: “As we talked, though, pyramids of boxes and stacks of papers leaned against the dining-room windows, pressing against the glass and blocking daylight, and a smell of hot electrical gear crept through the room. ‘This house is an example of mathematics in family life.’” (*ibid.*, 133)

Esta existência ao serviço da ciência não é também muito idêntica à de grande parte dos elementos da comunidade científica americana. “They are really lone inventors, operating out of Gregory’s apartment in what you might call the old-fashioned Russo-Yankee style” (*ibid.*, 115). Os dois irmãos, de forma simultaneamente solidária entre si, e solitária em relação ao resto da comunidade, juntando as melhores características de exploração da fronteira (neste caso do conhecimento) como o verdadeiro *Yankee*, conjugadas com todos os recursos de resistência e persistência ucranianas, conseguem obstinadamente prosseguir o seu caminho solitário até ao momento em que, em parte devido ao efeito deste artigo, acabam por ser absorvidos pelas instituições académicas americanas. A dificuldade na sua aceitação derivou de diferentes motivos, um dos quais a insistência de David de que qualquer instituição que aceitasse integrar um, teria que integrar o outro, se bem que Gregory não tivesse condições de saúde que lhe permitissem um trabalho em ambiente ‘normal’.

O narrador faz um resumo histórico de toda a pesquisa matemática que conduziu, primeiro ao estabelecimento de um valor aproximado de pi que permitisse os cálculos necessários para o cálculo de áreas ou outras dimensões, e a aventura científica realizada ao longo dos séculos para a aproximação a um valor mais exacto e que nunca foi atingido na sua totalidade. A pesquisa conduzida pelos Chudnovsky, apoiada num computador construído pelos próprios, localizado na casa de um deles, financiado pela família e compartilhando com esta do seu espaço (se bem que nesse aspecto a máquina leve, de longe, a palma aos humanos) é um exemplo perfeito do que a inventiva humana consegue realizar, mesmo que não esteja apoiada em recursos abundantes:

The brothers would not disclose to me the exact shape of the web, or the discoveries behind it, claiming that they needed to protect their competitive edge in a worldwide race to develop faster supercomputers. “Anyone with a hundred million dollars and brains could be our competitor.” (Sims, 127)

Até no mundo científico existe o mundo dos ‘have’ e o mundo dos ‘have-not’, da esfera da cultura científica dominante e da esfera da criatividade e dedicação puras. Os dois irmãos, conseguiram com muito trabalho e pouco dinheiro – segundo eles, cerca de 70 000 dólares – construir a máquina que outros só conseguiriam realizar com milhões.

He [David] said, “Galileo had to build his telescope-”
“Because he couldn’t afford the Dutch model,” Gregory said.
“And we have built our machine, because we have –
“No money,” Gregory said (*ibid.*, 124)

Este feito tornou-se ainda mais extraordinário por ter sido conseguido por uma equipa constituída apenas por dois elementos, com o mais brilhante dos dois, praticamente prisioneiro de uma doença grave que o impede de contactar o meio ambiente de forma regular. David, o irmão mais velho, é o primeiro a decidir-se por uma carreira nas matemáticas e Gregory, o irmão mais novo, segue-lhe os passos e logo se revela o mais talentoso e inovador dos dois. Ambos são doutorados pelo Instituto de Matemáticas da Academia Ucraniana das Ciências e, desde cedo, irão descobrir que em conjunto podem realizar o que cada um deles, isoladamente, não poderia fazer: Gregory apoia-se na pujança física de David e este na capacidade científica do irmão. O texto reforça constantemente a importância desta união concertada de esforços com expressões como: “You almost never meet one of the Chudnovsky brothers without the other.” (*ibid.*, 114); “The Chudnovskys, between them, have published a hundred and fifty

four papers and twelve books, mostly in collaboration with each other (...)” (*ibid.*, 115); a relação fraternal que existe entre os dois estende-se assim à sua área profissional e o narrador descreve assim o âmago da *Chudnovsky question*:

The brothers would have to be hired as a pair. Gregory won't take any job unless David gets one, and vice versa. Physically and intellectually commingled, like two trees that have grown together at the root and bole, the brothers claim they can't be separated without becoming deadfalls and crashing to the ground. (Sims., 148)

Assim se justifica que, passados anos da sua chegada aos Estados Unidos, os irmãos ainda não tenham obtido uma ligação laboral fixa a uma instituição. Ao invés do habitual entre os imigrantes, os Chudnovsky não abdicam das suas regras de conduta que colidem abertamente com as regras institucionais das universidades americanas. Uma contratação laboral só lhes interessa se for feita aos dois em conjunto e, insistir em tal princípio, impede-os durante anos de atingirem esse objectivo. Richard Alba escreve: “Change in the informal rules such as customs, conventions, and social norms involve a more bottom-up evolutionary process of cultural and social change.” (Alba, 36). É de admitir que parte da intenção autoral seria a de facilitar esse processo evolucionário de forma a facilitar a integração dos matemáticos em instituições de ensino ou pesquisa americanas.

Distantes das preocupações da maior parte dos homens, sem porém esquecerem que vivem no meio deles e de que é essa a sociedade a que pertencem, os Chudnovsky também não negligenciam a existência de um Ser supremo que tenha criado tudo – inclusivamente a matemática. As referências a Deus são muito abundantes especialmente enquanto Ser criador que tenha deixado indícios da Sua divindade naquilo que colocou no mundo: “They wonder whether the digits contain a hidden rule, an as yet unseen architecture, close to the mind of God. (...) It might be a small but interesting message from God, hidden in the crypt of the circle, awaiting notice by a mathematician” (Sims, 119)

“‘Maybe in the eyes of God pi looks perfect,’ David said” (*id.*, *ibid.*) – David procura afinal um sinal, num número que é transcendental, para uma existência divina. Tal como dois outros matemáticos entrevistados referem, a pesquisa dos irmãos Chudnovsky tem muito a ver com uma questão que Einstein terá formulado: “‘Everyone knows the famous remark of Albert Einstein, that God does not throw dice. Einstein just would not believe that there is an element of randomness in the construction of the world.’” (*ibid.*, 145) Esta frase foi proferida pelo Professor Herbert

Robbins, o autor da obra que originou as escolhas vocacionais dos irmãos soviéticos. O Professor Robbins acrescenta: “It is the question of whether our fate will be revealed or whether we live by blind chance” (Sims, 145). Os matemáticos, na opinião de outro colega de profissão, Richard Askey da Universidade de Wisconsin-Madison, buscaram algo mais profundo: “The brothers’ pi stuff is just a small part of their work. They are really trying to find out what the word ‘random’ means.” (*ibid.*, 149). A importância da tentativa de descoberta de uma ordem constitutiva, naquilo que aparentemente é uma série aleatória de números, reveste-se de uma importância quase tão transcendente como o número que investigam.

O texto é concluído com uma referência a algo semelhante a uma ordem que se consegue vislumbrar depois do cálculo de dois milhões de dígitos de pi: “It may or may not be a hint of a rule in pi. ‘It’s unfortunately not statistically significant yet,’ Gregory said. ‘It’s close to the edge of significance.’ The brothers may have glimpsed only their desire for order.” (*ibid.*, 151). O narrador exerce aqui o seu ponto de vista sobre aquele que é expresso pela personagem principal, emite um juízo sobre o que pode ser apenas uma vontade de ordenar o desordenado.

O texto acaba com uma frase de origem bíblica, seguida de um pronunciamento cibernético. “It showed the last digits we’ve found,” Gregory says. ‘The last shall be first.’ ‘Thanks for asking,’ m zero remarks, on the screen.” (*ibid.*, 151). O novo e o velho, o religioso e o profano-científico unidos numa intenção autoral revelada na escolha de conclusão que faz: todos estes opostos se complementam, não se excluem mutuamente.

4.4.2. Compreensão

Preston utiliza uma forma algo diferente do ‘gênero’ jornalismo literário, pois associa-o a um outro ‘gênero’ de jornalismo, o jornalismo científico, muito em voga a partir dos anos de 1970, como já foi referido. A combinação dos dois resulta num texto, que, neste caso, ultrapassa a missão de divulgação científica de muito do jornalismo sobre estes temas; as técnicas de imersão completa no tema, uso de diálogo, profusão de pormenor e diversos pontos de vista, adicionam ao texto o que a simples divulgação não poderia realizar.

Aliás, este tema não pertence ao domínio mais negro ou prenunciador de desastres, a que outros textos de Preston, como “Hot Zone”, são associados. A pesquisa de aproximação ao valor real de pi não é uma missão que por si mesmo atraia atenções de leitores ávidos de ciência de contornos mais cataclísmicos. Este é um texto que pertence a um universo de textos da *The New Yorker*; a sua inclusão numa antologia feita em 2000 pelo editor da revista, David Remnick, parece a consagração da inserção deste tipo de artigos num universo intertextual. Este é constituído por diversos exemplos que seguem uma série de regras comuns e que, entre si, constituem um paradigma reconhecível, mesmo sendo de diferentes autores e originalmente publicados em momentos muito distintos. A colecção reúne textos escritos ao longo das muitas décadas de existência da revista por autores como Lillian Ross (com um perfil de Hemingway), Joseph Mitchell (com “Mr. Hunter’s Grave”), Calvin Trillin (“Covering the Cops”) ou do mentor de Preston, John McPhee (“Travels in Georgia”).

No artigo de Bruce Lewenstein referido anteriormente, o autor debruça-se sobre as razões de um *boom* no jornalismo científico e subsequente decréscimo de popularidade nesse tipo de jornalismo. As pré-condições referidas pelo autor como justificativas do movimento continuavam porém a existir. Lewenstein menciona três ordens de motivos: uma audiência mais conhecedora do domínio das ciências, devido a educação cada vez mais avançada; um público leitor cada vez mais dividido entre nichos muito específicos; e a última razão, que o autor refere como *pack journalism*, o jornalismo de imitação de temas potencialmente interessantes. O autor acrescenta ainda dois factores de relevo: a existência de notícias de relevo para toda a população no domínio da ciência (como o acidente nuclear de *Three Mile Island*), e o interesse crescente dos jornalistas por este tipo de tópicos.

Preston reúne em si todas estas características: é um Americano da geração *baby-boomer*, com educação académica avançada, e que provavelmente se apercebeu do interesse desta área do jornalismo para um número crescente de leitores. A revista que o publica exerce, mesmo sobre esta área científica, a influência editorial que sempre a caracterizou: o artigo tem que obedecer a critérios de precisão de informação (dos quais se encarrega o *fact-checking department*), elegância de expressão e conteúdo ao qual este artigo adicionava a característica de ter Nova Iorque como pano de fundo, o que, sem ser essencial, é um factor importante.

O artigo apresenta ainda outra característica que o distancia do jornalismo científico, por um lado, e o aproxima do jornalismo literário por outro:

It is also necessary to stress that ordinary social life, which often takes contingency and uncertainty as normal and adaptation to uncontrolled factors as a routine necessity, is in fundamental tension with the basic culture of science, which is premised on assumptions of manipulability and control. (Wynne, 120)

A ligação à ciência é feita, neste artigo, pela circunstância dos dois principais personagens serem cientistas. Porém, a circunstância de serem seres humanos, imigrantes ucranianos numa sociedade como Nova Iorque desperta o interesse suficiente para uma investigação detalhada conducente a um artigo de *The New Yorker*. O receptor da revista estava aberto a uma experiência de leitura deste tipo. Seguidamente veremos como se processou essa recepção e como se poderá explicar a ligação do objecto cultural ao mundo exterior à comunidade criativa através da intenção autoral e da recepção do texto.

4.5. A Recepção e a Explicação

4.5.1. A Recepção

In practice, the emphasis on difference results in a peculiar ratio: as the “other” becomes more culturally visible, the “self” becomes correspondingly less so (...). (Rosaldo, 2002)

O estudo da recepção do texto é feita, segundo Griswold pela análise da forma como um agente social/2, o receptor, lida com um texto criado por um agente social/1 que nele demonstra uma determinada intenção, fruto de factores subjectivos e sociais. A recepção de “The Mountains of Pi” está muito dependente da recepção feita na generalidade aos artigos de *The New Yorker* e da construção que se faz do Outro em determinado momento histórico, neste caso no ano de 1992 e, mais especificamente, a forma como se apresenta a alteridade neste artigo.

A recepção em termos de aceitação ou rejeição pelo público, poderá eventualmente apreciar-se através da reprodução deste texto por outros meios, ou noutras formas em que foi relativamente bem sucedida: foi re-editada, ao que averiguámos por duas vezes, em forma de livro (um deles, o de David Remnick, em mais do que uma edição e inclusivamente por diferentes editores). A aceitação por parte do público de alguns artigos do mesmo autor tem funcionado ao longo dos anos de forma muito idêntica; no caso deste artigo, especificamente, tal não sucedeu, mas alguns outros artigos são excertos ou projectos de obras a publicar ulteriormente em forma desenvolvida para livro. “The Mountains of Pi”, concebido como um perfil da revista, foi consagrado pela inclusão na colectânea de Remnick ao lado de outros considerados como seus pares. Não foi precursor de nenhuma obra mais desenvolvida sobre o mesmo tema.

Em termos de exemplos de recepção específica por elementos da comunidade científica, ou a ela ligada, esta recepção é particularmente localizável. Poderemos mesmo dizer que a publicação do artigo criou as condições para a transformação daquilo que Preston refere como *The Chudnovsky problem*, num verdadeiro “problema social”, segundo a definição de Hilgartner:

First, social problems exist in relation to other social problems; and second, they are embedded within a complex institutionalized system of problem formulation and dissemination. (...)

We define a social problem as a putative condition or situation that is labelled a problem in the arenas of public discourse and action. (Hilgartner, 55)

Este autor define que a noção de importância, ou mesmo a razão para o aparecimento de um problema social, será sempre decorrente da interação entre a importância intrínseca do facto e aquela que lhe é dispensada pelas “arenas do discurso e da acção públicas”. Estas arenas englobam o texto escrito, ficcional ou não ficcional que exerce sobre a experiência humana uma influência que Leo Lowenthal refere da seguinte forma: “The artist’s desire to re-create the unique and the important often leads him to explore hitherto nameless anxieties and hopes.(...) it is often only after his creative tasks have been performed that society recognizes its predicaments.” (Lowenthal, 1/2). Lowenthal, refere a literatura como fonte de reconhecimento pela colectividade das situações novas ou polémicas e que serão as obras literárias que organizam o emolduramento teórico que permite à sociedade lidar com essas situações. Acrescenta ainda adiante no texto, em relação aos Estados Unidos: “The contemporary American writer, on the other hand, has almost unlimited access to behavior on all social levels, from the industrial tycoon to the migrant farm laborer.” (*ibid.*, 3). Assim, também a existência de textos como o que está a ser fruto desta análise, se bem que cabendo noutra domínio que não o da literatura, origina uma recepção que ultrapassa aquela que consiste na mera crítica do mérito literário.

Se contemplarmos o caso específico dos irmãos Chudnovsky e da sua saga nos Estados Unidos poderemos constatar que os dois ucranianos tinham imigrado para aquele país cerca de catorze anos antes e, desde então, a sua sobrevivência e o seu trabalho tinham decorrido dentro das dificuldades e constrangimentos que o texto mostra. Na sequência da publicação deste texto, um mecenas, bem colocado socialmente, interessa-se pelo caso:

But the profile had its silver lining. It caught the eye of Tondra Lyndford, wife of Jeffrey H. Lyndford, who is chairman of Wellsford Real Properties, a New York real estate firm. She knew that her husband had a long-standing amateur interest in mathematics and physics, and she read the article aloud to him on a cross-country flight. They decided to try to find a way to support the brothers financially” (Kiernan, A20)

A coincidência de, entretanto, a Polytechnic University estar a renovar a sua organização departamental na área das engenharias (que se fundamentam em matemáticas aplicadas) dá lugar à fundação de um *Institute for Mathematics and Advanced Supercomputers*, praticamente desenhado à medida dos Chudnovsky. Jeffrey Lyndford colaborou, lançando uma campanha de recolha de fundos para o financiamento desse instituto para o qual também contribuiu pessoalmente com 20 000 dólares. “Their arrangement at Polytechnic is “about as good as you can imagine”, David acknowledges.” (Kiernan, A21). Finalmente, os irmãos conseguiram encontrar um local de trabalho permanente onde colaboram em ensino pós-graduado e em projecto especiais de pesquisa e aplicação prática dos seus conhecimentos. “At Polytech, the two brothers head the IMAS a new center that will push the boundaries of mathematics and solve problems across a wide spectrum of scientific disciplines.”(Geberer)⁶².

Se por um lado, o artigo da *The New Yorker* teve resultados vantajosos para os irmãos Chudnovsky, em termos de vida pessoal, por outro lado teve o efeito que Anne Branscomb aponta como sendo comum, entre a comunidade científica. Não é invulgar que a comunidade ostracize, mais ou menos ostensivamente, os seus elementos que por alguma razão são alvo da atenção dos *media*: “Even today, colleagues may ostracize those scientists who dare to “publicize” science for the masses;” (Branscomb, 6). Certamente, porém, não foram os dois matemáticos que fizeram a sua auto-promoção. O próprio autor do artigo, Richard Preston, afirma em relação a esse assunto:

After calculating pi to a billion digits, Preston recalls, the idea of 18,000 words horrified them. “They said, ‘You mustn’t do it. We aren’t interesting people.’ I told them that when I hear someone say, ‘I’m not an interesting person,’ it sets off all my alert buttons as a reporter. People who say they aren’t interesting are often the *most* interesting people. They looked at each other and said, ‘We can agree this is a theorem, but we are an exception to the theorem. (Sims, 112)

Os dois matemáticos nunca assumiram o papel, que alguns membros da comunidade científica desempenharam durante as décadas de 1970 e 1980, de divulgadores de uma cultura científica de massas que, porém, a determinada altura se revelou uma política falhada, quando se propalou entre o público a opinião de que a informação sobre esses assuntos não é fiável. A oportunidade, em parte devida ao artigo e ao desenrolar de acontecimentos dele decorrentes, levou os irmãos a um meio que lhes era

⁶² Informação disponível em: <http://www.poly.edu/polypress/chudnovsky.cfm> - acessível em 1 de Dezembro de 2004

particularmente apetecível, o meio académico, que lhes proporcionava a ambicionada possibilidade de pesquisa e desenvolvimento. Podemos citar parte do pequeno discurso que fizeram quando de uma cerimónia na *Polytechnic University*, em 21 de Maio de 1997:

I can't tell you how pleased we are to find an academic home at Polytechnic University. By far, the most gratifying part of our new position is that we have the opportunity to work with Polytechnic students. The new Institute for Mathematics and Supercomputing (IMAS) is not some ivory-tower think-tank. It is very much to be a part of a changing and growing learning environment, where we share what we know with students and we, in turn, learn from them.⁶³

Se comparada com a recepção que existiu por exemplo para “Girl of the Year”, “The Mountains of Pi” teve, talvez, uma recepção menos bem sucedida em termos de aceitação por parte do público em geral mas, em contrapartida, desencadeou um efeito muito típico do jornalismo – o artigo resultou, devido em parte a esta publicação, numa alteração da vida das personagens abordadas.

Por outro lado, a recepção do texto enquanto objecto cultural em si, fazendo a apresentação de um segundo objecto cultural – o Outro – contém em si a própria diversidade do jogo existente entre identidades sociais variadas que Rosaldo refere da seguinte forma:

The study of differences, formerly defined in opposition to an invisible “self”, now becomes the play of similarities and differences relative to socially explicit identities. How do “they” see “us”? Who are “we” looking at “them”? Social analysis thus becomes a relational form of understanding in which both parties actively engage in “the interpretation of cultures”. Rather than being perspectival, inscribed from within a single point of view, such forms of human understanding involve the irreducible perceptions of both analysts and their subjects. (Rosaldo, a, 206/7)

Essa multiplicidade de “identidades socialmente explícitas” é clara ao longo de todo o texto pela demonstração dos diferentes pontos de vista dos intervenientes: narrador, personagens principais, cujo diálogo é transcrito, outros pontos de vista de entrevistados que manifestam a sua própria opinião, em especial sobre o “Chudnovsky problem”. Todos estes pontos de vista são tratados e valorizados de igual forma, nesta visão de uns e outros que, claramente, já não está hierarquizada, como era feito nos primeiros dois textos estudados, “Drowned their Sins” e “Lady Olga”.

⁶³ Informação disponível em: <http://media.poli.edu/dream/polycampaign6.asp?cno> – acessível em 1 de Dezembro de 2004

4.5.2. A Explicação

O texto contém, em si, alguns dos elementos que permitem a sua própria explicação. Se regressarmos aos conceitos ‘original’ e ‘regulamentar’ de Freilich, que já foram acima referidos⁶⁴, poderemos apreciar que, no caso deste texto, este tipo de nomenclatura será muito útil. Os irmãos Chudnovsky são ‘originais’ na plena acepção da palavra, recorrem a todo o tipo de soluções que solucionam os seus problemas ou lhes permitem manter a sua actividade mesmo em condições precárias. A originalidade dos irmãos resultou já em frutos visíveis, em termos de actividade científica continuada: os Chudnovsky não esperam resultados benéficos que o artigo de Preston possa vir a ter. Esta característica de originalidade e de criatividade das personagens é apresentada como um valor acrescentado pelo narrador, sem desculpas pela sua diferença, mas consciente de que o facto de serem originais os destaca de forma positiva.

A publicação de um artigo que versava a “aventura” americana de dois irmãos provenientes de uma URSS que, na altura, se desunia de uma forma definitiva, emite ainda outro tipo de sinais para uma audiência muito especial, a da revista *The New Yorker*: catorze anos depois de imigrarem para os Estados Unidos e três anos depois do Muro de Berlim cair, os dois ucranianos que tinham muito para dar ao país do qual já se tinham tornado cidadãos ainda não tinham sido definitivamente integrados. Os dois imigrantes tinham, oficialmente, deixado a sua situação de alteridade e de estrangeiros para trás. A nível familiar estavam integrados; em termos de produção de trabalho continuavam a progredir. Basicamente a questão não se punha agora em termos de ajuste do imigrante à sociedade em que se instalara, mas em termos da sociedade ter a capacidade de usufruir do que lhe era oferecido.

Shibutani and Kwan linked the processes governing the symbolic construction of ethnic differences to the economic and status interests of corporate actors at the community level. Not only did this insight allow them to bring power – a concept absent from Gordon’s [Milton] scheme – into their analysis of assimilation, but

⁶⁴ “Morris Freilich uses the term ‘proper’ to indicate the outcome of the public debate on what ought to be. Proper are shared techniques, agreed standards, stereotyped modes of behaviour all that is recognized as correct and formal. In contrast he uses ‘smart’ for individual skills, private ends, unpredicted and ingenious solutions.”(Douglas, 134)

also it pointed to the linkages between large-scale institutional processes and change at the individual level. (Alba, 32)

O conceito de assimilação tem vindo a sofrer alterações importantes desde a sua formulação inicial feita em Chicago nos anos de 1920 por Robert E. Park e outros. As variações no conceito original oscilam, entre outras, desde a possibilidade de interacção nos processos de assimilação de imigrantes à cultura dominante, à versão unidireccional que foi proposta, em 1964, por Milton Gordon na obra *Assimilation in American Life*. A introdução de variáveis a ter em conta, como o poder ou a ligação entre as instituições e a vida dos indivíduos, tem alterado a noção da supremacia de modelos imutáveis como o WASP. Publicando apenas um ano depois da obra de Gordon, Shibutani e Kwan realçavam já, que não eram as diferenças étnicas em si que influenciavam o tratamento que a sociedade dispensava a diferentes grupos, mas a forma como cada grupo era “criado” e “mantido” simbolicamente de determinada forma pela sociedade em geral.

A visibilidade crescente do “Outro” fazia assim, a equalização da interpretação mútua de culturas, como escreve Rosaldo acima citado. A hierarquização inferiorizante do “Outro” não se faz por subordinação da existência de culturas diferentes a uma, hegemónica: “If “they” have an explicit monopoly on authentic culture, “we” have an unspoken one on institutional power.” (Rosaldo, a, 202). A inferiorização é feita através da utilização do poder institucional, ao aceitar ou rejeitar a cooperação, em termos de igualdade, que o “Outro” possa disponibilizar.

Quando delineámos o encargo da obra de Preston, referimos o facto de que este artigo teria sido pensado originalmente como um artigo mais pequeno para a secção da revista, designada de *Talk of the Town*, constituída por artigos de menos fôlego sobre assuntos do momento. Escrevem os editores na nota introdutória ao artigo de Preston de uma das colectâneas que o recolheu:

“The Mountains of Pi” began as an idea for a “Talk of the Town” article in *The New Yorker*. Preston had seen a note in *Science News* about mathematicians at Columbia University calculating the digits of pi. He met the Chudnovsky brothers in their overheated, cluttered apartment and learned they were building a supercomputer out of mail-order parts. He quickly decided they’d require a longer article, and he told them so. (Sims, 112)

Um artigo que teria sido originalmente pensado como uma breve referência a uma tentativa, quase de índole recordista, de obtenção do maior número de dígitos de pi,

acabou por crescer para uma história sobre uma dupla alteridade: do cientista matemático, debruçado sobre conceitos de matemática pura cuja aplicabilidade necessita de “tradução” por outros cientistas, e que, simultaneamente, é proveniente de um “Outro” país, a União Soviética, que, porém, tinha entretanto deixado de existir como tal e de ter o valor simbólico de opositor permanente, de alteridade no pleno sentido de *Us v/ Them*.

O narrador de “The Mountains of Pi” permitiu que o texto fosse local, para o que Mary Douglas apelida de *normative debate*. “Each individual who enters a social relation is drawn at the same time into a debate about what the relation is and how it ought to be conducted. This is the normative debate on which cultural analysis fastens attention.” (Douglas, 133). As oposições e diferenças existentes entre os matemáticos soviéticos e pessoas ou formas relacionais existentes no seu país de adoção levam ao aparecimento de questões que são abordadas no texto, ao serem revelados os diferentes pontos de vista que se opõem ou aliam neste debate normativo cujo aspecto fulcral é, ainda segundo Douglas: “The object of their debate is to legitimize the form of their society.” (*id.*, *ibid.*)

A autora salienta um princípio importante nesta discussão: “The first attempt is to argue that out of the infinite number of distinct forms that human society can take, not all attempted combinations will be viable.” (*ibid.*, 135) A polémica que surgiu acerca da questão dos Chudnovsky será um exemplo desta existência de balizas claras para a amplitude de um debate que se situa dentro de uma determinada cultura, que, assinala de novo Douglas, “culture itself is constrained. It cannot make any number of combinations and permutations.” (*ibid.*, 136)

A experiência dos matemáticos ucranianos é como uma exemplificação de um destes debates, uma exposição dos diferentes pontos de vista dos intervenientes – os irmãos, a sua família de origem e as que constituíram nos Estados Unidos, os elementos da comunidade científica e académica americana. A publicação do artigo resulta numa reprodução mediática de todo este debate em curso num meio mais restrito, que então se torna público num sentido lato do termo.

No momento em que se conclui a análise individual dos textos do corpus, poderemos desde já generalizar aos quatro textos que o constituem, o que foi escrito no parágrafo acima acerca do texto de Preston: todos eles são exemplos de um debate normativo em curso, respeitante à coexistência de diferentes pontos de vista e posições sobre aspectos estruturais e vitais para a sociedade e para a cultura organizadas e renovadas por esses

debates. A circunstância de serem textos do jornalismo literário demonstra a importância que os textos jornalísticos têm em todos estas polémicas e secundariza para estes efeitos a questão da existência ou ausência de literaridade.

Os quatro textos abordam algumas questões essenciais para a cultura que se foi formando ao longo do século XX americano: a questão da alteridade, vital para a evolução da definição do próprio e do Outro; a construção de individualidades(s), em século de modelos massificados; a questão da existência de objectividade fiável versus afirmação da subjectividade, como tal assumida. Tentaremos de seguida verificar que conclusões poderemos retirar do debate de tais questões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As últimas linhas do capítulo anterior relembram questões que foram colocadas na introdução desta tese: a alteridade e sua definição feita por oposição a uma norma vigente; a possibilidade de existência efectiva de individualidade em épocas de conformismo a normas e de massificação a nível cada vez mais alargado das mesmas; ou, mesmo, a querela objectividade/subjectividade que dominou (e domina) muitos debates e opiniões divergentes no campo do jornalismo e dos media.

As considerações finais desta tese obedecerão a um esquema que segue o modelo de abordagem adoptado. A primeira parte da dissertação, já no capítulo introdutório e, em especial no capítulo 1, foi consagrada ao esclarecimento de conceitos operatórios essenciais para a localização da presente tese face às áreas científicas que toca, nomeadamente Jornalismo, Literatura, Comunicação e Estudos Americanos: a segunda parte aplicou, nos quatro capítulos seguintes, uma metodologia específica à leitura cultural que se pretendeu fazer das obras em análise. Assim, tendo em vista a necessária conjugação de todos os aspectos que enformam as hipóteses de trabalho a que se pretende responder, este capítulo final obedecerá a uma sequência que permita articular todos os elementos de forma clara.

Propõem-se assim duas secções diferentes para estas considerações finais. A primeira abordará questões estruturantes, fundamentais para as respostas às hipóteses de trabalho que serão dadas na segunda secção, a conclusão propriamente dita. Segue-se assim esta primeira secção, dividida em três itens:

1. O Jornalismo Literário como Género
2. As ‘Pequenas Narrativas’
3. A Estética e a Evolução dos Conceitos de Cultura

1. O Jornalismo Literário como Género

O jornalismo literário situou-se no século XX de uma forma peculiar, tendo tido raízes variadas que o colocam na esteira de tradições de escrita diferentes. Conjugou traços de diversos modelos de aplicação da comunicação escrita e usufruiu de variadas condições de produção favoráveis, como por exemplo:

- Do jornalismo americano, como este se desenvolveu desde a independência, passando por exemplo, pela *penny press*, acontecimentos da Guerra Civil, pelos desenvolvimentos tecnológicos dos séculos XIX e XX;
- Do desenvolvimento específico de um mercado particularmente propício numa cidade como Nova Iorque, com possibilidades de grandes tiragens aproveitadas pelos jornais populares do final do século XIX mas, também, com um mercado para jornais mais pequenos e experimentais;
- De uma literatura nacional emergente e que, portanto, originava entusiasmo pela ligação de uma realidade nacional própria aos mais variados ‘géneros’;
- Multiplicidade de experiências que possibilitava e favorecia a busca de temas na actualidade mais do que em tradições ou eventos passados;
- A riqueza contemporânea, não só económica, mas também em termos humanos individuais e sociais possibilitava uma abundância de temas dentro dos próprios Estados Unidos, difícil de igualar em outros países.

Estas circunstâncias proporcionaram desenvolvimentos divergentes em termos de escrita e dos seus ‘géneros’. Em consequência, assistiu-se ao estabelecimento de uma literatura nacional americana, diferenciada das europeias e sem receios de hierarquização desfavorável, bem como a uma pujança de produção jornalística tanto em número como em qualidade de meios, incluindo o ‘género’ que nos tem presa a atenção e que resulta, nas palavras de David Abrahamson, de duas esferas secantes, a do jornalismo e a da literatura⁶⁵.

Esta evolução divergente na produção de textos proporcionou um acervo de textos que se constitui como um conjunto de objectos culturais da maior importância. A propósito, poderemos referir Jeff Lewis, na sua obra *Cultural Studies*:

⁶⁵ Informação disponível em: “The Voice Behind the Voice: Narration in the Literary Journalism of Ernest Hemingway, Lillian Ross, and Hunter S. Thompson”, http://www.davidabrahamson.com/WWW/Articles/Narrator_LitJ.txt, acessível em 21 de Julho de 2005

Cultural studies, however, has developed a particular technique of textual analysis, one which seeks to locate the text within its historical, material and cultural context. Thus, rather than consider meaning to be something immanent in the text or as something which elevates art over all other aspects of life, cultural studies has treated texts as cultural documents. These documents cannot be separated from the circumstances and conditions of their production and consumption. Thus, cultural texts are fundamentally and inescapably embedded in social practices, institutional processes, politics and economy. (Lewis, 35)

Assim, segundo Lewis, os textos, quando tomados como documentos culturais, tal como o são por esta tese, estão inseridos nas práticas sociais, processos institucionais, política e economia. Tanto o conteúdo do texto como a sua forma são profundamente ligados ao tempo da sua produção e a factores como:

- O veículo de publicação – maior ou menor prestígio, fase que atravessa, circulação;
- O autor – qual o seu estatuto profissional, a sua formação;
- Desenvolvimento teórico das ciências que o tocam – literatura, jornalismo, comunicação;
- Situação humana e social contemporânea.

Como em qualquer época, o manancial de conteúdos para obras de jornalismo literário esteve, durante todo o século XX, presente no mundo social em redor. A partir dos meados do século XIX, o jornalismo americano, tendo entretanto passado por uma fase de crescimento e de especialização no sentido de publicação de notícias factuais e precisas, bifurcou para um modelo adicional de interpretação. À função interpretativa da notícia em si presente neste modelo, o jornalismo literário adiciona técnicas e recursos provenientes da literatura. Tendo um manancial factual importante à disposição, não se revelou desde então o ficcional, em termos de inspiração privilegiada para temas a desenvolver pela escrita para muitos escritores/jornalistas americanos, como fonte preferencial para os seus escritos. A imaginação contribuiu, todavia, para abordar outros temas, além daqueles consagrados em diferentes épocas como dignos de serem tratados por escrito de uma forma pormenorizada, fidedigna e estética.

Em virtude de todos estes desenvolvimentos, o jornalismo literário constituiu-se como um género na linha da definição dada por Todorov: “(...) a genre is the historically attested codification of discursive properties (...)” (Todorov, 19), destacando; “It is because genres exist as an institution that they function as ‘horizons of expectation’ for readers and as ‘models of writing’ for authors.” (*ibid.*, 18).

O jornalismo literário constitui-se como um discurso individual e, frequentemente, interpretativo sobre a realidade quotidiana, sobre um tempo que passa, um curso de acontecimentos que é infindável e múltiplo na sua variedade. Da literatura retira técnicas e do jornalismo a referência ao acontecimento ou pessoa concreta:

It is important to have ready definitions for all immediate situations, but progress is dependent on the constant redefinitions for all immediate situations, and the ideal condition for this is the presence of individuals with divergent definitions, who contribute, in part consciously and in part unconsciously, through their individualism and labours to a common task and common end. (Park, 767)

Em 1919, escrevia-se assim no *Memorandum on Americanization* referido na obra *Introduction to the Science of Sociology* de Robert Park: artigos como os analisados nesta tese exercem função de redefinição consciente das situações. A mediação do texto escrito, em relação aos acontecimentos a que se reporta, acarreta interpretação, servida por uma forma eminentemente individual e social de encarar a realidade que se envolve na construção de um horizonte de expectativas para a audiência e de um modelo de escrita para os autores. A subjectividade dessa forma permite a revelação de abordagens diferentes, dependentes das condições e características dos elementos envolvidos na emissão e recepção do texto, tal como afirmado, por exemplo, por Hans Robert Jauss, quando escreve: “ In the reception of a text by a contemporary reader and later generations, the gap between it and poiesis appears in the circumstance that the author cannot tie the reception to the intention with which he produced his work:” (Jauss, 35).

O jornalismo literário, por ser assumidamente pessoal é também, no seu conjunto, o mais multivocal, por dar possibilidade a outros pontos de vista que não os frequentemente estereotipados pontos de vista mediáticos. Este género recentra ainda o jornalismo noutras instâncias que não só o jornalista – além do meio em si e das suas condicionantes que, como vimos, são fundamentais, o receptor assume papel determinante. O tipo de comunicação subjacente não patenteia o modelo da agulha hipodérmica, pois demonstra a impossibilidade de ser apenas a mensagem que determina a recepção do artigo. Assume-se que o receptor irá reflectir sobre o que leu e que novos ‘textos’ irão ser criados, individual ou colectivamente. A leitura reflexiva de Phyllis Frus, já anteriormente referida, tem aqui importância em termos conceptuais pois, além de poder assumir o papel de concessão de literaridade a um texto, poderá também atribuir-lhe uma leitura que se considerará informada no sentido mais

completo da palavra. No mundo actual existe muita informação: grande parte da produção do jornalismo literário, nomeadamente o que analisamos, destina-se justamente a lidar com essa multiplicidade de informação de forma mais aprofundada, com o objectivo último, como citado na obra de Park, de constantes redefinições.

Usando a nomenclatura de Emery Roe em *Narrative Policy Analysis*, ela própria ‘importada’ de Rifaterre, poderemos observar nos quatro textos a diferença entre “sociolecto” e “idiolecto”. Existe assim uma clivagem entre aquilo que a língua comum a todos, incluindo regras gramaticais, semânticas, ideológicas, mitológicas (o sociolecto) estipulam, e o idiolecto, o tipo de actualização dada pelo texto ao sociolecto. Por outro lado, é importante a observação da forma como o receptor reage a esta oposição sociolecto-idiolecto, partindo do princípio que ele possua conhecimentos intertextuais suficientes para compreender aquele texto em particular.

O escrito jornalístico literário funciona como texto e intertexto nestes casos. Nos próprios artigos existem referências intertextuais que não são pré-conhecidas pelos leitores: por exemplo, no primeiro, as regras da religião judia; no segundo, as regras do mundo dos *freaks*; no terceiro, as regras de uma esfera socialmente favorecida e/ou culturalmente *avant-garde*; no quarto, de uma esfera científica e ‘estrangeira’ em hábitos do quotidiano. Como referido no primeiro capítulo, o texto existe dentro de um discurso, que é investido de poder, enquanto guardião de conhecimento. Esse poder demonstrado por formações discursivas é, porém, negociado e renegociado pois o próprio discurso sofre mutações constantes, à medida que vai sendo questionado. Novos referentes que não fazem parte do discurso instituído têm, assim, que ser introduzidos de forma mais circunstanciada: enquanto este tipo de referentes é tratado cuidadosamente e dissecado pelos autores, muito do ambiente social restante não é analisado da mesma forma meticulosa mas revela, outrossim, muitas das ideias pré-concebidas existentes à época sobre o tema e que são reveladoras dessas formações discursivas.

Os textos têm dois níveis, por isso: um, investigado em profundidade e tratado com individualidade e outro, que funciona como um *background* situando a acção no ambiente social dominante. Em relação a cada um dos textos poderemos relembrar:

- Cahan, nos últimos anos do século XIX, lidava com uma experiência imigrante que almejava a uma assimilação que permitisse igualdade para todos os que aderissem a um modelo de Americano pré-definido mas que, simultaneamente, sofria constantes alterações, se bem que considerado como único e imutável. A

tradição judia do *taschlich* é explicada aos leitores no texto “Drowned their Sins”, com referências às preces, aos textos sagrados, aos intermediários (*sogerke*) que ajudam os judeus que não sabem ler hebreu. Essa informação intertextual precisa é a base para uma narrativa que é preenchida de diferentes participantes, hebreus e gentios. Existe, até, um acrescentar de elementos ao sociolecto. As interações entre participantes são colocadas a dois níveis – entre os judeus, com uma hierarquização, feita pelo narrador, entre *intelligent Jews* (como o que é descrito “He was neatly dressed, his beard was well kept and he wore no sidelocks” (*in* Rischin, 93) e as mulheres piedosas que não compreendiam as orações que recitavam, “Still they will shed tears, even when they don’t understand what they say.” (*id.*, *ibid.*). A interação entre judeus e gentios varia entre alguma curiosidade inócua e a agressão. Toda a narração é feita na terceira pessoa

- Mitchell usa de um ponto de vista bem mais inclusivo para a sua mulher barbuda mas revelando as peias que a própria mulher, objecto do seu artigo, se impunha a si mesma. O artigo de Mitchell, mais longo do que o de Cahan, permite detalhe mais preciso e tem como objectivo um perfil de um indivíduo, não uma situação colectiva como o daquele. A biografia de Jane Barnell constitui um fio condutor para a narração, com *flashbacks* em forma de diálogo, fruto da recolha de material feita pelo autor para o artigo. O idiolecto do narrador passa a conter elementos transpostos do utilizado por um grupo circense. O narrador assume, neste caso, posição mais ‘neutra’ não emitindo juízos directos de valor sobre as personagens que tem em mão: grande parte do texto é transcrição no discurso directo de respostas da própria Jane ou, então, narrativa do narrador reportando acerca das opiniões, gostos ou acontecimentos da vida da personagem. Aliás, os acontecimentos da vida de *Lady Olga* são primordiais na narrativa. Pormenores detalhados são apenas dados acerca do ambiente que rodeia Jane no momento da acção em Nova Iorque mas apenas na medida estrita em que se relacionam com ela.
- Wolfe, no turbilhão social dos anos de 1960, joga com as palavras, com as ideias e com um modelo de *establishment* em mutação constante; Jane Holzer é personagem central na medida em que é um exemplo paradigmático de um determinado *status*, tema fulcral em Wolfe. Todo o ambiente de Nova Iorque na primeira metade da década de 1960 é tão central como a figura principal. Holzer

é a *Girl of the Year*, a figura efémera que corporiza o aparente paradoxo de uma mulher de alta sociedade, apontada como o modelo que Wolfe reconhecia como ambicionando: “But now high styles come from low places (...) Yes! Oh my God, those raw-vital proles!” (Wolfe, a, 178). O narrador é claramente colocado no local em que se encontrou com o objecto do seu artigo (o teatro, a residência, o local da festa), através da descrição de pormenor dos locais e dos circunstantes. Wolfe usa constantemente o que Riffaterre apelida de *ungrammaticalities*, fugas às regras do sociolecto mas que são constitutivas do seu idiolecto.

- Preston observa e regista, com grande empatia mas de forma claramente pessoal, as existências ou factos sobre os quais se debruça. Utiliza no texto o diálogo entre os irmãos Chudnovsky ou com os restantes membros da família, sendo dado pormenor da residência de Gregory com referências directas de visitas do narrador como “I visited them shortly after that.” (Sims, 130). A experiência da ciência, como ela é vivida de forma intensa por uma família, constitui-se como um universo de regras próprias, um texto que recorre a referências intertextuais perfeitamente lógicas para os seus membros, todavia distantes da realidade não só da maior parte dos receptores mas também, claramente, do próprio narrador.

A individualidade e o trabalho de cada um dos autores contribuíram para esta forma intrinsecamente multivocal de transpor a realidade para os media, estabelecendo diálogos com as audiências, sobre um tema de entre todos os possíveis de serem explorados numa sociedade muito heterogénea e onde já não é fácil escolher alguns acontecimentos e estabelecê-los como os únicos de relevo. Podemos socorrer-nos da razão que Roe invoca para a apreciação positiva que a sua obra faz das divergências de opinião: “It ends up arguing for tolerating as many voices as possible, not because of some *a priori* privileging of pluralism or the Other, but because it is in these multiple voices that we may find a metanarrative – small *m*, please – to help us deal with our current difficulties.” (Roe, 12).

Um género como este, que desperta controvérsia acerca do seu reconhecimento, é ainda motivo de questões essenciais como as que se colocam acerca da possibilidade da sua existência ou valor. Poderemos acrescentar a esta questão a que se põe em relação ao jornalismo americano como um todo. A evolução do jornalismo americano no âmbito dos media mundiais resulta, entre outros factores, da posição relativa em termos de

modelos e do seu prestígio. Assim, a evolução notada nos textos que constituem o corpus também sofre essa influência. A situação dos meios de publicação dos quatro textos é completamente diferente quando os contemplamos sob esse prisma e, mesmo no caso do segundo e quarto textos, publicados pelo mesmo meio, a posição relativa, em termos de prestígio e influência que os tempos lhe conferem, é diferente. Enquanto o *Commercial Advertiser* era, em 1898, ano da publicação de “Drowned their Sins”, um meio local e de tiragem média publicado num país que se encontrava em crescimento mas que ainda não usufruía da importância que o desenrolar do século XX lhe iria conceder, “The Mountains of Pi”, ao ser publicado em Nova Iorque nos anos de 1990 pela revista *The New Yorker* usufrui já das vantagens adicionais de estar a ser divulgado por um órgão tradicional de uma das cidades onde mais se publica no mundo.

Rodney Benson faz a seguinte referência a Pierre Bourdieu no artigo “Field theory in comparative context: A new paradigm for media studies”:

As Bourdieu notes, for a field analysis to be complete, “one must take into account the position of a national media field in the world field and thus, for example, the economic and technical and especially symbolic domination of American television which is a model and a source of ideas, of formulas and of procedures for many journalists.” (Benson, 484).

Se bem que o exemplo sugerido por Bourdieu seja o da televisão, a perspectiva poderá alargar-se ao jornalismo. Teremos assim que, como nas palavras do autor, a dominação simbólica dos media americanos em termos do próprio país de publicação e no mundo contribuiu decisivamente para uma notoriedade desses próprios media que, além da audiência local, já de si vasta, receberam a atenção de outras audiências. Essa atenção focou diversos aspectos de mensagem mediática e, naturalmente, também diferentes ‘géneros’ como o do jornalismo literário. Tendo em conta que as abordagens ultrapassaram fronteiras científicas, seria de esperar que estas reconhecessem um jornalismo que tocava também, em termos de possibilidade metodológica, áreas como a da literatura, ou outras cujos objectos de estudo são a comunicação e a cultura e, no caso do jornalismo literário americano, ainda a área dos Estudos Americanos.

John Pauly realça no projecto de publicação que tem em curso *The New Journalism: The Unexpected Triumph of the Long-Form Narrative*⁶⁶ que o *New Journalism* constituiu um momento de charneira para os jornalistas que, até então, tinham o seu

⁶⁶ <http://abrahamson.medill.northwestern.edu/WWW/NUPress/SAMPLE-PROPOSAL-JP.pdf>, disponível em 6 de Setembro de 2005.

trabalho circunscrito à dimensão de um artigo e, a partir desse momento, puderam alargar os seus horizontes para a *nonfiction novel*, por exemplo. Depois de muitos anos em que o jornalismo literário viveu na subsidiariedade do jornalismo em geral, o aumento exponencial de académicos, na sequência do incremento do número de jovens americanos a frequentarem e concluírem graus universitários, levou não só a que existissem oportunidades para trabalho científico sobre muitas áreas até aí não exploradas mas também ao reconhecimento de outros campos como merecedores de atenção mediática. Tom Wolfe apercebeu-se claramente do que se estava a passar e, na Introdução de *The Kandy-Kolored Tangerine-Flake Streamline Baby*, escreveu em 1966:

People have been looking at the new money since the war in economic terms only. Nobody will even take a look at our incredible new national pastimes, things like stock car racing (...). Part of it is a built-in class bias. The educated classes in this country, as in every country, the people who grow up to control visual and printed communication media, are all plugged into what is, when one gets down to it, an ancient aristocratic aesthetic. (...) Yet all these [ratty people with ratty hair] are creating new styles all the time and changing the life of the whole country in ways that nobody even seems to bother to record, much less analyze. (Wolfe, a, xv)

Wolfe, nascido em 1931, tinha concluído em 1957 um doutoramento em *American Studies* em Yale e partilhou de muitas características das gerações imediatas à II Guerra Mundial. Wolfe dedicou-se a dissecar, dos mais diferentes modos e sob distintos pontos de vista, as alterações profundas a nível sociológico e cultural que se processaram na sociedade americana de então até ao presente. As sociedades sempre mudaram e evoluíram constantemente, porém, a atenção académica ou dos media dedicada a essas alterações foi particularmente forte nesse então. É curioso, aliás, observar como se repete o fenómeno que tinha tido lugar dezenas de anos quando, nos finais do século XIX, Arnold comentava acerca de outro tipo de *New Journalism* que ele apelidava então de *feather-brained*⁶⁷. A fuga aos campos temáticos considerados como correctos pela norma dominante resultou nesse momento, como na década de 1960, num jornalismo designado de novo e criticado pela sua aparente ligeireza. Este género encontra-se ainda actualmente em evolução. Autores como Mark Kramer, Jon Franklin,

⁶⁷ “A clever and energetic man has lately invented a **new journalism**, full of ability, novelty, variety, sensation, sympathy, generous instincts; its one great fault is that it is feather-brained.” Matthew Arnold, *Nineteenth Century*, (Maio 1887)

Ben Yagoda, Roy Peter Clark e instituições como *The Nieman Foundation for Journalism at Harvard University* ou *Poynteronline*, debatem *online* ou em conferências anuais como a organizada pela Fundação referida, os caminhos traçados pelo jornalismo literário, pelo *narrative journalism* ou pela *creative nonfiction*, variantes de designação que, no caso da *nonfiction novel*, está relacionada com a extensão da obra. Roy Peter Clark afirma no artigo “The Line Between Fact and Fiction”:

A tradition of verisimilitude and reliable sourcing can be traced to the first American newspapers. Three centuries before the recent scandals, a Boston newspaper called *Publick Occurrences* made this claim on September 25, 1690: “... nothing shall be entered, but what we have reason to believe is true, repairing to the best fountains for our Information.”⁶⁸

O mesmo autor reflecte sobre a possibilidade de existência de verdades factuais num mundo pós-moderno em que parece não existir mais do que a possibilidade de variadas perspectivas pessoais: “The post-modernist might think all this irrelevant, arguing that there are no facts, only points of view, only “takes” on reality, influenced by our personal histories, our cultures, our race and gender, our social class.”⁶⁹

Porém, acrescenta mais abaixo acerca do material que é usado em toda a escrita de não-ficção:

These principles have meaning only in the light of a large idea, crucial to democratic life: that there is a world out there that is knowable. That the stories we create correspond to what exists in the world. That if we describe a velvet painting of John Wayne hanging in a barber shop, it was not really one of Elvis in a barbecue joint. That the words between quotation marks correspond to what was spoken. That the shoes in the photo were the ones worn by the man when the photo was taken and not added later. That what we are watching on television is real and not a staged re-enactment.⁷⁰

O jornalismo literário ou a escrita criativa não-ficcional será, resumidamente, um género em construção, talvez só passível de ser definido com maior exactidão algures no futuro. Tal não impede, porém, que se reconheça a sua existência, tanto nos Estados Unidos da América, como em muitos outros países do mundo.

⁶⁸ http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=3491; acessível em 25 de Julho de 2005.

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ *Ibid.*

2. As ‘Pequenas Narrativas’

Será necessário explicitar qual a razão da escolha da expressão ‘pequenas narrativas’ para contextualizar o jornalismo literário. Seguindo a referência de Bertens a Lyotard:

(...) especially after the publication of Jean-François Lyotard’s *The Postmodern Condition* in 1984. Lyotard argues that the ‘great narratives’ that underpin Western civilization – religion, Marxism, the idea of progress through the application of rational principles, that belief that a completely free market will ultimately benefit us all – have at least theoretically been discredited. All those ‘metanarratives’ are guilty of having declared themselves universally valid and they have all contributed to the West’s oppression, if not enslavement, of a good deal of the world. (Bertens, 142)

O fenómeno do jornalismo literário poderá situar-se no plano oposto ao das grandes metanarrativas desacreditadas por Lyotard, que defende como alternativa “‘little narratives’ – small-scale, modest systems of belief that are strong enough to guide us, but are always aware of their provisional nature and their local rather than universal validity.” (ap. Bertens, 143).

As ‘pequenas narrativas’ seriam, assim, sistemas explicativos de realidades em mudança como, finalmente, são sempre as fugazes realidades humanas. Os autores de textos, como os analisados nessa tese, consagrariam, subjacentes aos seus textos, narrativas mais ou menos originais, consoante se distinguem de outras já existentes. O autor John Johnstone, no artigo “The Professional Values of American Newsmen”, escrevia em 1973: “(...) neutral journalism is oriented to news which binds the social order together rather than to that which generates conflict and dissent. Just as the participant journalist holds conflict-based news values, then, the neutral journalist is consensus-oriented.” (Johnstone, 535). O jornalismo literário parece exibir mais pujança justamente em épocas de existência de maior conflito (v., por exemplo, a época de 1960/70 e o *New Journalism*), ou seja, em momentos em que o jornalista é mais participante e menos neutro, isto é, mais envolvido na reformulação do discurso, como ele é entendido por Foucault.

O corpus que analisamos reflecte um processo de migração inter-planos culturais que, coexistindo em termos geográficos na cidade de Nova Iorque, vê possibilitada a sua interacção, originando em consequência, ao longo de um século, algo que Maltby

nomeia de cultura popular: “If popular culture in its modern form was invented in any one place, it was ... in the great cities of the United States, and above all in New York” [Richard Maltby, *Dreams for Sale: Popular Culture in the 20th Century*].” (ap.Storey, 9)

Johnstone refere, como vimos acima, o jornalismo em época de conflito opondo-o ao jornalismo mais ‘neutral’ de épocas de consenso. Bercovitch apresenta, porém, outra versão para o efeito final de actos de desafio em termos de alteração da regra estabelecida:

In every case, the defiant act that might have posed fundamental social alternatives became instead a fundamental force against social change.
(n. In this country, the unmediated relation between social structure and social ideal has made the very exposure of social flaws part of a ritual of socialization – a sort of liminal interior dialogue that in effect reinforces the mainstream culture.) (Bercovitch, 204)

Ao longo da análise dos textos que constituem o corpus desta tese colocam-se algumas questões acerca da natureza e consequências desta exposição, nomeadamente se esta exposição das falhas da sociedade reforça ou modifica a cultura dominante, como se expressa, e quais as consequências das ‘pequenas narrativas’ que os textos consagram por escrito

As intenções dos quatro autores são condicionadas por factores bem diferentes, de índole situacional ou pessoal. No primeiro grupo poderemos incluir o momento da escrita, o meio de publicação, etc.. No segundo, poderemos tentar isolar alguns factores pessoais particularmente importantes:

- Cahan – origem imigrante e judia domina as escolhas
- Mitchell – jornalista, escolhas dominadas por factores de gosto pessoal
- Wolfe – jornalista, de formação académica na área de Estudos Americanos, escolhas condicionadas pelo desenvolvimento social contemporâneo
- Preston – escritor, com formação académica em Inglês, escolhas condicionadas por interesses pessoais e momento histórico e jornalístico, conjugado com a existência de nichos de audiência muito diversificados.

2.1. Abraham Cahan – Os Pecados dos ‘Outros’

O primeiro texto analisado, de Abraham Cahan, é publicado pelo *Commercial Advertiser*, um jornal algo experimental naquela época, cujo editor pretendia patentear nos artigos publicados algo mais além dos factos, nomeadamente as causas que a eles tinham conduzido. A política editorial de Lincoln Steffens servia uma estratégia que Carolyn Porter elucida da seguinte forma: “the observer discovers his participation within the world he has thought to stand outside.” (ap. Haenni, 505). Para o observador e, neste caso, jornalista da época, o mundo nova-iorquino encerrava imagens perturbadoras de alteridade: os novos imigrantes do final do século XIX que, em tão grande número afluíram para a cidade, constituíam uma fonte de sobressaltos culturais e sociológicos que foram mediados, em termos de processo de assimilação mútua, por exemplo, pelos textos jornalísticos. A própria sociedade humana, nas suas vertentes estabelecida e *greenhorn*, sofreu processos de resistência e incorporação entre os seus membros. Consequentemente, temos entre mãos um texto publicado por um jornal diário que exerce funções de mediação, utilizando para tal uma determinada estética que Haenni (1999) situa como suspensa entre o sensacionalismo e o pitoresco. A inspiração para tal poderia proceder do sociólogo alemão contemporâneo, Georg Simmel, que escrevera em 1896 no artigo “Soziologische Ästhetik” que perante a diversidade e oposição de sensações passíveis de serem experimentadas, por exemplo, na grande cidade, todas elas se poderiam tornar de valor estético, mesmo que, devido a esse ‘panteísmo estético’, perdessem o significado de serem originais ou únicas⁷¹.

Lincoln Steffens, o editor do *Commercial Advertiser*, certamente partilhava desta noção da importância estética e sociológica da colheita de temática de cada momento da nossa experiência vivencial. O editor do jornal permitia que textos deste tipo fossem

⁷¹ “Wenn wir diese Möglichkeit ästhetischer Vertiefung zu Ende denken, so gibt es in den Schönheitswerten der Dinge keine Unterschiede mehr. Die Weltanschauung wird ästhetischer Pantheismus, jeder Punkt birgt die Möglichkeit der Erlösung zu absoluter ästhetischer Bedeutsamkeit, aus jedem leuchtet für den hinreichend geschärften Blick die ganze Schönheit, der ganze Sinn des Weltganzen hervor. Damit aber hat das Einzelne die Bedeutung verloren, die es gerade als Einzelnes und im Unterschiede gegen alles Andere besitzt.” Simmel, Georg, “Soziologische Ästhetik”: <http://socio.ch/sim/aes96.htm>, acessível em 6 de Setembro de 2005.

relativamente extensos em termos de artigos de jornal diário (por regra no trabalho de Cahan, entre cerca de 700 e 1200 palavras), interpretativos, sem a característica essencial de novidade, contendo diálogo e seguindo um modelo de desenvolvimento narrativo mesmo que não contivessem qualquer tipo de conclusão definitiva. Steffens seria, poucos anos mais tarde, um dos ‘fundadores’ do jornalismo conhecido como *muckraking*, quando publica uma série de artigos sobre diversas cidades reunido no volume *The Shame of the Cities*. Curiosamente, o próprio Steffens participa no debate acerca do poder que tais dissensões, no âmbito do discurso estabelecido, têm sobre a sua manutenção. James Holston, na obra que publicou sobre cidades e cidadania opina mesmo a propósito: “Steffens argues that such revolts merely strengthen organizations such as Tammany by forcing them, through periodic exiles, to refine their methods and consolidate their control.” (Holston, 141). Na obra de Holston foram reunidos textos de diferentes autores sobre o tema, como por exemplo o artigo de Lincoln Steffens sobre Nova Iorque que induz essa conclusão: “The repeated failure of revolutionary reform to accomplish more than the strengthening of the machine have so discredited this method that wide awake reformers – (...) – are following the lead of Chicago.” (Holston, 144) Na página 133 desta tese, ao mencionar o sociólogo Peter Berger, faz-se referência ao ‘tecido cruzado de significados’ que serve de sustentáculo à construção social da realidade. Esse tecido é construído por muitos fios que são urdidos numa determinada forma a cada momento, proporcionando efeitos apenas temporários. Os finais do século XIX e início do século XX foram dominados por grande debate no âmbito das ciências naturais provocado pelas teorias evolucionistas de Darwin, que foram reaproveitadas para teorias de desenvolvimento humano e civilizacional. Será interessante comparar as noções de darwinismo social como elas são criticadas por Franz Boas (1858-1942), (Ulin, 26 e seguintes), na mesma altura em que (Cahan, b, 403) tinha a sua polémica com o Professor Gonton acerca da aplicação cega do darwinismo social:

George Stocking has also argued that although Boas did not specifically develop a culture concept, he was a major force in overcoming the humanist notion of one culture as the progressive accumulation of scientific and aesthetic knowledge. He was among the first anthropologists to challenge this Eurocentric concept by arguing that human society is marked by a plurality of distinct cultures or traditions. (Ulin, 27)

Em 1889, ano em que Cahan manteve a sua questão com o Professor Gonton, Boas, já nos Estados Unidos, obtinha a sua primeira contratação como docente universitário, na

Clark University em Worcester, Massachussetts. O ‘pai’ do relativismo cultural propôs, ao longo da sua vida, a recusa da subordinação de raças e culturas a uma raça e uma cultura apontadas como superiores, fruto da evolução, nomeadamente as da Europa Ocidental. Franz Boas explanava assim a sua teoria no artigo “The Limitations of the Comparative Method of Anthropology” publicado pela *Science*, em 1896:

Inquiries into the mutual relations of tribes and people begin to show that certain cultural elements are easily assimilated while others are rejected, and the time-worn phrases of the imposition of culture by a more highly civilized people upon one of lower culture that has been conquered are giving way to more thorough views on the subjects of exchange of cultural achievements. (Boas, 272)

Cahan, por seu lado, propunha em oposição ao seu adversário: “The professor was completely in error, I insisted. Combination, cooperation, solidarity are often mighty weapons in the very struggles that Darwin describes. (...) socialism will use unity as a weapon (...)” (Cahan, b, 404). Este autor, baseado nos seus princípios socialistas, fundamenta a cooperação e a solidariedade como bases para a evolução, não a competição ou luta que Gonton salientava da teoria evolucionista de Darwin. A circunstância dos escritos de Cahan reportarem a um período de vidas instáveis fomenta a reflexão crítica sobre a contemporaneidade, de uma forma muito particular. A busca no darwinismo de evidência, que eleve a cooperação acima da competição no progresso e evolução das espécies, pretende provar como a colaboração de indivíduos numa mesma sociedade pode resultar em maior benefício para a comunidade do que a simples competição entre os seus membros.

Cahan ensinou inglês a imigrantes desde 1885 a 1897. Durante doze anos participou activamente no processo de assimilação de muitos novos americanos provenientes da Europa. Assistiu à progressiva adaptação dos mesmos aos hábitos e à cultura americanos e participou activamente nesse processo através da facilitação de aquisição de competências linguísticas. O processo, *à la* Cahan, incluía alguma doutrinação socialista a alunos e colegas, bem como a sua própria aculturação feita em conjunto com outros imigrantes. A obra basilar de Sociologia editada por Robert Park refere a determinado passo: “But participation, to be real, must be spontaneous and intelligent, and that means, in the long run, that the immigrant’s life in America must be related to the life he already knows. Not by the suppression of old memories, but by their incorporation in his new life is assimilation achieved.” (Park, 739). Cahan tentou pôr em prática estes princípios na sua vida e, conseqüentemente, na sua obra.

Como Lewis refere, baseado no pensamento de Stuart Hall - “Others [textual meanings] are presented in more varied ways and may be subject to what Hall calls the ‘struggle to signify’; these more contested areas of discourse can lead to more varied decodings.” (Lewis, 137) – as descodificações de um mesmo texto não são uniformes. Os ‘significados textuais’ que têm que ‘lutar para significar’ são descodificados de formas variadas, sobressaindo inicialmente aquelas que mais estão de acordo com as leituras dominantes, feitas de acordo com princípios e valores instalados: aparentemente, segundo Hall, os próprios significados também terão que competir entre si para assegurarem a sua existência. Assim, as imagens de alteridade numa cidade como Nova Iorque no início do século XX podiam assumir-se como espectáculo, tal como frequentemente tinham sido apresentadas em exposições internacionais realizadas até então, como se pode ver a seguir numa fotografia da encenação da cidade do Cairo que foi feita para a Exposição Colombiana de Chicago de 1893:

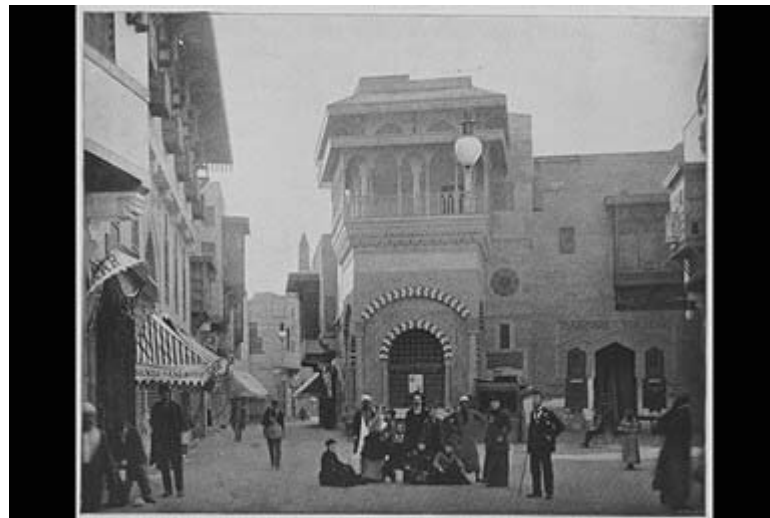


Ilustração 19 - *Cairo in Chicago*

Fotografia de uma réplica do Cairo na Exposição Colombiana de Chicago de 1893

Quando a presença do ‘outro’ se tornava mais próxima e óbvia, como em Nova Iorque, era por vezes ‘lida’ com um valor recreativo de objecto de exposição. Como demonstração de singularidade, ela era observada à distância, de um veículo que transportava os turistas pelas áreas mais exóticas de forma ‘segura’ e afastada – vide imagem abaixo do veículo utilizado nos *tours* da cidade à época. O princípio da exibição de índole museológica distante e seguramente catalogada como item exótico

mas controlado, repetia-se em visitas que permitiam avistar a superfície do domínio do outro de forma rápida e necessariamente superficial e distanciada.

502 American Literature



Figure 3 F. T. Richards, Illustration for George Fitch's "‘Seeing New York’ through a Megaphone," *Ladies’ Home Journal*, January 1907, 17.

Ilustração 20 – *Seeing New York through a megaphone*

Tal como os turistas que avistavam as realidades pitorescas de uma cidade cosmopolita a partir da segurança e da distância de um veículo como o mostrado acima, também a existência cultural de um grupo de judeus como o de “Drowned their Sins” é focalizada por um narrador que exerce poder sobre os seus objectos. Será útil relembrar a propósito a noção de poder, tal como é dada por Foucault:

If power were never anything but repressive, if it never did anything but to say no, do you really think one would be brought to obey it? What makes power hold good, what makes it accepted, is simply the fact that it doesn’t only weigh on us as a force that says no, but that it traverses and produces things, it induces pleasure, forms knowledge, produces discourse. It needs to be considered as a productive network which runs through the whole social body. (*in* Rabinow, 61)

Será ainda útil relembrar a definição de focalização como é dada por Mieke Bal: “La focalización es la relación entre la «visión», el agente que ve, y lo que se ve.(...) El sujeto de la focalización, el *focalizador*, constituye el punto desde el que se contemplan los elementos” (Bal, 110). Esta relação varia consoante a localização do poder num ou mais dos três ângulos: na “visão”, no agente que vê ou no que se vê. O agente que vê, o narrador de “Drowned their Sins” detém poder, que utiliza para dar a conhecer um ritual judeu num jornal americano, porém emitindo juízos pessoais acerca das personagens que são simultaneamente o seu objecto e membros do seu próprio grupo de origem. Porém, o poder encontra-se também na “visão” pois ela atribui-o, de forma desigual, às diferentes personagens caracterizando-as como mais ou menos informadas e, conseqüentemente, merecedoras ou não de o deterem. Essa ‘visão’ reflecte naturalmente os próprios conceitos e preconceitos do agente que vê, ele próprio um ‘outro’ envolvido como autor e objecto em definições de alteridade. A ‘pequena narrativa’ patente em “Drowned their Sins” demonstra a diversidade dentro da própria diversidade. A narrativa de Cahan estabelece diferenças dentro de um fenómeno de assimilação colectiva. Essas diferenças são originadas no próprio autor e no seu emolduramento conceptual, nas manifestações por ele feitas de um discurso estabelecido que ordena e etiqueta os imigrantes por género, etnicidade, religião, etc..

2.2. Joseph Mitchell – Como é, ser diferente

The New Yorker, o meio que publica “Lady Olga” e, anos mais tarde, “The Mountains of Pi”, surge em plena década de 1920, criado por Harold Ross que declara a publicação como “not for the old lady in Dubuque”.

Susan Hegeman chama a atenção na sua obra, *Patterns for America* (1999), para a importância da divisão geográfica em termos da produção cultural nos Estados Unidos. A revista *The New Yorker* estaria assim associada eminentemente, a nível criativo e de recepção, a cidadãos da grande urbe que lhe dava o nome. Simultaneamente, pertenceria, segundo Herbert Gans na obra *Popular Culture & High Culture*, a uma divisão das que este autor faz de diferentes níveis de ‘cultura’⁷². De acordo com a

⁷² O autor diferencia cinco diferentes tipos de ‘cultura’ (de *high culture* a *quasi-folk low culture*), cada uma delas correspondendo a uma das *taste cultures*, regidas por valores estéticos diferenciados, que o autor define “each contains shared or common aesthetic values or standards of tastes.” (Gans, a, 6).

classificação deste autor, a publicação em causa estaria incluída no nível *upper-middle culture* e este corresponderia a um público particularmente interessado na não-ficção: “Since the upper-middle public is very much interested in how society – and society’s leaders – work, I suspect that its use of nonfiction is comparatively greater than among all other taste publics. “ (Gans, 107). Poderemos assim analisar como, cerca de 25 anos depois de Cahan escrever “Drowned their Sins”, é fundada uma revista, concebida pelo fundador como destinada a determinada audiência alvo, audiência que seria urbana e relativamente sofisticada, apreciadora de ficção e não ficção.

A não-ficção publicada pela revista prossegue na senda da resistência e incorporação. Joseph Mitchell foi um dos autores paradigmáticos deste título, a ponto de ser conservado como parte do seu corpo redactorial mesmo quando não produziu obra nova alguma, durante cerca de trinta anos. O modelo, que este grupo foi progressivamente delineando, e do qual analisamos “Lady Olga”, constituiu um padrão, segundo o qual e contra o qual se escreveu, tanto nessa revista como em muitas outras publicações. Esse movimento levou o jornalismo literário a absorver inovações – as personagens *highlife* e *lowlife*, os perfis, a necessidade crescente de imersão do autor no ambiente ou meio do seu objecto de escrita, a comprovação da acuidade da informação dada (o *fact-checking department* da revista é disso prova). Autores como Mitchell e, ainda mais, o editor William Shawn, corporizavam um tipo de poder claramente verificável na correspondência deste último com os autores que propunham escritos para publicação. Persistentemente, tanto um como os outros prosseguiram troca de cartas que negociavam o tipo de texto que o editor pretendia publicar, ao qual os diferentes autores contra-propunham a sua própria versão (re)-criativa desse mesmo modelo, como se encontra amplamente ilustrado na obra de Ben Yagoda sobre a revista, *About Town*.

Todos estes contribuidores seguiam um padrão que correspondia a uma das secções da revista que, no caso de “Lady Olga”, era um exemplo de *The Full New Yorker Profile Treatment*. Se as ‘pequenas narrativas’ como estamos aqui a concebê-las são *systems of belief*, a escrita *The New Yorker* constitui-se ao longo dos anos como um sistema de escrita, do qual Joseph Mitchell foi frequentemente apontado como modelo. Apesar de modelar em termos de estilo de escrita da publicação, o jornalista não tentou, porém, empresa do género da delineada por Cahan. “Lady Olga” é um texto sobre um indivíduo em situação mas sem grandes mensagens educativas óbvias a serem transmitidas, a não ser a do respeito pela diferença.

E. B. White tinha escrito em 22 de Junho de 1940, a propósito da situação vivida então no mundo, na secção *Notes and Comment* da revista: “The feeling, at the pit of every man’s stomach, that the fall of France is the end of everything...” (*ap.* Yagoda, a, 168). Dois anos antes, Woolcott Gibbs tinha escrito outro comentário: “(...) in Germany (...) a helpless minority suffered a shameful and brutal persecution unequalled in the memory of any man alive. It is unlikely that we have seen the end of that (...)” (*ibid.*, 169). Provavelmente, a mensagem do respeito pela diferença, feita da forma distante que era característica de Mitchell, estabelecia um contributo para uma pequena narrativa muito adequada ao momento histórico, tanto na Europa como nos próprios Estados Unidos.

Enquanto Cahan refere a alteridade partilhada em grupo formado *a priori* – imigrantes provenientes do mesmo país, com a mesma religião e língua – Mitchell refere a alteridade isolada, individual, que se insere no todo da sociedade e é por ela absorvida enquanto curiosidade e forma de diversão. A alteridade é o *meal ticket* dos *freaks* que, porém, pagam o preço de não poderem mudar de condição. O extremo da situação vivida por Jane Barnell foge a critérios que separam o grupo dominante das minorias – distintas devido a traços de género, etnicidade, religião, estatuto social, etc.. Jane é um *freak*, uma aberração, que nela se manifesta através de traços de sexualidade comuns a dois géneros. Nela, a divisão primordial masculino/feminino não é clara e, por isso, é ‘assimilada’ a um grupo a quem a sociedade destinou um único papel admissível, que é o de curiosidade de circo

2.3. Tom Wolfe ou *The Search for ‘Me’*

Qualquer escritor ou jornalista escreve, como temos salientado, em obediência a um encargo. O encargo de Tom Wolfe continha muitas determinantes externas ao autor, às quais ele responde de acordo com a sua própria formação e características individuais. Wolfe, pertencente à geração de jornalistas e escritores de formação académica no pós-II Guerra Mundial, com um doutoramento, como anteriormente referido, em Estudos Americanos, reflecte o foco da sua educação e desta área científica. O autor demonstra nos seus textos não só o interesse jornalístico, já de si profundamente inquisitivo, sobre os acontecimentos considerados mais relevantes da sociedade em que vive: procura ainda explicação para os novos *hobbies* das classes emergentes e para o papel

simbólico remanescente das antigas classes dominantes, que procuram junto daquelas a autenticidade perdida para a perpetuação do seu próprio estatuto. Se bem que os seus artigos, tais como aqueles escritos por Cahan ou Mitchell, tenham como objecto a alteridade, o que distingue o artigo de Wolfe é que essa diferença é orgulhosamente narrada como tal, apresentada como paradigma alternativo ao já existente. Tanto os “Novos Americanos” de “Drowned their Sins”, como a mulher barbuda de “Lady Olga” eram irremediavelmente diferentes e, se quisessem tornar-se iguais aos seus circunstâncias, teriam que se modificar para se lhes assemelharem. Jane Holzer, a “Girl of the Year” assumia-se como a alteridade que podia tornar-se dominante, substituindo o modelo vigente, pelo menos parcialmente.

Em textos como o analisado ou em muitos outros, contidos nas antologias de textos do autor da década de 1960, constata-se que Wolfe tenta metodicamente registar exemplos de inovação característicos da época: a rapariga da moda, os novos empresários bem sucedidos (“The First Tycoon of Teen”), a nova arquitectura (“Las Vegas...”), a moda (“Teen-age Male Hairdos”).

Para ter o impacto que obteve, Wolfe contou com um meio que lhe permitiu a publicação dos artigos. É curioso aliás notar que, tanto o *Commercial Advertiser* de Cahan como o *Herald Tribune* do tempo de Wolfe foram jornais que, estando em crise, não hesitaram em trilhar caminhos imaginativos para saírem dela.

Outro ponto comum que se pode registar nos textos destes dois autores é a particularidade de mostrarem grupos grandes de pessoas em interacção fora da esfera doméstica, enquanto as visões de domesticidade de “Lady Olga” e “Mountains of Pi” são mais fortes, especialmente neste último. O foco dos artigos de Cahan e Wolfe é definitivamente macro, incidindo por vezes sobre indivíduos ‘dominantes’ (*intelligent Jew* ou Jane Holzer) mas não perdendo nunca o contexto geral em que estão inseridos.

A “pequena narrativa” de Wolfe não se reportava a pequenos grupos de indivíduos, como os *freaks* que Mitchell aborda com tanta delicadeza. Wolfe dedica os seus escritos a uma mudança social de fundo, a um movimento sociológico que teria repercussões sobre todos os cidadãos, fossem eles pertencentes a grupos maioritários ou minoritários. Pode utilizar-se a referência aos Rolling Stones como exemplo: este é um grupo britânico pouco ‘gentil’ que chega para ‘colonizar’ as mentalidades dos jovens americanos e influenciar as suas atitudes no sentido de as tornar mais agressivas e ‘classe baixa’. Era a influência britânica a ser sentida de novo nos Estados Unidos,

agora porém sem se manifestar da forma elevada e dominadora, em termos de *high culture*, mas de forma proletária e crua.

Depois da narrativa da influência dos grandes grupos de imigrantes (vinda do exterior) e da narrativa do cidadão diferente isolado (proveniente do interior do próprio país), Wolfe aborda a interacção muito mais difusa em termos de origem e direcção da influência que é representada nos anos de 1960 por uma cultura de juventude. Este factor novo, acrescido das alterações decorrentes de uma sociedade cheia de novos interesses resultantes de uma sociedade em processo de multiplicação de actividades culturais visíveis, criadoras e simultaneamente decorrentes de novos conceitos da própria cultura constituem a ‘pequena narrativa’ deste e de outros textos de Wolfe.

2.4. Richard Preston: “I don’t know why you’re talking to me. I’m not very interesting”

Preston confirma igualmente com os seus textos o papel das ‘pequenas narrativas’ nas constantes negociações interpessoais que existem para a construção social da realidade. Numa entrevista que concedeu a Robert S. Boynton, publicada no volume *The New New Journalism*, foi-lhe posta a seguinte questão, que se transcreve abaixo com a respectiva resposta:

What kinds of people do you most like writing about?

I don’t like writing about people who think they are so important that they *should* be interviewed. When someone says, “I don’t know why you’re talking to me. I’m not very interesting” – a little green light goes on in my head and I get much more interested. (Boynton, 303)

Preston tem um perfil educacional e de preferências pessoais que o conduzem na escrita por vias semelhantes à do seu mentor, John McPhee. Escrevendo para a revista *The New Yorker* sofre, assim, desta outra influência determinante, conjugando-se deste modo num mesmo autor marcas claras de duas influências diversas: do meio que publica o artigo e do meio académico de onde o autor provém. Herbert Gans já tinha feito a sua apreciação sobre a questão da segmentação das audiências por diferentes media na sua obra *Popular Culture and High Culture. An Analysis and Evaluation of Taste*, já referida acima, publicada em 1974 e revista em 1999:

Upper-middle culture is distributed through the so-called class media or quality mass media. Its public reads the news magazines, *Harper's*, *The New Yorker*, *New York*, *Playboy*, *Ms.*, and *Vogue*, among others, (...) Upper-middle culture is today probably the fastest growing of all taste cultures, the boom in college attendance having increased the size and affluence of the upper-middle public. (Gans, a, 109)

Gans realça a circunstância de cada tipo de cultura estar associada a um determinado gosto; o conceito de *taste culture* é de grande relevância no universo do jornalismo literário americano e, tal como referido na definição dada pelo autor, remete-nos para noções de estética, que serão apreciados ulteriormente. Os diferentes autores do corpus desta tese reflectem a multiplicidade e a evolução dessas *taste cultures* entre os leitores de textos deste universo. A atribuição de valor estético a artigos, que acentuam a importância do conteúdo e não apenas da forma, conjugada com a clara importância dada à recepção individual, é muito visível em “The Mountains of Pi”.

O género é uma forma escolhida entre múltiplas possibilidades, de acordo com Todorov e, as suas actualizações, “ (...) bring to light the constitutive features of the society to which they belong.” (Todorov, 19). O género jornalismo literário em si possibilita e favorece a divulgação de ‘pequenas narrativas’ que, desta forma, se tornam conhecidas e como tal existentes em termos sociais e humanos. A admissão da importância de outras realidades que é conferida pela publicação em letra de forma possibilita uma alteração do seu estatuto. Tanto os “novos americanos” de Cahan, as duas Jane de Mitchell e Wolfe ou os irmãos Chudnovsky de Preston deixam de ser ‘nonpersons’ como são apelidados, na actualidade, pelo jornalista britânico John Pilger⁷³.

Por outro lado, um artigo como “The Mountains of Pi”, enquadrado no tipo de revista que o publicou e num tipo de jornalismo literário, como o que Preston habitualmente escreve, aliás como qualquer um dos textos analisados nesta tese, presta-se à leitura que na tradução em língua inglesa da obra de Michel de Certeau, *The Practice of Everyday Life*, o autor designa de *poaching*: “ (...) readers are travellers; they move across lands belonging to someone else, like nomads poaching their way across the fields they did not write.” (ap. Storey, 180). Esta espécie de caça furtiva em campos de escrita de outros não deixa de realçar a importância do trabalho individual de leitura e

⁷³ Expressão utilizada por este jornalista para designar todos as pessoas ou grupos humanos que, por não constarem das notícias internacionalmente divulgadas, são como não-existentes.

descodificação de uma mensagem escrita, naturalmente polissémica, com a carga simbólica de transgressão de uma regra, aquela que é imposta pela selecção e combinação que o autor faz ao estabelecer um texto.

O trabalho de escrita de Preston acarreta normalmente uma investigação aprofundada sobre um tema. Esse trabalho serve como base para a redacção dos artigos jornalísticos e, em determinadas ocasiões, para outras intervenções do autor na esfera pública⁷⁴. Por outro lado, o autor mantém interesse, ao longo do tempo, nos seus objectos de estudo e escrita, vide o artigo que surgiu em *The New Yorker* recentemente acerca da colaboração dos irmãos Chudnovsky para a recuperação (através da ajuda de modelos matemáticos) das famosas tapeçarias belgas *The Hunt of the Unicorn*,⁷⁵ pertença do Museu Cloisters em Manhattan. A ‘pequena narrativa’ dada por “The Mountains of Pi” é assumida pelo autor quase como um estudo de caso, que é mantido ao longo do tempo através da observação em momentos diferentes da evolução da adaptação destes ‘novos americanos’.

Todo este trabalho realizado pelos quatro autores do corpus torna-os participantes da construção de um mosaico de diversas ‘pequenas’ narrativas que são experimentadas pelos receptores de uma forma que contém em si características de recepção estética. Por outro lado, a existência do jornalismo literário enquanto múltiplas ‘pequenas narrativas’ implica um redireccionamento estético. Terry Eagleton refere a estética kantiana da seguinte forma:

When, for Kant, we find ourselves concurring spontaneously in an aesthetic judgement, able to agree that a certain phenomenon is sublime or beautiful, we exercise a precious form of intersubjectivity, establishing ourselves as a community of feeling subjects linked by a quick sense of our shared capacities. (Eagleton, 75)

A intersubjectividade restrita a uma pequena comunidade capacitada para a apreciação estética referido por Kant é revista por Bourdieu. Ao criticar a ‘ditadura’ estética estabelecida por pequenos grupos possuidores de capital cultural, o autor francês apresenta como alternativa a abertura desses julgamentos a outros grupos sociais que, tradicionalmente, não tinham poder para o fazer. Como em muitas outras manifestações

⁷⁴ Como por exemplo na comparência perante o Senado em 22 de Abril de 1998: *Statement for the Record by Richard Preston Before The Senate Judiciary Subcommittee on Technology, Terrorism & Government Information and the Senate Select Committee on “Intelligence on Chemical and Biological Weapons Threats to America: Are We Prepared?”*

⁷⁵ “Capturing the Unicorn”, disponível em http://www.newyorker.com/printables/fact/050411fa_fact, acessível em 28 de Julho de 2005

de criatividade surgidas ao longo do século XX também o jornalismo literário contribuiu para esse alargamento. Iremos delinear a seguir as conclusões que pudemos retirar do cruzamento entre conceitos de estética versus evolução e mudança cultural tal como estão patentes nos artigos.

3. A Estética e a Evolução dos Conceitos de Cultura

Os textos escritos são obras com um receptor hipotético e diferido. O receptor do texto jornalístico é, em primeira-mão, algo mais definido pois corresponde frequentemente ao perfil do leitor do meio em questão. Qualquer um dos textos do corpus e muitos outros pertencentes ao género jornalístico literário ultrapassam, porém, essa limitação do horizonte de expectativas pois, na sua generalidade, são publicados posteriormente em colectâneas. Confirmam assim a afirmação de Antony Easthope, feita em relação a todo e qualquer texto:

This, the potential of the text for endless inscription and reinscription, renders reductive any attempt to fix the text in a given context (...) They exceed that context not only diachronically, always temporally going beyond a given reading, but also synchronically, always available to another reading at the same time, even in the supposedly 'original' moment when they were first produced. (Easthope, 113)

O texto é objecto de recepção que tem características de experiência estética, como o conceito é explicitado por Alexander Baumgarten “specialized human creativity of art” (*ap.* Williams, a, 31). A questão que naturalmente se pode colocar é a de considerar um artigo de jornalismo literário como pertencente ao domínio da arte, cujo conceito é esclarecido pelo mesmo autor “art and artist acquire ever more general (and more vague) associations, offering to express a general human (i.e. non-utilitarian) interest, even while, ironically, most works of art are effectively treated as commodities.” (*ibid.*, 42).

A comodificação da obra de arte enquanto objecto cultural foi, e continua a ser considerada, como corruptora do intrínseco valor estético da obra. Curiosamente e

como observado por Raymond Williams, muita da criação artística considerada clássica e indiscutível, desde as civilizações da Antiguidade, e passando pelo período fértil do Renascimento, foi feita nesses termos, como o resultado de um encargo preciso de um mecenas que encomendava e pagava a criação, e tratada pela posteridade como um bem material de valor elevado e muito cobiçado.

Habermas, ao apresentar a sua análise da esfera pública no século XVIII na Europa, refere o papel que aquela teve no desenvolvimento de uma camada burguesa da população que, no âmbito desta esfera, participava como público, uma entidade formada como tal por essa altura, em debates alargados sobre assuntos do mais variado tipo. É, aliás, curiosa a referência que este autor faz a Daniel Defoe, apontado por diversos autores como um dos percursos do jornalismo literário:

Harley was the first statesman to understand how to turn the new situation to his advantage. He engaged authors like Defoe (who has been called the first professional journalist), who defended the cause of the Whigs not only in the pamphlets in use up until then but also in the new journals. (...) Defoe's *Review*, Tutchin's *Observer*, and Swift's *Examiner*, were discussed in clubs and coffee houses, at home and in the streets. (Habermas, a, 59)

Entretanto, a obra de arte entrou no tempo da reprodução mecânica. A crescente popularização e massificação da criação de índole artística e cultural ligadas, em especial ao longo do século XX, ao aparecimento do lazer alargado a números crescentes de pessoas, acarretaram um aumento exponencial das chamadas indústrias culturais. A análise de um fenómeno que, inicialmente, era considerado um oxímoro (como é possível ser indústria e cultural ao mesmo tempo, v. o epíteto que é dado por Hoggart nos anos de 1950 ao carácter manipulativo das indústrias culturais que geram nas suas palavras um *candy-floss world* (Storey, 41), evolui para uma apreciação menos valorativa ou hierarquizante de manifestações culturais originárias em classes ou grupos que anteriormente não eram considerados como capazes de geração de tais fenómenos ou como possíveis receptores.

Assim, a variabilidade de conceitos do estético, facilitada a partir do momento em que as indústrias culturais fornecem a muitos receptores modelos alternativos de manifestações artísticas, acarreta, conseqüentemente, uma perda de uniformidade. Eagleton refere: "There is a need, then, which neither politics nor morality can fulfil to promote 'a unity between individuals on the basis of their subjectivity'; and it is this which the aesthetic can provide." (Eagleton, 84). A existência dessa unidade tinha, de

facto, sido conseguida até então através da anulação de outras possibilidades de conceitos estéticos; a emergência dessas alternativas impede a unidade permitida por uma estética comum cuja perda é frequentemente lamentada.

Não poderemos, assim, deixar de olhar os textos do género analisado nesta tese como mais uma manifestação de criação destas estéticas alternativas a uma predominante que tinha servido de traço de união, ultrapassando a política ou a moralidade, tal como Eagleton referia. Tal criação deveu-se, pelo menos em parte, ao reconhecimento e valorização de diferentes culturas ao serem ultrapassadas noções eurocêntricas ou hierarquizadoras das mesmas. Nos Estados Unidos, tal fenómeno coincidiu parcialmente no tempo com o estabelecimento definitivo de um conceito e da aceitação de cultura americana distinta:

(...) Specifically, he [Warner Sussman, in "The Culture of the Thirties"] saw this particular version of the concept as enabling a wide spectrum of Americans to do two new things: to understand themselves as participating in a distinctive "American" culture, and to see this culture as a set of patterns, values, and beliefs comparable to those of other cultures. Crucially, this moment of culture's domestication was one of both national self-perception and critical estrangement; "culture" may have hit home to many Americans, but it left them thinking about themselves and their allegiances in a newly relational, contextual, and often critical way. (Hegeman, 4)

Ao reconhecimento de uma cultura americana, diferenciada de outras culturas, nomeadamente as europeias, seguiu-se uma abordagem nova nessa área que consistiu na diferenciação entre diferentes tipos de cultura dentro da americana, tal como já foi anteriormente referido. Autores como Girard dividiram e nomearam dois diferentes tipos de produção cultural:

The field of cultural production is delimited by two subfields that function as opposing poles: the field of restricted production, associated with elite culture, represents the space in which cultural producers produce for one another; and the field of large-scale production, associated with mass culture, represents the space in which cultural producers produce for the public at large. (Girard, 162)

Storey esclarece:

Such distinctions are often supported by claims that popular culture is mass-produced commercial culture, whereas high culture is the result of an individual act of creation. The latter, therefore, deserves a moral and aesthetic response, the former requires only a fleeting sociological inspection to unlock what little it has to offer. (Storey, 6)

Herbert Gans, na obra, *Popular Culture and High Culture. An Analysis and Evaluation of Taste*, multiplica o número de culturas que reconhece como existentes: *High culture, upper-middle culture, lower-middle culture, low culture e quasi-folk low culture*. Acrescenta ainda as *youth, black e ethnic cultures*. O autor demonstra, através de exemplos concretos, que diferentes grupos de Americanos preferem, apreciam e consomem diferentes produtos culturais, justificando assim o número e variedade de culturas que enumera, fazendo-as corresponder a determinados grupos que designa de *taste cultures*. Diverge assim de autores anteriores que tinham apenas acrescentado uma *middlebrow*⁷⁶ *culture* à divisão anteriormente feita entre *high e low culture*: “The idea of a number of taste cultures is not new; it has been expressed in literary and popular writings by the conception of cultures and publics as highbrow, middlebrow, and lowbrow. I call this idea *aesthetic pluralism*.” (Gans, a, 93/ 4).

Este autor opina que não existe um único conjunto de regras segundo as quais a produção cultural de variados tipos é apreciada por diferentes padrões de audiência. Estas não existem de forma natural mas são, de certa maneira, fruto de construção analítica que agrega os receptores segundo a aceitação que demonstram face a determinado ‘género’: “Many factors determine a person’s choice among taste cultures, particularly class, age, religion, ethnic and racial background, regional origin, and place of residence, as well as personality factors which translate themselves into wants for specific types of culture content.” (*ibid.*, 94).

É importante reforçar a ligação, estabelecida pelo próprio Gans, entre os diferentes níveis culturais e a relação estética que se estabelece entre o objecto apreciado e o sujeito que o aprecia. Essa relação estética pode obedecer, como vimos acima, a diferentes tipos de regras e a aceitação ou rejeição destas revela mais acerca da sociedade que as detêm do que é aparente. Bourdieu observa: “Aesthetic intolerance can be terribly violent....The most intolerable thing for those who regard themselves as the possessors of legitimate culture is the sacrilegious reuniting of tastes which taste dictates shall be separated.” (*ap.* Storey, 178).

O jornalismo literário desenvolve-se assim a par dos debates que se seguem à constatação do facto de que o conceito de cultura teria de ser alargado em relação ao

⁷⁶ “Middlebrow (...) refers to the taste of those with less education and greater pretension: unable to afford ‘real’ art, middlebrows make do with imitations.” (Girard, 178)

conceito arnoldiano e o mesmo se deveria passar em relação ao de estética, como tinha originalmente sido definido por Alexander Baumgarten. Será, aliás, de interesse, verificar se existirá alguma correspondência entre os diferentes textos de que se compõe o corpus e os diferentes tipos de cultura tal como esta veio a ser qualificada ao longo do século XX. Poderemos situar os textos em alguma das áreas de:

1. *popular culture*;
2. *mass culture*;
3. do que ficou conhecido como *middlebrow* em determinada época;
4. ou *high culture*?

Se começarmos com o texto de Abraham Cahan verificamos que, ao tempo da sua publicação original, o artigo do *Commercial Advertiser* se destinava a leitores de um jornal nova-iorquino diário, um jornal relativamente pequeno e até experimental se comparado com os grandes jornais populares *New York World* ou *Journal*, ou com jornais mais ‘sérios’ como o *New York Times*. Não será, porém, simples localizar um tipo de produto cultural como este especialmente porque, à época, publicações como o *Commercial Advertiser* não seriam consideradas veículos para a sua difusão e o material por ele publicado não era incluído entre o ‘melhor que se pensava ou produzia’.

“Lady Olga” de Joseph Mitchell podia ser encarado, em 1940, como uma manifestação de um certo tipo de cultura popular publicado por um meio eventualmente a incluir na *middlebrow culture*, se recordarmos o que foi escrito acerca do público da revista nas páginas 179 e seguintes desta tese. *The New Yorker*, fundada em 1925, inicia a sua publicação porque existe público em abundância para ela: o sucesso deve-se a uma linha editorial própria, bem gizada, mas também à oportunidade do momento. Se Harold Ross exclui *the old lady from Dubuque* do grupo de potenciais leitores, tal deve-se ao reconhecimento da existência de uma multiplicidade de públicos-alvo, que se diversificavam continuamente desde os primórdios da *penny press*, da década de 1830. A acrescentar à pré-existente distinção entre públicos para *high* e *low cultures*, revistas como esta e outras destinavam-se a públicos que nem se situavam num nem outro desses campos ou que, pelo menos, tinham alargado os seus interesses para áreas que os dois campos opostos não englobavam.

Tom Wolfe explora, junto do público leitor do jornal *Herald Tribune* e especificamente da revista dominical do mesmo, *New York*, as possibilidades que existem não só a nível de potenciais subdivisões dentro de uma mesma variada cultura americana, mas

também do reconhecimento das próprias manifestações culturais como objecto de análise. “The Girl of the Year” é, tal como “Drowned their Sins” ou “Lady Olga”, um texto de não-ficção. Tem, porém, um outro aspecto de relevo: atribui à situação e personagens que apresenta um estatuto explícito que não era subjacente aos outros textos, a importância de ser uma manifestação individual de um fenómeno mais vasto que o autor conscientemente reconhece na introdução da colectânea onde o texto é incluído:

Practically every style recorded in art history is the result of the same thing – a lot of attention to form, plus the money to make monuments to it. (...) But throughout history, everywhere this kind of thing took place, China, Egypt, France under the Bourbons, every place, it has been something the aristocracy has been responsible for. (...) Suddenly classes of people whose styles of life had been practically invisible had the money to build monuments to their own styles. (Wolfe, a, xiv)

Wolfe acentua a importância do dinheiro envolvido na construção do que apelida de monumentos aos estilos. Será, porém, de salientar o outro factor mencionado, o reconhecimento destes estilos como manifestações culturais, conseguido através do final da sua invisibilidade. A imposição da visibilidade é talvez a grande diferença em relação aos textos anteriores, pois não se exercerá apenas em relação ao facto do objecto ser considerado como digno de interesse. Adicionalmente, estes monumentos a estilos institucionalizam-nos como parte integrante da cultura. Peter Berger escrevia que: “Culture exists ‘only as people are conscious of it’.” (ap. Wuthnow, 35). Preston, anos depois, complementaria esta noção, afirmando que se interessa imediatamente por quem se considera pouco digno de nota.

John Storey (2001) acrescenta a esta disputa entre diferentes formas de ‘cultura’ que, aliás, outros autores como Hegeman consideram inútil, uma ferramenta conceptual neo-gramsciana, que permite adaptar a definição de hegemonia⁷⁷ deste autor para a análise cultural. O conceito gramsciano de hegemonia determina que existe capacidade de resistência e incorporação numa sociedade em termos de disputa de poder, o que equivale a dizer que a hegemonia de um determinado grupo num certo momento concede a possibilidade a outros grupos de exercerem algum poder, sem que tal ponha,

⁷⁷ “The concept of hegemony is used by Gramsci to refer to a *condition in process* in which a dominant class (in alliance with other classes or class fractions) does not merely *rule* a society but *leads* it through the exercise of ‘moral and intellectual leadership’. (...) hegemony is maintained (...) by dominant groups and classes’ negotiating ‘with and making concessions to, subordinate groups and classes.’ (Storey, 103/4) (itálicos no original)

porém, em risco a estrutura profunda da sociedade. O mesmo se passa no domínio cultural, no âmbito das diferentes ‘culturas’ – *high, popular*, etc. Através dos acima mencionados processos de resistência e incorporação, actividades e demonstrações culturais pertencentes a dado momento a uma ‘cultura’ poderão sofrer processos de troca de atribuição de ‘categoria cultural’. De igual modo, a recepção de qualquer forma de cultura pode sempre ser criativa, dialogante e não forçosamente passiva ou hostil.

Aliás, poderá inserir-se a disputa sobre a literaridade, ou não, deste tipo de jornalismo na questão da existência dos diferentes níveis de cultura. Tal assemelha-se a tentar analisar algo como a luz apenas em termos dos seus elementos constituintes e não em termos do efeito final dessa mesma luz. Tal como esta é constituída por diferentes feixes de cores distintas que se fundem para se tornarem perceptíveis à visão humana com a cor branca, também a cultura é um agregado de diferentes ‘feixes’ que enquanto unidos têm um efeito muito semelhante ao da luz: também a cultura permite a cada ser humano, no seu tempo e no seu espaço, divisar o que o rodeia e aperceber o seu ambiente da forma que essa luz possibilita. Existem diferentes elementos, como por exemplo as instituições, a própria língua com as suas manifestações em discurso escrito e oral, objectos, relacionamentos humanos e com o ambiente: todos os elementos, quando fundidos, em situação comparável à dos raios luminosos, permitem a percepção de um todo de uma determinada forma. Apreciar, analisar e estudar os diferentes feixes segundo uma hierarquia falseará a importância do conjunto, pois só ele origina o efeito final.

4. Conclusão – As Questões e as Respostas

Tal como referido no princípio deste capítulo, as primeiras considerações finais são de índole mais geral e estruturante, em termos de tipo de objecto cultural (artigo de jornalismo literário) e da inserção deste nas formas narrativas e estética coevas.

As considerações que se seguem apresentarão de forma mais sistematizada as conclusões retiradas após o estudo das questões primárias, hipóteses de trabalho que orientaram a investigação. Será útil recapitulá-las neste momento:

1. A proliferação deste género estará ligada a uma fuga propositada da objectividade, objectividade essa, cuja existência foi questionada, por exemplo por Foucault?
2. Será o género apropriado a um século em que se reconhece a existência de uma cultura popular, mas em que pelo menos na primeira metade se manteve firme a noção de literaridade moderna, que, aliás, não deixou de perdurar até aos nossos dias e de causar celeuma entre partidários de opiniões opostas (V. querela “Humanities v. the Deconstructionists” em que Walter Bate se insurge contra estes últimos (Esch, 17)?
3. O Jornalismo literário poderá ser visto como uma possível afirmação da individualidade no momento histórico em que se impunha a produção em massa, a massificação de experiências, a imposição de modelos homogéneos; ou, por outro lado, como uma tentativa da assimilação de minorias ao *American Way of Life*?
4. As obras em análise poderão ser consideradas representativas (a dois níveis – do texto em si e da forma como é recebido) de momentos diferentes dentro da evolução cultural do século americano, mesmo tendo em conta que não há verdades estáveis através do tempo? Será possível determinar através delas, o emolduramento (*framing*) comum a autores e leitores contemporâneos?
5. A experiência longa de admissão de imigrantes nos Estados Unidos, aliada ao estudo das características ‘excepcionais’ da cultura americana, sinal do interesse de uma sociedade pela diferença, poderá ser analisada

frutuosamente em textos de jornalismo literário, não-canónicos, declaradamente subjectivos?

Cada uma destas questões foi explorada ao longo do texto. Façamos agora uma sistematização final das conclusões a que chegámos.

Questão 1

A questão da objectividade tem sido colocada e objecto de discussão em campos tão diferentes como os da ciência ou do jornalismo. Neste último domínio, o critério da objectividade funcionou, a partir do momento em que se abandonou a crença na apresentação dos factos como prova da validade do jornalismo, como critério de legitimação da notícia. Se esta era recolhida e apresentada, enquanto baseada nas boas práticas de objectividade jornalística, como tal reconhecidas pelos pares, então a notícia correspondia aos padrões exigidos.

O jornalismo literário inverte essa regra, assumindo que a subjectividade jornalística é uma estratégia aceitável, desde que apresentada como tal. Basicamente, a objectividade, que frequentemente não é mais do que uma colecção de normas que a cada momento vão sendo formadas e apresentadas como as correctas, é relativizada.

Ao longo dos textos do corpus e patente em muitos outros textos, nota-se esta crescente transformação de regras da objectividade e dos limites entre esta e a subjectividade, bem como no cuidado que é posto para não os confundir. O facto do jornalismo literário ser constituído por obras não-ficcionais estabelece um limite. Não são admissíveis nem situações de ficção, nem a criação dos chamados *composite characters*, personagens que em si reúnem características de diferentes personagens reais. Aliás, obras famosas da não-ficção, como *Hiroshima* de John Hersey, recorreram a este último tipo de recurso, havendo outras que recorreram mesmo à invenção de personagens ou situações, plausíveis mas inexistentes, o que leva ciclicamente ao debate sobre os limites do género que, ao serem transgredidos, o desvirtuam.

A questão da objectividade, como ela é posta por Foucault, é ligada pelo autor com os efeitos de veracidade que são ‘criados’ e que são sempre relativos, ancorados às regras estabelecidas no momento acerca do que deve ser dito (e como) ou silenciado:

Silence itself – the things one declines to say, or is forbidden to name; the discretion that is required between different speakers – is less the absolute limit of discourse, the other side from which it is separated by a strict boundary, than an element that functions alongside the things said, with them and in relation to them within overall strategies. (*in* Rabinow, 309)

As questões do discurso permitido e dos silêncios convenientes enquadram o tema da objectividade. O discurso objectivo jornalístico é exercido sobre tópicos ou assuntos que estão incluídos no número dos que são considerados dignos de atenção pela comunicação social, contemplados pela agenda mediática inserida num discurso de poder. O jornalismo literário desenvolveu-se incidindo sobre temática anteriormente já contemplada pelo género jornalístico mas, mais ainda, sobre outro tipo de assuntos que não eram antes considerados dignos de interesse. Assim, este tipo de artigo utilizou a subjectividade autoral como estratégia de fuga a padrões estabelecidos de agenda mediática.

Quando Mitchell escrevia sobre um *freak*, uma mulher barbuda, sob a perspectiva de um ser igual aos outros e não apenas de um objecto de curiosidade no circo, ou quando Wolfe capturava o frenesim das fãs dos Stones na década de 1960, fenómenos ou franjas, que não tinham sido até então dignos de nota, passavam a ser do conhecimento de maior número de pessoas, de todos os leitores a quem os artigos chegavam. Mais do que uma fuga a objectividade, o jornalismo literário impôs-se como um discurso que terminava (alguns) silêncios.

A exploração destas temáticas foi feita de forma diferente em cada um dos textos. A rejeição do “outro” é abordada em todos eles. A recusa do ‘outro’ é, com frequência, feita colectivamente e *a priori*: pelo contrário, a aceitação é feita mais facilmente quando a nível individual, caso a caso. Os problemas de rejeição agudizam-se, por isso, com a presença de grandes números de estranhos. Tome-se o caso de “Drowned their Sins” – quando o narrador repete as explicações do judeu ‘inteligente’, por exemplo, o receptor apercebe-se da situação daquele caso específico – conseguirá porém abarcar a situação em geral?

Os dois primeiros textos parecem basear-se no conceito de que a diferença deve ser eliminada, pelo menos suavizada – aceitam-se os rituais diferentes desde que não sejam exagerados, a mulher barbuda tapa o rosto para passar despercebida. Nos dois últimos, a diferença acrescenta valor às personagens, não precisa de remediação através de medidas destinadas a homogeneizar ou tornar igual.

Esta aceitação será porém mais fruto de um esforço intelectual, por parte dos autores, do que de verdadeira alteração da generalidade das pessoas? Parece claro, depois de observada a progressão patente nos quatro textos, que a relativização de conceitos como o de objectividade foi sofrendo evolução. A sua existência não é declarada impossível, mas o seu reconhecimento como valor intemporal foi, de facto, definitivamente abandonado.

Poderemos dizer que tem havido, em consequência dessa relativização do conceito de objectividade, algum regresso à crença nos factos, que era tão relevante no jornalismo do século XIX. Casos, como o de Richard Preston, demonstram que, através de uma investigação de metodologia quase científica, a importância factual é recuperada, quando comparada, por exemplo, com a relevância que lhe é dada nos textos de Joseph Mitchell.

Questão 2

Como género, o jornalismo literário viu o seu reconhecimento facilitado pela concessão crítica da existência de culturas, que não a canónica e, em termos de divulgação, pelo aumento dos meios que o publicam, desde os jornais e revistas até, mais recentemente, a *World Wide Web*.

Em termos de recepção, o jornalismo literário usufruiu, ao longo das primeiras oito décadas do século XX, de mercados crescentes, que resistiram ao nascimento e desenvolvimento de meios como o cinema, a rádio ou a televisão. Se bem que considerado como género algo ‘menor’ por muitos críticos, não deixou de causar grande admiração quando praticado por vultos como os de John Hersey, Truman Capote, Tom Wolfe ou John McPhee, entre outros. Mesmo enquanto colocado em posição secundária em relação à literatura, a sua existência persiste num século em que esta tem sido alvo de intensa querela em termos de estabelecimento de um cânone.

Todas estas questões têm a ver com desenvolvimentos que são incontestados: a literacia das populações tem aumentado de forma incontestada nos Estados Unidos. Os milhões de imigrantes chegados a partir do último quartel do século XIX foram gradualmente aculturados, tal como os seus descendentes. Os números relativos ao percurso médio escolar têm vindo a aumentar e, portanto, o público consumidor dos produtos das indústrias culturais tem crescido e tem-se diversificado. O jornalismo literário tornou-se assim num dos muitos produtos (cinema, teatro, música, literatura) que este número crescente de audiências consome.

Wendy Griswold refere no artigo “The Ideas of the Reading Class”, a propósito:

A reading culture is something very different. A society where both the ability and practice of reading is necessary in order to be culturally competent and economically successful can be said to have a reading culture. Reading cultures, unlike reading classes, are recent developments. Pressure for mass literacy arises when people are developing, or seem likely to develop, a reading culture, for literacy becomes a requirement for full social participation. (Griswold, e , 4)

O século XX viu o florescer de uma ‘cultura de leitura’ nos Estados Unidos. A aquisição de competências feita através da recepção de texto escrito convencional é alargada a muitos sectores da população que assim se tornavam capazes de participarem socialmente de forma cabal. A ‘cultura de leitura’ tem vindo gradualmente a adquirir, a partir da última década do século XX, complemento importante na cultura

informática, especialmente na sua vertente dialogante através da Internet, meio novo que possibilita o alargamento do conceito de texto a definições mais abrangentes.

Durante todo o século, o jornalismo literário é, assim, um elemento de uma panóplia de oferta definitivamente apropriado a um século de escolhas múltiplas. Aliás, a popularização do meio acima citado, a Internet, tem ajudado a aumentar os meios de acesso da população às obras escritas, tendo juntado ao tradicional acesso em suporte de papel, a possibilidade de livros e revistas electrónicos (como *The New Yorker* tem feito).

O novo conceito de hipertexto vai além do antigo conceito de texto escrito ou impresso em papel:

We are living in the "late age of print," as new media scholar Jay David Bolter describes it, a time when words printed on paper are being replaced by words flashed on computer screens. In this early stage of new media, we are still in the process of discovering the shape journalism will take in a new age. (...) in 1965, a visionary named Ted Nelson gave the name hypertext to Bush's [Vannevar Bush, one of President F.D. Roosevelt's top advisors on technology] concept ("hyper" is a Greek word meaning "beyond"). Hypertext is the feature that made the World Wide Web possible by allowing users to move from place to place to place, whether it's inside the text itself or to another site on the Internet.⁷⁸

Durante um período de tanta mudança e evolução em termos de formas de comunicação entre cidadãos de um mesmo país, e de diferentes nacionalidades, o jornalismo literário revelou-se adequado, como muitos outros géneros, a grupos, a um determinado tipo de audiências. A sua aceitação reveste-se de características similares às que sofreram outros géneros, nomeadamente o romance. O meio de publicação inicial deste, o jornal, foi também utilizado por muitos romancistas do século XIX – basta lembrar obras de Charles Dickens ou de Eça de Queiroz. A constituição de uma literatura canónica, no sentido moderno do termo, tal como foi definido por críticos de renome do século XX, influencia, por um lado, as obras que nela são incluídas mas também as que se encontram para lá dos limites do cânone.

A procura de produtos culturais do mais variado tipo sofreu uma subida considerável ao longo do século XX. O jornalismo literário preencheu e satisfaz uma necessidade continuada de textos escritos que reflectissem uma sociedade que tinha, agora, outras formas de a representar – o cinema, a rádio, a televisão. O aparecimento da escrita

⁷⁸ Scanlan, Chip, "The Web and the Future of Writing"; disponível em, http://poynter.org/content/content_view.asp?id=14501, acessível em 7 de Setembro de 2005

marca a passagem da Pré-História para a História. As mais variadas formas de escrita fixaram desde então a aventura dos homens sobre a Terra. Muitas formas se desenvolveram paralelamente no século passado, reflectindo na sua multiplicidade a diversidade humana que retratam. Nos Estados Unidos, estes artigos de jornalismo literário, apesar de toda a controvérsia que rodeia a sua classificação, constituem um repositório valiosíssimo e essa será, talvez, a sua característica principal e o motivo para a sua manutenção.

Questão 3

As questões da alteridade imperaram ao longo do século XX americano. Existiram, desde o século XIX, fortes influxos populacionais que obrigaram toda a sociedade a confrontar-se com esse fenómeno de diferentes formas. O desenvolvimento da sociologia foi particularmente valioso para cumprir tal intuito: “(...) American sociology at the beginning of the twentieth century presents a new and quite pragmatic approach to the question of social sub-groups and individualistic interests.” (Lewis, 54). O pragmatismo da sociologia e de outras ciências, como a ciência política, ao estudar essas realidades novas, foi acompanhado de reacções a nível social e também pelos media, enquanto partes importantes do contexto social.

O fenómeno que rodeia o exercício da hegemonia, como ela é definida por Gramsci, é patente na sociedade americana de forma muito óbvia ao longo do século XX e é reflectida nos artigos em apreço. A terceira questão incide sobre o papel de textos deste género em matéria de assimilação. Ligando a forma como a análise cultural neo-gramsciana se debruça sobre o exercício da hegemonia do poder dominante, ao processo de assimilação de imigrantes nos Estados Unidos, poderemos chegar a algumas conclusões de interesse. A hegemonia da sociedade dominante é exercida de forma menos óbvia, eventualmente com menos resistência ao factor estranho e maior incorporação, enquanto os números de imigrantes não aumentam de forma notória. O processo de assimilação a uma ‘norma’ americana era facilitado pelo número reduzido de recém-chegados antes do grande período de imigração do século XIX, se bem que já se notasse que essa assimilação não se processava tão eficazmente, por exemplo, nas comunidades agrícolas em que o distanciamento físico da norma estabelecida da sociedade em geral reduzia em geral o seu efeito, sendo que as comunidades de alemães ou noruegueses, por exemplo, mantinham traços muito marcados.

Punha-se com muita acuidade nesta época a questão da identidade. Inicialmente, esta era compreendida, como refere Hall de forma fixa e definida: “an ‘identity’ in its traditional meaning (that is, an all-inclusive sameness, seamless, without internal differentiation)” (Hall, c, 4). Tendo a sociedade americana sido sempre, de certa forma, multicultural e mesmo tendo a sua Constituição estipulado que todos os ‘homens’ são iguais (com as excepções, à época, porém, de muito homens e de todas as mulheres), a

identidade-modelo americana era reveladora dessas características de uniformidade. Perante a crescente emergência e presença de modelos identitários alternativos, a definição do conceito altera-se no sentido da formulação dada por Hall e já referida na Introdução, que aponta para um processo contínuo de discursos e práticas que interpelam e dirigem os sujeitos em determinada direção que, então, é expressa numa determinada subjectividade que, porém, não é fixa em termos de duração e varia com a localização. A questão da assimilação e a compreensão diversa que dela é feita ao longo do século XX revela-se, assim, em consequência da interligação de questões relacionadas com a presença física num mesmo espaço. Neste, define-se uma norma de identidade que se sobrepõe a representações individuais e colectivas de outros modelos, eles próprios normativos em outros locais. Este choque de normas identitárias irá revelar-se em individualidades ou subjectividades incertas.

Por outro lado, com o número crescente de imigrantes falantes nativos de diversas línguas, a assimilação é dificultada pelo desconhecimento da língua inglesa. Quaisquer comunidades de enclave, mesmo as existentes actualmente, têm tendência a manter formas de vida do país de origem, reforçadas por laços fortes a anteriores sistemas sociais. O exercício de influência pela sociedade dominante com vista à assimilação depende de factores como proximidade geográfica, convivência em locais de trabalho ou escolas, conhecimento da língua do país hospedeiro, acesso à informação veiculada pelas instituições e o relacionamento dos imigrantes com essas instituições.

Quando o número de recém-chegados aos Estados Unidos aumentou no último quartel do século XIX, a capacidade que a sociedade hegemónica tinha de fazer prevalecer, sem grande resistência, o acordo tácito entre dominadores e dominados quanto a uma forma de hegemonia cultural de compromisso, diminuiu. O afluxo de grandes números de ‘dominados’ veio desequilibrar um *status quo* que, de si, já é instável, pois consiste numa negociação interminável entre todos os envolvidos. A difícil aceitação dos imigrantes ou dos ‘outros’ é aliás uma curiosa manifestação dessa negociação. Quando no texto de Cahan são os rapazes irlandeses que mais agridem os judeus ou nas apresentações públicas de “Lady Olga” são alguns espectadores que mais escarnecem, mais não se passa do que a manifestação de receio por parte dos ‘dominados’ que não estão na ribalta, da possibilidade de alteração de um estado de coisas que, mesmo não sendo o ideal, é o existente e regulamentar. A queda de padrões aceites (mesmo de padrões impostos) é traumatizante e os ‘dominados’ facilmente se tornam particularmente vigilantes na aplicação de regras que lhes foram inculcadas:

De acordo com o significado que atribui a ‘hegemonia’, os grupos dominantes na sociedade – que são constituídos sobretudo, mas não exclusivamente pela classe governante – mantêm o seu domínio por conseguirem o ‘consentimento espontâneo’ dos grupos subordinados, incluindo a classe trabalhadora, através da construção negociada de um consenso político e ideológico que envolve tanto os grupos dominadores como os dominados. Deste modo, uma classe consegue persuadir as outras classes da sociedade a aceitarem os seus valores morais, políticos e culturais e passa a considerar-se ‘bom senso’ o universo cultural em que a ideologia dominante é praticada e difundida. (Pires, 174)

Maria Laura Pires esclarece o processo que se verifica em “Drowned their Sins”: o ‘bom senso’ já tinha sido interiorizado pelo narrador do texto que reproduzia muitas das noções da ideologia dominante: as mulheres não têm a mesma capacidade intelectual dos homens, os rapazes irlandeses são naturalmente quezilentos, etc.

Cahan, de certa maneira, representa o papel do intelectual orgânico de Gramsci⁷⁹. Como referido anteriormente, Cahan conhecia profundamente o grupo a que pertencia e assumia um papel de representação intelectual que servia as diferentes audiências. A negociação de sentido que cada uma das audiências dos seus artigos fazia – gentios, judeus, imigrantes, americanos – dependeria das suas próprias características e tempo, mas permitia a todos o acesso a uma reserva assim progressivamente alargada de elementos simbólicos. Deste modo a submissão a uma hegemonia (de cultura dominante, neste caso) podia e viria a ser renegociada. Cahan defende uma integração dos imigrantes judeus, respeitando uma assimilação baseada em tolerância da cultura dominante às manifestações de diferença.

Se compararmos com um romance do mesmo autor, *The Rise of David Levinsky*, poderemos verificar que este narra a assimilação aos planos económico e laboral do herói, enquanto os outros aspectos de assimilação não são levados a cabo, deixando Lewinsky fisicamente situado em espaço territorial americano mas com identidade indefinida. Esta personagem, certamente inspirada por casos reais, é reveladora de conflitos interiores que raramente se encontram nos textos jornalísticos do autor e que, mesmo na sua autobiografia, raramente emergem à superfície da escrita. Só na ficção Cahan se abalçou a registos mais intimistas. Cahan exprime na obra ficcional o dilema referido por Mário Avelar na sua obra, *América. Pátria de Heróis*: “A alteridade

⁷⁹ “Qualquer grupo social que surge como base original de uma função essencial no mundo da produção económica, estabelece junto dele, organicamente, um ou mais tipos de intelectuais que lhe dão homogeneidade não apenas no aspecto económico, mas também no aspecto social ou político.” (Gramsci, 19)

obriga os estranhos à solidão ou à loucura, consoante se recusarem a entender o conhecimento de si próprios que especularmente se lhes oferece, ou a identificarem-se totalmente com o eu.” (Avelar, 56). A solidão é a possibilidade que se oferece como mais viável para heróis como David Lewinski, ou para a noiva de “The Imported Bridegroom”, que se confrontam com situações não ultrapassadas de alteridade. As personagens dos artigos de jornal parecem demonstrar maior sucesso: a imagem da comunidade que é dada é a ‘correcta’, de integração a nível colectivo. As angústias pessoais de membros da comunidade não são importantes quando se pretende retratar a forma colectiva de atingir o bem comum que seria a integração, respeitando as diferenças identitárias e (re-)criando assim novos Americanos. Anteriormente já citado, o jornalista H. L. Mencken descreve assim o eficiente processo de assimilação dos novos americanos no seu artigo “The American: A Treatise”, que o autor distribuiu ao longo das gerações: “And when strangers came from overseas to sell out and share his land he [American] swallowed them up, so that the children they presently spawned were more his children than their own, and their grandchildren were his entirely.” (in Joshi, 8).

Já Mitchell se confronta com um membro diferente da sociedade em geral, todavia originário na própria sociedade. Nas personagens da *lowlife* o autor confronta o fascínio de uma mulher de género indefinido mas que também procurava satisfazer as regras estabelecidas da sociedade para o modelo feminino, da melhor maneira que lhe fosse permitido. Tempos de dúvida e incerteza, como o da II Guerra Mundial, lembravam a pouca unanimidade de uma cidade como a americana. A mensagem aparenta porém ser de que mesmo nos elementos mais inesperados da sociedade, como na mulher barbuda, se encontra possibilidade da existência de pontos comuns com a norma que eram, aliás, activamente procurados e valorizados pela própria excepção.

É interessante referir de novo H. L. Mencken que escreveu acerca de um estudo feito em 1929 por um casal de cientistas sociais, os Lynd, sobre uma cidade considerada paradigmática, designada por Middletown, pseudónimo para Muncie, Indiana. Mencken escreveu uma crítica a esse estudo na *American Mercury* 16, no. 63 (Março de 1929, p.379), com o título “A City in Moronia” – “His principal effort in this world is to appear as much as possible like his fellows – to act like them in all situations, and to think like them whenever his powers of thought are challenged.” (ap. Hegeman, 137). A crítica na *American Mercury* poderia assentar a Jane Barnell, à sua necessidade quase compulsiva de conformidade que porém era permanentemente contrariada, pela

óbvia fuga aos modelos estabelecidos ou a estereótipos: a mulher que tão desesperadamente pretendia passar despercebida, quando assomava à sua janela, era apercebida, qual comédia de enganos, não como a mulher que ela procurava ser, mas como um homem idoso devido à barba branca que ostentava.

Pelo contrário, o texto e as propostas de Wolfe de examinar uma sociedade múltipla nas suas manifestações culturais exercem crítica a teorias sociológicas aceites como, por exemplo, a de Talcott Parsons que insistia na possibilidade de explicar a sociedade como homogénea e coesa, se bem que a partir da Segunda Guerra Mundial tal fosse claramente inadequado nos Estados Unidos. “Parsons’ notion of culture was limited by his devotion to social conformity.” (Lewis, 48). McGuigan realça mesmo os traços pós-modernistas do autor: “[Tom Wolfe] whose own New Journalism itself constitutes one of the varieties of postmodernism.” (McGuigan, 56). Wolfe faz a crónica escrita em textos que atingiram muitos sectores da população americana, de uma hegemonia em processo negocial de inclusão. Como escreve Barbara Lounsberry:

I suggest, the clearest reason for Wolfe’s championing of custom car designers, stock car racers, demolition derby drivers, and other traditionally scorned American cultural subgroups is his wish to continue this expansion, to include them in the American mainstream. (Lounsberry, 48)

Enquanto Cahan analisava uma diferença que lhe era próxima, pessoalmente, com o fito de a alterar (pelo menos em parte), Mitchell observava a mesma diferença com interesse, mas a uma distância que não permitia muitos pontos de contacto e Wolfe abraçava-a claramente. Wolfe e Preston observam e registam com interesse factores bem vindos de enriquecimento da sociedade.

No texto de Preston, os imigrantes pertencem a grupo altamente qualificado. Linda Kerber referia em 1989, “it is to be reminded that there was another part of American Studies’ early interdisciplinary promise: to integrate technology, engineering, physics and biology with the humanities.” (Kerber, 425). Preston integra nos seus textos uma outra esfera da vida americana, a ciência e os cientistas, uma parte integrante e fundamental da experiência diária do Americano da segunda metade do século XX.

As teorias antropológicas de estudo do ‘outro’ como são referidas no livro de Ulin, *Understanding Cultures*, podem contribuir para perspectivar a questão que atravessa todos os artigos. Segundo este autor, no caso de imigrantes, o facto de o ‘outro’ se encontrar em território do próprio, coloca-o automaticamente, aos olhos deste, em território em que cessam laços com a história anterior. Os Americanos, que

testemunhavam a chegada de vagas de imigrantes, recebiam-nos como criaturas a-históricas que voluntariamente tinham cortado laços de pertença a outras fidelidades nacionais, étnicas ou religiosas; por isso mesmo seria lógico esperar que se integrassem a 100 por cento nas suas novas fidelidades, sem que tal fosse visto como estranho ou violento. Ambas as partes envolvidas neste processo não podiam porém imaginar como ele viria a ser multilateral e não unilateral, especialmente por este processo ter sido analisado durante décadas nos Estados Unidos sob a perspectiva valorativa hierarquizante de culturas, predominante nos séculos XIX e grande parte do século XX. Entretanto, devido à abundante presença de ‘outros’ no território americano desde cedo se deu neste país a coexistência de experiências culturais variadas que competiam em país de imigração, culturalmente hegemónico, facto que se iria repetir anos mais tarde na Europa ou na Oceânia, por exemplo.

O género-jornalismo literário poderá interpretar-se como propiciador de afirmação de individualidade e de assimilação simultaneamente: é a afirmação de múltiplas individualidades que confluem num processo de assimilação, concebida aqui como no pluralismo cultural de Milton Gordon ou no multiculturalismo contemporâneo, definido na obra de Alba: “Instead we view assimilation as a contingent outcome stemming from the cumulative effect of individual choices and collective action in close-knit groups, occurring at different rates both within and across ethnic groups.” (Alba , 65).

Os textos não ficcionais de índole jornalístico-literária são, por um lado, referência a uma qualquer situação verificável que se afigura constitutiva do tipo de texto e, por outro, das relações culturais estabelecidas entre os elementos de uma determinada comunidade. O recurso frequente a situação de transformação decorre da noção crescente do relativismo dos modelos vigentes numa sociedade. Por outro lado, a procura da factualidade como temática contrabalança o papel de poder ‘hegemónico’ exercido pelo autor sobre o seu objecto quando ele é ficcional.

O jornalista literário aceita e reconhece a importância dos acontecimentos ou das pessoas, sejam eles extraordinários ou mais comezinhos e é a circunstância dos artigos serem de índole casuística e não genérica que constitui o seu ponto fulcral. A matéria factual enforma os textos, aceitando o autor como missão retratá-los da forma mais precisa e informada que lhe seja possível. O autor não os cria ou molda à sua vontade mas narra-os, seleccionando, combinando e omitindo mas sem inventar. Esta característica será, juntamente com as regras formais enumeradas por autores como Tom Wolfe para a sua escrita, das mais relevantes destes textos. Neles, a ‘autoridade da

autoria' já não é absoluta, é partilhada. A liberdade autoral existe para a escolha do tema do objecto a tratar: a partir daí, porém, o respeito pela liberdade de expressão do objecto do texto tem de ser preservada. Existe (e de forma crescente nos diferentes textos, à medida que o século prossegue) um extremo cuidado por parte do autor de reproduzir as características do objecto do texto.

Se condições como as de imersão total, reprodução de diálogos, fidelidade aos pormenores e relevância do ponto de vista são apontadas por Wolfe como constitutivas do género, a admissão de uma relação mais igualitária entre (na terminologia de Griswold) o criador e o ambiente social como fonte de temática parece ser da maior importância. Regressando ao início da tese, foi citado, no capítulo que visa esclarecer as razões de se poder considerar o jornalismo literário como uma área de escrita de confluência entre o jornalismo e a literatura, um pequeno excerto da obra *Poética* de Aristóteles onde é afirmado que não é a função do poeta relatar o que aconteceu, mas sim o que pode acontecer. O autor, segundo Aristóteles, reporta-se a acontecimentos só na medida em que eles sejam uma possibilidade e não uma actualidade. Por outro lado, relembremos outro autor já mencionado, Seymour Chatman, que escrevia em relação às personagens:

The views of the Formalists and (some) structuralists resemble Aristotle's in a striking way. They too argue that characters are products of plots, that their status is "functional", that they are, in short, participants or *actants* rather than *personnages*, that it is erroneous to consider them as real beings. (Chatman, 111)

As personagens dos textos de jornalismo literário não serão meramente actantes, funcionais e essa característica é visivelmente crescente ao longo do século, se compararmos, por exemplo as que surgem em "Drowned their Sins" e em "The Mountains of Pi". A individualidade dos irmãos Chudnovsky é muito superior à das participantes do texto de Cahan. Existe importância no detalhe, porque é este que distingue uma determinada personagem de outra, mesmo que estejam inseridas num meio (como Nova Iorque) em que a mera quantidade de indivíduos ou situações seja aparentemente a condição para que a diversidade seja pouco relevante ou apenas apercebida como desvio de norma.

A busca dos jornalistas literários de individualidades que apresentam nos seus textos é uma característica que, para eles e para a sociedade, é tão importante como a preconizada por Aristóteles de apresentação de possibilidades. Quando as actualizações de individualidades ou de situações são múltiplas e 'outras' em relação a uma norma, a

imposição desta como um padrão imutável deixa de ser viável. A *American Way of Life*, mito que ainda subsiste imutável para muitos tem, afinal, uma expressão bem mais conforme ao tempo. Tal não significa, porém, que se extinga, apenas que é acrescentada de traços inimagináveis há cem anos mas tão americanos como os mais tradicionais.

Questão 4

Jürgen Habermas debate na sua obra *The Structural Transformation of the Public Sphere* a formação da esfera pública no século XVIII:

The privatized individuals coming together to form a public also reflected critically and in public on what they had read, thus contributing to the process of enlightenment which they together promoted. (...) They formed the public sphere of a rational-critical debate in the world of letters within which the subjectivity originating in the interiority of the conjugal family, by communicating with itself, attained clarity about itself. (...) The political task of the bourgeois public sphere was the regulation of civil society (in contradiction to the *res publica*). (Habermas, a, 51/2)

Habermas refere em relação a esse século que em Inglaterra, por exemplo, a publicação de obras como *Pamela*, de Richardson, permitia que o público apreendesse através deste subgénero de romances epistolares um novo modelo familiar. Este era organizado com base num *pater familias* de quem irradiavam os restantes relacionamentos, dependentes de uma estrutura hierarquizada, com funções sociais e económicas claras. A sociedade civil, a caminhar para um padrão de organização nuclear familiar renovado, era moldada pelo debate em que obras como a mencionada eram tomadas como exemplo a seguir. A esfera familiar era, segundo Habermas, progressivamente mais autónoma, mais fechada sobre si e menos aberta à comunidade. Além da regulação da sociedade política (*res publica*) que já vinha a ser feita havia séculos, a que era exercida sobre uma sociedade civil ‘iluminada’ foi levada a cabo através da discussão entre os elementos da sociedade acerca da forma como a esfera familiar se (re-) organizava. A função do debate social acerca da subjectividade individual contida na família permitiu que esta se organizasse de forma padronizada e segundo regras que a esfera pública considerou adequada. Assim, os indivíduos, ‘privatizados’ na sua faceta individual e familiar, juntavam-se para formar uma esfera pública onde debatiam assuntos de interesse comum e assim emitiam uma opinião pública. Habermas refere que tal expressão surgiu, em Inglaterra, nos finais do século XVIII:

In 1792, three years after the outbreak of the French Revolution, the public that was involved, in its function as the carrier of public criticism, in the critical debate of political issues, received indirect sanction through a speech given by Fox in the House of Commons. For the first time public opinion in the strict

sense was introduced into Parliament: “It is certainly right and prudent to consult the public opinion...” (Habermas, a, 65)

John Dewey opinava que as ideias só tinham verdadeiro sentido quando eram comunicadas, que o diálogo era a forma mais perfeita de formular pensamento, sendo assim a esfera pública o local de o fixar, através de um diálogo com algumas bases comuns que permitiam entendimentos. À importância que é atribuída à esfera pública pelos dois autores, poderá crescer-se a multiplicidade de modelos de organização individual, familiar e social que se reuniram no século XX em espaços onde anteriormente os modelos eram mais uniformes – como nos Estados Unidos, ou na Grã-Bretanha.

O debate existente nesta esfera pública pode assumir formas diversas que denotam o interesse dos intervenientes e o alcance da sua participação na polémica. As formas podem variar desde a discussão oral presencial, à troca epistolar ou à escrita de artigos ou obras para publicação. Os artigos analisados nesta tese são textos decorrentes de um tipo de jornalismo que envolve imersão total do autor no seu trabalho. A tomada de contacto detalhado com o seu objecto de interesse é condição necessária para a escrita de um artigo deste tipo. Como tal, todos os autores demonstram nos seus artigos a abundância de diálogo mantido; o resultado final desse labor, os escritos, permanecem como testemunho da comunicação estabelecida entre as partes envolvidas na sua produção e, por sua vez, iniciam um segundo diálogo, mediado, que será a recepção tal como ela será feita.

What unites them [Hoggart, Williams, Thompson] is an approach which insists that by analyzing the culture of a society – the textual forms and documented practices of a culture – it is possible to reconstitute the patterned behaviour and constellations of ideas shared by the men and women who produce and consume the cultural texts and practices of that society. (Storey, 37)

Storey refere a questão da possibilidade, que a corrente do culturalismo preconizava, da reconstituição de padrões de comportamento através do estudo das manifestações culturais.

A escrita jornalística literária em apreço nesta tese constitui uma forma textual cultural e, tanto na sua produção como na recepção, é denunciadora de um sistema em mutação segundo linhas que demonstram um padrão crescente de inclusão. O artigo de Cahan reporta sobre um fenómeno social e religioso novo e é obra de um jornalista que não é originário de uma cultura americana mas que, contudo, teve acesso a publicar num

jornal de tradição na cidade de Nova Iorque. “Drowned their Sins” foi escrito e publicado em inglês, enquanto o mesmo autor exercia uma outra faceta jornalística em língua estrangeira que, nos Estados Unidos, teve (e tem ainda em muitos casos e sob outras formas que não só a escrita) um papel fundamental na vida de diferentes comunidades de imigrantes. Deparamo-nos, assim, com um universo alargado de actividade simbólicas que são objecto de tratamento jornalístico por parte de um criador (na nomenclatura de Griswold) que é, ele próprio, proveniente de um outro universo de “formas textuais e práticas documentadas”.

O mundo das letras, que Habermas refere no século XVIII, será alargado a um mundo jornalístico muito mais vasto. Circunstâncias já referidas como o aumento da literacia, resultante de escolaridade cada vez mais alargada e inclusiva permitem a formação de produtores e públicos vastos mas diversificados. Carey escreve:

Reality expresses at any historical moment the purposes and objectives, intentions and desires of humans. Technology, social relations, and all artefacts are social hieroglyphics. Reality is expressive not because it reveals any nature, human or divine, or any eternal essence of any kind but rather because it is a product of human action in and upon the world. (Carey, 73)

Habermas refere a adequação de diferentes géneros a diferentes momentos históricos (como o romance epistolar doméstico particularmente apropriado a elementos de famílias, cujos papéis se estavam a alterar no século XVIII). Pode ser essa uma das razões para a crescente popularidade do jornalismo literário, especialmente numa sociedade como a americana do século XX, com os seus desfasamentos culturais, induzidos pela geografia (metrópole v. ambiente rural) ou pela população (de diferentes origens e grupos sociais). O autor referido é porém muito descrente em relação à forma como a recepção é feita no século XX – uniformizada por uma indústria cultural.

Put bluntly: you had to pay for books, theatre, concert, and museum, but not for the conversation about what you had read, heard, and seen and what you might completely absorb only through this conversation. Today the conversation itself is administered. (...) Discussion, now a ‘business’ becomes formalized; the presentation of positions and counterpositions is bound to certain prearranged rules of the game; (Habermas, a, 164)

A discussão mais elevada a que Habermas se refere, adequada à sua função de debate crítico, era, na realidade, exercida apenas por sectores restritos da população no tempo do liberalismo – o *pater familias*, *citoyen* – que, surgindo como tal no auge do regime

liberal do século XVIII e início de XIX, frequentava os cafés e sociedades onde tal se realizava. Dessa discussão mais elevada e exigente o autor opina que, a partir do século XIX e do aparecimento das publicações jornalísticas de massas, a participação de números crescentes de intervenientes nesse debate, o faz revestir-se de um carácter de superficialidade que é alimentado pela própria índole da matéria publicada que Habermas qualifica de ‘psicologicamente facilitada’:

Sendo assim, a questão do jornalismo literário, em grande medida impulsionado pelo crescimento do jornalismo de massas, seria imbuída das mesmas características de facilitismo psicológico. Em termos temáticos, se bem que utilizando técnicas da literatura, o jornalismo literário vive da sua proximidade aos leitores dessa esfera pública alargada, que recentemente tinham adquirido o seu direito de ingresso num círculo que tinha sido ampliado por alturas do século XVIII ao grupo de cidadãos acima referido, excluindo, ainda assim, largos sectores da população; simultaneamente ao longo do século XIX, tanto na Europa como nos Estados Unidos, o livro, como meio preferencial de debate crítico e racional, tanto do lado da criação literária individual, como da discussão crítica que a sua recepção proporcionava entre os leitores que pessoalmente debatiam a obra, era agora preterido por meios de produção e consumo fátuo, jornais ou revistas.

Por outro lado, porém, a abordagem que se pode dizer progressivamente mais profunda que os artigos de jornalismo literário oferecem dos seus tópicos ao longo do século XX, acompanha a par e passo o desenvolvimento da recepção que é feita aos textos. Tanto em termos da mera extensão, como da complexidade de temas e do esforço de aprofundamento dos mesmos, o texto jornalístico literário revela tanto um crescendo de investigação por parte dos autores (com o regime de imersão completa, em muitos dos casos) como uma preocupação latente e sempre constante (se bem que por vezes desrespeitada) pela distinção entre facto e ficção. Talvez em virtude disso, a recepção dos artigos é gradualmente mais condicionada pelos meios que os publicam, (v. *The New Yorker*) revistas de tiragem média, neste caso particularmente um meio muito ligado ao local de publicação, a cidade de Nova Iorque, que representa uma possibilidade de audiência extremamente variada e aberta. A publicação ulterior dos artigos em colectâneas destina-se a três tipos de público: ou o grande público, que procura a reedição de velhos favoritos (como no caso das edições de obras de Joseph Mitchell); o mesmo grande público que, em períodos de grandes mudanças sociais e culturais, procura mapas de orientação para tempos conturbados (v. as compilações de

artigos de Tom Wolfe); ou, finalmente, um público acadêmico a quem se destinam as coletâneas, como *The Art of Fact* ou *Literary Journalism*, interessado pela forma, na sua dimensão cultural ou como modelo para jornalistas em aprendizagem nas inúmeras ofertas acadêmicas de cursos de *nonfiction writing* ou *literary journalism* que existem em universidades americanas.

O romance epistolar terá servido no século XVIII como um dos modelos para a formação de um determinado emolduramento para os elementos da família burguesa, pertencentes a uma camada crescente da população. A sociedade plural americana, em termos étnicos, sociais, etc., que se revelou no século XIX e reforçou no século XX, usou de muitas formas culturais, escritas ou audiovisuais para a construção colectiva dos diversos aspectos que a caracterizam. A variedade de autores, meios de publicação, temática versada e audiências alvo parecem estar de acordo com a multiplicidade de organizações sociais existentes numa grande sociedade como a dos Estados Unidos.

Sendo os artigos deste género imbuídos de subjectividade, será de interesse, para concluir, comparar a conotação ou contextualização dada em cada um dos textos a um pequeno grupo de palavras. Seguindo o princípio postulado por Barthes de que as palavras são literais, de que os signos têm uma denotação inicial mas que a sua contextualização pode produzir significados que são secundários, conotados, será possível analisar os mesmos signos ao longo dos diferentes artigos.

Assim tomaremos um conjunto de quatro: Mulher, Homem, Nova Iorque e 'Outro'. A escolha das quatro palavras justifica-se da seguinte forma: Nova Iorque e 'outro' são dois dos *leitmotiv* desta tese e teriam portanto de constar da lista. A primeira, referente à localização geográfica, invariável em termos absolutos, é muito relativizada consoante o tempo em que a acção tem lugar, as personagens que nela se movimentam, etc.. O 'outro' é variável, por exemplo, em termos das suas características e das focalizações intradieéticas. Todos os textos foram escritos por autores e, portanto, temos uma focalização masculina sobre homens e mulheres que são as duas restantes palavras, importantes tendo em vista as diferenças das posições relativas dos géneros ao longo do século XX.

Para facilitar a sua comparação apresenta-se o resultado em tabelas onde são mencionadas frases textuais ou a reprodução de caracterização feita no texto de exemplos de cada uma delas de forma abreviada mas usando as palavras originais sempre que foi possível. Propositadamente, não foi feita tradução dos termos para se manter maior fidelidade ao original.

1.

“Drowned their Sins”	Focalized→ Focalizer ↓	Woman	Man	New York	‘Other’
Characters	Narrator	Majority Illiterate Good, pious devout	Shaggy beards, sidelocks;	Brooklyn Bridge – place of prayer	
	Intelligent Jew	Foolish old women; Silly creatures	The [male]Jew who understands his holy book takes it as a beautiful figure of speech	My suffocating rooms in the tenement house	
	Old woman			“Country of sinners”	
	Worshippers				“Gentile rowdies”; “Irish <i>shegotzim</i> ” ⁸⁰

⁸⁰ *Shegotzim* – rapazes gentios

2.

"Lady Olga"	Focalized→ Focalizer ↓	Woman	Man	New York	'Other'
Characters	Narrator	(Jane) violently opinionated Republican; veteran reader of Hearst papers; taciturn; looks like an Old Testament prophet; teetotaler; she guards her dignity with jealousy;			
	Jane Barnell	Expelled by her mother, taken in by her Indian grandmother, despised by her sisters; Women must cook and wash for their husbands in order to know them;	Related well to her father who tried to find her after her mother gave her away; Married four times; Several good male friends in the business;	As much as any other place, she considers [it]home; Does not remember most places she visited with the circus but likes apartment life in New York and would like to stay there for good; "a furnished apartment in a theatrical rooming house"	"Some of them[people at the party] sure were a curiosity to me(...) I never saw no women like them before"; "There's nobody so indecent and snoop as an old doctor"; "I don't take no back talk from nobody"
	Fred Smythe	(Jane) Lady Olga is a woman:			"Short of blasting, there's no way of getting a fool notion out of the head of a freak";
	A drunk in the lobby	(Jane) "Beaver!"			

3.

"Girl of the Year"	Focalized→ Focalizer ↓	Woman	Man	New York	'Other'
Characters	Narrator	(Jane) "She is gorgeous in the most outrageous way."; queen bee; fabulous, a celebrity of New York's new era of Wog Hip; "so Beyond Pop Art, if you comprehend"; socialite; "she is not Society the way the Good Book"		"Jane Holzer - the sum of it is glamor, of a sort very specific to New York." "the old establishment still holds forth (...) alongside it all the while, there has existed a large and even more dazzling society"; stimulating, flamboyant; parties;	
	Jane Holzer	Bitchy;	The Stones are sexy, divine, bitter, working class, thin; Paul McCartney is sweet; "we know we are not going to love a man all our lives" (unlike our mothers told us);		Others lie to themselves – ("we don't lie to ourselves")
	Diana Vreeland (editor of <i>Vogue</i>)	"Jane Holzer is the most contemporary girl I know"			

4.

"The Mountains of Pi"	Focalized→ Focalizer ↓	Woman	Man	New York	Other
	Narrator	(Christine and Nicole) independent professionals, economically supportive of husbands and mother in law; Malka Benjaminovna – retired engineer, makes her son hand-made socks and sees to it that everybody has enough food and drink; "glue that holds the Chudnovsky family"	Chudnovskys: Scientists, conjoined like Siamese twins; "His happiness, it occurred to me later, sprang from the delicious melancholy...";	West Side of Manhattan – "not long ago, a human corpse was found dumped at the end of the block"; dangerous city air; Excellent working environment	
Characters	Gregory				Belgians were annoyed by their excessive luggage
	David			"Full-service means in New York (..) 'You want it? You do it yourself'" "we are here in the United States by our own choice."	(to narrator) "You should change your thinking" "Anyone with a hundred million dollars and brains could be our competitor" KGB.
	Christine Chudnovsky		(Gregory and David) – childlike but not childish at all		

The Mountains Of Pi (2)	Focalized→ Focalizer ↓	Woman	Man	New York	'Other'
	Professor Robbins		“He’s [Gregory]like Mozart: he’s the last of his breed.(...) He likes to do things that are impossible” “They are prototypical Russians”		
	Professor Eilenberg		“David is a pain in the neck.(...) Gregory is certainly unusual, but he is not great.”		
	Professor Askey		“Gregory is so much better than I am (...) They are really trying to find out what the word ‘random’ means”		

Qualquer dos textos recorre a focalizações múltiplas, do narrador e de diversas personagens, resultado da investigação feita pelo autor para a escrita que se aprofunda nos textos mais longos e recentes. Existe assim multiplicidade nas conotações dadas por cada um dos intervenientes e reproduzidas nos textos através dos diálogos que são citados.

Cahan apresenta num texto relativamente curto opiniões diametralmente opostas que são dadas por diferentes intervenientes acerca do homem, da mulher e de Nova Iorque; o outro (irlandês, gentio) é descrito de forma negativa. Mesmo neste artigo, de pequena dimensão, são referidas em discurso directo as opiniões de quase uma dezena de intervenientes, com opiniões, questões ou respostas que os situam mutuamente.

“Lady Olga” contém diversos excertos de intervenções de Jane Barnell e muitas referências feitas pelo narrador que permitem depreender que o autor terá entrevistado pessoas com ela relacionadas mas que não são citadas directamente, à excepção de Fred Smythe e do anónimo bêbado nova-iorquino que forçou a mudança de residência de Lady Olga. Todas as focalizações são feitas através do narrador seguindo o modelo que Mitchell utilizava, citando directamente o diálogo mantido com a personagem ou personagens acerca de quem escrevia e poucas referências directas a outras. As mulheres em geral não recebem atenção do narrador, mas sim Jane Barnell que é descrita tanto objectiva como subjectivamente. O narrador apresenta as opiniões de

Jane acerca de todos os assuntos que contribuem para a sua própria caracterização. Mitchell escreve um texto em que pretende salientar a subjectividade do objecto que trata, tentando apagar os traços do narrador.

Tom Wolfe e Preston, de forma ainda mais clara, demonstram o treino académico que tiveram, referindo as fontes consultadas durante a investigação. Wolfe utiliza um registo muito pessoal, com enumerações, onomatopeias, num texto que separa os diferentes momentos em que contactou o seu objecto de forma a obter um resultado com um claro referente factual, abordado em diferentes planos, localizações ou situações, representativos das diferentes facetas de Jane Holzer. O narrador encarrega-se da caracterização do objecto de uma forma muito mais óbvia do que em todos os outros artigos.

Richard Preston, por sua vez, cita um número extenso de fontes, colegas de profissão dos Chudnovsky que dão opiniões divergentes acerca dos irmãos, revelando assim as duas faces que existem sempre para qualquer questão. Adicionalmente, o autor faz uma investigação histórica acerca dos interesses científicos das suas personagens, referindo o desenvolvimento histórico da razão matemática pi. Revela-se assim uma investigação cuidadosa e fundamentada, vertida para um texto que tem uma faceta factual óbvia. A factualidade é, porém, interrompida com diversas conclusões ou opiniões pessoais do autor.

A cidade, Nova Iorque, é um local que autores como Thomas Bender no capítulo “Intellectuals, Cities, and Citizenship in the United States: the 1890’s and 1990’s”, da obra *Cities and Citizenship*, editada por James Holston caracteriza da seguinte forma: “A century ago in the United States, the city provided a vital platform for men and women to think themselves into politics, to make themselves into citizens, to initiate a social politics.” (Holston, 21). Tal é visível nas referências feitas por Cahan às apropriações dos espaços públicos e privados feitas pelos imigrantes: a ponte de Brooklyn, obra emblemática dos finais do século XIX é transformada em local de culto por nova-iorquinos recentes, crentes numa religião minoritária e pouco conhecida dos Americanos de então; o país onde a cidade se encontra é designado de país de pecadores; os espaços privados, as residências são o espaço desagradável e de pouca qualidade das *tenement houses*, conhecidas como locais de habitação para muitos imigrantes que se viam forçados a habitar locais insalubres mas que representavam rendimento para os seus donos. A localização geográfica em determinadas áreas de Nova Iorque era parte constitutiva da identidade do grupo e dos indivíduos.

Jane Barnell, a Americana ‘desviante’, encontra no anonimato de Nova Iorque o espaço doméstico ideal quando aluga um apartamento num prédio habitado por gente do mundo do espectáculo, onde a sua presença não é motivo de curiosidade ou chacota, como tinha sido no anterior local de residência. Por outro lado, Coney Island e o Hubert’s Museum, na West Forty-second Street, são os dois locais de trabalho que lhe proporcionam a subsistência através da exposição pública da sua diferença. A dimensão da cidade permite-lhe a sedentariedade, as visitas frequentes ao terminal de autocarros próximo do Hubert’s Museum são, na sua opinião, calmantes para os nervos.

Jane Holzer, a rapariga do ano, é como um ícone de Nova Iorque, um pequeno e efémero mito humano, “The Girl of the Year”, parte integrante do grande mito que é a cidade. A cidade é o palco onde ela se mostra e, ao mostrar-se, Jane participa no processo de formação da identidade cultural da cidade, rica e volúvel.

Os dois irmãos Chudnovsky vão, no final do século XX, usufruir de um espaço urbano que cresceu em termos físicos mas, principalmente, em termos humanos. As interpelações⁸¹ feitas pelos milhões de habitantes da cidade, entre si e com ela, ao longo dos anos resultaram na cidade que eles encontraram, cheia de promessas e oportunidades, de perigos e de revezes.

Os artigos analisados, como qualquer outra expressão humana da realidade são hieróglifos sociais, nas palavras de Carey. Como produto da acção humana são ligados ao tempo e a quem os produziu, constituindo-se como fragmentos da realidade que se integrarão num processo semelhante ao que Habermas enuncia, de troca de subjectividades que se esclarecem mutuamente. Revelam-se, ainda, nas diferentes vertentes analisadas na tese, diferentes formas de produção e recepção e a circunstância de representarem subjectividades que interagem, interpeladas por discursos, de forma tão relevante conduz-nos à última questão.

⁸¹ Segundo Stuart Hall: “the term which describes the hailing of the subject by discourse – interpellation (...)” (Hall, b, 6)

Questão 5

Gregory Chudnovsky terá dito a Richard Preston: “Everything in mathematics does exist now. It’s a matter of naming it.”(Sims, 136). O nosso conhecimento da realidade tem muito a ver com esta capacidade de nomear, que cumpre a função que Gregory atribui à matemática – “You put it through your mind in order to make sense of it”. A restante realidade que rodeia o ser humano não é toda imutável como a matemática, mas é também conhecida através da nomeação.

A última questão visa esclarecer se os textos de jornalismo literário poderão contribuir para a análise da alteridade numa sociedade como a norte-americana, considerada mesmo por alguns como ‘excepcional’. A crescente descoberta que o homem faz do mundo que o rodeia e da forma como ele se vai modificando, com ou sem intervenção humana, é sempre uma descoberta do desconhecido, do que até então não foi nomeado. Winterowd refere o trabalho de Zavarzadeh da seguinte forma: “In *The Mythopoietic Reality: The Postwar American Nonfiction Novel*, Mas’ud Zavarzadeh argued that the nonfiction novel is the response of people who find modern reality so puzzling, so bizarre that interpretation is impossible.” (Winterowd, 41)

A acrescentar à noção de Zavarzadeh, de que a realidade é demasiado bizarra para poder ser interpretada, poderemos acrescentar algo em relação à lógica da retórica dominante. Esta obedece a critérios que têm a ver com aquilo que se convencionou designar de objectividade:

Culturally, from classical times onward, the rhetoric of Western logic and dialectic has proscribed the foregrounding of agent, which is to say, that in logic the argument supposedly stands or falls according to its own structure and the evidence adduced, regardless of who is arguing: this rhetoric of logic consists in an elaborate set of conventions that are summarized by terms such as ‘objective’, ‘disinterested’, ‘logical’, and ‘open-minded’. (Winterowd, 37)

A produção de muitos textos de jornalismo literário escapa a essa noção de objectividade, que é apenas um conjunto de regras genéricas que a constituem. Provavelmente a realidade passa a ser demasiadamente bizarra para interpretar quando escapa às regras que estabelecem um modelo de realidade. A realidade é, de facto, em determinadas circunstâncias de *unsettled lives*, demasiadamente multifacetada para poder ser observada apenas de um ponto de vista, nomeadamente daquele que é considerado como o ponto de vista ‘objectivo’. Em muitos dos exemplos de escrita que

utilizam esse enfoque teremos, assim, um texto que obedece a uma objectividade pré-existente que se debruça sobre realidades desconhecidas, declarando-as assim ‘bizarras’ pois não obedecem aos princípios em vigor tanto de realidade como de objectividade. Na realidade, a bizzarria advém mais da inadequação da moldura ao quadro que se pretende mostrar, do que da estranheza do próprio quadro.

Carey chama a atenção para o facto da América dos dias de hoje ser um país de realidades múltiplas, acrescentando que, também nesse capítulo, existem posições ou indivíduos com acesso ao poder e outros que não o têm:

In our time reality is scarce because of access: so few command the machinery for its determination. Some get to speak and some to listen, some to write and some to read, some to film and some to view. It is fine to be told that we are the species that actively creates the world and then simultaneously to be told that we are part of the subspecies denied access to the machinery by which this miracle is pulled off. (Carey, 87)

Cada produtor de objectos culturais, como os textos analisados, detém, pelo menos temporariamente, a posição do intelectual orgânico de Gramsci. Esse estatuto é manifestado de diferentes formas, a primeira das quais se apercebe através da circunstância de o autor ser publicado e ter por isso acesso ao público. O texto em si é demonstração desse poder de representatividade tal como ele é exercido pelo autor, desde a escolha do tema, à forma como ele é tratado ou às próprias palavras e à forma como elas são conotadas ou caracterizadas.

Cada um destes artigos é um documento que se pode constituir para fins analíticos como objecto cultural. A abundância de objectos disponíveis é imensa, porque actualmente são estudadas e analisadas todo o tipo de manifestações humanas o que produz uma imensa quantidade de informação. Tendo em atenção as conclusões retiradas anteriormente em relação a questões como:

- A objectividade – relativizada progressivamente ao longo do século compreendida finalmente como um conjunto de regras mutáveis e ligadas ao seu tempo;
- Definições de cultura não hierarquizantes nem monolíticas;
- Luta perene entre individualidade e colectividade, particularmente num século em que ambas foram estendidas até limites de consentimento social de individualismo ou de imposição de formas colectivas obrigatórias muito rígidas;

- A aceitação do valor documental de textos considerados menores em virtude da alteração surgida em termos culturais;

Poderemos finalmente concluir que a aceitação da subjectividade autoral de textos como os analisados é compaginável com a qualidade da análise. De facto devido a todos os desenvolvimentos da área científica da comunicação, todos os vértices que nela estão envolvidos passaram a ser considerados. O lado da produção é importante mas os da recepção e da temática têm relevo, o que implica que a subjectividade do autor é um factor no meio de muitos outros dos quais a recepção está gradualmente mais consciente. Adicionalmente, a ‘bizarra’ realidade foi, também, devido ao trabalho desenvolvido pelos autores que cultivam este género, observada e relatada em toda a sua riqueza e com a imaginação do autor a ser utilizada para a investigação e recolha de instâncias individuais de realidade.

Num mundo que, durante o século XX, registou o quase desaparecimento do valor das distâncias físicas e o aparecimento de globalização cultural crescente, estes textos lembraram e lembram a muitas gerações que existe também imaginação e riqueza na vida quotidiana, ao virar da esquina...

Últimas Notas

The future of the past is invariably uncertain.

Michael Keith (Bridges, 412)

Escrever sobre um género controverso e frequentemente secundarizado pela crítica implica trilhar caminhos de controvérsia mas que, por isso mesmo, podem ser mais frutuozos.

O nicho de produção cultural americana e nova-iorquina representado pelo corpus da tese, bem como a investigação que a permitiu contextualizar, facultaram a abertura de perspectivas de trabalho que poderão ser prosseguidas a qualquer momento no futuro:

- Desde logo, sobre a evolução que o próprio género vem sofrendo, designadamente nas versão de publicação *online* e de hipertexto;
- Em segundo lugar, o estudo de Nova Iorque como típica urbe pós-moderna, onde os fraccionamentos sociais, vivenciais e intelectuais surgem a todo o momento e se entrecruzam com todo o tipo de resultados;
- Adicionalmente, a forma como os estudos culturais têm evoluído através da contribuição dos mais variados autores e correntes de pensamento;
- Finalmente, para a apreciação da grande querela entre modernismo e os pós-modernismos, entre visões mais uniformizadas e outras mais (quijá em excesso) fraccionadas da cultura dos homens.

Esta querela irá, certamente, originar conclusões que, temos noção disso, serão sempre temporárias. Como transcrito na epígrafe, o futuro do passado é, invariavelmente, incerto. O porvir do jornalismo literário parece, no dealbar do século XXI, ainda promissor, porquanto encontra na diversidade a sua grande fonte de inspiração, na pesquisa aturada o seu método, e na escrita não ficcional a sua forma de expressão, não sendo aparente que qualquer um destes venha a escassear.

Bibliografía seleccionada:

I. Bibliografía Primária

- AGEE, James, EVANS, Walker, *Let Us Now Praise Famous Men*, Boston, Houghton Mifflin Company, 1960.
- BAYM, Nina, *et al.*, eds, *The Norton Anthology of American Literature*, New York, W.W. Norton & Company, 1994.
- BOYNTON, Robert S., *The New New Journalism. Conversations with America's Best Nonfiction Writers on Their Craft*, New York, Vintage Books, 2005.
- CAHAN, Abraham, *Yekl and the Imported Bridegroom and Other Stories of Yiddish New York*, New York, Dover Publications, 1970, [1896, 1898]
- _____, _____, a, *The Rise of David Levinsky*, London, Penguin Books, 1993, [1917].
- _____, _____, b, *The Education of Abraham Cahan*, (STEIN, Leo *et al.*, trad.), *Bleter Fun mein Leben*, vols. I e II, Philadelphia, The Jewish Publication Society of America, 1969, [1926].
- CONNERY, Thomas B., *A Sourcebook of American Literary Journalism. Representative Writers in an Emerging Genre*, New York, Greenwood Press, 1992.
- JOSHI, S.T., ed., *Mencken's America*, Athens, Ohio University Press, 2004.
- DI NUNZIO, Mario R., ed., *Theodore Roosevelt. An American Mind. Selected Writings*, New York, Penguin, 1994.
- KERRANE; Kevin, YAGODA, Ben, eds., *The Art of Fact. A Historical Anthology of Literary Journalism*, New York, Touchstone, 1997.
- MITCHELL, Joseph, *Up in the Old Hotel. And Other Stories*, New York, Vintage Books, 1993.
- _____, _____, a, *My Ears Are Bent*, New York, Pantheon Books, 2001, [1938]
- REMICK, David, ed., *Wonderful Town. New York Stories from the New Yorker*, New York, Random House, 2000.
- RIIS, Jacob A., *How the Other Half Lives. Studies Among the Tenements of New York*, New York, Dover Publications, 1971, [1890].
- RISCHIN, Moses, ed., *Grandma Never Lived in America. The New Journalism of Abraham Cahan*, Bloomington, Indiana University Press, 1985.

SCURA, Dorothy, ed., *Conversations with Tom Wolfe*, Jackson, University Press of Mississippi, 1990.

SIMS, Norman, **KRAMER**, Mark, eds., *Literary Journalism. A New Collection of the Best American Nonfiction*, New York, Ballantine Books, 1995.

SINCLAIR, Upton, *The Jungle*, New York, Bantam Books, 1981, [1906].

WOLFE, Tom, **JOHNSON**, E.W., (eds), *The New Journalism*, New York, Harper & Row, 1973.

WOLFE, Tom, a, *The Kandy-Kolored Tangerine-Flake Streamline Baby*, New York, Pocket Books, 1966.

_____, _____, b, *The Pump House Gang*, New York, Farrar, Strauss and Giroux, 1968.

_____, _____, c, *The Electric Kool-Aid Acid Test*, New York, Farrar, Strauss and Giroux, 1968.

_____, _____, d, *Radical Chic & Mau-Mauing the Flak Catchers*, New York, Bantam, 1999, [1970].

_____, _____, e, *The Bonfire of the Vanities*, London, Picador, 1988.

_____, _____, f, *Hooking Up*, New York, Picador, 2000.

2 – BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

2.1. Crítica

- ADAMS, Hazard, ed., *Critical Theory Since Plato*, Fort Worth, Harcourt Brace Jovanovich College Publishers, 1992.
- ALBA, Richard, NEE, Victor, *Remaking the American Mainstream. Assimilation and Contemporary Immigration*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 2003.
- ALTHEIDE, David L., *Qualitative Media Analysis*, Thousand Oaks, Sage Publications, 1996.
- ANON., “Is an Honest and Sane Press Possible”, *American Journal of Sociology*, Vol. 15, Iss. 3 (Nov. 1909), 321-334.
- ARISTÓTELES, trad. Manuel Alexandre Júnior, *et al.*, *Retórica*, Lisboa, INCM, 1998.
- _____, a, trad. Ana Maria Valente, *Poética*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- AVELAR, Mário, *América. Pátria de Heróis*, Lisboa, Colibri, 1994.
- BAL, Mieke, *Teoría de la Narrativa (Una Introducción a la Narratología)*, Madrid, Catedra, 1987.
- BARNHURST, Kevin G., MUTZ, Diana, “American Journalism and the Decline in Event-Centered Reporting”, *Journal of Communication* 47(4), Autumn, 27-53.
- BARTHES, Roland, *Ensaio Críticos*, Lisboa, Edições 70, (?), [1964].
- BATALHA, Luís, “Emics/Etics Revisitado: ‘Nativo’ e ‘Antropólogo’ Lutam pela Última Palavra”, *Etnográfica*, Vol II (2), 1998, pp.319-343.
- BAUDRILLARD, Jean, *Para Uma Crítica da Economia Política do Signo*, Lisboa, Edições 70, (s.d.), [1972].
- BENJAMIN, Walter, “A Obra de Arte no Tempo de suas Técnicas de Reprodução”, *in*, VELHO, Gilberto, *Sociologia da Arte*, vol. IV, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971.
- BENSON, Rodney, “Field theory in comparative context: A new paradigm for media studies”, *Theory and Society*, Vol. 28, 1998, 463-498.

- BERGER**, Peter L., **LUCKMANN**, Thomas, *The Social Construction of Reality. A Treatise in the Sociology of Knowledge*, New York, Anchor Books, 1967.
- BERGER**, Peter, a, *Invitation to Sociology*, London, Pelican Books, 1973, [1963].
- BERCOVITCH**, Sacvan, *The American Jeremiad*, Madison, The University of Wisconsin Press, 1978.
- BERNER**, Thomas R., *The Literature of Journalism. Text and Context*, State College Pa., Strata Publishing, 1999.
- BERROL**, Selma, *The Empire City. New York and its People, 1624-1996*, Westport (Conn.), Praeger, 1997.
- BERTENS**, Hans, *Literary Theory. The Basics*, London, Routledge, 2001.
- BILLINGTON**, Ray Allen, ed., *The Frontier Thesis. Valid Interpretation of American History?*, Malabar, Krieger Publishing Company, 1977.
- BLUMLER**, Jay G., **GUREVITCH**, Michael, *The Crisis of Public Communication*, London, Routledge, 1995.
- BOAS**, Franz, *Race, Language and Culture*, New York, The Free Press, 1966, [1940].
- BOOTH**, Wayne C., *The Rhetoric of Fiction*, Chicago, The University of Chicago Press, 1961.
- BORNEMAN**, John, "American Anthropology as Foreign Policy", *American Anthropologist*, New Series, Vol.97, No. 4 (Dec., 1995), 663-672.
- BOURDIEU**, Pierre, *Outline of a Theory of Practice*, Cambridge, CUP, 2002.
- BOWMAN**, Monica, "Civic Journalism and Local Government", *Public Management*, vol.79, April 1977, A1-A11.
- BOWRON**, Bernard, **MARX**, Leo, **ROSE**, Arnold, "Literature and Covert Culture", *American Quarterly*, Volume 9, Issue 4 (Winter, 1957), 377-386.
- BRADBURY**, Malcolm, **TEMPERLEY**, Howard, eds., *Introduction to American Studies London*, Longman, 1981.
- BRIDGE**, Gary, **WATSON**, Sophie, eds., *A Companion to the City*, Blackwell Publishing, 2003.
- CAMPBELL**, Neil, **KEAN**, Alasdair, *American Cultural Studies. An Introduction to American Culture*, London, Routledge, 1997.
- CAREY**, James W., *Communication as Culture. Essays on Media and Society*, New York, Routledge, 1992.
- CARR**, David, *Time, Narrative and History*, Bloomington, Indiana University Press, 1986.

- CARRILHO**, Manuel Maria, org., *Retórica e Comunicação*, Porto, Asa, 1994.
- CAUGHEY**, John L., “The Ethnography of Everyday Life: Theories and Methods for American Culture Studies”, *American Quarterly*, Vol.34, No.3 (1982), 222-243.
- CERTEAU**, Michel De, (CONLEY, Tom, trad.), *The Writing of History*, New York, Columbia University Press, 1988.
- _____, _____, a, (MASSUMI, Brian, trad.) *Heterologies. Discourse on the Other*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1997.
- CHAFFEE**, Steven H., **ROGERS**, Everett M., eds., *The Beginnings of Communication Study in America. A Personal Memoir by Wilbur Schramm*, Thousand Oaks, Sage, 1997.
- CHALABY**, Jean K., “Beyond the Prison-House of Language: Discourse as a Sociological Concept”, *The British Journal of Sociology*, Vol.47, No.4 (Dec., 1996), 684-698.
- CHATMAN**, Seymour, *Story and Discourse. Narrative Structure in Fiction and Film*, Ithaca, Cornell University Press, 1978.
- CONNOR**, Steven, *Postmodernist Culture. An Introduction to Theories of the Contemporary*, Oxford, Blackwell, 1989.
- CLIFFORD**, James, **MARCUS**, George E., eds., *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, University of California Press, 1986.
- CLIFFORD**, James, a, *The Predicament of Culture. Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1988.
- CULLER**, Jonathan, *Literary Theory. A Very Short Introduction*, Oxford, OUP, 1997.
- CZITROM**, Daniel J., *Media and the American Mind. From Morse to McLuhan*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1982.
- DEAN**, Cornelia, “New Complications on Reporting on Science”, *Nieman Reports*, Fall 2002, 56, 3, 25-26.
- DEVAULT**, Marjorie, “Novel Readings: The Social Organization of Interpretation”, *The American Journal of Sociology*, Vol. 95, No.4 (Jan, 1990), 887-921.
- DOUGLAS**, Mary, *Risk and Blame. Essays in Cultural Theory*, London, Routledge, 1994.
- EAGLETON**, Terry, *The Ideology of the Aesthetic*, Oxford, Blackwell, 1990.
- _____, _____, a, *Literary Theory. An Introduction*, Minneapolis, The University of Minnesota Press, 2003.
- EASTHOPE**, Antony, *Literary into Cultural Studies*, London, Routledge, 1991.

- ECO**, Umberto, *Leitura do Texto Literário. Lector in Fabula*, Lisboa, Editorial Presença, 1983.
- EDMISTON**, Susan, **CIRINO**, Linda D., *Literary New York*, Boston, Houghton Mifflin & Company, 1976.
- EMERY**, Edwin, *The Press and America. An Interpretive History of Journalism*, Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall, 1962, [1954].
- EMERY**, Edwin, **EMERY**, Michael, a, *The Press and America. An Interpretive History of the Mass Media*, Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1984.
- ESCH**, Deborah, *In the Event. Reading Journalism, Reading Theory*, Stanford, Stanford U.P., 1999.
- FISCHER**, Ernst, “A Função da Arte”, in, **VELHO**, Gilberto, org., *Sociologia da Arte*, vol.1, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971.
- FISHKIN**, Shelley Fisher, *From Fact to Fiction. Journalism and Imaginative Writing in America*, New York, OUP, 1988.
- FONER**, Nancy, ed., *New Immigrants in New York*, New York, Columbia University Press, 2001.
- FOUCAULT**, Michel, (a), *Les mots et les choses*, Paris, Gallimard, 1966.
_____, _____, b) *L’archéologie du savoir*, Paris, Gallimard, 1969.
- FRANZOSI**, Roberto, “Narrative Analysis – Or Why (And How) Sociologists Should Be Interested in Narrative”, *Annual Review of Sociology*, Vol. 24 (1998), 517-554.
- FRUS**, Phyllis, *The Politics and Poetics of Journalistic Narrative. The Timely and the Timeless*, Cambridge, CUP, 1994.
- GANS**, Herbert J., *Making Sense of America, Sociological Analyses and Essays*, Lanham, Rowman & Littlefield Publishers Inc., 1999.
_____, _____, a, *Popular Culture and High Culture. An Analysis and Evaluation of Taste*, New York, Basic Books, 1999.
- GARBER**, Bob, “Science Journalism”, *Bulletin of the American Association for Information Science and Technology*; Aug/Sep 2004, 30, 6, p. 23.
- GAY**, Paul Du, **HALL**, Stuart, *et.al.*, *Doing Cultural Studies. The Story of the Sony Walkman*, London, Sage, 1997.
- GEERTZ**, Clifford, *The Interpretation of Cultures. Selected Essays*, London, Fontana Press, 1993, [1973].
- GENETTE**, Gérard, *Figures II*, Paris, Éditions du Seuil, 1969.

- GERBER**, David A., "Cutting out Shylock: Anti-Semitism and the Quest for Moral Order in the Mid-Nineteenth-Century American Marketplace, *The Journal of American History*, Vol. 69, No.3 (Dec., 1982), 615-637.
- GINNEKEN**, Jaap Van, *Understanding Global News*, London, Sage Publications, 1999.
- GIRARD**, Stephanie, "'Standing at the Corner of Walk and Don't Walk': Vintage Contemporaries, Bright Lights, Big City and the Problems of Betweenness", *American Literature*, Vol. 68. No.1, Write Now: American Literature in the 1980's and 1990's, Mar., 1996, 161-185.
- GLEASON**, Philip, "Minorities (Almost) All: The Minority Concept in American Social Thought", *American Quarterly*, Vol. 43, No.3 (Sep., 1991), 392-424.
- GORDON**, Milton M., *Assimilation in American Life. The Role of Race, Religion and National Origins*, New York, OUP, 1964.
- GRAFTON**, Carl, **PERMALOFF**, Anne, "Hypertext and Hypermedia", *Political Science and Politics*, December 1991, 724-730.
- GRAMSCI**, Antonio, *A Formação dos Intelectuais*, Lisboa, Editorial Fronteira, (s.d.).
- GRANATSTEIN**, Lisa, "Urbane Legend", *Mediaweek*, May, 8, 2000, 22/26.
- GRISWOLD**, Wendy, *Cultures and Societies in a Changing World*, Thousand Oaks, Pine Forge Press, 1994.
- _____, _____, a, "American Character and the American Novel: An Expansion of Reflection Theory in the Sociology of Literature", *The American Journal of Sociology*, Vol. 86, No. 4 (Jan., 1981), pp.740-765.
- _____, _____, b, "A Methodological Framework for the Sociology of Culture", *Sociological Methodology*, Vol.17 (1987), pp. 1-35.
- _____, _____, c, "The Writing on the Mud Wall: Nigerian Novels and the Imaginary Village", *American Sociological Review*, Vol. 57, No. 6 (Dec.,1992), pp.709-724.
- _____, _____, d, "Recent Moves in the Sociology of Literature", *Annual Review of Sociology*, Vol.19 (1993), pp.455-467.
- _____, _____, e, "The Ideas of the Reading Class", *Contemporary Sociology*, Vol.30, No.1 (Jan., 2001), 4-6.
- GROSSBERG**, Lawrence, *et al.*, eds., *Cultural Studies*, New York, Routledge, 1992.
- HABERMAS**, Jürgen, *The Theory of Communicative Action, Volume 2, Lifeworld and System: A Critique of Functionalist Reason*, Boston, Beacon Press, 1989.

- _____, _____, a, *The Structural Transformation of the Public Sphere. An Inquiry into a Category of Bourgeois Society*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1991.
- HAENNI**, Sabine, “Visual and Theatrical Culture, Tenement Fiction, and the Immigrant Subject in Abraham Cahan’s Yekl’”, *American Literature*, Vol. 71, No. 3 (Sep., 1999), 493-527.
- HALL**, John R., *Cultures of Inquiry. From Epistemology to Discourse in Sociohistorical Research*, Cambridge, CUP, 1999.
- _____, _____, et al., a, *Sociology on Culture*, London, Routledge, 2003
- HALL**, Stuart, **JEFFERSON**, Tony, a, *Resistance through Rituals. Youth Subcultures in Postwar Britain*, London, Routledge, 1993, [1975].
- HALL**, Stuart, **du GAY**, Paul, b, eds., *Questions of Cultural Identity*, London, Sage, 1996.
- HALL**, Stuart, c, ed., *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*, London Sage Publications, 2002.
- HALLIN**, Daniel C., “The Passing of the “High Modernism” of American Journalism”, *Journal of Communication*, 42(3), Summer, 1992, 14-25.
- HANSEN**, Marcus L., “The History of American Immigration as a Field for Research, *The American Historical Review*, vol.32, No.3 (Apr., 1927), 500-518.
- HARTSOCK**, John C., “The critical marginalization of American literary journalism” *Critical Studies in Mass Communication*; Annandale; Mar., 1998, 61-84.
- _____, _____, a, *A History of American Literary Journalism. The Emergence of a Modern Narrative Form*, Amherst, University of Massachusetts Press, 2000.
- HAYS**, Sharon, “Constructing the Centrality of Culture - and Deconstructing Sociology?”, *Contemporary Sociology*, Vol.29, No.4 (Jul., 2000), 594-602.
- HEGEMAN**, Susan, *Patterns for America. Modernism and the Concept of Culture*, Princeton, Princeton U.P., 1999.
- HIGHAM**, John, “Multiculturalism and Universalism: A History and a Critique”, *American Quarterly*, Vol. 45, No. 2, Special Issue on Multiculturalism (Jun.,1993), 195-219.
- HIGHMORE**, Ben, *Everyday Life and Cultural Theory*, London, Routledge, 2002.

- HILLGARTNER**, Stephen, **BOSK**, Charles L., "The Rise and Fall of Social Problems: A Public Arenas Model", *The American Journal of Sociology*, Jul. 1988, vol. 94, Number 1: 53-78.
- _____, _____, a, "The Dominant View of Popularization: Conceptual Problems, Political Uses", *Social Studies of Science*, Vol. 20, No.3 (Aug., 1990), 519-539.
- HIRSCHMAN**, Charles, "America's Melting Pot Reconsidered", *Annual Review of Sociology*, Vol. 9 (1983), 379-423.
- HOLSTON**, James, ed., *Cities and Citizenship*, Durham, Duke University Press, 1999.
- HUTNER**, Gordon, *American Literature, American Culture*, New York, Oxford U.P., 1999.
- HYNDS**, Ernest C., *American Newspapers in the 1980's*, New York, Hastings House Publishers, 1980.
- INGLIS**, Ruth, "An Objective Approach to the Relationship Between Fiction and Society", *American Sociological Review*, Vol.3, No.4 (Aug., 1938), 526-533.
- ISER**, Wolfgang, *The Fictive and the Imaginary. Charting Literary Anthropology*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1993.
- JAMESON**, Fredric, *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*, London, Verso, 1991.
- JANEWAY**, Michael, *Republic of Denial. Press, Politics and Public Life*, New Haven, Yale University Press, 1999.
- JAUSS**, Hans Robert, *Aesthetic Experience and Literary Hermeneutics*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1982.
- JOHNSTONE**, John W., *et al.*, "The Professional Values of American Newsmen", *The Public Opinion Quarterly*, Vol.36, No.4 (Winter, 1972-1973), 522-540.
- JONES**, Maldwyn Allen, *American Immigration*, Chicago, Chicago University Press, 1974.
- JONES**, Joel M., "American Studies: The Myth of Methodology", *American Quarterly*, Vol. 31, No. 3 (1979), 382-387.
- KAREM**, Brian J., *Spin Control. Essays and Short Stories*, Aplenglow, Brookeville Press, 2000.
- KAZIN**, Alfred, *On Native Grounds. An Interpretation of Modern American Prose Literature*, San Diego, Harcourt Brace & Company, 1995, [1942].

- KERBER**, Linda K., "Diversity and the Transformation of American Studies", *American Quarterly*, Vol. 41, No.3 (Sep., 1989), 415-431.
- KERN**, Alexander, "An American Studies View", *American Quarterly*, Vol.31, No. 3 (1979), 388-393.
- KESSLER-HARRIS**, Alice, "Cultural Locations: Positioning American Studies in the Great Debate", *American Quarterly*, Vol. 44, No. 3 (Sep., 1992), 299-312.
- KIERNAN**, Vincent, "With Abstruse Mathematics as a Tool, 2 Brothers Tackle Real-World Problems", *The Chronicle of Higher Education*, Mar. 20, 1998, A21/22.
- KING**, Andrew, ed., *Postmodern Political Communication. The Fringe Challenges the Center*, Westport, Connecticut, Praeger, 1992.
- KLUGER**, Richard, *The Paper. The Life and Death of the New York Herald Tribune*, New York, Vintage Books, 1989.
- KONAS**, Gary, "Travelling "Furthur" with Tom Wolfe's heroes", *Journal of Popular Culture*, (Winter, 1994), no.28, 177-192.
- KUKLICK**, Bruce, "Myth and Symbol in American Studies", *American Quarterly*, Vol.24, no.4 (Oct., 1972), 434-450.
- KUNKEL**, Thomas, "A Friend Writes", *American Journalism Review*, Sep. 1998, 18/19.
- LAL**, Gobind Behari, "Popularization of Science through News", *Philosophy of Science*, Vol.12, No.2 (Apr., 1945), pp.41-44.
- LANHAM**, Richard, *The Electronic Word, Democracy, Technology and the Arts*, Chicago, The University of Chicago Press, 1993.
- LASCH**, Christopher, *The Culture of Narcissism. American Life in an Age of Diminishing Expectations*, New York, Warner Books, 1979.
- LEENHARDT**, Jacques, *et al.*, orgs., *Discurso Histórico. Narrativa Literária*, Campinas, Editora da Unicam, 1998.
- LEHMAN**, Daniel, *Matters of Fact. Reading Nonfiction over the Edge*, Columbus, Ohio State University Press, 1997.
- LEIGH**, Robert D., ed., *A Free and Responsible Press: A General Report on Mass Communication: Newspapers, Radio, Motion Pictures, Magazines, and Books*, Chicago, U.C.P., 1974, [1947].
- LEWENSTEIN**, Bruce V., "From Fax to Facts: Communication in the Cold Fusion Saga", *Social Studies of Science*, Vol. 25, No.3 (Aug., 1995), 403-436.

- LEWENSTEIN**, Bruce V., a, “Expertise in the Media”, *Social Studies of Science*, Vol.31, No.3 (Jun., 2001), 441-444.
- LESTER**, Marilyn, “Generating Newsworthiness: The Interpretive Construction of Public Events”, *American Sociological Review*, Vol.45, No.6 (Dec., 1980), 984-994.
- LEWIS**, Jeff, *Cultural Studies. The Basics*, London, Sage, 2003.
- LIPPMANN**, Walter, *Public Opinion*, New Brunswick, Transaction Publishers, 1991, [1922].
- LIPSITZ**, George, “Listening to Learn and Learning to Listen: Popular Culture, Cultural Theory, and American Studies”, *American Quarterly*, Vol. 42, No.4 (Dec., 1990), 615-636.
- LOUNSBERRY**, Barbara, *The Art of Fact. Contemporary Artists of Nonfiction*, New York, Greenwood Press, 1990.
- LOVELESS**, Stephen C., et al., *Immigration and its Impact on American Cities*, Westport, Connecticut, Praeger, 1996.
- LOWENTHAL**, Leo, *Literature and the Image of Man*, New Brunswick, Transaction Books, 1986.
- LUBBOCK**, Percy, *The Craft of Fiction*, New York, Peter Smith, 1947, [1921].
- LUCE**, Henry, “Giving the People What They Want”, *The Public Opinion Quarterly*, Vol.2, No.1, Special Supplement: Public Opinion in a Democracy (Jan., 1938), 62-66.
- LULE**, Jack, *Daily News, Eternal Stories. The Mythological Role of Journalism*, New York, The Guilford Press, 2001.
- LYOTARD**, Jean-François, a, *A Fenomenologia*, Lisboa, Edições 70, s.d., [1954].
_____, _____, b, *The Inhuman. Reflections on Time*, Cambridge, Polity Press, 1991.
- MACHADO**, Álvaro Manuel, **PAGEAUX**, Daniel-Henri, *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*, Edições 70, Lisboa, 1981.
- MADDOX**, Lucy, ed., *Locating American Studies. The Evolution of a Discipline*, Baltimore, The Johns Hopkins U.P., 1999.
- MANY**, Paul, “Literary Journalism: Newspapers’ Last, Best Hope”, *The Connecticut Review*, Vol. XVIII, No 1, Spring 1996, 59-69.
- MAROVITZ**, Stanford E., “The Lonely New Americans of Abraham Cahan”, *American Quarterly*, Volume 20, Issue 2, Part 1 (Summer, 1968), 196-210.

- MAROVITZ**, Sanford E., a, *Abraham Cahan*, New York, Twayne Publishers, 1996.
- MARX**, Leo, “Thoughts on the Origin and Character of the American Studies Movement”, *American Quarterly*, Vol. 31, No. 3 (1979), 398-401.
- MCGUIGAN**, Jim, *Cultural Populism*, London, Routledge, 1992.
- MCKEEN**, William, *Tom Wolfe*, New York, Twayne Publishers, 1995.
- MCLUHAN**, Marshall, *Understanding Media. The Extensions of Man*, Cambridge, Mass., The MIT Press, 1997, [1964].
- McNAIR**, Brian, *The Sociology of Journalism*, London, Arnold, 1998.
- MERRY**, Robert W., “The New Journalism: Rumor and Innuendo”, *CQ – Congressional Quarterly Weekly Report*, Feb. 8, 1992, p.338.
- MINER**, Earl, *Comparative Poetics. An Intercultural Essay on Theories of Literature*, Princeton, Princeton U.P., 1990.
- MOTT**, Frank Luther, *American Journalism. A History 1690-1960*, New York, MacMillan, 1962.
- MUGGLI**, Mark Z., “The Poetics of Joan Didion’s Journalism”, *American Literature*, Vol. 59, No. 3 (Oct., 1987), 402-421.
- NORD**, David Paul, “Teleology and News: The Religious Roots of American Journalism, 1630-1730”, *The Journal of American History*, Vol. 77, No. 1, (Jun., 1990), 9-38.
- NORGEN**, Jill, **NANDA**, Serena, *American Cultural Pluralism and Law*, Westport, Connecticut, Praeger, 1996.
- ONEGA**, Susana, **LANDA**, José Angel García, eds., *Narratology: An Introduction*, London, Longman, 1996.
- OSTENDORF**, Berndt, “Literary Acculturation: What Makes Ethnic Literature Ethnic”, *Callaloo*, No. 25, Recent Essays from Europe: A Special Issue (Autumn, 1985), 577-586.
- PARK**, Robert E., **BURGESS**, Ernest W., (eds.), *Introduction to the Science of Sociology*, Chicago, The University of Chicago Press, 1969, [1921].
- PARK**, Robert E., a, *The Immigrant Press and its Control*, New York, Harper & Brothers, 1922.
- _____, _____ b, “Urbanization as Measured by Newspaper Circulation”, *The American Journal of Sociology*, Vol.35, No.1 (Jul., 1929), 60-79.

- PAULY**, John J., **ECKERT**, Melissa, “The Myth of ‘The Local’ in American Journalism”, *Journalism and Mass Communication Quarterly*, Summer 2002, Vol.79, No.2, 310-326.
- PIRES**, Maria Laura Bettencourt, *Teorias da Cultura*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2004.
- PRADO COELHO** Eduardo, ed., *Estruturalismo. Antologia de Textos Teóricos*, Lisboa, Portugália Editora, (s.d.).
- PROPP**, Vladimir, *Morfologia do Conto*, Lisboa, Vega, 1992.
- RABINOW**, Paul, *The Foucault Reader*, Pantheon Books, New York, 1984.
- RADWAY**, Janice, ‘What’s in a Name? Presidential Address to the American Studies Association’, *American Quarterly*, vol. 51.1, (1999), 1-32.
- REIS**, Carlos, **LOPES**, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, 2000.
- REITZ**, Jeffrey G., *Warmth of the Welcome. The Social Causes of Economic Success for Immigrants in Different Nations and Cities*, Boulder, Westview Press, 1998.
- RIESMAN**, David, **GLAZER**, Nathan, *et al.*, *The Lonely Crowd. A Study of the Changing American Character*. New Haven, Yale University Press, 2001, [1961].
- RIFFATERRE**, Michael, “Descriptive Imagery”, *Yale French Studies*, No.61, Towards a Theory of Description, (1981), 107-125.
- RISCHIN**, Moses, “Beyond the Great Divide: Immigration and the Last Frontier”, *The Journal of American History*, Vol.55, No.1 (Jun., 1968), 42-53.
- ROE**, Emery, *Narrative Policy Analysis. Theory and Practice*, Durham, Duke University Press, 1994.
- RODRIGUES**, Ernesto, *Mágico Folhetim. Literatura e Jornalismo em Portugal*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998.
- ROGIN**, Michael, “Making America Home: Racial masquerade and ethnic Assimilation in the Transition to Talking Pictures”, *The Journal of American History*, vol.79, No. 3 (Dec., 1992), 1050-1077.
- ROSALDO**, Renato, “Ideology, Place, and People without Culture”, *Cultural Anthropology*, Vol.3, No.1, Place and Voice in Anthropological Theory (Feb., 1988), 77-87.
- _____, _____, a, *Culture and Truth. The Remaking of Social Analysis*, London, Routledge, 1993.

- _____, _____, **ROSENAU**, Pauline Marie, b, *Post-Modernism and the Social Sciences. Insights, Inroads and Intrusions*, Princeton, Princeton U.P., 1992.
- _____; _____, c, "Whose Cultural Studies?", *American Anthropologist*, New Series, Vol.96, No. 3 (1994), 524-529.
- RUNDUS**, Raymond J., *Joseph Mitchell. A Reader's and Writer's Guide*, New York, iUniverse, 2003.
- SADOFSKY**, David, *Knowledge as Power. Political and Legal Control of Information*, Westport, Praeger, 1990.
- SANDERS**, Ronald, *The Downtown Jews. Portraits of an Immigrant Generation*, New York, Harper & Row, 1969.
- SAUKKO**, Paula, *Doing Research in Cultural Studies. An Introduction to Classical and New Methodological Approaches*, London, Sage, 2003.
- SCHILLER**, Dan, *Theorizing Communication. A History*, New York, Oxford University Press, 1996.
- SCHLESINGER**, Arthur Meier, *The Rise of the City 1878-1898*, New York, The MacMillan Company, 1933.
- SCHOLES**, ROBERT, *Fabulation and Metafiction*, Urbana, University of Illinois Press, 1980.
- SCHUDSON**, Michael, *Discovering the News. A Social History of American Newspapers*, s.l., Basic Books, 1978.
- _____, _____, a, "How Culture Works: Perspectives from Media Studies on the Efficacy of Symbols", *Theory and Society*, Volume 18, Issue 2 (Mar., 1989), 153-180.
- SELDEN**, Roman, **WIDDOWSON**, Peter, *A Reader's Guide to Contemporary Literary Theory*, Lexington, University Press of Kentucky, 1993.
- SHAW**, Peter, *The War Against the Intellect. Episodes in the Decline of Discourse*, Iowa City, University of Ohio Press, 1989.
- SHEPARD**, Walter, "Public Opinion", *The American Journal of Sociology*, Vol. 15, No.1 (Jul., 1909), 32-60.
- SIM**, Stuart, *Beyond Aesthetics. Confrontations with Poststructuralism and Postmodernism*, Hemel Hempstead, Harvester Wheatsheaf, 1992.
- SIMMONS**, Sarah, "Social Assimilation I", *The American Journal of Sociology*, Vol.6, no. 6, (May, 1901), 790-822.
- SIMS**, Norman, a, *The Literary Journalists*, New York, Ballantine Books, 1984.

- SIMS**, Norman, (ed.), b, *Literary Journalism in the Twentieth Century*, New York, Oxford U.P., 1990.
- SMITH**, Craig Allen, *Political Communication*, San Diego, Harcourt Brace Jovanevich Publishers, 1990.
- SPITULNIK**, Debra, “Anthropology and Mass Media”, *Annual Review of Anthropology*, Vol. 22 (1993), 293-315.
- STAUB**, Michael E., “Black Panthers, New Journalism and the Rewriting of the Sixties”, *Representations*, No.57 (Winter, 1997), 52-72.
- STONE**, Allucquère Rosanne, *The War of Desire and Technology at the Close of the Mechanical Age*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1996.
- STOREY**, John, *Cultural Theory and Popular Culture*, Harlow, Prentice-Hall, 2001.
- SWIDLER**, Ann, “Culture in Action: Symbols and Strategies”, *American Sociological Review*, Vol. 51, No. 2 (Apr., 1986), 273-286.
- SYDNEY**, Philip, *An Apology for Poetry or The Defence of Poesy*, Manchester, Manchester University Press, 1989, [1595].
- TANNEN**, Deborah, ed., *Framing in Discourse*, New York, Oxford University Press, 1993.
- THOMPSON**, John B., *Ideology and Modern Culture. Critical Social Theory in the Era of Mass Communication*, Cambridge, Polity Press, 1990.
- TODOROV**, Tzvetan, *A conquista da América: a questão do outro*, Lisboa, Litoral, 1990.
- _____, _____ a, *Genres in Discourse*, Cambridge, CUP, 1995.
- TRAUBE**, Elizabeth G., “The ‘Popular’ in American Culture”, *Annual Review of Anthropology*, Vol.25 (1996), 127-151.
- TRAVERS**, Andrew, “How Interactants Are Other than They Are”, *The British Journal of Sociology*, Vol. 43, No.4, (Dec., 1992), 601-637.
- TUCHMAN**, Gaye, “Objectivity as Strategic Ritual: An Examination of Newsmen’s Notions of Objectivity”, *American Journal of Sociology*, Volume 77, Issue 4, (Jan., 1972), 660-679.
- TURCO**, Lewis, *The Book of Literary Terms. The Genres of Fiction, Drama, Nonfiction, Literary Criticism and Scholarship*, Hanover, University Press of New England, 1999.
- ULIN**, Robert C., *Understanding Cultures. Perspectives in Anthropology and Social Theory*, Malden, Blackwell, 2001.

- URYCKI**, Deborah M., **WEARDEN**, Stanley T., "Science Communication Skills of Journalism Students", *Newspaper Research Journal*, Winter 1998, 19, 1, 64-77.
- UTNE**, Eric, "Tina's *New Yorker*", *Columbia Journalism Review*, Mar. 1993, 31/36.
- WAPLES**, Douglas, "Communications", *The American Journal of Sociology*, Vol.47, No.6 (May, 1942), 907-917.
- WEAVER**, David H., *et al.*, *The American Journalist. A Portrait of US News People and their Work*, Bloomington, Indiana University Press, 1991.
- WEBER**, Ronald, ed., *The Reporter as Artist: A Look at The New Journalism Controversy*, New York, Hastings House Publishers, 1974.
- _____, _____, a, *The Literature of Fact. Literary Nonfiction in American Writing*, Athens, Ohio University Press, 1980.
- WELLEK**, René, **WARREN**, Austin, *Teoria da Literatura*, Mem Martins, Publicações Europa-América, (s.d.), [1942].
- WHITE**, Hayden V., "Foucault Decoded: Notes from Underground", *History and Theory*, Volume 12, Issue 1, (1973), 23-54.
- WILLIAMS**, Raymond, *Culture and Society. 1780-1950*, Harmondsworth, Penguin, 1977, [1958].
- _____, _____, a, *Keywords. A Vocabulary of Culture and Society. Revised Edition*, New York, OUP, 1985, [1976].
- WILSON**, Christopher P., "American Naturalism and the Problem of Sincerity", *American Literature*, Vol.54, No.4 (Dec., 1982), 511-527).
- WINTEROWD**, W. Ross, *The Rhetoric of the "Other" Literature*, Carbondale, Southern Illinois University Press, 1990.
- WISE**, Gene, "Paradigm Dramas" in American Studies: A Cultural and Institutional History of the Movement", *American Quarterly*, Vol.31, No.3 (1979), 293-337.
- WOLFF**, Janet, "Cultural Studies and the Sociology of Culture", *Contemporary Sociology*, Vol.28, No.5 (Sep.1999), 499-507.
- WRIGHT**, Susan, "The Politicization of 'Culture'", *Anthropology Today*, Vol.14, No.1 (Feb., 1998), 7-15.
- WUTHNOW**, Robert, *et al.*, (eds.), *Cultural Analysis*, London, Routledge & Kegan Paul, 1985.
- YAGODA**, Ben, (a), *About Town. The New Yorker and the World it Made*, New York, Scribner, 2000.

2.2. Referência

GIBALDI, Joseph, *MLA Handbook for Writers of Research Papers*, The Modern Language Association of America, New York, 2003.

MURRAY, James, ed., *et al.*, *The Oxford English Dictionary*, Oxford, OUP, 1961.

PREMINGER, Alex, *Encyclopedia of Poetry and Poetics*, Princeton, Princeton UP., 1965.

The New Encyclopedia Britannica, Macropaedia, 15th edition, Chicago, 1993.

3. Documentos Electrónicos Citados

3. 1. Bibliografia Primária

Journalism.org; “The State of the News Media 2004. An Annual Report on American Journalism”; disponível em,

http://www.stateofthenewsmedia.org/narrative_magazines_intro.asp?cat=1&me dia=7, acessível em 19 de Novembro de 2004.

Population of the 20 Largest US Cities – 1900-2004; *US Census Bureau*, disponível em <http://www.infoplease.com/ipa/A0922422.html>, acessível em 21 de Setembro de 2004).

PRESTON, Richard, “Capturing the Unicorn”, disponível em http://www.newyorker.com/printables/fact/050411fa_fact ; acessível em 28 de Julho de 2005.

Scientific American.Com; <http://www.sciam.com/page.cfm?section=history> acessível em 10 de Fevereiro de 2005.

US Census Bureau, Statistical Abstract of the United States, 1999, disponível em <http://www.census.gov/prod/99pubs/99statab/sec14.pdf>, acessível em 27 de Setembro de 2004.

3.2. Bibliografia Secundária

- ABRAHAMSON**, David, “The Voice Behind the Voice: Narration on the Literary Journalism of Ernest Hemingway, Lilian Ross, and Hunter S. Thompson”, disponível em, http://www.davidabrahamson.com/WWW/Articles/Narrator_LitJ.txt, acessível em 21 de Julho de 2005
- ARNOLD**, Matthew, “Up to Easter”, *The Nineteenth Century*, No. CXXIII. (May, 1887), 629-643; disponível em, *The W.T. Stead Resource Site*, <http://www.attackingthediabol.co.uk/miscellanea/easter.php>, acessível em 3 de Janeiro de 2006.
- BELLOWS**, Jim, *The Last Editor*, disponível em, <http://www.cnn.com/2002/SHOWBIZ/books/04/16/excerpt.bellows.2/>, acessível em 29 de Setembro de 2004
- BRENNAN**, Bonnie, “Newswomen during the Interwar era: a critique of traditional media history”, *Communication Quarterly*, University Park, Spring 1995, vol. 43, Iss.2, start p. 197; disponível em, [Http://proquest.umi.com/pqdweb?did=6832610&sid=1&Fmt=3&clientid=42740&RQT=309&VName=PQD](http://proquest.umi.com/pqdweb?did=6832610&sid=1&Fmt=3&clientid=42740&RQT=309&VName=PQD); acessível em 4 de Janeiro de 2006.
- CLARK**, Roy P., “The Line Between Fact and Fiction”, disponível em, *Poynteronline* http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=3491; acessível em 25 de Julho de 2005.
- GEBERER**, Raanan, “Pair of Math-Computer Wizards Attract Renewed Attention to Polytech Here”, *Brooklyn Daily Eagle*; disponível em, <http://www.poly.edu/polypress/chudnovsky.cfm> - acessível em 1 de Dezembro de 2004.
- HUTCHINSON**, Charles, **MILLER**, Peter, “Joe Gould’s Secret History”, *The Village Voice* online, April 5-11, 2000, disponível em, <http://www.villagevoice.com/issues/0014/miller.php>, acessível em 26 de Fevereiro de 2005.
- PAULY**, John, proposta de publicação, “The New Journalism: The Unexpected Triumph of the Long-Form Narrative”, disponível em,

[http://abrahamson.medill.northwestern.edu/WWW/NUPress/SAMPLE-PROPOSAL- JP.pdf](http://abrahamson.medill.northwestern.edu/WWW/NUPress/SAMPLE-PROPOSAL-JP.pdf), acessível em 6 de Setembro de 2005.

Richard Preston *Homepage*, disponível em: <http://www.richardpreston.net/about.html>; acessível em 7 de Janeiro de 2006.

SIMMEL, Georg, “Soziologische Ästhetik”, disponível em, <http://socio.ch/sim/aes96.htm>, acessível em 6 de Setembro de 2005.